

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Julio Cezar Matos Pereira

**OS USOS DAS TECNOLOGIAS MÓVEIS NAS SALAS DE AULA DA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS.**

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG

2017

Julio Cezar Matos Pereira

**OS USOS DAS TECNOLOGIAS MÓVEIS NAS SALAS DE AULA DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

Tese apresentada à Banca Examinadora de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura,
Movimentos Sociais e
Ações Coletivas.

Orientador: Professor Doutor Leôncio José
Gomes Soares.

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da UFMG

14 de Dezembro de 2017

Pereira, Julio C. Matos, 1965 -

Os usos das tecnologias móveis nas salas de aula da educação de jovens e adultos [manuscrito] / Julio C. Matos Pereira. - 2017.

460 p. : il.

Orientador: Leôncio José Gomes SOARES.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

1.Educação de Jovens e Adultos (EJA). 2.Escola. 3.Internet. 4.Tecnologias digitais. 5.Tecnologia móvel. I.Soares, Leôncio José Gomes. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III.Título.

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação.

Tese de Doutorado intitulada como “***Os usos das tecnologias móveis nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos***”, de autoria de **Julio Cezar Matos Pereira**, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores e professoras:

Professor Doutor Leôncio José Gomes Soares – Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Professor Doutor Nelson De Luca Pretto
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professora Doutora Sheilla Alessandra Brasileiro de Menezes
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Professora Doutora Analise de Jesus da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Professor Doutor Luiz Alberto Oliveira Gonçalves
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2017.

Dedico este trabalho à Vânia, minha esposa, e ao José Víctor, meu filho, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e compreendendo tudo o que deixamos de fazer nesse tempo em que eu realizava mais um sonho de vida. Não posso deixar de dedicar também essa conquista à mamãe, in memoriam, que sempre valorizou os estudos. Espero que, esteja onde estiver, possa sentir a alegria de saber que o seu filho se tornou um doutor.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem devo agradecimento pela realização desse trabalho e de um sonho. Foram os estímulos que, com toda certeza, fez com que o desafio ficasse mais suave e prazeroso. Não caberiam todas as pessoas nesta página, mas todos serão lembrados e guardados no coração. Os momentos dedicados a esta pesquisa me deram muita satisfação. Agradeço a todos e, especialmente, aos que destaco a seguir.

O meu primeiro agradecimento não poderia deixar de ser para DEUS, que sempre esteve ao meu lado, nos momentos alegres e difíceis, que foram compartilhados em minhas orações.

À Vânia, minha mulher, companheira de sonhos, com quem sempre posso contar ao meu lado.

Ao José Victor, filho amado, dedicado, flamenguista como eu, que nos espelhamos um no outro. Eis aqui mais um estímulo para você seguir firme.

A toda a minha família: ao papai; à mamãe (in mememoriám), que sinto ao meu lado; aos meus irmãos Adilson e Jacqueline; às minhas afilhadas e sobrinhas Evelllyn, Luna e Máira; ao Alan, ao Breno; ao Bruno; à Cintia; ao Loro, à Ludimila; à Neuza. São pessoas que sei que sempre posso contar e que compreendem que não pude compartilhar de muitos momentos por me dedicar a este trabalho.

Ao Leôncio, que mais uma vez apostou e confiou no meu trabalho, compartilhando comigo este trabalho que exigiu muita dedicação.

Aos professores, professoras, educandos e educandas da EJA que aceitaram participar da pesquisa e que, sem eles, tudo seria em vão.

A todos os educandos e os colegas e amigos da escola em que trabalho, pela força, ajuda e compreensão pelas minhas necessárias ausências para a elaboração deste trabalho. Especialmente às amigas Jacqueline, Aliny, Débora e Mirian, que reorganizavam o trabalho sempre que era preciso.

Aos amigos, com os quais precisei adiar alguns encontros, por precisar me dedicar a este trabalho, como Mário, Suzy, Grace, Bito, Jacqueline e tantos outros.

Às professoras doutoras e aos professores doutores que me honraram ao aceitaram compor a banca examinadora deste Doutorado, como titular ou suplente: Analise, Fernanda, Luiz Alberto, Nelson Pretto, Rogério e Sheilla.

Aos companheiros pesquisadores, com os quais, nos momentos de orientações coletivas, compartilhamos ideias, críticas, reflexões e sugestões, como Adenilson, Ana Paula, Andréia, Angelita, Carol, Clarice, Christiane, Geovânia, Jerry, Joice, Rafaela, Suellem.

“O que não é porém possível é sequer pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto. [...] A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta. Na verdade, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria uma ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contrassonhos. É que o momento de que uma geração faz parte, porque histórico, revela marcas antigas que envolvem compreensões da realidade, interesses de grupos, de classes, preconceitos, gestação de ideologias que se vêm perpetuando em contradição com aspectos mais modernos. Não há hoje, por isso mesmo, que não tenha “presenças” que, de há muito, perduram no clima cultural que caracteriza a atualidade concreta. Daí a natureza contraditória e processual de toda realidade. [...] O fundamental, se sou coerentemente progressista, é testemunhar, como pai, como professor, [...] como empregado, [...] pesquisador [...], o meu respeito à dignidade do outro ou da outra. Ao seu direito de ser em relação com o seu direito de ter. Possivelmente, um dos saberes fundamentais mais requeridos para o exercício de um tal testemunho é o que se expressa na certeza de que mudar é difícil, mas é possível. É o que nos faz recusar qualquer posição fatalista que empresta a este ou àquele fator condicionante um poder determinante, diante do qual nada se pode fazer. [...] Na medida em que aceitamos que a economia ou a tecnologia ou a ciência, pouco importa, exerce sobre nós um poder irrecorrível não temos outro caminho senão renunciar à nossa capacidade de pensar, de conjecturar, de comparar, de escolher, de decidir, de projetar, de sonhar. Reduzida à ação de viabilizar o já determinado a política perde o sentido da luta pela concretização de sonhos diferentes. Esgota-se a eticidade de nossa presença no mundo.” (PAULO FREIRE, 2014, p. 61-64).

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com professoras, educandas e educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola pública municipal, uma escola pública federal e duas escolas privadas, todas em Belo Horizonte. O principal objetivo foi conhecer sobre os usos das tecnologias móveis por professores e educandos da EJA, a partir da escola, para compreender como eles se apropriam dessas tecnologias e as utilizam em seu cotidiano em situações de pesquisa, aprendizagem, comunicação e socialização. Dessa forma, foi utilizado um pequeno questionário e foram realizadas pesquisas documentais, observações de campo e entrevistas para tentar saber se os usos dessas tecnologias têm relação com o processo de formação dos educandos que estão nas escolas de EJA e com o trabalho pedagógico desenvolvido. Tive como hipótese que o uso dessas tecnologias pode ajudar na formação dos educandos da EJA, tanto os frequentes às aulas quanto aqueles que não conseguem estar tão presentes à escola devido aos seus ritmos de vida e de trabalho. Ao final, pretendo que a tese confirme se as tecnologias móveis são utilizadas como recursos de aprendizagens nas escolas de EJA e se elas aproximam os educandos da escola. Foi feita uma revisão bibliográfica sobre a EJA e as tecnologias em geral, para ajudar na análise dos dados pesquisados e no entendimento desses temas. Para isso, procuramos estabelecer um diálogo com as contribuições de Adam Schaff, André Lemos e Pierre Lévy, Arthur Clarke, Leôncio Soares, Manuel Castells, Nelson Pretto, Paulo Freire, Uwe Flick, Zygmunt Bauman, dentre outros autores.

Palavras chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA), escola, internet, tecnologias digitais, tecnologia móvel.

ABSTRACT

This research was carried out with Young and Adults Education (YAE) teachers and students, in a municipal public school, a federal public school and two private schools, all in Belo Horizonte. The main objective was to learn about the use of mobile technologies by YAE teachers and students, from the school, to understand how they appropriate these technologies and how they use them in their daily lives in research, learning, communication and socialization situations. Thus, a small questionnaire was used and documentary researches, field observations and interviews were conducted to try to know if the uses of these technologies are related to the educational process of the students who are in the YAE schools and to the developed pedagogical work. It was hypothesized that the use of these technologies can help in the education of YAE students, both those who frequent classes and those who cannot frequent school because of their life and work rhythms. In the end, it is intended that the thesis confirm whether mobile technologies are used as learning resources in YAE schools and whether they bring students closer to school. A literature review was made about YAE and technologies in general, to assist in the researched data analysis and in the understanding of these themes. For that, we tried to establish a dialogue with the contributions of Adam Schaff, André Lemos and Pierre Lévy, Arthur Clarke, Leôncio Soares, Manuel Castells, Nelson Pretto, Paulo Freire, Uwe Flick and Zygmunt Bauman, among others authors.

Keywords: Young and Adult Education (YAE), school, internet, technologies digital, mobile technology.

RESUMÉN

Esta investigación fue realizada con profesoras, educandas y educandos de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), en una escuela pública municipal, una escuela pública federal y dos escuelas privadas, todas en Belo Horizonte. El principal objetivo fue conocer sobre los usos de las tecnologías móviles por profesores y educandos de la EJA, a partir de la escuela, para comprender cómo ellos se apropian de esas tecnologías y las utilizan en su cotidiano en situaciones de investigación, aprendizaje, comunicación y socialización. De esta forma, se utilizó un pequeño cuestionario y se realizaron investigaciones documentales, observaciones de campo y entrevistas para tratar de saber si los usos de esas tecnologías tienen relación con el proceso de formación de los educandos que están en las escuelas de EJA y con el trabajo pedagógico desarrollado. He tenido como hipótesis que el uso de estas tecnologías puede ayudar en la formación de los educandos de la EJA, tanto los frecuentes a las clases como aquellos que no logran estar tan presentes a la escuela debido a sus ritmos de vida y de trabajo. Al final, pretendo que la tesis confirme si las tecnologías móviles son utilizadas como recursos de aprendizajes en las escuelas de EJA y si ellas acercan a los educandos de la escuela. Se realizó una revisión bibliográfica sobre la EJA y las tecnologías en general, para ayudar en el análisis de los datos investigados y en el entendimiento de esos temas. Para eso, buscamos establecer un diálogo con las aportaciones de Adam Schaff, André Lemos y Pierre Lévy, Arthur Clarke, Leôncio Soares, Manuel Castells, Nelson Pretto, Paulo Freire, Uwe Flick, Zygmunt Bauman, entre otros autores.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), escuela, internet, tecnologías digitales, tecnología móvil.

ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Equipamento de telex	22
Figura 2: Figura 2: Equipamentos que utilizavam o Transtexto e o Videotexto, em que o autor usa um deles.....	25
Figura 3: Desenho da pesquisa: análise dos dados empíricos dos sujeitos pesquisados	65
Figura 4: Gráfico sobre a quantidade de pessoas que preencheram o questionário	66
Figura 5: Gráfico sobre o sexo dos educandos	66
Figura 6: Gráfico sobre a faixa etária dos educandos	67
Figura 7: Gráfico sobre a situação de trabalho e dos educandos	68
Figura 8: Gráfico sobre o uso de tecnologia com internet pelos educandos	68
Figura 9: Gráfico sobre a existência de computador na casa dos educandos	69
Figura 10: Gráfico sobre o uso do computador em casa pelos educandos	69
Figura 11: Gráfico sobre a existência do computador no trabalho dos educandos..	69
Figura 12: Gráfico sobre o uso do computador no trabalho dos educandos	69
Figura 13: Gráfico sobre o local de uso mais frequente do computador pelos educandos	70
Figura 14: Gráfico sobre o tempo de uso do computador pelos educandos	70
Figura 15: Gráfico sobre o uso mais frequente do computador pelos educandos...	71
Figura 16: Gráfico sobre a posse do smartphone pelos educandos	71
Figura 17: Gráfico sobre o tempo de uso do smartphone pelos educandos	72
Figura 18: Gráfico sobre o uso mais frequente do smartphone pelos educandos...	72
Figura 19: Gráfico sobre o sexo dos professores	73
Figura 20: Gráfico sobre a idade dos professores	73
Figura 21: Gráfico sobre o tempo de trabalho dos professores na EJA	74
Figura 22: Gráfico sobre o uso de tecnologia com internet pelos professores	75
Figura 23: Gráfico sobre o tempo de uso do computador pelos professores	75
Figura 24: Gráfico sobre o uso frequente do computador pelos professores	76
Figura 25: Gráfico sobre a posse do smartphone pelos professores	76
Figura 26: Gráfico sobre o tempo de uso do smartphone pelos professores	76
Figura 27: Gráfico sobre o uso frequente do smartphone pelos professores	77
Figura 28: Capa da Cartilha Ler	100
Figura 29: Lição de alfabetização da <i>Cartilha Ler</i>	100

Figura 30: Lição 1 do livro de Leitura para Adultos	102
Figura 31: Lição 2 do livro de Leitura para Adultos.....	103
Figura 32: Livro Meninos do Recife.....	103
Figura 33: Poema do Livro Meninos do Recife.....	103
Figura 34: Trechos dos objetivos das escolas radiofônicas do MEB	106
Figura 35: Atividade da Cartilha <i>Uma família operária</i> , do CPC da UNE de Belo Horizonte	107
Figura 36: Projetor de film strips Coleman, a querosene	111
Figura 37: Projetor de film strips polonês	112
Figura 38: Projetor de film strips funcionando em um círculo de cultura	112
Figura 39: Alfabetização de um adulto, no Distrito Federal, em 1963	113
Figura 40: Ornitóptero, de Leonardo da Vinci	129
Figura 41: Radiocartilha SIRENA	140
Figura 42: Jogo Mahjong	229
Figura 43: “ <i>O carro triunfal do progresso nacional</i> ”, de Aurélio de Figueiredo.....	255
Figura 44: “ <i>O carro do Estado conduzido pelos conservadores</i> ”, de autor desconhecido.....	255
Figura 45: Cartaz do quadro de avisos do corredor das salas de aula da EMAVP	297

TABELAS

Tabela 1: Nomes fictícios das pessoas entrevistadas	47
Tabela 2: Nomes fictícios das escolas investigadas	48
Tabela 3: Cor dos sujeitos entrevistados	86
Tabela 4: Percentual de pessoas que utilizaram a internet por meio de microcomputador e somente por outros equipamentos, 2013-2015	144
Tabela 5: Percentual de pessoas não alfabetizadas, de 15 anos ou mais, por sexo (2007 a 2015).....	161
Tabela 6: Percentual de pessoas, de 10 anos ou mais de idade, que utilizaram a internet no Brasil, de 2013 a 2015	179
Tabela 7: Percentual de domicílios com alguns bens e serviços de acesso à informação, 2011.....	213
Tabela 8: Percentual de domicílios com alguns bens e serviços de acesso à informação, 2015	214
Tabela 9: Domicílios particulares em que existe a utilização da internet, 2015	214
Tabela 10: Domicílios particulares que utilizam a internet e quais são os equipamentos utilizados para acessar a internet no domicílio, 2015 ...	215
Tabela 11: Percentual de pessoas, de 10 anos ou mais de idade, que utilizaram a internet, por classes de rendimento mensal domiciliar per capita – Brasil - 2013-2015	334

ABREVIATURAS E SIGLAS

- AEA – Aprendizagem e Educação de Adultos.
- ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações.
- ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.
- ASSPROM – Associação Profissionalizante do Menor de Belo Horizonte.
- CAPE – Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação.
- CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.
- CEPLAR – Campanha de Educação Popular da Paraíba.
- CESEC – Centro Estadual de Educação Continuada.
- CGI – Comitê Gestor da Internet.
- CME – Conselho Municipal de Educação.
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
- CNE – Conselho Nacional de Educação.
- COEP – Comitê de Ética em Pesquisa.
- CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.
- CONFINTEA – Conferência Internacional de Educação de Adultos.
- CPC – Centro Popular de Cultura.
- CPF – Cadastro de Pessoa Física.
- DCE – Diretório Central dos Estudantes.
- EaD – Educação a Distância.
- EJA – Educação de Jovens e Adultos.
- EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações.
- FaE – Faculdade de Educação.
- FAFI-BH – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte.
- FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.
- FIEI – Formação Intercultural para Educadores Indígenas.
- FIFA – Fédération Internationale de Football Association.
- FUST – Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações.
- GCPF – Gerência de Coordenação da Política Pedagógica e de Formação.
- GERED – Gerência de Educação.
- GRALE – Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

MCP – Movimento de Cultura Popular.

MEB – Movimento de Educação de Base.

MOVA – Movimento de Alfabetização.

NEJA – Núcleo de Educação de Jovens e Adultos.

NEPSO – Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião.

OEA – Organização dos Estados Americanos.

ONU – Organização das Nações Unidas.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

PRODABEL – Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte.

PROMESTRE – Mestrado Profissional em Educação e Docência.

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego.

RE – Regimento Escolar.

REE-MG – Rede Estadual de Educação de Minas Gerais.

RENPAQ – Rede Nacional de Comunicação de Dados por Comutação de Pacotes .

RME-BH – Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

SESI – Serviço Social da Indústria.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

SIRENA – Sistema Rádio-educativo Nacional.

SUS – Sistema Único de Saúde.

SMED – Secretaria Municipal de Educação.

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

TELEMIG – Telecomunicações de Minas Gerais Sociedade Anônima.

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

UEE-MG – União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais.

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais.

UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México.

UNE – União Nacional dos Estudantes.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação.

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

SUMÁRIO

Capítulo 1: INTRODUÇÃO	16
1.1 Justificativa	16
1.2 Problema de pesquisa	36
Capítulo 2: OS OBJETIVOS E A METODOLOGIA DE PESQUISA	36
2.1 Objetivo geral	36
2.2 Objetivos específicos	36
2.3 Percurso metodológico	37
2.4 Os sujeitos da pesquisa	79
Capítulo 3: A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	91
3.1 A EJA e as tecnologias no contexto histórico	94
3.2 O presente é o futuro tecnológico imaginado no passado?.....	125
3.3 Tecnologias digitais	139
Capítulo 4: AS TECNOLOGIAS EM NOSSA SOCIEDADE E OS SUJEITOS DA EJA	148
4.1 Os sujeitos da EJA neste início de século	156
4.2 A política e as redes sociais com o uso das tecnologias digitais	180
4.3 Universo de consumo e os usos das tecnologias digitais	196
4.4 As tecnologias digitais estão nas escolas de EJA?	201
Capítulo 5: DESVENDANDO A PESQUISA DE CAMPO	223
5.1 Observações de campo e pesquisa documental	223
5.2 Entrevistas	311
5.2.1 <i>Entrevista de Maria</i>	312
5.2.2 <i>Entrevista de Tábata</i>	321
5.2.3 <i>Entrevista de Ana</i>	332
5.2.4 <i>Entrevista de Cibele</i>	339
5.2.5 <i>Entrevista de Leonardo</i>	342
5.2.6 <i>Entrevista de Ada</i>	351
5.2.7 <i>Entrevista de Amália</i>	358
5.2.8 <i>Entrevista de Tomás</i>	364
5.2.9 <i>Entrevista de Alice</i>	370
5.2.10 <i>Entrevista de Nanci</i>	374
5.2.11 <i>Entrevista de Alberto</i>	379
5.2.12 <i>Entrevista de Shirlei</i>	383
5.2.13 <i>Entrevista de Catharina</i>	385
5.2.14 <i>Entrevista de Heidi</i>	391
5.2.15 <i>Entrevista de Grace</i>	395
5.2.16 <i>Entrevista de Nicolás</i>	398
5.2.17 <i>Entrevista de Estéfane</i>	404
5.2.18 <i>Entrevista de Alan</i>	407
Capítulo 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS	417
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA	431
Referências bibliográficas	431
Bibliografia	441
APÊNDICES	547

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

Esta é uma investigação sobre os usos das tecnologias digitais móveis que, de alguma forma, contribuem na aprendizagem de educandos que estudam em escolas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesta Tese, após a justificativa e o problema a ser investigado, serão explicitados o percurso metodológico, a revisão da literatura e a fundamentação teórica, os objetivos, o trabalho de campo, as considerações finais e as referências bibliográficas.

De forma geral, utilizarei o termo “*tecnologias digitais*” ao invés de “*Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)*”, tendo em vista a ampliação das possibilidades de utilização dessas tecnologias, especialmente a partir década de 2010. Hoje em dia, os usos das tecnologias digitais vão além da informação e da comunicação, principalmente com criação de inúmeros aplicativos¹ que estão disponíveis aos smartphones² e aos computadores em geral. O usos dessas tecnologias, além da informação e da comunicação, são utilizadas em diversas situações, como aprendizagem, lazer, jogo, trabalho, mobilidade, turismo, gastronomia, dentre outros usos.

Autores adotam abreviações para representar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), como com TIC, TICs ou TIC`s. Contudo, há controvérsias de se colocar uma sigla no plural com a letra “s” no final, principalmente quando se está no plural apenas a primeira, das três palavras, do termo representado. Também prefiro não optar pelo uso do apóstrofo ‘ no termo em questão, já que não se trata de uma supressão de alguma letra e sim o acréscimo da consoante s para a indicação do plural da palavra tecnologia. Assim, adotarei a sigla TIC, já que a letra “T” já

¹ Aplicativos são programas de uso bem dirigido, que visam atender determinada necessidade do usuário e que, geralmente, são instalados em smartphones, tablets ou computadores.

² Smartphone é um termo de origem inglesa dado ao telefone celular, que pode ser traduzido como “telefone inteligente”, devido à sua capacidade de convergência de mídias, como telefone, rádio e televisão, dentre outras. Ele possui tecnologia avançada e possui um sistema operacional muito parecido com os utilizados pelos computadores pessoais e notebooks, o que faz com que ele consiga realizar diversas tarefas com programas e aplicativos diversos, como se fosse um computador bem pequeno, de bolso e que cabe na palma da mão.

representa a palavra “Tecnologias”, no plural, que não é o caso das demais palavras desse termo.

A escola pode ser entendida como um espaço físico em que pessoas convivem e aprendem, com os professores que nela trabalham e os educandos que nela estudam. É o locus da escolarização, em que a construção do conhecimento é privilegiada. Podemos entender a escola como uma instituição que uma parcela da sociedade procura para estudar, se formar e atestar a sua aprendizagem por meio de algum certificado. Geralmente, o controle do acesso e permanência do educando nesse ambiente formal ocorre por meio de matrícula e do registro de frequência no espaço de aprendizagem coletiva. A dificuldade de uma presença frequente dos educandos na escola de EJA é algo que se destaca. A possibilidade dos educandos se apoiarem nas tecnologias digitais, em seu processo de escolarização e construção do conhecimento, será discutida ao longo da tese.

Nesse sentido, podemos pensar na *“escolarização como uma relação que se dá no meio escolar ou a partir dele, com estratégias de ensino, de aprendizagem e de socialização, ofertada ao educando por meio de uma instituição educacional.”* (PEREIRA, BASTOS e FERREIRA, 2011, p. 155). Ao mesmo tempo, entendemos que a educação ocorre em todas as fases da vida de uma pessoa. Isso nos leva a pensar em um *“sujeito educando e nunca, afinal, ‘educado’.* Isso porque somente um processo robotizador de instrução-capacitação tem começo, meio e fim” (BRANDÃO, 2016, p. 165).

Dessa forma, darei preferência ao termo educando, ao invés de aluno ou estudante, por considerar o termo educando como a situação de um sujeito durante o seu processo de educação. Assim, ao usar o verbo educar no gerúndio, indico que há uma ação contínua, de um sujeito que se educa nesse processo, sem indicar o seu fim. Estudante pode ser entendido aquele sujeito que realiza um estudo. Entendo que a educação pode proporcionar condições mais amplas do que estudar. Etimologicamente, aluno vem do latim *alumnus*, que seria o mesmo que se alimentar ou nutrir-se do conhecimento de outrem. Por tudo isso, o termo educando seria o mais apropriado aos sujeitos que se educam na EJA e constroem o seu conhecimento a partir das relações com o outro, com seu cotidiano e com os conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo de sua existência.

A opção por se chamar um sujeito de educando não está necessariamente atrelada ao uso do termo educador, que é um outro sujeito participante desse processo educativo. Adotarei o termo professor, ao invés de educador, por duas razões: a primeira é que, estando um sujeito na condição de educando, não significa que existirá necessariamente um outro sujeito que seja o seu educador, já que esse processo educativo pode ocorrer de diversas maneiras, sem que haja uma necessária vinculação direta a um outro sujeito, principalmente quando nos referimos aos educandos que estão na EJA, com toda a sua experiência de vida; a segunda, é porque há uma luta histórica das professoras que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH) pelo reconhecimento da carreira docente e a necessária equiparação salarial e profissional por escolaridade equivalente com os demais profissionais que atuam em outros níveis de ensino, já que essa carreira vem sendo colocado em segundo plano durante anos pelos governantes da Capital mineira, que as denominavam como “educadoras infantis” ao invés de professoras, para justificarem essa não equiparação. É uma luta relevante da qual não consigo fugir, já que tenho a minha identidade atrelada a essa RME-BH, da qual sou parte integrante.³ A luta também nos forma no processo. Por essas razões a opção foi pelo termo professor.

O interesse por este tema de pesquisa surgiu no final de 2013, após os acontecimentos das *Jornadas de Junho*⁴, que reuniram grande quantidade de pessoas em diversos pontos do Brasil, nos protestos em defesa de um atendimento com qualidade na saúde e na educação, contra o aumento das passagens do transporte público e a corrupção, dentre muitas outras reivindicações populares. Ao perceber que as redes sociais conseguiam reunir tantas pessoas, de diversas regiões, que já se conheciam ou não, surgiram inquietações sobre as possibilidades do uso crítico das tecnologias digitais para aproximar o educando das escolas de EJA.

Para tratar sobre o conceito de uso crítico das tecnologias digitais, compartilho com o COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (2014) que é um

³ Já houve um recente reconhecimento na mudança do cargo de educadora para professora da Educação Infantil, mas a desvalorização salarial permanece.

⁴ As “*Jornadas de Junho*” foram manifestações políticas e uma ação coletiva, com protestos e grandes passeatas, que ocorreram em diversas cidades do Brasil, em junho de 2013, na ocasião da realização da Copa das Confederações, promovida pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), com sede na Suíça. Isso ocorreu como teste das cidades sede para a realização Copa do Mundo de Futebol de 2014, mas no ano antecessor da sua realização.

grande desafio para a comunidade escolar o desenvolvimento de habilidades para a utilização das tecnologias digitais com uma consciência crítica, que faz parte da ideia de uma alfabetização midiática e informacional. O uso crítico e consciente poderá fortalecer e levar os sujeitos e as instituições a um convívio mais cidadão e democrático. São diversas as formas para se desenvolver essa consciência crítica para o uso das tecnologias digitais: uma melhor compreensão sobre o uso adequado de mídias massivas e pós-massivas, utilizando-se de informações adequadas para o seu entendimento, o que inclui os efeitos sobre a pessoa que acessa essas informações; o desenvolvendo e a aprendizagem de técnicas empregadas por essas mídias. Para o desenvolvimento do uso crítico das tecnologias digitais, também seria importante que se construísse as capacidades de ler, decodificar, analisar, avaliar e produzir a comunicação de diversas formas, incluindo os formatos midiáticos (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2014).

Ao refletirmos sobre o uso crítico das tecnologias digitais na EJA, estamos falando sobre: a problematização do uso dessas tecnologias; sobre a livre expressão e uma participação democrática; o enfrentamento ao discurso de ódio e à intolerância na internet; repelir a prática do bullying; combater as expressões de ofensas, principalmente em relação à aparência física, raça, etnia ou gênero; estar atento ao compartilhamento de informações, imagens e vídeos; recusar a pedofilia; ter cuidados em relação à exposição de hábitos na internet para qualquer pessoa, como a exposição de imagens e vídeos, os dados de perfil nas redes sociais; se preocupar com a segurança, como o acesso à agenda e aos dados pessoais; criar meios de proteção à privacidade; ter cuidado com o contato com pessoas desconhecidas; bloquear e denunciar pessoas que usam de forma imprópria as redes sociais; bloquear lixo eletrônico, como spam⁵; ter atenção com as configurações de privacidade nas redes sociais; comparar informações em mais de uma fonte; ter cuidado com o que compartilha; rechaçar a prática de copiar e colar textos sem que seja informado, mesmo quando ela é aceitável, ou sem que haja uma interação com esses textos; ter cuidado com relação ao recebimento de

⁵ Spam são mensagens de publicidade e propaganda que são enviadas pela internet, sem que haja pedido do receptor. Essa palavra tem origem desconhecida, as melhores explicações que encontrei foram para se referir à abreviação de Sending and Posting Advertisement in Mass (Envio e Anúncio de Anúncio em Massa) ou Stupid Pointless Annoying Messages (Mensagens estúpidas, sem sentido e irritantes). Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Spam>>. Acessado em: 05 Abr. 2017.

contatos por publicidade ou propagandas; precaução com o comércio eletrônico pela internet; precaução, atenção e responsabilidade.

Inicialmente, a pesquisa que aqui apresentamos continha o título “*O uso suplementar das Tecnologias da Informação e Comunicação, enquanto recurso didático, na Educação de Jovens e Adultos*”. A investigação proporcionou algumas mudanças na ideia inicial, especialmente em razão das observações e entrevistas realizadas no campo de pesquisa. Com isso, optamos em mudar, provisoriamente, o título para: “*Os usos das Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação de Jovens e Adultos*”. Uma das razões dessa mudança foi a falta de se encontrar experiências concretas em escolas de EJA que usassem as tecnologias digitais de forma sistematizada, enquanto recurso didático suplementar, de forma a sustentar uma investigação que procurava entender sobre esse uso.

Finalmente, ao me deparar com os dados do trabalho empírico, ficou nítido que os usos das tecnologias móveis estão presentes nas salas de aula na EJA e se configuram como questão central neste estudo de caso. A investigação se deu a partir dos usos das tecnologias digitais na aprendizagem dos sujeitos que estudam ou trabalham nas quatro escolas de EJA observadas. A sala de aula foi o principal local de observação no interior das escolas. Dessa forma, chegamos ao nome desta tese: “*Os usos das tecnologias móveis nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos*”.

Vale ressaltar que essas tecnologias digitais não foram feitas para atender o trabalho pedagógico nas escolas. Algumas instituições tentam adaptar os usos das tecnologias digitais na aprendizagem de professores e educandos. As escolas de EJA procuram usar essas tecnologias, mas ainda é um processo em construção e adaptação, para que todos possam aprender a lidar com as tecnologias digitais na escola e na aprendizagem, de forma mais ampla.

A ligação que tenho com o problema de pesquisa vem do meu trabalho e das minhas formações acadêmica e em serviço. Iniciei o antigo 2º grau⁶ em uma escola pública na cidade de Nova Iguaçu, em 1980, no estado do Rio de Janeiro. Eu trabalhava na capital, o dia todo, e estudava à noite. Desde o Ensino Médio desempenhei o papel de estudante e de trabalhador, uma das características que também são marcantes para os sujeitos que são educandos da EJA. Essa parte da

⁶ Hoje, Ensino Médio.

minha história de vida contribuiu na minha identificação com essa modalidade de ensino. A escola pública em que eu estudava não ofertava a formação desejada, o que me levou a uma escola privada para fazer o curso profissionalizante de técnico de eletrônica. Assim, precisei assumir as despesas da continuidade de meus estudos naquele momento e em outros que vieram logo a seguir. Bourdieu (2003) revela estatísticas globais sobre a necessidade das classes populares pagarem pelo seu acesso à escola, para que possam construir possibilidades acadêmicas de futuro.

Eu construí a ideia de que precisava ter uma profissão que me assegurasse pagar pelo prosseguimento dos meus estudos, como era meu desejo. Na profissão de técnico de eletrônica, eu poderia desenvolver estudos na área de exatas, com a qual eu me identificava bastante. Por isso, troquei a escola pública pela escola privada, onde eu pude fazer esse curso. Mesmo ainda jovem, eu já vislumbrava que poderia realizar um sonho que havia começado no final da minha infância, que era o de ser um professor de Matemática. Fui à luta, fiz um curso profissionalizante que assegurou as minhas escolhas. Desde 1995, eu exerço a profissão de professor de Matemática, que já desejava desde quando cursava o Ensino Fundamental.

Durante a II Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), realizada no Canadá, em 1960, a educação profissionalizante foi um ponto de discussão, já que ela se apresentava em diferentes instituições escolares enquanto *“treinamento nas habilidades e aquisição dos conhecimentos necessários para um determinado ofício ou profissão [...] a tendência em muitos países tem sido separar a educação profissionalizante da educação geral”* (IRELLAND e SPEZIA, 2014, p. 128-129).

No início da minha trajetória profissional, de 1980 a 1984, atuei na área administrativa de uma grande empresa de transportes na cidade do Rio de Janeiro. Dentre as várias atribuições que eu tinha nessa empresa de transporte, me foi transferida a responsabilidade pela operação do equipamento telex da empresa e também pela formação de novos funcionários que atuariam como essa tecnologia, em uma filial da empresa. Era um equipamento bem parecido com o mostrado a seguir, da marca Olivetti, modelo te315.

Figura 1: Equipamento de telex.



Fonte: Adaptado de TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PIAUÍ [20??].

O telex era um equipamento classificado como teletipo, que recebia e transmitia textos exclusivamente digitados, que poderiam ser armazenados em uma fita perfurada. O sistema de comunicação entre os equipamentos fazia parte de uma rede mundial e cada equipamento possuía um número próprio, como de telefone. Muitas mensagens, após serem recebidas, tinham a sua confirmação instantânea pelo receptor, que protocolava o seu recebimento, necessitando para isso ter uma pessoa naquele instante para digitar no equipamento que havia recebido a mensagem. A Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL), era a responsável por esse sistema no Brasil. Após alguns anos de funcionamento do Telex, a EMBRATEL começou a introduzir no Brasil o primeiro serviço exclusivo de comutação de dados, no ano de 1980, que também era o primeiro da América do Sul. Quatro anos depois, ela cria a Rede Nacional de Comunicação de Dados por Comutação de Pacotes (RENPAQ), possibilitando a realização de ligações comutadas, que poderiam ser usadas por diferentes equipamentos, protocolos de comunicação e velocidades. Eu também fiz um curso na sede da EMBRATEL, no

Rio de Janeiro, na época da introdução da RENPAC no Brasil, no início da década de 1980⁷.

No ano de 1983 conclui o curso de técnico de eletrônica e comecei a trabalhar com a manutenção de computadores, logo no ano seguinte. Optei por atuar nesse campo, já que as tecnologias que surgiam naquele momento, a partir dos microprocessadores, eram as que me despertavam a curiosidade e o grande interesse profissional, além de oferecer uma melhor remuneração salarial.

Enquanto jovem educando, eu buscava uma formação tecnológica naquele curso profissionalizante. Avalio que essa trajetória também veio a contribuir no meu interesse pela Tese que apresento ao final deste curso de Doutorado do *Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social*.

Em 1984, após me formar no curso técnico profissionalizante, comecei a trabalhar como técnico de eletrônica, na cidade do Rio de Janeiro, migrando da área administrativa para a área técnica, com a informática. Depois de pouco mais de dois anos, aceitei uma proposta da empresa em que eu trabalhava para me transferir de domicílio, de Nova Iguaçu (RJ) para Belo Horizonte (MG). Passados mais dois anos dessa transferência, pude iniciar a graduação no curso de Licenciatura Plena em Matemática.

Nesse período de transição, entre o Rio de Janeiro e as Minas Gerais, eu trabalhava como técnico de eletrônica com o serviço de videotexto⁸, que foi um dos precursores da internet no Brasil. Era uma central de modems⁹ conectados a um computador, que fazia a interface de comunicação. Em fevereiro de 1985, quando eu era técnico de eletrônica e trabalhava na cidade do Rio de Janeiro, me desloquei e tive o privilégio de instalar¹⁰ a primeira central de videotexto de Minas Gerais. Eu era o técnico responsável por instalar e dar manutenção nos equipamentos comprados pela empresa estatal Telecomunicações de Minas Gerais Sociedade

⁷ A EMBRATEL foi fundada em 1965 como uma empresa pública. Ver mais em <<http://portal.embratel.com.br/embratel/a-embratel/empresa/>> e <<http://www.fgv.br/CPDOC/ACERVO/DICIONARIOS/VERBETE-TEMATICO/EMBRATEL>>.

⁸ "Videotexto é um sistema de distribuição bidirecional de informação para um mercado de massa, dentro do qual usuários podem solicitar informação a uma tela de televisão de um banco de dados em computador através de um teclado." Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/arte_e_videotexto.pdf>. Acessado em 21 Fev. 2016.

⁹ O modem é um equipamento modulador e demodulador de sinais, que transforma informações digitais (exigidas pelos computadores) em pulsos analógicos (exigidos pelas redes telefônicas analógicas) e vice-versa.

¹⁰ Pela empresa na qual trabalhava, que fabricava e vendia os equipamentos, com sede no município de São Paulo

Anônima (Telemig)¹¹, que por sua vez era a responsável pela telefonia da maior parte do estado de Minas Gerais. Depois de ter ficado alguns meses entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro, indo e voltando, aceitei me transferir para a capital mineira, para morar e trabalhar. Surgiram outras duas empresas que passaram a utilizar o videotexto, com equipamentos que instalei e também prestava os serviços de manutenção, pela mesma empresa paulista em que eu trabalhava. Em 1987, os equipamentos de videotexto estavam instalados na Região Metropolitana de Belo Horizonte na empresa Telemig e em um banco, que era o maior do setor privado do Brasil na época, ambos em Belo Horizonte, além de uma montadora de automóveis, no município de Betim.

O videotexto era muito utilizado no Brasil, no final da década de 1980 e início da década de 1990, pelas empresas telefônicas e bancos, que utilizavam esse serviço para a comunicação de dados. Um dos serviços mais prestados era a consulta ao serviço de proteção ao crédito. Através do modem ligado a um computador ou um terminal de vídeo, preparado para ser interligado à central de modems do videotexto via linha telefônica, o videotexto podia enviar e receber textos e imagens de baixa resolução.

Algumas empresas e pessoas também faziam uso do serviço de Transtexto¹², que era oferecido pelas empresas estatais de telecomunicações. As pessoas conseguiam formar grupos de conversa por meio envio e recebimento de textos, sem o uso de imagem. O Transtexto formava uma rede social, já na segunda metade da década de 1980.

¹¹ Eram vários equipamentos, que ocupavam um andar inteiro no Centro da cidade. O principal uso pela Telemig era no atendimento a uma associação, que por sua vez oferecia os serviços de proteção ao crédito, que eram vendidos, na maior parte, aos lojistas da capital mineira. O acesso era via linha telefônica discada, com conexão por modems.

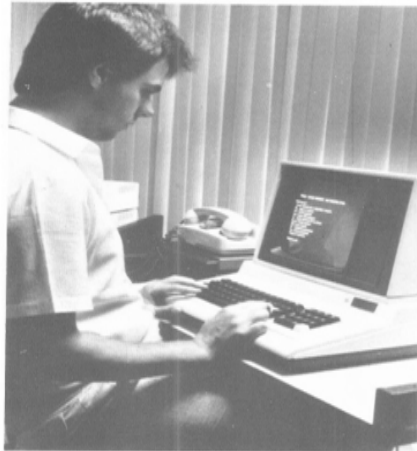
¹² O Transtexto era popularmente chamado de vídeo papo.

Figura 2: Equipamentos que utilizavam o Transtexto e o Videotexto, em que o autor usa um deles.

TRANSTEXTO:

Serviço que possibilita a comunicação entre microcomputadores, ativado a

partir do terceiro trimestre de 1985, vem tendo uma boa aceitação junto aos Clientes.



VIDEOTEXTO

Serviço interativo que envolve a transmissão de textos e imagens, onde o Cliente obtém informações tais como: Roteiros Turísticos, Economia, Horóscopo, Reservas de Hotéis, Compras à Distância, etc. A primeira fase inaugurada no

último trimestre de 1985 utiliza a Central de Videotexto de São Paulo, mas simultaneamente e em caráter experimental a TELEMIG, através de sua Central, vem atendendo diversos clientes (PRODEMGE, CDL, CARREFOUR, etc.).



Fonte: Adaptado de TELECOMUNICAÇÕES DE MINAS GERAIS (1985, p. 7).

Com o surgimento da internet no Brasil, na década de 1990, o serviço de videotexto passou a ficar obsoleto e foi gradativamente substituído, já que a internet trouxe novas possibilidades de pesquisas e para se comunicar individualmente ou em grupo, possibilitando o uso de textos, vídeos e imagens com boa resolução.

Em uma entrevista, em 1995, Pretto (2008) nos fala sobre o uso do videotexto na empresa estatal Telebahia, do estado da Bahia: “No videotexto da Telebahia, já existe uma enquete para aqueles que têm o modem no computador possam dizer o que pensam da internet. Creio que, no começo do ano que vem, a gente já tenha a internet comercial na Bahia” (PRETTO, 2008, p. 23).

Durante a minha trajetória profissional, a educação e os usos das tecnologias vêm me acompanhando e vice-versa. O investimento na minha formação, desde a adolescência e mesmo antes das minhas experiências profissionais, sempre me deram prazer. Foram vários cursos que fiz, ao longo de diversas experiências profissionais¹³.

Quando iniciei a minha graduação, em 1989, também ingressei no movimento estudantil e atuei no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte (FAFI-BH) - hoje UNI-BH - e nas direções da União Estadual dos Estudantes de Minas (UEE-MG) e União Nacional dos Estudantes (UNE). Nesse período eu continuava trabalhando de dia e estudando à noite. Mais uma vez essa condição aproximava a minha realidade com a identidade do educando da EJA.

Concluí o curso de licenciatura plena, me graduando como professor de Matemática, em 1993. Iniciei no magistério em 1995, na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, empresa em que ainda trabalho como professor de Matemática. Tão logo fui admitido, iniciei um curso de qualificação profissional naquele mesmo ano de 1995, concluindo no ano seguinte. Foi o “*Curso de Aperfeiçoamento da Prática Pedagógica*”, de 360 horas de duração, no Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (CAPE) da Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Belo Horizonte. Ao final do curso, escrevi o projeto “*A construção do conhecimento do jovem e do adulto*” (PEREIRA, 1996).

Foi na segunda metade da década de 1990 que pude adquirir meu primeiro computador pessoal e comecei a usar a internet, por meio de linha telefônica discada. Como o preço de utilização era alto, somente após a meia-noite que eu tinha condições de usar a internet, pois seu preço era bem reduzido entre esse horário e as 06:00 horas da manhã, mesmo que tivesse que levantar cedo para trabalhar no dia seguinte.

¹³Antes de ser professor, fiz diversos cursos na área tecnológica, em que destaco, em cronológica: operador de telex; introdução à RENPAC; técnico em eletrônica; microcomputadores; operador de microcomputadores; sistema operacional Brascom; sistema operacional CP/M e WDOS; básico de Central Pública de Videotexto para a Telemig; programação nas linguagens Basic, Cobol e computação gráfica; manutenção de fita magnética Conpart – Modelo 30; manutenção da Controladora IBM 3725; manutenção de campo da linha PDV; manutenção de campo de computadores 8 e 16 bits Procomp; sistema operacional NET 16-MB-Microbase; manutenção de campo de cash dispenser; manutenção de campo de microcomputadores PC AT; manutenção de campo em ATM óptico (dispensador bancário de cédulas); manutenção de Campo em ATM Interbold (fricção); dentro outros.

Em 1998 e 1999 trabalhei na equipe pedagógica da Regional Nordeste de Belo Horizonte, que era ligada à SMED. Trabalhávamos com a organização das escolas e formação regional de professores. Eu atuava diretamente com a EJA e com o 3º Ciclo de Idade de Formação da Escola Plural, da RME-BH. Nesse período, participei da criação do Fórum Mineiro de EJA de Minas Gerais, em 1998, junto com outros trabalhadores em educação de diversas esferas públicas, privadas e das Organizações Não Governamentais (ONG) ligadas à EJA. O relato abaixo, além de alguns outros de minha autoria, que contam o começo desse Fórum, consta no site do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG):

No final do primeiro de semestre de 1998, em reunião realizada numa das salas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – FAE/UFMG -, da qual não participei, a idéia de se criar um Fórum Mineiro de Educação de Jovens e Adultos em Minas Gerais frutificou. Este foi o “I Fórum Mineiro de EJA”. Nesta reunião marcou-se o segundo encontro, com a proposta de se ampliar os participantes e as representações. Alguns dias depois, fui convidado a participar do segundo encontro. Nesta época, eu trabalhava na frente de EJA do Departamento de Educação da Administração Regional Nordeste, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.¹⁴ (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, s/d)¹⁵.

Em 2001, fui eleito como representante dos Trabalhadores em Educação da RME-BH para outra gratificante experiência: conselheiro no Conselho Municipal de Educação (CME) de Belo Horizonte. Em 2002, fui reeleito para mais uma gestão e pude continuar dando algumas contribuições para a elaboração do Parecer 093/2002¹⁶ e a Resolução 001/2003¹⁷, do CME, que regulamentam a EJA das escolas municipais de Belo Horizonte.

Em toda essa jornada, já utilizo e trabalho com a informática, há mais de 33 anos, e atuo com a EJA no magistério, há mais de 22 anos, sempre procurando aprimorar minha formação nesses dois campos de atuação. Fiz duas especializações: Psicopedagogia, pela Universidade Veiga de Almeida, em que apresentei um trabalho de conclusão de curso sobre a música e o currículo na construção do conhecimento (PEREIRA, 2006); Especialização em Educação e

¹⁴ Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/neja/>>. Acessado em: 14 Mar. 2017.

¹⁵ Disponível em: <www.fae.ufmg.br/neja/index.php/i-forum-mineiro/>. Acessado em: 4 Mar. 2018.

¹⁶ Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=Parecer-CME-BH_093-02.pdf>. Acessado em: 2 Nov. 2017.

¹⁷ Disponível em:

<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=RESOLUCAO_CME-BH_001-2003.pdf>. Acessado em: 2 Nov. 2017.

Juventude, pelo Programa de Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica, concentração em Juventude e Escola, da FaE da UFMG, em que apresentei um projeto de ação educativa sobre a utilização da informática como propulsor na formação dos jovens da EJA (PEREIRA, 2008). Depois, consegui avançar em minha formação, enquanto pesquisador, e ao mesmo tempo realizar mais um sonho, o de me tornar Mestre pela FaE da UFMG, em 2011, quando pesquisei sobre os impactos dos usos das TIC pelos educandos da EJA, através da escola (PEREIRA, 2011).

Esta tese, que procura dialogar com a linha de pesquisa da Pós-Graduação da FaE: “*Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas*”, me remete mais uma vez às tecnologias, à escola e à EJA, que estão presentes em toda minha vida acadêmica e profissional. Com isso, consigo unir a minha formação acadêmica com o meu “*saber de experiência feito*” (FREIRE, 2008b, p. 28), já que tudo isso foi construído ao longo da minha vida, com minhas trajetórias envoltas por um fio alinhavado pelo viver, pois esses temas me acompanham, seja quando estou me formando ou trabalhando.

Avalio que essa minha vivência, seja na prática ou na formação acadêmica, tem me ajudado a refletir a respeito da importância dos usos das tecnologias digitais no trabalho docente da EJA e na construção do conhecimento dos educandos. Isso me levou a indagar se esses usos, a partir de práticas pedagógicas escolares, não poderiam favorecer a criação de novas relações de aprendizagem e possibilitar a inclusão digital dos educandos da EJA.

Por isso, foi feita a opção de se fazer a investigação em escolas de EJA. Além disso, podemos considerar que a escola é um ótimo campo para se fazer pesquisas sociológicas. Compactuo com Nóvoa (1992) que a escola, enquanto objeto de estudos pela Sociologia da Educação, é um espaço privilegiado de inovação educacional.

O trabalho sistematizado, está disposto em cinco capítulos: neste primeiro é feita a introdução, com a justificativa e a apresentação do problema de pesquisa; no segundo, trazemos os objetivos e a metodologia de pesquisa, com todo o seu percurso e com a apresentação dos sujeitos da pesquisa; a fundamentação teórica tem maior ênfase no terceiro capítulo, trazendo elementos para que possamos aprofundar a respeito da EJA e as tecnologias no contexto histórico, refletirmos se o

presente é o futuro tecnológico imaginado no passado e também pensarmos um pouco mais sobre as tecnologias digitais, com os seus avanços e os seus limites; o quarto capítulo discute sobre as tecnologias em nossa sociedade e aprofunda em questões que se referem aos sujeitos da EJA neste início de século, fala sobre a política e as redes sociais com o uso das tecnologias digitais, questiona o universo de consumo e os usos das tecnologias digitais, indaga se as tecnologias digitais estão nas escolas de EJA; no quinto capítulo, passamos a desvendar a pesquisa de campo, com as observações, pesquisa documental e as entrevistas realizadas durante a pesquisa empírica; as considerações finais são apresentadas no sexto capítulo. Ao final, constam as referências bibliográficas e a bibliografia¹⁸.

Alguns autores tiveram maior destaque, como Adam Schaff, André Lemos e Pierre Lévy, Arthur Clarke, Leôncio Soares, Manuel Castells, Nelson Pretto, Paulo Freire, Uwe Flick e Zygmunt Bauman. Também foram utilizadas algumas contribuições do próprio autor, a partir de outros trabalhos elaborados anteriormente.

Ao fazer a fundamentação teórica nesse projeto de pesquisa, a revisão da literatura contribuiu para que pudéssemos estudar e formular indagações sobre o problema a ser investigado. Partimos de teorias e de resultados de trabalhos que deram ênfase aos usos das tecnologias digitais na EJA – que é de grande importância ao conhecimento e à inclusão social – e as entrelaçamos com a educação e as culturas do jovem e do adulto. Esses estudos contribuem nas análises da utilização das tecnologias móveis em escolas que ofertam a EJA e também da ausência desse uso.

Em uma pesquisa sobre as aulas de Informática, realizada numa sala de aula de uma escola de EJA, Pereira (2011, 2014)¹⁹ nos revela que nesse ambiente é possível encontrar um universo de representações e ainda pode possibilitar a união da cultura escolar com cibercultura. Muitos educandos que, a priori, se sentem receosos para utilizar algumas tecnologias, ao iniciar o seu uso, vão se sentindo mais encorajados e enxergam a possibilidade de conseguir usar, como outras pessoas conseguem. Assim, descobrem novos horizontes e aumentam a confiança

¹⁸ Chamamos de bibliografia o que foi lido, trouxe contribuições no pensar, mas não chegou a ser citado no trabalho, seja por não se encaixar, por não haver mais tempo para a escrita devido ao prazo máximo de elaboração da escrita da tese, ou mesmo para não tornar a produção final ainda mais extensa.

¹⁹ A obra Pereira (2014) é uma publicação em livro da Dissertação de Mestrado de Pereira (2011) e ambas serão citadas como Pereira (2011, 2014).

e a sua autoestima. Alguns deles tiveram os seus primeiros contatos com o computador na escola e passaram a usá-lo. Depois, começam a utilizar outras tecnologias. Isso mostra que a escola também consegue promover a inclusão digital. Com o uso das tecnologias digitais, alguns tiveram a melhoria no trabalho e se aproximaram de outras pessoas, em seus relacionamentos de amizade e família. Portanto, *“é possível de se ver nitidamente que a inclusão social passa, inclusive, pela inclusão digital. A escola pode se tornar mais um local de inclusão digital da camada popular, devido à sua grande inserção social”* (PEREIRA, 2011, p. 201; 2014, p. 241).

A investigação de Pereira (2011, 2014) nos revela que, a partir dos relatos de alguns educandos, o início do uso das tecnologias digitais na escola lhes trouxeram melhorias na autoestima e que a inclusão digital os levou à inclusão social. Um deles relatou que melhoraram as suas condições no trabalho, inclusive com uma promoção e com melhores oportunidades de trabalho. Ele declarou que *“fazia parte do ‘grupo que não aprendia’, antes das aulas de Informática na escola. Depois [...] passou para o outro grupo, formado pelos que ‘conseguem aprender’ e, com isso, foi promovido e mudou de local de trabalho”* (PEREIRA, 2011, p. 200; 2014, p. 240). A possibilidade da inclusão digital e da inclusão social dos educandos da EJA são questões importantes a serem destacadas nas pesquisas feitas nesse campo de investigação.

Na atual pesquisa, o trabalho de campo ocorreu em quatro escolas com oferta de EJA, propiciando a análise em diferentes realidades e procurando compreender como tem sido os usos das tecnologias digitais nessas escolas, tanto para a aprendizagem dos sujeitos envolvidos na pesquisa quanto na aproximação dos educandos da EJA da escola em que estão matriculados. Dessa forma, buscamos conhecer como alguns dos professores e educandos da EJA se apropriam das tecnologias digitais para utilizá-las no seu cotidiano, em atividades de pesquisa (escolar ou não), de aprendizagem, de comunicação e de socialização. A partir de observações e entrevistas, foi possível verificar se esses usos são ou não são utilizados no trabalho docente e na formação dos educandos da EJA que estão nas escolas. Desvendar sobre os usos das tecnologias digitais pelos professores e educandos da EJA que estão na escola, para estarem a serviço do conhecimento, nos instigou a realizar esta pesquisa. A investigação buscou compreender como são

feitos os usos de algumas tecnologias móveis na aprendizagem por educandos e professores que se encontram em escolas de EJA.

Arroyo (2007) escreve um artigo²⁰ em que apresenta algumas reflexões acerca das especificidades da EJA e um olhar indagador sobre quem são esses sujeitos que demandam essa modalidade de ensino: Quais são os seus modos de vida, de sobrevivências e de trabalhos? Que traços os caracterizam? Que marcas podemos encontrar na construção desses sujeitos?

A juventude popular está cada vez mais vulnerável, destaca Arroyo (2007). As formas concretas de sobrevivência e do trabalho informal dos jovens e adultos estão atreladas. Com tantos candidatos à empregabilidade, Arroyo (2007) indaga quais seriam as pessoas que conseguiriam esses empregos: Seriam os educandos da EJA? Dentre as oportunidades de trabalho que surgem, a uma grande parte desses educandos lhes resta apenas o trabalho informal, condenando-a a um estado de permanente vulnerabilidade em suas formas de viver. Nessas condições, Arroyo (2007) interpela sobre quais currículos seriam necessários a esses sujeitos que se encontram em diferentes níveis de vulnerabilidade, decorrentes desse trabalho informal.

O currículo para a EJA não deveria negar o acesso ao conhecimento. Então, quais conhecimentos seriam adequados para que os educandos da EJA possam sobreviver a essa vulnerabilidade e à insegurança nesse mundo de trabalho informal? Se o trabalho é um direito humano, quais conhecimentos, saberes e competências sobre nosso momento histórico, a escola de EJA poderia priorizar? Arroyo (2007), que nos traz essas indagações, também aponta para a necessidade de se fundamentar os projetos destinados à EJA, de forma a reconhecer, respeitar e incorporar as diversidades socioeducacionais, enquanto territórios dos jovens e adultos populares. Ao

reconhecer os jovens e adultos como membros de coletivos seria um horizonte muito interessante para a EJA. Superar a idéia de que trabalhamos com percursos individuais, para tentar mapear que coletivos frequentam a EJA. O coletivo negro, o coletivo mais pobre, o coletivo de trabalhadores, o coletivo dos sem-trabalho, o coletivo das mulheres. Que coletivos são esses? É muito diferente pensar um currículo para indivíduos, para corrigir percursos tortuosos individuais, do que pensar em um currículo para coletivos. Pensar em conhecimentos para coletivos, em questões que tocam nas dimensões coletivas, pensar na história desses coletivos. Um ponto que chama muito a atenção nesses coletivos é a luta por sua

²⁰ Escrito para a comemoração do 9º ano de existência do Fórum Mineiro de EJA.

identidade, a luta por sua cultura: cultura negra, memória africana, memória quilombola, memória do campo, memória das mulheres do campo, memória dos atingidos pelas barragens. (ARROYO, 2007, p. 17-18).

Ao se aproximar e falar dos sujeitos da EJA, a cultura e a identidade de cada um e dos coletivos devem estar presentes. O cotidiano escolar nos revela isso o tempo todo. Assim, fomos pesquisar sobre os usos das tecnologias móveis em escolas de EJA para tentar compreender se essas tecnologias são usadas na aprendizagem e na aproximação dos educandos de sua instituição escolar.

É importante demarcar que a pesquisa não foi realizada em experiências de Educação a Distância (EaD). Ao contrário, o lócus deste estudo de caso se deu nas escolas, com a seleção de alguns professores e educandos que frequentavam as turmas e também utilizam as tecnologias digitais, dentro e fora da instituição, para se conectar, pesquisar e se aproximar da escola. Também foram investigados alguns sujeitos que não utilizam com frequência essas tecnologias, propiciando a reflexão sobre o porquê do não uso.

Com o uso das tecnologias na formação acadêmica de homens e mulheres, o tempo e o espaço se tornam flexíveis, inclusive para a sala de aula, tendo em vista que *“mesclam-se, de forma intensa, as chamadas Educação presencial e a distância, uma vez que os processos de ensino e de aprendizagem passam a funcionar a partir de uma nova maneira de construir conhecimentos e o próprio saber”* (PRETTO; BONLA; SARDEIRO, 2010, p. 65). O foco da investigação foi a educação presencial, mesmo que o educando usasse em determinados momentos as tecnologias para acessar o que ocorreu na aula em dias em que não a pode frequentar.

Na metodologia investigativa, a opção é pela utilização predominante de procedimentos de cunho qualitativo, sem deixar de lado o uso de dados quantitativos, sempre que necessários. Durante a execução da investigação, foram selecionados para entrevistas 18 pessoas, que são professoras, educandos e educandas alfabetizados e uma educanda do Ensino Fundamental, em processo de alfabetização, todos acima dos 24 anos de idade, chegando aos 66 anos. Alguns deles tinham o hábito de uso frequente das tecnologias digitais, outros não.

Para conduzir a investigação foi realizado um estudo de caso, a partir dos usos das tecnologias móveis pelos sujeitos inseridos em suas respectivas unidades escolares. A intencionalidade foi a de procurar identificar como eles se apropriam

dessas tecnologias e as utilizam em situações de pesquisa, de aprendizagem, de comunicação e de socialização, relacionadas às escolas em que eles frequentam as aulas. Dessa forma, procuramos descobrir como as tecnologias móveis poderão contribuir na formação desses educandos e, assim, aprofundar sobre os usos das tecnologias digitais por professores e educandos da EJA, a partir da escola. Durante a investigação, procuramos identificar o significado atribuído sobre como eles se apropriam dessas tecnologias e as utilizam em situações de pesquisa, de aprendizagem, de comunicação e de socialização. Foram feitas observações de campo e entrevistas para tentar saber se os usos dessas tecnologias móveis têm relação com o processo de formação dos educandos da EJA.

As escolas investigadas foram: duas confessionais, ligadas ao setor privado; uma pública municipal; uma pública federal. Todas ficam no município de Belo Horizonte e serão caracterizadas no decorrer da pesquisa, mantendo-se o sigilo quanto aos seus nomes.

Em uma das escolas confessionais, fiz observação de campo em uma turma iniciante da alfabetização – momento inicial do Ensino Fundamental – e entrevistei a professora e uma educanda dessa turma. Realizei pesquisa documental no site da instituição e em uma publicação que recebi da escola.

Na outra escola confessional, fiz observação de campo em uma turma do Ensino Fundamental e outra do Ensino Médio. Entrevistei uma professora do Ensino Médio, uma educanda da turma do Ensino Fundamental e um educando do Ensino Médio. Realizei pesquisa documental no site da instituição e tive um breve acesso a uma encadernação com a relação de todos os educandos da EJA da escola, desde o seu início, que me foi mostrada na sala dos professores.

Na escola federal, fiz observação de campo em duas turmas do Ensino Fundamental. Entrevistei duas professoras, dois educandos e duas educandas. Realizei pesquisa documental no site da instituição.

Na escola municipal, fiz observação de campo em uma turma do Ensino Médio. Entrevistei as quatro professoras, dois educandos e uma educanda. Realizei pesquisa documental no blog²¹ da instituição, em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e no seu Regimento Escolar (RE).

²¹ Blog é uma corruptela de “weB LOG”, ou “registro na teia”, que seria um diário publicado na internet, acessível às pessoas que tenham o endereço do blog.

Foi realizado um estudo de caso, com a imersão em duas, dentre as escolas selecionadas, para se tentar explicar como e quando os usos das tecnologias móveis estão relacionados ao trabalho pedagógico das escolas de EJA em que estudam os educandos. Assim, possibilitou-se a análise e interpretação dos dados empíricos levantados, apoiados em outros estudos da bibliografia selecionada, ligados ao tema investigado. O tempo total de observações foi de 4725 minutos o equivalente a 78:45 horas ou a 3 dias e 6 horas e 45 minutos. Foram realizadas entrevistas com 18 pessoas, sendo 8 professoras e 10 educandos ou educandas, com um tempo total de 635 minutos, o equivalente a 10 horas e 35 minutos.

1.2 Problema de pesquisa

As possibilidades dos usos das tecnologias móveis pelos educandos da EJA abrem um imenso campo para a pesquisa a partir da escola. Conhecer sobre os usos dessas tecnologias nas escolas de EJA e tentar compreender como elas podem contribuir no trabalho desenvolvido me instigou a realizar esta investigação.

Mesmo nos diferentes contextos das escolas de EJA, podemos perceber que professores e educandos têm se utilizado das tecnologias digitais em seus cotidianos, havendo mais frequência com o uso dos aparelhos de telefone celular e os computadores pessoais. O acesso à internet e as mensagens enviadas e recebidas pelo correio eletrônico ou pelos aplicativos de acesso às redes sociais, já são muito comuns hoje em dia (PEREIRA, 2011, 2014). Durante o trabalho de campo, pode-se perceber um grande uso de smartphones pelos sujeitos da EJA.

As pessoas utilizam seus smartphones em diversas situações do seu cotidiano e, com isso, colocam essa tecnologia cada vez mais no interior da escola. Mas como os educandos da EJA têm feito uso dessas tecnologias móveis na sua aprendizagem? A tecnologia móvel é ou poderia estar a serviço do conhecimento na EJA?

Ao mesmo tempo em que vemos a importância das contribuições das tecnologias digitais para a vida dos educandos jovens, adultos e idosos, além dos seus professores, ainda é restrito o acesso aos bens culturais, sociais, econômicos e às tecnologias digitais para esses sujeitos. O uso restrito dessas tecnologias por uma parcela dos sujeitos da EJA, nos leva a indagar sobre o porquê de algumas

pessoas não utilizem as tecnologias móveis. Um dos motivos pode ser econômico, mas também há muitas escolas que proíbem o seu uso e restringem o acesso nas salas de aula, mesmo quando se tem a condição de acesso às tecnologias móveis.

A partir deste cenário é que apresento algumas perguntas que necessitam de investigação: Será que as tecnologias móveis são ou poderiam estar a serviço do conhecimento para aqueles educandos da EJA que não conseguem estar frequentemente na escola? Como proporcionar o acesso e desenvolver o uso crítico das tecnologias móveis, enquanto recurso didático para professores e educandos da EJA, dentro e fora da escola? As tecnologias móveis podem aproximar os educandos da EJA de sua escola? As tecnologias móveis também são usadas pelos sujeitos da EJA para construir conhecimento?

Esta investigação se deu a partir de experiências escolares, em que os sujeitos envolvidos no processo educativo utilizam as tecnologias móveis, dentro e/ou fora do ambiente escolar, com a intencionalidade de favorecer a aprendizagem e a aproximar o educando e a escola.

Tive como hipótese que os usos dessas tecnologias podem ajudar na formação dos educandos da EJA, tanto os frequentes às aulas quanto aqueles que não conseguem estar tão presentes à escola, devido aos seus ritmos de vida e de trabalho. Ao final, pretendo que a tese confirme se as tecnologias móveis são utilizadas como recursos de aprendizagens nas escolas de EJA e se elas aproximam os educandos da escola.

Capítulo 2

OS OBJETIVOS E A METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 Objetivo geral

Conhecer sobre os usos das tecnologias móveis por professores e educandos da EJA, a partir da escola, para compreender como eles se apropriam dessas tecnologias e as utilizam em seu cotidiano em situações de pesquisa, aprendizagem, comunicação e socialização.

2.2 Objetivos específicos

Na investigação sobre os usos das tecnologias móveis pelos educandos e professores de escolas da EJA, pretendeu-se conhecer melhor sobre:

- Estudos relativos à EJA, à escola, ao avanço das tecnologias, aos usos das tecnologias na sociedade, aos usos da internet, ao letramento digital e à inclusão digital;
- Como os professores e os educandos da EJA utilizam as tecnologias móveis e por que alguns não as utilizam;
- Como é o acesso à internet e as possíveis razões da falta desse acesso;
- Os usos das redes sociais por meios eletrônicos;
- O uso e o não uso das tecnologias móveis na socialização e na busca da aprendizagem pelos educandos e professores da EJA;
- As possíveis relações entre as tecnologias móveis, o cotidiano e a construção do conhecimento dos professores e dos educandos da EJA;
- Como os educandos da EJA interpretam o uso das tecnologias móveis, de forma a contribuir (ou não) na sua vida familiar, profissional, educacional e social;
- Como possibilitar a passagem da simples apropriação para o uso crítico das tecnologias móveis.

2.3 Percurso metodológico

Através desta tese, procuramos conhecer como os professores e educandos da EJA participantes da pesquisa se apropriam das tecnologias móveis e as utilizam em seu cotidiano, tanto em situações de comunicação e socialização, quanto em atividades de pesquisa e aprendizagem, sejam elas escolares ou não. Com a investigação feita nas quatro escolas de EJA foi possível analisar sobre como têm sido os usos das tecnologias móveis nessa modalidade de ensino em diferentes escolas e procurar saber se esses usos são utilizados enquanto recursos didáticos que contribuem na formação dos educandos da EJA. Foi feita a opção por procedimentos de cunho qualitativo. Adiante, estarão explícitos os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento da pesquisa, os participantes, em seus contextos e como é feita a coleta de dados, de forma a dar transparência e confiabilidade aos registros e aos resultados a serem obtidos.

Inicialmente, foram feitas buscas na internet e as palavras chave foram: EJA, EJA trabalho, EJA Belo Horizonte, EJA Minas Gerais, EJA BH, EJA MG, EJA escola, EJA apresentação, EJA digital, EJA rede social. Foram realizadas pesquisas sobre postagens na internet ligadas à EJA, em busca por possíveis escolas a serem investigadas, dentre as sugestões que surgiam nessa procura, quando era verificado se ocorriam mais de uma postagem do mesmo local, para saber se era algo pontual ou recorrente. Essas buscas foram feitas através dos sites Google²² – nas abas de Todas e de Vídeos –, Youtube²³ e Facebook²⁴.

Do que foi encontrado nas buscas pela internet, nada foi recorrente ao ponto de se ter alguma consistência e se considerar como uma escola que tivesse a prática no uso das tecnologias móveis na EJA em seu cotidiano.

²² <https://www.google.com.br>. É o maior site de busca no mundo, que pertence ao grupo de empresas da Google, desenvolvedora de sites, programas e equipamentos.

²³ <https://www.youtube.com.br>. “O Youtube foi lançado em maio de 2005 para que bilhões de pessoas possam descobrir, assistir e compartilhar os vídeos mais originais já criados. O Youtube oferece um fórum para as pessoas se conectarem, se informarem e inspirarem umas às outras por todo o mundo, bem como atua como plataforma de distribuição para criadores de conteúdo original e anunciantes grandes e pequenos.” Disponível em: < <https://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>>. Acessado em: 20 Jul 2016.

²⁴ <https://facebook.com.br>. Através do Facebook as pessoas publicam suas próprias histórias e versões dos fatos ao redor do mundo, podem conectar-se e compartilhar textos, imagens e vídeos. As conversas e opiniões que ocorrem nessa rede social refletem a diversidade das pessoas que usam o Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/communitystandards>>. Acessado em 01 Dez. 2014.

Destarte, foi modificada a maneira de se procurar as escolas a serem investigadas. Passamos a fazer contatos com diversas pessoas que atuam na EJA, perguntando se conheciam alguma experiência institucional, de algum professor ou professora, ou de algum grupo de educandos com o uso das tecnologias digitais.

Outra dificuldade encontrada foi que o trabalho de campo só pode ter início em 2016, pois somente em 09 de novembro de 2015 que foi publicada a aprovação da pesquisa com seres vivos pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, ligado ao Ministério da Saúde. O Projeto de Pesquisa, enviado em dezembro de 2014 ao *Colegiado Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais*, teve a sua aprovação final em 28 de maio de 2015. Imediatamente após, demos o início ao pedido de autorização no CONEP, que demorou alguns meses em sua aprovação.

Quando saiu a aprovação do CONEP, o ano letivo já estava se encerrando e, geralmente, encontramos mudanças nas escolas de EJA de um ano para o outro. A opção foi aguardar o início do próximo ano letivo para iniciar o trabalho de campo e a busca dos sujeitos para a pesquisa. O tempo de espera pela aprovação do projeto de pesquisa no Colegiado e no CONEP provocou atraso de mais de um semestre no cronograma da investigação e impactou no tempo que restou para o trabalho de campo, as transcrições das entrevistas e a elaboração da tese.

No início de 2016, consegui alguns meses de licença de férias prêmio a que eu tinha direito no trabalho, à noite, para aumentar a intensidade da escrita do trabalho e iniciar a busca pelos sujeitos da pesquisa, para que depois fosse a campo, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética. Em 2017, consegui mais dois meses, à tarde, para intensificar a escrita da tese.

Durante o processo de busca por escolas a serem investigadas, fiz alguns contatos por email com a Secretaria Estadual de Educação. A resposta que tive foi:

A escola de Educação de Jovens e Adultos onde existe grande flexibilidade de frequência é o CESEC (Centro Estadual de Educação Continuada). O aluno matricula em qualquer época do ano por componente curricular e estuda através de módulos. Muitos CESEC já utilizam a informática em suas metodologias. Entendo que o CESEC atende sua demanda e serão bons objetos de pesquisa. (Dados do autor).

Foi-me passada uma relação de alguns CESEC da Regional Centro, que engloba as cidades mineiras de Belo Horizonte, Betim, Conselheiro Lafaiete,

Contagem, Divinópolis, Ibirité, Pará de Minas, Ribeirão das Neves, Sete Lagoas e Vespasiano. Contudo, o CESEC trabalha com estudos autônomos feitos pelos educandos, que comparecem às unidades para tirarem dúvidas e fazerem avaliações, conforme conversei com alguns professores que atuam em diferentes unidades desses centros educacionais da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Os vínculos por meio das tecnologias digitais poderiam ser muito esporádicos.

Em 2017 tive uma grata surpresa, quando descobri a pesquisa de Priscilla Teixeira (2017)²⁵ sobre o uso das tecnologias digitais no CESEC do bairro de Caieiras, da cidade vizinha de Vespasiano. Essa investigação iniciou-se com a aplicação de questionários enviados às 103 unidades CESEC do Estado de Minas Gerais, que foram respondidos por 23 deles, até agosto de 2016. Após um reenvio, em setembro de 2016, outras 17 unidades responderam, totalizando 40 unidades. A seguir, Teixeira (2017) acompanhou a unidade de Caieiras, realizando entrevistas com professores e educandos.

Quando tomei conhecimento da investigação de Teixeira (2017), a definição das escolas e a pesquisa de campo para esta tese já haviam se encerrado e não havia tempo hábil para se iniciar um novo trabalho de campo e conhecer de perto essa experiência. Infelizmente, eu não havia localizado essa escola em 2016, quando realizei as pesquisas de campo.

Ao falar dos sujeitos da pesquisa, Teixeira (2017) revela que ela trabalha em uma das unidades do CESEC, que não é a unidade investigada. Mesmo assim, essa condição pode contribuir na busca pela instituição a ser investigada.

Teixeira (2017) destaca que o livro didático é uma tecnologia usada na EJA e, em alguns casos, chega a ser quase a única disponível. Há unidades do CESEC que preferem não utilizar o livro didático e elaboram apostilas. Cada volume da coleção de livro didático possui um CD-ROM de apoio pedagógico e pressupõe que a escola possua algum Laboratório de Informática. Teixeira (2017) avalia que a coleção de livro didático adotada apresenta diversas “*atividades sobre a tecnologia, uso do computador, análise de dados da matemática informacional e outras proposições bem atuais. [...] sugere outras fontes para ampliar os estudos, como livros, filmes, peças e sites.*” (TEIXEIRA, 2017, p. 68). Entre os docentes investigados, alguns utilizam as tecnologias digitais em sala de aula e outros, não.

²⁵ Pesquisa desenvolvida através do Mestrado Profissional em Educação e Docência (Promestre), da FaE da UFMG, orientada pela Professora Doutora Analise DA SILVA, da linha de pesquisa de EJA.

Há certa autonomia para que as unidades do CESEC possam desenvolver o seu material didático.

Teixeira (2017) fala a respeito da trajetória na tecnologia do CESEC de Caieiras, que possui um site da instituição. Isso a motivou a fazer a investigação: *“considero a experiência muito significativa para a unidade que, apesar do grande acesso externo à instituição, possui pouca ou nada de visibilidade pelos pares: os demais CESECs do estado de Minas Gerais.”* (TEIXEIRA, 2017, p. 91). Esse site foi criado a partir de parcerias com o Grupo TEIA²⁶ e o Plug Minas²⁷, com uma estrutura do Google Sites, visando *“potencializar a prática pedagógica com a inovação do site.”* (TEIXEIRA, 2017, p. 92).

O uso de site pelo CESEC, de forma ampliada, ainda não é algo comum. Eu mesmo tive dificuldades na busca de uma instituição escolar pública da rede estadual. Em suas conclusões, Teixeira (2017) aponta que:

Torna-se relevante para a pesquisa a divulgação da história da criação do site do CESEC Caieiras, que seja capaz de dar visibilidade às práticas inovadoras da escola, com o uso da internet. Nesse sentido é fundamental disponibilizar o acesso para as demais unidades, com o intuito de apresentar possíveis usos e aplicabilidades no fazer pedagógico. [...] O site do CESEC Conjunto Habitacional Caieiras – ou ambiente virtual (como os educadores o chamam) - tem uma incrível história. Ela começou em 2004, quando o então diretor, ao assumir a direção da escola, convidou o grupo de docentes para abraçar uma proposta inovadora. (TEIXEIRA, 2017, p. 118-119).

De toda forma, ao selecionar as escolas a serem investigadas, o CESEC não foi o foco de investigação para esta tese. Por isso, ainda em 2016, procurei fazer outros contatos por email, com diferentes escolas e pessoas de Belo Horizonte, que me foram sendo indicadas.

Também fiz contatos com uma professora da RME-BH que me foi indicada por uma pessoa que acompanha o trabalho e a formação de professores de escolas

²⁶ “O TEIA - Territórios, Educação Integral e Cidadania - criado em 2008, na Faculdade de Educação da UFMG, busca ser um núcleo de articulação entre várias ações de pesquisa, ensino e extensão no campo da educação integral e cidadania.” Disponível em: <<http://teiaufmg.com.br/>>. Acessado em: 16 out. 2017.

²⁷ “O PlugMinas – Centro de Formação e Experimentação Digital é um projeto do Governo de Minas Gerais dedicado à juventude. Inaugurado em junho de 2009, por aqui jovens de 14 a 24 anos que estudam ou então se formaram na rede pública de ensino de Minas Gerais e que moram em BH ou Região Metropolitana, participam de atividades nas áreas do empreendedorismo, moda, novas tecnologias, artes e idiomas. [...] Atualmente, sete núcleos estão em funcionamento e todos contam com a parceria de empresas privadas e instituições da sociedade civil para desenvolverem suas atividades.” Disponível em: <<http://www.plugminas.mg.gov.br/portal/paginas/o-que-e>>. Acessado em: 16 Out. 2017.

municipais de EJA dessa rede. Também foram feitos contatos com um professor da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais (REE-MG), que havia postado no Facebook, em 2016, um trabalho com o uso das tecnologias digitais na escola em que ele trabalha. Contudo, não obtive êxito ou um retorno satisfatório nas comunicações com a professora e o professor. Foram várias tentativas de contato que fiz por email, mas só obtive uma resposta da professora, falando que eu poderia ir na escola em que ela trabalha, mas sem informar o dia ou horário e nem o nome e endereço da escola. Tentei essas informações por outras diversas vezes, mas não obtive o retorno. Com o professor, também tentei várias vezes, por email e pelo Messenger, mas obtive apenas uma resposta dizendo que na escola em que trabalha, ele utiliza

de forma bem rasteira as TIC, tanto como recurso didático em sala, quanto fora dela. Eu tenho um canal no Youtube e disponibilizo o canal para meus alunos assistirem ao vídeo que eu passo em sala de aula (todos, inclusive EJA). Temos um site da escola que eu faço manutenção, onde colocamos textos para que os alunos acessem e possam ter mais uma ferramenta nas mãos. Não sei se isso pode te ajudar. (Dados do autor).

Mesmo assim eu tentei ir à escola para conhecê-la, falei do meu interesse, enviei algumas mensagens por email e Messenger, mas não tive mais nenhuma resposta e não consegui ir a essa escola estadual.

Eu também eu fiz contato por email com uma escola municipal que fica na região do Barreiro. Ela me foi indicada durante um curso de formação sobre o uso das tecnologias digitais na escola, ofertado para professores de EJA da RME-BH, em março de 2015. A indicação se deu pelas informações da escola ter um bom trabalho com as tecnologias digitais e com a EJA. Naquele momento eu ainda não havia solicitado a autorização ao CONEP para realizar a investigação de campo, pois aguardava o retorno da aprovação do Projeto e Pesquisa pelo Colegiado da Pós-Graduação da FaE da UFMG. Como a autorização do CONEP só foi conseguida no final de 2015 e deixei para iniciar o trabalho de campo em 2016. Somente em março daquele ano enviei um email para a escola. Em resposta ao email, a Vice-diretora me informou que *“infelizmente este ano não possuímos turmas de EJA na sede, apenas duas turmas externas às quais não desenvolvem esse tipo de trabalho.”* (Dados do autor). A descontinuidade do atendimento na EJA é uma triste realidade, que demonstra a falta de políticas públicas em nosso país, estados e municípios, para essa modalidade de ensino.

Portanto, tive dificuldades nessa busca, pois não encontrava as instituições que usavam as tecnologias digitais em seu trabalho pedagógico na EJA. Dessa forma, foi preciso buscar escolas em que o uso das tecnologias digitais pelos educandos fosse um hábito, mesmo que não fosse um trabalho pedagógico que direcionasse o seu uso.

Após essa mudança de foco, as buscas pelas escolas continuaram e eu encontrei algumas escolas. A partir daí, se iniciaram as observações de campo. Elas foram feitas em quatro escolas, sendo duas privadas e duas públicas. Em função da percepção, enquanto investigador, no campo de pesquisa, a opção foi pela imersão nas duas escolas públicas, por melhor embasar o estudo de caso. As entrevistas nessas quatro escolas também seguiram esse critério, ressaltando que as observações e entrevistas foram realizadas em todas as quatro instituições, que serão caracterizadas no decorrer da pesquisa. Será mantido o sigilo quanto aos seus nomes, para favorecer a participação das escolas, sem revelar ou expor as instituições. Esse foi um dos quesitos que indiquei ao CONEP, para tentar manter a ética na pesquisa envolvendo seres humanos.

Ao investigarmos os sujeitos em situações do seu contexto, abre-se um leque de possibilidades para o levantamento de dados, devido à complexidade de um estudo de caso que envolva diferentes pessoas, instituições e realidades. Esses fatores são determinantes para a escolha da pesquisa qualitativa, que não se referem unicamente ao emprego de alguma técnica ou de alguma habilidade aos métodos, na verdade essa opção se refere a uma pesquisa específica, que se associa “à *primazia do tema sobre os métodos, à orientação do processo de pesquisa e à atitude com que os pesquisadores deverão alcançar seus ‘objetivos’*” (FLICK, 2009b, p. 36).

Ao optarmos pela pesquisa qualitativa, pretendemos conhecer e descrever, de diferentes maneiras, algumas experiências ou fenômenos sociais a partir do seu interior, fazendo análises individuais ou em grupos, que estejam relacionadas às práticas profissionais ou de aprendizagem do cotidiano dos sujeitos investigados. A pesquisa também pode exigir que se conheçam documentos, como textos ou imagens, ou que se examinem as interações e comunicações dos sujeitos da pesquisa, com observações e registros desses atos. Essas abordagens buscam “*esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão*

fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica” (FLICK, 2009a, p. 8), permitindo que o pesquisador possa desenvolver alguns modelos, tipologias ou teorias que consigam descrever e explicar algumas questões sociais. A entrevista é *“um dos métodos mais predominantes da pesquisa qualitativa”* (FLICK, 2009a, p.106).

Esse tipo de pesquisa em educação, de cunho qualitativo, pode assumir diversas formas em diferentes contextos e também pode agrupar múltiplas estratégias de investigação. Conforme Bogdan e Biklen (1994), *“as estratégias mais representativas da investigação qualitativa (...) são a observação participante e a entrevista em profundidade”* (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.16). Essas estratégias são as mais utilizadas neste trabalho. Para as entrevistas, *“a amostragem é orientada a encontrar as pessoas certas – as que tornaram a experiência relevante para o estudo. Na maioria dos casos, a amostragem é intencional”* (FLICK, 2009a, p. 108).

Para conduzir a investigação foi realizado um estudo de caso, a partir dos usos das tecnologias móveis pelos sujeitos inseridos em suas respectivas escolas. A intencionalidade é conhecer em que situações os educandos da EJA utilizam essas tecnologias para realizarem pesquisa, aprendizagem, comunicação e socialização, relacionadas às escolas em que eles frequentam as aulas. Assim, procuramos descobrir como as tecnologias móveis poderão contribuir, enquanto recurso didático na formação desses educandos.

A abordagem qualitativa na investigação possui características próprias, o que não exclui a análise de dados quantitativos, pois uma opção não elimina a outra. Flick (2009a) cita algumas pesquisas, em que são utilizados métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos ao mesmo tempo, facilitando a triangulação ao combinar estratégias combinadas e complementares de pesquisa, podendo também propiciar novas formas de comparação entre os eventos do estudo. A triangulação se tornou fundamental para articular diferentes métodos qualitativos ou com dados quantitativos (FLICK, 2009b). Esse autor também destaca que os procedimentos adotados em uma pesquisa qualitativa, na maioria dos casos, *“usa o texto como material empírico (em vez dos números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, [...] em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo”* (FLICK, 2009a, p. 16). Como possibilidades

de triangulação, focando um caso único, “*as mesmas pessoas são entrevistadas e preenchem um questionário, sendo suas respostas comparadas entre si, reunidas e relacionadas umas às outras para análise*” (FLICK, 2009b, p. 45).

Para conhecer alguns estudos de caso, recorri a Oliver Sacks (1995), que foi médico, escritor e professor de neurologia. Ele trouxe grandes contribuições para entendermos a importância dos estudos de caso. Nas sete narrativas presentes em sua obra “*Um antropólogo em Marte*” (SACKS, 1995), ele fala sobre a natureza e a alma humana, ao analisar as pessoas com problemas neurológicos, como indivíduos únicos e vivendo em seu mundo. O médico e escritor estuda a identidade, a realidade e os mundos interiores desses sujeitos, procurando entender como o cérebro funciona, já que não consegue compreender como eles constroem seus mundos apenas pelas observações de comportamento, de uma visão externa.

Sacks (1995) fala de como a ciência é interpretada algumas vezes: ao se estudar uma pessoa, por exemplo, esse estudo é feito de forma desumanizada, como se fosse um inseto, distanciando-se do sujeito, ao ponto do cientista falar de um tipo como se fosse diferente dele.

Para se fazer a exploração das identidades desses pacientes, Sacks (1995) revela que não conseguiria, caso tentasse fazê-la inteiramente de dentro de um consultório. Por isso, é preciso conhecer o modo de vida desses sujeitos. Ele cita o exemplo do pai dele, médico clínico geral, que não abria mão da realização das consultas a domicílio, mesmo aos noventa anos de idade. O trabalho em campo era de grande importância para Sacks realizar seus estudos de caso, que o levou a deixar de lado seu jaleco branco e os hospitais em que trabalhara por 25 anos. Ele passou a pesquisar a vida de seus pacientes no mundo real, se colocando enquanto parte, como se fosse um naturalista, um antropólogo ou um neuroantropólogo, como se classificava pelo trabalho desenvolvido em campo, fazendo visitas em domicílio de seus pacientes.

Um dos estudos de caso publicado por Sacks (1995) foi “*O caso do pintor daltônico*”, da década de 1980, que o levou a pesquisar sobre casos comuns e raros de daltonismo para procurar compreender o que se passava com seu paciente que era um artista e passou a não reconhecer cores após um acidente automobilístico. Além de acompanhar seu paciente em algumas situações de sua vida real, Sacks (1995) realizou uma grande pesquisa sobre vários outros casos de daltonismo ao

longo da história médica, procurando comparar e entender o caso específico que ele possuía naquele momento.

Em outro estudo de caso realizado por Sacks (1995), sobre algumas pessoas que passaram por condições neurológicas, foi necessário fazer uma pesquisa sobre a doença e a realização de um estudo da identidade e dos mundos interiores que são criados pelos cérebros dos pacientes, que não conseguem ser compreendidos em sua totalidade apenas pela observação do comportamento dos indivíduos.

Quando Sacks (2015) trabalhou em um hospital para doentes crônicos no Bronx e pode escrever a obra "*Tempo de despertar*". O autor declarou que se sentia fascinado por seus pacientes e, por isso, se dedicou a uma missão de contar as suas histórias, relatando situações que eram quase desconhecidas e até inimagináveis pela população em geral e até mesmo por outros médicos. Ao realizar estudos de casos, Sacks (2015) admite que se tornou um contador de histórias, com narrativas médicas de casos neurológicos que ele acompanhou.

Para a construção desta tese, foi realizado um estudo de caso exploratório, com a imersão nas escolas selecionadas e em outros espaços que a investigação exigiu, para tentar explicar como e quando os usos das tecnologias móveis estão relacionados ao trabalho pedagógico das escolas de EJA em que estudam os educandos, possibilitando a interpretação dos dados levantados, a partir de outros estudos e uma bibliografia selecionada, ligados ao tema investigado.

Conhecer um pouco sobre os estudos de caso de Oliver Sacks contribuiu para organizar melhor este trabalho. De acordo com Yin (2003), o estudo de caso é uma dentre diversas maneiras de se fazer pesquisas em Ciências Sociais, assim como há outras estratégias de se realizar pesquisas, como os experimentos, as pesquisas históricas, os levantamentos de dados e as análises a partir de informações de outros dados armazenados em arquivos. É importante saber selecionar a estratégia mais adequada, pois cada uma delas possui vantagens e desvantagens, que são próprias de cada uma. A preferência pela opção do estudo de caso geralmente se dá "*quando se colocam questões do tipo 'como' e 'por que', [...] e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real*" (YIN, 2003, p. 19). Sendo possível complementar a pesquisa com outros estudos, dos tipos explanatórios e descritivos. O autor orienta para que se tenha "*muito cuidado ao projetar e realizar estudos de casos a fim de*

superar as tradicionais críticas que se faz ao método” (YIN, 2003, p.19) e fiquei atento a isso durante o processo investigativo e na elaboração da tese.

Neste estudo de caso, ao analisar sobre o como e o porquê da escolha daquilo que foi investigado, podemos destacar a atenção dada aos usos dessas tecnologias pelos educandos e professores que participaram da pesquisa, em situações de aprendizagem, comunicação e socialização, relacionadas à escola em que estudam, além de se descobrir algumas das razões da escolha dos sujeitos de, em determinadas situações em que há a possibilidade dos usos dessas tecnologias, optarem ou não pelo uso delas em sua formação.

A caracterização dos estudos de casos, conforme Alves-Mazzotti (2006), não se dá simplesmente por serem desenvolvidos em um único local, seja uma sala de aula ou uma escola, nem mesmo por incluírem um número pequeno de sujeitos, pois uma escola escolhida para a pesquisa não seria considerado um “caso” apenas por estar disponível à coleta de dados. É importante explicitar o porquê da escolha, no que há de especial naquele local em relação a outros. Isso não se faz apenas por um questionário ou uma simples entrevista, de forma superficial. Por isso, a priori, não podemos interpretar que, pelo fato de lidar com uma ou poucas unidades de pesquisa, será uma investigação mais fácil. Muito pelo contrário, precisa explicitar a complexidade encontrada a partir dessa escolha para que, a partir da caracterização dos estudos de caso qualitativos, possa haver algum tipo de generalização naquilo que é comum, assim como criar algum tipo de aplicabilidade da pesquisa realizada em outros contextos. Ao falar das quatro escolas investigadas, descreverei o porquê das escolhas.

Em uma das escolas investigadas, por exemplo, a observação se deu em uma turma de alfabetização. A entrevista foi realizada com a professora dessa turma e uma educanda que já sabia ler e escrevia com algumas dificuldades. Foram descobertas de grande qualidade, que ajudaram a conhecer um pouco sobre esse universo dos usos das tecnologias móveis pelas pessoas na fase inicial de alfabetização. Contudo, em relação ao tempo total da pesquisa de campo, foi um trabalho em que foi dedicado menos tempo para o estudo de caso. O processo de alfabetização da educanda foi analisado à luz das possibilidades de usos das tecnologias digitais.

Usei nomes fictícios para as escolas e as pessoas observadas e entrevistadas, procurando tentar garantir o anonimato e a integridade dos entrevistados e das escolas observadas. Para as professoras, educandos e educandas fazem referências a algumas pessoas que contribuíram para o avanço das tecnologias. Para os nomes das escolas, fiz referências a pessoas de grande importância e ligadas à educação. As tabelas a seguir mostram as escolhas:

Tabela 1: Nomes fictícios das pessoas entrevistadas.

Nomes dos sujeitos da pesquisa	
Nomes fictícios	Justificativas
Amália	Amalie Auguste Melitta Bentz se destacou por ter criado o filtro descartável, feito em papel, usado para coar café.
Grace	Grace Hopper se destacou por ser programadora do computador Mark I, na década de 1940, um imenso computador eletromecânico, que pesava 5 toneladas e media 17 metros de comprimento.
Heidy	Hedy Lamarr se destacou por criar uma tecnologia para controlar à distância a emissão de torpedos. Essa tecnologia veio dar origem ao GPS e à telefonia móvel usados hoje.
Catharina	Katharine Burr Blodgett se destacou por criar um vidro extremamente fino, quase invisível, usado em câmeras de vídeo para cinema, telescópios e microscópios.
Maria	Mary Anderson se destacou por criar o limpador de para-brisa.
Tomás	Thomas Newcomen se destacou por criar a máquina a vapor no final do século XVII.
Alberto	Alberto Santos Dumont se destacou por ter criado o avião.
Estéfane	Stephanie Kwolek se destacou por criar uma fibra sintética muito fina e resistente, que veio a ser usada em colete à prova de bala.
Alan	Alan Turing se destacou por criar o computador, além de ser um exímio codificador e decodificador de mensagens.
Leonardo	Leonardo da Vinci se destacou por projetar diversas invenções no campo da mecânica.
Nícolás	Nikola Tesla se destacou por criar o motor à combustão.
Tábata	Tabitha Babbitt se destacou por criar a serra circular.
Cibebe	Sybill Masters se destacou por criar o moinho de milho.
Ada	Ada Lovelace se destacou por ser uma das primeiras programadoras de computador. Trabalhou com a máquina analítica de Charles Babbage.
Shirlei	Shirley Ann Jackson se destacou por ser uma mulher negra, com doutorado em Física, na década de 1970. Construiu a tecnologia para a construção da fibra ótica.
Alice	Alice H. Parker, mulher negra, se destacou por criar um sistema de aquecimento a gás.
Nanci	Nancy Johnson se destacou por construir uma máquina para fazer sorvete sem o uso de energia elétrica, pois usava gelo e sal para gelar o recipiente e uma manivela para misturar os ingredientes.

Ana	Ann Tsukamoto se destacou por conseguir isolar as células tronco.
-----	---

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos da internet em diversos sites.

Tabela 2: Nomes fictícios das escolas investigadas.

Nomes das escolas da pesquisa	
Nomes fictícios	Justificativas
Escola Federal Alaíde Lisboa de Oliveira (EFALO)	Alaíde Lisboa foi pedagoga, jornalista, escritora e política. Nasceu na cidade de Lambari (MG) em 1904 e faleceu em Belo Horizonte, em 2006. Na literatura infantil, algumas de suas obras mais famosas foram “ <i>A Bonequinha Preta</i> ” e “ <i>O Bonequinho Doce</i> ”. Alaíde foi a primeira mulher eleita vereadora em Minas Gerais, em 1949, na cidade de Belo Horizonte. Depois, trabalhou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi professora emérita nessa universidade, diretora do Colégio de Aplicação da Universidade, vice-diretora da Faculdade de Educação (FaE) e ajudou a organizar o mestrado nessa faculdade, veio ser professora das Pós-Graduações da FaE e na Faculdade de Medicina
Colégio Paulo Reglus Neves Freire (CPRNF)	Paulo Freire foi advogado, professor e escritor. Nasceu em Recife (PE), em 1921, e faleceu em São Paulo, em 1997. Foi reconhecido como Patrono da Educação Brasileira, por meio da Lei Federal nº 12.612, de 13/04/2012. É o mais notável pensador brasileiro sobre educação. O livro “ <i>Pedagogia do Oprimido</i> ”, publicado pela primeira vez em 1967, quando Freire estava no exílio devido ao golpe de Estado no Brasil de 1964, é a obra mais conhecida de Freire.
Colégio Emilia Beatriz Maria Ferreiro Schavi (CEBMFS)	Emília Ferreiro é psicóloga e pedagoga, nasceu em 1936, em Buenos Aires, Argentina, trabalhou com Jean Piaget, foi radicada no México após o golpe de Estado na Argentina de 1977. Ferreiro trouxe grandes contribuições na aprendizagem da leitura e de escrita de crianças, com grande influência na educação brasileira.
Escola Municipal Álvaro Vieira Pinto (EMAVP)	Álvaro Vieira Pinto foi professor e escritor. Formou-se em medicina, realizando estudos e pesquisas em laboratórios. Logo depois, também se formou em Física e Matemática. Nasceu na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), em 1909, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1987. Foi amigo de Paulo Freire. Atuou como filósofo, tradutor, professor e pesquisador. Chefiou o Departamento de Filosofia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Esteve no exílio, devido ao golpe de Estado no Brasil, de 1964. Em 1968, voltou ao Brasil. O livro “ <i>Perfil do Futuro</i> ”, de Arthur C. Clarke, foi traduzido por Álvaro Borges Vieira Pinto, em 1970. Em 1982, publicou o livro “ <i>Sete Lições Sobre a Educação de Adultos</i> ”, que foi resultado de conferência que ele proferiu no Chile em 1966, enquanto estava no exílio. Essas duas obras são usadas nesta Tese.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos da internet em diversos sites.

A EFALO foi fundada em 1954, em cumprimento a um decreto federal de 1946, que determinava que as Faculdades Federais de Filosofia deveriam manter uma escola destinada à prática docente dos estudantes matriculados em seus cursos de Didática. Ao longo dos anos ocorreram várias reformulações no seu atendimento escolar. Hoje, dentre os objetivos do Ensino Fundamental dessa escola, estão: a investigação para a produção do conhecimento, do ensino e da pesquisa; ser um espaço para reflexão e investigação sobre a prática pedagógica; ser um espaço de novas experimentações pedagógicas, para subsidiar avanços e reflexões sobre a prática educativa; ser um campo de estágio para estudantes da Licenciatura e da Graduação da UFMG.

Os professores e professoras que atuam na EFALO são estudantes da Graduação da UFMG, que passam por um processo seletivo para atuarem como bolsistas na EJA. A escola funciona em um prédio de dois andares. As salas de aula, a cantina, a quadra esportiva e os banheiros dos educandos ficam no térreo. As salas das equipes docentes, sala de reuniões e outros ambientes ficam no 2º andar. A cantina não funciona à noite para os educandos da EJA. A Biblioteca funciona de segunda-feira a quinta-feira, de 8:00 às 21:30 horas e, às sextas-feiras, de 8:00 às 18:00 horas. As aulas acontecem de segunda-feira a quinta-feira, de 18:00 às 21:00 horas com algumas turmas e de 19:00 às 22:00 horas com outras turmas.

Na EFALO há um telecentro comunitário, doado pelo Ministério das Comunicações, para se tentar promover a inclusão digital dos estudantes e da comunidade em geral, que está instalado no segundo andar do prédio, conta com o auxílio de um monitor durante o período de funcionamento, de segunda-feira à sexta-feira, de 11:30 às 18:30 horas. Portanto, não atende aos educandos da EJA em seus horários de estudo. Há um grande caminhão estacionado na escola, que é o Museu Itinerante PONTO UFMG, que é adaptado em uma unidade móvel destinado a atender escolas e cidades de Minas Gerais. Eu não o vi funcionando à noite, no horário em que os educandos da EJA estudam.

A EFALO possui um site, com diversas informações sobre o seu funcionamento. Contudo, é muito direcionado para informações do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental diurno, destinado a crianças e adolescentes. É difícil encontrar informações sobre a EJA. O Manual de Normas e Regras, por exemplo, é destinado às crianças, adolescentes e suas famílias.

No segundo semestre de 2016, foi possível encontrar o edital do processo seletivo da EFALO para os educandos da EJA para 2015 e o seu calendário anual para 2014. Em outro espaço, há outro calendário para o ano de 2016, com 61 dias letivos no primeiro semestre e 64 dias no segundo. No edital do processo seletivo de 2014, para os educandos estudarem em 2015, as inscrições para o “*Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos*”, 2º Segmento (anos finais) poderiam ser feitas pelos candidatos que fossem maiores de 18 anos, que já tivessem terminado as séries iniciais do Ensino Fundamental e não concluído esse nível de ensino. Foram oferecidas 100 vagas, para formarem três novas turmas. Os candidatos inscritos seriam submetidos a uma prova de leitura, interpretação e compreensão de textos e de conhecimentos matemáticos, além de uma entrevista. Para o preenchimento das vagas, o site destacava que seriam observados com rigorosidade a longevidade dos candidatos e o maior tempo de afastamento do sistema escolar. Caso os candidatos não conseguissem demonstrar as habilidades mínimas para o prosseguimento aos seus estudos no Segundo Segmento, eles seriam encaminhados para matricular-se no Primeiro Segmento do Ensino Fundamental, nas séries iniciais. Os candidatos selecionados seriam organizados em turmas de acordo com a disponibilidade de cada um, para frequentar aulas nos horários de 18:00 às 21:00 horas ou de 19:00 às 22:00 horas. A entrevista seria destinada a oferecer aos educandos maiores informações sobre o curso e também para se coletar dados a respeito da trajetória escolar de cada um e os contatos para casos de urgência. Para a matrícula eram exigidos o preenchimento de uma ficha, o Termo de Consentimento de Uso de Imagem e Voz, a apresentação de original e fotocópia do documento de identidade do candidato (não se aceitando a Carteira Nacional de Habilitação como um documento de identificação), o comprovante de endereço e do Cadastro de Pessoa Física (CPF), além três retratos 3 x 4.

Pelo site da EFALO também podemos encontrar informações a respeito do Setor de Informática e Recursos Tecnológicos, que congrega os serviços relacionados às tecnologias digitais do colégio, que vai além do papel técnico e administrativo, pois assume responsabilidades pedagógicas, como a gestão do *Moodle* da escola. Esse setor também é responsável por atividades e ações na escola, como: manutenções nos computadores e na rede; digitalização de documentos, textos e imagens; empréstimo de equipamento de audiovisual e de

informática; gestão do site e da fan page do Facebook oficiais da escola; gestão e manutenção do laboratório de Informática e do Telecentro Comunitário, em parceria com a Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL); treinamentos e capacitação de softwares educativos, administrativos e da gestão da educação; dentre outros.

Pesquisando as páginas de informes gerais, que constam no site da EFALO, encontrei a chamada para o “*III Seminário Universidade e Educação de Jovens e Adultos - 30 anos de EJA na UFMG: sujeitos e suas perspectivas*”, que ocorreu de 16 a 20 de maio, sempre às 19h, no Auditório Neidson Rodrigues da Faculdade de Educação da UFMG. O evento foi aberto, gratuito e do qual eu participei na noite do dia 19, assistindo ao debate em uma mesa redonda. Em continuidade às comemorações dos 30 anos da EJA na escola, também assisti, no mesmo local do III Seminário, à palestra “*Perspectiva de Formação em Residência Docente*”, com o Professor António Nóvoa, da Universidade de Lisboa, Portugal. Foi nesse evento que me despertou o interesse em investigar a escola, pois percebi que alguns educandos usavam tecnologias digitais durante o seminário para registrar o evento por meio de fotos e vídeos.

O CPRNF tem como mantenedora uma congregação de irmãs com o nome de um santo católico²⁸, há mais de 65 anos. Atua na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio na preparação para o vestibular e na EJA. É uma escola católica, com formação para a Catequese. Porém, em seu site é informado que a instituição escolar respeita a liberdade religiosa da família e que o Ensino Religioso é trabalhado de forma ecumênica. As famílias que são católicas podem optar para a preparação da 1ª Eucaristia e da Crisma através da escola. Sua infraestrutura oferece laboratório de Informática, laboratório de Ciências, biblioteca com espaço de leitura e pesquisa, salas de multimeios, lousas digitais, teatro, quadras poliesportivas e playground.

O CEBMFS é uma escola católica, fundada em 1928, e pertence a uma rede de colégios católicos. Tem origem em um instituto de religiosas, que fora fundado

²⁸ A Congregação foi fundada no Sul da Itália, por um beato, em 1878. Atualmente, as irmãs dessa congregação estão presentes em 17 países: Itália, Estados Unidos, Brasil, Chile, Zâmbia, Índia, Filipinas, Malawi, África do Sul, Canadá, Polônia, Argentina, México, Madagascar, Coreia do Sul, Moldavia e Camarões. As obras da Congregação se estendem no Brasil por Itapeceira-MG, Belo Horizonte-MG, Aparecida do Taboado-MS, Brasília-DF, Paranoá-DF, São Bernardo do Campo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Mandaguari-PR, Juatuba-MG e Ribeirão das Neves-MG. Acessado no site da instituição em: 26 Set. 2016.

por um padre e uma irmã franceses, no país deles, em 1849. A EJA do CEBMFS funciona com o nome de Curso Noturno Bom Jesus²⁹, cujo objetivo é o de promover uma educação que seja inclusiva e que possa viabilizar a cidadania e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, ao mesmo tempo em que se estabelece uma relação dinâmica com o entorno social da escola. O Curso de propõe a valorizar as histórias e as experiências de vida de seus educandos, considerando os seus conhecimentos prévios. As aulas acontecem de segunda-feira a sexta-feira, entre 18:30 e 21:30 horas. A instituição é confessional, não cobra mensalidades escolares e faz uma seleção na admissão dos educandos, mediante entrevista. O uniforme, fornecido pela instituição, deveria ser obrigatório, mas nem todos usam. O material escolar e o lanche também é cedido pelo Colégio. A presença de filhos e netos durante as aulas era proibida até 2015, mas está permitida em 2016, quando necessário. Para a aprovação de uma série para outra, são necessários 75% de frequência e 60% no aproveitamento das atividades avaliativas. Nas atividades realizadas extraclasse, os educandos podem participar de aulas de Informática e de Música, como complementação da carga horária, que são ofertadas gratuitamente, uma hora antes do início das aulas, em dois dias semanais. A biblioteca é usada em aula pelos educandos, junto com a sua professora, podendo fazer empréstimos de livros.

A EMAVP iniciou suas atividades em 1991, quando atendia educandos adultos, que eram funcionários da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e da Fundação Hospitalar de Minas Gerais, em sua maioria. No começo eram vinte turmas, funcionando à noite. Os horários dos turnos são: 07:10 às 11:40 horas, 13:10 às 17:40 horas e 17:45 às 22:15 horas. O número de turmas depende de autorização da SMED, observada a demanda dessa escola municipal, que atende exclusivamente na modalidade de EJA, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Ela é a única escola da RME-BH que permaneceu atendendo ao Ensino Médio³⁰. O corpo docente da escola é composto por professores municipais concursados, cuja jornada semanal de trabalho é de 22:30 horas.

²⁹ Nome fictício.

³⁰ Os dados referentes ao atendimento do Ensino Médio na RME-BH não estão disponíveis no site da SMED e da PBH. Foi feita uma pesquisa minuciosa, em 12 e 13 de novembro de 2016, sem que esses dados estivessem revelados. Enviei email para a SMED solicitando essa informação, sem resposta. Nos dados do Censo Escolar de 2015, do INEP, não constam matrículas no Ensino Médio em Belo Horizonte. Na ferramenta “Cidades”, do IBGE, também não constam docentes, escolas ou matrículas no Ensino Médio na RME-BH. Contudo, no site da PBH constam 279 matrículas no Ensino

A investigação de Clarice Pinho (2016) nessa mesma escola, detalha um pouco mais as especificidades dos diferentes turnos da EMAVP:

No primeiro mês de observação destacamos a predominância do público jovem no período da manhã, a mistura de jovens e adultos no horário noturno e a particularidade do turno da tarde que mais nos chamou a atenção: além de jovens e adultos, um maior número de idosos e pessoas com necessidades especiais. A idade mínima para matrícula na EMZ é de 15 anos completos para o Ensino Fundamental e 18 anos completos para o Ensino Médio. (PINHO, 2016, p. 102).

Na EFALO, foram entrevistados os educandos Alberto, Alice, Nanci e Tomás, além das professoras Ada e Amália, todos do Ensino Fundamental. No CPRNF, foram entrevistados os educandos Cibele, do Ensino Fundamental, e Leonardo, do Ensino Médio, além da professora Ana, do Ensino Médio. No CEBMFS, foram entrevistadas a educanda Tábata e a professora Maria, ambos do Ensino Fundamental. Na EMAVP, foram entrevistados os educandos Alan, Estéfane e Nicolás, além das professoras Catharina, Grace, Heidy e Shirlei, todos do Ensino Médio.

O uso de questionários, com algumas questões padronizadas aplicados a um pequeno grupo de pessoas, serviu para comparar informações entre os sujeitos investigados. Quando se utiliza esse procedimento em grande escala, podemos interpretar os dados para análise como um instrumento de pesquisa quantitativa. Contudo, optamos por utilizarmos um pequeno questionário, que foi elaborado para se obter as formações iniciais e montar um banco de dados e, depois, selecionarmos os sujeitos da pesquisa para um posterior diálogo nas entrevistas.

O questionário foi preenchido por quase todos os sujeitos entrevistados, além de alguns observados e não entrevistados dessas escolas. Os dados contribuíram para se saber sobre quais são as suas faixas etárias, quais educandos e professores têm o hábito de usarem ou não as tecnologias digitais, com o que eles as utilizam, se os educandos trabalham e fazem uso das tecnologias digitais no local de

Médio em 2014 e não há dados de 2015. Não localizei informações referentes a 2016. Contudo, na escola investigada, há a oferta do nível de Ensino Médio na modalidade de EJA e é a única escola da RME-BH que oferta a modalidade de EJA para essa etapa da Educação Básica. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resultado/2015/2015_resultados_finais_censo_escolar_anexo_1.xlsx>, <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=310620&idtema=156&search=minas-gerais|belo-horizonte|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2015>>, <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=edu_t019b.xls>, <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=edu_t021b.xls>, <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=edu_t002b.xls>. Acessado em: 13 Nov. 2016.

trabalho, quais usos fazem na escola e fora dela, se aceitariam participar da entrevista. As respostas aos itens desse questionário e as observações feitas nas escolas ajudaram a definir as pessoas a serem entrevistadas.

O mais comum, em relação aos estudos de casos, é quando se focaliza apenas uma unidade de pesquisa, seja um indivíduo, um pequeno grupo, uma instituição, um programa de assistência ou mesmo um evento. Contudo, também podem ocorrer estudos de casos que podem ser entendidos como múltiplos, já que *“vários estudos são conduzidos simultaneamente: vários indivíduos (como, por exemplo, professores alfabetizadores bem-sucedidos), várias instituições (diferentes escolas que estão desenvolvendo um mesmo projeto)”* (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p.640-641).

Em uma das escolas privadas, a CEBMFS, a escolha da professora a ser entrevistada foi feita antes do pedido de anuência e minha ida à instituição, pois eu já havia feito um prévio contato com essa professora. A escolha se deu por meio da indicação de outra pesquisadora, que conhecia o seu trabalho e esta pesquisa. A educanda foi escolhida com base nas observações feitas em sala de aula e na opinião da professora, que conhecia melhor a turma. Observei que essa escola não seria um local muito interessante para se fazer uma imersão de campo para este estudo de caso, pois os educandos estavam em processo inicial de alfabetização e o uso das tecnologias digitais ainda era muito incipiente. O tempo total de observação foi de 4 horas e 25 minutos. As duas entrevistas duraram 1 hora e 50 minutos, ao todo.

Além do pequeno questionário para se conhecer um pouco dos sujeitos observados, havia a previsão do preenchimento de um segundo questionário para se conhecer com mais profundidade a escola e as pessoas entrevistadas. Ele foi aplicado na primeira escola em que foi realizada a pesquisa empírica. Contudo, ao analisar o questionário e a primeira entrevista realizada, deu para perceber que o questionário não iria acrescentar muita coisa às entrevistas, pois estas teriam uma maior profundidade e detalhamento, o que levou a abandonar a ideia do preenchimento do segundo questionário. Como ele tinha muitas folhas, devido ao fato de haverem várias opções de respostas fechadas, avalei que isso poderia levar a certa indisposição com as pessoas escolhidas para o preenchimento. Nas escolas visitadas depois desta primeira, mesmo o pequeno questionário inicial já causava

alguma dificuldade no recebimento dos mesmos, especialmente por parte de algumas professoras.

Enquanto pesquisador, eu procurava deixar os sujeitos bem à vontade, para criar um ambiente de possibilidades e evitar as situações de embaraço e indisposição. Avalio que essa postura contribuiu para que o investigador e os investigados entrassem em uma sintonia propícia ao trabalho empírico.

Na outra escola privada, a CPRNF, a escolha da professora foi feita a partir da disponibilidade oferecida pela escola, pois havia um horário, em um dia da semana, em que a professora não tinha aula e ficava dentro da escola para o horário seguinte. Concordei com a indicação, pois eu já havia observado na sala dos professores e vi que ela tinha o hábito de usar o smartphone. Além desse fato, eu também já havia conversado informalmente com ela, no primeiro dia em que fui à escola tratar com a coordenação sobre a possibilidade de realizar a pesquisa naquela escola. A professora estava na sala dos professores naquele momento e também participou da conversa. Como eu fiquei pouco tempo em observação de campo naquela instituição, as escolhas do educando e da educanda foram feitas a partir das indicações dos professores, em conversa na sala dos professores.

O tempo que permaneci no CPRNF foi breve, pois a rotina na escola não me indicava, a priori, que eu conseguiria permanecer por um tempo adequado de imersão em campo. Optei por conhecer outras escolas, que já estavam previstas para dar o início das observações de campo. O tempo total de observação foi de 7 horas e 50 minutos. As três entrevistas duraram 1 hora e 40 minutos, ao todo.

O interesse na EFALO surgiu a partir de um seminário ocorrido na FaE da UFMG, no primeiro semestre de 2016, em que ouvi relatos informais de alguns educandos que utilizavam as tecnologias digitais. Depois disso, fiz contato com a escola, por email, com o pedido de anuência para a pesquisa. Houve um pouco de demora no retorno e procurei a escola pessoalmente, apresentei a proposta de trabalho de campo e logo a seguir recebi a autorização para acompanhar a escola pelo tempo que fosse necessário. A previsão inicial era de até dois meses de observação. O tempo total de observação foi de 27 horas e 15 minutos. As seis entrevistas duraram 3 horas e 16 minutos, ao todo.

A escolha da escola pública de RME-BH, a EMAMP, se deu em função de a escola funcionar exclusivamente com EJA, nos três turnos. Avaliamos que haveria

uma maior chance de se encontrar os sujeitos que buscávamos. Já havia o interesse de incluirmos pelo menos uma escola municipal de Belo Horizonte, já que é nessa rede que acontece a maior oferta de EJA na cidade. Além disso, eu havia feito contato com outra pesquisadora e ela havia me informado da possibilidade dessa escola ser escolhida enquanto objeto de pesquisa, de acordo com o que procurávamos. Enviei email para a direção da escola e agendei um horário para apresentar a proposta de trabalho. Houve concordância e apoio da direção, mas o meu acesso só foi possível após aprovação da SMED. A direção fez a solicitação ao órgão responsável pela EJA nas escolas municipais. Permaneci na escola o tempo necessário para concluir a investigação de campo. O tempo total de observação foi de 39 horas e 15 minutos. As sete entrevistas duraram 3 horas e 49 minutos, ao todo.

Nessas duas escolas públicas, as escolhas das pessoas que foram entrevistadas se deram a partir das observações de campo e dos questionários preenchidos por eles. As respostas no documento possibilitaram escolher um educando e uma professora com pouco hábito de uso das tecnologias digitais, além dos demais que possuíam esse costume.

De acordo com Flick (2009b), ao traçar um plano de pesquisa, podemos trabalhar com um método entendido tradicionalmente como quantitativo – como um questionário – associado com o que entendemos por qualitativo – como as observações em entrevistas – que podem ser planejados conjuntamente. A exploração do campo de pesquisa é uma característica qualitativa, enquanto o questionário pode ser entendido como um procedimento da pesquisa quantitativa, que terá depois o seu aprofundamento e a avaliação dos dados na forma qualitativa. Dessa forma, podemos interpretar que, em grande parte, a investigação será de cunho qualitativo. Por isso, podemos classificá-la como uma pesquisa qualitativa. Nesta investigação, o uso do questionário trouxe informações importantes.

A transformação de dados quantitativos em dados qualitativos pode se dar “a partir do uso explícito de métodos adicionais, tais como entrevistas complementares em parte da amostra [...] e observações de campo” (FLICK, 2009b, p. 45-46). Na triangulação de dados, esses procedimentos necessitam convergir e dar sustentação à elaboração das conclusões da pesquisa ou se contrapor a elas, o que foi feito.

O objetivo das observações livres e das entrevistas semiestruturadas foi: conhecer como os sujeitos da pesquisa fazem uso dessas tecnologias, quais as facilidades e as dificuldades que encontram no seu manuseio, se o uso das tecnologias digitais começa na escola e desperta o interesse no educando ao ponto de ele usar essas tecnologias para pesquisar a respeito daquilo que se está aprendendo, se incorpora e agrega conhecimentos, qual o retorno para a sala de aula, se os usos dessas tecnologias conseguem trazer o educando para a escola, como e o que é aprendido por meio das tecnologias digitais, se o que é trabalhado é exigido na escola.

A adoção da observação como procedimento investigativo foi para se obter informações das realidades dos educandos e dos professores, no que tange aos usos das tecnologias digitais, com o objetivo de produzir conhecimentos relacionados à escola. A observação se deu em sala de aula, na maioria das vezes, mas também ocorreu em outros espaços da escola, procurando compreender como é o uso dessas tecnologias. Houve o cuidado para evitar a interferência no processo educativo.

As observações foram livres e assistemáticas, sem um prévio controle do que seria observado, para se fazer o levantamento das possibilidades de uso das tecnologias digitais. Depois de se observar o frequente uso ou o não uso dos smartphones pelos sujeitos da EJA, eu comecei a fazer uma observação participativa, mais sistematizada, em busca de determinados usos mais específicos das tecnologias móveis, que estivessem ligados ao cotidiano do fazer pedagógico da sala de aula, tendo o cuidado de não viciar o olhar sobre a observação. A partir dessas observações percebi que o estudo de caso se passava em torno do uso das tecnologias móveis presentes nas salas de aula da EJA nas escolas investigadas. Foi no processo da investigação empírica que o objeto de estudo se tornou evidente e o título da tese se materializou.

A entrevista foi semiestruturada, com um roteiro do que se pretendia conhecer. Também houve tempo para se deixar a entrevista transcorrer um pouco mais livre, com algumas intervenções, para se conhecer melhor as possibilidades de usos das tecnologias digitais que estejam relacionados à escola. Esse procedimento foi feito pessoalmente pelo pesquisador, face a face, para que pudessem ser observadas as expressões corporais e reações dos entrevistados. Foi dada bastante

atenção aos sujeitos investigados, com a devida paciência, sabendo ouvi-los, respeitando seus momentos de silêncio, sem insistência para que tivessem sempre alguma resposta de imediato. As perguntas foram reformuladas quando havia a necessidade da adaptação. Quando as respostas não ocorriam, quando era de desejo do sujeito entrevistado, não havia insistência na questão.

São exigidas algumas habilidades para a realização de estudos de casos, como: saber fazer boas perguntas e interpretar as respostas obtidas; ser um bom ouvinte e não se deixar ser levado por suas próprias ideologias e preconceitos; ser adaptável e flexível às situações imprevistas, transformando-as em oportunidades, ao invés de motivos para constrangimento; ter clareza daquilo que está sendo estudado, mesmo que de um modo exploratório; ser imparcial mesmo em relação a noções preconcebidas ou a uma teoria; estar aberto a provas contraditórias (YIN, 2003).

Com relação aos educandos investigados, Flick (2009a) nos fala da necessidade de estarmos conscientes da influência do pesquisador sobre o campo e sobre os sujeitos da pesquisa durante a coleta de dados, como a perturbação que causamos às rotinas dos investigados, evitando ao máximo incomodá-los além do estritamente necessário. Outra questão importante a que precisamos nos ater é o respeito ao limite de cada um, evitando ser insistente naquilo que os sujeitos não querem ou não podem falar, sempre lembrando que a pesquisa carece de um diálogo entre as partes envolvidas, sempre investindo no respeito e na cordialidade das relações.

Na ida aos locais investigados, pensava-se previamente sobre aquilo que se pretendia ser observado. No caso de professores, por exemplo, foi oportuno observar o seu fazer pedagógico e a sua relação com as tecnologias digitais e com os educandos que usam ou não essas tecnologias. Para que a hipótese fosse confirmada, foi necessário que os instrumentos de pesquisa estivessem nesta direção.

Durante todo o processo investigativo houve a preocupação de se dar clareza e confiabilidade à investigação, sem deixar de se respeitar o pesquisado e, ao mesmo tempo, prezando-se pela ética nos registros, de maneira que a pesquisa pudesse retratar a realidade e contribuir com o conhecimento do leitor da tese

(ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZAJDER, 1999; AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCHER, 2006).

As exigências de um estudo de caso, em relação ao intelecto, ao ego e às emoções de um indivíduo são maiores do que em outras estratégias de pesquisa (YIN, 2003). Portanto, para se garantir a ética e a segurança dos participantes, alguns cuidados foram tomados, como: a proteção da identidade dos pesquisados; o respeito no trato com os sujeitos, de modo a conseguir sua cooperação na investigação; negociação prévia com os envolvidos para a autorização da pesquisa e a fidelidade aos dados obtidos; interpretação dos dados com precisão e sem fraude ou omissão; o consentimento informado pelos investigados para que saibam do que se trata e que tenham a oportunidade de recusa; evitar que os engane com observações ocultas ou com falsas informações sobre a investigação; considerar o bem estar dos investigados (BOGDAN e BIKLEN, 1994; FLICK, 2009a).

A identidade dos investigados foi preservada e adotei nomes fictícios. As interpelações tiveram o cuidado de não deixar os sujeitos da pesquisa em situações constrangedoras. Ao contrário disso, procurei criar um ambiente favorável para que se desvendassem situações do cotidiano escolar e fora dele, relacionadas aos usos das tecnologias digitais enquanto recursos didáticos.

O Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) foi o instrumento elaborado, em forma de contrato, que convidou e regulamentou a atuação dos sujeitos que participaram da investigação. O TCLE é um formulário que é lido e assinado, tanto pelo investigado, quanto pelo investigador principal (orientador) e o investigador orientando (doutorando), oferece total liberdade ao investigado de interromper ou suspender, caso queira. A escola também tem a possibilidade de sair da pesquisa a qualquer momento, de acordo com o Termo de Anuência que autorizou a realização da investigação. A participação foi voluntária, sem remuneração, assegurando a confidencialidade dos dados obtidos, assim como uma postura ética em suas análises. São informadas as formas de contato com os pesquisadores, por telefones, endereço e emails. Também foram fornecidos esses contatos do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, para o caso de dúvidas sobre a ética na pesquisa. Também foi destacado que os dados ficarão guardados por cinco anos com o pesquisador orientando, em sua residência.

O acesso às experiências, às interações e aos documentos, em seu contexto natural, contribui para que o pesquisador entenda melhor o contexto de um estudo de caso. De acordo com Flick (2009a), outra *“parte importante da pesquisa qualitativa está baseada em textos e na escrita, desde as notas de campo e transcrições até as descrições e interpretações, e, finalmente, à interpretação dos resultados e da pesquisa”* (FLICK, 2009a, p. 9). Portanto, foi necessário estarmos sempre atentos aos registros do campo e a outros documentos que se referiam ao contexto do caso estudado, para que eles pudessem trazer contribuições à investigação, sempre prevalecendo a ética.

Utilizei a triangulação como procedimento para dar garantia e validade aos procedimentos metodológicos da investigação. Existem diferentes formas de triangulação, como a combinação de entrevistas com dados quantitativos. Há casos de se utilizar questionários aplicados a um grupo selecionado para confirmar dados observáveis em estudos etnográficos, entrevistas com sujeitos relevantes à pesquisa e outras abordagens qualitativas, como a observações resultantes de conversas informais em visitas à sala de aula e a observação participante, grupos focais e a análise de muitos e variados documentos, além da revisão bibliográfica (MATHISON, 1988; ANFARA, BROWN e MANGIONE, 2002; FLICK, 2009a).

Os procedimentos metodológicos que foram utilizados nesta pesquisa para que se possa fazer a triangulação de dados e garantir a validade interna foram: a análise de documentos com a pesquisa documental nos sites, RE, prospectos e PPP das escolas, além de trabalhos desenvolvidos que estavam ligados aos usos das tecnologias digitais; pequeno questionário, preenchido pelos entrevistados e outros sujeitos observados que não participaram das entrevistas; a entrevista semiestruturada; a observação livre (assistemática em uma fase e sistematizada em outra); a revisão bibliográfica.

Podemos pensar o procedimento da triangulação fazendo uma metáfora a partir do próprio triângulo, que é um polígono de construção simples por possuir apenas três lados e três ângulos. Essa forma geométrica é muito empregada pela engenharia e pela arquitetura, devido à sua rigidez. O triângulo é um polígono que não se desfaz na forma, não movimenta seus vértices, mesmo que pressionado. Por isso, ele é utilizado desde um suporte para prateleiras ou nas diagonais das porteiros de fazendas até na construção de edifícios. A segurança de um triângulo,

pela sua capacidade de não se deformar, traz confiança a quem o utiliza. A triangulação de dados nas pesquisas qualitativas não depende de cálculos e frequências numéricas, que são as informações quantificáveis. Destarte, esse procedimento de triangular dados traz segurança às pesquisas qualitativas, pois conseguem validar uma investigação a partir de fatos que podem ser observados, problematizados e analisados, sendo pautados em outros estudos realizados. Assim, um fato pode ser interpretado pelo menos de três diferentes ângulos, que são os procedimentos metodológicos usados na investigação.

O termo triangulação em investigação qualitativa pode ser usado quando se utiliza várias fontes de dados e diferentes procedimentos de pesquisa, em que se pretende reforçar a validade dos resultados da investigação. De acordo com Mathison (1988), “quando a triangulação é utilizada como uma estratégia de investigação, o resultado será uma convergência sobre a verdade acerca de algum fenômeno social”³¹ (MATHISON, 1998, p. 14). A autora aponta a observação participante e o levantamento documental, como alguns dos métodos que podem ser utilizados para que se promovam as validades interna e externa, proporcionando estratégias de convergência de ambas, já que o valor da triangulação está na prova que possa ser construída, para se dar explicações de fenômenos sociais onde quer que eles surjam e ainda leva o pesquisador a construir explicações sobre determinado fenômeno estudado.

A respeito dos métodos de verificação da triangulação de dados, Anfara, Brown e Mangione (2002) levantam a preocupação da validade interna com “a forma e como confiáveis são as conclusões que são retiradas dos dados e das conclusões do jogo com a realidade”³² (ANFARA, BRONW e MANGIONE, 2002, p. 33). Já a validade externa “refere-se a conclusões, bem como estas podem ser generalizadas para uma população maior”³³ (ANFARA, BRONW e MANGIONE, 2002, p. 33). Ficará a cargo do leitor a definição de usar ou não os resultados alcançados sobre os contextos estudados, a partir de uma descrição detalhada sobre os sujeitos da pesquisa e as relações que estes estabelecem em diferentes situações de aprendizagem com o uso das tecnologias digitais, que poderão ou não ser

³¹ “(...) when triangulation is used as a research strategy the result will be a convergence upon the truth about some social phenomenon” (tradução do autor).

³² “With how trustworthy the conclusions are that are drawn from the data and the match of these conclusions with reality” (tradução do autor)

³³ “Refers to how well conclusions can be generalized to a larger population” (tradução do autor)

generalizados. O que se propõe nesta investigação é a oferta de uma visão ampla sobre o caso estudado, considerando a sua complexidade (ALVES-MAZZOTI, 2006).

Assim, o que se pretende é trazer reflexões acerca dos dados e oportunizá-las a outras pessoas interessadas nos temas investigados. Isso pode ocorrer por meio de debates, participação em fóruns voltados ao meio acadêmico, publicação de artigos, dentre outras formas de comunicações científicas.

Em um estudo de caso, é importante que se construa o diálogo com outros pesquisadores a fim de ser produzidos novos conhecimentos, dando fluxo às discussões e incorporando as possíveis contribuições que surjam entre os pares (ALVES-MAZZOTI, 2006).

Quanto à validade externa, as comunicações científicas são estratégias a serem utilizadas nessa investigação para a sua avaliação, por meio da divulgação pública, com o devido rigor metodológico e analítico de defensibilidade que deva ter uma pesquisa qualitativa (ANFARA, BROWN e MANGIONE, 2002).

É importante ser dada uma atenção especial às investigações com estudo de caso. Alves-Mazzotti (2006) nos alerta que o conhecimento científico é constituído a partir de um processo de construção coletiva. Do contrário, o estudo reduzirá a pesquisa a um recorte dela mesma, dificultando que suas conclusões sejam aplicadas a outros contextos, o que não contribuiria com o avanço do conhecimento ou com a formulação de novas teorias. Esse não é um problema novo, nem mesmo restrito aos estudos de caso. É necessário estar atento por ocorrer algumas vezes nessa opção de pesquisa, o fato de

focalizar apenas a unidade ou por enfatizar o interesse intrínseco pelo “caso” pelo que ele tem de singular, muitos pesquisadores tendem a tratá-lo como algo à parte, tanto em sua gênese, apresentando-o de modo desconectado da discussão corrente na área, como em seu desenvolvimento, no qual não se observa qualquer preocupação com o processo de construção coletiva do conhecimento. (ALVES-MAZZOTI, 2006, p. 639).

Além do desenho do estudo de caso, Flick (2009a) destaca que a qualidade da pesquisa qualitativa também se dá na sua realização, que precisa ser mediada com rigor e criatividade, constância e flexibilidade, critérios e estratégias. Para se garantir sua confiabilidade e validade, pode-se usar a triangulação e sua divulgação, como algumas das possíveis estratégias. A relevância da investigação para avaliar a sua qualidade, por meio da divulgação, precisaria levar em consideração alguns aspectos: os obstáculos enfrentados; a transparência em relação à maneira que chegamos aos resultados e às conclusões, para que o leitor possa refletir se faria o mesmo percurso; o retorno e a avaliação de outros pesquisadores do campo em

estudo, para que se possa fazer uma validação comunicativa, considerando as perspectivas externas; o direcionamento das apresentações com profundidade e de forma acessível ao público a que serão dirigidos os resultados obtidos, sem confundir os leitores com informações e textos inadequados, assim como não ir aquém do esperado pelo meio acadêmico. Portanto, pensando na divulgação dos resultados, compartilho algumas questões importantes:

Que você torne sua pesquisa transparente, que você reflita cuidadosamente se e como transporta seus resultados de volta para o campo e, depois, o que faz com a resposta do campo e, por fim, que reflita sobre como escrever para públicos específicos e gerais de forma que atinja aquele a quem quer falar com seus resultados. (FLICK, 2009a, p. 94).

Tanto a confiabilidade quanto a validação (ou não) de conhecimentos produzidos recentemente dependem de um diálogo estabelecido pelo pesquisador com a avaliação crítica da comunidade acadêmica e, por isso, se atribui importância à divulgação da produção científica, através de livros, periódicos ou eventos. É preciso ter a devida clareza no seu discurso, como condição necessária à crítica dos pares (ALVES-MAZZOTI, 2006).

Como destaca Flick (2009a), a lógica de amostragem em uma pesquisa qualitativa pode ocorrer em diferentes locais para o estudo de caso, com faixa etária dos investigados definidas, sujeito professor e sujeito educando. A escolha das instituições depende da existência das práticas a serem pesquisadas, de maneira a cobrir, de certa forma, uma gama de variações ao tema em questão, como a identificação de situações em que os sujeitos que estão nesse campo e que pudessem falar sobre os usos das tecnologias digitais na EJA. Os critérios adotados na seleção dos sujeitos foram definidos com o interesse em se encontrar as pessoas que tivessem conhecimentos e que dispusessem de informações sobre a questão investigada, obtendo diferentes pontos de vista. Na pesquisa qualitativa chega a ocorrer algum processo de repetição nas entrevistas, na busca de mais conhecimentos sobre determinado assunto. Após se ter contatos com as pessoas investigadas, observando e ouvindo o que elas nos trazem de informações, a quantidade de pessoas que, inicialmente, seriam selecionadas mudou ao longo do percurso, aumentando de dez para dezoito, ao se levar em consideração as comparações nos membros do grupo e em outros pontos de vista que contribuem na pesquisa qualitativa, conforme nos orienta Flick (2009a).

Foi somente a partir das observações de campo, que percebi que alguns sujeitos não poderiam ficar de fora das entrevistas, pois indicavam que poderiam trazer grandes contribuições. Além disso, nas primeiras escolas visitadas, percebi

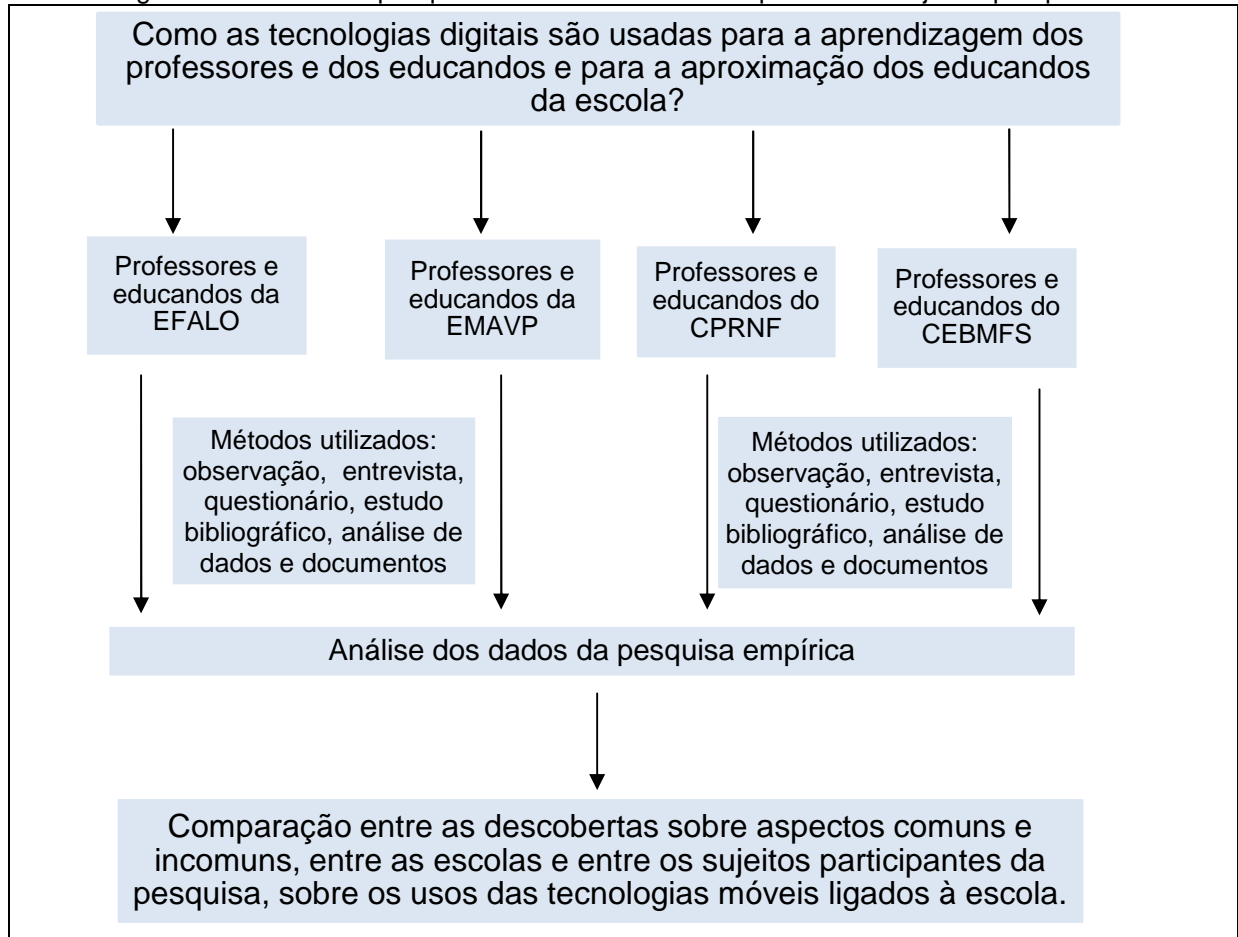
que o campo para investigação seria um pouco mais restrito. Dessa forma, foi tomada a decisão de aumentar a quantidade de sujeitos para as entrevistas. No total foram 627 minutos de entrevistas, o equivalente a 10:27 horas. Uma das entrevistadas não permitiu que gravasse o áudio e precisei anotar o que ela falava. A duração de cada entrevista variou de 15 a 90 minutos. A maioria durou em torno de 30 minutos. Sempre que possível, procurei estabelecer um diálogo entre a revisão bibliográfica e os sujeitos investigados.

Quanto ao contexto e aos participantes da pesquisa deste estudo de caso, a pretensão inicial era de selecionar e estudar 10 sujeitos, entre professores e educandos alfabetizados, do sexo masculino e do sexo feminino, com idade superior a 18 anos, sendo três professores e cinco educandos que utilizam as tecnologias digitais com frequência, mais um professor e um educando que não tivessem o hábito de utilizar as tecnologias digitais em seus afazeres cotidianos. As pretensões iniciais eram: uma escola municipal de Ensino Fundamental da rede pública da Região Metropolitana de Belo Horizonte, uma escola estadual de ensino médio da rede pública estadual de Minas Gerais e uma escola de ensino fundamental ou médio do setor privado, todas com oferta de EJA. Contudo, durante a busca das escolas sugeriram possibilidades mais profícuas do que a previsão inicial para a imersão em campo, que viriam a contribuir com os dados empíricos. Esses fatores nos levaram a realizar a pesquisa em uma escola federal, ao invés da estadual, aumentar de uma para duas escolas do setor privado, além de elevar a quantidade de pessoas entrevistadas de 10 para 18. Avaliamos que alguns sujeitos não poderiam ficar de fora das entrevistas, pelas possibilidades de oferecer maior consistência às informações encontradas em campo.

Flick (2009) nos coloca a questão da amostragem como um passo crucial ao se fazer o desenho da pesquisa qualitativa, já que diminui o horizonte de materiais e de possíveis casos para o estudo. Na definição da amostra, é necessário selecionar as pessoas ou grupos, os lugares e as situações a serem investigados, para se construir um *corpus* com os dados de análise. Na pesquisa qualitativa, a amostragem não se limita a “*amostrar casos e materiais, mas também dentro dos materiais e dos casos*” (FLICK, 2009a, p. 52), sendo necessários, em determinadas situações, selecionar exemplos específicos da amostra, para explorar mais detalhadamente. O investigador pode ter a necessidade de flexibilizar a

amostragem, adaptando às condições exigidas pelo campo de pesquisa e às compreensões feitas a partir das coletas de dados, levando a alterações do plano de amostragem inicial. A importância da sistematização da pesquisa, por meio de um desenho que compare os sujeitos investigados, é destacado por Flick (2009a):

Figura 3: Desenho da pesquisa: análise dos dados empíricos dos sujeitos pesquisados



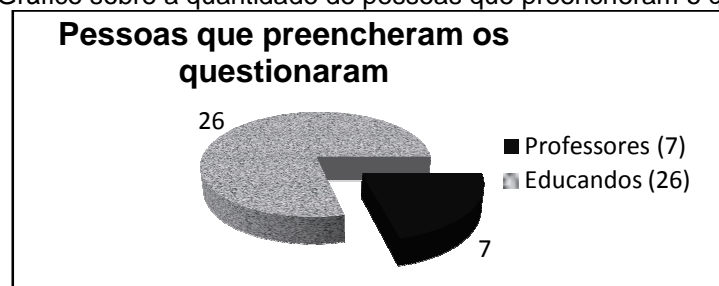
Fonte: Adaptado pelo autor a partir de sugestões de Flick (2009a, p. 69).

Para compreender o que a pesquisa empírica nos revela, este estudo de caso procurou interpretar os usos das tecnologias móveis nas escolas investigadas sem uma comparação direta. As perguntas feitas aos sujeitos foram bem parecidas, mas não ocorreram exatamente iguais a todos os entrevistados, assim como o questionário, já que foram sendo modificados no processo para melhorar o trabalho de campo. É preciso destacar que o estudo de caso se refere aos usos das tecnologias móveis nas salas de aula da EJA e, portanto, não foram as instituições escolares o foco da investigação. A análise feita procurou descobrir o que havia de comum ou de diferente naquilo que se destaca e que pode ser percebido nas observações, entrevistas e pesquisa documental realizadas. De acordo com

Durkheim (1922), práticas educacionais não são incidentes isolados uns dos outros, mesmo nas diferentes escolas, pois estão interligadas de certa forma por um mesmo sistema, já que fazem parte de uma mesma sociedade, em um mesmo tempo.

Os questionários elaborados serviram para se ter uma visão mais panorâmica dos sujeitos da pesquisa e traçar um perfil daqueles que poderiam estar entre as pessoas a serem entrevistadas. Conseguimos obter 7 questionários preenchidos por professores e 26 por educandos. A partir de uma análise prévia desses documentos, foram selecionados alguns sujeitos a serem entrevistados. Mas o questionário não foi determinante, já que houve a escolha de alguns participantes para as entrevistas que não chegaram a preencher o documento. A seleção dos entrevistados ocorreu em função do questionário e das observações de campo, que serão exploradas no capítulo 5. As análises dos questionários dos educandos e dos professores foram feitas separadamente: grupo docente e grupo discente. Nem todos responderam a todas as perguntas do questionário e, portanto, a análise foi feita a partir do total de perguntas respondidas em cada item.

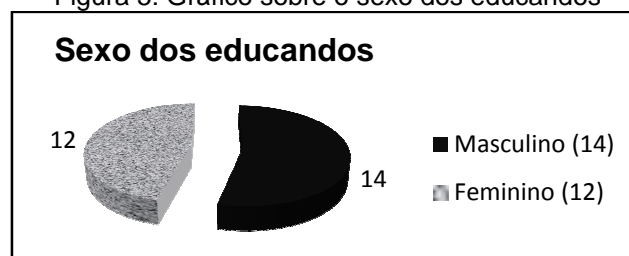
Figura 4: Gráfico sobre a quantidade de pessoas que preencheram o questionário.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Dentre os 26 educandos que preencheram e devolveram os questionários, 14 são educandas e 12 são educandos. Na EFALO foram 9 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, no CPRNF e no CEBMFS foi uma do sexo feminino em cada colégio, na EMAMP foram 7 do sexo masculino e 3 do sexo feminino.

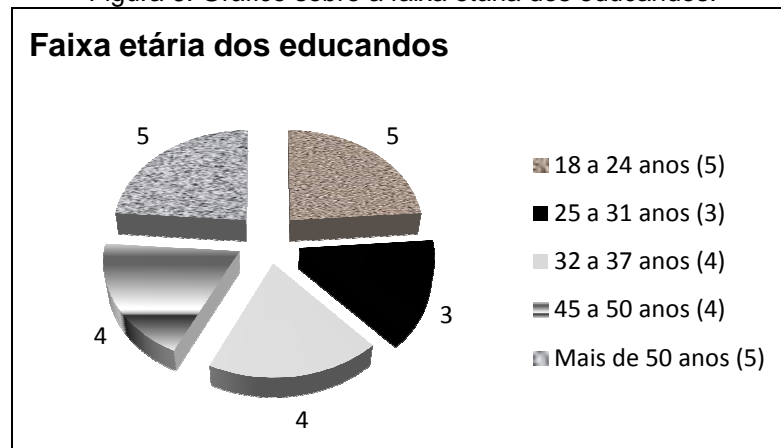
Figura 5: Gráfico sobre o sexo dos educandos



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

São educandos de várias faixas etárias, a partir dos 18 anos e alguns com mais de 50 anos de idade, de forma bem dividida: 5 educandos tinham de 18 a 24 anos, 3 tinham de 25 a 31 anos, 4 tinham de 32 a 37 anos, 4 tinham de 45 a 50 anos e 5 estavam com mais de 50 anos de idade. O mais velho era o educando Tomás, com 64 anos de idade. Não foi perguntada a idade exata para que aquelas pessoas que não se sentem à vontade em fornecer essa informação não deixassem de responder o item, mas alguns a revelaram espontaneamente, outros nem responderam nada. Podemos destacar que, dentre as 5 pessoas de 18 a 24 anos, 4 são do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Nas demais faixas etárias não há grande diferença em relação a isso.

Figura 6: Gráfico sobre a faixa etária dos educandos.

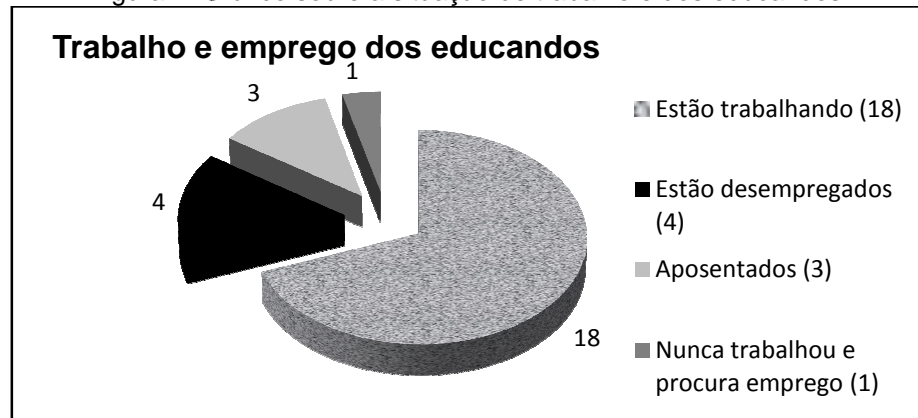


Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Duas educandas informaram que só estudaram na EJA, sendo uma delas há 3 anos e a outra não respondeu há quanto tempo, ambas da EFALO. O mais velho dos educandos informou que estudou por 34 anos antes de vir para a EJA. Na entrevista ele revelou que tem 66 anos de idade, já fez o Ensino Médio anteriormente e voltou a estudar agora. O tempo de estudo na EJA varia de menos de um ano até o máximo de 3 anos, com média de tempo de 1 ano e 10 meses.

A grande maioria dos 26 educandos que preencheram o questionário está trabalhando, chegando a um total de 18. Os que já trabalharam e estão desempregados somam 4, os aposentados são 3, apenas 1 deles nunca trabalhou e está procurando emprego.

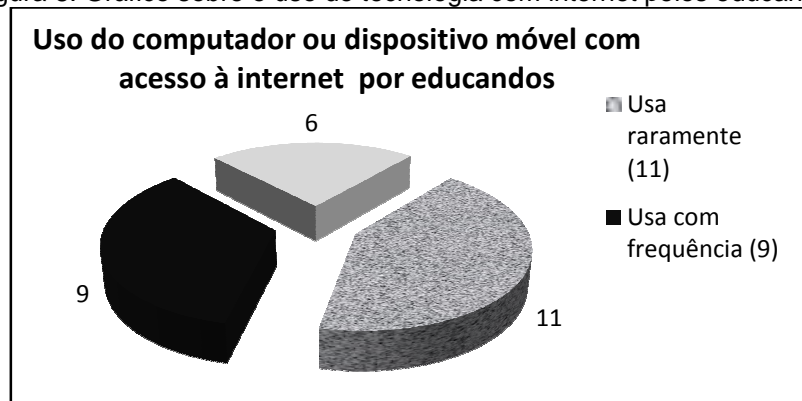
Figura 7: Gráfico sobre a situação de trabalho e dos educandos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Ao serem perguntados se usam o computador ou algum dispositivo móvel com acesso à internet, como o smartphone ou tablet, para questões relacionadas à escola em que estudam, 11 educandos disseram usar raramente, 9 falaram que usam com frequência e 6 informaram que não usam.

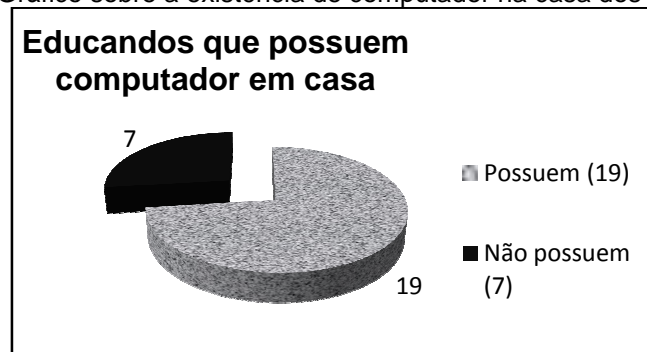
Figura 8: Gráfico sobre o uso de tecnologia com internet pelos educandos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

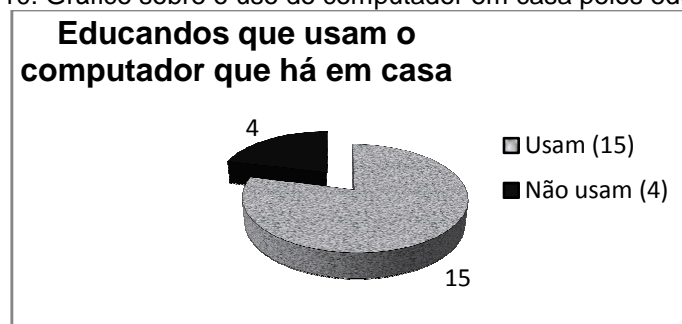
Dentre os educandos que responderam se têm algum computador em casa, 7 informaram não ter. Dentre os 19 que possuem, 15 deles usam, enquanto 4 deles não usam, mesmo possuindo o computador em casa. Quando foram perguntados se há algum computador onde trabalham, 6 não responderam. Dentre os 20 que responderam, 7 informaram não ter no trabalho. Dentre os 13 que disseram ter no trabalho, 9 deles informaram que usam. Isso representa 35% do total que preencheram os questionários.

Figura 9: Gráfico sobre a existência de computador na casa dos educandos.



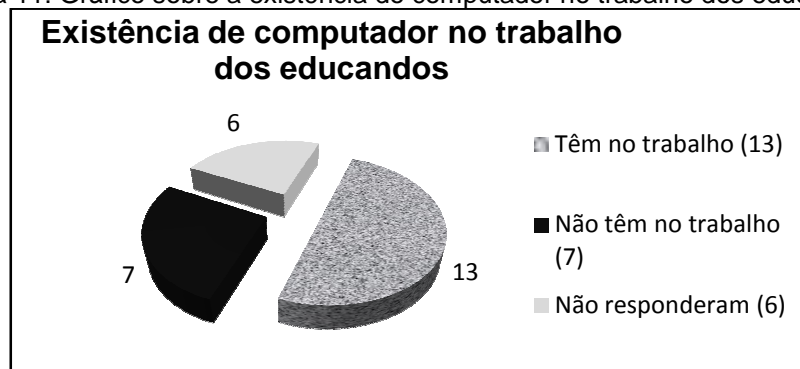
Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Figura 10: Gráfico sobre o uso do computador em casa pelos educandos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Figura 11: Gráfico sobre a existência do computador no trabalho dos educandos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

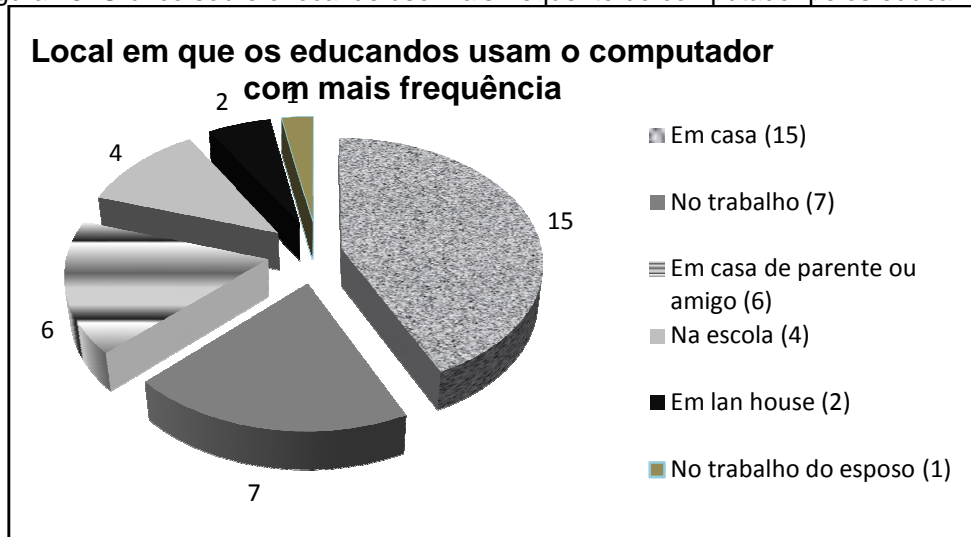
Figura 12: Gráfico sobre o uso do computador no trabalho dos educandos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Dentre as opções de resposta sobre os locais em que usam o computador com mais frequência³⁴, 15 educandos responderam que usam em casa, 7 no trabalho, 6 em casa de parente ou amigo, 4 na escola, 2 em lan house, 1 respondeu que era no trabalho do esposo.

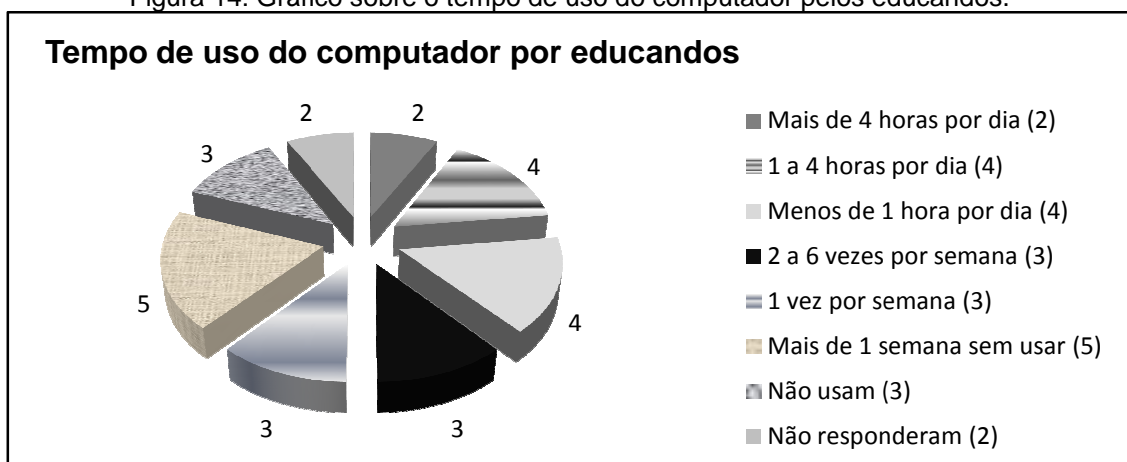
Figura 13: Gráfico sobre o local de uso mais frequente do computador pelos educandos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Sobre a frequência com que os educandos usam o computador, 2 usam mais de 4 horas por dia, 4 usam diariamente de 1 a 4 horas, 4 usam menos de 1 hora ao dia, 3 usam de 2 a 6 vezes por semana, 3 usam 1 vez por semana, 5 ficam mais de uma semana sem usar e 3 informaram não usar o computador, que são duas educandas da EFALO, com idade na faixa de 45 a 50 anos.

Figura 14: Gráfico sobre o tempo de uso do computador pelos educandos.

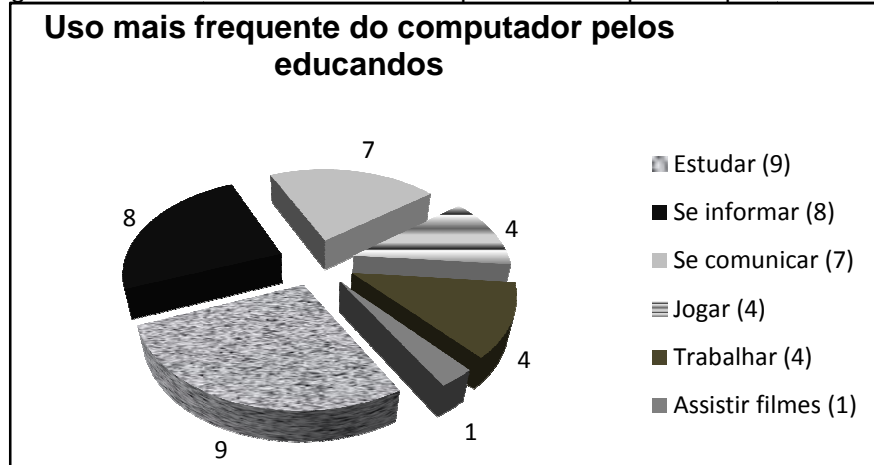


Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

³⁴ Algumas pessoas responderam mais de um item sobre o local de uso.

O uso do computador pelos educandos ocorre com mais frequência³⁵ para estudar para 9 pessoas, 8 para se informar, 7 pessoas usam para se comunicarem com outras pessoas, 4 para jogarem, 4 para trabalharem, 1 para assistirem filmes.

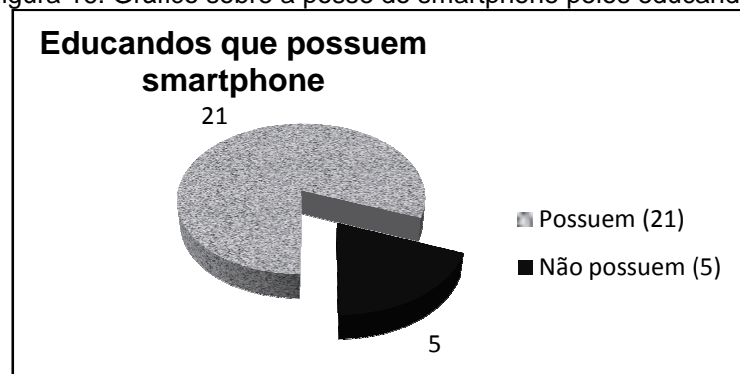
Figura 15: Gráfico sobre o uso mais frequente do computador pelos educandos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Ao responderem se possui algum smartphone, 21 educandos informaram que possuem e 5 informaram que não possuem. Com relação à frequência do uso de smartphone, apenas uma pessoa informou não usar. Dentre os que responderam usar, 12 informaram que usam diariamente mais de 4 horas por dia, 3 disseram usarem diariamente entre 1 e 4 horas, 6 usam menos de uma hora por dia e 1 pessoa usa de 2 a 6 vezes por semana.

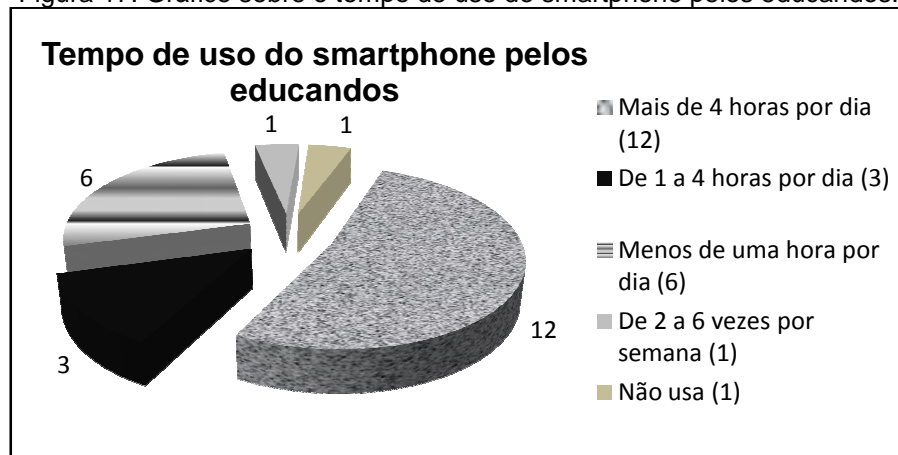
Figura 16: Gráfico sobre a posse do smartphone pelos educandos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

³⁵ Algumas pessoas responderam mais de um tipo de uso.

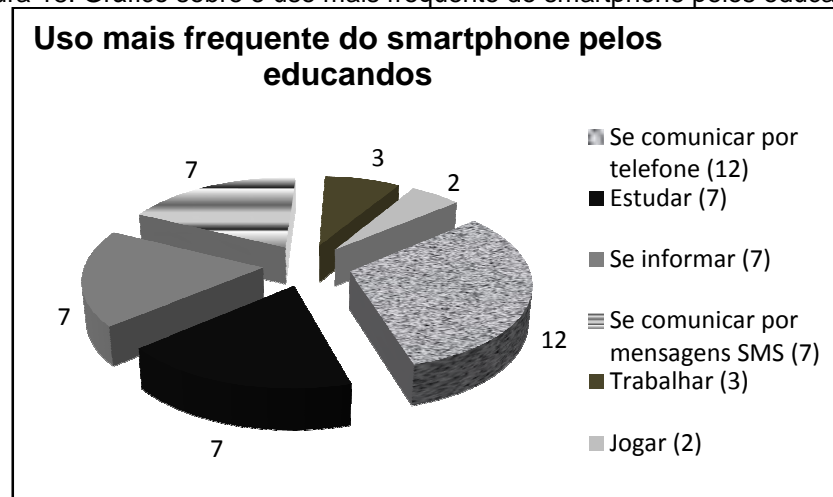
Figura 17: Gráfico sobre o tempo de uso do smartphone pelos educandos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

O uso do smartphone³⁶ pelos educandos ocorre com mais frequência para se comunicarem com outras pessoas através de mensagens por redes sociais para 17 pessoas, enquanto 12 usam mais para se comunicarem com outras pessoas através do telefone e da rede de telefonia móvel, 7 utilizam para estudarem, 7 para se informarem, 7 para se comunicarem com outras pessoas através de mensagens telefônicas de SMS, 3 para trabalharem e 2 para jogarem.

Figura 18: Gráfico sobre o uso mais frequente do smartphone pelos educandos.



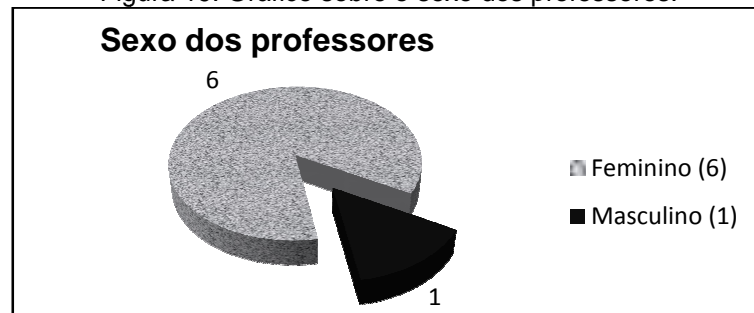
Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Entre os 7 questionários preenchidos e devolvidos pelos professores, 1 foi de professor e 6 de professoras. Elas são em grande maioria nas turmas das escolas investigadas. Em uma das escolas, o CPRNF, não houve o preenchimento do questionário pela professora, devido ao pouco tempo e contato que tive em campo

³⁶ Nesse item, algumas pessoas marcaram mais de uma resposta.

nesta escola. Na EFALO, uma professora à qual entreguei o questionário, não me devolveu; outras duas e um professor, me devolveram preenchidos. No CEBMFS, a professora entrevistada me devolveu o questionário. Ela foi a única que preencheu o segundo questionário, que é mais completo. Após analisá-lo e fazer a entrevista com ela, verifiquei que ele não acrescentaria muito, o que nos levou a desistir de aplicar esse segundo questionário nas três escolas seguintes. Na EMAVP, uma professora entrevistada não devolveu o questionário e outra professora não quis escrever o seu nome no que ela preencheu. Nem todos responderam a todas as perguntas do questionário e, portanto, a análise será feita a partir do total de perguntas respondidas em cada item.

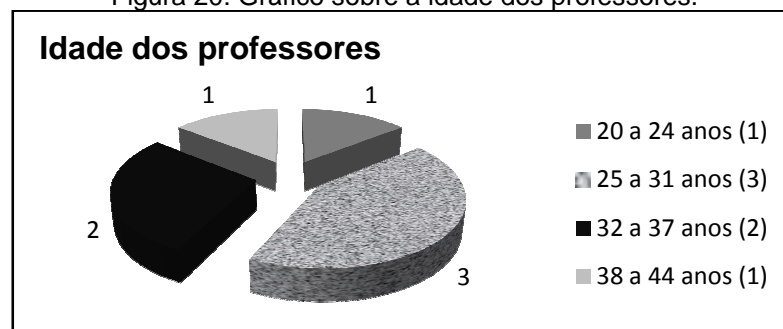
Figura 19: Gráfico sobre o sexo dos professores.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

O professor e a professora que devolveram os questionários são de várias faixas etárias, com 20 anos ou mais e menos de 45 anos de idade, com uma maior concentração de 25 a 37 anos: o professor tem de 20 a 24 anos e 3 professoras têm de 25 a 31 anos, outras 2 têm de 32 a 37 anos e a outra tem de 38 a 44 anos de idade. Na EFALO, os professores são mais novos, variando de 20 a 31 anos, estão cursando a graduação. Mas nas outras duas escolas também há professoras de 25 a 31 anos de idade. A mais velha está na EMAVP.

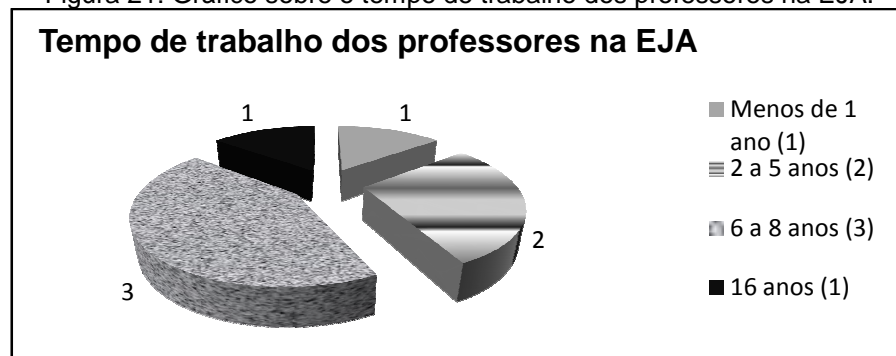
Figura 20: Gráfico sobre a idade dos professores.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Uma professora da EFALO atua no magistério há menos de 1 ano, que é na EJA dessa escola. É nessa escola também que o professor e as professoras possuem menos tempo no magistério e na EJA: ele com 2 anos e a outra professora com 3 anos. Na CEBMFS, há 7 anos que a professora atua na profissão e tem esse mesmo tempo trabalhando na EJA. Nessas duas escolas, todos os professores começaram a trabalhar na EJA e por todo o tempo permaneceram nela, mesmo com algumas professoras tendo experiências concomitantes fora dessa modalidade de ensino. Na EMAVP, o tempo de atuação como professoras são de 19, 25 e 26 anos, atuando na EJA por 6, 8 e 16 anos, respectivamente. Em média, o tempo de trabalho como professor e professora por todos eles que devolveram os questionários é de 11 anos e 10 meses, enquanto que na EJA é de 6 anos e 2 meses.

Figura 21: Gráfico sobre o tempo de trabalho dos professores na EJA.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Com relação ao uso do computador ou de algum dispositivo móvel com acesso à internet, como o smartphone ou tablet, para questões relacionadas à escola em que trabalha, uma professora da EMAVP informou que não usa tecnologia móvel com acesso à internet e o professor da EFALO informou que usa raramente, enquanto as outras 5 professoras informaram que usam com frequência.

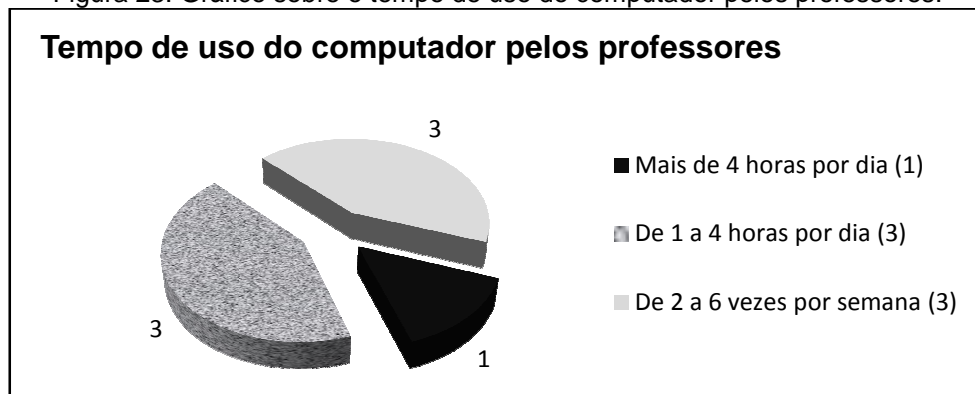
Figura 22: Gráfico sobre o uso de tecnologia com internet pelos professores.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Todos os professores possuem computador em casa e usam. O local de uso do computador³⁷ é bem dividido, a metade do uso se dá em casa e a outra metade, na escola. O professor da EFALO também tem o hábito de usar na faculdade em que estuda. Quanto à frequência do uso do computador, a professora do CEBMFS respondeu que usa o computador diariamente, por mais de 4 horas, o professor e outras duas professoras, uma de cada escola pública, usam diariamente de 1 a 4 horas, outras 3 professoras, sendo duas da EMAVP e uma da EFALO, usam de 2 a 6 vezes por semana.

Figura 23: Gráfico sobre o tempo de uso do computador pelos professores.



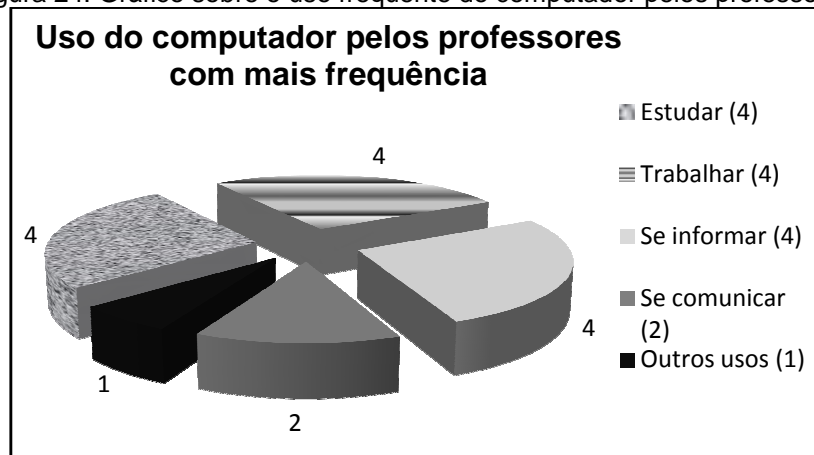
Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

O acesso ao computador pelos professores ocorre com mais frequência³⁸ para estudar por 4 professores e, para trabalhar por 4 professores e para se informar também por 4 das pessoas, enquanto que para se comunicar com outras pessoas ocorre para 2 professores e para outros usos para 1 pessoa.

³⁷ Nesse item, algumas pessoas marcaram mais de uma resposta.

³⁸ Algumas pessoas marcaram mais de uma resposta neste item.

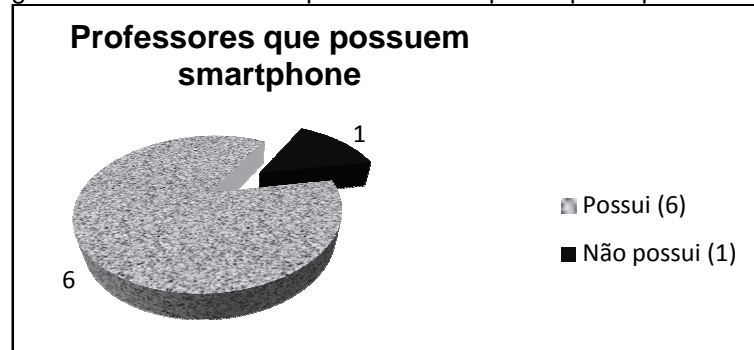
Figura 24: Gráfico sobre o uso frequente do computador pelos professores.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

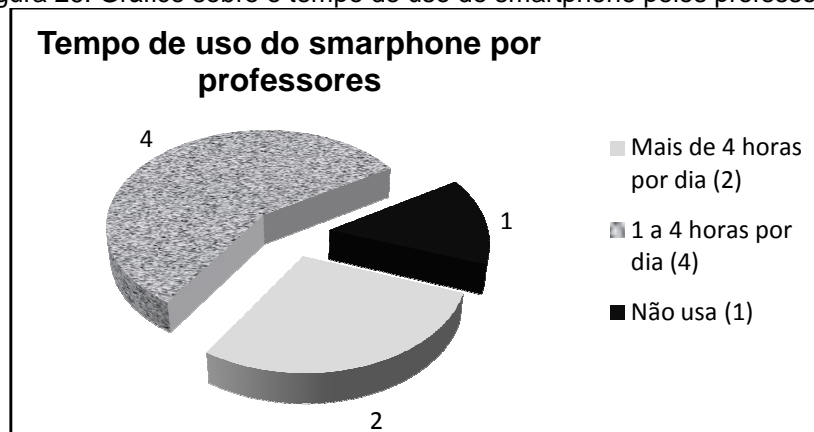
Apenas uma professora, da EMAMP, não possui smartphone. Todas as demais professoras e o professor possuem e usam diariamente, sendo de 1 a 4 horas diárias por 4 deles e, durante mais de 4 horas ao dia, por 2 pessoas. Esse maior tempo de uso foi informado por uma professora da EFALO e outra da CEBMFS. Esta, inclusive, escreveu no questionário que usa “*toda hora*”.

Figura 25: Gráfico sobre a posse do smartphone pelos professores.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

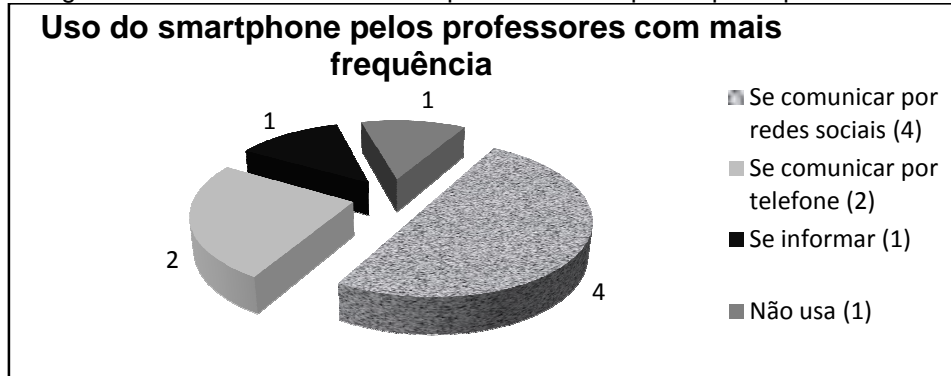
Figura 26: Gráfico sobre o tempo de uso do smartphone pelos professores.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

O acesso ao smartphone ocorre com mais frequência³⁹ para se comunicar com outras pessoas através de mensagens por redes sociais, são 4 entre as pessoas que usam o equipamento, 2 utilizam para se comunicar com outras pessoas através do telefone e da rede de telefonia móvel, enquanto 1 pessoa informou que usa para se informar. A professora que não possui smartphone também não utiliza.

Figura 27: Gráfico sobre o uso frequente do smartphone pelos professores.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

No campo destinado à escrita aberta no questionário, sobre algo que não tenha sido perguntado e que a pessoa investigada gostaria de escrever a respeito, duas professoras fizeram o registro. Uma professora da EFALO escreveu: “*Utilizo o celular em sala de aula para fazer pesquisas rápidas, como significado de palavra, localização de lugares e outros dados.*” Uma professora da EMAMP (a que não se identificou com o nome) escreveu: “*Muito. Eu gostaria de ser entrevistada.*”

As análises os dados empíricos, com mais profundidade, a partir do estudo bibliográfico, dos questionários, das observações feitas nas escolas investigadas e das entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa serão trazidos ao final do capítulo 5 – que traz a pesquisa de campo de forma detalhada – e nas considerações finais.

De acordo com Sergio Bulgacov (1998), o estudo de caso e o estudo comparativo são metodologias adotadas para se compreender melhor sobre organizações, utilizando as investigações empíricas para a realização desses estudos. O método comparativo é utilizado para se fazer uma comparação sistemática de determinado grupo de organizações, estabelecendo “*relações entre suas variáveis ou categorias analíticas*” (BULGAVOC, 1998, p.53). A nossa opção nesta tese foi pelo estudo de caso, que comparou em determinados momentos os

³⁹ Uma pessoa deu mais de uma resposta.

usos das tecnologias móveis por diversos sujeitos, na mesma escola ou em escolas diferentes. Destarte, não podemos nomear a metodologia trabalhada como um estudo comparativo e sim como um estudo de caso.

Para se aumentar a confiabilidade do estudo de caso no campo de pesquisa, a comunicação do pesquisador, suas atitudes, reflexões e observações, fazem parte do conhecimento a ser produzido durante a investigação e que também se tornam dados, que estão documentados no diário de pesquisa (FLICK, 2009b).

Quanto ao modo procedimental para a coleta e a análise dos dados da pesquisa, a coleta de dados ocorreu no ambiente natural, no contexto da escola. Os dados da observação foram transcritos do diário de pesquisa para o computador, sendo digitados logo após sua coleta. As entrevistas foram transcritas, passadas do áudio para o texto digitado. Todas essas transcrições ocorreram fora do ambiente pesquisado. No questionário, ocorreram algumas poucas modificações que foram necessárias, surgidas durante o processo de pesquisa, como a inclusão do item aposentado na condição de trabalho do educando, a pedido de um deles. Algumas perguntas foram reformuladas, para um melhor entendimento dos entrevistados, já que estavam produzindo dúvidas antes dessas mudanças. Também foi feita a reordenação de algumas perguntas.

Becker (1997) sugere alguns procedimentos que podem ser utilizados em campo na coleta de dados, como as pesquisas documentais nos registros escolares, recursos de mídia, de gravações em vídeo, áudio e de fotografia, se forem importantes e necessários ao trabalho, sempre que o observador perceber a utilidade de se coletar documentos e dados estatísticos produzidos pela comunidade escolar. As imagens preservaram a identidade das escolas e dos sujeitos investigados. Não usamos o vídeo na investigação.

Durante o trabalho de campo, as perguntas feitas aos sujeitos investigados nas entrevistas são importantes para posteriores análises, como nos aponta Flick (2009a). Após o trabalho de campo, foi realizada a análise qualitativa dos documentos e dos registros feitos sobre e pelos sujeitos, que formaram os dados da pesquisa, para se elaborar algumas das análises do que foi levantado durante todo o processo de investigação, a partir de frequências e contrastes percebidos nos eventos de pesquisa. Nas entrevistas, tentamos fazer, sempre que possível, as

mesmas perguntas aos participantes ou procurando “*fazê-las de forma semelhante a todos e não deixar de fora um tópico ou pergunta relevante*” (FLICK, 2009a, p.91).

2.4 Os sujeitos da pesquisa.

Neste item, serão apresentadas as 18 pessoas que foram entrevistadas, a partir do contexto em que foram feitas as observações com essas e outras pessoas do respectivo convívio escolar. Ao todo, foram entrevistadas 8 professoras e 10 educandos, sendo 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. A apresentação dessas 18 pessoas entrevistadas detalha os sujeitos participantes da pesquisa empírica.

Os sujeitos entrevistados serão apresentados em sequência, agrupados as pessoas por escola, iniciando com as professoras e terminando com educandos e educandas, assim como aparecem nos relatos das entrevistas. Essas informações foram obtidas a partir dos dados fornecidos pelos questionários preenchidos, pelas entrevistas, pelas observações realizadas em campo e por um novo contato feito posteriormente.

Ao retratar cada sujeito percebi uma grande falha no questionário elaborado, pois não foi solicitado que fosse informada a cor de cada sujeito, para que se analisasse o pertencimento étnico de cada um. Avalio que esse dado é relevante para se conhecer a identidade de cada sujeito. Para se tentar diminuir essa falha, tentei fazer novos contatos com os sujeitos entrevistados, solicitando a informação da cor de cada sujeito, para que se conhecesse o pertencimento étnico de cada um. Foram sugeridos os critérios para raça e cor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): branca, preta, amarela, parda ou indígena. As respostas foram livres e opcionais. Nesse mesmo contato, pedi também a informação da idade daquelas pessoas que eu ainda não sabia com exatidão, no período da entrevista. Essas informações poderão ser úteis para que o leitor e a leitora desta investigação possam conhecer melhor os sujeitos entrevistados. Contudo, não consegui obter as informações de todos os sujeitos entrevistados. Com alguns, eu não consegui mais fazer o contato após eles terem se desligado das escolas investigadas. Algumas das pessoas contatadas novamente não responderam às mensagens enviadas pelas

redes sociais. De toda forma, foram conseguidas as informações da maioria dos entrevistados e, assim, poderemos trabalhar com elas.

Maria é professora alfabetizadora em uma turma da EJA do CEBMFS e também nos anos iniciais da Rede Municipal de Educação de Nova Lima⁴⁰; trabalha há alguns anos no CEBMFS; tem 30 anos de idade; cor preta; solteira; professora há mais de 6 anos e trabalha esse mesmo tempo na EJA; usa o computador diariamente, por mais de quatro horas, tanto em casa quanto na escola, principalmente para se informar; usa o smartphone a toda hora, por mais de quatro horas diárias, principalmente para se comunicar com outras pessoas através de mensagens por redes sociais; usa os dois com frequência para questões relacionadas à escola.

Tábata é uma das educandas da professora Maria e, portanto, estuda na turma de alfabetização na EJA do CEBMFS. Ela tem 49 anos de idade; cor preta; casada com outro educando da mesma turma; empregada doméstica e cuidadora de uma mulher idosa; estudou em uma escola pública próxima, quando era criança, até os 8 anos de idade, depois estudou no MOBREAL, aos 15 anos de idade, e em outras escolas de EJA, quando jovem e adulta; começou a estudar no CEBMFS no início do ano, há 6 meses; usa o computador diariamente, de uma a quatro horas, tanto em casa quanto no trabalho e na escola, principalmente para jogar; não tem smartphone, mas tem um aparelho de telefone celular, que usa frequentemente; utiliza o smartphone da filha, quando precisa; acessa redes sociais com o auxílio da filha; não usa o computador para questões relacionadas à escola.

Ana⁴¹ é professora de Língua Portuguesa em algumas turmas do Ensino Médio do CPRNF desde o início do ano, há pouco mais de 6 meses. Ela trabalha pela primeira vez na EJA e é professora há 20 anos. Tem 48 anos de idade; cor branca; usa o computador diariamente em casa e raramente na escola; usa o smartphone com frequência. Os principais usos desses equipamentos são para trabalho, buscar informações diversas e se comunicar com outras pessoas através de redes sociais; usa o computador e o smartphone com frequência para questões relacionadas à escola.

⁴⁰ Nova Lima é um município da Região Metropolitana de Belo Horizonte e faz divisa com a Capital.

⁴¹ Não preencheu o questionário. O tempo de contato com ela foi pequeno e insuficiente para que ela preenchesse e me devolvesse o documento.

Cibele é educanda do Ensino Fundamental da EJA do CPRNF⁴² há 1 ano e 6 meses. Não consegui contato para saber qual a cor que a educanda se autodeclara; é casada; sua idade está na faixa de 32 a 37 anos; trabalha; tem computador em casa, mas utiliza com mais frequência no trabalho do marido e fica mais de 1 semana sem usar; usa o smartphone menos de 1 hora por dia; acessa o computador com mais frequência para estudar, enquanto o smartphone é usado mais para jogar, estudar, se informar e se comunicar com outras pessoas, seja pela rede de telefonia móvel ou através de mensagens por redes sociais; usa o computador e o smartphone com certa frequência para questões relacionadas à escola.

Leonardo⁴³ é um dos educandos da professora Ana, no Ensino Médio da EJA do CPRNF. Estuda nessa escola há 1 ano e 6 meses. Não consegui contato para saber qual a cor que o educando se autodeclara; é casado; tem 32 anos de idade; trabalha na área de tecnologia, com sistema, programação, manutenção de impressoras e desenvolve softwares para impressoras 3D; usa o computador com frequência em casa e no trabalho; também usa o smartphone com frequência. Esses usos são mais para trabalho e questões familiares, com menor volume para questões relacionadas à escola.

Ada é professora de História em duas turmas do Ensino Fundamental da EJA da EFALO, há 3 anos, desde quando começou a trabalhar como professora. É formada em Licenciatura de História e estuda Bacharelado no mesmo curso. Tem 25 anos de idade; cor preta; tem computador em casa; usa o computador diariamente em casa e no trabalho, entre 1 e 4 horas, com mais frequência para estudar; usa o smartphone diariamente, mais de 4 horas, com mais frequência para se comunicar com outras pessoas através de mensagens por redes sociais.

Amália é professora de Geografia no Ensino Fundamental da EJA da EFALO, há 6 meses, quando começou a trabalhar em sala de aula como professora. Ela atua nas duas turmas em que Ada também é professora. Amália também trabalha na área há mais tempo, com aulas particulares, em cursos que ofertam esses serviços para os ensinos Fundamental e Médio, já trabalhou há 3 anos na Escola Integrada da PBH, com Inglês. Ela é estudante de Geografia e, quando começou na universidade com a iniciação científica, parou de dar aulas e voltou naquele ano,

⁴² Ana não é sua professora.

⁴³ Não preencheu o questionário. O tempo de contato com ela foi pequeno e insuficiente para que ela preenchesse e me devolvesse o documento.

iniciando na EJA da EFALO. Tem 25 anos de idade; não conseguiu retorno do contato para saber qual a cor que a professora se autodeclara; tem computador em casa; usa o computador em casa, no trabalho e onde estuda, de 2 a 6 vezes por semana, com mais frequência para trabalhar; usa o smartphone diariamente, mais de 1 a 4 horas, com mais frequência para se comunicar com outras pessoas através de mensagens por redes sociais e *em sala de aula para fazer pesquisas rápidas, como os significados de palavras, a localização de lugares e outros dados*, como ressaltou Amália no preenchimento do espaço livre de seu questionário.

Tomás é um dos educandos das professoras Ada e Amália, em uma das turmas dos concluintes do Ensino Fundamental da EJA da EFALO. Ele tem 64 anos de idade, é o mais velho dentre todos os 10 educandos entrevistados. Se autodeclara com a cor moreno claro. Já concluiu o Ensino Médio há muitos anos e retomou os estudos na EFALO há 2 anos, procurando se atualizar para tentar ingressar no Curso Superior. Tomás foi selecionado para a entrevista especialmente por não gostar de usar o smartphone e demonstra certa aversão a essa tecnologia. Contudo, ele tem o hábito de usar o computador em casa, diariamente entre 1 e 4 horas, com mais frequência para estudar e se informar, inclusive para questões relacionadas à escola.

Alice é uma das educandas das professoras Ada e Amália, em uma das turmas dos concluintes do Ensino Fundamental da EJA da EFALO, mas ela não é da mesma turma em que o educando Tomás estuda. Durante a entrevista, ela relatou que já estudou na CEBMFS, antes de estudar na EFALO, e que conhece a professora Maria, mas não foi educanda dela. Alice tem 39 anos de idade; cor parda; é cuidadora de um idoso há muitos anos; tem computador em casa e fica mais de uma semana sem utilizar e, quando usa, é com mais frequência para se informar; tem smartphone e usa diariamente, por mais de 4 horas, com mais frequência para se comunicar com outras pessoas, através do telefone da rede de telefonia móvel e de mensagens por redes sociais.

Durante uma das noites em que realizei observações de campo, a professora Sônia, de Espanhol, desenvolveu uma atividade com estudantes de graduação da UFMG que foram até a EFALO, para uma roda de conversas. Nesse encontro, Alice contou que teve uma infância triste, entrou na escola com 14 anos de idade, sofreu bullying no primeiro dia de aula, saiu e não voltou mais. Foi mãe com 15 anos de

idade. Aprendeu a ler sozinha, fazia de madrugada o Telecurso⁴⁴ pela televisão. Ela tinha vergonha que soubessem que ela não sabia ler. A chefe dela a incentivou a voltar a estudar e ela retornou na EJA do CEBMFS. Ela recorda que teve um ataque de pânico no primeiro dia de aula. Depois, conseguiu fazer amizades da escola e ficou sabendo da EJA na EFALO e ela veio pra esta escola. Ressalta que hoje superou essa dificuldade em frequentar a escola, mas só depois que procurou um atendimento com um Psicólogo que a acompanha até hoje. Ela o procurou desde que voltou a estudar. Fala que tem boas relações com os seus patrões, que a apoiaram nessa volta. Ressalta que *“Fazer EJA é muito legal!”* Ela tem um filho de 18 anos de idade. Na escola, gosta dos professores, os considera jovens mas que entendem os educandos e as suas necessidades.

Nanci é educanda do Ensino Fundamental da EJA da EFALO. Ela é da mesma turma em que Tomás estuda. Estuda na EJA há 3 anos; tem 57 anos de idade; cor parda; já trabalhou fora de casa, está desempregada e trabalha em casa; tem computador em casa e usa com frequência diária de mais de 4 horas, principalmente para se comunicar com outras pessoas; também tem e usa um tablet como um smartphone, diariamente, por mais de 4 horas, com mais frequência para se informar e para comunicar com outras pessoas, seja por meio do telefone pela rede de telefonia móvel, através de mensagens telefônicas de SMS ou das mensagens de redes sociais.

Alberto é educando do Ensino Fundamental da EJA da EFALO. Ele é da mesma turma em que Alice estuda. Alberto possui deficiência visual; tem 53 anos de idade; cor preta; estuda na EJA há 3 anos; tem computador em casa, usa menos de 1 hora por dia, com mais frequência para estudar; tem smartphone e também usa menos de 1 hora por dia, com mais frequência para estudar, se informar e para comunicar com outras pessoas, seja por meio do telefone pela rede de telefonia móvel, através de mensagens telefônicas de SMS ou das mensagens de redes sociais; usa esses equipamentos com frequência para questões relacionadas à escola. Ele participou da mesma atividade em que Alice estava, em que a professora Sônia desenvolveu, quando organizou a roda de conversa com estudantes de graduação da UFMG que foram até a EFALO. Nesse encontro, Alberto falou sobre sua deficiência visual e disse que enxerga apenas 5% da capacidade visual normal.

⁴⁴ Educação a Distância, transmitida em canais abertos pela Rede Globo de Televisão. O Telecurso pertence à Fundação Roberto Marinho.

Ele achava que não seria bem recebido na EFALO, devido à sua deficiência visual. Contudo, se surpreendeu devido ao ótimo acolhimento que teve. Conta que até uma lupa ele ganhou dos colegas. Ressalta que para ler prefere a tinta ao Braille.

Shirlei é professora de Matemática nas turmas de Ensino Médio da EJA da EMAVP; é professora há 26 anos e trabalha na EJA há 16 anos; tem 50 anos de idade; cor branca; tem computador em casa e usa de 2 a 6 vezes por semana, com mais frequência para estudar; tem smartphone e usa de 1 a 4 horas por dia, com mais frequência para se informar; faz uso de ambos com frequência para questões relacionadas à escola. Percebi que professora tem sua identidade ligada à escola, como pude observar em seu email, que traz as iniciais da escola logo após o seu primeiro nome: “*shirlejavp@[...]*”.

Catharina é professora de Ciências Humanas nas turmas de Ensino Médio da EJA da EMAVP; é graduada em História; é professora há mais de 30 anos e trabalha na EJA há 8 anos; tem 52 anos de idade; não consegui retorno do contato para saber qual a cor que a professora se autodeclara; tem computador em casa e informou que usa muito pouco, de 2 a 6 vezes por semana, com mais frequência para trabalhar, se informar, receber e enviar emails, buscar informações turísticas e de passagens aéreas, conforme registrou no questionário; não tem e nem usa smartphone, mas usa telefone celular para ligações da rede de telefonia móvel e para enviar e receber mensagens SMS. Desde o primeiro dia que conversei com ela, na sala dos professores, ela me falou e também registrou em seu questionário que gostaria de ser entrevistada por mim, pois teria muito o quê falar a respeito do uso das tecnologias digitais na escola. Eu também pretendia entrevistá-la, por ser uma professora que tem certa aversão ao uso das tecnologias digitais móveis e às redes sociais, pelo que observei na EMAVP.

Heidy não me devolveu o questionário preenchido, apesar de eu ter pedido algumas vezes, mas parei de insistir já que o seu preenchimento é facultativo. As informações que apresento são a partir da entrevista e das observações e conversas que tivemos. Heidy é professora de Ciências Naturais nas turmas de Ensino Médio da EJA da EMAVP; é graduada em Química; é professora há 37 anos e trabalha na EJA há 11 anos; foi trabalhar naquela escola no ano de 2016, com extensão de jornada em seu cargo, já que tem lotação em outra escola da RME-BH; tem mais de 62 anos de idade; cor branca. Percebi que professora tem sua identidade ligada à

profissão, como pude observar em seu email, que traz as iniciais de “professora de Biologia” logo após o seu primeiro nome: “*heydy.profbio@[...]*”.

Grace é professora de Linguagens nas turmas de Ensino Médio da EJA da EMAVP; é graduada em Letras; é professora há 25 anos e trabalha na EJA há 6 anos; tem mais 56 de idade; cor branca; tem computador em casa e tem o hábito de usar em casa e na escola, diariamente de 1 a 4 horas, com mais frequência para estudar, trabalhar, se informar e se comunicar com outras pessoas; tem smartphone e usa diariamente de 1 a 4 horas, com mais frequência para se informar e se comunicar com outras pessoas por telefone, através da rede de telefonia móvel, e através de mensagens por redes sociais.

Nícolas é educando das professoras Shirlei, Catharina, Heidi e Grace, no Ensino Médio da EJA da EMAVP. Estuda nessa escola há 1 ano; solteiro e namora com uma educanda da mesma turma; tem 30 anos de idade; não consegui contato para saber qual a cor que o educando se autodeclara; usa o aplicativo de redes sociais Instagram para trabalhar na área de vendas; tem computador em casa e usa no trabalho e em casa, menos de 1 hora por dia, com mais frequência para trabalhar; também usa o smartphone, mais de 4 horas por dia, com mais frequência para jogar, estudar, trabalhar, se informar e se comunicar com outras pessoas por telefone, através da rede de telefonia móvel, de mensagens telefônicas de SMS e através de mensagens por redes sociais. Usa esses equipamentos com frequência para questões relacionadas à escola.

Estéfane é educanda do Ensino Médio da EJA da EMAVP e estuda na mesma turma do Nícolas. Ela tem 40 anos de idade; cor parda; estuda na EJA há cerca de 2 anos; não tem computador em casa e tem no trabalho, mas não usa lá; o local em que ela usa o computador é a casa de sua irmã, com mais frequência para estudar, mas fica mais de uma semana sem usar; tem smartphone e usa menos de 1 hora por dia, com mais frequência para se comunicar com outras pessoas através de mensagens por redes sociais.

Alan é educando do Ensino Médio da EJA da EMAVP e estuda na mesma turma do Nícolas e da Estéfane. Ele é um pouco infrequente e não preencheu o questionário. As informações que apresento são a partir da entrevista e das

observações feitas em sala de aula⁴⁵. Ele tem 26 anos de idade; cor preta; foi estudar na EJA naquela escola, no início do ano, cerca de 9 meses antes da entrevista; trabalha como motorista; tem computador em casa, smartphone e os utiliza com frequência, em casa e no trabalho; usa o computador em torno de 3 horas por dia, com mais frequência para ler notícias, acessar redes sociais e para complementar os estudos, com informações sobre o que estudou em sala de aula; o uso do smartphone ocorre com mais frequência para acessar redes sociais e para se localizar nos deslocamentos em função do seu trabalho de motorista.

Dentre os 18 sujeitos entrevistados, podemos chegar aos seguintes dados sobre a idade deles: entre as professoras a idade varia de 25 a 62 anos, perfazendo uma média de 44 anos de idade; entre os educandos e educandas, não temos a idade exata de uma que está na faixa etária dos 32 aos 37 anos; a idade dos demais educandos varia de 26 a 66, perfazendo também uma média de 44 anos de idade. Portanto, a partir dos dados obtidos dos 18 sujeitos entrevistados, a média é de 44 anos de idade, 2 professoras são as mais novas, com 25 anos de idade, o mais velho de todos é um dos educandos, com 66 anos de idade.

Em relação à cor que se autodeclararam, foi possível construir uma tabela para ajudar a comparar esses dados:

Tabela 3: Cor dos sujeitos entrevistados.

Autodeclaração de cor dos sujeitos entrevistados.					
Sujeitos entrevistados (18 pessoas)	Cores autodeclaradas				
	Preta	Parda	Branca	Moreno claro	Sem informações
Professoras	2	-	4	-	2
Educandos e educandas	3	3	-	1	3
Total	5	3	4	1	5

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Dentre os sujeitos entrevistados que informaram a cor que se autodeclararam, podemos verificar que nenhum dos educandos se autodeclara branco e a maioria é formada de pardos e negros. Dentre as professoras, a maioria se autodeclara branca. Se analisarmos, dentre as 18 pessoas entrevistadas, apenas as 13 que

⁴⁵ O educando não havia preenchido o questionário, com as informações iniciais, pois havia faltado no dia que os demais educandos preencheram o documento. Ele também faltou nas aulas seguintes. Então, durante a entrevista, além das perguntas prevista para o evento, foram acrescentadas algumas perguntas do questionário, em forma de entrevista, que precederam as originalmente previstas para a entrevista. Com isso, pude obter algumas informações a seu respeito.

autodeclararam a sua cor. Dentre os 13 sujeitos entrevistados, os pretos e pardos perfazem são mais da metade.

Os dados aqui apresentados nos trazem um panorama das professoras, educandos e educandas da EJA investigados para a formulação desta tese. Há grande convergência entre os dados, mesmo os sujeitos estando em diferentes escolas de EJA.

As duas primeiras escolas investigadas eram confessionais do setor privado, ligadas à Igreja Católica. Pude perceber que a questão da religiosidade estava presente em ambas, ao se verificar a presença de imagens religiosas que remetem à religião católica. No CPRNF, tive contato com a diretora da escola, que trajava hábito, uma vestimenta que carrega todo um simbolismo ligado à religião católica.

No CEBMFS, a primeira escola em que iniciei o trabalho de campo, os educandos estavam em fase inicial de alfabetização e o uso das tecnologias móveis era muito restrito pelas dificuldades dos educandos, devido à pouca capacidade de leitura e escrita. Há de se destacar que a EJA do CEBMFS funciona com o nome de Curso Noturno Bom Jesus. As razões de a EJA ter um curso com nome diferente do restante da escola me levou a refletir se essa mudança não teria relação com um possível atrelamento entre os índices avaliativos da EJA e da escola como um todo. Mas é apenas uma hipótese levantada e não aprofundada.

Foi no CPRNF que senti menos liberdade para prosseguir com investigação, apesar de ser muito bem recebido. Como já havíamos conseguido os acessos a duas escolas públicas, a EMAVP e a EFALO, a melhor opção foi fazer a imersão nestas duas escolas.

Na fase inicial da pesquisa de campo, foi aplicado um pequeno questionário, a alguns educandos, com 18 anos ou mais de idade, e professores. Esse procedimento ajudou a traçar um perfil dos sujeitos da EJA nas escolas investigadas e a selecionar alguns deles para as entrevistas. Algumas pessoas, dentre as 18 entrevistadas, não chegaram a preencher o questionário as questões do documento foram trabalhadas ao longo da entrevista. O pouco tempo de imersão nas escolas privadas e a infrequência de um educandos da EMAVP foram os principais motivos do não preenchimento do questionário por alguns dos entrevistados.

A partir das análises dos questionários e outros dados empíricos, podemos dizer que existem educandos de várias faixas etárias, a partir dos 18 anos e alguns

com mais de 50 anos de idade. O mais velho, dentre os que preencheram o questionário, foi o educando Tomás, com 64 anos de idade. Dos que informaram a sua faixa etária, eram 8 educandos até 31 anos de idade e 13 e acima dos 31 anos, o que correspondem respectivamente a 38% e 62%. Dentre os 26 educandos que preencheram o questionário, 18 estavam trabalhando, o que equivale a quase 70%.

Sobre o uso do computador ou algum dispositivo móvel com acesso à internet para questões relacionadas à escola, 11 educandos disseram usar raramente, 9 falaram que usam com frequência e 6 informaram que não usam. Foram 7 os educandos que responderam não ter computador em casa, enquanto 19 possuem e, destes, só 15 usam. Dentre os 13 que disseram ter computador no trabalho, 9 deles informaram que usam, o que representam 35% do total de educandos que preencheram os questionários. Dentre os locais em que os educandos usam o computador com mais frequência, 15 usam em casa, 7 no trabalho, 6 em casa de parente ou amigo, 4 na escola, 2 em lan house, 1 respondeu que era no trabalho do esposo. Sobre a frequência com que os educandos usam o computador, 2 usam mais de 4 horas por dia, 4 usam diariamente de 1 a 4 horas, 4 usam menos de 1 hora ao dia, 3 usam de 2 a 6 vezes por semana, 3 usam 1 vez por semana, 5 ficam mais de uma semana sem usar e 3 informaram não usar o computador. Esse uso ocorre com mais frequência para: estudar, por 9 pessoas; 8 para se informar; 7 para se comunicarem com outras pessoas; 4 para jogarem; 4 para trabalharem; 1 para assistir filmes.

Ao responderem se possui algum smartphone, 21 educandos informaram que possuem e 5 informaram que não possuem. Com relação à frequência do uso de smartphone, apenas uma pessoa informou não usar. Dentre os que responderam usar, 12 informaram que usam diariamente mais de 4 horas por dia, 3 disseram usar diariamente entre 1 e 4 horas, 6 usam menos de uma hora por dia e 1 pessoa usa de 2 a 6 vezes por semana. O uso do smartphone pelos educandos ocorre com mais frequência para se comunicarem com outras pessoas através de mensagens por redes sociais para 17 pessoas, enquanto 12 usam mais para se comunicarem com outras pessoas através do telefone e da rede de telefonia móvel, 7 utilizam para estudar, 7 para se informar, 7 para se comunicarem com outras pessoas através de mensagens telefônicas de SMS, 3 para trabalharem e 2 para jogarem.

Em relação aos dados obtidos pelos professores, obtive o preenchimento de um total de 7 questionários, sendo 1 homem e 6 mulheres. Nem todas as professoras que receberam o questionário me devolveram. Não entreguei o questionário à professora do CPRNF devido ao pouco tempo que estive na escola. Na EMAVP, uma professora não quis escrever o seu nome no questionário que ela preencheu. Todas as respostas eram opcionais, inclusive o nome.

São várias as faixas etárias dos professores que devolveram o questionário preenchido, que variou de 20 a 45 anos de idade. Contudo, esses dados são inconsistentes. As entrevistas e outros contatos posteriores forneceram outras informações, partindo das mesmas professoras que participaram das entrevistas, depois do preenchimento dos questionários. Pela segunda informação, a idade das 6 professoras, que preencheram os questionários e também foram entrevistadas, variou de 25 a 52 anos de idade.

Uma professora da EFALO é a que atua no magistério há menos tempo, que era inferior a 1 ano, o mesmo tempo na EJA. O maior tempo era de uma professora da EMAVP, que atuava há 26 anos no magistério, sendo 16 na EJA.

Com relação ao uso do computador ou de algum dispositivo móvel com acesso à internet para questões relacionadas à escola em que trabalha, uma professora da EMAVP informou que não usa tecnologia móvel com acesso à internet e o professor da EFALO informou que usa raramente, enquanto as outras 5 professoras informaram que usam com frequência. Todos os 7 professores possuem computador em casa e usam. O local de uso do computador é bem dividido, a metade do uso se dá em casa e a outra metade, na escola. O professor da EFALO também tem o hábito de usar o equipamento na faculdade em que estuda. O acesso ao computador pelos professores ocorre com mais frequência para estudarem, trabalharem, se informarem e se comunicarem com outras pessoas.

Apenas uma professora da EMAVP que não possui smartphone. Todas as demais professoras e o professor possuem e usam diariamente. O acesso ao smartphone ocorre com mais frequência pelos professores para se comunicarem com outras pessoas através de mensagens por redes sociais ou através do telefone e da rede de telefonia móvel. Apenas uma pessoa informou que usa para se informar, um dado que se mostra inconsistente, de acordo com os dados obtidos nas

entrevistas, pois vários falaram que também usam o smartphone com esse objetivo. A professora que não possui smartphone também não utiliza o equipamento.

Capítulo 3

A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na fundamentação teórica, trazemos à discussão algumas questões relacionadas à EJA e às possibilidades de utilização das tecnologias digitais que estão pela sociedade como um todo e, conseqüentemente, na EJA. A linha de pesquisa “*Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas*”, do “*Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais*”, se relaciona com as questões apontadas, por compartilhar estudos e reflexões ligados à EJA e às ações que permeiam a garantia do direito à educação e o acesso aos bens culturais desses sujeitos. A tecnologia é mais um instrumento que pode ser utilizada para se favorecer o direito desse acesso.

Neste capítulo, serão trazidas algumas fundamentações com o objetivo de se fazer reflexões a respeito da EJA nos dias de hoje e em seu contexto histórico. As tecnologias digitais e outras importantes tecnologias também são exploradas nos seus avanços ao longo da história, trazendo algumas previsões de futuro, fazendo o fechamento do capítulo com as tecnologias digitais presentes na sociedade e, conseqüentemente, na vida dos sujeitos que fazem parte da EJA. Vários achados revelados na pesquisa de campo dialogam, de alguma forma, com a fundamentação teórica.

Foi feita a opção por um resgate histórico do autor desta tese, da EJA e das tecnologias, relacionando o passado com a vida dos sujeitos da pesquisa, no tempo presente. Max Weber era um autor que procurava desenvolver suas pesquisas sociológicas utilizando momentos históricos como um recurso para explicar alguns dos fenômenos que trazia ao debate.

Ao escrever sua tese de doutorado, em 1889, a respeito da história das companhias de comércio durante a Idade Média, Weber (1982) concentrou sua argumentação no campo da história econômica e jurídica. Em suas obras, havia uma preocupação em relacionar algumas especificidades históricas com uma Sociologia comparada de natureza generalizante, em que utilizava uma série de tipos ideais, para construir uma concepção de determinado fato histórico. Weber constrói conceitos a partir de exemplos históricos. Assim, “*o respectivo interesse de pesquisa*

– na elaboração de um conceito ou na construção de um objeto histórico – determina seu processo” (WEBER, 1982, p. 79).

Em uma investigação com predominância de procedimentos de cunho qualitativo, o conhecimento sobre uma realidade, na sua particularidade, caracterização e individualidade, pode ser construído a partir de uma conexão universal que leve à percepção das relações entre causas e efeitos. Isso ajudará na elaboração de um sistema conceitual “*que continuamente se aproxime da realidade individual por meio da seleção e da união daqueles traços que se apresentam como sendo característicos*” (WEBER, 2001, p.4).

A elaboração de conceitos relacionais⁴⁶, enquanto recurso para a análise de fenômenos individuais, pode ser construído a partir de um conteúdo ampliado sobre o conhecimento a respeito das características individuais, com uma abrangência reduzida devido ao seu caráter individual. De acordo com Weber (2001),

os resultados específicos deste procedimento são os chamados conceitos concretos de validade universal. Este procedimento metodológico nos interessa sempre naqueles casos em que desejamos saber o “essencial” da realidade fenomênica, ou seja, quando queremos saber aquilo para o qual se volta nosso real interesse, sem que nos preocupemos com sua classificação e subordinação dentro de um sistema de “conceitos genéricos”. (WEBER, 2001, p.5).

Enquanto seres humanos, o nosso presente se relaciona diretamente com a história que aqui nos trouxe. Nossa identidade pode ser construída na relação que estabelecemos com o mundo, com as pessoas que estão ao nosso redor e com a história que herdamos e da qual fazemos parte.

A construção de nossa identidade, enquanto sujeito que está no mundo, “*não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente*” (FREIRE, 1997, p. 59). Homens e mulheres são seres inconclusos que se fazem na história, a partir de um contexto real, e constroem possibilidades que podem ser de humanização ou desumanização, podendo esta ser verificada não só naqueles e naquelas em que a humanização é roubada, mas também nos que a roubam. (FREIRE, 2008c).

⁴⁶ Os conceitos relacionais são apontados por Weber (2001) como fenômenos históricos concretos, que são colocados em um contexto de um sistema concreto individual e, quando possível, que também tenha caráter universal.

O resgate histórico desenvolvido ao longo da tese busca uma melhor compreensão da pesquisa empírica e sobre como os sujeitos investigados utilizam as tecnologias móveis no seu processo de construção do conhecimento.

Ao analisar os estudos secundários na França, para procurar compreender sobre o funcionamento da escola, Émile Durkheim (1922) utilizou o método histórico e comparativo. Para fazer uma avaliação nas necessidades existentes, não levou em consideração apenas o que era visto na atualidade. Para isso, foi preciso analisar e entender as causas que deram origem ao que se apresentava como necessário no momento em que fazia suas análises. Durkheim (1992) apontou a necessidade de reconstruir a história e voltar à origem do tema investigado. Dessa forma, *“a fim de antecipar as mudanças, bem como compreendê-las, devemos nos concentrar e voltar os olhos para o passado.”* (DURKHEIM, 1922, p. 155).

Esta tese não adota o método histórico comparativo. Quando contamos um pouco sobre a história da EJA e das tecnologias, isso é feito para que possamos compreender melhor o presente, mas sem o objetivo de estabelecer comparações entre os diferentes períodos, mesmo que, em alguns momentos, isso seja inevitável. Por isso, houve a escolha de contar um pouco da minha trajetória na introdução do trabalho, para que eu me apresente ao leitor e à leitora desta investigação, contando um pouco do lugar que falo e de como cheguei até aqui, sem aprofundar muito na comparação histórica. Destarte, o método adotado não chega a ser considerado enquanto histórico comparativo.

Milton Santos (1999) trabalha a noção de evento enquanto categoria de análise, por conseguir unir as noções de tempo e de espaço, como se fossem unicamente o “tempoespaço”, partindo da ideia de que *“a História que se faz e a História já feita; o futuro e o passado que aparece como presente. O presente é fugaz e sua análise se realiza sempre a partir dos dois pólos: o futuro como projeto e o passado como realização já produzida”* (SANTOS, 1999, p.15). Para essa análise, de acordo com Santos (1999), o tempo é um componente empírico que flui a partir de possibilidades concretas de uma história feita ou por fazer, construindo a noção de um futuro realizável. O tempo empírico conta com um conjunto de possibilidades, sejam aquelas já utilizadas ou as que ainda serão.

As categorias de análise de uma pesquisa são trabalhadas por Santos (1999) para a compreensão do território no contexto da globalização, que não é trabalhado

na sua forma ou no conteúdo em si. O território, enquanto categoria de análise das ciências sociais, precisaria ser considerado como o território usado, como é o caso da Amazônia, que provoca a cobiça e a disputa de interesses sobre uma parte de seu território. A ideia de território usado está relacionada à noção de um território em processo, em mudança, que pode tomar uma dimensão global, nacional, regional ou local (SANTOS, 1999).

A partir da realização da pesquisa empírica para a elaboração desta tese foi possível construir as categorias de análise que serão desenvolvidas ao longo do trabalho: os sujeitos da EJA, a escola de EJA, os usos das tecnologias móveis pelos sujeitos da EJA, a construção do conhecimento pelos sujeitos da EJA com o uso das tecnologias móveis, a aproximação dos educandos da EJA com a escola por meio dos usos das tecnologias móveis. Essas categorias são analisadas no percurso da pesquisa, com o seu fechamento durante as considerações finais da tese.

3.1 A EJA e as tecnologias no contexto histórico

Avalio ser importante fazer um resgate histórico de determinados temas, possibilitando compreendermos melhor o nosso presente. Para trazer um pouco da história da EJA, recorro a Ana Galvão e Leôncio Soares (2006), que falam da educação de adultos. A inclusão do termo *jovens* nessa modalidade de ensino veio depois, mesmo sabendo-se que os sujeitos jovens estivessem presentes. No Brasil, o início desse processo se dá na chegada dos portugueses, no período colonial, quando se tentava ensinar aos indígenas que aqui habitavam a ler e a escrever, tendo os jesuítas como os seus principais agentes educativos, entre 1549 e 1759, já que os esses religiosos foram expulsos do Brasil pelos portugueses, ao final desse período, após pressões políticas do Marquês de Pombal. Até o fim do período colonial, eram poucas as mulheres que passaram por esse processo educacional e chegaram a ler e escrever (GALVÃO; SOARES, 2006).

O homem e a mulher, por serem livres, criadores e seres de cultura, conseguem produzir inovações técnicas e artísticas, que são reincorporadas à sua cultura e de seu grupo, que podem vir a serem repassadas a outros indivíduos de sua geração ou das seguintes. Por serem seres inacabados, o homem e a mulher se constituem como sujeitos ao longo de sua existência social e, por serem educados

em sociedade, também a modificam a partir da educação recebida, produzindo cultura e progresso social. Assim, a própria sociedade passa a desempenhar “*um papel de mediação entre os homens no processo de criação e transmissão da cultura, no qual consiste a educação. Entre o educador e o educando se interpõe a sociedade.*” (PINTO, 2005. P. 40).

A partir do século XIX, houve um processo de institucionalização da escola no país e a discussão de como seria o processo de escolarização daqueles que eram considerados como se vivessem nas “*camadas inferiores da sociedade*” (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 30), formada por homens e mulheres pobres e livres, além das negras e dos negros escravizados, livres e libertos. A partir do período do Brasil Imperial, que tem início em 1822, após deixarmos de pertencer à colônia portuguesa, surgem várias experiências domésticas com adultos, fora da rede formal de escolarização, que também os atendia, mas em menor número. Galvão e Soares (2006) relatam que historiadores destacam a importância do acesso à leitura e à escrita para a conquista de direitos civis por parte dos escravos, inclusive para um melhor desempenho de seus ofícios, de forma autônoma, agenciando seus serviços por conta própria. Em 1834, por meio de um Ato Institucional, as províncias passam a ser responsáveis pelas instruções primárias e por formular políticas de instrução para os jovens e os adultos.

A educação propicia a convivência entre as pessoas e cumpre uma função social, que é permanente, pois onde há sociedade sempre há educação. Um indivíduo não vive isolado e, o tempo todo, participa da educação de todos. Dessa forma, “*não existe sociedade sem educação, ainda que nas formas primitivas possa faltar a educação formalizada, institucionalizada (que aí é representada pelos ritos sociais)*” (PINTO, 2005, p. 38).

Após o ato Institucional de 1834, surgem as aulas noturnas (ou aulas para adultos), como ocorrera em Pernambuco, destinadas também aos maiores de 15 anos de idade. Na segunda metade do século XIX, em diversas regiões brasileiras, ocorrem diferentes experiências educativas para o atendimento de adultos. Naquele período, a concepção educativa para as camadas populares tinha a pretensão de se trazer “luz” às “*mentes que viviam nas trevas da ignorância para que houvesse progresso. A alfabetização de adultos é, ainda, colocada sob a égide da filantropia, da caridade, da solidariedade e não do direito*” (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 35).

A população brasileira não alfabetizada, no final do século XIX, não se restringia às camadas populares. Muitas pessoas possuidoras de bens, como muitos fazendeiros da época, vivendo nas áreas rurais e sem acesso às escolas, não tinham essa preocupação em se alfabetizar. Seus interesses eram outros. Essa ainda é uma realidade nos dias de hoje, entre os habitantes das zonas rurais, mas em menor percentual se comparada àquela época. Porém, no final do Brasil Imperial, as discussões sobre as pessoas alfabetizadas ou não eram acirradas, especialmente em relação ao voto.

Em 9 de janeiro de 1881, foi promulgado o decreto nº 3029, que foi chamado de “Lei Saraiva”⁴⁷, em homenagem ao Ministro do Império José Antônio Saraiva, responsável pela primeira reforma eleitoral do Brasil. Esse decreto foi o primeiro ao trazer restrições ao voto daqueles que ainda não eram alfabetizados, pois trazia uma concepção de que esses sujeitos eram ignorantes, dependentes e incapazes. Discursos como esses ajudavam a formular os argumentos para a proibição do voto dos que não estavam alfabetizados. Essa realidade levou à criação de cursos noturnos, para a formação elementar (GALVÃO; SOARES, 2006).

Com a chegada da República, em 1889, começa a ser discutida e primeira Constituição⁴⁸ do país, que foi promulgada em 1891, com a proibição ao voto de alguns brasileiros, dentre eles os não alfabetizados, os mendigos e os que estavam sujeitos a voto de obediência, por estarem ligados a alguma igreja ou outra instituição.

Na passagem do século XIX para o século XX, a identidade do sujeito não alfabetizado era relacionada ao povo, mas em uma condição de improdutividade, pois era considerado como se fosse “*degenerado, viciado, servil e incapaz, necessitando da ajuda das elites intelectuais para sair da situação doentia em que se encontrava. [...] Por isso, a necessidade de [...] que transformasse o analfabeto em alguém produtivo, livre dos vícios.*” (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 39).

Cristiane Xavier (2016) apresentou um estudo sociológico sobre o educador Paschoal Lemme e a sua relação com a Educação de Adultos, em que ela apresenta um histórico sobre essa modalidade de educação e relata que o início do século XX foi um período em que havia um crescente apelo pelas reformas

⁴⁷ Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3029-9-janeiro-1881-546079-publicacaooriginal-59786-pl.html>>. Acessado em: 10 Jun 2015.

⁴⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. Acessado em 10 Jun 2015.

educacionais e pelo combate ao analfabetismo no Brasil, incluindo a alfabetização de adolescentes e de adultos. Em 1915, a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo ofertava às pessoas maiores de 14 anos cursos noturnos do ensino primário no Rio de Janeiro, que era a Capital Federal. Em São Paulo, em 1917, trabalho similar foi realizado pela Liga Nacionalista de São Paulo.

Na década seguinte, em 1928, o Decreto 2940, chamado de reforma de Fernando Azevedo, regulamenta os *Cursos populares noturnos agrícolas, comerciais e industriais*. Esses cursos eram de nível primário, com duração de três anos, sendo três horas diárias de aulas, de segunda-feira a sexta-feira. A idade mínima para a matrícula era de 13 anos, os professores eram do magistério primário. Em 1932, o Decreto 3763 amplia esse modelo e cria cursos de continuação com o ensino profissional (XAVIER, 2016).

Fernando Azevedo era mineiro, de São Gonçalo do Sapucaí, realizou uma ampla pesquisa sobre a educação de São Paulo. Na década de 1920, integrou o movimento reformador da educação pública no Brasil e participou da reforma educacional do Rio de Janeiro, ocorrida entre 1917 e 1930, articulando o ensino primário, técnico profissional e normal. Ele e outros 25 educadores e intelectuais⁴⁹ redigiram o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Fernando Azevedo foi considerado como um introdutor no Brasil das ideias do sociólogo francês Émile Durkheim⁵⁰.

Na *Era Vargas*, podemos destacar algumas experiências, como na década de 1930, com o ensino supletivo voltado para os adultos, organizado pelo professor Paschoal Lemme na gestão de Anísio Teixeira à frente da Secretaria de Instrução Pública do Distrito Federal, que hoje é a cidade do Rio de Janeiro. Na década seguinte, o governo brasileiro lança uma inédita campanha nacional para alfabetizar a população na faixa etária a partir dos 15 anos de idade, que equivalia a 56% dos brasileiros. Essa campanha vai de 1947 a 1963. Durante esse período, criou-se uma

⁴⁹ Assinaram o manifesto: Fernando de Azevedo, Afranio Peixoto, A. de Sampaio Doria, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, Roquette-Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venancio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nobrega da Cunha, Paschoal Lemme, Raul Gomes. Disponível em: <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo5/organizacao_gestao/modulo3/quero_saber_mais.pdf>. Acessado em: 21 Mar. 2017.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_fernando_azevedo.htm>. Acessado em: 31 Mar. 2017.

infraestrutura que atendesse à EJA, além da produção de material pedagógico para esse fim, como livros, cartilhas e folhetos educativos. Inicialmente, o processo de alfabetização inicial deveria ocorrer em três meses e, depois, o curso primário ocorreria em dois períodos de sete meses, cada. A campanha fazia apelos para que houvesse o engajamento de voluntários para esse trabalho, fazendo com que “o aspecto redentor, missionário e assistencialista da alfabetização aqui permanecesse.” (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 42). De acordo com esses autores, as pessoas não alfabetizadas ainda eram consideradas como incapazes e marginais e, ainda, comparadas a uma criança por estarem nessa condição.

Em 1933, por meio do Decreto 4299, são criados os *Cursos de continuação, aperfeiçoamento e de oportunidades*, que “eram destinados a qualquer pessoa interessada em ampliar ou complementar a sua formação. Eram compostos por todas as matérias de ensino ministradas no nível primário, secundário ou profissional” (XAVIER, 2016, p. 49). Também havia a possibilidade do grupo de educandos escolher qualquer matéria extra e contratar os professores para essa escolha. Porém, havia o rateio entre os educandos do pagamento dos serviços desse profissional e do material utilizado. As aulas também eram de 15 horas semanais, que poderiam ocorrer entre as 17:00 horas e 22:00 horas. Não havia seriação e nem a exigência de pré-requisitos para a matrícula. Essa era a oferta para a Educação de Adultos no Distrito Federal, que era no Estado do Rio de Janeiro, e foi coordenada por Paschoal Lemme de 1934 a 1935 (XAVIER, 2016).

Alguns *Cursos de continuação, aperfeiçoamento e de oportunidades* já traziam algumas características da *Educação ao Longo da Vida*, discutidas pela UNESCO nas CONFINTEA. Em 1949, já na I CONFINTEA, realizada na Dinamarca, surgiram os debates a esse respeito. Contudo, esse “assunto seria retomado na terceira conferência, sediada em Tóquio, que teve como tema ‘A educação de adultos no contexto da educação ao longo da vida’” (GOMES e OGLINARI, 2016, p. 352). Todavia, Gadotti (2016) nos aponta que esse conceito surgiu oficialmente na Inglaterra, em 1919, em um documento sobre a “*Lifelong Education, Education for Life*”⁵¹, ligada à formação profissional de trabalhadores. Essa expressão na língua inglesa foi traduzida para a língua francesa como “*Éducation permanente*”⁵². Contudo, essa ideia não era novidade na França, já que educação continuada já era

⁵¹ Educação ao Longo da Vida, Educação para a Vida (tradução do autor).

⁵² Educação continuada ou educação contínua (tradução do autor).

chamada de “educação *para todas as idades*”, que “era a base do programa educativo da Revolução de 1789” (GADOTTI, 2016, p. 52).

Na década de 1930, a oferta era de Educação de Adultos, que estava voltada aos trabalhadores ou às pessoas à procura de uma formação profissional. O currículo era planejado para a qualificação dos sujeitos em função do trabalho e do que o mercado queria. Não havia uma participação mais efetiva do Estado, da Igreja ou das organizações civis, até a segunda metade da década de 1940. A educação popular era voltada para o ensino primário de crianças das camadas populares, que era a classe média baixa e a população pobre. No final da década de 1930, Paschoal Lemme foi pioneiro ao publicar a sua monografia no concurso para técnico de educação do Ministério da Educação e Saúde: “*Educação supletiva, educação de adultos*”. Mais tarde veio se falar com mais frequência em *educação de adolescentes e adultos*, para depois se chegar na categoria juventude, já na década de 1980, e chegarmos então à Educação de Jovens e Adultos (FÁVERO e MOTTA, 2015)⁵³.

Na década de 1940 a “*Educação de adultos*”, que era um conceito muito forte, mas no final da década de 1950 já se começou a falar com mais frequência na educação com adultos e adolescentes juntos, nas mesmas turmas. Mesmo assim, na década de 1940 já se pensava em uma educação que atendesse tanto adultos quanto adolescentes. Dentre as mídias disponibilizadas por Fávero e Motta (2015), podemos encontrar um material de 1947, que foi produzido pelo Serviço de Educação de Adultos, do Departamento Nacional de Educação, para a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, na edição de julho e agosto, sob o título “*Instruções aos professores do ensino supletivo*”. O segundo capítulo desse material trazia o título “*Pontos gerais a atender no ensino de adolescentes e adultos*”.

Entre 1947 e meados de 1950, o Ministério da Educação e Saúde criou e coordenou a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). Esta foi uma campanha ampla e de grande importância no processo de redemocratização do Brasil, após o Estado Novo (1937 – 1945) imposto pela ditadura de Getúlio Vargas. O CEAA, que contou com a coordenação de Lourenço Filho, conseguiu ter grande penetração na maioria dos estados da federação e firmar convênios com várias secretarias de estados e de municípios. Contudo, o CEAA contava com escolas e professores improvisados, utilizando o mesmo material didático. O Ministério da

⁵³ Memória da educação de jovens e adultos (1947-1967).

Educação e Saúde distribuiu cartilhas para alfabetização de adultos, que foram elaboradas tendo como base os conteúdos e os modos típicos da escola primária de crianças (FÁVERO e MOTTA, 2015)⁵⁴. A cartilha Ler, a seguir, era utilizada na alfabetização da CEEA:

Figura 28: Capa da Cartilha Ler.



Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

Figura 29: Lição de alfabetização da Cartilha Ler.



Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

Pinto (2005) fala da importância de não se construir um currículo na Educação de Adultos que infantilize o adulto, tomando-o como se fosse um ser

⁵⁴ Memória da educação de jovens e adultos (1947-1967).

atrasado ou considerando o adulto não alfabetizado igual a uma criança, imaginando que pudesse ter parado de se desenvolver culturalmente. Não é possível que se utilize idênticos métodos de ensino, muitas vezes com a mesma cartilha ou material didático que serve à fase da infância, supondo que a alfabetização de jovens e adultos deva ser trabalhada para uma pseudo retomada do desenvolvimento mental de um indivíduo que estivesse ainda estacionado na sua infância. Não se pode considerar esse adulto um atrasado, pois isso seria uma concepção inadequada, falsa e ingênua, já que se trata de uma pessoa que detém conhecimentos que lhe são próprios. O desenvolvimento do ser humano é de natureza social, que também se faz pelo trabalho e pela sua vida com sua família, em sua comunidade, onde muitas vezes é considerada uma pessoa de vanguarda. É um equívoco rotular o analfabetismo como um mal social, dando certo caráter patológico a essa realidade e às condições sociais de existência dos indivíduos não alfabetizados. Ao invés disso, deve-se discutir a gravidade dos problemas que geram o analfabetismo, reconhecendo que é uma etapa do processo em que se encontra o desenvolvimento nacional. A condição de um sujeito que ainda não se alfabetizou não pode ser comparada a

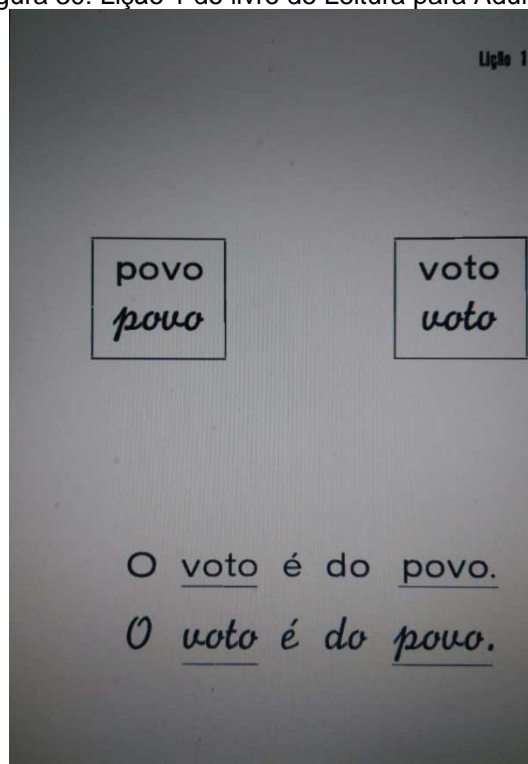
uma anormalidade, uma monstruosidade que é preciso "combater", "erradicar". Estas expressões, frequentes na oratória dos promotores de campanhas de alfabetização, demonstram [...] o analfabetismo como um "mal", uma "enfermidade", uma "endemia", uma "erva daninha", ou seja, que o veem como algo não natural no corpo da sociedade. Assim, enquanto este for o pensamento dominante não há possibilidade de que o educador ou o legislador entre pela correta via de resolução do problema do analfabetismo, que é de fato uma deficiência culturalmente grave, mas que nada tem de sociologicamente anormal. (PINTO, 2005, p. 89).

Ao final da década de 1950, surgiam críticas contundentes à campanha de alfabetização de adultos, tanto em relação ao material didático, que era adaptado, quanto ao que era utilizado com a alfabetização de crianças, na concepção de que o adulto não alfabetizado seria uma pessoa ignorante, imatura, que não fosse produtora de cultura e de saberes. As críticas vieram, principalmente, das próprias pessoas engajadas na campanha, como o educador Paulo Freire que, em 1958, no *II Congresso Nacional de Educação de Adultos*, propunha que a realidade dos educandos necessitaria ser a base para a organização dos cursos e que *“o trabalho educativo deveria ser feito ‘com’ o homem e não ‘para’ o homem. [...] um dos pressupostos que baseavam sua proposta de alfabetização era que a leitura do*

mundo precedia a leitura da palavra” (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 43), já que as precárias condições de vida dos sujeitos eram ainda mais graves do que a sua falta de alfabetização e, por isso, necessitavam ser problematizadas. Com isso, se pretendia levar esses educandos a refletir sobre sua realidade e a construir alternativas de mudança que os tirassem da situação de miséria em que se encontravam.

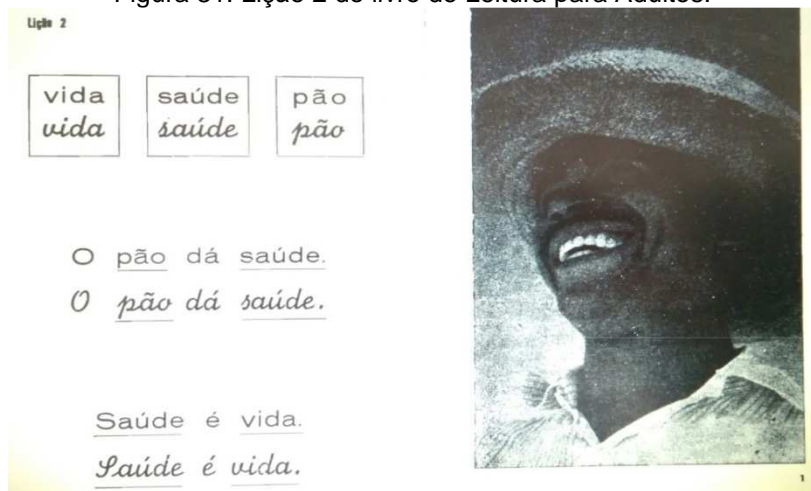
No início da década de 1960, surgiu no Recife o *Movimento de Cultura Popular (MCP)*, que foi referência para vários outros movimentos de cultura e de educação popular. E 1962, foi lançado o *Livro de Leitura para Adultos*, que veio inovar o material didático destinado aos alfabetizandos e aos recém-alfabetizados. Vários outros movimentos de educação e cultura popular da época adaptaram esse material para que também pudessem usar, alfabetizando e conscientizando os educandos (FÁVERO e MOTTA, 2015).

Figura 30: Lição 1 do livro de Leitura para Adultos.



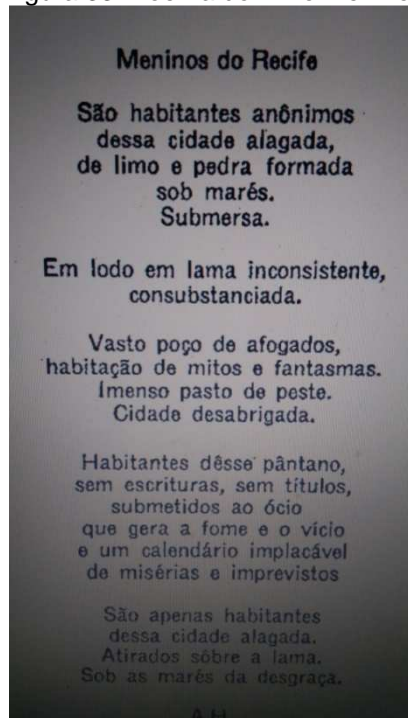
Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

Figura 31: Lição 2 do livro de Leitura para Adultos.



Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

Vários outros materiais foram produzidos nessa época e utilizados pelo MCP. “De singular importância é o álbum de desenhos *Meninos do Recife*, de Abelardo da Hora, usado como cartão de visitas do movimento.” (FÁVERO e MOTTA, DVD Educação Popular I). A seguir, imagens do material didático *Meninos do Recife*:

Figura 32: Livro *Meninos do Recife*.Figura 33: Poema do Livro *Meninos do Recife*.⁵⁵

Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

⁵⁵ “Meninos do Recife

São habitantes anônimos dessa cidade alagada, de limo e pedra formada sob marés. Submersa. Em lodo em lama inconsistente, consubstanciada.

Vasto poço de afogados, habitação de mitos e fantasmas. Imenso pasto de peste. Cidade desabrigada.

Habitantes desse pântano, sem escrituras, sem títulos, submetidos ao ócio que gera a fome e o vício e um calendário implacável de misérias e imprevistos.

São apenas habitantes dessa cidade alagada. Atirados sobre a lama. Sob as marés da desgraça.”

A educação vai além de algo pronto e determinado, puramente controlado, como se fosse um pacote a ser desembulhado e usado, pois ela consegue produzir cultura e interagir com ela. Portanto, há uma relação de pertencimento e simultaneidade entre ambas. Por isso, a alfabetização de jovens e adultos que interage com a cultura do educando pode conseguir resultados satisfatórios na formação do sujeito, já que também o capacita para ser um agente de ampliação da cultura (PINTO, 2005).

Um dos lugares em que se privilegia a construção do conhecimento é a escola. A sociedade cria mecanismos que favorecem e, muitas vezes, controlam o trabalho que é realizado dentro delas. Existem diversas repartições governamentais e organizações não governamentais encarregadas de discutir, propor, planejar e controlar o que é trabalhado nas escolas.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, que ocorreu de 1939 a 1945, foram criadas algumas organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), em outubro de 1945, e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)⁵⁶, em novembro de 1945. No Brasil, a ONU foi estabelecida em 1947 e a UNESCO bem depois, em 1964.

Foi nesse intervalo que, no ano de 1949, de 19 a 25 de junho, em Elsinore, Dinamarca, ocorreu a I CONFINTEA, no International People's College de Elsinore, com a participação de 106 delegados, representando 27 países. Nesse período, não se enxergava a educação de adultos como algo fora do contexto educativo, o que trazia certa dificuldade na sua aceitação, enquanto uma modalidade educativa. Como princípio, discutiu-se que a educação de adultos deveria se distinguir da formação profissional e também exigir que houvesse *“uma técnica especial de ensino, uma formação específica de professores, currículos flexíveis e variados e instituições especializadas de acordo com o ambiente e o país”* (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 91).

Dentre as recomendações da I CONFINTEA, constam: a necessidade de se oferecer instalações adequadas à formação dos trabalhadores e líderes, bem como salários e condições de trabalho que sejam atraentes para homens e mulheres que possuam uma alta qualificação e a experiência adequada à educação de adultos; uso do rádio, enquanto instrumento importante para a organização de grupos

⁵⁶ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO).

participantes de seu planejamento, servindo também para a oferta de instrução graduada em diferentes idiomas e na língua materna (IRELAND e SPEZIA, 2014).

Ao término da década de 1950 e início da década de 1960, surgem os movimentos políticos de educação e de cultura, que eram ligados às camadas populares, como já propunha Paulo Freire. Dentre eles, podemos destacar: De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Prefeitura de Natal, Rio Grande do Norte, em fevereiro de 1961; Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, em março de 1961; Movimento de Educação de Base (MEB) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em março de 1961; Movimento de Cultura Popular (MCP) da prefeitura de Recife, Pernambuco, em maio de 1961; Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR), em 1962; Alfabetização de Adultos pelo Sistema Paulo Freire⁵⁷, em Angicos, Rio Grande do Norte, de janeiro a abril de 1963; Experiência de Brasília, para a adoção do Sistema Paulo Freire, de julho de 1963 a março de 1964; Implantação do Programa Nacional de Alfabetização, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, em janeiro de 1964. (FÁVERO, 2013; GALVÃO; SOARES, 2006; PEIXOTO FILHO, 2010).

Em reunião com o professor Osmar Fávero⁵⁸, ele falou a respeito desses movimentos de educação e cultura popular, como o “*De pé no chão se aprende a ler*”, que começou a ser trabalhada nas praias de Natal e foi necessária a reconstrução do currículo para esse trabalho. Ele também destacou que, dentre as diversas campanhas de educação e cultura popular, a CEPLAR foi a única a adotar “*Educação Popular*” em seu nome.

Fávero (2013) destaca que esses movimentos populares deram um salto em qualidade, se comparados com as campanhas e as mobilizações governamentais que se propunham a combater o analfabetismo de jovens e de adultos, ocorridas na década de 1950, pois eles eram radicalmente diferentes no “*compromisso explicitamente assumido em favor das classes populares, urbanas e rurais, e o fato de terem orientado sua ação educativa para uma política renovadora*” (FÁVERO, 2013, p. 49).

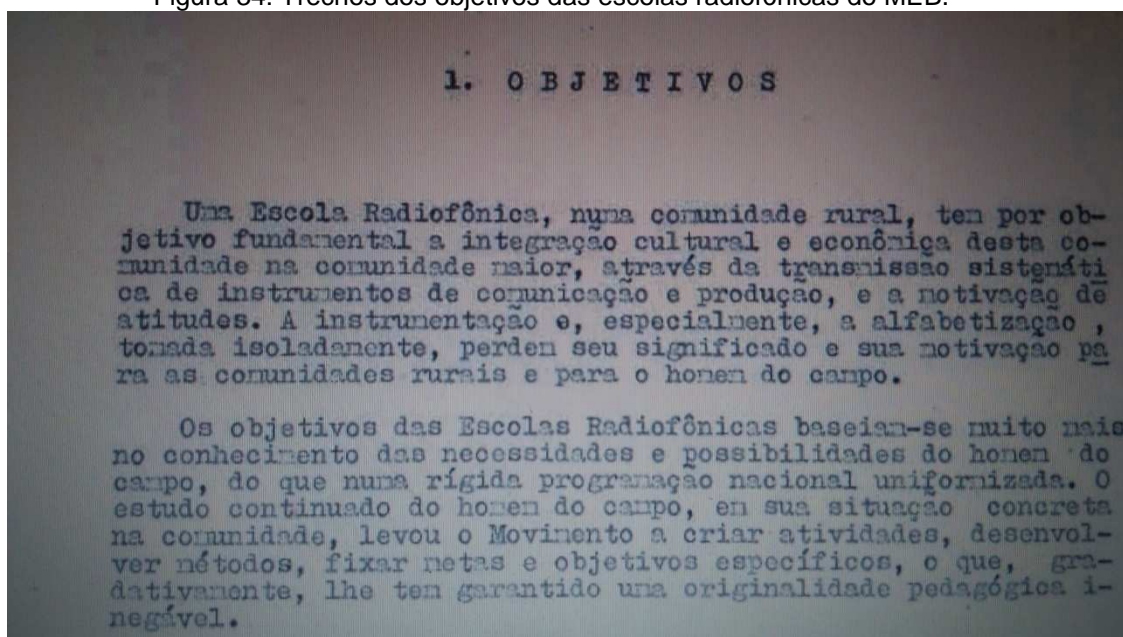
⁵⁷ Muito se questiona se Paulo Freire propôs um método ou um sistema. Compartilho com Fávero (2013) de que a proposta de Freire era de se criar um sistema de educação que fosse amplo, indo “*da alfabetização até a universidade popular. [...] o Sistema de Alfabetização Paulo Freire, tal como foi realizado em Angicos e como seria expandido para outros Estados brasileiros, foi a melhor síntese das aspirações dos movimentos de cultura e educação popular do período*” (FÁVERO, 2013, p. 60).

⁵⁸ Na FaE da UFMG, em 1 Set. 2017.

O movimento que utilizou a comunicação do rádio como base, enquanto tecnologia para fins educativos e pedagógicos foi o MEB, que também realizou um amplo trabalho de educação popular, tanto em relação à alfabetização quanto às mobilizações sociais junto aos camponeses. “O MEB se concretizou por meio de um convênio entre a Presidência da República e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em março de 1961, no Governo Jânio Quadros” (PEIXOTO FILHO, 2010, p. 21). De acordo com Pretto, Bonla e Sardeiro (2010), o MEB foi pioneiro no uso do rádio na educação brasileira, ao desenvolver projetos de alfabetização no meio rural, com jovens e adultos.

Em 1966, foram publicadas algumas notas sobre as escolas radiofônicas do MEB. A seguir, temos um trecho dos objetivos desse trabalho educativo com o uso do rádio:

Figura 34: Trechos dos objetivos das escolas radiofônicas do MEB.⁵⁹



Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

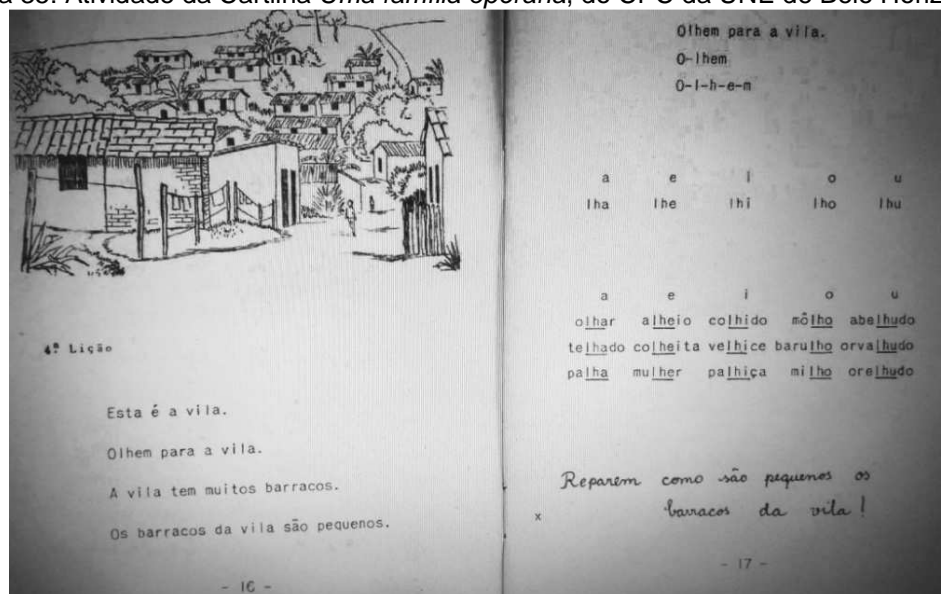
⁵⁹ “Uma Escola Radiofônica, numa comunidade rural, tem por objetivo fundamental a integração cultural e econômica desta comunidade na comunidade maior, através da transmissão sistemática de instrumentos de comunicação e produção, e a motivação de atitudes. A instrumentação e, especialmente, a alfabetização, tomada isoladamente, perdem seu significado e sua motivação para as comunidades rurais e para o homem do campo.

Os objetivos das Escolas Radiofônicas baseiam-se muito mais no conhecimento das necessidades e possibilidades do homem do campo, do que numa rígida programação nacional uniformizada. O estudo continuado do homem do campo, em sua situação concreta na comunidade, levou o Movimento a criar atividades, desenvolver métodos, fixar metas e objetivos específicos, o que, gradativamente, lhe tem garantido uma originalidade pedagógica inegável.”

Naquele período, o CPC da UNE desenvolvia muitos trabalhos no Rio de Janeiro. Contudo, a maior concentração desses movimentos se dava na região Nordeste do Brasil. Esses movimentos tinham como objetivo difundir uma nova política educacional, trazia em seu arcabouço uma proposta pedagógica que fosse questionadora da realidade de opressão que a classe popular sofria em seu cotidiano e construísse um trabalho de conscientização desses sujeitos (GALVÃO; SOARES, 2006).

Em Belo Horizonte, o CPC da UNE também esteve presente. Dentre os materiais produzidos, foi publicada em 1962 uma cartilha para se trabalhar com a alfabetização e a conscientização de adolescentes e adultos, chamada “*Uma família Operária – Manual de alfabetização para adultos e adolescentes*”:

Figura 35: Atividade da Cartilha *Uma família operária*, do CPC da UNE de Belo Horizonte.⁶⁰



Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

De acordo com Soares (2005), “a formação do educador de adultos está, há muito tempo, em questão” (SOARES, 2005, p. 128). A I Campanha Nacional de Educação de Adultos no Brasil, lançada no ano de 1947, teve como base a ação do voluntariado e não formava os educadores para lecionar para esses educandos. Nesse mesmo ano, foi realizado o I Congresso Nacional de Educação de Adultos, no Rio de Janeiro, e já se apontava “as especificidades das ações educativas em

⁶⁰ “Esta é a vila.
Olhem para a vila.
A vila tem muitos barracos.
Os barracos da vila são pequenos.”

diferentes níveis e se recomendava uma preparação adequada para se trabalhar com adultos” (SOARES, 2005, p. 129). A ausência dessa formação continuou sendo criticada na década seguinte durante o *II Congresso de Nacional Educação de Adultos*, como revela o autor. Muitos desses movimentos de educação e de cultura popular, surgidos nas décadas de 1950 e 1960, seguiam a linha pedagógica debatida neste segundo congresso, que era inspirada na proposta educacional de Paulo Freire, ao problematizar as condições de vida dos educandos. Isso fez com que, após o Golpe Militar de 31 de março de 1964, o regime ditatorial de exceção implantado no Brasil encerrasse a campanha nacional de alfabetização, que teve seu início em 1947, e perseguisse as lideranças engajadas nesse movimento, chegando a exilar alguns deles (GALVÃO; SOARES, 2006).

O Governo Federal do presidente Juscelino Kubitschek, de 1956 a 1960, procurava priorizar a aceleração e o planejamento do crescimento econômico. Isso fez com que se colocasse em destaque o papel da educação no desenvolvimento, especialmente na formação de recursos humanos, conforme nos aponta Fávero (2013). Essa realidade não era uma exclusividade brasileira, pois esse fato se dava em um plano mundial, que coincidia com as ideias iniciais de planejamento educacional, que fora lançada no final da década de 1950 na América Latina pela UNESCO e pela Organização dos Estados Americanos (OEA):

Justificadas a princípio pelo direito de todos à educação e pela necessidade de maior eficácia dos sistemas de ensino, logo essas ideias passaram a ser justificadas pela teoria do capital humano, dando margem ao crescente interesse do Estado na reformulação dos sistemas de ensino, em geral, e pela reorientação das campanhas de alfabetização e educação de adultos, em particular. O Programa de Metas do governo Kubitschek não deu muita ênfase ao problema educacional – a Meta 30 restringiu-se à preparação de técnicos. Mas o tema “educação e desenvolvimento” polarizou as discussões no período, não só em termos de uma revisão das prioridades, estrutura e métodos dos sistemas de ensino, mas sobretudo quanto à formulação de uma nova teoria da educação, ante as exigências do crescimento econômico sustentado pela industrialização. (FÁVERO, 2013, p. 51).

A Instalação do *II Congresso Nacional de Educação de Adultos* aconteceu no Ministério da Educação e Cultura, com a presença do Presidente da República Juscelino Kubitschek, em 9 de julho de 1958, no Rio de Janeiro. Em seu discurso de abertura, o presidente fala de uma educação voltada para adolescentes e adultos, que acontecesse com a generosidade do povo brasileiro, de forma mais rápida e

que atendesse ao processo de desenvolvimento por que passava o país, pois necessitava de mão de obra qualificada e de pessoas alfabetizadas. A formação profissional dos educadores não é abordada. Destaco alguns trechos desse discurso, em que o Presidente Juscelino fala sobre a

educação dos adolescentes e dos adultos que não receberam, em época própria, os instrumentos básicos da educação, ou necessitam ainda de um melhor ajustamento às novas condições de vida na sua própria região, ou nos grandes centros de produção industrial, para onde foram atraídos, em busca de melhores salários e de mais alto padrão de vida. Cabe à educação dos adolescentes e adultos importante papel na solução dos problemas criados com o desenvolvimento econômico, suprimindo, na medida do possível, as deficiências da rede de ensino primário, e, principalmente, dando preparo intensivo, imediato e prático aos que, ao se iniciarem na vida, se encontram desarmados dos instrumentos fundamentais que a sociedade moderna exige para completa integração nos seus quadros: a capacidade de ler e escrever, a iniciação profissional e técnica, bem como a compreensão dos valores espirituais, políticos e morais da cultura brasileira. [...] O elemento humano convenientemente preparado de que necessita a nossa expansão industrial, comercial e agrícola [...]. Essa expansão vem sendo tão rápida e a conseqüente demanda de pessoal tecnicamente habilitado tão intensa, que não podemos esperar a sua formação pelo sistema regular de ensino: é preciso uma ação rápida, intensiva, ampla e de resultados práticos e imediatos, a fim de atendermos às necessidades de nosso crescimento. [...] Tem a educação de adultos muito de ação e de serviço social. O povo brasileiro, sempre tão generoso, compreendendo a relevância de seu papel, não tem faltado ao apelo dos educadores e das autoridades públicas e religiosas, no sentido de cooperar no combate ao analfabetismo e aos baixos níveis de vida. (BRASIL, 1958).

Nesse discurso, podemos perceber que o objetivo era de se ofertar uma formação ligeira aos adolescentes e adultos, para que pudessem aprender a ler e a escrever, de maneira a atender às exigências do mercado de trabalho e ao desenvolvimento econômico do Brasil. A generosidade do povo e o apelo para que os educadores e as autoridades públicas e religiosas cooperem na alfabetização de adolescentes tiveram destaque nesse discurso, que se parece com os apelos feitos em outras campanhas de alfabetização, principalmente quando compara a educação de adultos a uma ação de serviço social.

Cerca de 2 anos depois, de 22 de agosto a 2 de setembro de 1960, em Montreal, Canadá, na Universidade McGill, ocorreu a II CONFINTEA, que veio a ocorrer 11 anos após a primeira, ambas realizadas pela UNESCO. De acordo com Ireland e Spezia (2014), discutiu-se sobre o papel da educação de adultos, principalmente em razão das mudanças e evolução tecnológica no mundo, que não ocorriam da mesma maneira e grau de modificação. No encontro, foi abordada a formação de grupos de discussão para a realização de cursos e programas de rádio,

como os que são utilizados na educação de donas de casa e de consumidores, diante do aumento de propagandas que se destinam a aumentar a venda de diversos produtos, e assim evitar que essas pessoas sejam tratadas como meros objetos, sem opiniões próprias. Os cursos por correspondência necessitavam de cuidados, já que eram muito utilizados em vários países, utilizando os meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, para complementar o processo formativo de adultos.

A II Conferência apontou que a década de 1950 havia sido marcada pela imensa expansão dos meios de comunicação de massa, especialmente o rádio, naqueles países em desenvolvimento, já que ele conseguia penetrar até nos mais distantes rincões de área rurais. Ao passo que a televisão alcançava os países mais desenvolvidos. Dessa forma, o educador deveria desenvolver um espírito crítico. Dentre as recomendações à II CONFINTEA, uma delas era destinada aos educadores de adultos, para que eles dessem a necessária importância à mídia de massa e à sua influência, ao mesmo tempo em que os educadores deveriam estimular a uma *“apreciação crítica e a discriminação entre o público e colaborem estreitamente com aqueles que controlam os meios de comunicação de massa na sua utilização para os propósitos mais amplos da educação de adultos”* (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 135).

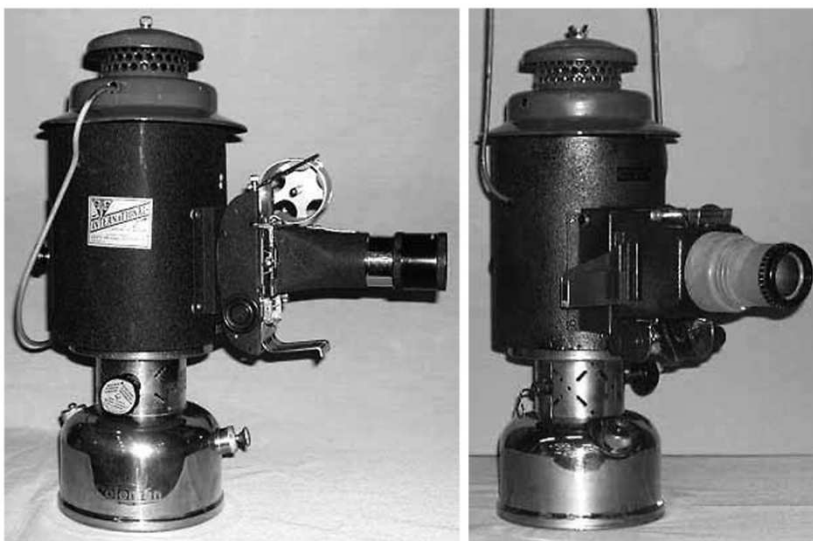
Vale ressaltar que, ao se recomendar aos educadores que colaborem com os que controlam os meios de comunicação e, ao mesmo tempo, desenvolvam um espírito crítico em seus educandos, é preciso ter atenção, reflexão e coerência para executar os dois aspectos em questão, para que uma recomendação não comprometa a outra.

A proposta de Paulo Freire procurava conscientizar a população oprimida em relação à sua realidade e à opressão sofrida. As tecnologias eram ferramentas que auxiliavam no trabalho pedagógico de dialogicidade da educação, por meio de uma investigação temática sobre questões da vida local dos educandos. As tecnologias apoiavam no momento inicial, gravando as discussões para depois serem ouvidas, gravação por gravação, para que fossem reduzidas⁶¹ e codificadas e depois incrementadas de sugestões bibliográficas, para serem trabalhadas nos círculos de

⁶¹ “Na ‘redução’ temática, que é a operação de ‘cisão’ dos temas enquanto totalidades, se buscam seus núcleos fundamentais, que são suas parcialidades [...], voltando-se a ele como totalidade, de melhor conhecê-lo” (FREIRE, 2008c, p.135).

cultura, que eram os grupos formados pelos educandos e professores. Após a redução e codificação do tema investigado, fazia-se a escolha dos melhores canais de comunicação: visual, pictórico ou gráfico, tátil ou auditivo. As tecnologias retornavam na produção e reprodução do material didático, que poderiam ser em forma de fotografias projetadas em slides, film strips⁶², cartazes, textos etc. “A escolha do canal visual, pictórico ou gráfico, depende não só da matéria a codificar, mas também dos indivíduos a quem se dirige. Se têm ou não experiência de leitura” (Freire, 2008c, p. 135). No início da década de 1960, para onde não havia eletricidade, como na cidade de Angicos, situada no sertão do estado do Rio Grande do Norte, foram comprados alguns “projetores que operassem com bateria de automóvel ou com querosene, como as antigas lâmpadas Coleman” (GUERRA, 2013, p.32).

Figura 36: Projetor de film strips Coleman, a querosene



Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

Durante a reunião com o professor Osmar Fávero⁶³, ele revelou que, na década de 1960, Paulo Freire conseguiu um projetor de film strips polonês muito mais barato, ao custo de U\$ 2.00. Os que havia antes, adquiridos pela UNESCO, custavam cerca de U\$ 200.00. O Governo Federal comprou muitos desses projetores poloneses, que eram bem menores e funcionavam com baterias.

⁶² Film strips são tiras de filme, em forma de película, que podem ser projetadas para se mostrar partes de determinada filmagem.

⁶³ Na FaE da UFMG, em 1 Set. 2017.

Figura 37: Projetor de film strips polonês.



Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

Um material apresentado em Brasília, produzido pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo, para o Ministério de Educação e Cultura, traz uma sequência de fichas de sobre o círculo de cultura, dispostas em film strips, próprio para esse tipo de projeção. A sua última ficha traz a imagem de um projetor funcionando em um círculo de cultura:

Figura 38: Projetor de film strips funcionando em um círculo de cultura.



Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

A tecnologia usada era considerada moderna para a época e tinha grande importância no processo de alfabetização de jovens e adultos, sendo considerada como uma grande ferramenta pedagógica e muito utilizada no sistema de educação proposto por Paulo Freire.

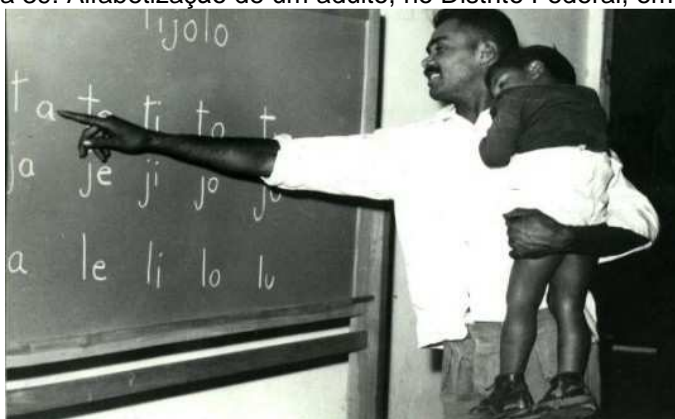
NA II CONFINTEA, os meios audiovisuais, como instrumentos de educação, foram debatidos. Essa forma de comunicação com o uso de cartazes, filmes, exposições, rádio e televisão eram considerados como importantes instrumentos de educação, já que eles poderiam:

ajudam a diminuir a distância entre o nível de conhecimento do especialista e o do homem comum. Eles também promovem o intercâmbio de ideias, modos de vida e perspectivas entre diferentes grupos de cidadãos e diferentes países. Eles ampliam o conhecimento do nosso ambiente imediato e do mundo em geral. Em alguns países, tem sido possível organizar cursos de alfabetização pelo rádio. Em vários outros, o rádio e a televisão são usados para o ensino de diversas disciplinas acadêmicas. Em todos os países, o rádio está sendo utilizado com sucesso para a educação social. Na maioria dos casos, é necessária a presença do professor para servir como canal para a transmissão de informações e para dirigir as discussões. A Conferência recomenda que os educadores de adultos utilizem plenamente os meios audiovisuais de educação disponíveis, desde cartazes a fotos e filmes à televisão, de acordo com a adequação de cada um desses recursos às situações específicas (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 135).

Era fundamental que se pensasse em um método para se ensinar pessoas adultas, já que essa formação era dirigida a pessoas possuidoras de uma consciência formada, mesmo que ainda ingênua. A forma de se educar esses sujeitos poderia levar em conta algumas características, como despertar “*no adulto a consciência da necessidade de instruir-se e de alfabetizar-se [...] [despertando] nele a consciência crítica de sua realidade total como ser humano, o faz compreender o mundo onde vive*” (PINTO, 2005, p. 86).

Na imagem a seguir, podemos ver o registro fotográfico de um círculo de cultura que ocorreu no Gama/DF (1963), que na ocasião contou com a presença de Paulo Freire, “*onde um alfabetizando carregando o filho, verbaliza e mostra sua descoberta - TU JÁ LÊ - no uso dos "peda-ços" (sílabas) da palavra TIJOLO*” (PORTAL DOS FÓRUNS DE EJA, 20???)⁶⁴:

Figura 39: Alfabetização de um adulto, no Distrito Federal, em 1963.



Fonte: PORTAL DOS FÓRUNS DE EJA (20???)⁶⁵.

⁶⁴ Acessado em: <<http://forumeja.org.br/book/export/html/1412>>. Acessado em: 11 Out. 2017.

⁶⁵ Acessado em: <<http://forumeja.org.br/book/export/html/1412>>. Acessado em: 11 Out. 2017.

A ditadura militar imposta ao governo federal, que fora implantado de forma ditatorial, na década de 1960, se sentia ameaçada por práticas pedagógicas questionadora de conscientização, já que o poder imposto não aceitava ser enfrentado e nem questionado. Isso fez com que esse governo militar dizimasse os movimentos de educação e cultura popular, o que trouxe grandes perdas à educação brasileira, que se encontrava em fase de inovação pedagógica que favorecia a emergência política da classe popular no Brasil.

Ferraro (2013) avalia que não foi apenas o método ou sistema proposto por Paulo Freire que agitou os espíritos golpistas no início da década de 1960, mas principalmente as condições em que se realizou a experiência de alfabetização de adultos, já que a conscientização popular poderia ser trabalhada em qualquer local, ao mesmo tempo em que se aprendia a ler, como ocorreu em Angicos, de 28 de janeiro a 2 de abril de 1963.

Somente no final da década de 1960 foi que o governo militar apresentou como alternativa uma nova proposta para a educação de adultos, que era o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado pela lei federal 5379, 15 de dezembro de 1967, e instituída pelo decreto federal 62455, de 22 de março de 1968, nos termos do artigo 4º da lei que o criou. O trabalho desenvolvido seguia os mesmos moldes das campanhas nacionais de alfabetização e era coordenado pelo Departamento Nacional de Educação (DNE) do Ministério de Educação e Cultura (MEC). Mesmo sofrendo muitas críticas, o MOBRAL passou a ser a principal opção para a educação de adultos nesse período, já que vários movimentos populares foram dizimados pela Ditadura Militar.

Recordo de quando eu era criança e via a minha mãe sair à noite para estudar no MOBRAL, na década de 1970, no estado do Rio de Janeiro, depois de viver lá por mais de uma década. Ela era mais uma imigrante do interior de Minas Gerais, que foi ao Rio de Janeiro em busca de emprego e dias melhores. Minha mãe havia estudado quando criança somente até o início do 2º ano do antigo curso primário⁶⁶ de uma escola rural do município de Muriaé, Minas Gerais, e retomou os estudos mais de duas décadas depois, no primário, quando tinha mais de 30 anos de idade. Depois de estar alfabetizada, tomou gosto pelos estudos e concluiu o

⁶⁶ Hoje, a primeira metade do Ensino Fundamental.

antigo 1º grau⁶⁷, depois o 2º grau⁶⁸ e, finalmente, realizou o seu sonho de se formar em uma faculdade, concluindo o curso superior de Ciências Biológicas, aos 60 anos de idade. A EJA passou bem próxima de mim, desde a minha infância, com minha mãe se alfabetizando e se formando ao longo da vida. O que faltavam eram oportunidades a muitos jovens e adultos para retomarem os seus estudos. Hoje, temos uma maior oferta para uma população que cresceu, mas as oportunidades continuam insuficientes.

Embora o MOBREAL tivesse sido criado em 1967, foi só em 1969 que iniciou as suas atividades, de forma autônoma em relação ao MEC, montando uma estrutura paralela de funcionamento e reeditando a formato das campanhas de alfabetização e “*conclamando a população a fazer a sua parte: ‘você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho a minha mão domável, eu sinto sede do saber’*” (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 45). Qualquer pessoa alfabetizada que aceitasse participar como alfabetizador era aceito, sem a necessidade da formação docente. Com isso, a remuneração paga a quem desenvolvesse esse trabalho era de baixo valor.

Mesmo nos dias de hoje, a formação docente necessita ser repensada. Se falarmos a respeito dos usos das tecnologias digitais na educação, por exemplo, não são apenas os educandos da EJA que precisam apreender a lidar com o uso das tecnologias digitais, a serviço do conhecimento, dentro e fora da sala de aula. Os professores também precisam de formação para esse novo fazer pedagógico, já que, em sua formação inicial, não tiveram essa oportunidade e, em muitas vezes, nem na continuidade do seu processo formação docente. Essa formação ainda é escassa. O investimento na formação do professor da EJA para lidar com os usos das tecnologias móveis em sala de aula é essencial, mas não é uma tarefa fácil. A ideia do voluntariado para atuar na educação de adultos já vem de muito tempo. Infelizmente, sempre se investiu muito pouco nessa modalidade de ensino e na formação dos profissionais que nela atuam. Em muitos casos, o professor é quem vai buscar essa formação por conta própria, sem o devido investimento do empregador, que na maioria das vezes é o próprio poder público.

Soares (2005) fala sobre a necessidade de uma formação que seja condizente com as especificidades dos educadores da EJA, que vem sendo discutida

⁶⁷ Hoje, o Ensino Fundamental.

⁶⁸ Hoje, o Ensino Médio.

em diversos espaços e eventos voltados para essa modalidade de ensino. Isso tem levado ao aprofundamento em estudos que possam intervir na política educacional para que se garanta uma educação que corresponda aos interesses e às necessidades desses educandos. Ainda é muito pequeno o número de Faculdades de Educação que investem na formação docente voltada para a EJA, pois é tímida a atuação das universidades nesse segmento e mostra que também há certa carência nesse campo. Na falta de uma formação inicial para o docente atuar nessa modalidade de ensino, *“as iniciativas governamentais têm procurado realizar essa formação em serviço. Nesse contexto, destacam-se as ações de alguns municípios”* (SOARES, 2005, p. 127), pois a oferta de EJA se concentra, em grande parte, a cargo das administrações municipais.

O uso das tecnologias digitais na EJA poderia se relacionar com as especificidades da vida de seus educandos. A dificuldade de se encontrar os usos das tecnologias digitais na formação dos educandos dessa modalidade de ensino também é encontrada na formação do professor que vai trabalhar com eles, que ainda é escassa.

Durante a III CONFINTEA, ocorrida em Tóquio, Japão, de 25 de julho a 7 de agosto de 1972, a educação de adultos foi pontada com como um fator importante na democratização da educação. Ao abordarem a relação entre a educação de adultos e a escola, já fora apontada a necessidade de que os professores, independente do nível em que atuam, também necessitam serem capazes de atuarem como educadores de adultos. Dessa forma, as *“escolas de formação de professores e instituições similares devem, portanto, proporcionar treinamento em métodos e técnicas de ensino para adultos e devem ter instalações adequadas para isso”* (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 162).

Em relação aos meios e métodos de se trabalhar com a educação de adultos, a III CONFINTEA apontou que os meios de comunicação de massa estavam sendo utilizados em todas as partes, de diferentes maneiras. A flexibilidade na abordagem do educando adulto foi um fator de grande popularidade com o uso dos meios de comunicação de massa, sendo o rádio mais utilizado do que a televisão, devido ao seu baixo custo, dentre outras razões não apontadas. Na conferência foi apontado que os conceitos de aluno e professor não eram considerados adequados na educação de adultos, como destacam Ireland e Spezia (2014). No lugar do termo

professor, o guia ou o conselheiro ou ainda o animador passaram a ser utilizados, enquanto o termo participante era usado no lugar de aluno. Nessa conferência, como apontam Ireland e Spezia (2014), foi sugerida a implementação do conceito de *educação ao longo da vida*, com a participação de instituições não educacionais para a implementação de programas de educação de adultos como fábricas, empresas, sindicatos, cooperativas, grupos de ação social e ministérios, além daquele destinado à educação. Aqui no Brasil, o conceito “*educação ao longo da vida*” foi traduzido inicialmente como “*educação permanente*”.

No Brasil, na década de 1980, havia uma grande pressão popular contra a ditadura imposta pelo governo militar e começava uma grande mobilização por todo o país, principalmente na região Sudeste. Em 1984, o movimento “*Diretas Já*” realizava grandes manifestações populares que pediam as eleições diretas para a presidência da república, já que os presidentes eram escolhidos pelos militares no poder, desde o golpe de 1964. O povo clamava pelo fim da interferência militar na política brasileira. Porém, as eleições daquele ano de 1984 ainda ocorreram de forma indireta, pelo Colégio Eleitoral do Congresso do Brasil, mas fora eleito um civil, ao invés de um militar, o que já era um novo passo na política do país. Depois de cinco anos dessa eleição indireta, o povo pode participar das eleições diretas e escolher um presidente da república pelo voto direto.

Nesse período, após o fim do regime ditatorial e o início do regime democrático, foi criada a “*Nova República*”, com a posse do novo presidente da república, em 15 de março de 1985. Outra mudança ocorre nesse mesmo ano, que foi a extinção do MOBRAL e a criação de outra estrutura para atender a EJA. Por meio do decreto federal 91980, de 25 de novembro de 1985, foram redefinidos os objetivos e a denominação do MOBRAL, que passou a denominar-se “*Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos*”, que era chamada de “*Fundação Educar*”. Os seus objetivos foram prescritos nesse decreto, previam que deveriam fomentar a execução de programas de alfabetização e de educação básica àqueles que não tiveram acesso à escola ou que tivessem sido excluídos dela prematuramente. A sua execução deveria ocorrer de forma regionalizada e participativa, com os governos estaduais, municipais, do Distrito Federal e dos Territórios, assim como por entidades públicas e privadas.

A Fundação Educar tinha uma organização diferente do MOBRAL, já que *“passou a fazer parte do Ministério da Educação. [...] apenas exercia a supervisão e o acompanhamento junto às instituições e secretarias que recebiam os recursos”* (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 47).

Em 1985, de 19 a 29 de março, ocorreu a IV CONFINTEA, em Paris, França. Na Declaração da Conferência, consta que o reconhecimento do direito de aprender é um grande desafio para a humanidade. Esse direito de aprender é ter o direito a: ler e escrever; questionar e analisar; imaginar e criar; ler seu próprio mundo e escrever a história; ter acesso aos recursos educativos; desenvolver competências individuais e coletivas. Esse direito é humano e fundamental, com legitimidade universal: *“O direito de aprender não pode ser confinado a uma parte da humanidade. Ele não deve ser privilégio exclusivo dos homens, ou dos países industrializados, ou das classes ricas, ou de jovens afortunados que frequentam a escola”* (IRELAND e SPEZIA, 2014, p.188).

Na IV CONFINTEA, foram apresentadas formas graduais de aprendizagem, a partir de um sistema complexo em que o educando acompanha os programas formais e não formais, seja ele recém alfabetizado ou alfabetizado há mais tempo, para que o próprio adulto aprendiz possa continuar sua capacitação em um espaço formal ou não formal, podendo ocorrer alternâncias nas formas de educação. Assim, enfatizada a necessidade de um atendimento global para a educação formal, buscando o conceito de educação ao longo da vida. Observou-se que a educação de adultos manteve-se quantitativamente estável, chegando até a se desenvolver e levar a responder a três desafios: *“Ela deve continuar a avançar junto com a evolução tecnológica, servir como meio de erradicar o analfabetismo e ajudar a resolver os grandes problemas do nosso tempo”* (IRELAND e SPEZIA, 2014, p.190-191), colocando a educação como condição necessária para lidar com transtornos advindos dos rápidos avanços da ciência e da tecnologia.

A IV CONFINTEA apontou que adulto com acesso à educação teria mais condições de superar um dos efeitos mais graves e nocivos à sociedade, que é o desemprego em massa que atingia muitos países naquele momento, já que o desenvolvimento científico e tecnológico consegue avançar de forma mais rápida do que os trabalhadores conseguem obter qualificações, que tem levado à procura de diferentes tipos de formação profissional, o que pode facilitar a busca de novas

oportunidades de trabalho. Havia grande preocupação com a maneira que esses trabalhadores eram capacitados, pois é necessário que se leve em consideração a dimensão humana e que não reduza os educandos a meros autômatos, abordando inclusive sobre os perigos, as vantagens e desvantagens advindas de determinadas mudanças tecnológicas e científicas (IRELAND e SPEZIA, 2014).

Em relação ao uso das tecnologias na educação de adultos, a IV CONFINTEA aponta:

a crescente variedade de novas tecnologias educacionais. Rádio, televisão e TV a cabo, som e videocassetes, computadores individuais e outros usos da informática, até mesmo formas originais de utilizar o telefone, são exemplos de meios de comunicação que, muitas vezes combinados em sistemas multimídia, tornaram mais fácil incorporar nos processos educativos grupos de pessoas e principalmente indivíduos cujo acesso à educação era anteriormente dificultado por seu isolamento geográfico, condições de trabalho, ou determinadas desvantagens. Esses meios de comunicação também facilitaram o desenvolvimento da autoaprendizagem (IRELAND e SPEZIA, 2014, p.197).

No Brasil, em 5 de outubro de 1988, foi promulgada uma nova Constituição Federal, após o regime militar, com a participação dos movimentos sociais nas discussões durante a sua elaboração. Ela vem garantir vários direitos extintos durante a ditadura militar e, assim, ela foi chamada de *Constituição Cidadã*. Para a EJA, ela garante, em seu artigo 208⁶⁹, o dever do Estado com a educação, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

Logo depois, voltaram a ocorrer as eleições diretas para a presidência da república no Brasil. Em 1989, o primeiro presidente da república é eleito pelo voto direto. No ano seguinte, ele extingue, de uma única vez, diversas autarquias e fundações. Entre elas, estava a Fundação Educar. A lei federal 8029, de 12 de abril de 1990, autorizava ao Poder Executivo a extinguir ou a transformar várias entidades da Administração Pública Federal.

Contudo, a Fundação Educar, criada cerca de quatro anos antes, não teve nenhuma outra instância governamental em seu lugar. Compartilho com Galvão e Soares (2006) de que, justamente em 1990, que era considerado pela UNESCO como o “*Ano Internacional da Alfabetização*”, ao invés de se priorizar a alfabetização, “*o governo federal ausenta-se como articulador nacional e indutor de*

⁶⁹ “Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009); [...]” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988).

uma política de alfabetização de jovens e adultos no Brasil (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 47).

Naquele ano de 1990, entre a IV e a V CONFINTEA, a UNESCO comemorava o Ano Internacional da Alfabetização. De 5 a 9 de março de 1990, em Jomtien, Tailândia, realizou-se a “*Conferência de Jomtien*”, que foi a “*Conferência Mundial sobre Educação para Todos*”, que teve como objetivos criar um Plano de Ação para a Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem e estabelecer compromissos em todo o mundo para que se garantisse a todas as pessoas conhecimentos básicos e necessários a uma vida digna, além de se proporcionar condições para uma sociedade mais justa e mais humana. Junto com a UNESCO, participaram também o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Banco Mundial e diversas organizações governamentais e organizações não governamentais. Nesse encontro foi elaborado um dos mais significativos documentos para a educação mundial, com as metas a serem atingidas e os compromissos assumidos pelos governos e as entidades participantes. Diversos países se comprometeram a elaborar os seus Planos Decenais de Educação Para Todos, contemplando as diretrizes e metas definidas no encontro mundial. O Brasil veio a criar o seu o Plano Decenal de Educação para Todos, de 1993 a 2003, se comprometendo com a universalização da educação fundamental e o fim do analfabetismo, tanto para as crianças quanto para os jovens e adultos.

Na década de 1990 surgem outras alternativas para a EJA, como o Movimento de Alfabetização (MOVA), que envolvia o poder público e algumas iniciativas privadas. Em 1996, o governo federal lança o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), com a participação da sociedade na forma de doação por cartão de crédito, pagando por uma parte do custo do atendimento educacional de cada educando, que seria alfabetizado em cinco meses, após um mês de formação do alfabetizador, com o slogan da campanha sendo “Adote um analfabeto” (GALVÃO; SOARES, 2006).

O *Programa Alfabetização Solidária* foi criado em 1997, no Governo Federal, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, para alfabetizar jovens e adultos nas cidades com maior índice de analfabetismo, de acordo com os dados do IBGE. O custo mensal por aluno, que em 2000 era no valor de R\$34,00, era dividido em duas partes iguais entre o MEC e os parceiros do programa, que eram empresas,

instituições e pessoas físicas, que tinham esse valor debitado no seu cartão de crédito quando aceitavam contribuir com o programa. Os alfabetizadores do programa eram jovens do próprio município, que cursavam o último ano do Ensino Fundamental ou o Ensino Médio ou o magistério, que recebiam bolsas por esse trabalho. As universidades parceiras coordenavam as atividades de alfabetização, a avaliação, a capacitação e o acompanhamento dos alfabetizadores selecionados (MENEZES e SANTOS, 2001).

Na segunda metade da década de 1960, Pinto (2005) já apontava a necessidade do poder público se comprometer com a promoção de ações intensas e constantes de formação, dentro de um programa de governo, que atuasse sobre as verdadeiras causas sociais do analfabetismo. Ao invés disso, muitos governos preferem considerar o analfabetismo como um mal, uma enfermidade social, que leva ao atraso do desenvolvimento econômico do país e da sociedade e gera desprezo por essa condição, como se fosse uma incultura ou uma mancha no país, as elites intelectuais demonstram falta de interesse para esse problema e propõem como solução da questão ações governamentais através de campanhas de alfabetização que favorecem de forma inadequada a consciência ingênua dos alfabetizados (PINTO, 2005).

Infelizmente, diversos governos federais têm apostado na alfabetização de adultos através de campanhas, por meio de formação ligeira, sem a devida preocupação com as necessidades e o tempo que cada aprendente exige. As políticas educacionais que são dependentes do voluntariado e do baixo investimento por parte do governo estão sempre rondando a EJA, que mais uma vez continua na peleja.

No primeiro ano de Governo Federal do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2003, foi criado outro programa de alfabetização voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos, chamado de *Programa Brasil Alfabetizado*, em todo o território nacional, dando prioridade aos municípios que apresentavam alta taxa de analfabetismo. Poderiam aderir ao programa: os estados, os municípios e o Distrito Federal. O quadro de alfabetizadores deveria ser formado, preferencialmente, por professores da rede pública, com o recebimento de uma bolsa do MEC. A partir da reformulação do programa, em 2007, foi determinado um valor mensal das bolsas pagas pelo governo federal para os alfabetizadores e os coordenadores. O MEC

também financiava a formação dos alfabetizadores, a aquisição de gêneros alimentícios para a merenda e os materiais escolares, pedagógicos, didáticos e literários e de apoio ao professor em geral. O Decreto 6.093, de 24 de abril de 2007, determinou caráter voluntário dos alfabetizadores, celebrado por meio de termo de compromisso. A formação dos alfabetizadores poderia ser realizada pelas redes de ensino ou por entidades públicas ou privadas sem fins lucrativos, incluídas as universidades, podendo essa formação ocorrer de forma voluntária ou não.⁷⁰ Compartilho das inquietações de trazidas por Galvão e Soares (2006):

Mas afinal, onde se insere o Brasil Alfabetizado nessa rede de histórias? Por um lado, embora alguns de seus idealizadores neguem, o Programa tem um aspecto geral de campanha, na medida em que sua tônica está em baixar as estatísticas, na concepção de que em seis meses é possível alfabetizar um adulto, no pressuposto de que qualquer pessoa é capaz de alfabetizar, na disseminação do discurso de que o analfabetismo é um mal em si mesmo, uma mazela social semelhante à escravidão. Por consequência, acaba por identificar o analfabeto à dependência, à incapacidade, à minoridade. (GALVÃO; SOARES, 2006, P. 55).

Um pouco antes desse momento, ainda no final da década de 1990, surgiam vários fóruns de EJA por todo o Brasil, onde a formação dos educadores, a busca de alternativas, o seu fortalecimento e as políticas para essa modalidade de ensino eram discutidos. Assim chegávamos ao final do século XX, ainda sem as definições para um atendimento na EJA com a qualidade exigida e merecida. Contudo, esses fóruns fizeram ressurgir uma nova esperança em busca de novas lutas e de dias melhores.

Foi em Hamburgo, Alemanha, de 14 a 18 de julho de 1997, que ocorreu a V CONFINTEA, com o tema “*Educação de Adultos como um direito, uma ferramenta, uma alegria e uma responsabilidade compartilhada*”. Ao final, a conferência apresentou dois documentos: a “*Declaração de Hamburgo* e a “*Agenda para o Futuro*”. Dentre os temas discutidos, um deles foi sobre a aprendizagem de adultos, cultura, meios de comunicação e novas tecnologias da informação. A Declaração de Hamburgo sobre Aprendizagem de Adultos evidencia que as mulheres precisam ter direito a oportunidades iguais e considera que a sociedade “*depende da contribuição das mulheres em todas as áreas de trabalho e em todos os aspectos da vida*”

⁷⁰ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>>; <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19002>; <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10023-decreto-6093-24-abril-2007-secadi&category_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acessado em: 19 Mar. 2019.

cotidiana” (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 218). Quanto ao acesso à informação, a *Declaração de Hamburgo* tratou sobre o desenvolvimento das TIC que provoca riscos de exclusão social a pessoas e empresas que não conseguem se adaptar a essa nova realidade. Em razão disso, a educação de adultos poderia procurar limitar esses riscos, de forma que a sociedade da informação não se distancie da dimensão humana (IRELAND e SPEZIA, 2014). Compartilho com Santos (2016) de que: “Refletir sobre a EJA na sociedade da informação é refletir antes sobre o direito ao conhecimento.” (SANTOS, 2016, p. 32).

No tema que trata sobre a aprendizagem de adultos e as TIC, há o compromisso de: se estabelecer uma cooperação entre os meios de comunicação, as tecnologias digitais e a aprendizagem de adultos, de maneira a contribuir com a função educativa dos meios de comunicação, para que estejam mais receptivos à aprendizagem de adultos; Garanta e sustente a igualdade no acesso “a sistemas de aprendizagem aberta e a distância, a meios de comunicação e a novas tecnologias de informação e de comunicação, fazendo com que essas tecnologias sirvam para a exploração de novas modalidades de aprendizagem” (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 234).

No Brasil, ao final da última década do século XX, o Conselho Nacional de Educação (CNE), em seu parecer número 11/2000, que apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, nos mostra o diagnóstico feito a partir das estatísticas oficiais, apontando que a maior parte da população não alfabetizada se encontra entre as pessoas com mais idade, as que vivem em regiões pobres e interioranas e as oriundas dos grupos afro-brasileiros. Com isso, podemos compartilhar que a EJA precisa atender a “*uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas [...]*” (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2000).

A EJA é uma modalidade de ensino cuja realidade é “*construída a partir da constatação de que os sujeitos socioculturais envolvidos no processo trazem consigo um repertório de vivências e saberes que devem ser tomados como norteadores de suas propostas*” (SOARES e VENÂNCIO, 2007, p.142). As tecnologias móveis, nos dias de hoje, são ferramentas do cotidiano de muitos dos sujeitos que estudam na EJA, que são pessoas que fazem parte de grupos que

encontraram novas formas de se relacionarem, em que as tecnologias já fazem parte desse mundo que constrói uma nova cultura, da qual o meio digital é parte integrante.

Essa realidade é recente nessa modalidade de ensino. Já no início deste século XXI, Haddad (2002) apresentou um estado do conhecimento no campo da EJA no Brasil, em que faz uma rica produção acadêmica sobre os temas emergentes pesquisados por cursos de pós-graduação em educação no período 1986 a 1998, bem como lacunas e aspectos inexplorados pela pesquisa. Esse trabalho foi realizado a partir de produções dos programas nacionais de pós-graduação *stricto sensu* em Educação. O estado da arte de Haddad (2002) trazia algumas lacunas e aspectos inexplorados pela pesquisa e o tema tecnologia fica completamente de fora, até mesmo dessas lacunas apresentadas. Pode-se concluir que as pesquisas em EJA relacionadas às tecnologias ainda eram escassas até 1998. Em suas 140 páginas, o termo “TIC” não aparece e a palavra “*tecnologia*” aparece seis vezes. O trabalho de Haddad (2002) foi escrito há uma década e meia, mas podemos perceber por ele que, até o final do século XX, o estudo sobre a utilização da tecnologia na EJA não era algo muito comum de se encontrar. Com as constantes inovações tecnológicas produzidas nesses últimos quinze anos, os usos das tecnologias digitais passou a fazer parte da vida dos sujeitos da EJA, fazendo com que surjam investigações acadêmicas nesse campo.

Destarte, o uso das tecnologias na EJA não é algo recente, a exemplo da experiência desenvolvida pelo MEB na década de 1960 com o uso do rádio. Esta tecnologia, enquanto recurso tecnológico para ser utilizado na educação, vem desde o início do século XX, quando foi idealizado como

um instrumento capaz de promover uma verdadeira revolução no processo de ensino. Assim pensava Roquette-Pinto, um sonhador, que, ainda na década de 1920, imaginava poder, mediante esse recurso, democratizar definitivamente a Educação no Brasil. Já nos anos 1930, Anísio Teixeira propunha o rádio como um recurso indispensável para renovar as metodologias do ensino no país. Por sua vez, Paulo Freire [...] transformou o rádio em recurso estratégico em seu projeto de alfabetização/conscientização de adultos, planejando a implantação de radiopostos nos estados no Norte e Nordeste do Brasil. (SOARES, 2010, p. 115).

O rádio ainda é uma tecnologia muito usada para a comunicação em massa, pois consegue chegar aos mais distantes pontos com um baixo custo de

transmissão e de recepção, o que facilita a sua aquisição pela população de todos os estratos sociais. Além disso, durante uma boa parte do século XX, a radiodifusão era a tecnologia mais usada – em alguns lugares, a única – pra poder se comunicar com a população em geral.

Nelson Pretto e Sandra Tosta (2010), elaboraram um livro em que fazem um trocadilho em seu título, para que possamos refletir sobre os usos das tecnologias, trazendo o rádio do MEB para os dias atuais, com a web, invertendo a letra M para W: *“Do MEB à WEB: o rádio na educação”*.

O exercício de trabalhar a cultura permeada por diferentes linguagens é uma forma de atingir um grande número de pessoas, possibilitando trabalhar com a cultura popular, para se construir novos conhecimentos e produzir incrementos culturais. O rádio pode ser uma dessas linguagens, tanto que foi usado em várias frentes educativas ao longo do século XX.

Quando falamos da EJA no século XXI, é importante se conhecer um pouco da sua história e compreender que essa modalidade de ensino sempre foi forjada na luta por uma educação de qualidade para todos e, portanto, deve incluir os jovens, os adultos e os idosos. Aprendendo um pouco sobre a sua história, nos ajuda a refletir sobre essa ou aquela proposta de educação, que muitas vezes surge como algo inovador mas que pode não passar de um velho discurso.

3.2 O presente é o futuro tecnológico imaginado no passado?

A previsão de como serão as tecnologias do futuro é sempre instigante para muitas pessoas. Podemos ter algumas suposições, porém elas podem ser imprecisas. Foi pensando nisso que surgiu a ideia de investigar como o passado previu o futuro. O que era visto como tempo futuro, pode ser encontrado no tempo presente? A previsão existiu apenas na imaginação de um tempo passado ou, quem sabe, poderíamos continuar a esperar para um tempo que há de vir? Compartilho com a ideia de Oliveira (2001), de que

as tecnologias são produtos da ação humana, historicamente construídos, expressando relações sociais das quais dependem, mas que também são influenciadas por eles. Os produtos e processos tecnológicos são considerados artefatos sociais e culturais, que carregam consigo relações de poder, intenções e interesses diversos. (OLIVEIRA, 2001, p. 101).

Ao pesquisar sobre o que alguns pensadores do passado previam para o que viria a ser o futuro, recorri a algumas obras, dentre as quais destaco: *Perfil do Futuro*⁷¹, escrito em 1962 por Arthur Charles Clarke⁷², o mesmo autor do filme “2001: Uma Odisseia no Espaço”, de 1968; *A sociedade informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial*, escrita por Adam Schaff em 1985.

Na obra *Perfil do Futuro*, Clarke (1970) procura fazer uma previsão do futuro, limitada à tecnologia, em que relata a evolução dos foguetes e das bombas, passando pela política e a economia, inclusive a guerra de Hiroshima. O autor esperava que a política e a economia no futuro não fossem tão importantes como eram no passado, quando eram assuntos exclusivos para homens adultos.

Em *Sociedade Informática*, Schaff (1998), faz uma futurologia sociopolítica dos vinte a trinta anos seguintes, até os anos 2005 a 2010, indagando sobre o que o futuro nos aguarda. Já Clarke (1970), realizou uma pesquisa um século e meio antes de 1962 e traz previsões até o ano 2100.

Foram muitas as reflexões provocadas pelas previsões de Clarke (1970) e Schaff (1998). Isso me despertou a curiosidade em procurar saber um pouco sobre o período da Renascença, mais especificamente sobre como eram as tecnologias criadas pelo grande artista e inventor Leonardo da Vinci (1452 – 1519) e quais eram as suas projeções para o futuro. A obra *A ciência de Leonardo da Vinci: um mergulho profundo na mente do gênio da Renascença*, de Fritjof Capra (2008), escrita em 2007, trouxe grandes contribuições a essas descobertas. Leonardo da Vinci está entre os maiores pintores da Renascença, com mais de 100 mil desenhos e com anotações em mais de 6 mil páginas. Contudo, procurei dar maior ênfase ao seu outro lado de inventor e engenheiro. Leonardo possuía muita criatividade científica, curiosidade intelectual, paciência e engenhosidade experimental. Ao longo de sua vida, “se referia a si mesmo como um inventor. No seu modo de ver, um inventor era alguém que criava um artefato ou obra de arte por meio da junção de vários elementos numa nova configuração que não se manifestava na natureza.” (CAPRA, 2008, p. 59).

⁷¹Foi traduzido para a língua portuguesa pelo brasileiro Álvaro Borges Vieira Pinto, um filósofo que também se dedicou aos estudos sobre a EJA no Brasil. Em 1964, Álvaro Vieira Pinto foi para o exílio e trabalhou no Chile com Paulo Freire, voltou ao Brasil em 1968 e aqui permaneceu, adotando alguns pseudônimos para não ser encontrado pelo governo da ditadura militar. Para trabalhar e sobreviver, traduziu diversos livros.

⁷² Além de escritor, Arthur C. Clarke era engenheiro de telecomunicações.

Outra obra, que aponta para algumas previsões de como será nossa sociedade, é *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*, escrita em 2010 por André Lemos e Pierre Lévy. Essa publicação é uma tradução feita pelo primeiro autor, modificando o que o segundo havia escrito na França em 2002, com o título "*Cyberdémocracie: essai de Philosophie Politique*"⁷³. Essa nova tradução, além de atualizada após 8 anos da publicação em francês, foi acrescida de referências do contexto brasileiro.

Essas e outras obras estudadas nos ajudam a traçar um panorama do passado, imaginando como seriam as tecnologias e suas consequências no futuro. Algumas previsões podemos ver que aconteceram, outras ainda não. Também tivemos mudanças que ainda não se pensava em tempos passados, mesmo que nem tão distantes.

Clarke (1970) realizou uma pesquisa na literatura mundial, com interesse na tecnologia em relação ao "que" seria e não a "quando" seria. Dentre algumas das previsões, destacam-se as de Frei Rogério (1212-1292) que, em pleno século XIII, previu instrumentos náuticos, motores, voo com asas e viagens submarinas. O professor de Matemática Charles Babbage (1792-1871) previu, no século XIX, uma máquina de calcular, com engrenagens mecânicas, que ele projetou mas não conseguiu fazê-la funcionar. No final desse mesmo século, os Raios X foram descobertos por Röntgen, em 1895, que seria o prenúncio de grandes descobertas científicas, porém não concretizadas até 1930. Depois dessa descoberta veio o átomo, a radioatividade, a teoria da relatividade e a teoria quântica.

Leonardo da Vinci era dotado de grande capacidade de observação da natureza e de excelente memória visual, proporcionando muita precisão aos seus desenhos. O seu conhecimento científico se utilizava de uma abordagem visual. Para compreender um fenômeno, ele procurava alguns padrões dentro de um sistema: "*Suas investigações dos músculos e dos ossos levaram-no a estudar e desenhar engrenagens e alavancas, interligando portanto, a fisiologia animal e a engenharia*" (CAPRA, 2008, p. 28). Em 1490, havia um ambiente propício para Leonardo exercer uma intensa atividade criativa, a "*sua carreira estava no auge; era muito requisitado como especialista em projeto arquitetônico, e deu início a extensas*

⁷³ Ciberdemocracia: Ensaio de Filosofia Política (tradução do autor).

e sistemáticas pesquisas em matemática, óptica, mecânica e na teoria do voo humano. "(CAPRA, 2008, p. 109).

Freire (2014) fala das mudanças vividas pela humanidade, como a capacidade crítica à inteligência do novo. A cultura e a história não são imóveis e podemos constatar isso pelas mudanças, que se aceleram cada vez mais. Compartilho com Freire (2014) de que: "*As revoluções tecnológicas encurtam o tempo entre uma e outra mudança. [...] Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida*" (FREIRE, 2014, p. 32).

Leonardo da Vinci conseguia unir a observação com seu talento artístico e a inclinação prática de como as coisas funcionavam. Ao longo de sua vida, concebeu diversas máquinas, inventou muitos dispositivos mecânicos e óticos, projetou jardins, edifícios e cidades. Para se ter uma ideia de sua capacidade criativa, recorro a Capra (2008):

Quando se dedicou ao estudo da água, ele a viu não apenas como um meio de vida e uma força motriz da natureza, mas também como uma força para os sistemas industriais, semelhantes ao papel que o vapor – outra forma de água – desempenharia na Revolução Industrial três séculos depois. Suas extensivas investigações das correntes de ar e do vento e do voo dos pássaros o levaram a inventar várias máquinas voadoras, muitas delas baseadas em princípios aerodinâmicos comprovados. (CAPRA, 2008, p. 30).

Com o objetivo de construir uma máquina voadora, Leonardo da Vinci tentava descobrir como seria possível um piloto humano bater asas mecânicas com força e velocidade que comprimisse o ar de baixo para cima. Ele projetou e modelou diversos tipos de asa, como de pássaros, morcegos e peixes voadores. Passava horas nas colinas observando o comportamento e os movimentos dos pássaros durante os voos. Leonardo também se destacou na engenharia de guerra e inventou "*pistolas de canos múltiplos, pontes de assalto para atacar fortalezas e mecanismos para escadas giratórias usadas para escalar muros fortificados.*" (CAPRA, 2008, p. 99). Além do funcionamento das máquinas, esse grande inventor pesquisava sobre estática, dinâmica e procurava entender os movimentos do corpo humano. Para Leonardo da Vinci, "*um dos seus alvos principais era descobrir como um piloto humano poderia gerar força suficiente para levantar uma máquina voadora do chão batendo suas asas mecânicas.*" (CAPRA, 2008, p. 110). O projeto desenhado a seguir é, aproximadamente, do ano de 1485, que foi chamado de ornitóptero:

Figura 40: Ornitóptero, de Leonardo da Vinci.



Fonte: Adaptado de HISTÓRIA DIGITAL (2015).

Muito do que pensava Leonardo da Vinci ia além do seu tempo e só pode ser concretizado séculos depois, como as grandes mudanças que foram estabelecidas no século XX, em relação à ideia de que o espaço era fixo, invariante e absoluto, principalmente depois das descobertas de Einstein. De acordo com Clarke (1970), a geometria do espaço é variável, já que pode se modificar com a presença de campos gravitacionais, que são resultados das curvaturas no espaço. Com isso, novas possibilidades podem ser pensadas, como o estabelecimento de novas ideias e padrões estéticos fora do planeta Terra. Ao explorar outros espaços, com a ausência da gravidade, poderiam ser experimentadas outras formas de arte, esportes e tantas outras atividades humanas.

De acordo com Capra (2008), Leonardo da Vinci criou invenções extraordinárias para a sua época, como portas que se abriam e se fechavam com o uso de contrapesos, lâmpada com brilho da luz variável, móveis dobráveis, espelho octogonais que reproduziam infinitas e múltiplas imagens, prensa para fabricar azeite, máquinas têxteis complexas. Como projetista e engenheiro, o que fazia Leonardo da Vinci ser singular, é que muitos de seus projetos, que estavam em seus cadernos de notas, exigiam certos avanços tecnológicos que só seriam possíveis e percebidos alguns séculos depois. Ele teve sua vida permeada por

grande curiosidade científica. Leonardo foi empregado por vários governantes de Milão, Roma e França, tanto como artista quanto como engenheiro da corte.⁷⁴

A eletrônica foi apontada por Clarke (1970) como grande aliada no avanço do conhecimento e na exploração fora do nosso planeta, nos colocando em contato com outros mundos que nunca visitaremos ou que até já deixaram de existir. Talvez seria o radiotelescópio, ao invés do foguete, um instrumento de acesso com outros tipos de inteligência fora da Terra, aponta. Assim, “*mesmo se nunca deixarmos o sistema solar em sentido físico, conseguiremos entretanto aprender alguma coisa sobre as civilizações de outras estrelas, e elas poderão aprender alguma coisa a respeito de nós*” (CLARKE, 1970, p. 111).

Em relação ao trabalho, algumas mudanças previstas por Schaff (1998) na formação econômica da sociedade em nosso planeta, no que se refere às novas relações com o trabalho influenciadas pelo avanço das tecnologias, seriam as reduções no número de postos de trabalho, com a substituição de atividades manuais pelas automatizadas. Com o desaparecimento do trabalho manual na cadeia produtiva, cessariam as diferenças entre os trabalhos manuais e intelectuais. A mulher teria oportunidades iguais às do homem para aprender e ser mantida pela sociedade.

Contudo, as informações na esfera da vida privada e profissional, que hoje podem ser captadas e armazenadas, podem trazer grandes preocupações. Se no trabalho, uma empresa consegue registrar cada operação, interrupção, produtividade e ritmo de cada trabalhador, fazendo o controle da produção individual e coletiva, isso pode provocar o stress e a demissão de funcionários. Se esses dados armazenados forem compartilhados entre diferentes instituições, poderão trazer malefícios aos trabalhadores, caso estes não consigam retificar informações a seu respeito. Com isso, surge outra preocupação: quem teria esse controle das informações?

Em relação à empregabilidade, se houver um aumento da automatização do trabalho humano, pode haver uma diminuição dos postos de trabalho. A sociedade deveria se preocupar com esse fator, que pode abalar toda a cadeia de produção e

⁷⁴ “Leonardo inventou um método para criar vácuo e elevar assim a água por meio de um fogo queimando em um balde vedado, [...] também suas primeiras versões de um equipamento de mergulho, [...] projetou uma prensa de azeitona com um sistema de alavancas mais eficiente que as prensas da época” (CAPRA, 2008, p. 97).

consumo. Não basta substituir a força de trabalho, é necessário se criar alternativas de trabalho e ocupação para a população.

Cada vez mais, aqueles que oprimem e dominam a população mais pobre se esforçam para deter o poder de criar e se apropriarem da ciência. A tecnologia passa a ser um forte instrumento de manipulação e de manutenção da ordem opressora (FREIRE, 2008c).

Para que haja emprego para todos, será preciso ocorrer uma diminuição das horas de trabalho e a substituição do trabalho tradicional remunerado por outras ocupações não remuneradas, dando sentido à vida e conseqüente motivação às atividades humanas, além de se garantir um bem-estar psíquico àqueles que não trabalham. Isso já vem ocorrendo no mundo, como Schaff (1998) nos lembra em relação à mecanização da produção na indústria têxtil, que causou milhões de vítimas na Índia e na Silésia⁷⁵ no século XX e levou as tradicionais oficinas tecelãs à ruína, acompanhada de enormes custos sociais.

Com a automação de parte do trabalho humano, as tecnologias podem reduzir e até eliminar algumas profissões, mas elas também poderão abrir novas portas, ainda que esteja distante daquilo que o presente permite vislumbrar. Podemos refletir a respeito de que novos postos de trabalho são criados a partir de novas descobertas feitas por homens e mulheres. É certo que ocorrerá a substituição de algumas atividades laborativas, mas também poderíamos imaginar o que poderá vir acompanhado das novidades surgidas ao longo do tempo. A criação é uma atividade própria dos seres humanos.

Para corroborar nessa discussão, recorro a Lemos e Lévy (2010), ao abordarem sobre o sentido da tecnologia para os seres humanos, que está vinculada à constituição da polis, da vida em comum e também da política. O desenvolvimento tecnológico tem caráter político, pois a técnica é constitutiva e essencial à espécie humana, por ser uma forma de estar no mundo. Assim, buscar “*os sentidos da tecnologia é se engajar na via de compreensão desse destino do homem no mundo*” (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 29).

Ao escrever sobre “*O compromisso do Profissional com a Sociedade*, Freire (1979), ressalta que o humanismo e a tecnologia não se excluem, pois um implica o

⁷⁵ Ver mais em:

<http://www.academia.edu/8620547/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial_e_Movimento_Oper%C3%A1rio>. Acessado em: 3 Mai. 2016. COGGIOLA, Osvaldo. Da revolução industrial ao movimento operário: As origens do mundo contemporâneo.

outro. Não possível prescindir da ciência e da tecnologia para instrumentalizar o homem e a mulher para melhor lutar por sua causa e sua libertação. Destarte, não se pode reduzir esses sujeitos a autômatos manipuláveis ou simples objetos da técnica (FEIRE, 1979).

Schaff (1998) prevê que algumas profissões poderão surgir ou se modificar. Uma reorganização da vida social necessitará de seres humanos e não de máquinas, mesmo que estas sejam utilizadas no serviço. Assim há a previsão dessa necessidade para a investigação e o planejamento social, como: saneamento, educação, transporte, comércio, ecologia, serviços bancários, restaurantes, hotéis etc. Também se pensou em pessoas especializadas em profissões ligadas ao controle e à organização da produção e de serviços. Além disso, com o aumento do tempo livre, o turismo e os esportes terão muita procura, o que necessitará de trabalhadores especializados nessas áreas. A pesca, a agricultura, a silvicultura, a apicultura e a horticultura, mesmo com a mecanização de muitos serviços como o cultivo e a colheita de muitos produtos, ainda necessitará contar com homens e mulheres para exercer muitas funções na análise e no controle da sua produção.

No campo da didática, Schaff (1998) fala das possibilidades do tecnicismo, no auxílio aos professores e até na substituição destes para os casos de pessoas adultas autodidatas, a partir da criação de novas técnicas de aprendizagem. Os jogos eletrônicos também poderão ser usados com crianças e jovens, estimulando o processo de ensino e aprendizagem. A partir de operações lógicas, o autor prevê que o computador poderá receber dados não só pelo teclado, mas também por meio da voz, compreendendo a fala humana e respondendo com o som da voz humana, aproveitando que geralmente esses equipamentos possuem uma memória acessível muito superior do que a dos seres humanos e com um tempo de acesso muito curto. Vale ressaltar que “*o computador é um produto do homem, portanto é parte da sua cultura. Esta tecnologia está destinada a revolucionar o processo de formação da cultura*” (SCHAFF, 1998, p. 73). A memória artificial dos computadores poderá aliviar consideravelmente a carga de memória dos seres humanos.

Atualmente, os programas e aplicativos instalados nos equipamentos eletrônicos auxiliam na realização de diversas tarefas em que a memória humana não precisa mais ser acessada, como as agendas de telefones e de compromissos,

os guias de rotas e de tráfegos de veículos e pedestres, as operações matemáticas de nosso cotidiano, as imagens, os endereços físicos e virtuais etc.

No campo da energia, Clarke (1970) nos relata do projeto de penetração no subsolo em busca de petróleo, a uma profundidade de 8.000 metros (que era o projeto Mohole⁷⁶). A técnica de perfuração era um grande desafio para engenharia da década de 1960. Hoje em dia, o Brasil explora a camada pré-sal em busca de petróleo, a uma profundidade que pode chegar a 8.000 metros. Portanto, a previsão de Clarke era exequível.

Outra promissora mudança prevista em nossa sociedade seria a exigência da “*eliminação da diferença entre o trabalho no campo (na agricultura) e o trabalho nas cidades (na indústria e serviços)*” (SCHAFF, 1998, p. 34), com a aplicação da microeletrônica na automatização do maquinário agrícola, possibilitando inclusive algumas atividades noturnas, como a fertilização do solo que antecede a semeadura. A seleção de plantas mais resistentes às condições locais poderiam ser feitas por meio dos avanços da engenharia genética. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a aproximação do meio rural com os centros culturais propiciariam aos agricultores um melhor escoamento de sua produção, assim como a ligação direta entre povoados mais isolados com o resto do mundo, por meio de fibras óticas ou de outra forma de condução de dados que se tornem realidade. A modernização e o acesso aos meios de transporte também poderiam possibilitar as mudanças desejadas (SCHAFF, 1998).

Quando assistimos a uma transmissão de televisão, podemos até ter a sensação de que nos foram enviados o som e a imagem de outro local. Contudo, Clarke (1970) descreve que não é bem assim que ocorre, nem com a televisão e nem com outros meios de transmissão, já que o que nos são enviadas são as informações em forma de ondas eletromagnéticas ou dos atuais sinais digitais, que possibilitam aos aparelhos eletrônicos recriarem os sons e imagens originais, que permanecem na sua origem e se extinguem instantes depois. Clarke (1970) chama de devaneios tecnológicos a ideia do teletransporte, para que se possa recriar algo

⁷⁶ “A ideia de perfurar a crosta oceânica para obter amostras do manto foi proposta pela primeira vez por Walter Munk, da Scripps Institution of Oceanography (SIO), durante o Ano Geofísico Internacional que transcorreu em 1957. O programa de perfuração oceânica, designado ‘Projeto Mohole’, demonstrou a viabilidade da perfuração em águas profundas. Porém, o programa viria a ser cancelado pelo Congresso dos EUA, em 1966, quando os custos se tornaram excessivos.” Passow *et al.* (2013).

no seu destino, que é perseguida há tempos, mas ainda impossível de ocorrer de fato.

Clarke (1970) cita escritores de ficção científica como Conan Doyle, que em 1920 imaginou um aparelho de super raios X, que fizesse uma varredura em um objeto sólido e o transmitisse por meio de impulsos elétricos e o recriasse utilizando-se de átomos de carbono, de oxigênio etc. para que fosse construída no destino uma duplicata do objeto, idêntico em todos os sentidos, que seria como um sistema transmissor de matéria. Clarke (1970) ressalta que, mesmo que fosse possível essa recriação, não seria possível que se fizesse isso com o ser humano, que carrega consigo seus pensamentos, sentimentos, lembranças, que são próprios de sua identidade. O homem e a mulher vão muito além da soma de átomos, pois são seres de cultura. Outra consequência seria a reprodução de várias cópias do ser original, que poderiam ser tantas quanto fossem os aparelhos eletrônicos receptores. Formariam exércitos de seres humanos reproduzidos, inclusive de grandes estadistas.

O ser humano, independentemente de sua condição social, cultural, etnia ou gênero, nasce para, ao longo da vida, criar e a recriar os seus próprios símbolos, sentidos e significados, já que *“somos destinados a construir nossos mundos de saber e de viver [...] para neles compartilharmos a interação e o diálogo, múltiplas e diferenciadas unidades das escolhas culturais do exercício do aprender e ensinar. A escola é uma delas”* (BRANDÃO, 2016, p. 163).

A cultura e a política poderão sofrer influências da inteligência coletiva⁷⁷, formada a partir do desenvolvimento de ferramentas computacionais sociais, como a *Web 2.0*⁷⁸, fazendo emergir novas formas de manifestações culturais e democráticas. A liberdade intelectual e política se oporão aos regimes ditatoriais e de repressão ao pensamento. A inteligência coletiva não deixa de ser um pleonasma de inteligência, já que esta também é construída da partir de um coletivo interdependente de idéias, pensamentos, cognições, organismos, neurônios etc. (LEMOS e LÉVY, 2010).

⁷⁷ O termo inteligência coletiva é usado mais especificamente quando a inteligência é inovadora, formada junto a um coletivo, como é a linguagem ou como é a construção do conhecimento que se potencializa no ciberespaço, a partir das possibilidades das tecnologias digitais e das redes sociais.

⁷⁸ A *Web 2.0* é um termo usado para se referir a uma segunda (2.0) fase da teia (web) comunicativa que é a internet. Essa nova fase favorece a uma maior comunicação e interatividade entre os usuários da internet, por meio de tecnologias, programas, aplicativos e redes sociais.

Isso nos remete a algumas outras previsões de como seriam as tecnologias no futuro, que foram apontadas por Clarke (1970), como: as redes de comunicação por satélites possibilitarão ver pessoas do outro lado do planeta, tão facilmente quanto é conversar por telefone com elas, que estão do outro lado da cidade; depois que conseguirmos dominar o uso da energia nuclear para voos espaciais, o sistema solar terá sido contraído a pouco mais do que é o planeta Terra, necessitando talvez não mais do que uma semana para se viajar daqui a outro planeta, estando Marte e Vênus a poucas horas de viagem. O que o tempo já nos disse a esse respeito e o que ainda nos dirá? Nas atividades em que a impressão no papel já era útil, também foi pensado como poderia melhorar, como o preenchimento de questionários que poderiam ser enviados em fração de segundos a diferentes pontos da Terra, acesso a bibliotecas e bancos de informações para obter cópias de quaisquer documentos, até a compra de bilhetes de passagem Terra-Lua. Este último, com exceção do destino previsto, também faz parte de nossa realidade, já que conseguimos comprar e imprimir a distância passagens de diversos meios de transporte, para uma infinidade de destinos em nosso planeta.

Schaff (1998) prevê que a ciência assumirá o papel de força produtiva na sociedade informática e modificará – ou até eliminará – a força de trabalho, em seu sentido social. Essas mudanças poderão ocorrer em trinta a cinquenta anos após a década de 1990, pois precisarão de tempo para que haja o surgimento de mecanismos sociais adequados à nova organização social. A ciência será a força produtiva primária, enquanto a produção necessitará de técnicos e engenheiros.

Das previsões feitas em 1962 por Clarke (1970), chegamos bem próximos de muitas delas, outras ainda estamos distantes e algumas já fazem um fizeram parte de nosso cotidiano. Uma previsão era de que a linguagem sofreria um profundo impacto a partir do sistema universal de comunicação, pois se previa que

o mais evidente é o transmissor-receptor individual, tão pequeno e compacto que cada pessoa levará um sem mais inconveniente do que um relógio de pulso. Isto sem dúvida é um velho sonho e quem duvidar de que venha a ser realizado simplesmente ignora as conquistas correntes no domínio da eletrônica. [...] Chegará o tempo em que chamaremos uma pessoa em qualquer lugar da Terra simplesmente discando um número. A pessoa será localizada automaticamente, quer esteja em pleno oceano, no coração de uma grande cidade ou atravessando o Saara. Este dispositivo sozinho poderá mudar as formas da sociedade e do comércio tanto quanto já fez o telefone, seu primitivo antepassado. (CLARKE, 1970, p.215).

Nossos telefones celulares iniciaram esse processo da primeira parte do parágrafo acima. Não discando um número, mas digitando, já que os aparelhos eletrônicos não dispõem dos antigos discos com os dez dígitos. E nessa segunda década do século XXI, os smartphones executam o que está na parte final do texto acima. Muitos pensadores sonharam com a tecnologia de que dispomos hoje.

O Sistema de Posicionamento Global (GPS⁷⁹), utilizado em um equipamento exclusivo ou em aplicativos, como alguns instalados em smartphones, é um grande aliado das pessoas para se localizarem geograficamente ou encontrarem um local onde desejam chegar. Essa tecnologia também foi prevista por Clarke (1970), quando dizia que ninguém ficaria perdido, pois se localizaria com um dispositivo de descoberta de posição e direção, que seria incorporado a um receptor e utilizaria os auxílios de navegação fornecidos pelo radar.

A necessidade de deslocamento diminuiria, segundo Clarke (1970), pois as comunicações melhorariam, favorecendo às pessoas entender-se com outras, mesmo que distantes no planeta. Previa-se que empresas e indústrias poderiam ser controladas a distância, sem a necessidade da presença física dos diretores ou para a realização de negócios, *“nem haverá um endereço ou escritório central, mas somente o equivalente a um número de telefone”* (CLARKE, 1970, p. 216). O que chamamos hoje de e-commerce (comércio eletrônico) faz parte disso, o equivalente ao número é o endereço da internet, que chamamos de URL⁸⁰ (Localizador Padrão de Recursos). O controle de empresas e equipamentos também é realizado a distância por todo o planeta. Mas uma das previsões que se tornou realidade. Na medicina, o controle de equipamentos em pontos distantes, também foi pensado: *“Chegará certamente o tempo em que os cirurgiões serão capazes de operar a um mundo de distância de seus pacientes”* (CLARKE, 1970, p. 217).

A tecnologia é capaz de redimensionar a relação entre a distância e o tempo, que podem ser encurtados, quando comparamos com o que era exigido para se deslocar a outro ponto, já que agora muitas atividades podem ser feitas a distância.

Lemos e Lévy (2010) falam sobre o processo de desenvolvimento da computação móvel que utiliza a tecnologia sem fio, como os smartphones e os computadores portáteis, no início do século XXI, quando passamos do acesso por um ponto de presença fixa para um ambiente de múltiplas conexões, como as redes

⁷⁹ Global Positioning System.

⁸⁰ Uniform Resource Locator.

móveis de telefone e da internet, o Bluetooth⁸¹ e a radiofrequência. Com isso, a cibercultura passará a ser constituída a partir diferentes formas de acesso, expandindo-se cada vez mais e “*vinculando-se aos lugares e à mobilidade urbana, criando processos de circulação e produção livre de informação no espaço urbano*” (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 50). Com a liberação e circulação da palavra, teremos o desenvolvimento da ciberdemocracia no século XXI, ressaltam os autores.

A tecnologia e a política estão presentes o tempo todo na história da humanidade. O homem e a mulher são seres políticos, desde o instante em que decidiram conviver coletivamente. As atividades exercidas pelas pessoas em sociedade dependem constantemente da política, que veio surgir a partir da necessidade dos seres humanos administrarem a *polis*, que é a cidade. Esse convívio coletivo propiciou que homens e mulheres desenvolvessem e compartilhassem as suas tecnologias ao longo de sua existência, construindo e reconstruindo a sociedade. Com isso, facilitaram o seu cotidiano, conquistaram força e mais inteligência, de forma coletiva, que foi evoluindo ao longo da história da humanidade. Este é o princípio da inteligência coletiva.

Ao final de seu livro, Clarke (1970) relaciona em um quadro as tecnologias dos 150 anos anteriores a 1962, chamado de passado, assim como as previstas para o futuro, até o ano 2100. Dessas previsões, destaco o que já se tornou realidade: laboratório espacial, máquinas de traduzir, rádio pessoal, biblioteca universal, aparelhos telessensoriais, linguagens lógicas, armazenagem eficiente da eletricidade, energia sem fio, engenharia astronômica, código genético e bioengenharia. A maior parte das previsões até 2100 não foram aqui relacionadas,

⁸¹ “*Bluetooth technology is the global wireless standard enabling the Internet of Things (IoT). Created in 1994, Bluetooth® technology was conceived as a wireless alternative to data cables by exchanging data using radio transmissions. The name Bluetooth came from a tenth century Danish King, Harald Blåtand or, in English, Harold Bluetooth. As the story goes, King Blåtand helped unite warring factions in parts of what are now Norway, Sweden and Denmark. Similarly, Bluetooth technology was created as an open standard to allow connectivity and collaboration between disparate products and industries.*”

“A tecnologia Bluetooth é o padrão sem fio global que permite a Internet das Coisas (IdC). Criada em 1994, a tecnologia Bluetooth® foi concebida como uma alternativa, sem o uso de cabos de dados, através do intercâmbio de dados usando transmissões de rádio. O nome Bluetooth veio de um rei dinamarquês, Harald Blåtand ou, em Inglês, Harold Bluetooth, do século X, que ajudou a unir as facções em guerra em partes do que são agora a Noruega, a Suécia e a Dinamarca. Da mesma forma, a tecnologia Bluetooth foi criada como um padrão aberto para permitir a conectividade e a colaboração entre diferentes produtos e indústrias.” (Tradução do autor). Disponível em: <<https://www.bluetooth.com/what-is-bluetooth-technology/bluetooth>>. Acessado em: 19 Jul 2016.

pois ainda não se efetivaram. O autor disse que não se atrevera a prever além do século XXI.

Além da capacidade de criar tecnologias para atender às nossas necessidades, a preocupação com o tempo é outra especificidade da raça humana, a única entre os seres vivos capaz de fazer e relatar a sua vida e de seus antepassados. Homens e mulheres se fazem sujeitos a partir de sua cultura e sua história, construídas na sua relação com o outro. Hoje em dia, as mídias eletrônicas conseguem aglutinar, tratar e armazenar todas essas tecnologias, contribuindo na construção de nossa cultura e de nossa história. Isso nos leva e refletir sobre o tempo futuro, enquanto um período de possibilidades. Aonde todo esse acesso às informações do passado, com tanta riqueza e qualidade de informações, pode nos levar? Com tudo isso, do que o ser humano será capaz? O que será criado ou recriado?

Freire (2008) nos aponta que uma sociedade não se reconstrói mecanicamente, é um processo que se faz culturalmente e exige mais do que a formação tecnicista de técnicos ou a cientificista dos cientistas. Além destas, é necessário que haja também uma formação humanista, que vá além da técnico-científica, e esteja realmente a serviço da humanização e da libertação de homens e mulheres. As tecnologias mudam e evoluem a todo tempo. O processo de reconstrução de sociedade é dinâmico e também se modifica frequentemente. Portanto, não se pode *“atribuir à tecnologia as mesmas finalidades que lhes eram atribuídas pela sociedade anterior”* (FREIRE, 2008c, p. 181).

Nós, que somos sujeitos do século XXI, que convivemos com muitas das tecnologias que não existiam há 50 anos atrás, o que podemos pensar e prever para o futuro em nossas reflexões? O que podemos imaginar sobre como será o final do nosso século e início do próximo? Quais mudanças ocorrerão em nossa sociedade?

Para Brandão (2016), a aprendizagem não pode ser reduzida a uma atividade instrumental da espécie humana e se afastar da sua principal vocação, que é o aprender. Freire (2014) reconhece os limites da educação, seja formal ou informal, ao mesmo tempo em que reconhece a sua força, assim como há sujeitos comprometidos e que não aceitam e nem estimulam posturas fatalistas. São pessoas que recusam afirmações do tipo: *“é uma pena que haja tanta gente com*

fome entre nós, mas a realidade é assim mesmo'. 'O desemprego é uma fatalidade do fim do século.' 'Galho que nasce torto, torto se conserva.' (FREIRE, 2014, p. 67).

É certo que o trabalho acompanha as mudanças sociais e tecnológicas. O seu conceito também vem se modificando ao longo da história. Imagino que o trabalho a ser realizado pelos seres humanos continuará se adaptando ao seu tempo e acompanhando as criações realizadas por homens e mulheres. Em termos de quantidade de postos de trabalho, não podemos deixar de lado a ética e a preocupação com o desemprego causado pelas tecnologias que automatizam os serviços que passam a não serem mais executados pelos seres humanos. A evolução tecnológica e a qualidade da vida humana precisam andar lado a lado, sem que uma deixe a outra para trás.

3.3 Tecnologias digitais

As tecnologias favorecem a uma melhor comunicação entre homens e mulheres. A ampliação do acesso às informações tem trazido grandes avanços à vida social, profissional e acadêmica de grande parte das pessoas de nosso século XXI. Porém, as transformações para se chegar até aonde nos encontramos, vêm ocorrendo ao longo da história da humanidade, tomando grande impulso no século passado em função da eletrônica. O rádio, que era apenas analógico e agora já podemos tê-lo na tecnologia digital, talvez seja uma das tecnologias mais longevas e que ainda está em pleno uso, atualizando-se frequentemente.

Martins (2010) apresenta um resgate histórico de várias experiências com o uso do rádio na educação brasileira: a *Rádio Sociedade* do Rio de Janeiro foi fundada em 1923; em 1937 foi criado o serviço de Radiodifusão Educativa; em 1959 surgiram as primeiras aulas radiofônicas na cidade de Natal (RN); na década de 1950, o MEB expandiu no Nordeste o seu sistema de escolas radiofônicas.

Em 1957, o Ministério da Educação e Cultura propõe a criação do “Sistema Rádio-educativo Nacional” (SIRENA) para contribuir com a *Campanha de Educação de Adultos*. Além da transmissão radiofônica, havia o trabalho realizado por meio de uma radiocartilha (FÁVERO e MOTTA):

Figura 41: Radiocartilha SIRENA



Fonte: Adaptado a partir do DVD educação Popular I (FÁVERO e MOTTA, 2015).

Na reunião com o professor Osmar Fávero⁸², ele relatou que o SIRENA contou com o apoio da empresa Phillips – que venderia os transmissores de radiofrequência e os rádios receptores – e grande participação da igreja católica. O melhor momento da escola radiofônica foi em 1961.

De acordo com as contribuições de Martins (2010), as propagandas através do rádio tiveram início na década de 1930. Nas duas décadas seguintes, 1940 e 1950, as transmissões radiofônicas fizeram grande sucesso. No ano de 1961, teve início a transmissão estéreo, com frequência modulada (FM), surgindo emissoras à procura de categorias sociais distintas, por meio de suas programações. Uma década depois, em 1970, *“as emissoras comerciais de rádio foram obrigadas, pelo governo político-militar, a transmitir cursos gratuitamente através do Projeto Minerva: cinco horas semanais [...] Tal projeto enfatizava a Educação de adultos [...] que visava atingir todo o Brasil”* (MARTINS, 2010, p. 133). O rádio evolui a cada década e, em 1980, a informática chega ao rádio. A seguir, o computador integra-se à rotina das emissoras, já na década de 1990. Em Belo Horizonte, na década de 2000, o Departamento de Comunicação Social da UFMG criou um laboratório de Produção de Rádio Educativo para os estudantes de uma escola municipal da cidade de Contagem (MG), cujos programas eram produzidos por eles, utilizando os conteúdos do currículo escolar e abordando temas voltados à comunidade escolar. Durante a

⁸² Na FaE da UFMG, em 01 Set. 2017.

greve das universidades federais de 2001, a Rádio União, uma rádio comunitária, instalou-se no Campus da UFMG por uma semana, em apoio ao movimento grevista, fazendo surgir o sonho de se criar uma rádio da própria universidade e, assim, com a ajuda de um grupo de estudantes universitários, a Rádio FAE é criada e transmitida por meio da internet. Outras iniciativas com o uso do rádio começam a surgir no âmbito da UFMG (MARTINS, 2010).

Pretto (2008) faz uma retrospectiva de algumas das TIC no Brasil, como a primeira emissora de rádio, que nasceu em 1923, dentro da Academia Brasileira de Ciências, por iniciativa de Roquette Pinto e Henry Moritze, que pretendiam levar educação e cultura aos brasileiros por meio das ondas do rádio. Os programas de televisão voltados para a divulgação científica começam a ganhar espaço na década de 1970, com o programa *Globo Ciência*, transmitido pela Rede Globo de Televisão, até chegar aos canais de transmissão exclusiva de educação, como foi o caso do TV Escola, do Ministério de Educação e Cultura, e do Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho.

O uso de rádio na educação existe há décadas e está sempre se atualizando. Uma das maneiras propostas por Pretto, Bonla e Sardeiro (2010) para se trabalhar com as tecnologias digitais na educação, nos dias de hoje, seria através do acesso ao rádio utilizando-se da flexibilidade e da plasticidade que encontramos na internet.

O rádio não foi encontrado no campo observado, para a formulação desta tese, enquanto uma ferramenta de uso pedagógico. Contudo, a utilização de fones de ouvido, interligando os educandos observados e seus smartphones, foi observada diversas vezes, com mais frequência na EMAVP. O uso dessa tecnologia na audição de alguma emissora de rádio ou de alguma base de armazenamento é algo que chama a atenção na sala de aula e em outros ambientes dentro e fora da escola. Nas observações de campo foi possível verificar uma frequente atenção concomitante de alguns educandos da EJA às aulas e aos fones de ouvidos.

O uso do rádio por meio da internet pode trazer algumas vantagens, se comparado com a transmissão tradicional por meio das ondas eletromagnéticas, pois ele não fica dependente de concessão governamental quando usado pela internet, já que não tem a limitação técnica do pequeno espectro de frequência eletromagnética do rádio tradicional. Na internet, o espaço disponível para a

quantidade de rádios é ilimitado, pois não sofre a interferência de uma emissora sobre a outra (PRETTO; BONLA; SARDEIRO, 2010).

Mesmo não havendo encontrado o rádio no campo desta investigação, não podemos deixar de citá-lo enquanto tecnologia de grande utilidade na história da educação de adultos em nosso país. Essa tecnologia, enquanto opção de uso na educação, através da internet, que pode se adequar ao tempo individual de cada sujeito envolvido no processo educativo, aprendendo ou ensinando. Como não há a necessidade da transmissão e recepção ao mesmo tempo, a dimensão temporal pode ser construída, desconstruída e reconstruída, de acordo com a necessidade e disponibilidade de cada pessoa. A inserção de dados também pode ser trabalhada de forma coletiva ou individual, seja pelo educando, seja pelo professor. Há uma plasticidade no uso do rádio presente na internet, o que pode facilitar seu uso na EJA, desde que haja acesso a esse meio digital com a necessária qualidade tecnológica exigida. Não deixa de ser uma opção a se pensar na educação, podendo ser usado de forma complementar ou suplementar.

O rádio, com transmissão por onda eletromagnética, necessita de recursos financeiros para sua implantação e manutenção, mas que podem diminuir quando se utiliza a internet. Pretto *et al* (2010) denominam este meio de comunicação como *rádio web*, que apresenta diferenças em relação ao primeiro modelo. Essa tecnologia pode funcionar por meio de um processo multidirecional, além de contribuir com a democratização das mídias por meio da internet. Outra característica da rádio web é a mudança na lógica de transmissão de seus programas, pois deixam de ser sincronizadas com o tempo presente e passam a ocorrer de forma assíncrona, já que os conteúdos são disponibilizados na internet de maneira que os seus usuários consigam acessar, executar e gravar os programas em seus computadores, em um tempo de recepção desvinculado do tempo da transmissão, oferecendo certa liberdade ao ouvinte para que possa montar a sua própria programação. Esse modo de operacionalizar a rádio web é chamado de *podcasting*⁸³, que vai além do som e permite que se possa associar o rádio a

⁸³ *Podcasting* ou *podcast* é uma corruptela de “*iPod*” (marca do equipamento de mídia digital da empresa Apple Inc. que origina a sigla para Personal On Demand – traduzido como algo pessoal e sob demanda) e “*broadcasting*” (rádio difusão). Os *Podcasting* são arquivos de mídia digital, como áudios, vídeos e imagens, que podem ser transmitidos e recebidos pela internet. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Podcasting>>. Acessado em: 22 Mar. 2017. “O termo *Podcast* [...] surgiu em 2004 [...] do conceito deste termo são atribuídos ao ex-VJ da MTV Adam Curry, que [...] disponibilizou o código na Internet para que outros programadores pudessem aperfeiçoar e utilizar.”

“qualquer arquivo de texto, áudio e vídeo disponível para o usuário recebê-lo quando desejar” (PRETTO *et al*, 2010, p. 169).

O interesse despertado no educando da EJA pode fazer a diferença, seja no uso do rádio ou de outra tecnologia para a sua aprendizagem. Foi observado em campo que os fones de ouvido são objetos de uso frequente por alguns educandos. Transformar esse uso em um instrumento de aprendizagem, despertando o interesse no educando, pode ser um dentre os caminhos a serem trilhados. Dessa forma, o rádio já foi e pode continuar a ser uma tecnologia a serviço da educação, enquanto recurso didático. O vídeo pode ser outra opção. Hoje em dia, observamos o uso recorrente e o fácil acesso de smartphones pelos educandos e professores na EJA. Esses equipamentos podem incorporar esses e outros recursos. A facilidade proporcionada pela tecnologia móvel faz com que ela seja bastante utilizada por esses sujeitos, comprovado por meio das observações e das entrevistas realizadas durante a investigação de campo. A mobilidade no uso das tecnologias digitais é um grande facilitador ao processo de construção do conhecimento, mas ainda falta promover o seu uso em sala de aula.

A preferência pelas tecnologias móveis é uma tendência no Brasil. De acordo com dados do IBGE (2016), o percentual de pessoas de 10 anos ou mais de idade que geralmente utilizam a internet somente por meio de microcomputador é menor do que de pessoas que acessam a internet somente por outros equipamentos, com valores relativos de 40,9% e 57,5%, respectivamente, em 2015.

De 2005 a 2011, os dados disponíveis eram apenas para o uso da internet pelas pessoas através dos microcomputadores, sendo 20,9% em 2005, 34,8% em 2008 e 46,5% em 2011. No ano de 2013, também se iniciou a pesquisa sobre o uso da internet somente por meio de outros equipamentos, além do microcomputador. Os dados apontam para uma diminuição do uso exclusivo da internet por meio do microcomputador e o aumento pela utilização por meio de outros equipamentos:

Tabela 4: Percentual de pessoas que utilizaram a internet por meio de microcomputador e somente por outros equipamentos, 2013-2015

Percentual de pessoas que utilizaram a internet por meio de microcomputador e somente por outros equipamentos, entre a população no Brasil de 10 anos ou mais de idade, de 2013 a 2015.		
Ano	Utilização de internet por meio de microcomputador.	Utilização de internet somente por meio de outros equipamentos.
2013	45,3	49,4
2014	43,9	54,4
2015	40,9	57,5

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2016, p. 46).

Conforme Lemos e Lévy (2010), o aumento da comunicação entre as pessoas implica no aumento da liberdade de cada sujeito. Isso faz parte da história da humanidade. Foi a partir da invenção da escrita que se pode construir a nossa história. Com o surgimento da imprensa surgem mudanças nas ciências, religião, indústria, comércio e política. Com isso, começa-se a se ter a impressão de que o tempo passa a se acelerar cada vez mais rápido.

O uso da tecnologia móvel pelas pessoas faz aumentar a sensação de liberdade com o uso das tecnologias digitais. A partir do momento em que cada sujeito carrega consigo um equipamento que pode registrar o que está acontecendo naquele momento em sua volta, consegue buscar todo tipo de informações disponíveis na internet e colocá-lo em contato com o mundo, são construídas condições para que o sujeito sintá-se livre e mais empoderado.

Com o surgimento e a evolução da imprensa escrita, do rádio e da televisão, a comunicação de massa ganha força. Contudo, essa comunicação massiva tem o formato unidirecional, com poucos emissores, ou até mesmo um só, que pode agrupar diferentes formas de transmissão da informação para inúmeros receptores, por meio de suporte midiático com audiência anônima, vasta e dispersa, levando ao domínio das massas por parte da classe dominante, que sempre deteve o controle desses meios de comunicação. Com o surgimento da internet, foram surgindo outros meios para as pessoas se comunicarem, como o correio eletrônico e as redes sociais. A partir dessas novas formas de comunicação, criou-se a possibilidade do aumento considerável de transmissores, pois cada sujeito tem a possibilidade de ser um deles, principalmente quando se tem um smartphone nas mãos. A consequência disso é o surgimento da comunicação *pós-massiva*, com um número muito maior de transmissores e receptores de informações, em rede, presentes em nossa

sociedade. Com o acesso às redes de dados móveis, os fatos e as informações podem ser atualizados a todo o momento, compartilhados, transmitidos e retransmitidos por diversas pessoas, chegando a um leque de muitos outros sujeitos, que são os receptores e retransmissores. Essas informações podem sair ou chegar em um equipamento fixo ou de tecnologia móvel, ligado a internet, em forma de imagem, texto, áudio ou vídeo.

A diferença entre comunicação *massiva* e a *pós-massiva*, enquanto modelos, é abordada por Lemos e Lévy (2010), quando chamam de *função massiva* àquela que possui “*um fluxo centralizado de informações com o controle editorial do pólo da emissão por grandes empresas em processo de competição, financiadas pela publicidade*” (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 48). Em oposição a esse formato, os autores apontam as *funções pós-massivas*, que não necessitam de grandes recursos financeiros e se caracterizam pela facilitação do “*fluxo informacional, pela liberação da emissão e pela transversalidade e personalização do consumo da informação. Elas permitem não só a produção livre, mas também a circulação aberta e cooperativa dos produtos informacionais*” (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 48), que podem ocorrer por meio de imagens, sons, textos e programas. Nesse novo modelo, há mais oferta e acesso à palavra, que passa a ser pública – tanto em relação à emissão quanto à sua circulação – deixando de ser controlada pelo Estado e pelas empresas que dominam a comunicação massiva. Assim, evoluímos para um novo sistema, em que a distribuição dos conteúdos abertos, livres e colaborativos, ocorre de forma horizontalizada (LEMOS e LÉVY, 2010).

Uma reflexão necessária se faz ao indagarmos que mantém e controla a internet. Por mais amplo que seja o acesso à internet e às tecnologias digitais, não podemos deixar de lado a ideia de que há controle, tendo em vista que são grandes empresas que detém esse controle. O acesso e a permanência na rede e o fluxo dos dados não estão livre de alguma forma de controle e concessão. Até que ponto o uso das tecnologias digitais é realmente democrático? Até quando?

No Brasil, o Comitê Gestor da Internet (CGI) é o responsável pelo estabelecimento de diretrizes e construir estratégias para o uso da internet no país. É o CGI que controla os nomes de domínio e a alocação do endereço de cada equipamento conectado à internet, por meio do IP⁸⁴, que é um protocolo de

⁸⁴ IP é a abreviação de Internet Protocol (protocolo de internet).

comunicação de internet. Esse Comitê administra os endereços de internet com a extensão “.br”. Foi por meio do Decreto número 4.829, de 3 de setembro de 2003, que a Presidência da República criou o CGI.br, para ficar responsável pela governança da Internet no Brasil.⁸⁵ Esse decreto que criou o CGI, determinou que a sua composição deveria ser composta por representantes dos seguintes setores: Ministério da Ciência e Tecnologia, que o coordenará; Casa Civil da Presidência da República; Ministério das Comunicações; Ministério da Defesa; Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; Agência Nacional de Telecomunicações; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; representante do Fórum Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência e Tecnologia; representante de notório saber em assuntos de internet; representantes do setor empresarial; representantes do terceiro setor; representantes da comunidade científica e tecnológica. Esse modelo de governança da internet no Brasil foi escolhido para que se pudessem reunir diversos setores da sociedade para dialogar a respeito de questões importantes relacionadas à internet no Brasil. O mandato dos membros que são representantes da sociedade civil são eleitos para mandatos de 3 anos.

O CGI se reúne, em média uma vez por mês. Em 2017 ocorreu de haver mais de uma reunião ordinária em determinado mês e outros meses não ocorrer nenhuma. A reunião ordinária de 18 de agosto de 2017 empossou 3 novos membros eleitos. Dentre os assuntos discutidos em 2017, temos: Fórum da internet; consulta pública sobre o CGI.br; processos de liberação de domínios; ataque de malware; Internet das Coisas /IoT; participação em diversos eventos; bloqueio de aplicativos; proteção de dados pessoais; Brasil Digital e Competitivo; Projeto Cidadania Digital; GT - Franquia da Dados; GT - Responsabilidades do CGI.br e o Marco Civil; GT - Governança CGI.br/NIC.br; processo eleitoral do CGI; dentre outros.⁸⁶

No segundo semestre de 2017, foi aberto grande debate a respeito da proposta de uma consulta pública sobre o CGI, com manifestações contrárias de representantes da comunidade acadêmica, por perceberem uma possível manobra do Governo Federal para aumentar a participação empresarial no comitê e garantir

⁸⁵ Disponível em: < <https://cgi.br/pagina/decretos/108>>. Acessado em: 13 Out. 2017.

⁸⁶ Disponível em: <<https://www.cgi.br/reunioes/pautas/>>. Acessado em: 13 Out. 2017.

uma maioria do governo em decisões para favorecer grandes corporações.⁸⁷ Em entrevista à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), o professor Nelson Pretto⁸⁸ questiona o modelo proposto:

Seríamos contra uma consulta pública? Claro que não, mas sabemos muito bem que se uma ação como essa, de auscultar a sociedade, em temas tão sensíveis como esses, se esse processo não for muito bem elaborado e sustentado em princípios democráticos de participação pode apenas se constituir em uma máscara de democracia (aliás, que é o fato em tudo que temos vistos desde o ano passado), viabilizando assim com que os grandes interesses das grandes corporações que atuam na área, notadamente as empresas de telecomunicação, possam inundar a consulta com as questões que apenas visam a defesa de seus modelos de negócios em detrimento do interesse maior da população brasileira. [...] o que está em jogo, [...] nada mais é do que os temas ligados à neutralidade da rede, a concepção de inclusão digital, a proteção dos dados pessoais, entre tantos outros aspectos. [...] Desde a sua criação em 1993, o CGI, com sua composição multissetorial, tem sido elogiado internacionalmente por congregar os diversos atores da sociedade interessados na temática da internet. Internet não é uma questão de especialistas apenas. Por isso nós, da educação, e da ANPEd em particular, temos tanto interesse e estamos sempre atentos a tudo que diz respeito a ela. Internet hoje é um patrimônio da humanidade, um direito humano fundamental.⁸⁹

O controle da internet no Brasil é de grande importância para toda a população e temos que ficar atentos a quem está no comando e o que define o CGI. O que fazemos em cada “extremidade” da rede, utilizando um equipamento que acessa a internet, depende muito das políticas aprovadas para todo o país.

⁸⁷ Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/governo-recua-sobre-intervencao-no-comite-gestor-da-internet-confira-entrevistas-com>>. Acessado em: 13 Out. 2017.

⁸⁸ Membro do GT de Educação e Comunicação da ANPED e conselheiro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

⁸⁹ Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/entrevista-com-nelson-pretto-ufba-cgibr-em-risco>>. Acessado em: 13 Out. 2017.

Capítulo 4

AS TECNOLOGIAS EM NOSSA SOCIEDADE E OS SUJEITOS DA EJA

As tecnologias, com os seus avanços e os seus limites, vêm sendo inovadas frequentemente pelos seres humanos, especialmente aquelas ligadas à informação e à comunicação. Muitas são as mudanças estabelecidas nas formas de homens e mulheres se comunicarem. Nas últimas décadas, tem se tornado cada vez mais fácil a busca por novos conhecimentos.

O modelo de comunicação vem se transformando na sociedade nas últimas décadas. As mídias de massa, como o rádio, a televisão e a tipografia, funcionavam basicamente a partir de um emissor e muitos receptores. Dessa forma, a seleção daquilo que será transmitido já define a informação que deva ser vista ou ouvida. Contudo, a partir do acesso à internet pela população em geral, esse modelo passa a ter outra configuração, pois aqueles que só tinham a opção de se contentarem em serem receptores, passam também a serem transmissores de informações e opiniões. O sentido da comunicação se modifica de *um-todos* para *todos-todos*. Com isso, as mídias de massa também começam a se modificar para acompanhar as exigências da sociedade.

As novas formas de comunicação através do ciberespaço, como as mensagens enviadas ou recebidas pelo correio eletrônico, os vídeos que podem ser postados e exibidos no Youtube, as publicações contidas nos blogs, uma busca no Google, uma publicação ou compartilhamento no Facebook ou Whatsapp⁹⁰, fazem aumentar os contatos e a transparência das informações, fazendo circular cada vez mais ideias e comportamentos, como nos apontam Lemos e Lévy (2010).

Cabe ressaltar que estar no Facebook é estar em uma rede social e, não necessariamente, navegar pela internet. A democracia é favorecida pelo aumento da capacidade dos cidadãos se informarem melhor, se expressarem mais, se associarem mais facilmente e deliberarem. Há um aumento das possibilidades da construção de uma inteligência coletiva que potencialize a população em geral. Para corroborar com essa ideia, recorro novamente a Lemos e Lévy (2010):

⁹⁰ “Whatsapp Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS [já que] usa o mesmo plano de dados de internet [para] navegação [...]. Além das mensagens básicas, os usuários do Whatsapp podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio.” Disponível em: <https://www.whatsapp.com/?l=pt_br>. Acessado em 01 Dez. 2014.

Inicialmente, a escrita deu à linguagem uma memória e uma presença autônoma, independentes do sopro ou do corpo da pessoa que fala. Depois o alfabeto tornou a escrita universal, [...] a imprensa forneceu às formas da linguagem um meio de reprodução automática. A interconexão dos computadores, finalmente, criou um meio oblíquo para todos os signos culturais, [...] todas as formas de comunicação eletrônica, do telégrafo à televisão passando pelo telefone, a gravação de som e o rádio, não foram mais que órgãos embrionários convergindo para o grande corpo virtual do ciberespaço: uma esfera da inteligência coletiva em expansão acelerada, onipresente e sem limite, composta de signos atuantes e interconectados. (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 223).

O uso das tecnologias digitais traz implicações sociais para a população em geral e inclui, portanto, os sujeitos da EJA. Atualmente, podemos encontrar experiências didáticas com o uso de computadores em sala de aula, divulgadas em textos, relatos de professores e encontros voltados para essa temática.

Sheilla Brasileiro (2003), investigou em uma escola municipal de Belo Horizonte alguns jovens com idades entre 20 e 24 anos de idade e o acesso desses educandos às TIC e as possibilidades de inclusão ou exclusão devido ao acesso aos meios digitais, descobrindo que os jovens recebiam influências das TIC, mas o seu uso era eventual e ainda não faziam uso delas em sua prática social.

A investigação de Jorge Schulman (2004) também foi realizada em uma escola dessa mesma rede municipal, em que dissertou sobre a formação de professores para o uso de tecnologias digitais na educação.

Menga Lüdke e Luiz Boing (2004) construíram relações entre a introdução das TIC e a parceria e autonomia dos professores, discutindo sobre o desenvolvimento profissional, a formação e o saber docente, identidade e socialização profissionais.

Análise de Jesus da Silva (2007) apresenta sua pesquisa sobre as práticas pedagógicas de algumas escolas do turno da noite da RME-BH. Na sua investigação são discutidas, dentre outras questões, as redes de juventude que também são redes sociais, além das redes virtuais e das redes humanas. A investigação envolveu 5 escolas, 32 docentes universitários, 24 docentes da Educação Básica e 16 adolescentes, utilizando-se de análise documental, questionários, observações e entrevistas.

Jacqueline Laranjo (2008) analisa o impacto sobre o trabalho docente na EJA da RME-BH causado pelas TIC e o modo pelo qual os docentes incorporam essa tecnologia em sua prática pedagógica. Os resultados da sua pesquisa apontam para

a necessidade de se discutir, de maneira mais profunda e coletiva, a estrutura organizacional das escolas municipais de modo a possibilitar que seus tempos e espaços sejam mais flexíveis e acessíveis à incorporação das tecnologias.

Cynthia Gontijo (2008) investigou em uma escola da rede pública municipal de Belo Horizonte sobre a natureza da formação para o uso das TIC na EJA, para se conhecer as condições em que se faz uso das TIC na escola e o que dizem os sujeitos que as utilizam no local investigado. A autora revela que tanto os professores quanto os educandos consideram as TIC como inovações na realidade da EJA e que o uso dessas tecnologias contribui para o aumento da autoestima dos educandos e favorece a maior frequência à escola.

Neusa Nápoles (2008) pesquisou sobre a visão de educandos e professores sobre o uso das tecnologias digitais em uma escola municipal de Belo Horizonte que oferta exclusivamente a modalidade de EJA, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. A descrição da escola investigada coincide com as características da EMAMP. Nápoles (2008) focou em sua pesquisa no Ensino Médio. Foi realizado um estudo de caso, inicialmente com professores e educandos, ambos dos turnos da manhã, tarde e noite. Em um segundo momento, houve o acompanhamento de uma turma do turno da noite, tanto em sala de aula quanto no Laboratório de Informática. O objetivo era de investigar sobre o aproveitamento do Laboratório de Informática pela escola. Dentre as conclusões dessa Dissertação de Mestrado, temos que o Laboratório de Informática ficava disponível aos educandos e aos professores da escola, entretanto percebeu-se certo comodismo por parte da maioria dos docentes por não fazerem o uso do Laboratório de Informática, com apenas uma minoria fazendo o uso efetivo desse espaço. Nápoles (2008) destacou que: *“É fundamental que a ampliação do uso do laboratório de informática da Escola nas práticas educacionais esteja vinculada aos conteúdos curriculares e que tal fato requer uma redefinição da grade curricular atual.”* (NÁPOLES, 2008, p. 96).

Bianca Brito e Maria Clara Di Pierro (2010) escreveram um artigo para o *Congresso Internacional da Cátedra da UNESCO de Educação de Jovens e Adultos*, em que apresentam uma revisão bibliográfica sobre o uso das TIC na educação escolar e não escolar. Elas encontraram 29 trabalhos, entre 2008 e 2010, produzidos em todas as regiões do Brasil, sendo 9 artigos, 17 dissertações de Mestrado e 3 teses de Doutorado. O estudo aponta que: *“Não há abordagens*

teóricas conflitantes nos trabalhos analisados. Paulo Freire é referencial teórico de 17 dos 29 estudos; Pierre Lévy, de 13; e Manuel Castells de 12” (BRITO e DI PIERRO, 2010, p. 5). Desses trabalhos, 18 são pesquisas empíricas em salas de aula de EJA e 11 pesquisaram práticas não escolares. Portanto, a maioria pesquisou em escolas de EJA. No geral,

a principal diferença entre as abordagens é a naturalização das tecnologias como algo positivo e a falta de criticidade no tratamento do tema, presente nos trabalhos que tratam as TICs como ferramentas. A abordagem dos sentidos atribuídos por educandos e educadores à TIC na EJA difere das sistematizações de práticas escolares e não escolares [...] Mas ao longo dos textos e nas conclusões, tais abordagens não são muito diferentes: a maioria deles problematiza as tecnologias e atenta para o fato de que as TICs não são boas nem ruins a princípio. Apesar da não naturalização das TICs, os trabalhos não se preocupam em aprofundar os conflitos inerentes às tecnologias. (BRITO e DI PIERRO, 2010, p. 12).

Adelina Moura (2010) apresentou na Universidade do Minho – Portugal – a tese com um estudo de caso que investigou o uso da tecnologia móvel enquanto ferramenta de mediação de aprendizagem. Da pesquisa, participaram 68 educandos do ensino secundário geral e profissional, dos turnos diurno e noturno, de 4 turmas, em 2 escolas da cidade de Braga, sendo uma pública e a outra, profissional semiprivada. Em ambas, era proibido o uso de aparelhos de tecnologia móvel em sala de aula. Foram utilizados questionários, trabalhos com grupos focais e realizadas observações e entrevistas. A turma A tinha 27 educandos, todos do sexo masculino, com idades variando de 15 a 19 anos; a turma B tinha 18 educandas, todas do sexo feminino, a idade variava de 15 a 20 anos; a turma C tinha 10 educandas e 8 educandos, com idades de 15 a 18 anos; e a turma D tinha 3 educandas e 2 educandos, de 22 a 56 anos, que haviam abandonado os estudos e voltaram a estudar. Mais de 60% dos educandos das turmas A e B sofreram retenção ao longo de sua trajetória escolar. Por meio do Decreto número 387/99, foi criada a “*Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA), uma estrutura própria dedicada à educação e formação de adultos, com o intuito de elevar os índices de qualificação escolar e profissional da população adulta portuguesa.*” (MOURA, 2010, p. 263). A oferta escolar aos adultos era no horário noturno. Dentre os investigados, 66% são do ensino profissional. Dentre as conclusões da tese, é possível destacar que:

para integrar as tecnologias no currículo escolar e no projecto pedagógico é preciso que a tecnologia esteja disponível. Quando existe apenas um

laboratório de informática para toda a escola, os resultados não se observam tão favoráveis. A tecnologia tem de estar na sala de aula, à mão, no momento em que é precisa e as tecnologias móveis permitem isso. As instituições têm de procurar soluções diferenciadas para superar os desafios de ter a tecnologia acessível e inserir a nova geração de dispositivos digitais, tão amplamente usados na sociedade. Para que se consiga uma cultura de mudança e de integração da tecnologia no currículo é preciso que a tecnologia passe a fazer parte das práticas educativas numa base continuada e a longo prazo. (MOURA, 2010, p. 504).

A investigação de Julio C. Matos Pereira (2011, 2014) foi para saber se houve impactos positivos e negativos à vida dos educandos da EJA, depois que passaram a ter acesso às aulas de Informática em uma escola da RME-BH, discutindo temas como: EJA, alfabetização e letramento, inclusão digital, TIC, ética e diversidade na escola. O que se revela é que o uso das TIC na escola traz impactos positivos na vida dos educandos investigados.

Lívia Coelho (2011) pesquisou a respeito das relações que os educandos da EJA estabelecem com as tecnologias digitais e as implicações que isso traz na vida de cada um. A investigação ocorreu em Salvador, Bahia, em uma escola confessional do setor privado, sendo uma obra dos jesuítas da Província Brasil Nordeste, que iniciou suas atividades em 1911 e atende a EJA desde 1970, à noite, de forma gratuita, com aproximadamente 900 vagas EJA. Coelho (2011) selecionou uma turma para a sua investigação, no laboratório de Informática, com observações, entrevistas e grupo focal. A turma selecionada possuía 5 mulheres e 5 homens. Dentre as mulheres, 2 tinham computador em casa, com acesso à internet, e os filhos e netos são os que mais utilizam, as 3 que não possuem o equipamento pretendiam adquirir, todas possuíam telefone celular que utilizavam para ligações e mensagens, assim como despertador, ouvir música e fotografar. Dentre os homens, somente 1 tem computador em casa, com acesso à internet, mas utiliza pouco, os demais utilizam o computador apenas na escola, possuem telefone celular que utilizam para ligações, ouvir musica e fotografar. Na escola investigada, “desde a fase de alfabetização, os alunos desenvolvem diversas atividades em um laboratório de informática, com acompanhamento de professores e monitores” (COELHO, 2011, p. 21). Os resultados da pesquisa apontam que a escola deve estar atenta às necessidades e expectativas dos educandos da EJA, pois o trabalho com as tecnologias digitais na escola alteram a sua visão de mundo e o seu cotidiano, aumentando oportunidades para a construção do conhecimento e no relacionamento com as outras pessoas (COELHO, 2011).

Ana Paula Pedroso (2015) investigou sobre os processos formativos dos educadores da EJA da EMAVP. Em sua Tese de Doutorado, ela realizou uma pesquisa qualitativa, com análise documental, observações e entrevistas semiestruturadas com os docentes da escola, que recebeu o nome fictício de Escola Municipal José Eloísio Domingues, que atende exclusivamente a modalidade de EJA na RME-BH. Em relação à formação dos docentes na escola municipal investigada,

pele que se verificou, em relação à constituição da trajetória formativa dos docentes entrevistados, salienta-se que todos apresentam uma formação acadêmica adquirida em cursos de graduação, sobretudo em licenciaturas. Ademais, a grande maioria deles possui algum tipo de pós-graduação (lato sensu ou stricto sensu), o que revela uma busca pelo aperfeiçoamento da prática docente. Todavia, merece reflexão a constatação de que em nenhum dos casos investigados houve uma formação voltada para a EJA, o que faz com que esses educadores iniciem seu trabalho sem uma formação para o campo específico de sua atuação. (PEDROSO, 2015, p. 177-178).

Clarice Wilken de Pinho (2016) também investigou na EMAVP, por se tratar de uma escola municipal de Belo Horizonte que atende exclusivamente a modalidade de EJA. Ela deu o nome fictício de Escola Municipal Zacarias. A Dissertação de Mestrado de Pinho (2016) teve como objetivo verificar o que temos de educação e cultura popular em duas escolas de EJA da cidade de Belo Horizonte, procurando identificar o envolvimento dos seus educandos em atividades artísticas diversas, que tenha vínculo com os seus saberes e as suas culturas. Para contribuir nas reflexões da pesquisa, Pinho (2016) procurou fazer um resgate histórico de alguns movimentos de educação e cultura popular que tivemos no Brasil na década de 1960, como o MCP, a *Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler* o MEB e o CPC.

Daniele Dias e Timothy Ireland (2016) escreveram o texto “*Tecnologia como prática de liberdade*”, em que tratam sobre o uso das tecnologias digitais na EJA e a busca pela igualdade no acesso a informações, tanto na forma virtual quanto presencial.

Carlos Spezia (2016), apresenta o texto sobre os fins, meios e objetivos da inclusão digital e nova mídias, em que fala das mudanças na educação proporcionadas pelas TIC.

Flávia Santos (2016) investigou sobre a inserção das tecnologias digitais à prática pedagógica da EJA em sua Dissertação de Mestrado. O foco dessa pesquisa foi em como os professores do primeiro segmento da EJA, do município de Jabotão

dos Guararapes, Pernambuco, compreendem as perspectivas, as possibilidades e os desafios dessa inserção tecnológica. Santos (2016) aplicou questionário a 82 professores e entrevistou 36 deles. Ao final da investigação, verificou-se que as tecnologias digitais na prática pedagógica da EJA é simplesmente um processo de instrumentalização do educando na perspectiva da inclusão digital. Na verdade, ela precisa ser entendida enquanto um direito que atenda às necessidades básicas de aprendizagens dos educandos da EJA e seja fator de inclusão social para a *Aprendizagem ao Longo da Vida*.

Ediany Lima (2016) investigou sobre as estratégias construídas por mulheres negras, pouco escolarizadas, que vivem em uma sociedade estruturada pela escrita. Em sua Dissertação de Mestrado, Lima (2016) procurou compreender quais são as estratégias construídas por essas mulheres, que são educandas da EJA que estudam em turmas de alfabetização em uma escola filantrópica de Belo Horizonte, com semelhanças com o perfil dos educandos do CEBMFS. A dissertação não dá destaque à escola ou às práticas escolares. Foram realizadas entrevistas individuais narrativas 5 mulheres, entre os 27 e os 67 anos de idade, moradoras do Aglomerado da Serra. Um dos subtítulos da Dissertação de Lima (2016) é sobre o uso do celular feito por essas mulheres. O perfil de vida dessas mulheres se assemelha ao da educanda Tábata, uma das 18 pessoas entrevistadas nesta tese, como descreve Lima (2016):

Percebemos que a vida dessas mulheres é marcada por pouca ou nenhuma oportunidade. As formas de exclusão em que estão inseridas (exclusão econômica, da escola, local de moradia) trazem limitações à vida delas quanto à autonomia, à cidadania, ao acesso à saúde, ao deslocamento pela cidade, à busca por melhores empregos e melhores condições de vida. Essa realidade é inegável. Contudo, queremos mostrar também o quadro de resistência vivenciado por elas para atualmente estarem em uma situação de vida melhor do que a do passado, com projetos para o futuro, embora ainda haja alguns pontos a avançar. (LIMA, 2016, p. 56).

Priscilla Teixeira (2017), apresentou sua Dissertação de Mestrado sobre o uso de tecnologias digitais enquanto ferramentas pedagógicas na EJA do CESEC do bairro Caieiras, da cidade de Vespasiano – Minas Gerais – que fica na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Foi feita pesquisa bibliográfica, documental e de campo, com aplicação de questionários enviados às escolas e a realização de entrevistas com professores e educandos.

Aline Ferreira (2017) investigou sobre a atuação da cibercultura na produção do currículo vivido em uma turma de ensino médio de uma escola pública estadual de Minas Gérias, na região Norte da cidade de Belo Horizonte, para sua Dissertação de Mestrado. O trabalho de campo se deu no primeiro semestre de 2016, quando foram aplicados questionários e realizadas entrevistas e observações. Ferreira (2017), argumenta

que a sociabilidade ciborgue atua na produção do currículo vivido na relação com os elementos ciberculturais, tais como artefatos tecnológicos, práticas de nude selfie e a música na conexão com as tecnologias. As/os jovens, na conexão com o ciberespaço e com os pares, produzem outros modos de se relacionar de forma lúdica no currículo vivido. Tal forma é nomeada por mim como sociabilidade ciborgue que consiste na composição amalgamada das relações estabelecidas, presencialmente e *online*, *constituídas pela ludicidade*. (FERREIRA, 2017, p. 16).

O questionário aplicado na investigação de Ferreira (2017) solicita a idade dos sujeitos da pesquisa. Contudo não localizei esses dados no trabalho final. Como o processo inicial da investigação de Ferreira (2017) se deu com jovens de turmas do 1º e do 2º anos do Ensino Médio e o trabalho não cita a modalidade de EJA, não podemos interpretar essa Dissertação com uma pesquisa na modalidade de EJA. De toda forma, há de se destacar algumas análises a respeito do uso do aplicativo Whatsapp por esses jovens educandos do Ensino Médio da escola estadual investigada por Ferreira (2017):

por meio da interação que os sujeitos estabelecem cotidianamente na escola e no grupo do WhatsApp, vivenciaram a sociabilidade ciborgue e produziram outros modos de se relacionar. O WhatsApp entra em cena para alterar os modos como as/os jovens se relacionam cotidianamente em sala de aula. [...] A conexão estabelecida no ciberespaço por meio do aplicativo tem modificado a forma com que as/os jovens se interagem presencialmente em sala de aula. Após a criação do grupo, as/os jovens estabeleceram relações mais próximas e intensas, tanto no ciberespaço, quanto nas relações face a face em sala de aula. Tais conexões atuam no currículo vivido de diferentes modos como, por exemplo, na forma com que as/os jovens lidam com os exercícios, trabalhos para serem feitos em casa, nos modos de se relacionar, construir laços de amizade, bem como na zoação. [...] Assim, o aplicativo se mostra como um importante artefato na produção do currículo vivido, pois compõe a construção de trabalhos e lembretes de atividades curriculares, mas também se manifesta nas brincadeiras e zoações. (FERREIRA, 2017, p. 179).

Podemos ratificar o constante uso das redes sociais na socialização entre os educandos e entre as pessoas, de forma geral. A comunicação entre pessoas, por meio das tecnologias digitais, transcende do virtual para o real. O aplicativo Whatsapp é o aplicativo preferido do momento, mas é previsível que outros virão.

Assim foi com Orkut⁹¹, que fez muito sucesso no início da década de 2010 e depois foi deixado de lado, sendo substituído por outras preferências de seus usuários e por novas escolhas de outras pessoas. São muitas as pessoas que começaram a se utilizar desse modo de comunicação, com o uso das tecnologias digitais, especialmente as móveis pela sua facilidade de uso durante os deslocamentos.

4.1 Os sujeitos da EJA neste início de século

Os sujeitos da EJA são aqueles que estão nas escolas que ofertam essa modalidade de ensino. Também são aqueles que estão em outras experiências não escolares que realizam um trabalho sistemático e de grande importância para a EJA. Há também os que ainda não conseguem entrar ou permanecer nesses ambientes – escolares ou não escolares – mas que precisam lá estarem, seja para iniciar ou retomar a sua formação. Quando falamos dos sujeitos da EJA, geralmente pensamos nos educandos ou futuros educandos, já que eles são os principais sujeitos da EJA! Contudo, não podemos desconsiderar os professores e outras pessoas que se dedicam à formação desses educandos, já que estão atuando nessa modalidade de ensino e, portanto, também são sujeitos da EJA.

Para falarmos da EJA no século XXI, nos remetemos à VI CONFINTEA, que ocorreu no Brasil de 1 a 4 de dezembro de 2009. Dela participaram 1.125 delegados, de 144 Estados membros. A anterior, realizada doze anos antes em Hamburgo, teve 1507 participantes, de 130 Estados membros. Esta Conferência foi a primeira a ser realizada no Hemisfério Sul do nosso planeta e também a única realizada em um país emergente. Esse acontecimento foi na cidade de Belém, capital do estado do Pará, na fronteira com a Amazônia, Região Norte do país. Inicialmente, ela estava programada para ocorrer de 19 a 22 de maio do mesmo ano, mas foi adiada devido a um surto de gripe, causada pelo vírus H1N1. A VI CONFINTEA foi precedida de cinco conferências regionais preparatórias para estimular o debate, em 2008 e 2009, na Cidade do México, em Seul, em Nairóbi, em Budapeste e em Tunis (IRELAND e SPEZIA, 2014).

⁹¹ O Orkut foi a principal rede social no mundo, até que o Facebook começou a fazer sucesso e superá-la. O Orkut funcionou por dez anos, chegou a ter 51 milhões de comunidades, 120 milhões de tópicos, e mais de 1 bilhão de interações e foi encerrado oficialmente em 30 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://blog.orkut.com/>>. Acessado em: 01 Dez. 2014.

O analfabetismo foi uma das questões discutidas pela VI CONFIENTEA, por continuar a ser um grande desafio, tendo em vista que, em 2009, havia quase 800 milhões de pessoas no mundo sem ler e escrever, sendo que dois terços desse quantitativo é de mulheres, ou seja, mais de 500 milhões. Dentre as questões temáticas que fizeram parte das discussões, podemos destacar a participação e a inclusão, em que se discutiu sobre as mulheres – que é a maioria dentre as pessoas com menor tempo de escolarização –, a exclusão das pessoas privadas de liberdade e dos povos indígenas, o crescente problema da migração, considerando que há *“um bilhão de pessoas em movimento a cada ano e como a educação de adultos pode melhorar a vida dos migrantes e reduzir as reações hostis das pessoas nos países de acolhimento”* (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 259-260). A alfabetização foi uma questão temática, em que se discutiu a respeito da necessidade do desenvolvimento de uma cultura de leitura e ambientes letrados aos adultos, com diferentes motivações para a leitura e a criação de estratégias que melhorem a cultura da leitura, como a *“utilização das TIC e de sites voltados para novos leitores”*. (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 263).

Durante a VI CONFINTEA foi construído o documento *“Marco de Ação de Belém: aproveitando o poder e o potencial da aprendizagem e educação de jovens e adultos para um futuro viável”*, que foi assinado pelos 144 Estados membros da UNESCO. O documento destaca que *“a educação de adultos é reconhecida como um componente essencial do direito à educação, e precisamos traçar um novo curso de ação urgente para que todos os jovens e adultos possam exercer esse direito”* (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 265).

O *“Seminário internacional sobre Educação ao Longo da Vida - CONFINTEA BRASIL + 6”*, ocorreu em Brasília, de 25 a 27 de abril de 2016, para atender a um dos compromissos assumidos pelo Governo Federal do Brasil na VI CONFINTEA, que seria a abertura de debates para a elaboração de políticas públicas para a EJA ao longo da vida. Um dos eventos do *CONFINTEA BRASIL + 6* foi o *Seminário Internacional de Educação ao Longo da Vida*⁹². Para este Seminário foi elaborada uma coletânea de textos, produzidos por alguns dos participantes do evento, para dar subsídios aos debates. Alguns desses textos foram escritos para outro evento, o

⁹² Disponível em:

<http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/premissas_formato_evento.pdf>.

Acessado em: 23 Mar. 2017.

Seminário Nacional de Educação ao Longo da Vida, realizado em setembro de 2015 na cidade de Porto Seguro, Bahia. Outros dois eventos ocorreram no *BRASIL + 6*: a *Reunião Técnica Brasileira de Balanço Intermediário do Marco de Ação de Belém* e a *Reunião de Órgãos de Cooperação Técnica Internacionais*.(NACIF et al, 2016).

Moacir Gadotti (2016) foi um desses autores e que escreveu no capítulo “*Aspectos contemporâneos da Educação ao Longo da Vida*” o artigo “*Educação popular e educação ao longo da vida*”. O autor discute que a educação formal e a “*Educação de Adultos*” não podem ser confundidas com a “*Educação ao Longo da Vida*”, tendo em vista que, ao falarmos de um tempo que corre ao longo da vida, ela não poderá se restringir somente à vida adulta, já que pode ocorrer em qualquer idade, tanto em espaços formais quanto não formais. Essa reflexão o leva a indagar se esse termo não poderia ser interpretado como uma desistência da política para a educação de adultos. Gadotti (2016) realizou algumas investigações sobre esse tema e aponta que a *aprendizagem ao longo da vida* é uma expressão antiga, enquanto a *educação ao longo da vida* é mais recente e está relacionada à *educação permanente*, que tem origem num sistema tradicional do Reino Unido, na década de 1960, a mesma década dos acontecimentos de maio de 1968, em Paris, com o incremento político à ideia de uma *educação ao longo da vida*. Com o tempo, esta ideia perdeu suas características de uma educação que estivesse voltada à participação e à cidadania e passou a visar as exigências impostas pelo mercado. A partir disso, a responsabilização pela aprendizagem passou a ser individual, enquanto a educação deixou de ser um direito e passou a ser um serviço, deslocando “*a educação para a formação e para a aprendizagem. A visão humanista, inicial, foi substituída, nas políticas sociais e educativas, por uma visão instrumental, mercantilista, apesar de declarações contrárias*” (GADOTTI, 2016, p. 54). Essa visão se manteve na *Declaração de Hamburgo*, durante a V CONFINTEA, em 1997. O princípio de uma “*aprendizagem ao longo da vida*” seria a quebra de uma educação dividida por modalidades, ciclos ou níveis, já que ela poderia articular a educação de maneira ampla, independentemente da idade da pessoa ou da sua organização ocorrer de maneira formal ou não formal (GADOTTI, 2016).

Paulo Pontual (2016) é outro autor nessa coletânea e a defende que a construção de *Educação ao Longo da Vida* numa perspectiva de uma *Educação Popular* necessita promover a cidadania, criar práticas de uma democracia

participativa, com a promoção de uma justiça social e a integração de “*diversas modalidades e estilos de educação e formação, institucionalizadas ou não, desenvolvidas tanto com base em organizações e movimentos sociais quanto no Estado, por intermédio de políticas públicas*” (PONTUAL, 2016, p. 70). O autor aponta que se faz necessária uma mudança de paradigmas nos sistemas educativos, como a garantia da oferta pública de serviços de qualidade voltados para a aprendizagem permanente das pessoas e a criação de políticas que diminuam a brecha digital e que invistam na alfabetização e numa educação cidadã.

Carlos Rodrigues Brandão (2016), na mesma coletânea, ressalta que uma educação cidadã é também uma educação política, que incentive cotidianamente as pessoas na busca de seus direitos humanos, de forma plena, com consciência crítica e prática reflexiva. Por muito tempo, se pensava que ao longo de vida das pessoas haveria um curto tempo para se dedicar aos estudos e todo o período restante seria dedicado ao trabalho produtivo. Porém, o que acontece de fato é que estamos frequentemente em busca de conhecimento, experiências e aprendizagem, já que somos seres mutáveis, em busca de aperfeiçoamento, independente da idade ou da ocupação, mesmo quando já aposentados do trabalho (BRANDÃO, 2016).

Os jovens foram incluídos na alfabetização de adultos, no *Marco de Ação de Belém*. Essa é uma realidade no Brasil, em que os jovens são representados pela letra *J* na sigla EJA. O documento aponta que

a alfabetização é um pilar indispensável que permite que jovens e adultos participem de oportunidades de aprendizagem em todas as fases do continuum da aprendizagem. O direito à alfabetização é parte inerente do direito à educação. [...] A alfabetização é um instrumento essencial de construção de capacidades nas pessoas para que possam enfrentar os desafios e as complexidades da vida, da cultura, da economia e da sociedade (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 266).

Foi produzido um documento anexo ao *Marco de Ação de Belém*, chamado de “*Declaração de Evidência*”, que fornece os princípios que estão implícitos nas recomendações desse *Marco*. Essa Declaração trata dos avanços na *Aprendizagem e Educação de Adultos (AEA)*, desde a V CONFINTEA, e relata que as TIC, a educação aberta e a EAD, “*estão sendo adotadas e gradualmente respondendo a necessidades específicas de educandos que até bem recentemente estavam excluídos*” (IRELAND e SPEZIA, 2016, p.275).

Em 2016, a UNESCO apresentou o terceiro “*Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos*”⁹³, o GRALE III (2016), em que apresenta “*O impacto da aprendizagem e da educação de adultos na saúde e no bem-estar, no emprego e no mercado de trabalho e na vida social, cívica e comunitária*”. No Prefácio do documento, a Diretora-geral da UNESCO Irina Bokova, destaca que o relatório foi lançado em um momento em que a comunidade internacional se prepara para a construção da “*Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*”. O GRALE III (2016) fornece informações que contribuem para as análises dos compromissos assumidos pelos Estados-membros na CONFINTEA VI e também presta assistência ao monitoramento e à implementação do *Marco de Ação de Belém*.

De acordo com dados do GRALE III (2016), no mundo há cerca de 758 milhões de adultos, dentre estes 115 milhões com idades entre 15 e 24 anos, que ainda não conseguem ler ou escrever uma simples frase. A maioria dos países ainda não alcançou a meta de

atingir 50% de melhoria nos níveis de alfabetização de adultos até 2015. Atingir proficiência em alfabetização e em habilidades básicas para os adultos permanece sendo uma alta prioridade na grande maioria dos países, independentemente de seu status de renda. (GRALE, 2016, p. 8).

O capítulo 4 do GRALE (2016), que discute sobre a AEA inserida na vida social, cívica e comunitária, aponta que a “*Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*” pede aos países que enfrentem os desafios postos, como a proteção ao meio ambiente e uma distribuição mais justa de benefícios socioeconômicos. Destarte, para ajudar a colocar a Agenda em prática, “*esse compromisso com o desenvolvimento sustentável tem uma importante dimensão ética, portanto, são necessários adultos educados em princípios éticos, bem como habilidades econômicas e tecnológicas*”. (GRALE, 2016, p. 111-112).

A 38ª seção da Conferência Geral da UNESCO, realizada em Paris, em novembro de 2015, elaborou a Recomendação sobre a AEA, que apoia o Marco de Ação da Educação 2030, reflete as tendências globais e orienta “*a transformação e a expansão de oportunidades de aprendizagem equitativas para jovens e adultos*” (UNESCO, 2017, p. 3). Dentre as definições desse documento, destaco aqui a de número 7, que diz que as TIC

⁹³ Global Report on Adult Learning and Education (GRALE).

são consideradas como tendo grande potencial para melhorar o acesso dos adultos a uma variedade de oportunidades de aprendizagem e promover a equidade e a inclusão. Elas oferecem várias possibilidades inovadoras para a realização da aprendizagem ao longo da vida, reduzindo a dependência em estruturas formais tradicionais de educação e permitindo a aprendizagem individualizada. Por meio de dispositivos móveis, redes eletrônicas, mídias sociais e cursos online, os educandos adultos podem ter acesso a oportunidades de aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. As tecnologias de informação e comunicação também têm capacidade considerável para facilitar o acesso à educação para as pessoas com deficiência, permitindo sua plena integração na sociedade, bem como para outros grupos marginalizados ou desfavorecidos. (UNESCO, 2017, p. 7).

Dentre as ações propostas para se garantir a qualidade na AEA, a 38ª Conferência Geral da UNESCO recomenda que os Estados-membros devam promover um ambiente em que a AEA tenha qualidade, pensando em uma Agenda 2030. Para isso, precisam ser tomadas medidas, apoiando-se nas TIC e em recursos educacionais abertos, como o “*desenvolvimento de conteúdos e modos de entrega apropriados, de preferência usando a língua materna como língua de instrução, e a adoção de pedagogia centrada no educando*” (UNESCO, 2017, p. 13).

No Brasil, ainda são muitas as pessoas, com 14 anos ou mais, que ainda não estão alfabetizadas. Passam-se anos e décadas e os dados continuam nos chamando a atenção, já que ainda são muitos brasileiros nessa situação, mesmo que o percentual de pessoas não alfabetizadas venha diminuído a cada ano, com exceção de 2011 para 2012. Contudo, a população aumenta nesse mesmo período e, mesmo com a diminuição no índice, é uma quantidade muito grande de brasileiros que ainda não dominam o código da leitura e escrita.

Os dados do IBGE nos mostram essa diminuição no índice de pessoas não alfabetizadas no país:

Tabela 5: Percentual de pessoas não alfabetizadas, de 15 anos ou mais, por sexo (2007 a 2015).

Percentual de pessoas não alfabetizadas, de 15 anos ou mais de idade, por sexo (Brasil).								
Por sexo	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Homens	10,4	10,2	9,8	8,8	9,0	8,8	8,6	8,3
Mulheres	9,9	9,8	9,6	8,4	8,4	8,2	7,9	7,7
Total	10,1	10,0	9,7	8,6	8,7	8,5	8,3	8,0

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2015?)⁹⁴.

⁹⁴ De acordo com o IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, PNAD 2007/2015. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>>. Acessado em: 20 Out. 2017.

Como a população estimada no Brasil em 2015 foi de 204.450.649 pessoas⁹⁵, havia cerca de 16.356.052 não alfabetizados, com 15 anos ou mais de idade, que é uma grande quantidade de seres humanos. Além da necessidade de alfabetização desses sujeitos de direitos, precisamos também pensar em políticas públicas que atuem no sentido de promover a inclusão digital dessas pessoas que vivem em um mundo letrado e que caminha, cada vez mais, para um mundo informatizado. Faz-se necessário o investimento em políticas públicas que também atinja esse contingente populacional.

No segundo semestre de 2017, o percentual de pessoas com 14 anos ou mais de idade sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo é de 7,6% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017). Ao consideramos as estimativas da população brasileira em 207.660.929 pessoas, com data de referência em 1º de julho de 2017 (BRASIL, 2017), temos cerca de 15.782.231 nessas condições de baixíssima instrução. Uma quantidade de pessoas não muito distante dos 16.356.052, com 15 anos ou mais de idade não alfabetizados, de 2015. Muito pouco mudou nesses 2 anos.

Dentre os objetivos deste estudo de caso, estão a realização de estudos relativos à EJA, à escola, ao avanço das tecnologias, aos usos das na sociedade, aos usos da internet, ao letramento digital e à inclusão digital. Tudo isso tem relação direta com necessidade de uma política de alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas no Brasil, além do enfrentamento à inclusão digital

Também há de se destacar que, ao se pensar nos usos das tecnologias na escola, a ética não pode ser deixada de lado. Como Freire (1997) nos revela: uma comunicação é impossível de ser neutra, pois ela comunica algo em favor ou na defesa de algum ideal e contra outro. Com isso, é indispensável que tenhamos uma postura crítica e alerta em relação aos meios de comunicação e aos avanços tecnológicos e que se invista no uso ético das tecnologias digitais, na busca de uma melhor qualidade de vida de toda a humanidade. Em outra obra, Freire ressalta que

“A alfabetização em televisão” não é lutar contra a televisão, uma luta sem sentido, mas como estimular o desenvolvimento da curiosidade e do pensar críticos. [...] Não temo parecer ingênuo ao insistir não ser possível pensar sequer em televisão sem ter em mente a questão da consciência crítica. É

⁹⁵ Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_TCU_2015_20170614.pdf>. Acessado em: 20 Out. 2017.

que pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira, em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de alguma coisa contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que joga ideologia na comunicação, ocultando verdades, mas também a própria ideologização no processo comunicativo. Seria uma santa ingenuidade esperar de uma emissora de televisão de grupo do poder dominante que, noticiando uma greve de metalúrgicos, dissesse que seu comentário se funda nos interesses patronais. [...] Não podemos nos pôr diante de um aparelho de televisão “entregues” ou “disponíveis” ao que vier. (FREIRE, 2014, p. 126-127).

Compartilho com Freire (1997) da ideia crítica de que “o *progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, sua significação*” (FREIRE, 1997, p. 147). Um exemplo disso é o desemprego no mundo, que não é uma fatalidade, mas o resultado da globalização na economia e dos avanços tecnológicos que não se preocupam com os trabalhadores (FREIRE, 1997).

Lemos e Lévy (2010) nos apontam que a inclusão digital não é algo simples, ao contrário disso, ela é bem complexa, já que necessita pensar na inteligência coletiva, de forma a abranger os capitais: social, cultural, técnico e intelectual. Na exclusão digital, podem faltar as capacidades para se adquirir esses capitais, que são fundamentais para se vencer os desafios postos pela sociedade da informação para a conquista do acesso às tecnologias digitais. Destarte, “a *inclusão digital não deve ser apenas um modelo de ensino técnico onde alunos aprendem determinados softwares e como navegar na internet*” (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 153). Ao se planejar trabalhar com as tecnologias digitais na escola de EJA, poderia se pensar para além da aquisição de equipamentos e a conexão com a internet, pois a reflexão sobre o seu uso e as possibilidades de se ter o domínio sobre essas tecnologias são de grande importância para uma educação de qualidade.

O trabalho, o medo de perdê-lo ou o receio de não consegui-lo, são questões de grande relevância para o educando da EJA, já que é parte fundamental da sua sobrevivência e de sua família. A ameaça das tecnologias ao seu posto de trabalho o preocupa, assim como a possibilidade de uma melhor oportunidade de trabalho com os usos das tecnologias traz esperança de dias melhores.

Existe uma inquietação quando o trabalho proveniente de habilidades individuais ou de recursos, mediado por ferramentas, também pode ser substituído por tecnologias, que podem ser compradas no mercado. Isso cria mecanismos que

podem alterar a forma e o local de trabalho, desestabilizando e trazendo insegurança ao trabalhador (BAUMAN, 1998).

Nesse sentido, até mesmo as palavras podem vir acompanhadas de ações opressoras. Bauman (1998) lembra que, ao se falar em racionalizar no trabalho, pode significar que não seria, necessariamente, que se pretenda criar empregos e sim cortar. Em muitas ocasiões verificamos que

o progresso tecnológico e administrativo é avaliado pelo “emagrecimento” da força de trabalho, fechamento de divisões e redução de funcionários. Modernizar a maneira como a empresa é dirigida consiste em tornar o trabalho “flexível” – desfazer-se da mão-de-obra e abandonar linhas e locais de produção de uma hora para outra, sempre que uma relva mais verde se divise em outra parte, sempre que possibilidades comerciais mais lucrativas, ou mão-de-obra mais submissa e menos dispendiosa, acenem ao longe. (BAUMAN, 1998, p. 50)

As tecnologias podem dar suporte a essas mudanças, quando programadas com esse objetivo. Com isso, o indivíduo perde sua condição de trabalhador, ou fica sem as necessárias condições de exercer seu ofício como gostaria e com o suporte que necessita para se manter e sustentar com dignidade a si mesmo ou sua família.

Martuccelli (2007) discute o indivíduo enquanto personalidade que compõe a sociedade moderna a partir do século XIX, assumindo papéis e construindo a imagem de outro indivíduo, como se vestisse máscaras. A Sociologia nos traz algumas dimensões ao indivíduo moderno: o suporte, o papel social, a identidade, o respeito e a subjetividade. O suporte faz com que o indivíduo possa se construir perante o mundo em que vive, a partir do seu interior, se apresentando em diversas dimensões: psicológica, espiritual, simbólica, laboral etc. A posição de cada indivíduo no seu meio social determinará as formas como o suporte o lançará ao mundo. Mesmo autônomo, o indivíduo moderno depende de relacionar-se no mundo, pois faz parte de uma rede, que também é considerada como um suporte, com múltiplas conexões a diversas realidades (MARTUCCELLI, 2007).

Da Silva (2007) discute sobre as redes de juventudes, que são tecidas a partir da construção de uma pluralidade de grupos, com os quais a juventude participa e estabelece relações. A participação social nessas redes pode levar a algumas experiências fragmentadas em determinados grupos ou com diferentes durações de tempo de permanência, com laços que podem ser baseados em conversação, em afeto ou amizade, em parentesco, em trocas econômicas ou de informações, nas relações de autoridade, dentre outros. Existem outras tantas redes das quais muitos

sujeitos não participam de sua tessitura pela falta de acesso, muitas vezes por terem seus direitos negados. É nessa pluralidade que a identidade desse sujeito jovem é construída e *“cada experiência é única e vivenciada numa intensidade maior do que para a juventude anterior, pois as variáveis que interferem nela são inúmeras, diversas e constantes”* (DA SILVA, 2007, p. 119).

O adulto e o idoso, por sua vez, também constroem o seu suporte no mundo em que vivem, a partir do lugar que ocupam em seu meio social, na sua forma de se relacionarem com o mundo. A identidade desses sujeitos é construída nas relações que eles estabelecem com outros sujeitos, que tecem as suas redes e grupo com esse adulto ou esse idoso ao longo de sua vida.

Em sua investigação, Lima (2016) deu atenção aos usos do celular pelas 5 mulheres negras com pouco ou sem nenhuma escolarização que entrevistou e verificou que todas elas possuíam o seu equipamento, com diferentes usos que se relacionam à faixa etária de cada uma, de acordo com Lima (2016): as mais velhas usam as funções básicas e as mais jovens utilizam mais funções do aparelho: *“WhatsApp? Esse é o dia inteiro. (risos) Tem que dar uma olhadinha”* (LIMA, 2016, p. 78), disse a educanda Maria Luiza, de 27 anos de idade; *“Aí eu vejo os números aqui, eu mesmo ligo. Olha como é que muda a vida da gente! Se eu pegasse antigamente, eu não sabia nada. Mas olha hoje que maravilha”* (LIMA, 2016, p. 78), disse a educanda Maria das Graças, de 60 anos de idade. Para aprenderem a usar o telefone celular, as 5 educandas entrevistadas por Lima (2016) contaram que precisaram contar com a ajuda de parentes para ensiná-las em um primeiro momento, como filhos, netos, irmãos, marido ou sobrinhos. A pesquisadora nos traz mais detalhes sobre usos da tecnologia móvel pelas educandas investigadas por ela, como é o caso do smartphone ou do aparelho de telefone celular:

Maria Luiza é quem tem mais facilidade e habilidade para usar as diversas funções do aparelho: recebe e faz ligações, usa a internet, faz pesquisa no Google, tira fotos, procura nomes na agenda telefônica, usa o despertador (inclusive para lembrá-la de tomar remédios), usa a calculadora, consulta sua fatura bancária, utiliza muito o WhatsApp, consegue ler e encaminhar mensagens e vídeos, mesmo preferindo utilizar a opção de mensagens por voz. A segunda entrevistada mais nova é Maria Eliza, que utiliza o telefone para fazer e atender ligações, não sabe colocar os números na agenda, mas consegue procurar os números de telefone que estão salvos. Ela conta que tem muita vontade de aprender a pesquisar na internet, mas ainda não consegue fazer isso sozinha. Ela precisa pedir ajuda aos patrões ou a algum sobrinho para fazer a pesquisa. Ela também utiliza o WhatsApp e, assim como Maria Luiza, consegue ler e encaminhar mensagens e vídeos, mas prefere usar as mensagens por voz. Maria das Graças não sabe utilizar

a internet no celular, faz e atende ligações, procura números na agenda, tira fotos e sabe procurá-las nos arquivos do telefone. As entrevistadas mais velhas já possuem um acesso mais limitado aos recursos do telefone celular. Além de possuírem telefones mais simples (sem acesso a internet, por exemplo) Maria de Fátima usa o celular para atender ligações e, como não sabe salvar os números na agenda, ela procura em sua agenda de papel o número de telefone que pretende ligar. Já Maria de Lourdes utiliza o telefone apenas para atender ligações, pois não sabe usar nenhuma das outras funções desse aparelho. (LIMA, 2016, p. 78-79).

Com relação à alfabetização de adultos, a VI CONFINTEA aponta para que haja o desenvolvimento de uma cultura de leitura e de ambientes letrados, mas para isso é necessário que se considerem diversas motivações, como criar possibilidades ao indivíduo para que ele possa ler para aprender, ter prazer, se comunicar, se sentir incluído e desenvolver competências para que funcione na sociedade. Para proporcionar essa cultura da leitura podem ser criadas estratégias como a “produção de materiais de leitura, a utilização das TIC e de sites voltados para novos leitores” (IRELAND e SPEZIA, 2014, p. 263).

A importância de um suporte aos educandos da EJA é grande, tendo em vista que

o indivíduo só existe na medida em que ele é sustentado por um conjunto de suportes. Na verdade, esse conjunto de suportes só existe a partir do momento em que você dispõe dele. Acima de tudo, é marcado, estranhamente, tanto por uma deficiência quanto por um excesso. Ou seja, até o ponto em que o indivíduo tenha (ou não) acesso, a partir desse conjunto de suportes, sejam eles materiais ou imateriais, próximos ou distantes, conscientes ou inconscientes, ativamente ou passivamente estruturados, sempre reais em seus efeitos e, sem os quais, a dizer a verdade, o indivíduo praticamente não sobreviverá⁹⁶ (MARTUCCELLI, 2007, p.52).

Existem diferentes necessidades e experiências educativas com os usos das tecnologias quando a relacionamos com a EJA. As culturas e as especificidades dos jovens, dos adultos e dos idosos abrem um leque de oportunidades de pesquisas educacionais. Esta investigação foi realizada a partir da escola, com cursos de EJA presenciais, mas não podemos deixar de citar outras possibilidades, como as experiências de EaD. Por isso, é importante fazer uma breve demarcação sobre a

⁹⁶ *El individuo no existe sino en la medida, y solamente en la medida, es que es sostenido por un conjunto de soportes. Es verdad, El hace algo de ese estado, en consecuencia es siempre de alguna manera más (u otra cosa) que el conjunto de sus soportes, pero no existe sino desde el instante en que dispone de estos. Sobre todo, está marcado, extrañamente, a La vez por una deficiencia y por un exceso frente ellos. Es decir, hasta qué punto el individuo, sin serles sin embargo fácil de reducir, no es asible más que a partir de esse conjunto de soportes, materiales o simbólicos, cercanos o lejanos, conscientes o inconscientes, activamente estructurados o pasivamente sufridos, siempre reales em sus efectos, y sin los cuales, a decir verdad, no subsistirá prácticamente* (tradução do autor).

opção pelas práticas educativas presenciais e não aquelas a distância. Na modalidade presencial há uma possibilidade maior de um contato pessoal cotidianamente, o que possibilita a construção de um trabalho pedagógico que atenda às situações criadas a partir da imprevisibilidade e das necessidades individuais e coletivas, inerentes ao processo educativo, procurando atender às demandas e às especificidades dos sujeitos aprendentes. Ela propicia reconhecer cada indivíduo como único, como elemento central da construção do seu próprio conhecimento, ao mesmo tempo em que leva o sujeito a se relacionar com outros sujeitos, seja professor ou educando, que são os principais protagonistas do processo educativo. Sua educação se faz junto com a história de cada um. Como esta investigação se atém à educação escolar presencial, optamos por não aprofundarmos sobre questões relativas à EaD.

Este estudo de caso investigou sobre a utilização das tecnologias móveis na EJA, sem que elas sejam o principal elo entre o sujeito e sua aprendizagem, valorizando também a proximidade e a relação de contato do educando da EJA com escola em que estuda, com seus professores e com outros educandos. A escola oferece um amplo campo para pesquisas em educação, por conseguir reunir uma grande parcela da sociedade. Na EJA, muitos homens e mulheres retornam à escola em diferentes fases da vida, tanto profissional quanto familiar. Há aqueles e aquelas que retornam por necessidade de trabalho, também há quem o faz por realização pessoal, dentre outros motivos.

Quando os sujeitos que frequentam uma sala de aula têm o acesso às tecnologias móveis, o campo de estudo amplia ainda mais, tendo em vista que há a possibilidade dessa pessoa se conectar com o mundo inteiro, podendo se comunicar com várias outras pessoas e também pesquisar por diversas informações a respeito do que está sendo trabalhado naquele ambiente, que é geograficamente limitado pelo espaço físico que a sala ocupa.

Dentre os interesses que os educandos da EJA têm pela escola, Pereira, Bastos e Ferreira (2011) destacam que, em muitas vezes, eles são definidos a partir do que se encontra ou se deixa de encontrar nas instituições. Muitos desses sujeitos procuram na escola

um meio para compreender o mundo e vencer obstáculos que são causados pelas limitações sociais, muitas vezes oriundos da falta de escolarização. Eles investem nos estudos por exigência do mercado de trabalho, mas

encontram uma escola distante do mundo do trabalho e longe de sua realidade (PEREIRA, BASTOS e FERREIRA, 2011, p. 176).

Na modalidade de EJA, os educandos jovens, adultos e idosos necessitam de um atendimento muito dirigido às suas especificidades, devido ao momento em que se encontram na sua formação escolar, especialmente se estiverem cursando o Ensino Fundamental. Essa situação corrobora com os argumentos de se fazer um estudo de caso em algumas escolas de EJA que tenham cursos presenciais e que os seus sujeitos utilizam as tecnologias móveis para contribuir no seu processo de ensino e de aprendizagem, sem que as tecnologias digitais sejam o principal elo de construção do conhecimento de seus educandos. O que se busca, através dessas tecnologias, é um suporte que facilite a interlocução do educando com a instituição escolar em que é tecida a sua formação.

As tecnologias têm ajudado muito os seres humanos a melhorarem as suas condições e qualidade de vida, propiciando a criação de suportes necessários para o mundo em que vivem. Porém, nem tudo que elas proporcionam trazem benefícios ao nosso planeta. Por isso, seria importante estarmos atentos e reflexivos quanto ao seu uso.

Os progressos científicos, em que o uso das tecnologias influencia na produção de sociedades injustas e na destruição do meio ambiente de forma sistemática, causam preocupações. Contudo, *“o ser humano não vai desistir da tecnologia. Não há volta. Mas podemos fazer com que a tecnologia seja cercada de cuidados éticos e sociais mais adequados”* (DEMO, 2006, p. 86).

Os laços entre algumas pessoas eram atados por uma rede segura e contínua, tanto em relação ao tempo quanto ao comprometimento de interesses individuais, imediatos. Hoje, muitos desses laços estão se tornando cada vez mais frágeis e temporários. Ao mesmo tempo, os indivíduos ficam divididos quando expostos às imposições dos mercados da mão de obra, incentivando posturas e atitudes competitivas, diminuindo a colaboração mútua no trabalho, quando havia. Passam a tratar a sociedade como uma rede e não como uma estrutura de suporte aos indivíduos, pois funciona como uma imensa matriz de conexões e desconexões aleatórias (BAUMAN, 2007a).

Cada vez mais, as inovações tecnológicas poderiam vir acompanhadas de uma ética a serviço do ser humano e não do lucro. Do contrário, acaba favorecendo as minorias que comandam o mundo. A questão não é tecnológica, mas política e

ética. Freire (1997) aponta que a todo progresso criado a partir dos avanços tecnológicos também deveria ser pensado junto com ele um real empenho na busca de se compensar os danos que ele possa causar: “a um avanço tecnológico que ameaça a milhares de mulheres e homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior” (FREIRE, 1997, p. 147).

Isso nos leva a refletir também sobre alguns pontos negativos ligados à tecnologia. Podemos ter a compreensão que ela não é a causa, mas que pode ser usada como um instrumento em favor da exploração e do lucro exacerbado, sem a devida preocupação com o lado humano e as consequências de uma evolução tecnológica. Isso dependerá de quem usa e como usa as tecnologias a favor de algo. A partir dessas reflexões podemos indagar: Em que a escola poderia contribuir em relação ao uso crítico das tecnologias e em favor de uma melhor qualidade de vida?

Ao escrever a carta “A alfabetização em televisão”, Freire (2014) ressalta que a passagem de uma condição de ingenuidade para a uma de criticidade não ocorre automaticamente. Uma prática educativa progressista exige justamente desenvolvimento de uma curiosidade crítica, insatisfeita e indócil. Freire (2014) fala que vivemos em um tempo que é altamente tecnologizado. Contudo,

não vai nesta consideração nenhuma arrancada falsamente humanista de negação da tecnologia e da ciência. Pelo contrário, é consideração de que, de um lado, não diviniza a tecnologia mas, de outro, não a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa. Uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas, por exemplo, que lhe põem no caminho as ideologias. As ideologias veiculadas de forma sutil pelos instrumentos chamados de comunicação. Minha briga, por isso mesmo, é pelo aumento de criticidade com que nos podemos defender desta força alienante. Esta continua sendo uma tarefa fundamental de prática educativo-democrática. Que poderemos fazer, sem o exercício da curiosidade crítica, em face do poder indiscutível que tem a mídia [...] ? (FREIRE, 2014, p. 123-124).

Bauman (2007b) ressalta a necessidade de a educação contestar os impactos das experiências do cotidiano, enfrentando e desafiando as dificuldades surgidas no ambiente social. O autor defende que a educação e os educadores necessitam estar à altura dessa tarefa, sendo capazes de resistir às pressões, pois “as esperanças de usar a educação como uma alavanca com força suficiente para desestabilizar e finalmente desalojar as pressões dos ‘fatos sociais’ parecem tão imortais quanto

vulneráveis.” (BAUMAN, 2007b, p. 21). Ele sugere uma necessária pedagogia crítica, que trabalhe a conscientização, a liberdade e a democracia, trazendo esperança e oportunidades a toda humanidade.

A pedagogia libertadora de Paulo Freire tem contribuído com os movimentos e lutas pelas condições de produção da camada popular, articulando coletivos e fazendo com que essa população se descubra como sujeitos de direitos. A EJA e as práticas de educação popular contribuíram nas reflexões teóricas sobre algumas dimensões educativas dos movimentos sociais, participando de situações limites e em processos tensos de luta e de reivindicações, arriscando o seu emprego, segurança, vida e a própria identidade (Arroyo, 2003). Isso nos remete ao *ethos*⁹⁷ da camada mais fragilizada economicamente de nossa sociedade, aquela que luta diariamente pelo direito à vida, à moradia, à educação, à saúde, ao trabalho, ao acesso às tecnologias, à igualdade e ao respeito às diferenças. Muito destes direitos estão escritos em nossa Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 6º.⁹⁸

Freire (2014) fala de sua luta pelo direito de ser sujeito da História e não ser nela apenas objeto, da vocação ontológica do ser humano que é o *ser mais*⁹⁹ e interpela: “*o que fazemos com as exigências que a própria tecnologia nos coloca de contarmos com indivíduos prestos, rápidos em respostas variadas e adequadas a desafios inesperados? Será que o treinamento técnico prepara indivíduos assim?*”

A formação do educando da EJA não pode se dar por uma atitude ingênua, não pode se resumir em um aprendizado exclusivamente técnico ou um treinamento de habilidades individuais. Ao contrário disso, “*o progresso de sua consciência crítica, de si e de seu mundo, que lhe dá a certeza de ser cada vez mais competente*

⁹⁷ O *ethos* é o que dá origem à ética e se refere aos costumes de algum grupo de pessoas, a partir do lugar que vive, pois a ética foi “*construída a partir dos costumes e da cultura, se deu pelas relações que os seres humanos estabeleceram com o que estava ao seu redor, com seu ethos, evoluindo daquela organização rústica dos primórdios da civilização para uma sociedade que refletisse sobre como seriam mais justas e corretas as suas formas de relacionamento*” (PEREIRA, 2011, p. 128; 2014, p. 150).

⁹⁸ Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015).

⁹⁹ “*A vocação para a humanização, segundo a proposta freiriana, é uma característica que se expressa na própria busca do ser mais através da qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, [...] do sonho e da esperança, que movem a autêntica utopia de um futuro histórico para a humanidade e nos impulsionam para a superação de nós mesmos.*” (ZITKOSKI, 2010, p. 369-370).

em seu ofício e mais culto como intelectual, pois cada vez se acerca mais das origens legítimas da cultura.” (PINTO, 2005, p. 115).

Não se pode deixar que a prática educativa dos educadores se reduza ao treinamento técnico-científico dos educandos, ao invés da sua formação. “*A necessária formação técnico-científica dos educandos por que se bate a pedagogia crítica não tem nada que ver com a estreiteza tecnicista e cientificista que caracteriza o mero treinamento*” (FREIRE, 2014, p. 49). Vasconcelos (1992) apresenta a ideia do ser humano enquanto um sujeito ativo e de relações, que constrói seu conhecimento na sua relação com os outros e com o mundo. Isso nos leva a refletir como são construídas as relações no século XXI.

Cada vez mais, as tecnologias digitais vêm favorecendo um aumento nas relações sociais de jovens e adultos em nossa sociedade. Formam-se grandes mobilizações políticas ao redor do mundo e a população se reúne e se organiza para protestar, reivindicar, denunciar, realizar atividades culturais, religiosas, além de diversas outras atividades que são promovidas ou divulgadas por meio das redes sociais (PEREIRA, 2011, 2014). Os correios eletrônicos também são uma forma rápida de se levar e trazer informações, favorecendo para que, cada vez mais, as pessoas se comuniquem pela internet (PAIS, 2008). Como a escola pode participar dessa forma de comunicação? Ela poderia utilizar essas tecnologias, de forma mais ativa, enquanto recurso didático? O trabalho docente poderia ser beneficiado com os usos das tecnologias móveis na aprendizagem de seus educandos? Quais seriam os papéis da escola, do professor e do educando nesse processo de ensino e aprendizagem, em busca da construção do conhecimento?

A educação é uma atividade própria do ser humano e, historicamente, a instituição escola passou a dominar essa atividade. Como a sociedade se divide em classes sociais, essa separação também tem se transferido para a escola, com uma oferta intelectual para a elite e uma escolaridade básica para as classes populares, com algumas destas ofertando determinadas habilitações profissionais. Na segunda metade do século XX, a formação profissional foi ofertada em escolas profissionalizantes ou mesmo dentro das próprias empresas. No processo histórico, foi criada uma divisão na educação: uma era voltada para o trabalho, que se dava no exercício das respectivas funções laborais, fora da escola; a outra, para o não-trabalho, era demarcada no espaço escolar (SAVIANI, 2000). No final da década de

1970, já se discutia o desenvolvimento de uma educação constituída “a partir do contexto cultural próprio e a serviço da autonomia cultural” (CANDAUI, 1979, p. 65).

Conforme Pereira (2011, 2014), a oferta e o acesso do jovem e do adulto à escola, mesmo no século XXI, ainda ocorre com grande dificuldade. Além disso, seria importante que os métodos pedagógicos e os usos das tecnologias sejam adequados a esse público, que é muito heterogêneo. Com a introdução das tecnologias digitais nas escolas de EJA,

se amplia o número de ambientes com acesso a essas tecnologias, mediante a implementação de laboratórios de informática nesses espaços, também aumenta a pressão da sociedade para as escolas reformularem suas práticas, no sentido de que essas ofereçam aos estudantes condições para o seu uso. (GONTIJO e OLIVEIRA, 2010, p. 2).

Assim como os professores, os educandos jovens, adultos e idosos possuem especificidades próprias da vida social, a construção dos currículos para a EJA poderia ter uma vinculação com a experiência de vida, com os mecanismos de aprendizagem e com os interesses desses indivíduos, que são ativos e se veem envolvidos numa relação de ensino e aprendizagem. A esses professores e educandos, que são portadores de conhecimentos e necessidades, precisa ser estimulado o diálogo, para que eles possam construir novos conhecimentos através da escola, considerada o lócus onde essa educação acontece. Entretanto, podemos destacar que não é só nela que a EJA ocorre, “há uma variedade de experiências que consideram as especificidades do educando, exigindo dessa modalidade uma oferta para além do espaço formal da escola” (PEREIRA, BASTOS e FERREIRA, 2011, p. 157). Contudo, é dela que essa investigação parte e é sobre ela que trazemos a seguinte reflexão: Como as tecnologias móveis na EJA poderiam contribuir na aproximação entre os conhecimentos construídos na escolarização e o mundo ao seu redor?

A escola não é única. É inegável que existem muitas diferenças entre as diversas instituições escolares brasileiras, tanto nas escolas da rede pública quanto nas do setor privado. Isso não acontece só na EJA, pode ocorrer inclusive numa mesma escola, com diferentes turmas. Contudo, a diferença na oferta educacional se acentua mais nessa modalidade de ensino. Campos (2012) interpela o caráter da escola no atendimento educacional brasileiro para a formação do cidadão no Brasil: a sua oferta seria pública ou estatal? Um dos questionamentos apresentados estaria na ampliação do atendimento pelo Estado, nas redes de ensino fundamental, que

vem desacompanhada de uma necessária garantia da boa qualidade em todas as instituições escolares. No Brasil, historicamente, o âmbito estatal nem sempre está ligado ao interesse público. Há uma indefinição nessa fronteira e a escola não está fora dessa dubiedade. Assim,

ao nos percebermos como herdeiros das tradições da modernidade, atribuímos à instância estatal o caráter público e em geral não titubeamos em considerar a escola, se do Estado, então pública, o que implicaria considerá-la escola para todos, onde estariam, por hipótese, todos os brasileiros, nas mesmas condições de direitos, segundo os preceitos da cidadania moderna. Ora, tal instituição nunca se concretizou no Brasil e a questão de fundo parece não se localizar exclusivamente na educação. (CAMPOS, 2012, p. 367).

Nas escolas privadas, a educação atende aos princípios de cada unidade escolar ou, em alguns casos, a uma rede de escolas, interligadas administrativamente ou pedagogicamente, algumas delas vinculadas ao mesmo material didático adotado. Essas instituições privadas são muito heterogêneas.

Um dos princípios da escola pública moderna seria a universalização no atendimento, mas não há uma equivalência qualitativa entre as diferentes escolas e nem na mesma escola. As variações ocorrem nas diferentes classes e grupos sociais de origem, faixas etárias e regiões (bairro, periferia, cidade, zona rural ou urbana). Não basta que todos os educandos estejam na escola, *“todos deveriam estar ‘na mesma escola’, ou seja, nas mesmas condições de qualidade ou, retornando à cidadania, na mesma condição de cidadãos universais”* (CAMPOS, 2012, p.368).

Se houvesse as mesmas condições materiais em todas as escolas públicas, elas seriam iguais? Como se constrói e se define o perfil de uma escola? Os educandos, professores e a comunidade escolar, como um todo, são os sujeitos que constroem o perfil de trabalho de cada escola? Ela recebe influência unicamente das pessoas que a frequentam?

Há diferenças culturais no cotidiano escolar e nas práticas pedagógicas, já que há diferentes grupos socioculturais conquistando e demarcando seu espaço no diferentes espaços públicos, gerando tensões, conflitos e tentativas de diálogo. Há diversas questões que são colocadas para reivindicar a igualdade de acesso a bens e serviços. Essas diferenças se manifestam na escola de diversas formas, que exigem o seu reconhecimento. Mas *“a cultura escolar dominante em nossas instituições educativas [...] prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, [...] as*

diferenças são ignoradas ou consideradas um ‘problema’ a resolver” (CANDAU, 2011, p. 241). A autora destaca que as diferenças culturais são constitutivas, intrínsecas à prática pedagógica e estão no chão da escola, presentes cada vez mais na consciência dos educadores e dos educandos. Assim, “ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos” (CANDAU, 2011, p. 242). Para isso, é necessário que se reconheça e se valorize cada sujeito implicado, combatendo tudo aquilo que causa o silenciamento, a invisibilização ou a inferiorização de “determinados sujeitos socioculturais, favorecendo a construção de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a valorização do outro, do diferente, e do diálogo intercultural” (CANDAU, 2011, p. 253).

Assim como há variações na qualidade entre as diferentes escolas, também há na materialidade disponível. As tecnologias introduzidas nessas instituições não ficam fora dessas diversidades, assim como é com a sua utilização (quando ocorre), manutenção, conservação e investimento. Mesmo havendo interesse no uso das tecnologias digitais, há desigualdades no acesso. Mesmo nessas condições, as tecnologias têm ajudado algumas pessoas, seja individualmente ou em grupos, a buscarem mais e melhores condições de uso.

A escola de hoje e todos os outros espaços de aprendizagens não podem deixar de ter as possibilidades do uso das tecnologias digitais nos espaços pedagógicos, enquanto elementos estruturantes dos processos educacionais, enquanto produtores de cultura e conhecimento (PRETTO, 2008).

Outro desafio posto é a universalização do acesso à internet e à democratização da informação. De acordo com Pretto (2008), essa questão passa pela articulação de diversas organizações da sociedade, como a universidade, os governos federal, estaduais e municipais e a iniciativa privada, de forma a favorecer a criação de uma grande conexão em rede, tecendo-a para a sustentação de um tecido social, abrangendo a ciência, a cultura e a educação.

Considerando que “*toda relação de dominação, de exploração, de opressão já é, em si, violenta*” (FREIRE, 2008a, p. 58), a possibilidade do uso das tecnologias digitais nos diversos movimentos reivindicatórios da população oprimida, por exemplo, fortalece a luta contra algumas formas de opressão sofridas pelo ser humano, que é um “*ser de relações e não só de contatos, não apenas está no*

mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 2008a, p. 47). Ao se organizar em grupos, utilizando-se das tecnologias digitais, homens e mulheres conseguem resistir à opressão e avançam na luta por dignidade e melhores condições de vida. É contra a dominação e exploração que precisamos nos opor. Mas quais seriam as contribuições na reorganização dos movimentos reivindicatórios e de luta? Qual seria o papel das tecnologias digitais na política e na educação do século XXI? Que contribuições a escola poderia oferecer à sociedade?

A escola tem procurado enfrentar a discriminação produzida pela sociedade. Muito se discute a respeito das diferenças entre os sujeitos do seu interior, que é um reflexo do todo que forma a nossa sociedade. Para que esta seja mais plural, que respeite as diferenças, a instituição escolar tem grande importância, pois consegue promover um amplo debate sobre essas questões, sobre o diferente que pode estar muito próximo, muitas vezes sentado ao seu lado.

Recorro a Bauman (2007b) para refletir a respeito de algumas das incertezas fabricadas em nossa sociedade, que servem como instrumento de dominação e promovem uma política de precarização: o “*planejar para a vida*”. Esse planejamento entra em contradição com o mercado, enquanto o Estado se submete às forças de mercado, fazendo com que o equilíbrio de poder penda em favor deste. Então, programas de “*educação ao longo da vida*” tendem a se transformar em uma “*aprendizagem ao longo da vida*”, transferindo as responsabilidades pela escolha e aquisição das qualificações aos receptores do mundo do trabalho, que é fluido e instável.

O *Marco de Ação de Belém*, da VI CONFINTEA, substituiu a expressão “*Educação ao Longo da Vida*” por “*Aprendizagem ao Longo da Vida*” e ignorou a visão da EJA numa perspectiva da Educação Popular, proposta no documento preparatório do Brasil, segundo Gadotti (2016), que reconhece como avanço a opção pela segunda expressão, que contou a contribuição da América Latina nessa definição. Contudo, essa opção não vem ocorrendo na prática,

vista sob a ótica de nossa grande referência que é a Educação Popular, a Aprendizagem ao Longo da Vida deveria voltar-se para a participação, a cidadania e a autonomia dos indivíduos. Deveria englobar o respeito e a defesa dos direitos humanos, a pedagogia crítica, os movimentos sociais, a comunicação e a cultura popular, a educação de adultos, a educação não formal e a educação formal em todos os níveis, a educação ambiental, enfim, a educação integral e inclusiva. Mas isso não é o que está

acontecendo. A Educação Popular leva em conta as diferentes expressões da vida humana, sejam elas artísticas ou culturais, sejam elas ligadas ao desenvolvimento local e à economia solidária, à sustentabilidade socioambiental, à afirmação das identidades dos diferentes sujeitos e de seus coletivos, à inclusão digital e o combate a qualquer tipo de preconceito [...] A questão é complexa [...]. Como pode existir um vínculo entre a Educação Popular que tem suas origens nos movimentos sociais e a Educação ao Longo da Vida, fortemente marcada pelo ensino formal, oficial, e associada aos sistemas de ensino? (GADOTTI, 2016, p. 61).

Sabemos da necessidade de muitas pessoas em se formarem e se atualizarem profissionalmente, absorvendo novas informações técnicas e evitando serem deixadas para trás, já que a maioria não quer ficar de fora do barco do progresso tecnológico, que está cada vez mais acelerado. Bauman (2007b) defende a ideia de que uma educação que esteja voltada para trabalho precisa mudar e passar a ser uma educação ao longo da vida, renovando não só as habilidades técnicas, mas também exigindo uma educação para a cidadania.

A utilização das tecnologias digitais tem contribuído para a reorganização de uma parte da sociedade que muitas vezes ficava alijada do que ocorria pelo mundo afora. O fortalecimento e uma melhor organização da população que não é favorecida economicamente têm contribuído para algumas mudanças em nossa sociedade, principalmente em relação ao acesso a bens culturais e materiais. Por muitas vezes, isso tem se dado através da educação, da comunicação entre pessoas e grupos, como também por meio do acesso às informações com o uso dessas tecnologias. Uma reflexão sobre o uso consciente das tecnologias móveis poderia favorecer essas questões.

São difíceis muitas das mudanças na educação, pois ela carrega consigo certo conservadorismo, que é um mecanismo de controle da sociedade, imposto por esta às escolas. Assim, as mudanças ocorrem, mas geralmente é a longo prazo.

Freire (2014) aponta que a educação pode ajudar a mudar uma realidade, se as pessoas, ao invés de serem fatalistas de uma realidade, optarem pela transformação da realidade. Esta opção exige “*saber que mudar é difícil mas é possível*” (FREIRE, 2014, p. 108). A mudança tem a ver com a prática educativa e com as condições históricas da atualidade, que também são marcadas pelas inovações tecnológicas, como destaca Freire (2014).

O IBGE apresentou uma publicação, em 2016, que traz comentários analíticos sobre os principais indicadores sobre a utilização na internet no Brasil, as tecnologias móveis e o sinal digital de televisão aberta. Essas análises foram feitas a

partir dos dados sobre o uso das TIC, apurados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, realizada em convênio com Ministério das Comunicações. Essa análise mostra que o uso da internet no Brasil pelas mulheres é um pouco maior do que pelos homens, mas bem próximo. O percentual é de, respectivamente, 58,0 % e 56,8%. Na Região Sudeste, o uso por mulheres é de 65,0% e pelos homens, 65,3% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016).

Em relação à distribuição etária, os dados do PNAD 2015 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016) nos mostram que os jovens possuem maiores percentuais de utilização da internet no Brasil em 2015: de 18 ou 19 anos de idade, o uso ocorre por 82,9% deles; 15 a 17 anos, 82,0%; 20 a 24 anos, 80,7%; 25 a 29 anos, 76,3%; 30 a 34 anos, 72,1%; 10 a 14 anos, 69,1%; 35 a 39 anos, 65,7%; 40 a 44 anos, 59,5%; 45 a 49 anos, 50,8%; 50 a 54 anos, 44,3%; 55 a 59 anos, 36,4%; 60 anos ou mais, 17,4%. Contudo, outros dados que nos chamam a atenção são relativos ao aumento de uso, entre 2014 e 2015, para as pessoas com 18 anos ou mais. Enquanto não houve variação entre esses dois anos consecutivos para pessoas de 10 a 14 anos de idade, tivemos os maiores aumentos entre os adultos, chegando um aumento superior a 5 pontos percentuais para as seguintes faixas etárias: 35 a 39 anos de idade (5,7%), 40 a 44 anos (5,9%), 45 a 49 anos (5,7%), 50 a 54 anos (5,2%) e 55 a 59 anos (5,1%).

Os dados obtidos a partir da PNAD 2015 demonstram que: *“A utilização da Internet mostrou relação direta com os anos de estudo, indicando proporções crescentes entre os mais escolarizados. Em relação a 2014, todos os grupos de anos de estudo apresentaram aumento na utilização da Internet.”* (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016, p. 49). Todos os grupos também tiveram aumento entre 2013 e 2014, exceto entre as pessoas sem instrução ou com menos de 1 anos de instrução, que em 2013 eram 5,4%, em 2014 caiu para 5,2% e em 2015 subiu para 7,4% das pessoas nessa situação de tempo de instrução inferior a 1 ano. O aumento da utilização da internet aumenta bastante quando aumenta os anos de estudo, como demonstram os dados de 2015: 1 a 3 anos de estudos, 22% das pessoas; 4 a 7 anos, 42,4%; 8 a 10 anos, 65,2%, 11 a 14 anos, 80,5%; 15 anos ou mais de estudo, 92,3%. Tanto o tempo de estudo quanto a condição de ser estudante influencia na utilização da internet no Brasil,

considerando o nível de instrução, observou-se que as proporções de utilização da Internet aumentam continuamente até o nível superior incompleto, que alcança o percentual máximo de 94,7%, decaindo, a partir daí, para 92,8% no grupo das pessoas que possuem o superior completo. Esse fator acontece provavelmente pela maior presença de pessoas mais velhas, que já cursaram o nível superior. Como foram mencionado anteriormente, os grupos de idade de 18 a 29 anos apresentam maiores proporções de utilização da Internet do que os grupos de idade superiores a 30 anos. Em 2015, dos 102,1 milhões de usuários da Internet, 28,4% (29,0 milhões) eram estudantes. O percentual de pessoas que utilizaram a Internet foi maior entre os estudantes (79,8%) do que entre os não estudantes (51,7%). Na rede privada, 97,3% (9,0 milhões) utilizavam a Internet, enquanto na rede pública, 73,7% (19,9 milhões) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016, p. 49-50).

A *PNAD Contínua*, realizada do IBGE, que são referentes ao segundo trimestre de 2017, foi realizada com pessoas em idade de trabalhar, que são aquelas com 14 anos ou mais de idade, na data de referência. Os resultados de pesquisa mostram que, no Brasil, 37,2% das pessoas ainda não tinham completado o Ensino Fundamental, enquanto 45,0% concluíram o Ensino Médio. Na Região Sudeste esse percentuais são, respectivamente, de 30,9% e de 51,1%. Em relação ao nível superior, 12,9% da população brasileira em idade de trabalhar havia concluído esse nível de escolaridade, sendo 15,8% na Região Sudeste (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

Em todo o Brasil, o percentual de pessoas que têm 14 anos ou mais de idade, por nível de instrução, no segundo trimestre de 2017, é a seguinte: sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo, 7,6%; Ensino Fundamental incompleto ou equivalente, 29,6%; Ensino Fundamental completo ou equivalente, 9,7%; Ensino Médio incompleto ou equivalente, 8,1%; Ensino Médio completo ou equivalente, 27,2%; Ensino Superior incompleto ou equivalente, 4,9%; Ensino Superior completo, 12,9% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

Quando analisamos no mesmo período, do segundo trimestre de 2017, os mesmos níveis de instrução, entre as pessoas de 14 anos ou mais de idade, *fora da força de trabalho* – as pessoas que não estavam ocupadas e nem desocupadas¹⁰⁰ –

¹⁰⁰ Pessoas ocupadas são classificadas pelo IBGE como “*ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período, trabalharam pelo menos uma hora completa em trabalho remunerado em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas, treinamento etc.) ou em trabalho sem remuneração direta em ajuda à atividade econômica de membro do domicílio ou, ainda, as pessoas que tinham trabalho remunerado do qual estavam temporariamente afastadas nessa semana.*” Pessoas desocupadas são classificadas pelo IBGE como “*desocupadas na semana de referência as pessoas sem trabalho nessa semana, que tomaram alguma providência efetiva para consegui-lo no período de referência de 30 dias e que estavam disponíveis para assumi-lo na semana de referência. Consideram-se, também, como desocupadas as pessoas sem trabalho na semana de referência que não tomaram providência efetiva para conseguir trabalho no período de 30*”

os dados nos mostram uma realidade ainda mais perversa com as pessoas com menos grau de instrução: sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo, 14,0%; Ensino Fundamental incompleto ou equivalente, 39,2%; Ensino Fundamental completo ou equivalente, 10,9%; Ensino Médio incompleto ou equivalente, 9,3%; Ensino Médio completo ou equivalente, 17,4%; Ensino Superior incompleto ou equivalente, 3,4%; Ensino Superior completo, 5,9% da população (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

Considerando-se as estimativas da população brasileira, em 1º de julho de 2017, de 207.660.929 pessoas (BRASIL, 2017), a população sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo, que tem 14 anos ou mais de idade, era de cerca de 15.782.231 pessoas; e a quantidade que tem 14 anos ou mais de idade, *fora da força de trabalho*, era de aproximadamente 29.072.530 pessoas, que são cerca de 84% a mais do que as *pessoas na força de trabalho*¹⁰¹.

Os dados do IBGE (2016) demonstram que o percentual de pessoas, de 10 anos ou mais de idade, que utilizaram a internet no Brasil, de 2013 a 2015, é maior entre os que são estudantes, principalmente entre os que estudam nas escolas privadas:

Tabela 6: Percentual de pessoas, de 10 anos ou mais de idade, que utilizaram a internet no Brasil, de 2013 a 2015

Percentual de pessoas, de 10 anos ou mais de idade, que utilizaram a internet no Brasil, de 2013 a 2015.				
Ano	Não Estudante	Estudante	Estudante da rede pública	Estudante de escolas privadas
2013	42,5	74,9	68,0	96,3
2014	47,8	79,5	73,3	97,2
2015	51,7	79,8	73,7	97,3

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2016, p. 50).

Isso nos leva a concluir que o sujeito que está na condição de estudante também está muito mais propenso a usar as tecnologias digitais. Portanto, o investimento em políticas que favoreçam o uso das tecnologias digitais nas salas de aula das escolas de EJA, especialmente as tecnologias móveis, pode não ser uma realidade muito distante, tendo em vista que há certa disponibilidade desses

dias porque já haviam conseguido trabalho que iriam começar após a semana de referência." (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017, p. 3).

¹⁰¹ Pessoas na força de trabalho são classificadas pelo IBGE como aquelas que "na semana de referência compreendem as pessoas ocupadas e as pessoas desocupadas nesse período." (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017, p. 4).

equipamentos entre os educandos. Os investimentos na formação dos professores e na oportunização de mais educandos da rede pública terem acesso à internet seria de grande relevância para que o uso das tecnologias digitais esteja a favor da aprendizagem dos educandos da EJA, de forma concreta.

4.2 A política e as redes sociais com o uso das tecnologias digitais

Falar de política é falar sobre o convívio das pessoas em sociedade e sobre as condições dessa convivência coletiva. As redes sociais entraram de vez no campo da política e têm conseguido reunir diversas pessoas em torno de interesses comuns, mesmo que distantes geograficamente. As tecnologias digitais, especialmente as móveis, têm facilitado muito a criação, manutenção e alimentação das redes sociais. É importante reconhecermos um pouco sobre a política antes e depois das redes sociais a fim de se conhecer melhor sobre os seus impactos.

A política é uma palavra que tem origem na Grécia Antiga, referindo-se a tudo que esteja relacionado ao público, à vida em sociedade. É a arte de lidar com pessoas e com o poder, de governar um Estado e de administrar com o que é público. A política está ligada a tudo aquilo que se refere à cidade, ao que é civil, público e urbano. (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1998).

Os estudos de Moura (2007) sobre as inovações tecnológicas mostram que havia uma preocupação na década de 1990 sobre as potencialidades tecnológicas. Depois, o foco foi na interação mediada pelas tecnologias entre os seres humanos, que foi denominada “*Comunicação Mediada pelo Computador*”. A popularização da internet fez com que essa forma de comunicação fosse cada vez mais potencializada, que se tornou um facilitador mundial para a veiculação de informações e de conhecimentos. Nesse contexto surgiram grupos que se tornaram comunidades virtuais, que se formam por usuários que possuem interesses comuns, ainda que dispersos geograficamente. Assim, a difusão de diversas culturas, fez aumentar “*os laços sociais entre os usuários dos dispositivos eletrônicos, levando a crer que a adesão às comunidades virtuais não contribui para o isolamento social*” (MOURA, 2007, p. 86).

Da Silva (2007) fala a respeito das redes virtuais e redes humanas, a partir do desenvolvimento da comunicação entre pessoas mediada por computadores, que

levou à formação de redes sociais, a partir do surgimento da internet, potencializando essa habilidade humana de se relacionar em grupo, tanto pessoalmente quanto virtualmente, como ocorre com alguns movimentos políticos e sociais ou em redes de relacionamentos pessoais. Este início do século XXI se apresenta com grandes mudanças nos meios de comunicação a partir da utilização do ciberespaço para a comunicação entre pessoas, com o surgimento e a

multiplicação das ferramentas de colaboração on-line, com as tecnologias de comunicação móvel se integrando às mídias tradicionais, e o resultado mais conhecido de todo esse processo são as comunidades virtuais. Destaca-se que o caráter transitório dessa nova forma de se relacionar, por ser desprendida de tempo e espaço, baseada muito mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência de laços (DA SILVA, 2007, p. 206).

A sociedade em rede é definida por Castells (2005) como uma estrutura social, que é baseada em redes operadas por tecnologias digitais, interligadas a partir de redes digitais conectadas a computadores que possuem a capacidade de gerar, processar e distribuir informação que tem como base os conhecimentos acumulados nos nós dessas mesmas redes. Para que haja uma boa performance no funcionamento dessas redes, são criados programas, muitas vezes decididos socialmente e fora da rede, mas com objetivos de atender à lógica da rede, quando se adaptam e se reconfiguram a todo o momento para atender aos interesses dos componentes que formam a rede.

O comportamento social tem mudanças com o frequente uso das tecnologias digitais, criando uma nova cultura, chamada de cibercultura. As práticas sociais que envolvem a internet e os meios digitais são determinantes para formular esse conceito cultural.

As condições proporcionadas pelas tecnologias digitais a uma nova dimensão em relação ao tempo e ao espaço, favorecem o surgimento de certa desterritorialidade na cibercultura. Existem argumentos de que isso possa afastar as pessoas e diminuir seus encontros e contato físicos ou, ainda, que não aconteçam deslocamentos turísticos e de negócios. Contudo, Bauman (2004) nos mostra o contrário, já que

o desenvolvimento da compreensão mútua e a troca de experiências de vida [...] é a única razão pela qual — apesar da facilidade de se comunicar eletronicamente com maior rapidez e muito menos trabalho e problemas — empresários e acadêmicos continuam viajando, visitando-se e se encontrando em conferências. Se a comunicação pudesse ser reduzida à transferência de informação, sem necessidade da “fusão de horizontes”,

então, em nossa era da Internet e da rede mundial, o contato físico e o compartilhamento (mesmo que temporário e intermitente) de espaço e experiências teriam se tornado redundantes. Mas não se tornaram, e até agora nada indica que isso ocorrerá. (BAUMAN, 2004, p. 138).

Nas relações sociais de amizade ou de parentesco, em muitas vezes, o uso das tecnologias digitais pode favorecer a aproximação de quem está geograficamente distante. Contudo, o contrário também pode acontecer: o frequente contato facilitado pelo uso das tecnologias digitais, em alguns casos, acaba por afastar os que estão próximos, pela satisfação de se ter notícias ligeiras do dia a dia dos que estão ao nosso redor. Ou seja, as tecnologias digitais tanto podem aproximar quem está distante quanto podem distanciar quem está próximo. Algumas dessas situações foram relatadas pelos sujeitos durante as entrevistas.

Os movimentos sociais e a política também têm aprendido a lidar melhor com a internet e as redes sociais, contribuindo na sua organização e poder de comunicação. Recorrendo a Pereira (2011, 2014), podemos verificar que muitas comunidades virtuais têm conseguido mobilizar várias pessoas, levando a uma maior participação democrática, cada vez mais atenta e conectada ao que ocorre ao seu redor e em todo o planeta. Tivemos grandes manifestações no Mundo Árabe neste início do século XXI com a utilização da mídia da internet, o que contribuiu para a queda dos governos do Egito e da Tunísia. Houve uma sequência de mobilizações em diversos países daquela região, com manifestações populares que surgiram a partir das convocações feitas por meio das redes sociais, promovendo grandes passeatas que chamaram a atenção do mundo todo. Isso levou alguns ditadores a deixarem seus governos, que já comandavam por muitos anos.

Acompanhamos protestos políticos em várias partes do mundo utilizando-se do ciberespaço e percebemos que eles estão crescendo cada vez mais. A internet vem ajudando a organizar e a convocar manifestações em diversas partes do globo terrestre, principalmente pelas redes sociais. Pereira (2011, 2014), aponta que a política se utiliza das tecnologias digitais e passa a ser chamada de ciberpolítica. As manifestações políticas, em grande parte, têm sido convocadas pelas redes sociais, como o foi com o Orkut e, depois, tem sido com o Facebook, o Twitter¹⁰² e o aplicativo Whatsapp.

¹⁰² O Twitter é um microblog, que forma uma rede social e, por meio da qual, permite aos seus usuários enviar e receber mensagens de atualizações suas de outros contatos, por meio de imagens

Ao pensar em alternativas de reorganização popular com a ajuda das tecnologias na ciberpolítica, recorro a Castells (2013) em sua análise sobre os movimentos sociais ocorridos na Espanha em 2011, quando a crise econômica e política por que passava a Espanha mobilizou várias pessoas que queriam uma democracia mais participativa pela população espanhola. As tecnologias digitais foram propulsoras para o processo de convocação e organização da população insatisfeita com essa crise. Nesse movimento social, as pessoas fizeram política sem os partidos políticos, pois estes estavam desacreditados. A mídia formal não deu importância para o início dos protestos, mesmo com várias convocações pelas redes sociais. A partir da convocação da população, iniciou-se um processo de ocupação de espaços públicos em vários pontos da Espanha, com acampamento e permanência em muitos desses locais, mesmo sofrendo muita pressão da polícia e do governo.

A mobilização na Espanha, chamada de 15M¹⁰³, alcançou as diversas faixas etárias, mas havia uma maior participação da juventude espanhola. O movimento recebeu imenso apoio da opinião pública, com pelo menos 75% de aprovação e conseguiu superar o bloqueio da mídia, já que a capacidade de autocomunicação de massa e auto-organização era *online*¹⁰⁴, o que permitiu que as pessoas superassem as dificuldades impostas pela mídia. Com o uso das tecnologias digitais, todos os interessados sabiam onde estavam as manifestações e como ajudar ao movimento. Isso foi muito utilizado contra as repressões da polícia, pois quando havia um pedido de ajuda, o socorro chegava rápido e a resistência aumentava. Todos se tornavam repórteres por meio das mídias sociais, com atualização *online* (CASTELLS, 2013).

Para que as ações políticas criadas a partir das tecnologias digitais sejam mais eficazes, elas precisam interagir o espaço virtual com o espaço geográfico, ocupando lugares e unindo pessoas por um ideal. Para ampliar essas reflexões, recorro a Allan Cagian, Gabriel Moura e Fabio Malini (2013), quando dizem que

ou de textos, com até 140 caracteres, chamados de tweets. As mensagens podem ser enviadas diretamente a outro usuário ou recebidas por seguidores da conta do emissor.

¹⁰³ O nome **15M** se refere ao domingo de **15** de **M**aio de 2011, que foi anterior ao final de semana em que ocorreram as eleições municipais em toda a Espanha. A convocação ocorreu pelas redes sociais, a partir de 2 de março daquele ano, com o slogan “*Democracia Real Ya! Ocupe as ruas. Não somos mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros!*” (CASTELLS, 2013, p. 87).

¹⁰⁴ O termo *online* aqui se refere às informações e à comunicação entre as pessoas, por meio da internet, com atualizações em tempo real. O oposto disso seria o *offline*, em que a comunicação e as informações são atualizadas posteriormente.

o fenômeno tecnopolítico das atuais manifestações globais deixa claro que a distinção entre o on e o offline é cada vez mais artificial, na medida que esses movimentos mostram que ruas e praças estão indissolúvelmente conectados com as redes sociais. Nesse sentido, há uma simbiose entre a política e a tecnologia que cria novas possibilidades de atuação nesses movimentos. (CACIAN, MOURA e MALINI, 2013, p. 4).

Em 2013, as *Jornadas de Junho* conseguiram reunir no Brasil uma grande quantidade de pessoas, na sua maioria jovem, para protestar contra diversas situações que incomodavam os brasileiros, como o aumento das passagens do transporte público, a corrupção envolvendo parlamentares e governantes, a falta de atendimento com qualidade na saúde e na educação, a Proposta de Emenda Constitucional número 37 (chamada de PEC 37) que queria proibir os poderes de investigação do Ministério Público, para que não investigasse os governos, além de inúmeras reivindicações de toda sorte. De acordo com Orlandil Moreira e Idalina Santiago (2013), havia muitas pessoas nas ruas, que se autoconvocavam pelas redes sociais, principalmente por meio do Facebook e do Twitter. Foram os jovens os principais protagonistas dessas manifestações, mas a juventude não era a única presente nos atos públicos, já que

outros segmentos sociais também estavam presentes demonstrando a sua discordância e o seu protesto contra a deficiência das políticas públicas, em especial a Saúde, Educação e Segurança Pública, além das questões relacionadas à cidadania LGBT e ao Movimento Feminista, a exemplo dos protestos contra o projeto que ficou conhecido como “a cura gay”, além de vozes a favor do aborto. Destacaram-se nesse cenário multifacetário a temática da corrupção e as formas de representação política. (MOREIRA E SANTIAGO, 2013, p. 17-18).

Com a população nas ruas, a cidade mostrou que não é “apenas um mecanismo físico e *uma construção artificial. Ela está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõe; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana*”¹⁰⁵ (PARK, BURGESS e MCKENZIE, 1984). Os autores complementam essa ideia, destacando que o transporte e a comunicação facilitam a mobilidade urbana, mas a cidade é mais do que geográfica, ecológica ou uma unidade econômica, já que ela não é feita apenas por coisas e utensílios. Na verdade, o que a torna viva são os indivíduos e a comunidade.

Estudos recentes mostram que a cidade é “*permeada pela justaposição, articulação e sobreposição de territórios. Estes tratam das resistências de grupos,*

¹⁰⁵ “merely a physical mechanism and an artificial construction. Is involved in the vital process of the people who compose it; it is a product of nature, and particularly of human nature” (tradução do autor).

firmam pactos e promovem a criação de novos territórios, inseridos na complexidade da atual sociedade urbana” (KUNZ E SANTOS, 2012, p. 201). Aquelas ações coletivas, em 2013, mostraram a cidade como um imenso território, demarcado pelos mais diversos grupos que estavam unificados pelo desejo de protestar contra variadas questões que incomodavam grande parte da sociedade, influenciados por diferentes coletivos.

O acesso à internet pode ser uma ameaça aos regimes ditatoriais, pois estes se veem em difícil posição quando há um crescimento do ciberespaço e das possibilidades libertadoras da palavra e do acesso à informação que a internet proporciona. Por isso, o controle do acesso, quando nas mãos de opressores, também se torna uma ameaça aos que lutam pela liberdade e por boas condições de conectividade de toda a população. Precisamos estar sempre atentos a quem controla e quem consegue utilizar esses serviços. Mais uma vez destaco a importância de se acompanhar no Brasil a composição dos membros e as deliberações do CGI.

Em alguns países, esse controle traz complicações à população em geral, como na Tunísia, em que a família do presidente é a possuidora das companhias que fornecem o acesso à rede de internet e, com isso, censuram os sites oposicionistas que vivem no exílio. Em alguns países árabes, a religião é outro motivo de censura e repressão aos acessos de sua população (LEMOS e LÉVY, 2010).

Então, é interessante que se indague e, de preferência, se saiba: Quem mantém o nosso acesso à internet ou a sua falta? Quem controla esse acesso ou não acesso? Quais as possíveis consequências quando se nega esse acesso? Como e onde cobrar quando não se tem o acesso disponível? Quando não se tem o controle disso, podemos nos deparar com o impedimento ao acesso à internet, como uma forma de repressão, já que esta pode ocorrer física ou virtualmente.

Aqui no Brasil, as manifestações políticas das *Jornadas de Junho*, convocadas por meio das redes sociais por todo o país, também sofreram muita repressão da polícia, diretamente nas ruas. No ano seguinte, por ocasião da realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014, nos meses de junho e julho, a repressão policial, com a ajuda das forças armadas, foi ainda muito mais forte, proibindo ou inibindo a participação popular nas manifestações nas ruas. Com isso,

o movimento de protesto não conseguiu a mesma mobilização e o envolvimento da população como no ano anterior e, após sofrer muita repressão, o número de pessoas diminuiu e o movimento popular acabou se desfazendo. O uso das tecnologias digitais pode facilitar a organização de movimentos sociais e ações coletivas, mas o que garantiria a força dessas manifestações seria a população junta ocupando as ruas. As manifestações ocorridas em 2014, por meio das redes sociais, tiveram papel importante, mas não demonstraram o mesmo poder de luta da população presente nas ruas em 2013.

As grandes manifestações ocorridas no Brasil em 2013 chamavam a atenção pelo poder de reunir tantas pessoas nas ruas sem o apoio das mídias convencionais, o que me alertou em relação ao poder das redes sociais em aproximar pessoas que não se conheciam, mas que se reuniam em uma ação coletiva em prol de reivindicações comuns, dentre elas a melhoria na educação. Isso me trouxe algumas indagações sobre as possibilidades dos usos das tecnologias digitais na EJA: Seria possível utilizar essas tecnologias em benefício dos sujeitos que estão na EJA? Como essa utilização aproxima a escola do educando que estuda nessa modalidade de ensino? Esse recurso poderia trazer contribuições ao trabalho pedagógico realizado pelas escolas de EJA? Haveria interesse em se formar grupos em redes sociais para ajudar a promover a aprendizagem de jovens, adultos e idosos? Foram as reflexões em torno dessas questões que me instigaram a pensar algumas possibilidades dos usos das tecnologias digitais na EJA e me levaram a elaborar esta pesquisa.

Nem tudo é consenso. O entusiasmo provocado pelas redes sociais nos movimentos sociais é criticado por Gladwell (2010), pois avalia que dá a entender que os manifestantes se esqueceram do que é ativismo, já que suas plataformas são construídas em torno de vínculos fracos, uma vez que os indivíduos podem seguir ou serem seguidos por pessoas com quem talvez nunca tenham encontrado pessoalmente, como é o caso do Twitter ou da rede social Facebook, que pode ajudar a manter contato e ter notícias com inúmeras pessoas que se teriam poucas notícias, coisa impossível fora do ciberespaço. Tudo isso tem o lado positivo por reforçar os vínculos fracos, mas que nem sempre conduzem a um ativismo político. O autor complementa que *“o ativismo no Facebook dá certo não ao motivar pessoas para que façam sacrifícios reais, mas sim ao motivá-las a fazer o que alguém faz*

quando não está motivado o bastante para um sacrifício real (GLADWELL, 2010), avalia que não se faria uma revolução via Twitter. Outra questão apontada por ele está na hierarquia de organizações ligadas a determinado ativismo tradicional, que se difere da participação virtual em redes sociais, já que estas encontram mais dificuldades para se chegar a consensos e estabelecer metas.

Por outro lado, compartilho com Castells (2013) quando ele fala das emoções enquanto motores de uma ação coletiva, já que a indignação move as pessoas. Os movimentos sociais foram e continuam funcionando como alavancas da mudança social ao longo da história. O autor traz estudos da neuropsicologia, em que a teoria da inteligência afetiva em comunicação política aponta a raiva como um gatilho, enquanto revela que o medo age como um opressor. Assim, quando os indivíduos estão conectados em uma rede sentem-se mais entusiasmados, favorecendo que o medo seja superado e que eles se transformem num ator coletivo consciente. Dessa forma, a ação comunicativa provocada pela mudança social envolve a conexão de duas redes: as neuronais, no cérebro; e as sociais, das tecnologias digitais (CASTELLS, 2013).

Mas um grande problema que ainda persiste é que, mesmo a sociedade em rede difundindo-se por todo o planeta, ainda não se consegue incluir todas as pessoas, como aquelas cujo perfil se parece com o de muitos de nossos educandos da EJA. Infelizmente, a política adotada por aqueles que detêm o poder ainda é usada para manter uma classe, que já é favorecida economicamente, com mais acesso às tecnologias digitais e a sua manutenção do poder. Essa mesma política é a que leva outra parte – bem maior – da população à falta do acesso de boa qualidade às tecnologias digitais e à escassez de riquezas e de acesso ao poder.

Aqueles que tentam, a todo custo, se manter no poder, não criam condições para nossas ações num espaço global, pois as instituições de ação política permanecem presas ao solo, de forma local, afligidas por uma insuficiência de poder de ação. Essa situação acaba levando a uma relativa perda de poder da política local, muitas vezes devido a uma ausência de política no ciberespaço, e aqueles assuntos que estariam ao alcance, como os temas locais e relações de vizinhança, que está próxima fisicamente, se tornam distantes quando inexistente o devido envolvimento das tecnologias digitais (BAUMAN, 2007a).

Lemos e Lévy (2010) resumem em duas, as formas de agregações no ciberespaço: as comunitárias, em que um sentimento de afinidade entre seus membros em torno de um território simbólico leva a um compartilhamento de emoções e a trocas de experiências pessoais no grupo; as não comunitárias, em que seus componentes se envolvem para compartilharem informações e experiências desterritorializadas, mas que se interessam pelos mesmos temas e ideias, sendo o grupo um ponto de encontro virtual por meio da internet, em que as proximidades não desaparecem, são apenas redefinidas.

Mesmo quando se tem acesso às tecnologias digitais, pode haver limitações quanto aos meios de comunicação, já que, mesmo acessíveis à população em geral, são de um serviço privado e comandado por grandes empresas, que possuem interesses próprios e sem a neutralidade que a democracia exige. As tecnologias digitais podem favorecer aos movimentos sociais e às ações coletivas, mas é preciso refletir que nem sempre elas poderão estar disponíveis aos grupos reivindicatórios, formados por aqueles que já são oprimidos pelo sistema, já que o opressor também comanda a disponibilidade de acesso ao ciberespaço. O controle do acesso aos sites e às redes sociais também necessita ser motivo de preocupação e de luta contra a opressão.

Outro exemplo que vai nessa direção é uma ação coletiva que, por meio da utilização da rede social Twitter, em 2009, convocou cerca de dez mil manifestantes nas ruas de Moldova e ganhou o nome de “*revolução via Twitter*”. Meses após essa manifestação, iniciou-se um novo protesto em Teerã e o Twitter iniciou, ao mesmo tempo, uma duvidosa manutenção em seu site, suspendendo a sua utilização no auge das manifestações (GLADWELL, 2010). Na censura ocorrida no Irã, o governo do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad “*foi acusado de derrubar redes de telefonia celular e de bloquear o acesso aos serviços online, afetando as redes sociais em junho de 2009, logo após diversas acusações de fraudes na reeleição do presidente iraniano*” (PEREIRA, 2011, p. 84; 2014, p. 97). Dois anos depois, durante a Primavera Árabe¹⁰⁶, houve grande resistência dos governantes que estavam no poder, agindo contra os movimentos sociais que protestavam contra as formas deles governarem (PEREIRA, 2011, 2014).

¹⁰⁶ A Primavera Árabe foi uma onda de protestos, com diferentes intensidades, convocadas principalmente pelas redes sociais, ocorridas no Oriente Médio e alguns países no Norte da África. As manifestações se concentraram mais no ano de 2011, em países como Arábia Saudita, Egito, Iraque, Líbano, Líbia, Síria, Tunísia, dentre outros.

As redes formadas pelas novas formas de comunicação mediada pelas tecnologias propiciam, até certo ponto, uma nova maneira de interagir com a população, de maneira mais autônoma e independente dos meios convencionais Lévy (2008). Para corroborar com essa discussão, recorro a Pereira (2011, 2014):

as comunidades virtuais vêm ampliar o modo de se construir a opinião pública, de forma complementar. Ela não substitui a mídia do rádio, nem a imprensa ou a televisiva. Ela se junta a todas elas e à mídia que agora também está presente no ciberespaço, formando um complexo de informações interligadas e que se alimentam uma das outras. A Internet pode potencializar as mobilizações sociais, mas não as substitui. Da mesma forma, a Internet não veio para substituir a mídia e nem os livros e sim provocar uma melhora na maneira de divulgação e atualização dos fatos, de uma forma mais rápida e dinâmica. (PEREIRA, 2011, p. 88; 2014 p. 102).

O que nos parece é que as mudanças nos movimentos sociais, provocadas pelas tecnologias digitais, vieram para ficar, pois elas fazem parte desta época, deste tempo e interagem em uma sociedade conectada por essas tecnologias. As redes formadas pelas tecnologias digitais transformam a área da comunicação e também poderiam transformar a educação, que precisa da comunicação em sua ação.

A nossa relação com o tempo é outra grande mudança proporcionada pelas tecnologias digitais, pois elas conseguem agilizar muitas tarefas que levariam muito mais tempo para serem realizadas sem a sua ajuda. Isso também muda a nossa relação com o conhecimento, pois o tempo que passa *“nunca é tão curto a ponto de permitir que aquele que perguntou e aquele que respondeu permaneçam, no momento em que chega a resposta, os mesmos seres que eram quando o relógio foi posto para funcionar”* (BAUMAN, 2004, p.34). Como as tecnologias digitais favorecem uma otimização do tempo, não só o conhecimento mas as relações humanas também mudam nesse novo cenário, como possibilidades de simultâneas conexões e desconexões, aproximando ou afastando.

Algumas das comunidades virtuais, formadas através de sites de relacionamentos ou de pesquisas, viabilizadas pela internet, trazem inovações na socialização de homens e mulheres, intermediada pelas tecnologias digitais, pois muitas dessas comunidades *“abriram o caminho para a constituição de ambientes virtuais de trocas e culturas informacionais, um ‘não-lugar’, no qual os sujeitos interagem e negociam através da publicidade de seus perfis e hábitos de informação”* (MOURA, 2009, p. 28).

O conceito de não-lugar foi construído em 1992, pelo antropólogo francês Marc Augé (2008), em um momento histórico em que o uso de microcomputadores ainda era incipiente, já que foi no segundo semestre de 1991 é que foi criado o primeiro site, que depois veio dar início ao uso da internet pela população em geral. Muitas vezes confundida com a própria internet, a plataforma de comunicação World Wide Web¹⁰⁷, também chamada de WWW, foi criada pelo inglês Tim Berners-Lee. Esse “*sistema de publicação [...] nasceu com a ideia de que qualquer pessoa poderia compartilhar conhecimento utilizando uma linguagem de publicação (HTML, HyperText Markup Language)*”¹⁰⁸, uma linguagem de programação usada para a construção de sites e de algumas páginas na internet.

Para compreender o não-lugar, é importante discutir antes o que seria o lugar. De acordo com Augé (2008), um lugar poderia ser definido a partir da identidade, da relação e da história que estabelecemos com esse espaço. Podemos interpretar como uma relação de pertencimento cultural. Dessa forma, “*um espaço que não se pode definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar*” (AUGÉ, 2008, p. 73). O não-lugar não existe com um lugar sob uma forma pura. O lugar não é completamente apagado, enquanto o não-lugar nunca se realiza completamente e pode estar representado pelos espaços públicos onde há um frequente circulação de pessoas, como as estações de metrô, as rodoviárias, os aeroportos, os meios de transporte, os hotéis e supermercados, por exemplo. Os sujeitos estabelecem com esse não-lugar uma relação contratual temporária, como as passagens usadas nos meios de transporte ou cartão de crédito para ter acesso ao não-lugar (AUGÉ, 2008).

Assim como o virtual, o não-lugar se opõe ao lugar físico, delimitado por um espaço geográfico. A palavra virtual tem origem no latim *virtus*, que pode ser traduzido como poder ou potência. É aquilo que não existe na sua forma real, o não aparente, mas que dá condições para que outra coisa exista. O não-lugar é uma ambiente de passagem, onde não se assenta e nem fixa geograficamente em numa localidade definida. No ciberespaço podemos encontrar as condições de coexistência para o virtual e para o não-lugar.

¹⁰⁷ Grande teia mundial (tradução do autor).

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/tecnologia/ha-20-anos-a-world-wide-web-era-criada/>>. Acessado em 3 Abr. 2017.

Bauman (2004) ressalta que um aparelho de telefone celular, não só enquanto material mas também simbolicamente, assinala uma libertação em relação ao lugar geográfico em que as pessoas estão situadas naquele instante. Isso faz com que os que se mantenham à parte ou consigam permanecer em contato, ou também os que estão em contato permaneçam à parte. Então, a proximidade física das pessoas não exige uma aproximação social entre elas, e vice-versa. A proximidade virtual proporcionada pelas tecnologias digitais também vem estabelecer novos padrões para as outras proximidades. A partir do momento que as conexões humanas ocorrem simultaneamente, elas podem ser mais intensas ou breves e também podem passar a ser mais frequentes e banais. Assim sendo, as conexões passam a ser frágeis para poderem tornarem-se laços. Os relacionamentos exigem menos tempo e menos esforço para se estabelecerem, assim como para serem rompidos. Bauman (2004) destaca que

a distância não é obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão. (BAUMAN, 2004, p. 82).

Por outro lado, as tecnologias digitais podem aproximar pessoas que atualmente se encontram distantes, não apenas geograficamente falando, como familiares ou antigas amigas que se passaram a ter pouco contato. Uma breve pesquisa nas redes sociais, em sites de busca ou o por meio do compartilhamento da agenda de contatos podem criar novos laços ou refazer outros que estiveram desatados pelo tempo ou pela distância.

Além da proximidade e fluidez nas relações entre pessoas, mediadas pelas tecnologias digitais, a maneira mais despojada de algumas pessoas se comunicarem por meio da internet, utilizando-se mais frequentemente de códigos, símbolos, redução nos textos, corruptelas, gírias, abreviações etc., pode trazer alguma preocupação para determinadas pessoas, em relação à leitura e escrita na internet e nas redes sociais, já que poderiam dificultar a escrita formal da língua. Na escrita de muitas comunidades virtuais, os textos se aproximam muito mais da oralidade do que da formalidade. Com isso, o tempo, o intervalo e a natureza das interações textuais passaram a ter outra dimensão (MOURA, 2007). Entretanto, conforme Pereira (2008), se uma pessoa escreve para outra, que provavelmente irá ler o seu texto, também é possível que se queira ter mais cuidados, evitando alguns erros de

escrita, já que poderá estar visível através da internet, ou também, em algumas situações, isso também pode levar o sujeito a querer causar uma melhor impressão sobre sua condição de alfabetizado. Com isso, “*a Internet possibilita a comunicação escrita entre os jovens, que passam a realizar mais vezes o que é fundamental para a escola: ler e escrever mais e corretamente*” (PEREIRA, 2008, p. 42). Além disso, a criatividade na criação da escrita pode propiciar a reflexão e abrir novas fronteiras na construção do conhecimento ligado à leitura e à escrita.

O uso das tecnologias digitais na educação pede que sejam construídas estratégias metodológicas, criando novas pedagogias que propiciem outras formas de ensinar e aprender. Ao se pensar a educação dessa forma, especialmente com o uso da internet, também se “*consiste em pensá-la dentro das possibilidades que regem o ciberespaço e, conseqüentemente, a cibercultura*” (PRETTO; BONLA; SARDEIRO, 2010, p. 64).

São muitas as mudanças tecnológicas e sociais que estão presentes na cibercultura. Recordemos algumas delas: primeiro, o antigo telefone passou a se deslocar, sem fio, dentro dos imóveis; depois, com a chegada dos telefones celulares, eles foram para as ruas, comunicando as pessoas pela fala e audição; a seguir, os aparelhos celulares evoluíram e as pessoas passaram a se comunicar também por mensagens e imagens. Hoje, o aparelho de telefone celular evoluiu ainda mais e se tornou o versátil smartphone, que também trouxe novos hábitos às pessoas. Bauman (2004) consegue ilustrar bem essas mudanças ao descrever que

uma mensagem brilha na tela em busca de outra. Seus dedos estão sempre ocupados: você pressiona as teclas, digitando novos números para responder às chamadas ou compondo suas próprias mensagens. Você permanece conectado – mesmo estando em constante movimento, e ainda que os remetentes ou destinatários invisíveis das mensagens recebidas e enviadas também estejam em movimento, cada qual seguindo suas próprias trajetórias. Os celulares são para pessoas em movimento. Você nunca perde de vista o seu celular. Sua roupa [...] tem um bolso especial para ele, [...] você não iria a nenhum lugar sem o celular (BAUMAN, 2004, p. 78).

Enquanto no passado o tempo e o consumo seguiam mais lentamente, frequentemente as pessoas buscavam consertar tudo aquilo que era possível, inclusive os relacionamentos, ao invés de se descartar e trocar pelo novo. Hoje em dia, a troca constante é uma realidade na sociedade consumista, que cria necessidades de troca e descarte, mesmo onde não é necessário

A tecnologia, enquanto ferramenta, é uma criação própria do desenvolvimento humano, que passa a fazer parte da sua cultura. Compartilho com o pensamento de Laraia (2006) de que *“não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária”* (LARAIA, 2006, p. 46). Freire (2008c) nos fala que não podemos confundir desenvolvimento com modernização, pois podemos ter uma sociedade modernizada sem estar desenvolvida para toda a sua população. Portanto, é preciso usar a criatividade para o desenvolvimento amplo dos seres humanos.

É necessário que a sociedade desenvolva a capacidade de criar e recriar tecnologias que estejam a serviço da humanidade e sejam acessíveis por todos os estratos sociais, sem restrição impostas aos menos favorecidos economicamente. O desenvolvimento humano ocorrerá quando o acesso aos bens culturais e materiais for abrangente a toda sociedade e não apenas a uma parcela.

O frequente uso de computadores e smartphones, ligados à internet, possibilitou sairmos de um formato massivo de comunicação e convergirmos para um pós-massivo, em que a inteligência coletiva pode ser construída a partir das possibilidades de escolha entre as inúmeras emissoras de rádio e televisão e das edições de jornais, que pertencem ao modelo massivo, incrementadas pela potência que possuem as *“mídias independentes como os blogs, wikis, podcats, microblogs, softwares sociais [...] [com] papel político importante, pois surgem e se desenvolvem [...] por processos de baixo para cima, em conversação e colaboração”* (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 76)^{109,110}.

Seria importante se a escola acompanhasse as mudanças advindas das tecnologias móveis e o seu uso a serviço da busca da construção do conhecimento dos seus educandos. As reflexões acerca do seu uso consciente, em benefício da humanidade, poderiam contribuir para se construir futuro melhor para todos. A EJA tem peculiaridades que são próprias de cada indivíduo e necessita de uma formação adequada, inclusive com a utilização das tecnologias digitais e com a criação de condições de um melhor acesso aos bens sociais próprios de sua cultura. Avalio que

¹⁰⁹ As wikis nasceram na década de 1990. Wiki vem do idioma havaiano, que significa "extremamente rápido". É um software colaborativo de edição coletiva dos documentos postados no site, que também podem ser alterados, de forma aberta aos seus usuários. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>>. Acessado em: 20 Jul 2016.

¹¹⁰ Microblog é um pequeno blog em que as mensagens postadas são muito breves.

as reflexões acerca das tecnologias digitais, do universo do consumo e suas consequências poderiam ser propícias na EJA.

Conforme Bauman (2007b), vivemos hoje em um mundo que não conhece e não admite os limites à aceleração em que vivemos, levando à reconstrução da identidade, transformando-se em alguém que não se é. O consumo também vem acompanhado de mudanças no hábito e poder econômico. Nesse processo consumista, *“velocidade, e não duração, é o que importa”* (BAUMAN, 2007b, p.15). Para se acompanhar as novas criações, que são produzidas por todos os cantos do mundo, o que importa não é poupar, mas gastar. Com isso, no mundo globalizado, *“o símbolo da sabedoria já não é a conta de poupança. Atualmente, pelo menos para os que podem se dar ao luxo de ser sábios, passou a ser os cartões de crédito e uma carteira cheia deles”* (BAUMAN, 1998, p.51). A relação com o uso do dinheiro também mudou a partir das mudanças causadas pelas tecnologias digitais. A quem interessa essas mudanças? Quem tem o controle sobre isso? Seria possível viver sem as tecnologias digitais nos dias de hoje? Quais os benefícios e os malefícios que elas produzem? Qual seria o papel da educação para enfrentar essa realidade? Podemos construir alternativas?

A humanidade criou muita tecnologias, inclusive na medicina. Se uma tecnologia é criada para favorecer o prolongamento da vida, mas fica restrita a uma parcela da população – geralmente aquela favorecida economicamente – e exclui outra parcela – formada pelas pessoas mais pobre da sociedade –, cria-se um abismo entre essas tecnologias e o ser humano, em sua essência. Se o acesso às inovações tecnológicas em favor da vida é privilégio de quem detém as riquezas econômicas, surge então mais um problema ético.

No Brasil, o atendimento gratuito à saúde é garantido a toda a população pela Constituição Federal de 1988. Em seu Artigo 196¹¹¹, ela determina que essa garantia seja ofertada enquanto um dever do Estado. Esta mesma lei também garante, em seu Artigo 195¹¹², que a seguridade social seja financiada por toda a sociedade, seja de forma direta ou indireta. Essa foi uma conquista dos movimentos

¹¹¹ Art. 196 - A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

¹¹² De acordo com o Art. 195, A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e de diversas contribuições, como: empregador, empresa, trabalhador e demais segurados, receitas de concursos e prognósticos, dentre outros.

sociais e as diversas reivindicações, ocorridas na década de 1980, por uma reforma sanitária no Brasil, que culminou com a criação do Sistema único de Saúde (SUS)¹¹³, garantido pela Constituição Federal no final da mesma década. A universalização do atendimento à saúde, com o uso de avançadas tecnologias de que dispomos hoje para o prolongamento da vida, foi uma conquista para a toda a população brasileira, especialmente para a parcela que ainda vive na pobreza.

Boaventura de Sousa Santos (2009), apresenta uma discussão a respeito do pensamento moderno ocidental, com linhas invisíveis que separam realidades sociais em dois universos e em níveis bem distintos, levando um deles a se considerar superior ou mesmo único, como se o outro inexistisse. A partir desse pensamento, o autor cria um conceito, chamado de pensamento abissal, em que a característica fundamental é a impossibilidade de uma co-presença dos dois lados da linha. Esse abismo entre essas realidades, se refere tanto a questões sociais e econômicas, quanto ao campo do conhecimento científico formal e aceito, ou mesmo ao domínio cultural de outros conhecimentos, que habitualmente são descartados. Frequentemente, o acesso e uso das tecnologias em algumas situações, como os equipamentos que poderiam contribuir no prolongamento da vida humana, também habitam apenas um dos lados desse abismo. Essa é mais uma questão de necessária reflexão em busca de soluções humanizadora para o uso ético das tecnologias.

Freire (2008c) nos alerta de que as tecnologias também podem causar outras preocupações, como as formas de dominação promovida pelos opressores por meio da invasão cultural, que pode se dar também por meio das ciências e da tecnologia, ao conhecer melhor o passado e como pensam aqueles que estão sendo dominados. Portanto, precisamos estar atentos aos propósitos de determinadas tecnologias, quando são ofertadas à população, pois, na invasão cultural, os invasores *“nem sequer necessitam de, pessoalmente, ir ao mundo do invadido, sua ação é mediatizada cada vez mais pelos instrumentos tecnológicos”* (FREIRE, 2008c, p. 209).

¹¹³ De acordo com o site do Ministério da Saúde, o SUS é *“um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo. Ele abrange desde o simples atendimento ambulatorial até o transplante de órgãos, garantindo acesso integral, universal e gratuito para toda a população do país. Amparado por um conceito ampliado de saúde, o SUS foi criado, em 1988 pela Constituição Federal Brasileira, para ser o sistema de saúde dos mais de 180 milhões de brasileiros.”* Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/entenda-o-sus>>. Acessado em: 4 Abr. 2017.

A aproximação proporcionada pelas tecnologias digitais também pode ter o lado favorável, quando se possibilita conhecer mais facilmente outras culturas que estariam distantes, se o acesso ainda fosse unicamente presencial. Com a possibilidade de se interagir virtualmente por meio das tecnologias digitais, a aproximação entre culturas se faz muito mais facilmente. Contudo, a invasão cultural também pode ser uma possibilidade, que nem sempre será a favor daqueles que são invadidos. Portanto, poderíamos refletir a respeito dos interesses de certa aproximação ou determinada tecnologia e nos indagar: São a favor de quem? Como a invasão cultura ocorrer com o uso das tecnologias digitais? Como podemos evitar uma dominação frente à invasão cultural por meio das tecnologias digitais? Como construir essa visão crítica junto com os educandos da EJA?

A importância do uso das tecnologias digitais nas escolas de EJA é nítida. Contudo, não basta encontrar ou construir uma sala dentro da escola para instalar os equipamentos, é necessário saber o que fazer com esses equipamentos, depois de instalados. Essa questão se coloca enquanto um desafio para a EJA. Percebemos que a necessidade de formação dos educadores para o uso pedagógico dessas tecnologias precisa ser levada em consideração para enfrentar esse desafio. O investimento no acesso à internet de boa qualidade é outra questão que precisa ser levada em consideração, para que haja de fato o uso das tecnologias digitais em um ambiente educativo.

4.3 Universo de consumo e os usos das tecnologias digitais

A todo tempo criam-se novos produtos e o mercado cria mecanismos para que o consumo se torne desenfreado, implantando-se a necessidade de se atualizar e descartar o anterior. A todo instante são criados produtos para substituir outros, que rapidamente se tornam obsoletos. Para acompanhar essas mudanças, o poder econômico é um divisor no acesso e uso de novas tecnologias. Como ficam aqueles com menos poder aquisitivo que têm acesso a determinada tecnologia que rapidamente se torna defasada e restrita? Como seria conseguir de fato uma inclusão digital, com qualidade, para todos?

Pensar na falta da inclusão vai além do acesso físico das tecnologias digitais. De acordo com Pretto (2008), a inclusão digital é a articulação de

temas como acesso a máquinas, conexão, software livre, universalização de serviços de comunicação, cidadania plena e transformação da escola em espaço de produção de cultura, em cada contexto na qual se insere. Ou seja, falamos de inclusão sociodigital (PRETTO, 2008, p. 219).

Não basta ter o acesso, é preciso criar condições de uso por toda a população. Além disso, também devemos estar em alerta com o uso das tecnologias digitais, pois muitas delas funcionam com programas que conseguem obter diversas informações do nosso cotidiano e de nossa preferência de consumo de informações e de produtos. A todo o momento, são desenvolvidos mecanismos para se saber por onde navegamos pela internet, seja nos sites de busca, em lojas do comércio eletrônico ou nas pesquisas acadêmicas que fazemos. A todo “passo” que damos, tem um programa de “olho” no que fazemos.

O aumento do consumo de produtos e serviços, que são ofertados automaticamente quando acessamos a internet, é uma das consequências dessa invasão, obtida a partir de nossos rastros digitais que são deixados através da navegação no mundo virtual. A oferta de produtos e serviços é o que está mais visível em nosso dia a dia, porque se materializam nas páginas dos sites pelos quais navegamos. E o que não vemos, mas é de conhecimento de diversos sites a respeito de cada sujeito que usa a internet? O que é feito com essas informações? Quem detém esses dados e para que finalidades eles são usados?

Durante a 69ª Reunião Anual da SBPC, realizada em julho de 2017 na UFMG, a professora Fernanda Glória Bruno proferiu a conferência “*Rastros Digitais e Vigilância nas Redes*”, em que falou sobre a vigilância que sofremos na internet e suas implicações na privacidade de cada indivíduo, como as ofertas a partir das nossas escolhas através de buscas que fazemos através da internet, algumas vezes inconscientemente. A conferencista destaca:

Hoje a internet é um grande território onde a memória que se constrói é extraordinariamente diversa, complexa e dinamicamente atualizada, isso se deve ao fato de que “toda ação gera um rastro”. Diferente das ações que se dão no ambiente físico e também geram rastros, o ambiente digital tem um comportamento próprio com duração, materialidade e caminhos distintos de recuperação. Podemos deixar rastros conscientes, como no caso de uma publicação, mas inconscientemente também é possível ser rastreado, por exemplo, através da entrada em uma página que nos fornece cookies e pode não associar necessariamente à pessoa que está navegando, mas com certeza ao endereço de IP da máquina que ela está utilizando. Todas

as ações são decodificadas e armazenadas em bancos de dados que viram estatística, retornam em forma de personalização dos resultados nossas pesquisas nos buscadores. Significa que ao percorrer páginas, emitir opiniões, interagir das mais variadas formas, imprimimos no nosso rastro uma identidade específica que é o nosso estilo, esse irá ditar as opções mais personalizadas dos resultados para as perguntas que fizermos em seguida. (BRUNO, 2017)¹¹⁴.

Freire (2008c) discute sobre a invasão cultural, usada pelo invasor para dominar os que são invadidos culturalmente. Na sua ânsia de dominar e amoldar os invadidos de acordo com os seus padrões e seus modos de vida, os invasores se interessam por conhecer a maneira de pensar dos invadidos em seu próprio mundo, para depois dominá-los. Tendo a invasão cultural como objetivo,

os invasores se servem, cada vez mais, das ciências sociais e da tecnologia, como já agora das naturais. É que a invasão, na medida em que é ação cultural, cujo caráter induzido permanece como sua conotação essencial, não pode prescindir do auxílio das ciências e da tecnologia com que os invasores melhor atuam. Para eles se faz indispensável o conhecimento do passado e do presente dos invadidos, através do qual possam determinar as alternativas de seu futuro e, assim, tentar a sua condução no sentido de seus interesses. (FREIRE, 2008c, p. 174)

Algumas mudanças nos hábitos dos seres humanos, causadas pelo avanço das tecnologias, também podem trazer consequências negativas para o nosso planeta, como o descarte e o lixo causado pelo consumo, abordado anteriormente. A interpelação sobre a falta de condições de igualdade no seu uso e sobre o desperdício e o constante descarte por uma pequena parcela da sociedade, que se encontra favorecida economicamente, já seria um começo.

Os equipamentos utilizados para nos conectar à internet podem ser considerados como bens de consumo, quando esses objetos têm o objetivo de satisfazerem necessidades individuais de consumo. Um smartphone pode ser classificado como um bem de consumo durável, já que há a possibilidade de ele ser usado várias vezes, por longos períodos. Contudo, muitas pessoas sentem a necessidade de trocar de aparelho frequentemente, seja por atualização tecnológica ou pela vontade de consumir o que é novo. Nesses casos pode se levar a um entendimento de que esses equipamentos poderiam ser considerados semiduráveis, como são as roupas e os calçados.¹¹⁵

¹¹⁴ Disponível em: <<https://obcoppe.wordpress.com/2017/08/03/rastros-digitais-passos-por-uma-paisagem-desconhecida/>>. Acessado em 23 Out. 2017.

¹¹⁵ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/bens-de-consumo/>>. Acessado em: 3 Abr. 2017.

O conceito sobre o universo de consumo pode abrir um leque de interpretações que podem nos remeter a questões ligadas ao consumismo, à cultura do consumo ou dos consumidores. Compartilho do entendimento de Livia Barbosa (2010), quando ela faz uma íntima relação “*entre consumo, estilo de vida, reprodução social e identidade, a autonomia da esfera cultural, a estetização e comoditização da realidade*” (BARBOSA, 2010, p. 10).

Frequentemente deparamos com objetos de consumo que têm uma expectativa de vida limitada, pois se tornam ultrapassados rapidamente e se tornam *impróprios para o consumo*. Conforme Bauman (2007b), eles são classificados como inúteis e são rapidamente removidos do território de consumo, sendo destruídos ou encaminhados às empresas de remoção de lixo e passam a

abrir caminho para outros objetos de consumo, ainda não utilizados. [...] No mundo líquido-moderno, a lealdade é motivo de vergonha, não de orgulho. Conecte-se a seu provedor de internet de manhã bem cedo e a principal notícia do dia vai lembrá-lo daquela verdade nua e crua: “Com vergonha de seu celular? Será que este é tão velho que você fica envergonhado ao atender uma chamada? Faça um upgrade para um aparelho do qual você possa se orgulhar.” O lado negativo da ordem de “fazer um upgrade” para um celular “consumidoristicamente correto” é, com certeza, a exigência de não voltar a ser visto portando aquele para o qual você fez um upgrade da última vez. (BAUMAN, 2007b, p. 17).

O aumento populacional dos seres humanos tem levado ao limite a capacidade administrativa do nosso planeta. Um exemplo claro disso é a quantidade de lixo produzido por um consumismo excessivo de uma parcela da população. Assim como há consequências pela produção do lixo industrial e doméstico, também pode gerar consequências perversas à vida humana, que passa a ser também banalizada e descartável. Bauman (2007a) alerta que “*ainda não chegamos perto de perceber e entender os efeitos de longo alcance das massas cada vez maiores de pessoas desperdiçadas no equilíbrio político e social da coexistência humana planetária. Mas é tempo de começar*” (BAUMAN, 2007a, p. 35).

Acostumada com o excesso de objetos e seu fácil descarte, a sociedade também passa a contar com um grande excedente de trabalhadores no mundo do trabalho. O refúgio da economia, que é voltada para o mercado, não consegue requalificar e absorver esse contingente excessivo. Bauman (2007a) fala da criação de “*excedentes humanos*”, que são formados por uma grande população pobre com a qual o restante da sociedade ainda não sabe como lidar com justiça social. Muitas vezes, isso faz com que pessoas se espalhem pelo planeta e se transfiram para

outras terras. A luta dos refugiados da Síria, em 2015, é um exemplo dessa situação de transferência de vida humana que sai de seu território e se distribui ao redor do planeta.

De acordo com Bauman (2007a), o processo de emigração dos *excedentes humanos*, cria uma espécie de “*escoadouro de gente*”, já que as pessoas que vivem à margem da sociedade são levadas a outros territórios ao redor do mundo. Há uma grande movimentação humana, em busca da vida em novas moradas, que chega a ser comparada pelo autor a um *aterro sanitário da humanidade*, já que aqueles que abrigam os imigrantes tratam o humano como inumano, sempre à margem da sociedade.

Em muitas ocasiões, se tentam obstruir esses “*escoadouros humanos*” com práticas excludentes de imigração e tornam essas pessoas *despossuídas*, ou seja, sem que consigam realizar aquisições pessoais e sem que tenham os seus direitos políticos e a liberdade pessoal. Isso fere o direito democrático desses indivíduos e os deixa com poucas chances de obterem recursos materiais, ficando cada vez menos aptos a conseguir reivindicar e exercer seus direitos. Nessas condições de submissão, aqueles que são pobres ficam sem liberdade de escolha, não participam das eleições e do processo democracia, recebendo apenas aquilo que os governos queiram conceder-lhes, o que contribui para que os governantes se mantenham no poder. Com isso, “*aquele que busca a sobrevivência assassinando a humanidade de outros seres humanos sobrevive à morte de sua própria humanidade*” (BAUMAN, 2004, p. 103). Nessa forma de se fazer política, “*enquanto permanecerem desprovidos de recursos, os pobres podem esperar no máximo serem recebedores de transferências, não sujeitos de direitos.*” (BAUMAN, 2007a, p. 71).

Essa ausência de direitos individuais e coletivos leva homens e mulheres oprimidos a uma situação de dependência do opressor. Com isso, há uma manutenção do poder daqueles que promovem essa condição opressora. Esse processo de submissão alimenta o jogo do poder contra a população pobre e carente de recursos materiais. A falta de acesso dos oprimidos às tecnologias digitais é uma das facetas que opressor se utiliza para a sua manutenção no poder.

4.4 As tecnologias digitais estão nas escolas de EJA?

Infelizmente, as tecnologias digitais ainda não chegaram a toda população, principalmente para aquelas de menor poder aquisitivo, para aquelas que ainda não têm acesso ao mundo letrado ou para as que vivem longe da vida urbana. Quando uma pessoa ou um grupo de pessoas estão em duas ou três dessas condições, a distância do mundo tecnológico aumenta ainda mais.

Mesmo assim, não podemos negar que o acesso às tecnologias digitais tem conseguido avançar em grande escala em vários setores e também tem possibilitado um crescente contato entre as pessoas. Nunca se falou tanto nas comunicações, ainda mais na democratização da comunicação e da informação, o que pode nos levar a acreditar que o *“desenvolvimento tecnológico, teria, então, por meio da Internet, da televisão digital etc., criado condições ideais para ‘aproximar’, sejam culturas, línguas, países ou pessoas diferentes”* (NICÁCIO, 2007, p.20).

Precisamos avançar muito ainda para garantir o acesso às tecnologias digitais a todas as pessoas. Compartilho com o pensamento de Coelho (2011), quando ela aponta que

é preciso também considerar que há nessa sociedade tecnologizada milhões de cidadãos que pelos mais variados motivos não têm acesso a essas tecnologias ou não sabem manuseá-las e há ainda aqueles que não fazem ideia do que essas tecnologias proporcionam ou podem ainda proporcionar em termos de aprendizagem, serviços, diversão, informação, comunicação, dentre outras diversas possibilidades. (COELHO, 2011, p. 66).

Cada vez mais, as tecnologias se atualizam e se modificam frequentemente. Essas formas de comunicação por meio das tecnologias digitais, sejam pela internet ou pelas mensagens de SMS¹¹⁶ dos aparelhos celulares e smartphones, tão utilizadas cotidianamente pelos jovens e adultos, são uma evolução da escrita manual, em que são abertos novos horizontes para a função social da escrita. Essas são algumas das evoluções tecnológicas criadas pelo ser humano, a partir de outra tecnologia: a escrita. É importante destacar também que a leitura é feita para além da palavra e do texto escrito. As imagens, os vídeos e os áudios enviados e

¹¹⁶ SMS é a abreviação do termo *“Short Message Service”*, que significa *Serviço de Mensagens Curtas*. São aquelas mensagens de texto enviadas e recebidas pelos telefones interligados às redes de telefonia celular.

recebidos pela tecnologia móvel dos smartphones são frequentes e nos ajudam a fazer a leitura do mundo.

Por outro lado, a caneta e o lápis, não menos revolucionários, ainda não são dominados por muitas pessoas. Hoje, temos a escrita por meios digitais, que pode servir para uma comunicação ligeira, mesmo à distância. Contudo, ainda temos antigas barreiras a vencer na alfabetização das pessoas que vivem neste mundo que é alfabético. Portanto, a existência da tecnologia não basta por si só, é necessário que se garanta a todos o seu acesso e a sua condição de uso.

A escrita é uma tecnologia que ainda carece ser aprendida por uma grande parcela da população brasileira. De acordo com dados IBGE, a partir da PNAD 2013, a taxa de pessoas não alfabetizadas, com 15 anos ou mais de idade era de 8,5%. Para uma população estimada em torno de 200 milhões de habitantes, dá um valor aproximado de 17 milhões de pessoas ainda não alfabetizadas em 2013 no Brasil (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014)

Lémos e Lévy (2010) fazem um resgate histórico da importância da escrita em nossa sociedade, desde a cultura oral que antecedeu a escrita em nossa história e que dependia quase que exclusivamente da memória dos mais velhos, passando pela representação de estátuas, monumentos e pinturas, até o surgimento da escrita, há cinco mil anos, na Mesopotâmia. O acesso a essa escrita era muito restrita no início, pois somente os escribas detinham essa tecnologia e os documentos que continham esses signos escritos ficavam guardados em templos e palácios. Sua utilização na gestão administrativa e contábil era reservada, basicamente, a padres e funcionários reais. Mesmo assim, essas escritas facilitaram na prolongação da memória em nossa sociedade, mesmo quando circulava apenas entre uma parte privilegiada de pessoas, ligada ao poder estatal, sacerdotal ou nobre. Depois disso, teve grande importância a criação do alfabeto, que permitiu que a leitura fosse acessível a uma maior parcela da sociedade. As cidades gregas fizeram com que suas leis fossem lidas pelos cidadãos, formulando o conceito de cidadania. Contudo, eram excluídos desse acesso os estrangeiros, os escravos e as mulheres. Há de se destacar que a invenção da escrita e do alfabeto proporcionou à sociedade o início dos entendimentos sobre liberdade e democracia. Com essa invenção, não só a política teve ganhos, mas também as religiões, que puderam escrever sobre a interpretação de cada uma a respeito de Deus. Ainda temos a

Filosofia, a Geometria demonstrativa e as diversas ciências criadas por homens e mulheres. Os autores ressaltam que “*O alfabeto permitiu a invenção da democracia, autorizando a cada um a participação na administração dos negócios complexos e a refletir sobre o direito*” (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 116).

De lá pra cá, muito tempo se passou, a leitura e a escrita evoluíram e contribuíram no desenvolvimento de muitas outras tecnologias. Podemos dizer que o smartphone já se figura como a uma caneta do mundo contemporâneo. Contudo, mesmo depois de tantos séculos, a alfabetização da população, em grande estrato, só veio a ocorrer a partir do final do século XX, especialmente no Brasil. Hoje, em plena segunda década do século XXI, ainda há uma grande parcela da sociedade que não teve acesso à leitura e à escrita, mesmo na vida adulta. Estes são parte dos nossos educandos e educandas da EJA. Infelizmente, outros tantos nem esta condição de acessarem essa modalidade educativa ainda conquistaram. Seria importante que a sociedade se preocupasse com essa população excluída do mundo letrado e criasse possibilidades de acesso a todas as pessoas a esse mundo que é alfabético. A escola seria uma alternativa para possibilitar esse acesso e, mais do que isso, proporcionar a permanência dos educandos nesse ambiente e aprendizagem e construção de conhecimento.

Tábata é uma das educandas entrevistadas. Quando lhe perguntei se tinha algum computador em casa, que me respondeu: “*Tem. A minha menina tem note... é aquele negócio... que chama, é notebook? [...] Eu Jogo demais naquilo... Eu gosto de jogar, sabe? [risos] Adoro jogar. Eu não sabia nem mexer numa tecla agora já escrevo até texto no computador.*” Ela acha o equipamento como algo “*Muito maravilhoso.*” Perguntei se ela também tinha um smartphone e o descrevi como um celular que acessa a internet. Tábata respondeu: “*Não tenho ainda não, meu filho. Minhas condições tá curta, tá meia curta, não dá pra comprar. Meus menino tem, mas eu não tenho não. O meu é celular comum, só pra atender ligação.*” Pedi que ela falasse sobre os que seus filhos tinham e ela ainda não, que relatou:

“Os meus menino tem. Eles quis comprar pra mim, mas eu não quis não, por que... Na verdade, eu nunca gostei de celular, não, sabe. Depois que eu entrei aqui na escola que eu tô usando o celular, que eu tô achando mais interessante. É uma coisa, um tipo de comunicação melhor, né. Meus menino tá longe eu tenho comunicação com eles. Mas eu não gostava de celular antes não. Por isso que esse celular que eu tenho é até do meu menino mais novo, que ele comprou um outro e falou: ‘- Ô, mãe a senhora quer esse celular? é só pra gente ligar pra senhora’. Aí, eu peguei. Mas não tinha muita condição, não. [...] Agora eu quero de... É, agora eu quero

aquele. Vou comprar o meu em dezembro, se Deus quiser. [...] Vou querer jogar no celular, que é muito bom, né.” (TÁBATA).

Perguntei à Tábata qual era o local em que ela mais usava o computador e ela disse que os lugares são: *“Em casa e no meu serviço, que a minha patroa... [risos]”* Perguntei como é o uso em seu local de trabalho, que falou:

“A minha hora de almoço, ela: ‘– O, Tábata, você quer que eu ligo?’ ‘– Ah, liga pra mim.’ Ela liga, eu tô jogando. Tem hora que eu até esqueço que tem que sair para dar banho na dona que eu cuido. [risos] Aí, eu vou e desligo, vou lá cuidar da dona. Eu e a irmã, que eu trabalho com duas irmãs. Aí, ela... eu mexo no computador dela também, que ela deixa, ela é muito boazinha.” (TÁBATA).

Na escola, Tábata também tem o hábito de usar o computador: *“Na escola eu tenho na segunda-feira. Toda segunda-feira nós temos.”* Falei com ela que eu iria lá na escola, na próxima segunda-feira, para observar essa aula na Sala de Informática. Tábata disse: *“É, nós temos oficina no computador. Eu num tô falando que eu já escrevi até texto. Nós escreveu texto, nós fez negócio sobre a dengue. Eu falei: ‘– Gente, eu nunca pus a mão em computador, meu Deus!’ É muito interessante, não é?”* A autoestima de Tábata melhorou a partir do uso do computador na escola, conforme ela relata: *“A gente se sente outra pessoa, é bom demais, não tem coisa melhor não. A tecnologia mudou muito, pra melhor.”* Perguntei com que frequência ela usava o computador e ela revelou que: *“É bem dizer todo dia. [...] Quando não é meu no meu serviço, é na minha casa. A hora que eu chego da escola.”* Ela disse que usa o computador, em média, mais de uma hora por dia e *“se deixar, eu fico umas duas horas, mais ou menos. [risos] É, mais ou menos, é. Se deixar, eu fico o dia inteiro, mas como eu tenho que trabalhar, né, não pode.”* Perguntei se ela usava o computador com mais frequência pra jogar, estudar, trabalhar ou se informar, ela disse: *“Aqui é pra estudar e na minha casa mesmo é pra jogar, não vou mentir.”* Tábata diz que é em sua casa o local em que utiliza mais o computador, *“porque aqui é... é só na segunda-feira, né. Mas é um dia só, mas que vale a pena, viu. Muito bom.”*

Quando a UNESCO elaborou as Recomendações sobre a AEA, em apoio ao Marco de Ação da Educação 2030, definiu que

a alfabetização é um componente fundamental da aprendizagem e da educação de adultos. Ela envolve uma progressão de níveis de aprendizagem e proficiência que permite aos cidadãos participar na aprendizagem ao longo da vida e participar plenamente na comunidade, no local de trabalho e na sociedade em geral. Ela inclui a capacidade de ler e

escrever, para identificar, entender, interpretar, criar, comunicar e calcular, utilizando materiais impressos e escritos, bem como a capacidade de resolver problemas em um ambiente cada vez mais tecnológico e rico em informações. A alfabetização é um meio essencial para a construção do conhecimento, das habilidades e das competências das pessoas para lidar com múltiplos desafios e complexidades da vida, da cultura, da economia e da sociedade. (UNESCO, 2017, p. 7).

Procurei saber com Tábata se, depois que passou a usar o computador para questões lá da escola, quando ela começou a usar, se avaliava que passou usar mais o computador em outro lugar ou passou a usá-lo menos tempo. Ela revelou que: “Não, comecei a usar foi aqui, ô. Foi aqui.” Foi só depois que ela começou a usar o equipamento na escola que ela teve a iniciativa de utilizar também em outros ambientes. Ela conta que: “*Aí, a minha menina fez um Face pra mim, aí eu fico conversando com as minhas amigas no Face de vez em quando, né, mandando recadinho. Mas foi depois que eu entrei aqui.*” Ela ressalta que, antes de estudar na CBMFS:

“Que já tinha, né. Que lá em casa tem internet. Já tinha, só que eu não usava que eu não sabia nem mexer, não tinha nem curiosidade pra mexer também não. Sempre tive vontade de aprender, mas não sabia... que eu sabia que não ia saber mexer, então não tinha curiosidade de mexer, sabe. *Aí, depois que entrei aqui, meu filho, meus menino fica: ‘– Mãe, minha fia’. É perigoso dá inté briga. [risos]*” (TÁBATA).

Perguntei se ela descobriu que o computador não dava defeito tão fácil assim, como ela pensava e por isso tomou coragem. Ela comentou: “*É... é verdade. E é bom demais, nó! Eles distrai muito a mente da gente, sabe. Isso é bom pra mente, isso é bom pra... isso é bom pra muita coisa, eu acho.*” Perguntei se usava o computador também para fazer pesquisa e conhecer lugares, ela lembrou que: “*É verdade, é. O meu menino mesmo, ele comprou celular pelo computador, menino. Eu não pensei que sabia... que podia. [...] Eu não pensava, *Aí, Diana falou que compra inté móveis. Eu não sabia.**” Ela ficou impressionada com a concorrência de mercado e a possibilidade de redução do preço das mercadorias compradas pela internet: “*Nó! Fiquei boba. Meu menino comprou um celular, que o celular na loja, o preço dele era 1.900, no computador ele foi 1.100. [...] Gente, eu não sabia. Pensei assim... tecnologia, né. [...] precisa ver que coisa de doido o ténis que ele comprou.*” Conversamos mais algum tempo sobre o comércio eletrônico pela internet e Tábata relatou outras comprar feitas pelo filho dela.

Perguntei à Tábata se ela tinha o hábito de utilizar o computador para lhe ajudar nos estudos ou em sua aprendizagem, de forma geral. Ela sorriu e disse: “*Eu*

uso pra aprender aqui, na minha casa eu só jogo.” Questionei se os jogos que ela gosta de acessar pelo computador servia só para diversão ou também para alguma aprendizagem. Ela pensou um pouco e falou que o jogo: *“Me ajuda muito a minha mente.”* Então, pedi que ela descrevesse como é essa ajuda e ela disse o seguinte:

“Você tem que memo... memorizar as pecinhas, que senão você não consegue tirar. Você fica o dia inteiro ali, sair do lugar, se você não memorizar, a outra pecinha pra cair junto com a outra.” Perguntei por que ela considera que isso a ajuda e Tábata sene que: *“Me ajuda muito a minha mente. Eu tava andando muito esquecida e não tô mais está me ajudando muito esse joguinho ajuda demais, juntamente com o celular, com o computador, né.”*

EM seguida, perguntei à Tábata se ela tinha o hábito de usar a internet para fazer algum tipo de pesquisa e ela falou: *“Eu, não. Mas meus menino pesquisa.”* Perguntei se, com a ajuda de alguém, ela não pesquisava sobre nada na internet e Tábata respondeu que:

“Eu peço a eles pra me ajudar. Porque eu, na verdade, ainda não sei muito bem assim, né, porque eu tô aprendendo agora, mas os meus menino mexe em tudo na internet. Prova, que nem quando o menino tava na escola, ele... que nem no Exército mesmo, ele precisa muito do computador, porque os... os... se eles lá no exército pedir alguma coisa, aí ele tem que puxar no computador, né, porque né tudo que a gente sabe, né. E o computador tem tudo, né menino? Tem um tal de doutor “Glógue” (Sic)... é Glógue que fala? [risos].” (TÁBATA).

Falei com Tábata que a pronúncia é “Google”. Então, ela continuou:

“Google? Gente, aquilo ali você sabe... da hora que morre inté na hora que nasce, aquele trem fala tudo. Eu fiquei boba. Um dia nós tava... lá onde eu tinha feito um remédio, né, uma carqueja... carqueja? é... carqueja pro meu menino, que ele tava com problema no estômago, aí a Marluce falou assim: ‘– Ah não, pai, deixa primeiro eu ver aqui se a gente pode tomar isso, pode ser veneno’. [risos] Menino, ela puxou... Se você vê pra que que o trem serve, o trem serve pra tudo de bom. A Marluce: ‘– Olha pra você vê, gente, tem médico den'de casa e não sabe’. É a mesma coisa que ter um médico dentro de casa. Não... é muita coisa boa! Não tem nem o que dizer, né, por que... É muito bom. Eu não uso... eu não uso muito, mas deixo meus filhos usar, né, e acho muito interessante. Isso ajuda a gente demais da conta.” (TÁBATA).

É possível ir além e construir novas possibilidades de aprendizagem, criando novos horizontes ao letramento, de forma a ampliar a leitura e a escrita, a partir dos usos das tecnologias digitais na escola, já que elas conseguem ajudar na conexão entre pessoas e, estas, com diversas fontes de informação presentes e necessárias em nossa sociedade. Com isso, as tecnologias poderiam contribuir na construção do

conhecimento e no combate às desigualdades sociais, que levam a desigualdades econômicas.

As constantes mudanças que ocorrem em nossa sociedade impõem aos sujeitos que a compõe a necessidade de frequente formação e atualização, principalmente quando precisamos utilizar os serviços que exigem certo conhecimento da utilização das tecnologias digitais. Em muitos casos isso é um grande dificultador para que as pessoas acompanhem as constantes mudanças, mesmo alfabetizadas. Quando lidamos com aqueles sujeitos não alfabetizados, os empecilhos são enormes. O grau de exigência das condições de alfabetização e letramento aumenta com o passar dos anos.

O indivíduo é considerado letrado quando demonstra a capacidade de lidar em situações diversas com diferentes gêneros textuais, como uma carta, um bilhete, uma notícia, uma poesia, uma ata, uma prestação de contas, um extrato, dentre outros. Com o advento das tecnologias digitais também convivemos em ambientes em que são exigidas outras capacidades de se lidar com outros gêneros textuais digitais, como um e-mail, hipertextos, redes sociais etc. Cada vez mais as pessoas vão lidando com ambientes em que se exige também um letramento digital. Raramente encontramos pessoas sem um mínimo de letramento digital (COSCARELLI e NOVAIS, 2014).

Os conceitos de alfabetização mudam de tempo em tempo, a partir do momento em que a sociedade se modifica. Algumas dessas mudanças em nossa história são resgatadas por Artur Morais e Eliana Albuquerque (2006), quando destacam que eram consideradas alfabetizadas, até 1940, *“aquelas pessoas que declaravam saber ler e escrever [...] seus próprios nomes. A partir dos anos 50 até o último censo (2000) [...] aqueles que diziam serem capazes de ler/escrever um bilhete simples”* (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2006, p. 61). Estes autores também trabalham o conceito de analfabetismo funcional, como sendo a condição em que as pessoas, mesmo sabendo ler e escrever palavras e algumas frases, não tem assegurado o *“exercício de práticas de leitura e escrita, de modo a alcançar propósitos numa sociedade em que aquelas práticas se fazem essenciais para o exercício da cidadania”* (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2006, p. 61).

Andréia Souza (2015) investigou sobre os constrangimentos vividos em seu cotidiano por homens e mulheres adultos, em processo de alfabetização, ao lidarem

com situações que exigiam deles o uso da leitura e da escrita, pois ainda não possuíam essa condição. Os sujeitos que participaram da pesquisa não dominavam os códigos da leitura e da escrita, ao mesmo tempo em que demonstravam possuir outros conhecimentos, habilidades e saberes, que foram construídos ao longo da vida. Essa condição de sujeitos não alfabetizados exige deles a construção de alternativas e estratégias para lidar com as questões do seu mundo, algumas muito complexas em seu dia a dia, como a falta de acesso à moradia, à saúde, ao transporte, à leitura e a um trabalho digno.

Em relação ao alfabetizando adulto, é necessário considerarmos que ele *“já dispõe de algumas ferramentas culturais que garantem sua inserção em diferentes práticas sociais”* (SILVA e GALVÃO *et al.*, 2006, p. 17), sejam por meio de textos orais ou escritos. Aqueles que ainda não foram alfabetizados desenvolvem diferentes estratégias para lidar com as situações em que a escrita se coloca presente. Outra questão relevante apresentada por Alexandro Silva e Ana Galvão *et al* (2006) é que os educandos jovens e adultos fazem parte de diferentes grupos sociais e, com isso, suas identidades possuem múltiplas fontes de referência para que possam construir seus conhecimentos, seus valores e suas crenças. Contudo, há limitação no acesso a eventos e a práticas mediadas por textos escritos, já que esses sujeitos não dispõem de ferramentas que favoreçam essa apropriação. Na escolha dos textos mais adequados para favorecer a alfabetização desses educandos, *“tanto as situações de interação social já familiares ao aluno quanto aquelas a que ele ainda não tem acesso devem servir de referência para escolha dos recursos didáticos”* (SILVA e GALVÃO *et al.*, 2006, p. 18). Hoje em dia, os textos, imagens, vídeos e áudios presentes na cibercultura já fazem parte do cotidiano de muitos desses sujeitos.

Há uma exigência crescente do mundo informatizado para que as pessoas participem efetivamente desse universo e desenvolvam habilidades para o uso das tecnologias digitais. Com isso, esses ambientes digitais propiciam às pessoas *“infinitas possibilidades de participação social, de trabalho e pessoal, e precisamos ser letrados digitalmente para usufruirmos dessas oportunidades, exercendo assim a nossa cidadania de forma plena”* (COSCARELLI e NOVAIS, 2014, p.180). A cada momento, as mudanças passam a exigir novas habilidades de utilização dessas tecnologias, seja nas ferramentas de busca de informações, nos sistemas

operacionais, nos programas e aplicativos ou nas habilidades de leitura e escrita, que são típicos nesses ambientes informatizados. Com isso, aqueles que não têm acesso a esse universo tornam-se excluídos do acesso a oportunidades de empregos, serviços, empregos e mesmo aprendizagens diversas. Poderíamos refletir em como as várias formas de letramento são influenciadas pelo letramento digital, pois *“muitos textos impressos, como textos veiculados na mídia, fazem referência à cultura digital [...] que são mais bem compreendidas por quem usa o computador e a internet”* (COSCARELLI e NOVAIS, 2014, p.181) e, agora, acrescenta-se o smartphone.

Com isso, a sociedade vem se modificando, com uma grande parcela da população participando e usufruindo das inovações tecnológicas. Contudo, há outra parcela está aliada dessas novidades. Portanto, seria interessante ficarmos atentos, pois nem todas as mudanças trazem avanços sociais. As reflexões sobre o que acompanha o novo são essenciais, pois nem toda mudança é boa para todos. Como poderíamos evitar que a sociedade crie excluídos digitais? O que deveria ser feito para que haja a inclusão digital daqueles que estão excluídos?

Há algumas décadas, poucas pessoas tinham desenvolvida a habilidade da leitura e da escrita. Hoje, conforme Almeida (2005), a exigência para a produção e a leitura de textos, assim como o acesso às informações e aos bens culturais produzidos pela humanidade, exige das pessoas muitas adaptações a uma nova referência textual, que se amplia cada vez mais. Hoje em dia, *“os avanços tecnológicos apontam novas formas de utilização da escrita, novos portadores de textos, novos gêneros textuais e, conseqüentemente, um maior uso da escrita nas interações sociais”* (ALMEIDA, 2005, p. 39).

O conceito de letramento vem se adaptando às mudanças ao longo do tempo, pois está relacionado às consequências sociais e culturais que a escrita proporciona, tanto a um grupo social quanto ao próprio indivíduo que dela faz uso. Compartilho com a ideia de que letramento pode ser entendido como *“o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”* (SOARES, M., 2006, p.18). Partindo do pensamento de Magda Soares (2006) e contando com a informática e as tecnologias hoje disponíveis, como os

aparelhos celulares e agora os *smartphones*, todos agregados ao conceito de letramento, podemos chegar ao termo *letramento digital*.

Para entendermos melhor o conceito de letramento digital, recorreremos a outro trabalho de Soares (2002), que nos traz uma ampliação do conceito de letramento, com o uso das tecnologias digitais

no contexto de uma diferenciação entre a cultura do papel e a cultura da tela, ou cibercultura, (...) confrontando tecnologias tipográficas e tecnologias digitais de leitura e de escrita, a partir de diferenças relativas ao espaço da escrita e aos mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita; (...) cada uma dessas tecnologias tem determinados efeitos sociais, cognitivos e discursivos, resultando em modalidades diferentes de letramento, o que sugere que a palavra seja pluralizada: há letramentos, não letramento. (SOARES, 2002).

A construção do texto manuscrito ou datilografado é diferente daquele em que há a interação com a tela, em que temos a oportunidade de digitar um texto, copiar e colar em outro lugar, reescrever e reordenar a cada parágrafo. Dessa forma, cada versão reelaborada *“torna as versões anteriores não-existentes, apagando todos os traços do caminho que nos conduziu até onde então estamos. A escrita em computador extinguiu a outrora sagrada idéia da ‘versão original”* (BAUMAN, 1998, p. 200). Portanto, existe uma nova forma de escrita, mediada pelas tecnologias digitais, que muda a relação que estabelecemos com o texto e que nos leva a um novo paradigma de originalidade do escrito, assim como foi a escrita desta tese.

Atualmente, não lemos apenas textos, também lidamos com os hipertextos. Segundo PAIS (2008), *“Com a ordem estabelecida pelo computador, o hipertexto altera a ordem que caracteriza os textos tradicionais. A interação entre leitor e autor é bem mais complexa e dinâmica, enriquecendo a aprendizagem”* (PAIS, 2008, p. 141). Com a evolução das TIC ampliam-se novos horizontes ao letramento, à leitura e à escrita, já que novas e rápidas mudanças chegam à sociedade, e nela a escola é parte. Além disso, com o uso das tecnologias móveis a partir da escola, abrem-se novas formas de relação entre educandos e educandos, educandos e educadores, educandos e sociedade, pois *“o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”* (FREIRE, 2008c, p. 79). A escola é um dos elos de ligação desse sistema, nela estão os sujeitos da EJA que se relacionam com esse mundo alfabético e

tecnológico e o professor também tem muito o que aprender para fazer uso das tecnologias digitais na docência.

Em pesquisa realizada por Pereira (2011; 2014), pode ser visto que as aulas de Informática na escola causam impactos positivos na vida dos educandos da EJA, pois eles passam a usar as tecnologias digitais para ampliar as condições de socialização, aprimorar seus estudos, progredir no trabalho, realizar pesquisas diversas e outros usos. Muitos educandos usam o computador com mais frequência a partir da aprendizagem do seu uso na escola, mesmo já tendo o equipamento em casa e, depois disso, eles passam a utilizar e dominar outras tecnologias. Agora, precisamos entender se e como as tecnologias móveis de que dispomos hoje conseguem ajudar na construção do conhecimento dos educandos, naquilo que está relacionado ao trabalho pedagógico realizado na sala de aula.

Os educandos, mesmo quando não possuem aulas de Informática na escola, com frequência e de forma sistematizada, consegue utilizar essas tecnologias, especialmente as tecnologias móveis. Mas como usá-las pedagogicamente? Alguns educandos, que ainda não estão alfabetizados, conseguem utilizar algumas tecnologias digitais para se comunicar com outras pessoas através de áudio, mas ainda não utilizam para a sua aprendizagem, em relação à sua escolarização. Como será possível trabalhar com o letramento digital desse educando visando a sua construção do conhecimento?

Muitos dos educandos da EJA têm dificuldades em estar diariamente na escola, por diversos motivos, como trabalho, família, vida social, cansaço, trânsito urbano, dentre outros. Esta investigação parte da suposição de que as tecnologias digitais poderiam estar a serviço do conhecimento, para ajudar na formação desses educandos, através da escola em que eles estudam. Seria possível utilizar ou desenvolver plataformas ou interfaces que facilitem essa interação com as tecnologias móveis? O poder público tem investimentos nesse sentido, enquanto política pública de educação?

Em sua investigação sobre o uso das tecnologias digitais nas unidades do CESEC de Minas Gerais, Teixeira (2017) aplicou um questionário online, pelo *Google Forms*¹¹⁷, e obteve respostas de 40 unidades. Pelos dados obtidos, é

¹¹⁷ *Google Forms* é uma plataforma da empresa Google para se criar um formulário de perguntas e respostas personalizadas, em que é possível se escolher “entre várias opções de perguntas, de

possível se saber que, dentre as 40 escolas que acessaram e responderam os questionários, 35 unidades, *“possuem computadores em suas unidades e que a metade encontra-se em pleno funcionamento, mas alegam a falta de um profissional técnico para acompanhar as visitas”* (TEIXEIRA, 2017, p. 110). Portanto, 5 unidades não possuem computador, o que já equivale a 5,1 % das unidades que participaram da investigação. Como o formulário foi enviado para 103 unidades e foram 40 as que responderam, não se tem informação das outras 63 unidades que, dentre as razões de não responderem pode ter sido a falta do equipamento conectado à internet em algumas unidades. Quanto à internet, 28 dentre as 40 unidades informaram ter acesso, sendo 10 por wifi, que equivalem a 70% e 25%, respectivamente. Dentre os riscos que impedem o uso da internet, a ausência de um profissional para suporte, equivale 55% das 40 escolas. Dentre as dificuldades para se efetivar as práticas de uso das tecnologias em sala de aula, cerca de 65% das escolas responderam ser devida à pouca formação do professor. Teixeira (2017) nos revela que

O Facebook cumpre bem o seu papel para os CESECs que possuem uma página. Nele é possível postar fotos dos eventos realizados dentro e fora das unidades. Além disso, possibilita postar notícias urgentes, apresentar dados do calendário escolar, a rotina e as atribuições de cada uma delas. Também possibilita compartilhar vídeos e divulgar acessos que se julgam significativos para seus educandos. A composição dos amigos do facebook é formada por educandos, comunidade em geral, educadores e pais. Atualmente as unidades vêm desenvolvendo atividades interdisciplinares sobre temas variados como câncer, saúde mental, nutrição, cuidados com a imagem e inclusão digital. Observa-se, nas imagens, o uso intenso de ferramentas tecnológicas durante o processo de elaboração dos projetos e durante as culminâncias dos mesmos. O acesso às unidades foi possível a partir da criação de um grupo intitulado CESEC Dialoga, com participação de 45 (quarenta e cinco) CESECs. (TEIXEIRA, 2017, p. 117)¹¹⁸.

Uma parte dos educandos da EJA está na terceira idade e faz parte do grupo que utiliza as tecnologias digitais. Pretto (2008) fala do desafio do uso dessas tecnologias na educação, pois *“com o aumento da expectativa de vida dos seres humanos [...] ampliar as possibilidades de comunicação entre as pessoas torna-se um novo desafio para jovens e velhos. As noções de distância e tempo vão se modificando”* (PRETTO, 2008, p. 205).

múltipla escolha a listas suspensas e escalas lineares.” Disponível em: <<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>>. Acessado em: 17 Out. 2017.

¹¹⁸ O grupo do Facebook CESEC DIALOGA estava com 10 membros em novembro de 2017, dentre estes, 5 pessoas e 5 unidades de CESEC. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1196879860323620/>>. Acessado em: 4 Nov. 2017.

Corroboro com Pretto (2008), que a idade não é barreira para a inserção do sujeito na cultura tecnológica. O autor cita exemplos de formação com membros do Movimento Sem Terra, em que eles demonstram certa desenvoltura já no início de uso das tecnologias digitais, pois a navegação é simples, sem a necessidade de um preparo linear ou pré-requisitos para que os adultos sejam produtores de conhecimento, a partir do momento que começa a se familiarizar e interagir com a máquina, de acordo com os seus interesses e necessidades, pois *“o que precisamos é formar uma população ativa, que se aproprie das possibilidades tecnológicas para a efetivação de uma consciência coletiva inteligente, em busca de uma cidadania global”* (PRETTO, 2008, p. 228).

O acesso às informações por meio das tecnologias no Brasil é cada vez maior, quando comparamos com anos ou décadas atrás. Segundo dados complementar da PNAD, realizada em 2011 pelo IBGE, o crescimento da população de 10 anos ou mais de idade cresceu 9,7% de 2005 para 2011, enquanto o contingente de pessoas que utilizaram a internet nesses seis anos aumentou 143,8%, que corresponde a 45,8 milhões. A variação do percentual de pessoas que acessaram a internet, no grupo etário de 50 anos de idade ou mais, foi de 7,2%, de 2008 para 2011. Nesses três anos, o aumento maior foi *“nos grupos etários de 25 a 39 anos de idade. Vale destacar o aumento do percentual de pessoas de 50 anos ou mais de idade que acessavam a Internet, que passou de 7,3%, em 2005, para 18,4%, em 2011”* (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011, p.34).

Além da internet, existem outros importantes meios de comunicação que já existem há décadas e, dentre eles, temos o telefone, o rádio e a televisão. Podemos verificar na tabela a seguir como estavam, em 2011, os acessos pela população brasileira, mineira e belorizontina ao computador, à internet e a outras tecnologias:

Tabela 7: Percentual de domicílios com alguns bens e serviços de acesso à informação, 2011.

Percentual de domicílios com alguns bens e serviços de acesso à informação, 2011.						
Região	Rádio	Televisão	Microcomputador		Telefone	
			Total	Ligado à internet	Fixo convencional	Móvel celular
Brasil	83,4	96,9	42,9	36,5	40,1	86,4
Minas Gerais	86,7	97,7	43,4	35,4	39,3	86,7
Belo Horizonte	90,5	98,4	58,1	48,9	61,1	92,8

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2011).

Em 4 anos, tivemos algumas mudanças nesse percentual que são possíveis de se comparar no Brasil e em Minas Gerais. Os dados, que eram referente à cidade de Belo Horizonte, passaram a ser apresentados referente à Região Metropolitana de Belo Horizonte:

Tabela 8: Percentual de domicílios com alguns bens e serviços de acesso à informação, 2015.

Percentual de domicílios com alguns bens e serviços de acesso à informação, 2015.						
Região	Rádio	Televisão	Microcomputador		Telefone	
			Total	Ligado à internet	Fixo convencional	Móvel celular
Brasil	69,2	97,1	46,2	40,5	35,3	91,2
Minas Gerais	75,8	97,6	48,3	41,3	33,5	91,4
Região Metropolitana de Belo Horizonte	77,8	98,5	60,3	51,5	51,9	95,8

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2016, p. 26).

Ao comparar esses dados, podemos perceber algumas mudanças no percentual de domicílios com alguns bens e serviços de acesso à informação, entre 2011 e 2015: o rádio e o telefone fixo convencional diminuíram nos domicílios; pouco se alterou o percentual em relação ao uso da televisão; aumentou o percentual total de computador, de computador ligado à internet e de telefone móvel celular.

Em relação ao percentual de domicílios particulares que utilizam a internet, em 2015, temos os seguintes dados:

Tabela 9: Domicílios particulares em que existe a utilização da internet, 2015

Domicílios particulares em que existe a utilização da internet, 2015.						
Região	Valores absolutos (1.000 domicílios)			Valores relativos (%)		
	Total	Existência de utilização da internet no domicílio		Total	Existência de utilização da internet no domicílio	
		Havia	Não havia		Havia	Não havia
Brasil	68.037	39.295	28.742	100,0	57,8	42,2
Minas Gerais	7.057	4.095	2.962	100,0	58,0	42,0
Região Metropolitana de Belo Horizonte	1.769	1.250	519	100,0	70,7	29,3 ^{*119}

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2016, p. 28).

¹¹⁹ Este valor de 29,3% é diferente da tabela publicada pelo IBGE, que consta 71,2 %, que é um valor inconsistente para os 519 domicílios, dentre os 1769 totais. Os 29,3% também é um percentual que se aproxima daqueles de outras capitais, como Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, São Paulo, dentre outras.

Podemos perceber que o percentual da existência da internet nos domicílios mineiros é muito parecido com a média nacional. Quando verificamos essa existência nos domicílios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, verificamos que o percentual é bem maior do que em Minas Gerais e no Restante do País. Esses valores relativos se aproximam de outras capitais brasileiras.

Em relação ao percentual de domicílios particulares que utilizam a internet e quais são os equipamentos utilizados para acessar a Internet no domicílio, em 2015, como podemos verificar na próxima tabela, o percentual de equipamentos utilizados para acessar a internet nos domicílios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, é um pouco maior, mas bem próximo, dos valores relativos de Minas Gerais e de todo o Brasil. A tecnologia móvel está bem presente em Belo Horizonte: 93,4% dos domicílios acessam a internet pelo telefone móvel celular e 22,9% pelo tablet. O notebook, que pode usar a tecnologia móvel nos domicílios está entre os 72,9% de microcomputadores que acessam a internet (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016). O tablet já corresponde a 31,5% do número de microcomputadores, apesar de ser citado apenas pela educanda Nanci, da EFALO.

Tabela 10: Domicílios particulares que utilizam a internet e quais são os equipamentos utilizados para acessar a internet no domicílio, 2015.

Domicílios particulares que utilizam a internet e quais são os equipamentos utilizados para acessar a internet no domicílio, 2015.								
Região	Valores absolutos (1.000 domicílios)				Valores relativos (%)			
	Total de domicílios	Equipamentos utilizados para acessar a internet no domicílio			Total de domicílios	Equipamentos utilizados para acessar a internet no domicílio		
		Micro-computador	Telefone móvel celular	Tablet		Micro-computador	Telefone móvel celular	Tablet
Brasil	39.295	27.535	36.194	8.281	100,0	70,1	92,1	21,1
Minas Gerais	4.095	2.917	3.714	802	100,0	71,2	90,7	19,6
Região Metropolitana de Belo Horizonte	1.250	912	1.167	287	100,0	72,9	93,4	22,9

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2016, p. 29).

É importante destacar a evolução dessas tecnologias nos últimos anos. Hoje, o telefone móvel tem acoplado a ele uma série de tecnologias, que vai muito além

da telefonia celular, o que vale destacar que isso não é pouca coisa. Em um único equipamento, como o smartphone, vários recursos idênticos aos que encontramos em microcomputadores são disponibilizados e, às vezes, até mais. Principalmente quando temos a possibilidade de interligar esses equipamentos móveis à internet. Essa tecnologia também é chamada de *mobile*¹²⁰.

Além dessas evoluções tecnológicas, podemos citar outras, como: o rádio, que foi acoplado aos automóveis, aos telefones móveis e aumentou a sua abrangência e utilização; a televisão, com transmissão analógica ou digital, que pode ser acoplada aos telefones móveis, permitindo o deslocamento durante o seu uso; a televisão com transmissão digital, que amplia a sua conectividade com o acesso à internet, propiciando uma melhor qualidade e interatividade, como é a *Smart TV*¹²¹; o telefone convencional, chamado de fixo, também deixa de ser unicamente fixo, que dependia do uso de fiação e passa a ser utilizado também por onda de rádio, sem a necessidade de um ponto único de utilização nas residências e empresas, ampliando sua conexão. Tudo isso faz com que novas possibilidades de uso cheguem às pessoas, que vão modificando os seus hábitos frequentemente.

Compartilho da ideia de que “*a escola é um importante agente na formação de pessoas que vão se beneficiar dos ambientes digitais*” (COSCARELLI e NOVAIS, 2014, p. 182), até porque as tecnologias “*estão em toda parte e não poderiam permanecer mais tempo fora da escola*” (EITERER, 2014, p. 252).

A formação dos educandos da EJA com a utilização das tecnologias digitais, pode possibilitar a eles uma melhor exploração desse universo da informação para que possam transformá-la em conhecimento. O seu uso, de forma mais sistematizada, em busca da aprendizagem, pode construir novas estruturas cognitivas para esses sujeitos. Ao mesmo tempo, os professores podem construir conhecimento com os usos das tecnologias digitais. Porém, essa realidade ainda carece ser amplamente construída.

¹²⁰ Mobile é um termo que tem origem na língua inglesa, utilizado para classificar algumas tecnologias, que podem utilizar a internet pela rede móvel, sem fio, como é o caso dos smartphones e dos tablets.

¹²¹ A *Smart TV*, que na língua portuguesa seria *TV Inteligente*, possui funções que são encontradas em computadores e smartphones, como a conexão à internet por wifi, via cabo ou por portas de conexão do tipo USB (Universal Serial Bus ou barramento serial universal, em português). A *Smart TV* permite a instalação de aplicativos, como é feito nos smartphones, que dão acesso a outras funções e recursos tecnológicos, voltados para um televisor, como a ampliação do monitor de computador ou para acessar a redes sociais ou assistir aos vídeos no Youtube, via internet.

Corroboro com Coscarelli e Novais (2014) de que, mesmo sabendo da expansão do uso das tecnologias digitais, não podemos generalizar e imaginar que todos os educadores e educandos da EJA acessam essas tecnologias, fazem o seu uso adequadamente ou que explorem os inúmeros recursos disponíveis nos ambientes digitais. É importante destacar que

muitos jovens não têm acesso a computadores e gadgets digitais (dispositivos eletrônicos portáteis como celulares, smartphones, tablets, entre outros). E, mesmo os que têm acesso, muitas vezes, utilizam apenas alguns poucos recursos e programas disponíveis. Eles deixam de lado uma gama enorme de possibilidades que poderiam enriquecer seus conhecimentos e possibilitar a participação mais ativa na sociedade (COSCARELLI e NOVAIS, 2014, p. 182).

Essa não é uma realidade apenas da juventude, muitos adultos estão nessa condição. Pelos dados do trabalho de campo, tanto os educandos quanto os professores da EJA estão entre os que não utilizam com profundidade as tecnologias digitais, especialmente as móveis e na sala de aula.

Eiterer (2014) ressalta que temos diversas opções de acesso a informações por meio das tecnologias digitais, como a pesquisa em sites de busca, bibliotecas digitais, jornais, rádios, televisão, dentre outras. Com isso, *“tudo parece estar ao nosso alcance aqui e agora, em qualquer tempo e lugar. Ao alcance da mão. Encurta distâncias, multiplica experiências”* (EITERER, 2014, p. 254). Ao mesmo tempo, a autora traz reflexões sobre a presença das tecnologias digitais nas escolas, que exige atenção aos seus limites e possibilidades, tanto na formação dos professores quanto no seu uso pedagógico em sala de aula. A aprendizagem pode ser facilitada através do uso dessas tecnologias, contudo as concepções educacionais traçarão os caminhos e as metodologias da prática educativa. Se, de um lado reduz-se o tempo necessário para realizar diversas atividades pela agilidade das tecnologias digitais, de outro, ampliam-se os espaços, os acessos e as possibilidades do uso pedagógico dessas tecnologias. Contudo, se não houver criatividade, as tecnologias digitais poderão se tornar *“um instrumento a mais do ensino repetitivo, de acúmulo de informações fragmentadas, centrado no professor e sem a experimentação por parte do aluno”* (EITERER, 2014, p.255). Por isso, seria importante pensarmos na formação do professor e nos usos das tecnologias digitais na sala de aula. Não basta ter o acesso às tecnologias, é necessário planejar a melhor maneira de utilizá-las.

Cada vez mais, homens e mulheres conseguem formar e participar de diferentes redes, sejam estas virtuais ou presenciais. Martuccelli (2007) destaca que *“as pessoas, os actores sociais, as empresas, os políticos, não têm que fazer nada para atingir ou desenvolver a sociedade em rede. Nós estamos na sociedade em rede, apesar de nem todos, nem todas as coisas estarem incluídas nas redes”* (MARTUCCELLI, 2007, p. 26). Ele ressalta que não basta a existência das tecnologias avançadas, é preciso que o acesso a elas seja propiciado a todas as pessoas, com as quantidades necessárias e boa qualidade de acesso. É preciso que haja políticas públicas que sejam inclusivas e que ajudem a desenvolver nas pessoas as suas capacidades de crítica e de criação, sem que se tornem meros operadores de máquinas. O que se deseja é que esse acesso venha acompanhado de novos conhecimentos, produzidos a partir da aprendizagem do uso das tecnologias digitais. É imprescindível que o uso das tecnologias digitais na educação venha acompanhado de uma infraestrutura adequada, pois

uma cobertura total de comunicação digital em redes de banda larga, por cabos ou sem fios, é certamente um factor condicionante para [...] a formação virtual ao longo da vida, um aspecto essencial numa organização social baseada no conhecimento. Contudo, a introdução da tecnologia só por si não assegura nem a produtividade, nem a inovação, nem melhor desenvolvimento humano (MARTUCCELLI, 2007, p. 26).

Para que o uso das tecnologias digitais nas escolas de EJA tenha a qualidade e a eficácia necessárias à aprendizagem dos seus educandos é preciso que haja um real investimento de capital, assim como algumas políticas públicas inclusivas. Pretto (2008) defende que se tenham políticas que privilegiem a conexão das escolas com a internet.

Além de se conectar com a internet é necessário que haja uma velocidade de conexão que permita aos professores e educandos a realização de diversas atividades, sem que o tempo de resposta seja desestimulante e um empecilho ao fazer pedagógico.

Em seu artigo, publicado no jornal Gazeta Mercantil em 1998, Pretto (2008) falava da ideia da criação de um fundo para os serviços de comunicações, que viria ser usado para conectar, a nível nacional, as escolas, as bibliotecas, os hospitais etc. para fortalecer as culturas locais e colocar as escolas na internet. Cinco anos depois, em outro artigo, publicado no Jornal O Globo, em 2003, ele critica o uso dos recursos criados por esse Fundo de Universalização dos Serviços de

Telecomunicações (FUST), que foi criado após a promulgação da Lei Geral das Telecomunicações (LGT), número 9472, de 16 de julho em 1997. Os valores eram na ordem de bilhões de reais e desapareceram nas malhas da burocracia governamental. Em razão disso, defendia um fundo que pudesse favorecer a inclusão digital, com amplo controle social, para que houvesse a utilização dos recursos financeiros para possibilitar a conexão das escolas públicas com a internet (PRETTO, 2008, p. 217).

Somente depois de mais de três anos que o FUST foi regulamentado, através da lei federal 9998, de 17 de agosto de 2000. Por meio dessa legislação, o Governo Federal transfere à Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) a competência para implementar, acompanhar e fiscalizar os programas, projetos e atividades que apliquem recursos desse fundo, como: a implantação de acessos individuais para prestação do serviço telefônico e de acessos para utilização de serviços de redes digitais de informação destinadas ao acesso público com internet, incluindo os equipamentos terminais para operação pelos usuários, em condições favoráveis, a estabelecimentos de ensino, bibliotecas e instituições de saúde; a redução das contas de serviços de telecomunicações de estabelecimentos de ensino e bibliotecas referentes à utilização de serviços de redes digitais de informação destinadas ao acesso do público, inclusive da internet, de forma a beneficiar em percentuais maiores os estabelecimentos frequentados por população carente, de acordo com a regulamentação do Poder Executivo; a instalação de redes de alta velocidade, destinadas ao intercâmbio de sinais e à implantação de serviços de teleconferência entre estabelecimentos de ensino e bibliotecas (BRASIL, 2000).

Contudo, 17 anos depois, a qualidade na oferta dos serviços das tecnologias digitais nas escolas e em outros locais de acesso público ainda está longe do desejado. A quantidade de pontos de acesso e a velocidade no acesso são insuficientes.

A partir do momento em que as ações e as políticas públicas consigam garantir efetivamente o acesso às tecnologias digitais pela população pobre, com o investimento em equipamentos, na boa qualidade da conexão com a internet e da formação de seus usuários, poderá ocorrer a implantação e o aumento do seu uso nas comunidades e nas escolas, pois *“a sensação de estranhamento com as tecnologias [diminui] de forma muito veloz [...] e passam a ser vistas e vividas como*

constructos sociais, geradores de demandas cada vez maiores” (PRETTO; BONLA; SARDEIRO, 2010, p. 66).

Durante o trabalho de investigação em campo, a lentidão e a falta de acesso à internet puderam ser percebidas, tanto as observações quando através da fala dos sujeitos entrevistados. Infelizmente, ainda caminhamos muito distantes de um sinal e uma velocidade de acesso pela internet com uma qualidade adequada para o uso de toda a população.

É importante destacar que não basta somente a inserção de equipamentos tecnológicos no interior das escolas. Também se faz necessária a criação de condições de aperfeiçoamento profissional na formação do educador de EJA, a partir da sua prática profissional, pois o campo de atuação docente é amplo e pouco definido. Além disso, há certa distância entre a realidade encontrada nessa modalidade de ensino e os currículos das universidades que realizam a sua formação inicial, de forma geral (SOARES, L., 2006).

A valorização e a formação dos professores são questões que também precisariam estar presentes nas políticas públicas que favoreçam o uso das tecnologias digitais na EJA. Pretto (2008) ressalta a necessidade de trazermos essas tecnologias para a educação numa perspectiva de mudança nas formas de como se ensina e se aprende e, para isso, poderíamos compreender melhor a interatividade como possibilidade de aprendizagens *“ou vamos continuar formando cidadãos que são meros consumidores de informações. O que precisamos [...] é formar cidadãos produtores de cultura e de conhecimento. E, para isso, a tecnologia é fascinante”* (PRETTO, 2008, p. 49). Porém, esse novo fazer pedagógico não se faz da noite para o dia, é preciso que haja formação para que o educador possa utilizar de forma crítica as tecnologias digitais na EJA e leve os seus educandos a buscarem informações que sejam úteis de fato. Não basta que o educador aprenda a usar a máquina, seria bom poder ir além e dar condições e autonomia para que ele e seus educandos consigam repensar a escola, já que esse uso possibilita construir estruturas para uma nova forma de pensar (PRETTO, 2008).

Há demandas na formação de professores para atuarem pedagogicamente com as tecnologias digitais, já que esses profissionais *“sentem a urgência de conhecerem e viverem plenamente o contexto contemporâneo, com mesmo tempo*

que se aproximam de seus jovens alunos e ampliam as possibilidades do seu fazer pedagógico” (PRETTO; BONLA; SARDEIRO, 2010, p. 67).

O uso das TIC na aprendizagem em telecentros públicos e nas escolas é abordado por Pretto (2008), quando o autor relaciona alguns conflitos, como a rigidez nas escolas e nos projetos e a flexibilidade nos telecentros. O autor propõe o desafio de se aproximar a escola das experiências que acontecem fora dela. Ele cita, inclusive uma experiência em que os educadores vão aos telecentros para se formarem e, depois, fazem programas de rádio nas escolas junto com os seus educandos, com conteúdos propostos no currículo escolar.

Ângela Barreto, Maria Paradella e Sônia Assis (2008) investigaram sobre telecentros e a sua articulação com bibliotecas públicas e escolas. Elas falam da importância dos ambientes informacionais – tais como as bibliotecas públicas, telecentros, laboratórios, escolas e espaços culturais – para o desenvolvimento do país, já que esses locais poderão se constituir em espaços de democratização e inclusão social.

No processo de universalização do acesso à internet, é preciso pensar também na inclusão as escolas públicas, de maneira a articular a alfabetização tecnológica com as outras alfabetizações trabalhadas nas escolas. Assim, talvez possamos *“formar o cidadão para esse uso, mas não podemos cair na armadilha que induz a pensar que basta preparar o trabalhador para usar os computadores e a rede. Também isso é necessário, mas não o suficiente”* (PRETTO, 2008, p. 212).

Pelo trabalho feito em campo nas escolas investigadas, é possível perceber que ainda não temos as respostas para muitas indagações, que já existiam antes de iniciar esta pesquisa e que ainda permanecem enquanto lacuna. As tecnologias digitais estão presentes nas escolas de EJA investigadas, inclusive na construção do conhecimento, tanto dos educandos quanto dos professores, que são os sujeitos da EJA. Contudo, ainda não foi possível verificar o seu uso didático, planejado e pleno em favor da construção do conhecimento na EJA. Os seus usos acontecem de forma assíncrona, dissociada do planejamento didático e, muitas vezes, velada.

Contudo, recorro a Freire (2014) para trazer reflexões sobre o sonho e a utopia de uma prática educativa que acompanhe ou antecipe os avanços tecnológicos. Para isso, precisamos desafiar a curiosidade crítica e estimular o

nosso papel de sujeito de conhecimentos que reinventa o mundo. Os avanços tecnológicos de nosso tempo exigem uma prática educativa capaz de formar

sujeitos críticos capazes de responder com presteza e eficácia a desafios inesperados e diversificados. Na verdade, o treinamento estreito, tecnicista, habilita o educando a repetir determinados comportamentos. O de que precisamos, contudo, é algo mais do que isto. Precisamos, na verdade, de saber técnico real, com o qual respondamos a desafios tecnológicos. Saber que se sabe comendo um universo maior de saberes. Saber que não estranha legítimas perguntas a serem feitas em torno dele: em favor de que ou de quem; contra que ou contra quem é usado. Saber que não se reconhece indiferente à ética e à política, mas não à ética do mercado ou à política desta ética. O de que precisamos é a capacidade de ir mais além de comportamentos esperados, é contar com a curiosidade crítica do sujeito sem a qual a invenção e a reinvenção das coisas se dificultam. O de que necessitamos é o desafio à capacidade criadora e à curiosidade que nos caracterizam como seres humanos e não deixá-las entregues ou quase entregues a si mesmas. (FREIRE, 2014, p. 143-144).

Capítulo 5

DESVENDANDO A PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa empírica foi realizada por meio de um pequeno questionário, observações de campo, análise de sites e de documentos, além das entrevistas. Os dados obtidos através dos questionários foram sistematizados e apresentados no capítulo 2, que trata sobre o percurso metodológico, juntamente com parte das pesquisas documentais. Os dados que são trazidos para este capítulo 5, foram formulados principalmente a partir das observações de campo, das pesquisas documentais e das entrevistas realizadas com os sujeitos envolvidos nesta investigação.

5.1 Observações de campo e pesquisa documental

Para a pesquisa empírica, com o estudo bibliográfico, as entrevistas, a pesquisa documental, a aplicação de questionários e a realização de observações na primeira escola visitada, foram necessários alguns contatos prévios, que antecederam a chegada de fato na sala de aula. No caso do CEBMFS, o primeiro contato com a instituição foi feito pelo orientador da investigação, através de email, com a coordenadora pedagógica da escola, solicitando a anuência para um trabalho investigativo na escola. A coordenadora abriu essa possibilidade e foi marcado um encontro com o pesquisador para duas semanas depois, pois ela estaria viajando nos dias seguintes ao primeiro contato por email. Estive pessoalmente com a ela, expliquei a proposta de investigação naquela escola, que foi prontamente autorizada e marcada para dar início ao contato em sala de aula três dias depois.

O trabalho de campo no CEBMFS, em sala de aula começou em uma sexta-feira, no turno da noite, período em que funciona a EJA naquela instituição, que está localizada na Regional Centro Sul da cidade de Belo Horizonte. Cheguei no começo do turno e conversei rapidamente com a Tânia, que trabalha no apoio da coordenação às professoras, já que à noite não tem uma coordenação própria. A coordenadora Débora é quem coordena toda a escola. Além de Tânia tem o Diego, a quem fui apresentado mas não conversamos. Não o vi depois desse momento. A

seguir, durante o acompanhamento na aula, Tânia foi à sala algumas vezes e teve mais alguns contatos com ela.

A aula havia se iniciado há dez minutos, quando fui apresentado aos educandos da EJA do CEBMFS, que são da sala de aula em que trabalha a professora Maria ¹²². Naquele momento inicial da aula, a professora estava escrevendo no quadro e havia quatro educandos na sala: Telma, Eustáquio, José Eustáquio e Tábata. Depois, aos poucos, chegaram João, Dona Zica e Marta.

No CEBMFS são duas turmas de EJA: a que a professora Maria trabalha o processo inicial de alfabetização, como se fossem os dois primeiros anos do Ensino Fundamental (1º e 2º); a outra é da professora Diana, trabalha a consolidação do processo de alfabetização, como nos três anos seguintes do Ensino fundamental (3º ao 5º). Na sala de aula há um projetor de imagem e duas caixas de som, afixados ao teto, uma, um computador trancado no armário sob a mesa da professora e um monitor de vídeo sobre essa mesa. Eles não foram usados nessa aula.

Nessa noite, os educandos e educandas presentes na EJA do CEBMFS eram, em sua maioria, residentes de um aglomerado em um bairro próximo, a turma era formada por negros, trabalhadores, metade de homens e metade de mulheres, com idades aparentes acima de 45 anos, com a presença de algumas pessoas idosas na turma.

Durante a aula no CEBMFS, eu procurava ficar atento às falas dos educandos, principalmente àquelas ligadas a questões tecnológicas do cotidiano deles. José Eustáquio falou que ele havia se esquecido de “*carregar o cartão*” de passagens de ônibus do meio passe estudantil. João falou que, no local onde estava durante o dia, o sinal de telefone celular está ruim ou cortado, como se tivessem bloqueado o sinal. Disse que era um local em que tem muitas possibilidades de pouso de helicópteros. Às 20:30 horas o celular de Tábata toca, ela pega o celular e atende alguém de sua casa, mesmo sem sair da sala de aula. Ela conversa normalmente ao celular, enquanto a professora estava corrigindo a atividade no quadro com a turma. Tábata fala ao telefone para que a pessoa de sua casa use o forno de microondas, pois não daria tempo de saírem de casa para comerem quando ela chegasse.

¹²² Eu já havia feito um contato informal com a professora Maria, três semanas antes, na FaE/UFMG, quando falei da intenção de investigar sua turma, por indicação de Letícia, que já foi coordenadora da EJA no CEBMFS.

O uso do telefone celular não tem proibição na EJA do CEBMFS, pois a escola considera que muitos dos educandos, enquanto estão na aula, deixam em casa filhos pequenos, idosos e familiares que podem necessitar cuidados médicos. Mas alerta para o bom senso na sua utilização, como deixar o aparelho no modo silencioso ou de vibrar e que o atendimento às ligações seja fora da sala de aula, para que o som não desconcentre a aula.

Depois que as aulas acabaram naquela primeira noite em que estive no CEBMFS, a professora Maria conversou comigo por alguns minutos, me falou sobre a escola e me passou alguns materiais escritos. Combinamos o meu retorno alguns dias depois para fazer uma entrevista semiestruturada com ela e outra com a educanda Tábata e que veio a serem efetivadas.

Entre os materiais que recebi da professora, havia um panfleto de propaganda da EJA, de dezembro de 2013, e um Guia do Estudante, de 2015. Com esse material, além da conversa que tive com a professora Maria, pude conhecer um pouco mais sobre o CEBMFS de Belo Horizonte e o Curso Noturno Bom Jesus, que trabalha com a EJA. Esse colégio faz parte de uma rede de colégios católicos e tem 88 anos de existência, conforme a apresentação feita no percurso metodológico.

Após as entrevistas, retornei mais uma vez ao CEBMFS para realizar novas observações e conhecer uma das atividades extraclasse, que são as aulas de Informática, em que os educandos podem participar como uma complementação da carga horária. Essas aulas são opcionais e ofertadas gratuitamente, assim como todo o Curso Bom Jesus, em que funciona a EJA da escola. Elas começam uma hora antes do início das aulas regulares, portanto de 17:30 às 18:30 horas, sempre às segundas-feiras, no Laboratório de Informática do colégio. Quem estava orientando a aula de Informática era a Eliana, que é formada em Sistema de Informação¹²³. Ela trabalha de manhã e à tarde. Na segunda-feira ela chega mais tarde, para poder ficar até esse horário e atender aos educandos da EJA nas aulas de informática. As de música acontecem na quinta-feira, também opcional e no mesmo horário. Para esta investigação, acompanhei apenas a aula de informática, já que ela está no campo do uso das tecnologias digitais na EJA.

O Laboratório de Informática do CEBMFS fica em uma sala ampla. Tem 20 equipamentos para o uso de estudantes, mais outros 2 pra a instrutora e sua

¹²³ Geralmente, Sistema de Informação é um curso de bacharelado para administrar informações que circulam nas redes de computadores de alguma organização ou empresa.

coordenadora, que não estava nessa aula. A marca da CPU é Dell, modelo Optiplex 3020, o monitor de vídeo também é da marca Dell, que fica sobre a CPU, que é bem pequena. Também há uma boa e grande impressora na sala.

A primeira educanda chegou 17:35 horas para a aula de Informática do CEBMFS e foi direto ao uso do Facebook. Ela é uma das educandas da turma da professora Diana, que trabalha a consolidação do processo de alfabetização. Após cinco minutos, chega Tábata, a educanda que entrevistei na semana anterior, que é da turma professora Maria. Tábata conversa com a colega e pergunta como faz pra acessar a internet, mas a Eliana chega para ajudar. Tábata pediu pra acessar os jogos que acha interessante, mas também se interessou pelo vídeo que viu no computador da educanda ao lado dela. Então, pede para Eliana colocar o vídeo do cantor Amado Batista e logo depois solicita novamente os jogos de sua preferência, um quebra-cabeça que ela gosta de jogar em casa. A colega ao lado, mostra algumas fotos do seu Facebook à Tábata, depois foi ao site Youtube para ver e ouvir vídeos, com o uso de fones de ouvido. Enquanto isso, Tábata aguarda a ajuda de Eliana para colocar na tela os jogos.

No atendimento à educanda Tábata, Eliana digitou no site de busca Google para ela sobre jogos de folclore, tema trabalhado em sala de aula, ao invés do jogo da preferência e de costume de Tábata, que imediatamente pediu o outro, que ela tem o hábito de jogar, mas que não lembrava o nome. Então, ela pegou da sua mochila um papel com o nome do jogo, mostrou à Eliana e falou que precisaria do papel de volta para ela jogar à noite em casa, depois da aula. Comenta que gosta muito dele e que até se esquece das horas e perde o sono, já que é quando ela chega em casa é que vai jogar e acaba passando do horário pra dormir. Mais uma vez, Tábata pediu à Eliana que colocasse esse jogo. Nesse momento, às 17:50 horas, chegou outro estudante da turma da professora Diana, chamado Jonas, que tem certa dificuldade de locomoção. Estes três foram os únicos educandos que chegaram pra aula de Informática nesse dia.

Tábata perguntou à Eliana qual era o jogo de folclore que ela queria que a educanda jogasse. Então, Eliana respondeu que colocaria um pouco o jogo sobre o folclore e que, depois, acessaria o jogo que a Tábata gostava, o que foi aceito. Eliana colocou para as duas educandas um jogo de caça palavras, relacionadas ao

tema folclore, de um site¹²⁴ da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Em uma segunda aba colocou o vídeo do Amado Batista, no site do Youtube, com fone de ouvido para Tábata ouvi-lo. Então, ela ficou ouvindo o som do vídeo e fazendo as atividades propostas sobre o folclore. Tábata marcava no jogo as palavras caçadas, que foram encontradas nessa ordem: mula-sem-cabeça, lobisomem, boitatá, boiúna, onça-boi, anhangá. Quando ela clicava nas palavras, surgia na tela uma história explicando a sua lenda. Tábata falou que história deles era legal, só não gostava do som do jogo quando achava as palavras, pois ela se assustou algumas vezes e a atrapalhava a ouvir a música, já que estava com o fone no ouvido.

Enquanto isso, ao lado direito dela, o educando Jonas fazia uma pesquisa sobre o Rio São Francisco, a pedido da professora dele. Do seu lado esquerdo, a outra educanda navegou para o site do Facebook novamente. Eliana colocou outro jogo da memória igual para as duas educandas. Para mudar de jogo ou voltar para fase anterior, Tábata ficava dependendo da Eliana. Ela sempre pedia ajuda e também pediu para explicar como voltar para jogar de novo. Logo depois, ela já fez isso sozinha e conseguiu voltar ao menu de jogos para escolher outro jogo. Mas ainda pedia que Eliana a indicasse qual jogo ela deveria jogar, faltava-lhe autonomia. Foi indicado outro jogo da memória, ainda com tema sobre o folclore. Aliás, todas as atividades dessa noite que Eliana indicou foram sobre o folclore, que estavam todas no mesmo site. O jogo da memória tinha, no verso suas figurinhas, um tema infantil. As figuras que precisavam ser memorizadas em dupla eram com desenhos sobre lendas folclóricas. Tábata percebeu que as cartas do jogo de memória mudavam de posição, sempre que ela terminava e reiniciava com novas cartas. Ela logo se cansou do jogo e pediu para trocar, mas Eliana demorou um pouco e ela jogou novamente. Quando terminou de achar todos os pares, ela desistiu do jogo e voltou sozinha para a página do menu anterior, conseguindo escolher sem ajuda outro jogo, já que a Eliana estava ocupada com o Jonas e ela não queria mais jogar. Tábata conseguiu localizar a seta de retorno, clicou nela e voltou para escolher outro jogo. Então, comentou que dá pra escolher outro jogo e comemorou toda feliz, porque fez isso sozinha. Falou com a Eliana que tinha feito sozinha. Porém, ela havia voltado para o primeiro jogo da memória da aula. Eliana

¹²⁴ http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/obino/cruzadas1/folclore/inicial_folclore.html

foi ajudá-la a colocar em outro jogo e ela aceitou, sem antes ressaltar que o mais importante é que ela voltou e achou o jogo sozinha. Eliana escolheu para ela outro jogo, para colorir figuras alusivas ao folclore, como Curupira, Saci-Pererê, mula-sem-cabeça, além de uma lua, árvores e o céu. Tábata ficou feliz com o colorido do seu desenho. Ela ficou experimentando diversas cores para o céu e a Lua. A seguir, voltou sozinha ao menu e escolheu novamente o primeiro jogo de caça palavras, mas recusou quando percebeu que era o mesmo. Então, ela pediu à Eliana um de cruzadinha, mas não tinha jogo de cruzadinha, já que o link que havia no site, escrito cruzadinha, não levava ao jogo, pois estava com problemas. Eliana colocou em um jogo de perguntas, com três alternativas para respostas sobre o folclore. Tábata lia, respondia e acertava quase todas as respostas da primeira tentativa.

A colega, ao lado esquerdo de Tábata, voltou para o Facebook. O aluno Jonas, à sua direita, preenchia um formulário com palavras de outro jogo. Tábata disse que não sabia a resposta sobre caipora e que iria chutar a resposta. Ela chutou e acertou. O tempo da aula de Informática acabou, pois já eram às 18:30 horas. Tábata perguntou como fechar a tela para encerrar e desligar o computador. Eliana foi a ela e a ensinou. Os outros dois colegas conseguiram desligar sozinhos.

Ao terminar a aula eu perguntei então à Eliana e à Tábata qual é o jogo que ela queria no início da aula e que ela tem o hábito de jogar em casa. Tábata pegou o papel que estava em sua bolsa, em que estava escrito o nome do jogo e me mostrou. Eliana também veio me mostrar o jogo, que se chama Mahjong. Ele é um jogo e quebra cabeça, que trabalha com estratégias e desafios, que utiliza figuras da antiga tradição chinesa e o jogador precisa encontrar peças iguais, dispostas umas sobre outras. Ao clicar sobre elas, que ficam uma sobreposta a outras, exige que se escolham as figuras em uma ordem certa, para se montar a estratégia de eliminar todas as peças em um tempo determinado. O jogo é interessante, pois trabalha com raciocínio lógico e as estratégias para chegar até o final no menor tempo. Porém, eles não trabalham diretamente com a questão da alfabetização, como Tábata havia me falado durante a entrevista.

Figura 42: Jogo Mahjong.



Fonte: Adaptado de MAHJONG (2014?)¹²⁵.

Essa foi minha última ida ao CEBMFS, já que tinha me comprometido com outras escolas para dar continuidade ao trabalho empírico para este estudo de caso. Além disso, durante as observações que fiz, percebi que no CEBMFS eu não conseguiria muitas oportunidades de pesquisa sobre o uso das tecnologias digitais pelos educandos, devido à fase inicial de alfabetização e letramento em que se encontravam e o pouco uso das tecnologias digitais que é feito por esses sujeitos.

A segunda escola em que tive a oportunidade de pesquisar empiricamente foi o CPRNF, cerca de 15 dias após o término dos trabalhos no CEBMFS. Foi também o período em que comecei as investigações de campo na EFALO e na EMAVP. Assim, fui intercalando a agenda de visitas entre as outras três escolas.

O CPRNF funciona com duas aulas geminadas de cinquenta minutos, um intervalo de dez minutos, mais duas aulas geminadas de cinquenta minutos, cada. Isso ocorre das 19:00 às 22:30 horas. São seis turmas do Ensino Fundamental e duas do Ensino Médio, totalizando oito turmas. Há uma turma para cada série do segundo segmento do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º anos) e outras duas turmas para os dois primeiros anos do Ensino Médio. Ainda não tem uma turma para o terceiro ano do Ensino Médio, pois esse nível de ensino só começou neste ano de 2016. A EJA no colégio começou no Ensino Fundamental em 2010. Os educandos mudam de série a cada semestre, quando aprovados.

No primeiro e segundo horários geminados da EJA do CPRNF, eu acompanhei uma turma do segundo período do Ensino Médio, em que todos os

¹²⁵ Figura disponível em: <<http://mahjong.eco.br/wp-content/uploads/2014/12/Jogo-Mahjong-Shanghai7-300x219.png>>. Acessado em: 15 Ago. 2017.

educandos têm mais de dezoito anos de idade. Já nos terceiro e quarto horários de aulas geminadas, eu acompanhei outra turma, equivalente ao 8º ano do Ensino Fundamental. Inicialmente, a intenção era de eu ir um dia para acompanhar uma turma no Ensino Médio e outro dia no Ensino Fundamental. Contudo, mesmo tendo sido recebido muito bem recebido na escola, eu sempre ouvia a fala de que minha investigação seria por pouco tempo, que minhas observações seriam rápidas. Então, eu achei melhor fazer em um tempo menor do que previa, devido ao funcionamento escola e também pra não causar nenhuma animosidade, já que eu não via muita disposição por parte da instituição para que eu pudesse estar acompanhando uma turma à noite inteira e voltar mais outras. São sutilezas que só conseguimos perceber pessoalmente, em campo. Por isso, achei melhor observar dessa forma, em menor tempo. Além disso, era uma visita inicial, para ver realmente como é o trabalho da escola e se ela seria de fato um foco da investigação. Se ela fosse objeto de estudo em potencial, eu precisaria retornar mais vezes, mais ambientado que a fase inicial e sem ter causado nesta fase qualquer animosidade. Esta foi a estratégia inicial adotada. Além disso, eu também estava iniciando o trabalho empírico na EFALO e na EMAVP, que demandaram muito mais tempo de imersão.

As aulas que observei nos primeiro e segundo horários do CPRNF foram de História, com a professora Carla. Ela estava numa sala diferente de onde ela costuma trabalhar habitualmente, pois ela precisava de um projetor de imagens para usar na aula o programa Power Point, da Microsoft, e trabalhar o conteúdo sobre a Idade Moderna. A sala em que ela trabalha não tem um projetor de imagens. Esta outra sala, para onde ela foi naquela noite, funcionava de dia com o Ensino Fundamental, sendo o primeiro ano pela manhã e o sétimo ano à tarde. A sala possui: o projetor de imagem, da marca Epson, que fica preso ao teto da sala; uma lousa digital, que não existe na sala onde ela trabalha à noite com a EJA; duas caixas de som, afixadas na parede, ao alto e na frente da sala, onde fica o quadro; um computador tipo desktop, com monitor de LCD, cujo acesso depende de senha; quatro ventiladores de teto. Pelo que observei, todas as salas de aula possuem quatro ventiladores de teto.

A mesa da professora fica na frente da sala e próxima ao quadro, sobre uma espécie de tablado feito de concreto, o piso fica em um nível mais alto, em relação aonde ficam as carteiras dos educandos, a parte mais baixa do piso da sala.

Portanto, para se usar a mesa ou acessar o quadro para escrever, a professora fica a um nível mais elevado do que ficam os estudantes, pois existe uma elevação física do local destinado ao professor nessa sala. Como o CPRNF é uma escola confessional, ligada à religião católica, essa disposição nos remete a um altar, em que os padres ficam numa posição mais elevada e de destaque para celebrarem as suas missas. No caso da escola, a pessoa seria o professor.

Quando eu cheguei nessa sala, a professora a professora Carla já estava lá na mesa, há alguns minutos. Ela foi para lá, antes da aula começar, para ligar e preparar o computador e o projetor de imagem. Ela trouxe no pen drive uma apresentação feita no programa Power Point, mas o arquivo não abriu no computador. Como ela chegou na sala com antecedência pra testar o equipamento e verificou o problema antecipadamente, ela acessou o seu email e conseguiu baixar outro arquivo de apresentação, também do programa Power Point, para trabalhar na aula. Ela teve dificuldades com a senha e a coordenadora do CPRNF precisou ajudá-la. Conseguiu logo a seguir, carregou o programa no computador, projetou na tela e aguardou os educandos entrarem em sala para iniciar a aula.

Quando a aula começou havia 25 educandos, 14 homens e 11 mulheres, sendo que 11 eram adultos e 14 era jovens. Como essa turma é do Ensino Médio, todos os educandos possuem mais de 18 anos de idade, uma exigência legal. Observei que todos na sala usam a camisa de uniforme escolar do CPRNF, pois uma das exigências da escola é que todos eles usem essa vestimenta.

Nesse momento inicial, a professora Carla me apresentou à turma e logo depois ela devolveu a eles algumas avaliações que haviam feito. Ela falou sobre o trabalho de recuperação paralela que os estudantes farão. Havia uma educanda novata, que se apresentou como aspirante. Como o CPRNF é uma escola confessional, a professora fez relações com algo ligado à igreja católica, mas nada muito bem definido. A seguir, ela fez a chamada e registrou algumas faltas. Depois disso, chegou mais dois educandos: um jovem e uma mulher adulta. A seguir, a professora começou a trabalhar com conteúdo de História relativo ao período da Idade Moderna, usando o projetor de imagens como apoio pedagógico. Em um determinado momento da aula, a professora ficou muito tempo com a imagem projetada, sem usar o mouse, a tela entrou em modo descanso e sumiu a imagem da tela projetada. Carla sentiu dificuldades em voltar com o programa, pois precisava

digitar a senha de novo. Ela perguntou se algum dos estudantes sabia como resolver o problema e eles falaram que ela precisaria da senha. Então, ela digitou a senha que havia memorizado anteriormente e deu certo. A professora voltou a usar o projetor e a imagem do programa.

Observei que a professora Carla não usa o tablado que a deixaria em um nível mais alto que os alunos, ela prefere explicar o conteúdo na parte mais baixa da sala, circulando entre os educandos. Ela sobe no tablado apenas clicar o mouse e mudar a página do programa projetado em tela. Um educando jovem sai da sala duas vezes, sendo que na segunda vez ele fala com a professora que precisava usar o celular. Ao fundo da sala, na última carteira, outro educando jovem usa o smartphone escondido atrás do corpo de outro educando que se senta à sua frente. Ele usa por poucos minutos, mas depois volta a usar várias vezes e volta aos olhos ao smartphone diversas vezes. Quase ao lado dele, uma educanda adulta tinha dois smartphones sobre a carteira e manipulava um aparelho mas vezes que o outro, mais ela utiliza os dois, rolando a tela com a ponta do dedo, fazendo isso também escondida atrás de outro educando que fica à sua frente. Inicialmente, ela usa por pouco tempo, mas depois volta a usar e os dois smartphones por diversas vezes durante a aula. Em alguns momentos ela usa ao mesmo tempo os dois smartphones que estão sobre a carteira, enquanto a aula transcorre com a professora explicando o conteúdo, mas com pouca atenção desta educanda.

O educando que havia saído da sala para atender o telefone manipula smartphone o tempo todo, mas não dá pra perceber se o equipamento está ligado. Parece que ele tem o hábito de ficar deslizando o dedo e o manipulando o smartphone, mesmo com ele desligado. Aparentemente a tela está bloqueada. Mais tarde, ao final da primeira aula, ele começa a usar o aparelho escondido. No segundo horário ele usa em vários momentos, ainda escondido debaixo da carteira.

Ainda no transcorrer da primeira aula, às 19:35 horas, a professora pede a alguém para ler o texto projetado em tela, mas ninguém se oferece. Nesse instante, chega um educando jovem e a professora pede que ele leia o texto e ele lê imediatamente a pedido dela. Um pouco depois, vaidosamente, ele usa o reflexo da tela do seu smartphone como espelho, para ver o seu próprio rosto.

Às 20:00 horas, chega um educando jovem. Outro jovem, sentado atrás de mim, também usava o smartphone frequentemente. A professora escreve no quadro

uma síntese do conteúdo. A educanda adulta, que usava dois smartphones ao mesmo tempo, muda de carteira se senta mais à frente, para copiar a matéria do quadro. Nesse momento ela esquece os smartphones e copia todo o resumo do quadro, mas que não prestou muita atenção na explicação, já que ficou manipulando os equipamentos. Ela nem observou muito a projeção em tela.

Dentre os educandos do CPRNF, havia alguns jovens que estavam utilizando o smartphone e que não copiaram nada. Alguns, nem prestaram muita atenção no que a professora explicou e optam por não copiar do quadro o conteúdo. Dois ficam de cabeça abaixada sobre a carteira. A professora chama atenção de quem não está copiando, mesmo assim eles não mudam de atitude. Contudo, alguns jovens copiam do quadro, além de todos os adultos que copiavam do quadro.

A aula termina e há um breve intervalo de dez minutos. Eu vou para sala dos professores do CPRNF, mas a professora que eu irei acompanhar depois do intervalo não vai até lá. Conversei rapidamente com os professores, que usam esse tempo para lancharem, beberem água e irem ao banheiro. Aproveito esse momento e combino com a coordenadora Beatriz para eu vir no dia seguinte para fazer as entrevistas com os educandos e com a professora Ana. E assim ficou assim marcado. Ao final do intervalo, a coordenadora me leva a sala onde eu acompanharei os dois próximos horários geminados, já que a professora não teve tempo de ir à sala dos professores.

Começam as terceira e quarta aulas, geminadas, de 20:50 às 22:30 horas. Nesse tempo eu observei uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental do CPRNF, na aula de Língua Portuguesa e de Literatura com a professora Adriana. Os educandos tinham a idade a partir de 16 anos.

A sala de aula do CPRNF tinha duas caixas de som na parede, na frente e ao alto do quadro, não tem projetor de imagens como havia na sala que eu fui anteriormente. Há quatro ventiladores no teto. Também tem um tablado de concreto, com a mesa do professor e o acesso ao quadro, que é usado pela professora, em um nível de altura superior ao piso em que ficam as carteiras dos educandos. No início da aula, a professora ficou na parte mais elevada, mas depois ela passou para a parte de baixo, onde ficam as carteiras dos educandos.

Nessa turma há treze 13 educandos nessa noite, 6 homens e 7 mulheres, sendo 6 adultos (1 homem e 5 mulheres) e 7 jovens (5 homens e 2 mulheres). Todos têm mais de 16 anos de idade e usam a camisa de uniforme do CPRNF.

Ao iniciar a aula, de sua mesa sobre o tablado, a professora do CPRNF me apresenta à turma. Depois, já na parte baixa da sala, fora do tablado, a professora Adriana devolveu e comentou uma avaliação de Língua Portuguesa, explicou como deveria ser feita a interpretação, caminhando entre as fileiras de carteiras e comentando a correção da prova e a forma que foi avaliada.

Ao fundo da sala do CPRNF, dois educandos ficam de cabeça abaixada sobre a carteira, há outro que usa o smartphone escondido atrás da mochila e sobre sua carteira. Tudo isso enquanto a professora corrigia a avaliação e explicavam no quadro. Quando ela começou a andar pela sala e observar, o educando guardou o aparelho mas não pegou o caderno, não copiou do quadro e não escreveu absolutamente nada. Os educandos que estavam de cabeça abaixada a levanta. Ao todo, ficam quatro jovens, ao fundo da sala, sem copiar do quadro. Todos os demais copiam. Às 21:50 horas, dois educandos homens, sendo um adulto e outro jovem, saem mais cedo da aula. A partir desse horário, alguns educandos começam sair um pouco mais cedo, pois há casos em que se têm problemas com o horário noturno de ônibus, podendo demorar muito ou até perder o último ônibus e não conseguir chegar em casa usando o transporte coletivo. Chegando ao final da aula, a professora pede que todos corrijam o que erraram na prova, com perguntas e respostas no caderno. Daqueles quatro educandos que não escreveram no caderno, um foi embora mais cedo para casa, às 21:50 horas. Outro, que usava o smartphone, foi embora às 22:00 horas. Os outros dois, ficaram até o final da aula. Porém, nenhum dos quatro escreveu ou corrigiu a prova. A professora mostra a nota de Literatura a cada estudante, individualmente, a partir dos registros que estavam no caderno dela, sobre uma carteira.

Antes que a aula se encerrasse, a educanda Cibele conversou comigo e disse que os educandos da turma têm um grupo de Whatsapp, que o marido dela frequenta uma disciplina na FaE da UFMG, em que eu faço o doutorado. Aproveito e a convido para fazer uma entrevista com ela, que aceita.

Observo que, ao final da aula, três rapazes e uma moça usavam seus smartphones. A aula se encerra às 22:30 horas.

Na saída da aula do CPRNF, ainda demorei cerca de 10 minutos dentro da escola para ir embora, pois eu saí conversando com a professora Adriana, que acompanhei sua aula neste último horário. Na saída da escola, havia uma funcionária ou professora da escola, que era uma pessoa de mais idade, sozinha na porta da escola, aguardando um carro com motorista do serviço de Uber¹²⁶ para buscá-la. Porém ela estava com dificuldade de acionar um automóvel por esse serviço e pediu à professora Adriana que ficasse com ela até a chegada do veículo, pois ela estava sem carro e naquele horário a rua já tinha pouco movimento. Como ela não estava conseguindo acionar o serviço de Uber, a professora disse que nunca tinha solicitado esse serviço pelo smartphone, mas que tentaria ajudar pelo smartphone dela. Ela também verificou que no aparelho da funcionária da escola havia um símbolo indicando que não tinha sinal de internet liberado e provavelmente por isso não estava conseguindo acessar o serviço. Talvez não houvesse créditos para usar a internet, mas não sabíamos se era isso mesmo. Depois de elas tentarem chamar um automóvel, por cerca de 15 minutos sem conseguir, eu também procurei ajudar e a professora Adriana, do próprio Smartphone dela, baixou o aplicativo do Uber. Ela chamou esse de transporte para a funcionária do CPRNF pelo aparelho dela mesma. Aguardamos até que chegasse o carro para levá-la para casa. Somente às 22:40 horas, após ela entrar no carro, fomos embora.

Na noite seguinte, eu fiz a terceira visita de campo para observações e entrevistas no CPRNF, de 18:30 às 21:20 horas, conforme eu e a coordenadora Beatriz havíamos marcado pessoalmente na minha ida à escola na noite de ontem. Nesse terceiro dia, além da observação, foi possível entrevistar uma professora, uma educanda e um educando. Assim que cheguei na escola, fui atendido pela coordenadora Beatriz e a supervisora Edna, que também é professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, além de supervisora do CPRNF. Como as aulas começam às 19:00 horas, fiquei na sala dos professores, conversei com eles e fiz observações. Falei da pesquisa para aqueles que ainda não sabiam dela. Durante as conversas, o Carlos, que é professor de História na EJA, me indicou outra escola, que fica no bairro Padre Eustáquio, para que eu tentasse investigar lá também. Ele me orientou a conversar com a coordenadora de lá e me disse que o

¹²⁶ Uber é um serviço similar ao taxi, porém o automóvel é solicitado por um aplicativo que precisa antes ser instalado no smartphone, com acesso à internet. O pagamento é cobrado por meio do próprio aplicativo, por cartão de crédito ou em dinheiro. O serviço está disponível em várias cidades brasileiras e em outros países. Veja mais em <<https://www.uber.com/pt-BR/?exp=hp-c>>.

acesso às tecnologias é muito mais facilitado aos professores aos educandos de lá. Eu cheguei a fazer contato posterior com a escola indicada, mas o tempo para assumir mais uma escola era difícil, pois já estavam previstas duas outras escolas para também iniciar o trabalho empírico de campo. Além disso, senti certa resistência com essa escola indicada pelo professor, com a exigência de um processo burocrático para a possibilidade de entrada na escola, o que nos fez desistir dessa possível nova escola.

Combinamos que eu faria uma entrevista no CPRNF logo depois que as aulas iniciassem, já no primeiro horário, com a educanda Cibele, do 8º ano do Ensino Fundamental, em alguma sala vazia. Depois, eu voltaria à sala dos professores no segundo horário, para fazer entrevista com a professora Ana, pois esse era o momento em que ela tinha um horário vago, entre uma aula e outra. Ela tem esse tempo disponível e fica na sala dos professores. Depois, viria o intervalo. A seguir, seria o terceiro horário e eu entrevistaria o educando Leonardo, que é do 1º ano do Ensino Médio, na mesma sala vazia que eu entrevistaria a Cibele. O planejamento deu certo e, naquela noite, eu consegui fazer as três entrevistas.

No primeiro horário, logo após as 19:00 horas, fui para uma sala de aula que não era usada na EJA, que era igual que observei ontem na aula de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental. Logo depois, chegou a educanda Cibele e eu realizei a entrevista, que durou cerca de 30 minutos. No segundo horário, eu já estava na sala dos professores a guardava para a segunda entrevista da noite, que foi realizada com a professora Ana, que trabalha com Língua Portuguesa no Ensino Médio. Esta segunda entrevista também durou cerca de 30 minutos.

No horário do intervalo, que são de dez minutos, fiquei na sala dos professores conversando com eles e conhecendo um pouco mais sobre o trabalho deles e o funcionamento da EJA no CPRNF, conversei sobre a escola e a EJA com uma das irmãs, que é da direção da escola. Ela me falou que a EJA funciona lá desde 2010. Antes, tinha um projeto alternativo que usava as dependências da escola para a EJA, mas que não era ligado diretamente à escola. A partir de 2010, o CPRNF assumiu a EJA enquanto modalidade de ensino. A escola mantém um livro de capa dura, do tipo ata, com o nome de todos os educandos e educandas que se já matricularam na EJA do colégio desde 2010, que ela me mostrou. Observei que ela o guarda com bastante apreço. Ela também me explicou que o CPRNF, mesmo

sendo muito próximo a uma igreja que tem nome de uma santa, que é também o mesmo nome não fictício da escola, não tem nenhuma ligação entre ambas, é apenas uma coincidência. O CPRNF pertence a uma congregação com o nome masculino de um santo, enquanto a escola tem o nome feminino de uma santa. Nesse breve intervalo de dez minutos deu para se conhecer um pouco mais da EJA na instituição.

Logo a seguir, às 20:50 horas, começou o horário da terceira aula da noite e eu me dirigi à sala em que eu estava fazendo as entrevistas com os educandos. Consegui realizar a entrevista com o educando Leonardo, com duração em torno de 30 minutos. Por volta das 21:30 horas eu já havia terminado as três entrevistas da noite e fui embora. Esta foi minha última ida à ao CPRNF.

Nesse mesmo período que acompanhei o CPRNF também iniciei o acompanhamento da EFALO, da qual passo a relatar agora as observações feitas. A imersão em campo das duas escolas se iniciaram na mesma semana. Como eu permaneci por muito mais tempo na EFALO e na EMAVP, do que na CPRNF, os dados empíricos colhidos nessas duas escolas públicas são bem maiores. O período em que acompanhei o EFALO e a EMAVP durou mais de 2 meses. Trarei agora as observações da EFALO e depois da EMAVP.

Antes de iniciar a pesquisa empírica de campo na EFALO foi necessário acessar o site da instituição, ler as orientações que dão as condições para a investigação preencher um formulário online. Após esse processo, foi necessário aguardar a anuência da escola. Para tentar agilizar esse processo, também fiz contato com uma das coordenadoras da EJA da EFALO, que me foi indicada por outra pesquisadora que trabalha na instituição e é orientada pelo mesmo orientador que eu. Por meio desse contato, marcamos para que eu pudesse falar sobre a proposta de trabalho investigativo.

A EJA na EFALO funciona à noite. Contudo, a primeira visita de campo foi no turno da manhã, com Rosângela, que coordena um grupo de bolsistas e estudantes da UFMG, que são professores na EJA da EFALO. Nesse dia apresentei a ela a proposta de trabalho para a pesquisa do doutorado que faço. Como eu já havia feito o pedido pela internet para realizar a pesquisa e ainda não havia recebido a resposta, ela conversou com a pessoa responsável para autorizar a pesquisa na escola. Inicialmente, esta pessoa disse que ainda não tinha a resposta. Mas a professora

Rosângela falou que eu poderia voltar quatro dias depois, uma sexta-feira à noite, para explicar sobre a proposta de pesquisa aos monitores que dão aula na EFALO, enquanto aguardamos a expedição da autorização. De toda forma, naquele mesmo, o núcleo de assessoramento à pesquisa da escola havia dado parecer aprovando a investigação na instituição, com a assinatura e expedição do documento quatro dias depois, quando fui conhecer os professores. Eu recebi o documento dando anuência à investigação por email, uma semana depois.

A segunda visita de campo na foi na sexta-feira seguinte, conforme havíamos combinado. Cheguei às 18:00 horas e me encontrei com a coordenadora pedagógica Rosângela e o grupo de professores da EJA da EFALO, que são bolsistas e estudantes de diversos cursos de Graduação da UFMG, coordenados pela Rosângela. Quando cheguei, eles já estavam reunidos. Eu me apresentei ao grupo e falei da proposta de trabalho para a pesquisa do doutorado. Aquele coletivo de professores e professora era formado por uma maioria de mulheres.

Em 2016, quando fiz a pesquisa empírica na EJA da EFALO, havia 27 bolsas de extensão universitária, que estavam divididas entre estudantes da Graduação da UFMG da seguinte forma: 2 de Pedagogia, 4 de Língua Portuguesa, 4 de Matemática, 3 de Geografia, 3 de História, 3 de Ciências Biológicas, 1 de Artes Visuais, 1 de Educação Física, 2 de Língua Estrangeira em Espanhol, sendo todas essas bolsas para estudantes dos cursos de Licenciatura; 2 para Secretaria, 1 para Biblioteca e 1 para Informática¹²⁷, que não precisam ser dos cursos de Licenciatura e admite-se de qualquer curso, como os de bacharelado por exemplo.

A professora Amália fez uma breve apresentação sobre como é o trabalho que eles desenvolvem e como funciona a EJA da EFALO com esse coletivo. Ela informou que eles trabalham com duas turmas de educandos, uma tem 5 e a outra tem 9 educandos. O horário é de 18:00 às 21:00 horas, para a turma de 5 educandos, que chamarei de Turma A, e de 19:00 às 22:00 horas para outra turma, com 9 educandos, que chamarei de Turma B. Eles têm dois grupos de Whatsapp, um para cada turma, em que se comunicam com os educandos. Nesses grupos, fazem parte tanto educandos quanto educadores. Também há outro grupo que é só dos professores e a coordenadora. Contudo, há dois educandos que não usam os grupos de Whatsapp:

¹²⁷ Em 2016, esse bolsista atuou apenas no empréstimo de materiais para os professores-monitores. Em anos anteriores aconteceram oficinas de informática para os estudantes, na sala de informática, ao lado da biblioteca, antes do horário das aulas.

um tem acesso ao Whatsapp mas não está no grupo por opção; outro não tem Whatsapp por opção própria. Os educandos são concluintes do Ensino Fundamental.

Ao final da nossa conversa, marcamos para eu retornar à escola pra fazer observação e conhecer as duas turmas, na terça-feira e na quinta-feira semana seguinte, nos horários de 18:00 às 21:00 horas e de 19:00 às 22:00 horas, respectivamente.

Na terceira ida à EFALO, no horário de 18:00 às 21:00 horas, as observações se deram na sala de aula, com uma das turmas da EJA, que chamo de A e era formada por educandos em fase de conclusão do Ensino Fundamental. O primeiro horário de aulas foi 18:00 às 19:00 horas, o segundo de 19:00 às 20:00 horas e o terceiro de 20:00 às 21:00 horas.

O primeiro horário de aula na EJA da EFALO foi de Geografia, com a professora Amália. Observei que a sala tem um projetor de imagem, que fica preso ao teto da sala, além de duas caixas de som no alto da parede, acima do quadro. Os equipamentos não foram usados durante a aula. A turma estava com quatro educandas: Noêmia, Nilza, Nanci e Geralda. Elas informaram que outro educando, o Tomás, faltou pelo segundo dia nessa semana. Foi perguntado pela professora se alguém sabia por que ele tem faltado, se ele tem acesso ao Whatsapp ou se alguém ligou pra ele e teria notícias sobre o que estava acontecendo, mas ninguém informar. O professor de matemática, Edilson, no segundo horário, também percebeu a falta do educando Tomás e perguntou por ele.

Ainda no primeiro horário, bem no início da aula e antes de começar as atividades, a professora Amália perguntou à educanda Nanci se ela lembrava do seu nome, que respondeu que sim. A professora Amália falou que outro dia a professora de Educação Física ficou triste porque algum educando não lembrou o nome dela. Então, Amália comentou que as pessoas que têm outras pessoas como amigas no Facebook têm mais facilidade de lembrar o nome delas, já que conseguem associar o nome às imagens das fotos do Facebook. Entre as educandas que estavam nesse momento, Nilza falou que não tem Facebook, Noêmia falou que tem mas quase não usa, enquanto a Nanci falou que usa e é muito bom. Geralda não se manifestou a respeito. Nanci narrou que encontrou um tio, irmão de sua mãe, que já não via há uns 50 anos. Isso foi muito útil para a mãe dela, que tem 88 anos de idade. A seguir, com

o uso do smartphone, a educanda Nanci mostrou à professora a foto do tio, que está postada no Facebook.

A professora Amália iniciou com o conteúdo previsto para aquela aula, por meio do uso de uma apostila de Geografia. Eles retomaram o trabalho da semana anterior. A professora perguntou quem conseguia lembrar, recuperando da memória e a educanda Geralda fez isso. A professora retoma as questões trabalhadas e começa a leitura dos pontos da aula de hoje. Ela vai explicando o texto e fala sobre o conceito de nação, já que na semana anterior eles trataram sobre País e Estado. A leitura era revezada com as educandas e elas comentaram sobre diferentes nações, regiões e culturas pelo mundo afora, inclusive em lugares em que as pessoas vivem mas não têm uma nação como referência. Nanci comentou que aceitou o convite de um muçulmano para fazer amizade no Facebook. Ele vive no Egito e que segue o Islã. Nanci falou que conversa com ele por mensagens conhece a família dele, inclusive os filhos, através de imagens. Ela fala da religião dele, que segundo ela não crê em Jesus, mas em Maomé. Depois, Nanci falou também que aceitou o convite de outra pessoa, que ela havia pensando que era o filho de uma amiga dela da igreja, que canta com ela no coral. Essa outra pessoa que conheceu é outro homem, que disse que mora na Inglaterra e pediu o endereço dela, pois falou que viria naquele mês para o Brasil. Então, ela forneceu a ele o endereço da Polícia Federal. Ela relatou que esse homem já fez amizade pelo Facebook com várias mulheres que são amigas dela nessa rede social e, por essa razão, ela está preocupada.

A primeira aula terminou às 19:00 horas e começou a segunda, com o conteúdo de Matemática. O professor Edilson chegou acompanhado de uma observadora à sua aula, a Neila. O assunto trabalhado na aula foi sobre triângulos retângulos e o Teorema de Pitágoras. Edilson acompanhava educanda por educanda, de mesa em mesa, explicando os dois exercícios que ele havia passado na aula passada e que elas não conseguiram fazer, pois ainda sentem dificuldade. Nanci comentou em voz baixa com a Noêmia que vai tentar aprender usando a internet. Mais tarde, Nanci usa um tablet, depois ela saiu para atender ou fazer uma ligação telefônica. A segunda aula terminou às 20:00 horas.

Na passagem do segundo para o terceiro horário, há um breve intervalo, de cerca de cinco minutos, para todos possam beber água, irem ao banheiro ou fazerem alguma ligação telefônica.

O terceiro e último horário começou às 20:05 horas, com História. A professora é a Ada. Ela fala sobre um recado que havia passado para turma pelo aplicativo Whatsapp e que iria esclarecer melhor no início da aula. Enquanto isso, ela montava outro projetor de imagem que trouxe para a aula, já que ela optou por não usar o equipamento que fica no teto da sala. Durante a instalação do projetor, interligado a um computador, ela ia explicando sobre as informações passadas a eles pelo Whatsapp. Depois, ela foi para o quadro para escrever e lembrar dos avisos daquela semana, já que na aula do dia seguinte eles irão à Praça da Liberdade e ao museu da Fundação Cultural Banco do Brasil, apreciar uma exposição de Mondrian¹²⁸. Elas marcaram de se encontrarem às 18:30 horas, no coreto da Praça da Liberdade, oportunizando conhecerem a praça. Depois das atividades no museu, todos estarão liberados. A educanda Geralda demonstrou preocupação em chegar lá, pois não sabe onde poderia pegar um transporte coletivo, já que ela estará no Centro de Belo Horizonte, próximo à Praça da Rodoviária¹²⁹. Então, a professora Ada ficou de descobrir qual ônibus passa por aquela região, que fica no início da Avenida Afonso Pena e que pode deixá-la próxima à Praça da Liberdade. Ada disse que faria essa pesquisa e colocaria a informação no grupo do Whatsapp da turma, para que a educanda pudesse ir direto. As demais educandas não apresentaram dificuldades, inclusive pretendiam marcar um local para se encontrarem e irem juntas à Praça da Liberdade. A professora Ada falou que elas estão estudando sobre Belo Horizonte e pretendia trabalhar na aula hoje informações a respeito da Praça da Liberdade. Em outro lembrete, Ada falou sobre uma atividade de campo que farão na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, dois meses depois. Todos ficarão hospedados em um hotel e os educandos pagariam a metade da hospedagem. Outra atividade de campo que eles pretendiam fazer seria uma visita à Orla da Lagoa da Pampulha, se a EFALO conseguisse algum ônibus, a previsão seria para aquele mês.

Terminados os avisos, a professora Ada pergunta à turma se eles recordam sobre o que eles haviam estudado na última aula, para então retornar aos conteúdos da aula daquela noite. As educandas não se lembravam bem. A professora os ajuda a

¹²⁸ Mondrian e o movimento de STIJL é uma mostra “que apresenta pinturas, desenhos de arquitetura, maquetes, mobiliário, documentários, publicações de época e fotografias de artistas do movimento da vanguarda moderna holandesa, conhecido como De Stijl (O Estilo), iniciado como revista em 1917 e que teve como ícone o pintor Piet Mondrian.” Fonte: <<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/mondrian-e-o-movimento-de-stijl-3/>>. Acessado em 23 Set. 2016.

¹²⁹ Praça Rio Branco.

lembrar, fala que estudaram a partir de um vídeo que ela havia passado na aula anterior, que é um trecho programa Terra de Minas, da Rede Globo de Televisão, que foi produzido especialmente para os 104 anos da fundação da cidade de Belo Horizonte. Então ela retoma a história a partir do ano de 1889, período em que a República propiciou uma forma de governo para a época, em que se buscava um novo ar de modernidade para fundar e construir a nova Capital de Minas Gerais. A aula transcorre com a professora passando o vídeo e explicando aos educandos o que se passava na época. Isso foi até as 21:00 horas, no momento em que acabou a aula na EJA da EFALO daquela noite e os estudantes foram liberados para saírem.

A quarta ida à EJA da EFALO foi dois dias depois, conforme havíamos combinado, para acompanhar a outra turma, cujo horário de aulas era de 19:00 às 22:00 horas. Eu cheguei 30 minutos mais cedo para observar os momentos de chegada dos educandos e a circulação na escola, próximo às salas de aula das duas turmas que eu começava a investigar. Entre 18:30 e 19:00 horas, pude observar os professores e os educandos chegando e entrando nas salas do corredor onde eu me encontrava, sentado em um banco de concreto em frente à Turma A, que eu havia observado dois dias antes. O primeiro a chegar na Turma B foi o educando Alberto, quando faltavam cerca de vinte minutos para iniciar as aulas. Ele fazia a leitura de um texto e percebi que ele tinha alguma dificuldade visual, pois colocava o papel muito próximo ao rosto e usava uma lupa. Depois, foram chegando outros educandos e entrando na sala, até o início da aula, que seria com a professora Amália, que estava na sala ao lado, com a Turma A. Fiquei do lado de fora da sala de aula, sentado no banco e observando o pátio, até 19:00 horas, momento em que terminou o primeiro horário de aula da Turma A. Então, a professora Amália, de Geografia, foi para Turma B e eu a acompanhei no início das aulas nessa noite, entrando junto com ela na turma.

No primeiro horário de aula da Turma B, da EJA da EFALO, com a professora Amália, só estavam quatro educandos presentes: Alice, Alberto, Luiz e Marilena. Mais tarde, também chegaram Irene, Moisés Sales¹³⁰ e Lucinha¹³¹. Irene e Moisés chegam às 19:10 horas e Lucinha, depois. A sala foi organizada em um semicírculo, para que todos pudessem se ver no debate. Eu fiquei mais atrás, atrás fora do semicírculo, fazendo a observação. Alberto, Luiz e Irene usam camisas de uniforme da universidade. Pude observar que esta sala de aula não tem nenhum equipamento

¹³⁰ Como se apresentou, com o sobrenome. Aqui com nome fictício.

¹³¹ Como era chamada, mas seu nome fictício seria Maria Lúcia.

eletrônico. O educandos Alberto, que chegou mais cedo à escola, usava uma lupa, que possui duas pequenas lâmpadas de led para iluminar o papel que contém o texto lido, para iluminar e lhe ajudar a enxergar melhor, devido à sua deficiência visual. Ele ganhou essa lupa de presente dos colegas da turma. Também usa aparelho auditivo nos dois ouvidos. Apresentei-me à turma e falei sobre a pesquisa que estava fazendo, a respeito do uso das tecnologias digitais na EJA. Moisés, em tom de brincadeira, falou: “Tecnologia? Precisamos de um ventilador, anota aí.” Aquele havia sido o dia mais dia mais quente do ano em Belo Horizonte¹³², mesmo no final do inverno. Estávamos a uma semana da entrada da primavera e meu smartphone marcava 33° Celsius, quando eram mais de 19:00 horas.

Durante a aula, os educandos revezavam a leitura da apostila. Ao discutirem sobre o termo xenofobia, Luiz observa que o texto também cita a aversão a objetos e ele abre uma discussão em relação às pessoas que se recusam a usar as tecnologias, como o celular e o smartphone. Ele indaga se isso seria uma forma de xenofobia. A aula do primeiro horário chega ao final e a professora indica aos educandos que assistam ao filme *Aquarius* e indica o Cine 104, no Centro de Belo Horizonte, que cobra ingressos a R\$4,00, mesmo aos finais de semana. A turma tentou marcar de ir juntos no final de semana. Luiz diz que não vai, pois irá para a roça. Irene fala que ele sempre vai para roça.

A aula acaba e tem um breve intervalo de cerca de cinco minutos para começar a segunda aula, momento em que os educandos aproveitam para saírem para beber água, ir ao banheiro e usar o celular. Algumas educandas pegam o smartphone e acessam a internet. Alice fala da notícia da morte do ator Domingos Montagner, da novela da Rede Globo de televisão. A morte ocorreu naquele dia, quando o ator mergulhava no Rio São Francisco¹³³. Irene e Lucinha olham algumas imagens, provavelmente do ator, de Lucinha fala que acha as imagens chocantes e que não gosta desse tipo de imagem.

¹³² “Pelo segundo dia, Belo Horizonte tem recorde de calor em 2016: Segundo Inmet, temperatura atingiu 35,1°C na capital mineira. Nesta quarta-feira, máxima registrada foi de 33,8°C. Pelo segundo dia consecutivo, o calor bateu recorde em Belo Horizonte. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), nesta quinta-feira (15), os termômetros chegaram a 35,1°C – maior temperatura do ano. Já a medição da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) apontou máxima de 34,9°C.” Fonte: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/09/pelo-segundo-dia-belo-horizonte-tem-recorde-de-calor-em-2016.html>>. Acessado em 23 Set. 2016.

¹³³ A novela se chamava *Velo Chico*, que conta um pouco da saga do rio e das pessoas que vivem às suas margens. O ator morre justamente nesse rio, gerando muitos comentários por todo o Brasil.

Começa o segundo horário de aula, que era de Matemática, com o professor Edilson. Eles começam conversando sobre a possibilidade de um tempo maior para intervalo, com cerca de 15 minutos, sem os dois intervalos de aproximadamente 5 minutos entre as aulas, sem chegarem a alguma definição. Durante a realização das atividades de Matemática, o professor Edilson passava de carteira em carteira, ajudando aos educandos na resolução dos exercícios. Alberto pega o smartphone e usa a calculadora, pois precisava saber o valor de uma raiz quadrada não exata para tentar solucionar um exercício. Irene usa rapidamente smartphone para ver algo e logo guarda o aparelho. Ao mesmo tempo, ouvíamos um violão e um grupo que cantava a música *Metamorfose Ambulante*, de Raul Seixas. Para saber o valor da raiz quadrada de 52, para resolver um exercício de Matemática, o professor encontra em sua calculadora o valor de 7,21 e escreve no quadro $\sqrt{52} = 7,21$, para que os educandos utilizem esse valor. Luiz pede ao professor que explique como ele chegou esse valor. Então, o professor explica passo a passo, escrevendo no quadro como se encontra o valor: $7 \times 7 = 49$; $8 \times 8 = 64$; $7,1 \times 7,1 = 50,51$; $7,2 \times 7,2 = 51,84$; $7,3 \times 7,3 = 53,29$; $7,21 \times 7,21 = 51,98$; $7,22 \times 7,22 = 52,13$. Para esses valores ele usou a calculadora. Moisés pede ao professor para que ele faça a conta no quadro, usando os números com vírgula. Então, o professor Edilson escreve no quadro, armando e resolvendo o algoritmo, explicando aos educandos. Alice reivindica que eles também pudessem usar a calculadora na sala de aula. Termina o segundo horário às 21:00 horas.

Começa o terceiro horário. Seria a aula de Espanhol, com a professora Sônia. Contudo, ela havia planejado outra atividade com os educandos para esse horário. Todos da turma mudaram de sala e fomos para uma sala grande, dois andares acima, chamada de sala de reuniões. Nesse local fizemos uma roda de conversa, em que participaram outros educandos de graduação da UFMG, que haviam sido convidados para essa atividade. Eles faziam graduação em Letras e em Ciências Sociais. A proposta foi apresentada aos educandos da EJA, para que falassem para os educandos da graduação e foi aceita. Cada um foi se apresentando. Um dos educandos, era do quinto período do curso de Ciências Sociais, trouxe o violão e falou que era músico. Provavelmente vinha dali a música que ouvíamos no segundo horário, na sala de aula. Uma das educandas da Graduação era do segundo período de Letras, ela é da mesma sala da professora Sônia. Outra visitante estudava Ciências Sociais e está no sétimo período. Havia mais outra que estuda Letras. Dois educandos

da graduação não se apresentaram, um estava sentado na roda e outra ficou filmando e fotografando com um smartphone. Depois, foi solicitado aos educandos da EJA que falassem um pouco sobre a vida deles, como foi até chegar onde estão hoje.

Os educandos da Turma B da EJA da EFALO começam a falar sobre a vida deles. O primeiro a falar foi o educando Luiz, que relatou já ter sido mecânico de automóveis, que sentiu a falta dos estudos mas tinha que cuidar da família não tinha tempo para estudar, além de sentir vergonha de voltar a estudar, pela idade que tinha quando adulto. Ele tinha 62 anos. Foi sua esposa quem o chamou para estudarem na EFALO e os dois vieram juntos voltar a estudar. Isso, só veio a ocorrer depois de terem criado os dois filhos. Ele conta que gosta de Educação Física e é faixa preta em jiu-jítsu. A educanda Zulmira é esposa de Luiz. Ela fala que a história dela é a mesma dele e não se estende.

O educando Moisés falou que relutava para voltar a estudar, principalmente nas escolas da periferia, em que ele considera que tem muita violência e bandidos em sala de aula. A esposa dele falou que tinha uma vaga na EFALO, ele veio, gostou e ficou.

O educando Alberto relatou que possui deficiência visual e enxerga apenas em 5% da capacidade. Falou que estudou através do supletivo no CESEC, mas que não se adaptou. Depois, ele veio para a EFALO e gostou, pois considera que já aprendeu muito nos dois anos e meio que estudava ali. Ele disse que gostaria de estudar Medicina ou Comunicação Social. Ele mora na cidade de Santa Luzia¹³⁴, ele vem e volta de ônibus todas as noites, sem acompanhante.

A educanda Alice fala que teve uma infância triste, entrou na escola com 14 anos de idade, sofreu bullying no primeiro dia de aula, saiu e não voltou mais. Foi mãe com 15 anos de idade. Aprendeu a ler sozinha, fazia o Telecurso de madrugada e tinha vergonha que soubessem que ela não sabia ler. A chefe dela a incentivou a voltar a estudar e ela retornou, na EJA do CEBMFS, que possui o curso de EJA na alfabetização somente até concluir os anos iniciais do Ensino Fundamental. Ela recorda que teve um ataque de pânico no primeiro dia de aula. Depois, conseguiu fazer amizades da escola e ficou sabendo da EJA na EFALO. Então, depois ela veio pra esta escola. Ressalta que hoje superou essa dificuldade em frequentar a escola, mas só depois que procurou e passou a ter um atendimento com um Psicólogo, que acompanha até hoje. Ela o procurou desde que voltou a estudar. Fala que tem boas

¹³⁴ Santa Luzia é um município da região Metropolitana de Belo Horizonte e faz divisa com a capital mineira.

relações com os seus patrões, que a apoiaram nessa volta. Ressalta que “– *Fazer EJA é muito legal!*”. Ela tem um filho de 18 anos de idade. Na escola, gosta dos professores, que os considera jovens mas que entendem os educandos e as suas necessidades. Destaca que gosta de culinária.

A educanda Irene se considera tímida. Quando era criança mudava muito de casa e de escola, quase que de três em três meses. Aos treze anos de idade parou de estudar e começou a trabalhar. Aos dezesseis anos ela foi mãe. Quando voltou para a escola foi em uma escola com EJA, mas avalia que havia muita bagunça. Sua mãe teve câncer e isso contribuiu para que ela abandonasse a escola novamente. Depois, ficou sabendo da EFALO, veio conhecer e gostou. Durante as últimas férias, Irene procurou os colegas através do grupo de Whatsapp, do qual eles fazem parte, mas ninguém queria saber de conversa nas férias. Considera que se daria bem se continuasse os estudos na Enfermagem, pois seria útil pra ela.

Depois, a educanda Alice fala que se considera uma ativista e que tem interesse em Psicologia e Ciências Sociais, descobriu hoje.

A educanda Lucinha se apresenta com esse nome e fala que se chama mesmo é Maria Lúcia. Ela tentou estudar quando criança mas fala que não dava certo e que tinha muitos conflitos com os pais. Casou-se com 18 anos de idade. Ela trabalha como mecânica de automóveis, tem interesse em mecânica e em meio ambiente.

A seguir, os educandos da graduação pediram que eu me apresente. Alguns pensaram que eu também fosse educando da EJA. Apresentei-me e falei sobre a pesquisa de Doutorado que fazia ali. O educando Luiz fala que já ouviu muito questionamento do porquê de ter voltado a estudar com essa idade mais avançada. Já a educanda Alice, conta que recebeu muitos incentivos para voltar a estudar. Seus patrões até compraram o seu material escolar.

O educando Alberto achava que não seria bem recebido, devido à sua deficiência visual. Contudo, se surpreendeu devido ao ótimo acolhimento que teve. Conta que até uma lupa ele ganhou dos colegas. Ressalta que para ler prefere a tinta ao braile. Relata que mora em Santa Luzia vem e volta de ônibus sozinho.

Ao final, o educando de Ciências Sociais que também se apresentou como músico, tocou violão e cantou a canção *Coração de Estudante*, de autoria de Milton Nascimento e de Wagner Tiso, para encerrar o encontro. Alice canta junto com ele. As aulas terminaram às 22:00 horas.

A quinta visita de campo na EFALO foi no horário de 18:00 às 19:00 horas, conforme eu havia marcado pelo Whatsapp com a coordenadora Rosângela. Ela não estava presente, mas havia me informado disso. Era uma sexta-feira, o dia da semana em que ocorrem os momentos de formação, planejamento coletivo e reunião bolsistas e professores da EJA da EFALO, junto com a coordenação. Porém, nesta noite a coordenadora não estava presente. O horário da reunião é de 17:00 às 21:00 horas. Eu fui à reunião para tratarmos da aplicação do primeiro questionário aos educandos das turmas A e B, além de outro questionário destinado aos professores que acompanhei as aulas na semana anterior. Quando cheguei, eles estavam reunidos para elaborar um banner para um evento que participarão em outubro, a Semana de Extensão¹³⁵. A reunião deles foi interrompida rapidamente para que eu pudesse conversar com o grupo e eles voltassem às suas atividades.

Na sala dos professores há uma mesa grande, ao centro, para reuniões; quinze cadeiras; um ventilador de teto, sobre o centro da mesa; uma estante com armários na parte de baixo e outros dois armários; dois microcomputadores com gabinete desktop e tela de LCD; também havia um notebook em que eles montavam o banner.

Aproveitei o momento que me concederam e apresentei ao grupo o questionário 1, que seria aplicado aos educandos, para que pudéssemos combinar o melhor dia e horário para isso. Combinamos que eu poderia aplicar em sala de aula nas aulas da próxima terça-feira, no primeiro horário de cada turma. Os questionários seriam aplicados às 18:30 horas, na Turma A, e às 19:30 horas, na Turma B, momentos em que os educandos já chegaram à aula. Isso ocorrerá nas aulas da professora Amália.

Entreguei o questionário 1 aos professores que acompanhei as aulas. Amália e Edilson preencheram e me devolveram logo a seguir. Ada e Sônia ficaram de

¹³⁵ A Semana do Conhecimento 2016 “é um evento realizado anualmente pela UFMG com participação de docentes, discentes, servidores técnico-administrativos em educação da instituição e, também, da comunidade externa. O evento tem como objetivo a construção de espaços de reflexão, o compartilhamento de experiências, a difusão, a troca de conhecimentos e a divulgação da produção acadêmica [...] com a temática ‘Cultivar Vidas: Ciência e Sociedade’ [...]acontecerá, no período de 17 a 21 de outubro, nos campi da UFMG em Belo Horizonte (Pampulha e Saúde) e Montes Claros. Durante o evento estudantes de graduação, pós-graduação e servidores técnico-administrativos em educação, apresentarão mais de 3000 trabalhos vinculados ao ensino, à pesquisa e à extensão. Esses trabalhos serão apresentados no âmbito de eventos tradicionais da UFMG: XXV Semana de Iniciação Científica, XX Semana de Graduação, XIX Encontro de Extensão, VI Seminário de Iniciação Científica Júnior/PRPq/COLTEC, VI Jornada de Apresentação do Conhecimento Produzido pelos Técnico-administrativos em Educação, II Congresso de Inovação e Metodologias de Ensino e II Mostra Virtual ‘Pesquisa e Extensão na Rede de Museus’”. Fonte: <<https://www.ufmg.br/semanadoconhecimento/apresentacao/>>. Acessado em 25 Set. 2016.

preencher depois para que eu possa pegar na terça-feira, quando voltarei para aplicar os questionários aos educandos. Apenas Ada me devolveu.

Permaneci na sala por mais um tempo para acompanhar o momento coletivo de planejamento do grupo de professores. Eles continuaram debatendo como fariam o banner. Duas pessoas faziam isso com o notebook, ouvindo as opiniões das outras que estavam sentadas ao redor da mesa. Outras duas estavam usando o computador, participando menos da discussão do banner, mas acompanhando as discussões. Percebi que estavam muito atarefados e com certo incômodo por não me darem atenção. Então, para não criar nenhum clima desconfortável e nem eu ficar em destaque, enquanto sujeito observador que pudesse desnaturalizar o momento coletivo do grupo e ainda causar algum desconforto aos futuros encontros, falei que não iria demorar. Eles saíram para um lance às 19:00 horas e eu aproveitei para agradecer a oportunidade de estar ali e me despedir, saindo logo a seguir.

A ida seguinte à EFALO, para observações de campo, no horário de 18:00 às 20:00 horas, conforme eu havia marcado com os professores, na semana anterior. Nessa noite eu tive a oportunidade de observar um pouco mais as aulas em cada turma e de aplicar alguns questionários aos educandos, para ajudar a traçar o perfil deles. As aulas que observei em cada turma foram de Geografia, com Amália.

Na Turma A da EJA da EFALO, estavam presentes o educando Tomás e as educandas Noêmia, Nilza e Geralda, já que Nanci havia faltado. Também havia uma observadora na sala. A professora Amália se utilizava de uma apostila enquanto apoio didático e fazia a revisão sobre o continente africano. Em determinado momento, a professora Amália perguntou se os educandos já viram o filme *Hotel Ruanda* e falaram que não. Ela também me perguntou e eu falei que sim. Ela falou aos educandos que irá passar outro filme para eles assistirem: "*Promessa de um mundo novo*". É um documentário que trata sobre o conflito entre Israel e Palestina. A seguir, a professora se utiliza de um mapa, que ela havia dependurado no quadro, para ilustrar o que eles estavam vendo no texto lido da apostila e comenta sobre acordos recentes sobre os conflitos na Síria e também na Colômbia com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Ela usa a série de televisão *Narcos* para ilustrar o conflito na Colômbia. O educando Tomás comenta bastante sobre o tema, pois ele assistiu no noticiário da televisão a respeito dos conflitos da proposta de acordo de paz entre a Colômbia e as FARC.

Ao final desta aula, quando faltavam cerca de 15 minutos, eu apliquei o questionário aos educandos da Turma A da EFALO, fazendo a leitura dos itens e explicando de forma coletiva sobre as opções de resposta. Todos os presentes preencheram e me entregaram o questionário. A primeira aula se encerrou às 19:00 horas. Os educandos aguardaram o outro professor que viria para o segundo horário.

A seguir, eu acompanhei a professora Amália para eu fazer mais observações, quando ela foi para a Turma B, já que às 19:00 horas seria o primeiro horário de aula deles. A Turma B tinha trocado de sala aula, pois o local em que eles estavam antes ficava em corredor de pouca ventilação, com a porta e as janelas de frente para uma parede, fazendo com que ela fosse muito quente e com pouca ventilação. Eles foram para outra sala, do outro lado do pátio, no mesmo corredor, com a porta virada para um pátio grande, bem mais ventilado. Essa sala também tem um ventilador na parede, no alto e acima do quadro, mas ele não foi ligado. Talvez porque nessa noite não estava muito calor e a sala era bem ventilada, mas havia muitos pernilongos. Nesta nova sala tem um banheiro. Durante o dia, funciona nela uma turma de crianças do terceiro ano B, dos anos iniciais Ensino Fundamental, tem muitos livros e uma gibiteca, é bastante enfeitada com temas infantis, na fase da alfabetização.

Quando os educandos da Turma B se dirigiam para a nova sala, juntamente com a professora Amália, observei que o educando Alberto era o único que usava o seu smartphone e logo depois o guardou, assim que entrou na sala. Ao chegarem à sala, a professora Amália falou à turma que a educanda Alice informou a ela por mensagem do aplicativo Whatsapp que ela não viria à aula hoje. Ela perguntou aos educandos se mais alguém avisou que não viria hoje e eles responderam que ninguém avisou. Estavam presentes à aula: Alberto, Luiz, Moisés, Zulmira e Ana (ela não estava presente na primeira observação que eu fiz). Tanto Alberto quanto Zulmira usavam camisas com o nome da universidade. O educando Everaldo faltou essa semana, já que devido ao trabalho ele frequenta em semanas alternadas. Isso ocorreu na outra vez que eu estive observando em sala de aula. A educanda Irene também faltou hoje, mas não avisou. A observadora que estava na outra turma também acompanhou a professora e estava na sala.

Para iniciar com o conteúdo, a professora Amália perguntou aos educandos da Turma B se eles ouviram algo no noticiário sobre o que eles estão estudando. Alberto falou sobre o acordo de paz entre Colômbia e as FARC. A seguir, se abriu uma

discussão na turma sobre os conflitos na Síria. Logo após, a professora faz a correção dos exercícios que haviam sido passados na última aula, fazendo comentários sobre o assunto e usando um mapa como suporte, que estava dependurado no quadro para que ela pudesse explicar melhor na correção das atividades.

Quando faltavam cerca de 15 minutos para a aula acabar, eu apliquei o questionário aos educandos da Turma B da EFALO. Fiz uma breve explicação e deixei que eles fizessem perguntas em caso de dúvidas. Avaliei que aqui o preenchimento do questionário foi mais demorado. A aula se encerrou às 20:00 horas.

Após o final da aula, eu falei com a professora Amália que eu tinha interesse em fazer uma entrevista com ela também. Ela não se opôs, mas pediu que a gente marcasse por email, pois me falou que não teria tempo hoje, já tinha um compromisso. Ela me passou o seu endereço de email naquele momento¹³⁶. Eu terminei a observação e saí da escola às 20:10 horas.

Dois dias depois eu retornei à EFALO para mais uma visita para observações de campo, de 18:30 às 20:20 horas, para observar um pouco mais as turmas A e B e aplicar o questionário às educandas que haviam faltado em minha última ida à escola, dois dias antes: Lucinha, Ione e Alice (Turma B), além de Nanci (Turma A). Pedi em aplicar os questionários para quem havia faltado, pois Alice e Nanci eram educandas em potencial para as entrevistas, pelas observações que fiz, pois são as que mais utilizam os smartphones e as redes sociais. A análise dos questionários ajudou na definição. Elas foram selecionadas e participaram das entrevistas.

Naquela noite, fiz as observações fora de sala de aula, sentado ao ar livre em um banco de concreto que fica no corredor que dá acesso ao pátio da escola. Assim, pude ver a movimentação fora de sala. Outra razão para essa observação, fora de sala, foi pelo fato de eu não haver marcado antecipadamente a observação de dentro da sala de aula para esta noite. Quando cheguei, às 18:30 horas, as aulas na Turma A já transcorriam há trinta minutos e eu achei melhor ficar fora de sala. A professora Amália, de Geografia, estava dentro de sala de aula, me viu fora da sala e de longe me cumprimentou discretamente com a cabeça, sem interromper a aula e sem que chamasse atenção dos educandos, que estavam de costas para a porta e a janela, o local onde eu estava. A professora estava de frente para eles. Ela não me convidou para entrar em sala e estava dando sua aula, estava falando com eles e continuou

¹³⁶ No dia seguinte envie o email para ela, solicitando uma data, local e horário para que eu pudesse entrevistá-la.

normalmente. Como no dia anterior, pela manhã, eu havia enviado a ela um email, para marcar a entrevista dela, conforme me orientou, e ainda não havia me respondido a mensagem, eu imaginei que ela poderia ter pensado que eu havia voltado para entrevistá-la e não para observar as turmas. Apesar de que, marcar com ela a entrevista também era interesse meu, além do motivo da aplicação dos questionários aos educandos que haviam faltado. Eu também precisava buscar os questionários que eu havia deixado na semana anterior com as professoras Ada, de História, e Sônia, de Espanhol, já que elas ficaram de deixá-los com a professora Amália, para me entregar há dois dias atrás e não deixaram. Nesse instante, eu fui rapidamente à sala dos professores, para ver se elas se encontravam lá, mas não estavam.

Enquanto a aula da Turma B não começava, alguns dos educandos iam chegando e eu conversava com eles. Alguns me falaram que a professora Sônia vem somente às quintas-feiras, porém mais tarde, enquanto a professora Ada só vem às terças-feiras. Avaliei que Ada seria uma pessoa em potencial a ser entrevistada. Eu conversei um pouco com o educando Alberto, que estava no pátio esperando abrir a sala de aula para onde a turma havia se mudado naquela semana, mas a porta estava fechada com cadeado e ele estava do lado de fora. Perguntei a ele se Alice e Lucinha vieram à escola na noite anterior, pois eu pretendia aplicar hoje o questionário a elas, ele respondeu que sim. Inclusive, eu havia me esquecido e ele me lembrou que Ione também faltou naquele dia também e eu deveria aplicar o questionário a ela.

No momento em que a professora Amália deixou a Turma A e se dirigiu à sala em que estava a Turma B, eu aproveitei para entregar o questionário à educanda Nanci, lhe perguntei se poderia preencher o mesmo e ela aceitou, me devolvendo preenchido logo a seguir. Nesse momento, o professor Edilson, de Matemática, já estava chegando para iniciar a aula do segundo horário da Turma A. Depois, conversei com as educandas Lucinha e Alice sobre os questionários e elas também se prontificaram a preencher.

A professora é Amália estava procurando com o porteiro a chave para abrir o cadeado da nova sala, mas demoraram para encontrar. Quando ela abriu a porta e acendeu a luz, a sala estava infestada de pernilongos e os educandos pediram para voltarem para antiga sala em que estavam. Eles falaram que a sala anterior é mais quente, com menos ventilação, mas não tem pernilongo. Então, voltaram para a sala anterior. A professora Amália me perguntou se Lucinha e Alice poderiam preencher o

questionário no começo do próximo horário, que não seria a aula dela, pois elas já perderam muito tempo de aula com abertura da sala e a posterior troca de sala. Eu respondi que não tinha problema e eu aguardaria. Eu continuei fora de sala, sentado no banco, observando a escola e aguardando o horário de aula seguinte.

A educanda Irene, da Turma B, me procurou para buscar o questionário, pois ela também havia faltado dois dias antes, quando eu havia aplicado à turma e eu havia me esquecido, pensando que ela se havia preenchido. Então, entreguei a ela também.

O professor Edilson e os educandos da Turma A fizeram várias discussões sobre a possível rampa a ser construída ao lado de uma escada. Tomás era quem mais dava sugestões e construía possibilidades para construção. No final daquele segundo horário, eles voltaram para a sala de aula.

No final da primeira aula da professora Amália na Turma B, as três educandas preencheram os seus questionários e me entregaram. Foi a professora quem as orientou para o preenchimento, naquilo em que elas tiveram dúvidas. A professora Sônia chegou para assumir a Turma A, que estava tendo aula com o professor de Matemática. Eu a aguardava também para receber o questionário dela, porém ela estava sem o mesmo e perguntou se eu voltaria no dia seguinte, sexta-feira. Eu respondi que não, pois já havia marcado com outra escola. Então, nós combinamos que ela poderia deixar no dia seguinte com a professora Amália para ela me entregar na terça-feira, já que eu voltaria lá na terça-feira para entrevistá-la. A professora Sônia só vem na escola às quintas-feiras e sextas-feiras¹³⁷.

Enquanto eu estive observando no pátio da escola, verifiquei que poucas pessoas circulavam fora da sala de aula. Uma das turmas, que não eram as que eu acompanhava, terminou as aulas às 20:00 horas e todos os educandos foram embora.

Após as 20:00 horas, conversei com a professora Amália, fora de sala, sobre o que ela achava de eu entrevistar as educandas Alice, da Turma B, e Nanci, da Turma A. Ela considerou que seria pertinente entrevistá-las, pois elas usam frequentemente as tecnologias digitais e as redes sociais.

Na semana seguinte retornei à EFALO para fazer observações, no horário de 19:10 às 20:00 horas, e a seguir entrevistar a professora Amália, que na semana anterior havia marcado comigo para entrevistá-la naquele dia, às 20:00 horas.

¹³⁷ O questionário não foi entregue e eu não usei as informações dessa professora Sônia para construir o perfil das professoras daquela escola.

Fiquei fora de sala observando a EFALO, havia pouquíssimos educandos e professores circulando pela escola. Andei um pouco pelo pátio e no corredor próximo às salas de aula para verificar o sinal da internet móvel da escola. Esse sinal de wifi é de fraca intensidade e inexistente em alguns pontos. O melhor local de recepção fica no pátio de entrada da escola. Portanto, mesmo os que possuem a permissão para o uso da internet na EFALO, necessitam encontrar pontos estratégicos para conseguir a sua conexão. Esse acesso não é dado aos educandos da EJA, de acordo com as informações obtidas nas entrevistas que fiz com eles.

A professora Ada, de História, foi para a Turma B, onde ela teria aula de 20:00 horas às 21:00 horas. Eu a cumprimentei e combinamos de eu voltar amanhã para fazer mais observações das aulas nas turmas A e B. Logo a seguir, eu e a professora Amália nos dirigimos para a sala ao lado, já que a Turma A não estava no local. A duração foi de 40 minutos. Às 21:45 horas eu saí da escola.

Na noite seguinte, retornei à EFALO para realizar observações de campo, no horário de 18:00 às 22:00 horas. Mais uma vez pude observar a rotina nas salas de aula das turmas A e B, conforme eu havia marcado ontem com a professora Ada, de História na noite anterior. Eu também tinha como objetivo naquela noite a intenção de marcar algumas entrevistas, com professores e educandos. Ao chegar, fui direto para a sala da Turma A, que começa as suas aulas às 18:00 horas e se encerravam às 21:00 horas. A turma já estava em sala, com a professora Maura, de Língua Portuguesa, que eu ainda não tinha observado. Pedi licença, cumprimentei a todos de uma única vez e me sentei no meio da lateral da sala, atrás da última educanda, para que eu pudesse visualizar a todos. Estavam presentes os educandos Tomás, Nanci, Geralda, Noêmia e Nilza. A turma estava completa, mesmo em um dia de chuva.

A professora Maura comentou que ela também trabalha em um curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Ela explica bastante aos educandos sobre as exigências nas redações para esse exame. A aula se encerra às 19:00 e eu aproveitei para entregar à professora o questionário, para que ela pudesse preenchê-lo e me entregasse depois. Ela ficou de me entregar na mesma noite, mas não me entregou¹³⁸.

No intervalo entre a primeira e a segunda aula, conversei com alguns educandos para tentar marcar uma entrevista. O primeiro deles com quem eu

¹³⁸ Também não recebi o questionário de volta da professora Maura em outro momento. Os seus dados não puderam ser computados no perfil das professoras da escola.

converso é o Tomás. Ele me perguntou sobre o porquê de eu querer entrevistá-lo e sobre o que seria. Então, eu conversei com ele e expliquei sobre a pesquisa, que é sobre o uso das tecnologias na EJA e se elas ajudam na construção do conhecimento de cada sujeito. Comentei que, pelo questionário que ele preencheu, respondeu que não gosta de usar as redes sociais, mas que ele usa o computador em casa para aprender. Então, eu gostaria de conversar com ele e esse respeito, que aceitou. O educando falou que só poderia fazer a entrevista no horário de aula, porque fora da escola já tem os seus compromissos e não gostaria que fosse fora desse horário. Perguntei qual horário ele acharia melhor, ele pegou um papel com os horários de aula e achou melhor que fosse melhor no dia seguinte, no último horário, quando seria o horário da aula de Espanhol, que ele avaliou que seria uma aula que poderia perder. Inicialmente, ele até havia cogitado que fosse na aula de Educação Física, mas ele viu que eles não teriam mais essa aula naquela semana, pois já tiveram. Ele definiu que fosse no horário da aula de Espanhol, no dia seguinte, e assim combinamos

Eu também consegui conversar com a educanda Nanci sobre o meu interesse em entrevistá-la. Porém, já estava começando o segundo horário. Para não atrapalhar a aula, eu falei com ela que depois nós combinaríamos, se ela concordasse.

Quando a professora Ada chegou para a segunda aula da Turma A, eu também falei com ela do interesse de fazer uma entrevista com ela, que aceitou e marcou para duas semanas depois, já que na seguinte haveria recesso escolar e eles não estariam na EFALO. Ela falou que chegaria às 18:00 para a entrevista, uma hora antes da primeira aula, que começa às 19:00 horas. Ficamos acertados para a entrevista.

Naquele horário de troca de professores na EFALO, observei que a educanda Noêmia usa o celular para fazer uma ligação fora de sala e logo depois foi embora, bem no início dessa segunda. Mais tarde, a professora Ada comentou que o esposo da educanda não estava passando bem e por isso ela foi embora.

Ao iniciar o segundo horário de aula da Turma A, às 19:00 horas, a professora Ada falou sobre as formas de governo, utilizou folhas que continham charges e algumas questões. Ada pediu aos educandos que comentassem sobre a primeira charge. A professora comentou que ela encontrou essa charge no site Casa Rui Barbosa¹³⁹, para que os educandos possam ver, principalmente o educando Tomás. A professora comentou que “*Tomás gosta de internet*” e indicou o site pra toda a turma.

¹³⁹ Disponível em: <<http://www.casaruiarbosa.gov.br>>.

Figura 43: “O carro triunfal do progresso nacional”, de Aurélio de Figueiredo.



Fonte: Adaptado de Figueiredo (2012)¹⁴⁰.

A segunda charge, publicada na mesma Revista Ilustrada, em 1885, de autor desconhecido, tem o título de “O carro do Estado conduzido pelos conservadores”:

Figura 44: “O carro do Estado conduzido pelos conservadores”, de autor desconhecido.



Fonte: Adaptado de Revista Ilustrada (1885)¹⁴¹.

Após uma análise histórica das duas charges, feita pela professora Ada, os educandos responderam nas folhas a algumas questões referentes às imagens. A análise crítica que a professora e os educandos fizeram me remeteu a uma frase que ouvi de Paulo Freire, em 1996: “*ler é muito mais que, ingenuamente, passear sobre as palavras*”¹⁴².

¹⁴⁰ Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/12197-historia-da-caricatura-brasileira#foto-220064>>. Acessado em: 24 Jun. 2017.

¹⁴¹ Revista Ilustrada. Rio de Janeiro: [s.n], ano 10, n. 406, 1885. Disponível em: <http://www.memoriaescrivadao.rb.gov.br/revista_ilustrada.php?pg=2>. Acessado em: 24 Jun. 2017.

¹⁴² Tive a oportunidade de ouvir pessoalmente do próprio Paulo Freire, quando eu estava na platéia do auditório da Fundação Memorial da América Latina, em uma das palestras, que proferida por Freire, em São Paulo, em maio de 1996, no “*Seminário Internacional Educação e Escolarização de Jovens e Adultos*”, realizado pelo MEC e pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Apoios Comunitários. Freire se remetia a uma carta, escrita por ele, menos de duas semanas antes, com o título de “*Desafios da Educação de Adultos ante a nova reestruturação tecnológica*”, publicado em um livro em

A seguir, a professora Ada e a turma comentam sobre a viagem que fariam à cidade de Petrópolis no mês seguinte. Tomás achava que seria na sexta-feira daquela semana, pois ele não havia sido informado da mudança para o mês de novembro. Essa informação sobre a alteração de data da viagem foi transmitida pelo grupo de Whatsapp dessa turma da EFALO, do qual ele não faz parte, por não querer ter smartphone. A mudança também foi falada em meu primeiro dia de observação em sala de aula, no mês anterior, repassadas na aula pela professora Ada, só que ele também havia ido à aula naquela noite. Como ele havia faltado, não participa do grupo de Whatsapp e ninguém o avisou, Tomás não estava sabendo da mudança e estava imaginando que a viagem seria daí a dois dias. Então, ele foi atualizado dessas informações e ele ficou ciente das mudanças. Ao chegar o horário das 20:00 horas, acabou o segundo horário de aula e há um breve intervalo, de cerca de 5 minutos, para que todos pudessem sair de sala ou fazerem outras coisas de forma livre. Não vi ninguém usando as tecnologias móveis nesse horário.

Antes que começasse o horário de aula seguinte, consegui conversar com a educanda Nanci e também marcar com ela uma entrevista, que também escolheu duas semanas depois, quando eles retornam do recesso. Será no horário da aula de Educação Física, já que ela não participa dessa aula. Seria numa segunda-feira e ela me informou que seria no segundo horário. Contudo, outros educandos me informaram que a aula de Educação Física seria no primeiro horário. Ficou a dúvida.

Antes de iniciar a terceira aula da Turma A, o professor Moacir, de Ciências, colocou em funcionamento um projetor de imagem portátil na sala de aula. Eu ainda não havia observado a aula dele, assim como havia ocorrido no primeiro horário daquela noite, com a professora Maura, já que eu ainda não havia ido à escola nas segundas-feiras e nem quartas-feiras.

Essa terceira aula da Turma A será junto com a segunda aula da Turma B, eles ficarão juntos na sala da Turma B. Esse momento será com o professor Moacir e a professora Ada compartilhando a aula. Uma estagiária chegou na sala, junto com os educandos da Turma B e o professor Moacir. Ela estava acompanhando as aulas de Ciências naquela turma.

2000, após a sua morte, reeditado em 2012. Nesse livro, Freire (2010) escreveu que: “ler é algo mais criador do que ingenuamente ‘passear’ sobre as palavras. [...] Não é possível dicotomizar ler de escrever” (FREIRE, 2014, p. 102).

No momento em que os educandos da Turma B chegavam, eu os cumprimentava. Foi nessa noite que eu conheci o educando Everaldo, que frequentava as aulas em semanas alternadas, devido ao seu trabalho. Nas vezes em que eu estive na escola, coincidiu com as semanas em que ele não poderia ir à EFALO. Naquela noite, apenas o educando Moisés, da Turma B, havia faltado. Após eu me apresentar ao educando Everaldo, aproveitei para lhe entregar o questionário, já que ele era o único que ainda não tinha respondido o documento.

O projetor de imagem que foi ligado pelo professor Moacir. O equipamento tinha um pen drive conectado a ele. Também havia um mouse e uma antena, para que o projetor também pudesse se conectar à internet sem o uso de computador. Eu não visualizei nenhum teclado, também não sabia se o projetor tinha algum teclado virtual. Para se ter o acesso à internet móvel (wifi) da EFALO seria preciso digitar uma senha, contudo eles não precisaram acessar a internet.

A aula começou e os professores e os educandos conversam sobre um projeto que eles estão construindo para ser apresentado no programa “Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião” (NEPSO)¹⁴³. Eles debatiam sobre o tema “*Espaço urbano*”, que ainda estão construindo. Refletiam sobre quais questões de pesquisa que eles poderiam abordar, como a mobilidade das pessoas, o uso do espaço urbano e a acessibilidade. Os professores explicaram sobre como construir uma pesquisa, a necessidade de se estudar sobre o tema, a definição dos objetivos, a pergunta central a ser feita, como elaborar um questionário, como fazer as perguntas e depois tabular, como montar gráficos a partir dos dados coletados e divulgar a pesquisa. Essa divulgação seria feita primeiro no auditório da escola, no início do mês seguinte. O tema estava ligado à acessibilidade e se relacionava com a proposta da construção da rampa na EFALO, pretendida pela Turma A, nas aulas de Matemática, com professor Edilson. Este não estava presente naquela noite.

Como exemplo, a estagiária relatou sobre uma dificuldade que ela tinha de acessibilidade ao local em que ela trabalha, pois precisa subir um morro muito íngreme e ela tinha asma. Então, sempre tinha dificuldade. Ela já havia percebido que esse é um problema que acontece também com outras pessoas, geralmente de mais

¹⁴³ “O programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso) consiste na disseminação do uso da pesquisa de opinião como instrumento pedagógico em escolas públicas de ensino regular fundamental e médio e em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA). É fruto da parceria entre o Instituto Paulo Montenegro – instituição sem fins lucrativos vinculada ao IBOPE – e a ONG Ação Educativa”. Disponível em: <<http://www.nepso.net/sobre>>. Acessado em: 11 Out. 2016.

idade, que também tinham dificuldades para subir essa rampa e com dificuldades de respiração. O ônibus não passa próximo a esse trecho, só acessa a parte de baixo da rua e, se ela quisesse continuar no ônibus, precisava descer em outro local muito longe. Então, ela optava por subir a rampa para chegar no local de trabalho. A turma sugeriu que ela telefonasse para empresa BHTRANS¹⁴⁴. Ela achava que isso era um problema só dela de poucas pessoas mais velhas, o que não levaria a sensibilizar a BHTRANS para mudar o itinerário do ônibus. Irene, educanda da Turma B, sugeriu que ela passasse a todos os educandos das duas turmas o número do ônibus, a rua e o número que ela precisava acessar, para que todos eles ligassem e reclamassem em conjunto na BHTRANS. Assim, seriam mais pessoas reclamando desse acesso.

Durante as discussões, surgiu a dúvida sobre o significado e a diferença entre os termos acessibilidade e mobilidade. A professora Ada falou que eles precisavam estudar e se informarem mais sobre isso, pois ela mesma também não tinha muito clara a diferença entre esses termos. O educando Tomás sugeriu que se pegasse o Aurélio¹⁴⁵ para se informarem. O professor Moacir buscou dicionário Aurélio em outra sala, uma publicação bem grande e pesada, para tentarem tirar essa dúvida. Ninguém usou o smartphone para pesquisar essa informação na internet. A pesquisa foi feita no dicionário, sendo lido o significado de cada termo. Observei que, durante a aula, a estagiária era a única pessoa que usava o smartphone. Ela usava rapidamente e por várias vezes durante a aula. Contudo, ela não usou para buscar os significados dos termos acessibilidade e mobilidade.

Os educandos da Turma A comentaram sobre o projeto de duas rampas para a EFALO, já que lá tem muitas escadas e não possui rampa alguma, e que, na noite anterior, eles estiveram mais duas aulas de Matemática, que foram geminadas e usando o horário de História, para desenvolverem esse projeto na sala de Artes.

O tema para o projeto ficou definido assim definido: “*Acessibilidade e mobilidade em espaços urbanos*”. Eles iriam pesquisar um pouco mais sobre isso para definir o questionário e as perguntas.

O professor Moacir usou o mouse ligado ao projetor, abriu uma pasta do sistema carregado no equipamento e projetado na tela, acessou um vídeo francês

¹⁴⁴ A BHTRANS - Empresa de transportes e Trânsito de Belo Horizonte S/A, é uma sociedade de economia mista municipal em Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.bhtrans.pbh.gov.br/portal/page/portal/portalpublico>>.

¹⁴⁵ Dicionário Aurélio.

sobre o mundo adaptado, uma propaganda de uma empresa de energia da França. Ela é bem curta, eles observaram e fizeram comentários.

A próxima aula sobre o projeto para o NEPSO seria duas semanas depois, na segunda-feira após o recesso. A professora Ada informou que ela iria enviar orientações por mensagens aos grupos de Whatsapp da turma. Para o educando Tomás, que não acesso a o grupo, iria enviar uma mensagem diretamente para ele.

Terminou o terceiro horário da Turma A e acabava a aula deles daquela noite. Eles fora embora para casa. Eram 21:00 horas. A Turma B ainda teve o último horário. Ocorreu um breve intervalo. O professor Moacir desligou o projetor de imagens. Nesse momento de troca de aula da Turma B, alguns educandos foram rapidamente ao banheiro e ao bebedouro de água. Nesse instante, eu conversei com a educanda da Alice, da Turma B, para fazer uma entrevista com ela e consegui marcar o encontro. Ela escolheu que fosse feita na noite seguinte, às 18:00 horas. Ela chegará mais cedo à EFALO, já que a aula dela começa às 19:00 horas.

Começou o seu terceiro horário da Turma B, com a aula da professora Ada. Eles estudavam sobre sistemas de governo, monarquia e república. Depois, a professora escreve no quadro uma síntese. Ao final da aula ela copiou do quadro para o caderno do Alberto.

Observei que ninguém usou o smartphone ou o celular durante a aula, que se encerrou às 22:00 horas e todos nós fomos embora. Aquela noite foi bem produtiva para a pesquisa. Em relação à observação, pude acompanhar a Turma A sozinha no primeiro horário e a Turma B no último. No segundo horário, pude observar as duas turmas juntas, em aula compartilhada com dois professores, trabalhando sobre um projeto de pesquisa dos educandos. Observei aulas com dois professores que ainda não havia tido a oportunidade. Conheci o educando que vem às aulas em semanas alternadas. Ainda consegui marcar várias entrevistas: com a professora Ada e com os educandos Tomás, Alice e Nanci.

Na noite seguinte retornei à EFALO para realizar observações de campo e duas entrevistas. Permaneci na escola de 18:00 às 21:00 horas. Naquela noite eu pude observar fora de sala de aula e a primeira aula da Turma B, além de fazer duas entrevistas, uma com a educanda Alice e a outra com o educando Tomás. Quando cheguei, fiquei sentado em um banco de concreto, no corredor que dá acesso ao pátio, do lado de fora da sala da Turma A. A aula geralmente começa nesse horário,

mas atrasou o seu início naquela noite. Eu aguardava a educanda Alice, da Turma B, para fazer a entrevista com ela, que chegaria mais cedo, pois havia marcado comigo para iniciar às 18:00 horas.

Eu observei, poucos minutos depois, que o professor Edilson, de Matemática, e o educando Tomás conversaram sobre o planejamento de duas rampas, relativas ao projeto da Turma A. O professor falou que eles precisam fazer maquetes das duas rampas, que eles pretendem sugerir que sejam construídas. Ouvi Tomás falando ao professor que seria bom se eles usassem isopor e madeira na maquete. Na aula de Matemática de dois dias antes, que ocorreram na sala de Artes, eles projetaram a rampa que fica próxima às salas de aulas das turmas A e B. Pensaram em uma rampa com a distância de subida de 20 metros, até atingir uma altura de 1,5 metros, onde ficará uma base de descanso e manobra de 90°, para depois subir mais 5 metros de rampa e atingir mais $\frac{1}{2}$ metro de altura, totalizando 2 metros de altura em relação ao chão, com um percurso total de 25 metros.

Aproveitei aquele momento e me desloquei para alguns locais próximo às salas de aula das turmas A e B, para verificar a qualidade do sinal da internet móvel da EFALO. Verifiquei mais uma vez que o sinal é muito fraco na sala de aula. O sinal de internet das operadoras de telefonia móvel também é muito fraco nas salas de aula. Para que pessoas utilizarem a internet, era preciso que se deslocassem por diferentes pontos da escola para conseguirem um sinal mais forte.

Na sala em que fica a Turma A, no início da aula, só estavam o educando Tomás e a educanda Geralda. Eles estavam lendo um texto para a aula. Nanci chegou 18:10 horas e utilizou seu tablet às 20:20 horas, na janela da sala, em busca de um sinal melhor de internet. Ela usa o tablet como se fosse um smartphone, inclusive para realizar ligações telefônicas.

De acordo com dados do IBGE (2016), o uso do tablet vem crescendo, esse equipamento é usado em 22,9% dos domicílios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, o que corresponde a 31,5% do total do número de microcomputadores. Houve um maior aumento do uso desse equipamento de 2013 para 2014 passando de 10,8% para 16,5%, no Brasil, e de 13,8% para 20,8%, na Região Sudeste. Contudo, houve uma diminuição desse percentual no ano seguinte, passando para 16,3%, no Brasil, e para 20,6%, na Região Sudeste. A aquisição do tablet tem relação com o poder aquisitivo da população brasileira, já que

a posse de tablet estava associada a um maior rendimento médio mensal domiciliar per capita, que chegou a ser 2,1 vezes maior entre os domicílios que possuíam tal equipamento. Enquanto os domicílios com tablet tinham rendimento médio domiciliar per capita de R\$2.237, naqueles que não o possuíam, o valor foi de R\$1.074. Em termos regionais, essa diferença foi maior nas Regiões Norte (2,3 vezes) e Centro-Oeste (2,3 vezes) e menor na Região Sul (1,7 vez). As Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste apresentaram valores de rendimento médio domiciliar per capita acima da média nacional, tanto para quem tinha tablet como para quem não tinha (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016, p. 40).

Como a professora estava demorando para chegar, o educando Tomás se ofereceu para antecipar a entrevista dele comigo, que estava marcada para as 20:00 horas. Contudo eu expliquei a ele que eu já havia marcado com a educanda Alice, da Turma B, para as 18:00 horas e estava aguardando a chegada dela, que viria mais cedo para a escola para participar da entrevista, mas que ainda não havia chegado. Ele entendeu e continuou aguardando a professora. A educanda Zulmira, da Turma B, chegou às 18:25 horas. A primeira aula dela seria às 19:00 horas.

Às 18:27 horas, o professor Edilson retorna à sala de aula da Turma A, com seu smartphone em mãos, e dá um recado à turma, para que eles fossem para a sala de reunião, pois a aula com a professora Amália, de Geografia, seria lá. Essa sala fica a dois andares acima de onde eles estão. Os educandos se deslocam para lá e tiveram o primeiro e o segundo horários lá.

A educanda Alice, que teria aula com a Turma B, que eu aguardava desde as 18:00 horas para fazer a entrevista, chegou às 18:30 horas. Cerca de cinco minutos depois, iniciamos a entrevista, que durou de cerca de 30 minutos. Naquela noite ela veio acompanhada de seu filho Pedro, um adolescente de 18 anos. A sala da Turma A, que fica ao lado daquela em que ela tem aula, estava vazia. Eu a convidei para fazermos lá a entrevista, mas ela preferiu ficar na sala da Turma B, que é onde ela tem aulas. Fizemos a entrevista onde ela escolheu ficar. O filho dela e a educanda Zulmira não ficaram na sala, eles foram para o pátio até acabar a entrevista, às 19:00 horas.

Antes do início das aulas da Turma B ainda deu tempo de eu conversar com o educando Alberto, que não tinha respondido no questionário se aceitaria ou não fazer a entrevista comigo. Ele falou que não enxergou essa questão devido à sua deficiência de visão, mas que aceitava fazer a entrevista. Combinamos de marcar em outro dia, logo após o recesso escolar da semana seguinte.

A partir das 19:05 horas eu acompanhei a Turma B para observação, em seu primeiro horário de aula, que era de Espanhol, com a professora Sônia. Foi primeira vez que eu observei a aula com o conteúdo de Espanhol, já que da outra vez que acompanhei aula dessa professora, foi uma entrevista em português, na sala de reuniões. No início da aula eu falei com ela que o educando Tomás, da outra turma, faria comigo uma entrevista por alguns minutos naquela noite, no terceiro horário de aula da turma dele, que coincidiria aula com a aula dela. Ela concordou e não fez objeção quanto a isso.

Durante a observação que fiz na aula dela de hoje com a Turma B, estavam presentes no início os educandos Alberto, Zulmira, Luiz, Ana e Alice, além do seu filho Pedro, enquanto visitante. A aula toda era falada em Espanhol pela professora Sônia. Pedro, o filho da educanda Alice, saiu da escola a pedido de sua mãe para comprar um salgado para a educanda Irene lanchar, já que não é vendido na escola. Ao mesmo tempo em que faziam as atividades, a educanda Irene lanchava. Pedro, o filho da Alice, usava o smartphone por cerca de 5 minutos com jogo, depois ele e a mãe lancharam na sala um pacote salgadinho, ela tomou um refrigerante. Logo depois, Pedro voltou ao smartphone e ao jogo, ele jogava e comia ao mesmo tempo, isso ocorreu até o final da aula.

A seguir, fui me preparar para fazer entrevista com educando Tomás, que é da turma A. Os educandos da Turma B se dirigem à sala de reuniões. Eu chamei o educando Tomás para a entrevista na sala da Turma B, que ficou vazia. Ele teria aula de Espanhol com a professora Sônia, que eu já havia conversado com ela e também com ele por termos marcado entrevista nesse horário. Então, demos início à entrevista às 20:10 horas, que durou cerca de 40 minutos. Depois, ele retornou para a sala dele para ter o final da aula de Espanhol eu saí da escola, por volta de 21:00 horas.

Depois de duas semanas, retornei à EFALO, já que houve recesso escolar na semana anterior. Estive na escola para entrevistar o educando Alberto, conforme havíamos combinado há duas semanas. Iniciamos a entrevista às 19:00 horas. A duração foi de cerca de 30 minutos. Logo a seguir, retirei-me da escola. Avaliei que as observações já poderiam diminuir, pois já possuímos dados sobre a rotina da EJA da EFALO em quantidade suficiente.

No dia seguinte, voltei à EFALO para entrevistar a professora Ada, conforme havíamos combinado antes. Iniciamos a entrevista às 18:00 horas e sua duração foi

em torno de 35 minutos. Nesse dia a professora chegou mais cedo para me conceder a entrevista. Fui embora logo após esse evento.

Na semana seguinte estive mais uma vez na escola a fim de realizar observações e entrevista, no horário de 18:00 às 19:50 horas. Ao chegar na EFALO, fiz observações em sala de aula, até 19:00 horas, durante o primeiro horário de aulas da Turma A. No segundo horário de aula, durante as atividades de Educação Física, eu pude entrevistar a educanda Nanci, conforme foi a escolha dela, já que não faz atividades físicas por problemas de saúde¹⁴⁶.

Eu me encontrei a educanda Nanci no estacionamento da escola assim que cheguei na escola, quando ela terminava de estacionar o seu carro. Entrei na escola conversando com ela, quando ela me contou do seu problema de saúde que a impossibilita praticar atividades físicas nas aulas de Educação Física. Ela levava para a sala de aula o seu ventilador, pois tem o hábito de ligar o aparelho próximo a ela em noites de calor. Fomos direto para a sala de aula. Quando lá chegamos, já se encontravam o professor Edilson, de Matemática, a educanda Geralda e o educando Tomás. Após 10 minutos, Nilza também chegou. Só faltava a educanda Noêmia, que chegou 8 minutos depois.

Nessa aula, com o professor de Matemática, os educandos começaram a fazer a tabulação dos dados do questionário do projeto para o NEPSO. Cada educando recebeu cinco questionários para tabular os dados. Eram 8 questões em cada questionário, dispostos em uma folha frente e verso. O professor explicou como seria o processo de apuração e sistematização dos dados e todos os educandos trabalharam com isso. Esses dados foram juntados posteriormente, pois a Turma B também faria esse processo em outra aula de Matemática. Depois que tudo estivesse tabulado, eles construiriam os gráficos de setores¹⁴⁷, sendo um para cada questão.

O educando Tomás foi o primeiro a terminar a tabulação dos seus 5 questionários e recebeu mais 3 para tabular. Geralda foi a segunda a terminar e também recebeu mais 3. Os educandos conseguiram tabular os dados dos 36 questionários. O professor usou a calculadora para calcular o percentual de cada faixa. A seguir, Edilson ensinou à turma como construir os gráficos de setores com os dados obtidos. No momento seguinte, os educandos ditaram ao professor a totalização de cada item para que ele pudesse escrever no quadro, e somar os dados

¹⁴⁶ A educanda me informou que tem problemas na coluna e no fêmur.

¹⁴⁷ Circular, em formato de pizza.

tabulados. Ao final, o professor usa o seu smartphone para tirar fotos do quadro com os dados tabulados e trabalhar com eles posteriormente. A aula do primeiro horário se encerrou às 19:00 horas. No segundo horário de aula, entrevistei a educanda Nanci, a partir das 19:10 horas. A duração foi de cerca de trinta minutos.

Ao analisar os dados dos questionários e das observações, avaliei que seria importante tentar entrevistar também o educando Everaldo, que viaja e frequenta a escola em semanas alternadas. Conversei com ele sobre essa possibilidade e ele aceitou, mas pediu para que a entrevista fosse feita em outra data, duas semanas depois, quando ele estaria de volta à EFALO para assistir às aulas. Logo depois dessa breve conversa fui embora, eram 19:50 horas.

Retornei à EFALO após duas semanas, para complementar os dados com mais algumas observação de campo e ver a possibilidade de realizar mais uma entrevista, com o educando Everaldo. Chegue na escola às 18:30 horas. As aulas da turma dele começam às 19:00 horas, mas ele costuma chegar um pouco mais cedo. Porém, ele se atrasou nesse dia e chegou às 19:30 horas. Nesse tempo de espera, fiquei na escola observando e conversei com alguns educandos. Eles iriam tirar fotos naquela noite para escolherem uma foto oficial da formatura deles no Ensino Fundamental. Era um sinal de que o ano letivo estava se encerrando. Como o educando Everaldo se atrasou, me pediu que marcássemos outro dia. Combinamos para dois dias depois, lá na escola. Logo a seguir, às 19:30 horas, fui embora.

Conforme o combinado com o educando Everaldo, da EFALO, dois dias depois eu retornei à escola. Eu precisava finalizar as observações de campo e as entrevistas na EFALO. Cheguei na escola às 18:30 horas para tentar entrevistar o educando Everaldo, já que as aulas da turma dele começam às 19:00 horas, e ele costuma chegar mais cedo. Contudo, mais uma vez não consegui realizar a entrevista, pois naquela noite havia jogo de futebol entre as seleções do Brasil e da Argentina, no estádio que fica próximo à escola, com alteração no trânsito na região. Com isso, não teve aulas naquela noite. Ainda aguardei no estacionamento para ver se o educando iria à escola, mas ele não chegou. Outra educanda foi até a escola, pois não sabia que não haveria aulas e foi embora do estacionamento mesmo. Fui embora às 19:30 horas, sem entrevistá-lo.

Eu havia tirado alguns meses de licença de férias prêmio na empresa em que trabalho, para realizar todo trabalho de campo, pois não havia liberação do trabalho

para estudo. Naquela semana terminariam as férias prêmio e eu não poderia voltar depois para entrevistá-lo, pois ele estuda em um dos horários em que eu trabalho. De toda forma, eu já havia entrevistado 4 educandos da EFALO, que nos forneceram muitos dados para a investigação nessa escola.

Dando continuidade aos relatos das observações a partir da imersão de campo realizadas nas escolas, apresentarei agora alguns dos dados empíricos obtidos na escola em que permaneci por mais tempo em observação no seu interior, que é a EMAVP. Na primeira ida a campo nessa escola, expliquei à diretora a proposta de investigação na EMAVP e a metodologia a ser utilizada, que não colocou objeção, porém falou que necessitaria consultar SMED da RME-BH, no Núcleo de EJA. Uma das razões seria para saber se não haveria impedimento da SMED quanto à pesquisa, seria por eu ser professor da RME-BH, em outra escola e regional. A resposta de aprovação para que eu pudesse fazer a investigação na instituição veio 20 dias depois, por email, após algumas insistências de minha parte, também por email. Nas trocas de mensagens por email, observei que a assinatura da direção da escola vinha acompanhada dos contatos e da divulgação do blog da escola, em destaque, como seguem abaixo com nomes fictícios:

“Ana Beatriz / Vilma
Diretora / Vice-Diretora - E. M. Álvaro Vieira Pinto
SMED/GERED – CS
Rua A
Telefax: (31) 3277.xxxx
Visitem nosso blog!!!
<http://escolaalvarovieirapinto.blogspot.com/>”

Fonte: Adaptado a partir de dados do autor.

No blog da EMAVP, foi possível iniciar a pesquisa documental e encontrar um pouco da história da escola:

A Escola Municipal Álvaro Vieira Pinto faz parte da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, oferecendo à população o Ensino Fundamental e Médio exclusivamente na modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, desde 1991 - ano de sua criação. No formato de portfólio, este blog pretende mostrar algumas vinhetas da nossa realidade vivida ao longo dos dezenove anos da escola. Não se trata de estabelecer uma correspondência entre o antigo e o atual, mas de explicitar a correspondência e o continuum entre os fatos vividos e ocorridos, evidenciando o processo de construção da história que se torna revelador

da pluralidade e da riqueza das vivências políticas e pedagógicas da escola. (Dados do Autor)¹⁴⁸.

A EMAVP dispõe de um Laboratório de Informática. No mesmo blog, consta:

A EMAVP tem a disposição de seus alunos um Laboratório de informática onde são realizadas diversas atividades. Os computadores estão todos conectados a internet e oferecem diversos softwares educativos para os usuários. Os professores utilizam o espaço para complementar suas aulas e realizar projetos, contando com a ajuda de dois agentes de informática (diurno e noturno). Os alunos também utilizam o laboratório para pesquisas e trabalhos fora do horário das aulas. (Dados do Autor)¹⁴⁹.

O blog foi criado em 27 de outubro de 2006, com uma primeira postagem com a palavra “teste”. Porém, somente em 10 de maio de 2009 ocorreu a primeira publicação, com informações a respeito de um projeto de interdisciplinar, chamado Formação e trabalho, para as turmas do segundo ciclo do Ensino Fundamental do turno da tarde, em que foram abordados temas como trabalho, cidadania, sustentabilidade, educação, cultura, dentre outros. Na data da pesquisa documental, em 15 de outubro de 2016, pode ser verificado que a última postagem tinha a data de 3 de junho de 2015. Portanto, havia mais de um ano sem publicações no blog. Aquela última postagem apresentava uma visita feita pelos educandos ao Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte.¹⁵⁰

A segunda ida à EMAVP ocorreu quase um mês após a primeira. Nessa segunda visita, conforme eu e a diretora Ana Beatriz havíamos marcado por email na semana anterior, foi para fazer observações de campo na escola. Cheguei ao local às 18:30 horas, procurei a diretora da escola, Ana Beatriz, que me levou a um dos coordenadores da EJA à noite, o Naldo, para sermos apresentados um ao outro e eu poder falar sobre proposta de investigação. Observei que diretora é chamada por todos por todos por um pseudônimo: Bia¹⁵¹.

Nesse turno da EMAVP há dois coordenadores: Paulão e Naldo. Fui atendido pelo segundo. Conversamos sobre a proposta de observação e de entrevista que eu pretendia fazer. Expliquei a ele sobre essa metodologia e também sobre o que se refere à pesquisa. Logo a seguir, Naldo me levou até a sala dos professores onde eu

¹⁴⁸ Disponível no blog da EMAVP. Acessado em: 15 Out. 2016.

¹⁴⁹ Disponível no blog da EMAVP. Acessado em: 15 Out. 2016.

¹⁵⁰ Disponível no blog da EMAVP. Acessado em: 15 Out. 2016.

¹⁵¹ Pseudônimo fictício, criado a partir do seu nome fictício.

fui apresentado e falei sobre a pesquisa e a proposta de trabalho a todos os presentes. Explicitizei a minha intenção de acompanhar uma turma.

O coordenador Naldo sugeriu que eu observasse uma turma de 1º ano do Ensino Médio, com previsão de conclusão no ano seguinte, já que os educandos dessa turma começaram os estudos na escola naquele ano e deveriam terminar o Ensino Médio no ano seguinte. Porém, a professora Catharina sugeriu que fosse outra turma, também 1º ano, ao invés daquela que Naldo havia sugerido. Ela justificou que seria porque a turma possui em um grupo de Whatsapp e que funciona bem entre eles. Já existe uma movimentação de mensagens entre as pessoas da turma que ela sugeriu, o que contribuiria para a pesquisa. Então, eu aceitei a sugestão e fui acompanhar as aulas da Turma 2 do Ensino Médio da EMAVP.

As aulas começaram na EMAVP às 18:50 horas. Os professores começam a trabalhar mais cedo, às 17:45 horas, pois eles têm um momento inicial para reunião e planejamento. São três horários de aula consecutivos, sem horário para intervalo, já que os educandos fazem a merenda quando chegam à escola: a primeira aula começou às 18:50 horas e terminou às 19:40 horas; o segundo horário foi até as 20:40 horas; o terceiro horário terminou às 21:30 horas e os educandos foram liberados. Ao final da aula, os educandos vão embora e os professores voltam para a sala dos professores e cumprem o restante da jornada até as 22:15 horas, com reunião e planejamento. Os educandos de cada turma permanecem os três horários na mesma sala de aula e os professores que trocam de uma turma para outra.

Pelo que observei, os educandos também chegam antes do início das aulas da EMAVP, merendam e depois têm suas aulas de 18:50 às 21:30 horas. Os professores também chegam 17:45 horas e saem às 22:15 horas. As aulas são de segunda-feira a quinta-feira. Na sexta-feira não há aulas, os professores têm esse dia como momentos coletivos de reunião, formação e planejamento, de acordo com a regulamentação do CME-BH para a EJA da RME-BH.

Nesse segundo dia que fui à EMAVP, eu fui para a sala de aula da Turma 2 do Ensino Médio, às 19:50 horas. Acompanhei a professora Heidy, de Ciências da Natureza¹⁵², para a aula do primeiro horário. Nesta noite, ela vai à turma no primeiro e no terceiro horários de aula. Quando chegamos à sala, só havia uma educada, a Rosângela, que usava um smartphone enquanto aguardava a aula começar. Ela

¹⁵² Biologia, Física e Química.

estava sentada na sala em uma carteira na última fileira. Porém, havia uma mochila sobre uma carteira na primeira fileira. Sentei-me na última carteira, no canto da sala, para poder observar melhor à turma e tentar não me destacar muito.

Observei que a sala de aula que eu iria acompanhar na EMAMP tinha dois ventiladores, um na frente e outro atrás, ambos afixados no alto da parede. Também havia um armário, que estava aberto, além de uma mesa com cadeira para o uso das professoras e 26 carteiras de estudantes. Uma destas fica atrás da porta da sala, que serve para escorá-la para não abrir, já que a fechadura não funciona. As carteiras são muito limpas, tudo muito bem conservado.

A professora Heidi escreve no quadro alguns exercícios de revisão e fixação de Química, valendo 3 pontos. É uma única questão, com 11 perguntas sobre o fenômeno químico da fotossíntese. Ela escreve as atividades no quadro. Nesse momento inicial só a educanda Rosângela está na sala. A professora escreve e utiliza todo o quadro com as questões. Às 19:06 horas chega a educanda Daiana, que era a dona da mochila que estava sobre a carteira na primeira no começo da aula. Ela se senta na carteira e começa a copiar. A professora Heidi fala com as duas educandas que, se elas quiserem, podem acessar a internet com seus smartphones para ajudar na resolução dos exercícios, pois na sala não há computadores.

Às 19:10 horas chegaram mais dois educandos: Leandro e Hortência. Apresentei-me rapidamente aos quatro, para que depois eu fizesse uma nova apresentação, quando a turma estivesse mais cheia. A educanda Rosângela, aquela que estava em sala desde o início, se levanta e vai até o armário buscar dois livros didáticos, da coleção *Viver e Aprender*. Ela coloca um sobre a sua carteira e o outro sobre a carteira da frente. Os livros ficam fechados e ela continua copiando do quadro. Seus livros têm o nome dela escrito na lateral. Outros livros também têm nomes escritos. Aos poucos, os educandos vão chegando: Caio, Giovani e Michael. Michael liga seu smartphone na tomada, abaixo do quadro, para carregar a bateria.

Nesse momento em que a sala estava um pouco mais completa, me apresentei pela segunda vez à turma e falei sobre a pesquisa. A educanda Daiana me falou que eles têm um grupo de Whatsapp.

Da sala podíamos ouvir conversas de educandos de outras turmas no corredor, Caio fecha a porta para diminuir o barulho, escorando-a com a carteira que estava atrás dela. A professora perguntou por dois educandos que faltaram. Um dos

presentes fala que, provavelmente, eles não virão mais às aulas, pois estão faltando há muito tempo.

Observo que todos fazem as atividades. Há um silêncio ensurdecedor, de vez em quando interrompido pelo som de veículos que passam na rua, 5 andares abaixo, ou pela professora virando as páginas do seu livro didático. Muito raramente algum educando faz alguma pergunta à professora ou conversa com outro educando. Daiana busca no armário aberto um livro didático pra ela.

Chegam mais dois educandos: Nicolás e Bárbara. Já eram 9, ao todo. Quando havia duas educandas, a professora falou que elas poderiam usar a internet, mas depois ela não falou mais. Apenas Rosângela, que foi a primeira a chegar, usava seu smartphone, mesmo assim raramente. A professora Heidy fez a chamada e estavam presentes: Bárbara, Caio, Giovanni, Hortência, Michael, Leandro, Nicolás e Daiana. Vários outros faltaram. A aula se encerrou com o sinal, às 19:37 horas. A professora falou com a turma que ela voltaria no último horário para terem mais uma aula com ela. Ao perguntar à turma sobre qual professora viria para o seu lugar no segundo horário, os educandos não sabiam ao certo. Ficaram em dúvidas se seria com a professora Catharina ou com a professora Grace, mas nenhum deles sabia com certeza.

Durante o tempo em que ficaram sem professora em sala e aguardavam a próxima chegar, aproveitaram esse tempo para discutirem sobre os exercícios que estavam fazendo na aula que havia se encerrado em instantes. Nicolás saiu rapidamente da sala e voltou logo a seguir, antes do início da segunda aula.

O segundo horário começou às 19:40 horas, com a professora Catharina, de Ciências Humanas¹⁵³. Ela falou que é graduada em História e que fez Mestrado também em História. A Pós-Graduação foi pela Universidade Federal Fluminense, informa a professora. Como observador, em meu primeiro dia em sala, eu procurava não me colocar muito em exposição na sala. Porém, a professora me deu bastante destaque. Catharina falou aos educandos sobre a pesquisa que faço, indagou-os sobre o grupo de Whatsapp que eles possuem, perguntou a eles se me falaram sobre esse grupo e responderam que ainda não. Ela me perguntou se eles falaram pra mim que o grupo deles não funciona e eles a retrucaram e contaram que o grupo funciona sim, mas é ela que não o utiliza. A professora pergunta se a turma usa o

¹⁵³ Filosofia, Geografia, História e Sociologia.

grupo para estudar. Giovani respondeu que eles usam o grupo para tudo, mas que ele não fica não só estudando, pois trabalha mais de doze horas e não pode ficar o dia todo só por conta de estudar, por isso não fica usando grupo apenas para isso, pois não tem tempo para ficar só estudando. Ele mostra à professora que o grupo funciona com outros professores e mostra um trabalho que a professora Grace passou para eles pelo Whatsapp. Portanto, observei que o grupo do Whatsapp funciona com troca de mensagem entre os educandos também com alguns professores, que passam atividades através desse grupo.

A professora pergunta aos educandos se eles se trocam atividades quando algum falta às aulas e eles responderam que sim, mas só quando a pessoa que faltou solicita. Giovani disse que não fica oferecendo se a pessoa não tem interesse, já que a pessoa que faltou é que tem que mostrar interesse e pedir. Quando não solicitam ajuda, eles não oferecem. Michael lembrou que outro dia ele passou os conteúdos trabalhados a outro educando, mas não pelo grupo, foi por mensagem individual. Daiana falou que ela falta bastante às aulas e os colegas concordaram com ela. A professora perguntou se ela utiliza esse grupo para acompanhar o que está sendo trabalhado na aula e a Daiana respondeu que sim, já que ela se atualiza sempre através desse grupo, se informa e fica sabendo o que está acontecendo na EMAVP. Destarte, essa educanda teve uma boa participação em todas as aulas, tanto na realização das atividades, quanto durante a correção. Ela sempre consulta o caderno pra responder as questões perguntadas sobre a aula pela professora.

Depois disso, a professora Catharina pergunta se eu conheço uma professora e cita o seu nome. Eu respondo que sim, pois eu a conheci quando fiz uma disciplina com ela na FaE da UFMG. Catharina fala que essa professora pesquisa mesma coisa que eu e pergunta por que a gente não conversa sobre isso e por que nós dois estamos fazendo o mesmo tipo de pesquisa. Eu expliquei a ela que essa professora citada por ela estava fazendo Mestrado Profissional, com uma orientadora, eu estou fazendo Doutorado Acadêmico, com outro orientador. Expliquei um pouco sobre algumas diferenças entre eles e disse que eu conversei com essa professora quando fizemos a disciplina juntos, que eu sabia que ela pesquisava sobre isso e que ela também havia trabalhado naquela escola e que, inclusive, eu fiz contato com ela por email antes de procurar a direção da escola. A seguir, ela também me perguntou se eu conheço outra professora, que não gravei o nome, que trabalha lá

na escola e que também trabalha na FaE, como professora substituta. Eu respondi que, pelo nome, eu não conhecia, mas que a vendo pessoalmente talvez sim, mas que não me recordava através do nome.

Catharina ainda continuou me interpelando e me colocando em destaque perante a turma, o que não era a minha intenção enquanto observador. Perguntou-me sobre a escola em que eu trabalho com EJA, qual era o nome da escola e onde ela ficava. Eu falei com ela o nome da instituição e que ela é uma escola da RME-BH. Ela me perguntou como a escola divide os conteúdos e as aulas, se é por disciplina ou área do conhecimento. Eu respondi que é por disciplina, mas que um professor trabalha mais na disciplina. Ela discordou de mim, dizendo que não deveria ser por disciplina e que deveria ser era por área do conhecimento, assim como era ali na EMAMP.

Essa preocupação com a organização curricular na EMAMP vem desde 2012 e também foi destacada por Pedroso (2015) que

dentre essas transformações pelas quais a escola tem passado nos últimos anos destacam-se duas, que estão interligadas. A primeira delas está relacionada ao fato de que, como citado, desde 2012 a instituição vem trabalhando as dimensões curriculares formuladas pela SMED-BH para os sujeitos jovens e adultos articuladas em quatro áreas de conhecimento: Ciências Exatas e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias e Linguagens, códigos e suas tecnologias. “E ano passado a gente introduziu essa mudança das áreas de conhecimento. Porque antes era bem disciplinas mesmo, era bem separadinho, mas aí a gente introduziu agora esse momento novo. (Lindalva, graduada em Geografia, atua na EJA há 23 anos)” Com isso, algumas disciplinas foram aglutinadas, e outras deixaram de existir como campo específico de estudo (como é o caso das Artes), o que impactou na distribuição do corpo docente. Diante desse cenário, outro aspecto merece reflexão: a discussão acerca da área de formação dos educadores e a área de atuação dos mesmos, uma vez que esses possuem uma formação disciplinar forjada nos bancos de uma universidade. Essa problemática tem ocupado lugar de destaque no interior da escola, sobretudo porque, de acordo com os professores entrevistados, a EJA na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte está caminhando para a unidocência, ou seja, um professor por turma, responsável por todos os conteúdos. Na prática, esses professores são responsáveis por trabalhar todos os conhecimentos, à semelhança do que ocorre nas séries iniciais do ensino fundamental. (PEDROSO, 2015, p. 148).

A seguir, a professora Catharina ela me perguntou sobre como funcionam os ciclos durante o dia, eu expliquei a ela. A professora me fez muitas perguntas. A sua voz tem volume alto, o que contribuiu para que eu ficasse muito em evidência na

sala para um observador da escola. Isso foi muito diferente do primeiro horário de aula, com a outra professora.

Essa posição de destaque para um observador de campo não era recomendável. Em todas as escolas em que fiz a imersão de campo, eu tomei as devidas precauções para evitar ficar em exposição como ocorreu nesse momento. Durante todo o tempo, eu procurava ter cuidado em relação à linguagem adotada com os sujeitos da pesquisa e às minhas próprias vestimentas, enquanto observador e entrevistador. A todo tempo busquei estabelecer certa sincronia com os sujeitos envolvidos na investigação, para evitar comprometer os procedimentos adotados para a coleta dos dados empíricos.

Em um segundo momento, a professora Catharina começou com os conteúdos de Geografia. A turma estava bem agitada, os educandos conversavam bastante, muito descontraídos. O clima de agitação era bem diferente do primeiro horário, em que havia bastante silêncio e os educandos pouco conversavam. Catharina escreveu no quadro e corrigiu os exercícios, escrevendo cada questão do que havia passado na aula anterior, copiando novamente as perguntas e respondendo, enquanto conversava com os educandos. Em determinado momento, ela pediu aos educandos para melhorarem o comportamento, pois eles tinham visita em sala, que era eu. Novamente ela me deu destaque perante a turma. O educando o Michael a questionou sobre essa orientação e falou à professora que eles devem agir normalmente, para não serem falsos e não causarem uma aparência do que eles não são para eu que estava ali para observá-los com realmente são. Portanto, continuou Michael, ele discordava que eles tivessem que diminuir a conversa e me perguntou se ele não estava certo. Eu tive que responder e disse que sim, que ele estava correto. A professora não discordou dele e nem falou mais nada a respeito, ela continuou corrigindo os exercícios de Geografia no quadro, sobre a árvore araucária.

No início desta segunda aula, cada um deles havia recebido o seu boletim, com as notas da etapa anterior e assinaram o nome em uma lista, informando que receberam o documento.

Observei que a educanda Bárbara tem dois smartphones sobre a mesa, de tamanhos diferentes. Um era bem pequeno, que se parecia com o aparelho celular

simples ou mesmo um MP4. Só mais tarde eu pude confirmar que o equipamento era realmente um smartphone, a partir do momento em que ela o manuseou.

Era muito raro algum dos educandos da EMAVP pegar um smartphone em sala de aula e, quando o faziam, era por um tempo muito breve. Alguns, até aquele momento, não haviam usado. Imaginei que, talvez, nem possuíssem. Mais tarde, pude observar que todos os educandos presentes possuíam, mas alguns ficavam com o aparelho guardado.

Giovani e Daiana se levantam, vão até a janela e olham a paisagem e o prédio em frente à escola, que fica no quinto andar. Cerca de um minuto depois, eles retornam aos seus lugares.

Às 20:20 horas, toca o telefone de Michael, que estava carregando debaixo do quadro. Ele se levanta, atende na sala de aula mesmo, para depois retirar o carregador da tomada, começa a conversar e sai andando em direção à porta. A professora Catharina pede para ele atender fora de sala, mas só no momento em que ele sai e vai para o corredor, continuando a conversa ao celular. Depois de cerca de três minutos, ele encerrou a ligação telefônica e voltou pra a sala de aula. Nesse instante, a professora estava sentada na sua cadeira, junto à mesa, enquanto aguardava que os educandos copiassem do quadro. Ela falou que estava tentando melhorar de um mal estar nos olhos, pois repentinamente começou a enxergar mal e até trocou os óculos de grau por um par de óculos escuros, afim de diminuir a luminosidade. Depois disso, ela falou que melhorou. Não sei se as lentes dos óculos escuros também tinham grau, pois ela continuava enxergando com ele.

O educando Nicolas se ofereceu para escrever no quadro, ele quer que eles continuem copiando o conteúdo do quadro, mantendo o rendimento da aula. Ele apagou o quadro e começou a copiar no quadro a pergunta seguinte, enquanto um colega ditava a questão para que ele escrevesse e o item fosse respondido. Porém, quando ele ficou em pé, junto ao quadro, começou a brincar bastante com a turma. Então, a professora Catharina voltou a escrever no quadro, usando os óculos escuros. Ela disse que teve uma melhora. A aula corria bem e estava bem extrovertida, com os educandos muito alegres. Michael brincou, dizendo que a aula dela naquele dia estava uma bagunça, mas falou isso em tom de brincadeira, disse que a aula estava uma bagunça só porque eu estava ali, fazendo a observação.

Giovani, sentado na primeira fileira, começou a usar o smartphone. A professora Catharina vê e não se importa, demonstrando ser algo natural na aula as pessoas usarem o smartphone, passando despercebidas, sem que incomode os demais. Observei que isso era um ato naturalizado em sala de aula. Bárbara olhava por poucos segundos o seu smartphone. Já o educando Giovani, permaneceu por vários minutos usando o aparelho e não deu atenção à correção que a professora fez no quadro. Todos os demais participaram da correção e copiaram. O único que não participava era Giovani, que ficou por mais de dez minutos usando seu smartphone e sem observar no quadro, ele se concentra no equipamento em suas mãos.

Ao escrever no quadro, a professora o dividiu em três partes. Sempre que terminava uma fração do quadro, Nicolás se levantava e apagava a próxima parte, para que ela continuasse escrevendo e não parasse de fazer a correção. De certa forma, era ele quem ia determinando o ritmo para que a professora continuasse trabalhando, usando o quadro para que eles continuassem participando da correção. Nicolás era quem ditava para a professora as questões que foram passadas por ela na aula anterior, para que ela as reescrevesse no quadro. Após cada pergunta, a professora comentava o item e o respondia logo a seguir. Enquanto transcorria a aula, o educando Giovani usava o seu smartphone, sem copiar, mas olhando de vez em quando para o quadro. Observei que ele acessava a rede social Facebook, clicando em alguns links presentes nas mensagens e respondendo a algumas outras mensagens.

A segunda aula se encerrou às 20:40 horas. Nesse breve intervalo, entre saída da professora Catharina e a volta a professora Heidi, alguns educandos voltaram a acessar os seus smartphones. Leandro usava para jogar, com grande interesse. Nicolás perguntou a Giovani se o seu smartphone era bom, já que do Nicolás caiu no chão e trincou a tela, mesmo com o uso da película protetora, trincando debaixo dela. Nicolás pretendia comprar outro e estava pensando em comprar um modelo igual aparelho do Giovani, que respondeu que era bom e que gostava do aparelho. Giovani ofereceu seu smartphone ao Nicolás para que o examinasse, o que ele fez rapidamente e devolveu ao Giovani. Logo a seguir, Giovani voltou a usar o seu smartphone para acessar o Facebook.

A professora Heidy, de Ciências Naturais, voltou á turma para o terceiro e último horário. Ela informou que iria olhar as atividades dos educandos, que ela havia passado no quadro no primeiro horário.

Observo que Giovani usava o aplicativo Whatsapp para ouvir uma mensagem de áudio e colocou o equipamento no ouvido. A professora pediu a ele mostrasse a sua atividade. Então, ele guardou o smartphone, pegou o caderno e voltou a fazer as atividades passadas no primeiro horário.

Todos faziam as atividades na sala de aula, que voltou vagarosamente a ficar silenciosa. Em menos de cinco minutos de aula, a turma estava em silêncio e todos eles voltaram a estudar o conteúdo. O educando Leandro¹⁵⁴, que jogava em seu smartphone, foi o primeiro a levar o caderno e mostrar à professora, que olha o que ele fez, avalia, mas não anota nada. A seguir, ele volta para o seu lugar e continua a usar o smartphone pra jogar. Esse fato ocorreu bem no início desse terceiro horário de aula, em pouco mais de 5 minutos em que a aula havia recomeçado. Leandro, depois que mostrou o caderno, ficou até o final da aula com o seu smartphone jogando futebol. Mais tarde, quando ele começou a errar no jogo, se irritava, respirava fundo e olhava pro teto da sala ou para o lado. Ele ficou concentrado apenas no jogo e não participou mais da aula e nem da correção feita pela professora no quadro, pois ele não prestava atenção no que acontecia ao seu redor e ficava sempre concentrado no equipamento, que estava um pouco escondido, abaixo da carteira e quase sobre o seu colo. Ele não deixava o smartphone ficar em cima da carteira e ficava o tempo inteiro olhando para o aparelho, enquanto a aula transcorria. Isso só foi interrompido por cerca de quinze minutos, quando ele interrompeu o jogo pegou um caderno da Hortência e copiou alguma matéria que talvez ele tenha perdido. Depois disso, ele fechou o caderno e voltou ao jogo.

Hortência, que estava sentada atrás dele, estava sempre quieta. Pelo que ouvi, parecia que raramente ela vai à aula, mas era mais frequente do que muitos da turma. Raramente ela se manifestava e era uma das pessoas que eu não havia não sabia ainda se ela portava algum celular. Depois, essa educanda foi até a professora, mostrou o seu caderno para ser avaliado e voltou ao seu lugar. Depois disso, ela pegou o seu smartphone e começou a usar. Depois ela o guardou e voltou

¹⁵⁴ Leandro era adulto, não preencheu o questionário, mas aparentava ter mais de 30 anos de idade.

a participar da aula, acompanhando a correção das atividades e usava, de vez em quando, o seu smartphone.

Em certo momento, a professora Heidy perguntou aos educandos se eles estavam usando a internet. Então, eles perguntaram se poderiam usar, ela responde: “– *Não só podem, como devem*”. A educanda Bárbara comemora e faz um elogio à professora, dizendo que ela era linda, por ter autorizado a eles usarem a internet. Quando Heidy falou hoje que eles poderiam usar a internet, foi no primeiro horário e só estavam em sala Rosângela e Daiana. Todos gostaram da sugestão da professora. Michael falou que, se alguém quisesse liberar a internet pelo roteador, seria bom também. Bárbara e Nicolás se sentam lado a lado, em silêncio. Ela usa o smartphone para fazer pesquisa. Giovani volta acessar o Facebook, escreve mensagens no aplicativo e não acompanha a correção e a explicação da professora no quadro, pois ele volta a se concentrar no uso do Facebook. Rosângela, Bárbara e Nicolás usam o smartphone para pesquisar na internet o conteúdo estudado. Os dois últimos comentam sobre o que encontram na internet. O equipamento de Rosângela não está no modo silencioso e soa um sinal de alerta de vez em quando, ela acessa rapidamente o Facebook e, logo depois, guarda o aparelho sobre a carteira. Hortência, Giovani, Bárbara, Nicolás e Leandro usam seus smartphones, sendo os primeiros para pesquisar ou acessar o Facebook, enquanto Leandro usa para o jogo de futebol. Ele continua jogando e se irrita sempre que perde o jogo, enquanto a professora corrige as perguntas feitas aos educandos.

Para falar sobre energia e a professora Heidy faz perguntas ao educando Caio, sobre o porquê dele ter a altura que tem, já que é um dos alunos mais altos da sala. Eles estavam falando sobre a produção de energia para o corpo humano, através da alimentação. Foram usadas situações do cotidiano dos educandos na correção das atividades. Com isso, eles participaram bastante, respondiam, acessavam os cadernos. Michael é um dos que mais participou da correção. Leandro continuava jogando futebol no smartphone, que ficava debaixo da carteira. Ele não prestava atenção, nem acompanhava correção nesse momento. Giovani não estava usando o seu smartphone nesse momento final da aula, todos estavam acompanhando a correção, exceto o Leandro, que mais uma vez se irrita quando perde novamente no jogo, respirando fundo.

A professora termina correção no quadro e a explicação das questões, volta para a sua mesa e todos os educandos vão levando o caderno para que ela possa dar o visto e eles conquistem os três pontos dessa atividade. Eles vão aguardando os livros no armário em que os pegaram. Leandro continuava jogando, mas ao final da aula guardou o smartphone para novamente levar à professora o que ele já havia mostrado a ela no começo da aula, mas agora ela olha o caderno dele e dá a nota. Provavelmente ela já tinha feito as questões no primeiro horário ou até mesmo o início do terceiro horário, tanto que apresentou o caderno à professora bem no começo da aula e o restante do tempo ficou jogando até chegar ao final da aula, para ele mostrar a ela o caderno, ganhar o visto e os seus três pontos.

As aulas vão se encerrando e, às 21:26 horas, a professora fala que se eles quiserem podem ir saindo, pois já estão liberados, já que ela olhou o caderno de todos. Então, os educandos vão saindo devagar, um a um. A professora vai guardando as suas coisas. Às 21:30 horas, as aulas se encerram e eu termino as observações desta noite, a primeira em sala de aula nesta escola.

Conforme o combinado com o coordenador Naldo, dois dias depois eu retornei à EMAVP, já que eu intercalava a agenda entre esta escola e a EFALO, fazendo a investigação empírica. A minha chegada na escola coincidiu com o horário do início das aulas e eu fui direto para a sala de aula, sem passar antes pela sala dos professores.

Na sala de aula da turma 2, só havia a professora Shirlei, de Matemática, que estava em sua mesa, e a educanda a Estéfane, que estava sentada na última fileira e usava o smartphone. A professora Shirlei encerrava em poucos segundos uma ligação em seu celular e, logo depois que terminou ela me falou que não costuma atender em sala, se justificando como se eu a censurasse ou como se ela estivesse fazendo algo errado. Até aquele instante, ela ainda não me conhecia e nem eu a ela. A professora Shirlei não estava na sala dos professores há dois dias atrás, quando em me apresentei aos docentes da escola. Além disso, eu ainda não tinha acompanhado nenhuma aula dela. Eu disse que os estudantes ainda não haviam chegado, que ainda estava no começo da aula e mudei logo o assunto. Falei que a sala deveria estar vazia porque o trânsito estava péssimo e já aproveitei para justificar por que eu não havia chegado alguns minutos antes.

Além da educanda Estéfane, o material da educanda Rosângela estava no mesmo lugar da aula de 26 de setembro, que fica na última fileira. Ela havia chegado antes e tinha deixado ali o seu material. Poucos minutos depois, Rosângela voltou para a sala e, em seguida, ligou o seu smartphone. A seguir, chega outro educando, que eu ainda não sabia o seu nome. A professora Shirlei perguntou a eles se poderia começar a aula, eles responderam que sim. Então, ela foi para o quadro e começou a trabalhar a Matemática com o conteúdo sobre a subtração de ângulos. A seguir, chegaram Iano e Daiana. A professora continuou explicando o algoritmo da subtração com ângulos e seus submúltiplos minutos e segundos. Observei que ninguém usava smartphone. A professora aguardou que eles copiassem no caderno o conteúdo do quadro, apagou a seguir e passou os exercícios. Havia 5 educandos em sala.

Logo depois, o educando Giovani chega em sala, com fone no ouvido, pega o caderno e começa a copiar, mantendo os fones nos ouvidos. Ele coloca o smartphone sobre a carteira. Todos em sala copiam do quadro os exercícios a serem feitos. Às 19:20 horas chega o educando Nicolás, que deixa o seu material sobre a carteira e pede para ir à biblioteca. Logo a seguir, chegou Caio e a professora fala que ele tem faltado às aulas dela. Giovani só copia os exercícios do quadro, sem resolvê-los, acessa o aplicativo Facebook pelo seu smartphone, comenta com Iano que este tem faltado muito para ir ao samba comemorar o aniversário. Iano disse que não. Os dois começam a conversar sobre locais de samba e balada de suas preferências, enquanto Giovani desliza o dedo na tela do smartphone, acessando o Facebook. A professora fica olhando para ele, que não percebe o olhar da professora. A seguir, ela pede para ele fazer os exercícios da aula e ele fala para ela que ele não dá certo com a Matemática. A professora Shirlei argumenta com o educando Giovani que ele precisa aprender Matemática, já que pretende fazer Administração. Ele fala que até desiste de fazer Administração se precisar da Matemática e continua usando o smartphone e acessando o Facebook, com fones no ouvido, seguindo assim até o final da aula, sem fazer as atividades.

Chegam mais dois educando às 19:25 horas, Nicolás ainda não retornou da biblioteca. Observo que, dentre os nove educandos que vieram na aula há dois dias atrás, quando eu fiz a observação anterior em sala, hoje só vieram cinco deles. Dentre os presentes nesta data, outros cinco haviam faltado naquele dia. Havia nove

educandos dia 26, hoje há dez. Nicolás retorna às 19:33 horas da biblioteca, cerca de quinze minutos depois, trazendo em mãos algumas folhas impressas.

A professora Shirlei passa entre as carteiras ajudando e tirando dúvidas dos educandos. O único que não tentou fazer as atividades foi Giovani. O Nicolás só copiou do quadro, devido ao pouco tempo de aula que restou a ele, após chegar da biblioteca. Assim que terminou de fazer as suas atividades, Rosângela acessou o aplicativo Whatsapp pelo seu smartphone. A primeira aula acabou às 19:40 horas e a professora Shirlei falou à turma que irá corrigir a os exercícios na próxima aula. Nesse instante, ela saiu de sala e os alunos ficaram aguardando outra professora para o segundo horário.

Ocorre a troca de professoras e a professora Grace, de Linguagens¹⁵⁵, chega à sala, me cumprimenta rapidamente e pede à turma que indique dois representantes que sairão de sala e escolher algumas fotos em nome da turma, mas ninguém se manifestou. Então, ela indica o educando Nicolás e pede que a turma indique outro, rapidamente Daiana indica o educando Caio e ninguém se opõe aos dois representantes. Ao sair com os dois educandos representantes, a professora Grace fala comigo que conversaremos depois. Por alguns minutos, eu fiquei em sala sozinho com os educando, observando. Iano pede emprestado o caderno de Rosângela para copiar algum conteúdo que ele perdeu, quando faltou. Giovani, Rosângela e outro educando usam o smartphone.

A professora Grace retornou à sala de aula, cerca de 5 minutos depois, sem os dois educandos que saíram com ela. A seguir, ela me dá boas vindas e me pergunta onde eu trabalhava, pensando que eu era um novo educando em sala de aula. Então, eu me apresentei, falei que eu também trabalhava como professor na RME-BH, expliquei que eu estava ali como pesquisador da FaE da UFMG. Aproveitei esse momento e me apresentei novamente à turma, já que alguns não estavam presentes no momento em que em me apresentei, há dois dias atrás. Falei a todos os presentes sobre a pesquisa de Doutorado que faço e que eu estava ali como observador da turma.

A professora Grace fala das atividades que fez recentemente com os educandos, usando a Sala de Informática, e de outras atividades que fizeram pela internet. Grace comentou também que eles pretendem fazer um jornal, mas que isso

¹⁵⁵ Artes, Língua Estrangeira, Língua Portuguesa e Literatura.

ainda é uma surpresa. Ela relatou que, recentemente, eles foram à Pampulha e estão participando de um concurso de fotos, foi por isso que os dois educandos saíram de sala para escolher quais fotos participarão do concurso. Ela se ofereceu a escrever sobre o que ela já tem feito com os educandos, com o uso da Informática¹⁵⁶, contou que usa a tecnologia e que gosta dela, que ela deixa os educandos a utilizarem, mas não gosta que isso ocorra quando ela está explicando o conteúdo, pois se distraem muito e não prestam atenção naquilo que precisa de ser trabalhado, ela disse que gosta de usar redes sociais e que participa de grupos de redes sociais, inclusive com amigos de fora do país. Ela ressaltou que faz pesquisa sobre o uso das TIC, pela Universidade Federal de Viçosa.

Eu perguntei à professora qual é o nome dela e ela se apresentou como Grace. Então, eu comentei que os educandos haviam me falado sobre ela, que tinha passado atividades pelo grupo de Whatsapp. Ela brincou e falou que espera que eles tenham falado bem dela. E falei que sim e que o educando Giovani falou que ela tinha passado um trabalho pelo grupo de Whatsapp da sala.

A professora Grace inicia com as atividades de Literatura na aula de hoje. Daiana pergunta se eles não irão hoje à sala de informática. A professora responde que não irão hoje, pois a pessoa responsável pela sala não está lá e que, talvez, poderiam ir amanhã, mas nada certo ainda a esse respeito. Depois, Grace distribuiu algumas folhas com atividades de literatura, envolvendo narrador, observador e personagem, aos educandos que haviam faltado à última aula. Eu também recebi o material. Foi feita a leitura coletiva dos textos, revezadamente entre os educandos, que também iam lendo o que fizeram nas suas atividades, enquanto a professora fazia a correção e as explicações. Foi uma atividade rápida, pois ela já tinha sido entregue na aula anterior. A seguir, a professora entrega a outra atividade, esta para a aula daquela noite, com o texto “*O primeiro pelo*”, de Mário Donato, com as atividades que serão avaliadas. EU também recebi esse material.

Os educandos Nicolás e Caio retornam da reunião às 20:15 horas, já que estavam ajudando na escolha das fotos sobre o projeto relativo à Pampulha. A professora pede que eles deem um retorno de como foi o processo de escolha das fotos que concorrerão a um concurso. Neste momento, estavam em sala todos os educandos que foram à aula naquela noite: Daiana, Juliano, Washington, Jorge,

¹⁵⁶ Porém, isso não se concretizou.

Nícolas, Rosângela, Estéfane, Iano, Evaldo e Caio. Seguindo a orientação da professora, Nícolas e Caio iriam prestar as informações da reunião. Porém, a professora pediu antes para a turma fazer em silêncio, pois eles tinham visita em sala, que era eu, o observador. Ela também justificou esse pedido por que eles tinham atividade avaliativa, que era essa segunda folha entregue hoje a todos os presentes. Ela pediu para eles fazerem as atividades e acabarem com as conversas paralelas. A seguir, ela pede novamente para Nícolas e Caio explicarem sobre o que ocorreu lá na reunião.

Os dois educandos falam sobre como foi a escolha das fotos, que a reunião tinha sido com a Vilma (vice-diretora). A professora perguntou de quem foram as fotos escolhidas e eles não sabiam falar, já que tinha um número em cada foto, mas que havia tido um problema com esse número e a indexação aos respectivos autores, que foram enviados por Whatsapp para a agente de informática da escola. Eles precisavam mandar as fotos escolhidas para o concurso até amanhã. Então, isso gerou um debate para se tentar definir como solucionar o problema.

Surgiram divergências entre os educando e Grace. Giovani estava querendo falar, usando a voz e um volume um pouco mais alto e a professora pediu que ele abaixar o tom de voz e aguardar. Então, ele aguardou. Contudo, demorou para poder ter a permissão de fala e ele perguntou à professora por que ele não poderia falar. Ela respondeu que ela não havia dito que ele não falaria, disse que ele falaria só que ele abaixasse o tom de voz e aguardasse a sua vez. Giovani falou que esse é o tom de voz dele e que não iria abaixar. Então, a professora Grace falou para ele esperar sua vez e terminou a fala com os outros educandos que tinham saído de sala. A seguir, ela deu a palavra a Giovani, mas ele disse que não queria mais falar.

Toda essa discussão levou Daiana a reclamar de forma ríspida com a professora, dizendo que a professora fica sentada, falando e causando tumulto sobre a questão das fotos, com isso eles ficam desconcentrados para fazerem as atividades que eram avaliativas. A professora respondeu a ela que havia várias turmas envolvidas nesse concurso e na escolha das fotos, então por isso era importante resolver. Daiana fala para resolver e conversar isso fora da sala, porque estava atrapalhando a atividade. A professora Grace pediu a Nícolas para ele ir à direção olhar esse problema da escolha das fotos com vice-diretora Vilma, para tentar buscar a identificação, com sugestões para resolver o problema, como olhar

no grupo do Whatsapp quem enviou cada uma, já que o tempo era curto. Então, Nicolas saiu da sala pra conversar com a Vilma. Quando Nicolas sai, a professora Grace fala que “*depois ela conversa comigo em off*”, por causa do descontrole da educanda Daiana e porque ela achou que eles fizeram falta de educação. Por isso, ela disse que depois conversaria comigo, o que não ocorreu. Mais uma vez, Daiana chama atenção da professora e fala que não é só porque tem gente de fora que ela vai ficar na quieta não, vai falar o que tem que falar e também que não vai aceitar a bagunça na sala de aula quando ela tem a atividade. Ninguém comenta nada e a sala fica em silêncio depois disso. Quando o educando Nicolas retorna da sala da direção, pra trazer as explicações do que conversou com a vice-diretora, a professora Grace segue a orientação na Daiana e vai lá fora, no corredor, conversar rapidamente com Nicolas sobre o que ocorreu. Eles retornam à sala e Grace informou à turma que tudo havia se resolvido.

A segunda aula chega o final e a professora Grace pede para eles terminarem essa atividade na próxima aula. Nesse breve intervalo, entre a segunda e a terceira aula, na troca de professoras, observo que, entre os dez educandos, cinco usam seus smartphones, enquanto aguardam a professora do próximo horário chegar. Eles achavam que a aula seria com a professora Catharina, mas era da professora Heidy. Assim como ocorreu na segunda-feira, aconteceu hoje. Percebo que eles não sabem ou não se organizam para as aulas que eles têm diariamente. São quatro professoras, mas eles só ficam sabendo que aula terão quando a professora entra em sala.

Começa o terceiro horário, com professora Heidy, de Ciências da Natureza. O educando Iano pede à professora se ela poderia liberar a turma 10 minutos mais cedo, para eles assistirem ao jogo de futebol. Ela responde a ele que não é ela quem libera a eles, que eles se liberam sozinhos, pois podem sair à hora que quiserem, inclusive naquele mesmo momento, mas esta decisão é por conta deles.

Passados alguns minutos, todos continuam copiando do quadro, enquanto a professora escreve conteúdo. Há um grande silêncio. Nicolas usa rapidamente o smartphone para trocar mensagens.

Eu solicitei à professora Heidy se eu poderia aplicar um questionário aos educandos sobre a minha pesquisa, para que eles fossem preenchendo quando terminassem de copiar o conteúdo do quadro, ela autorizou. Então, eu pedi para

entregar o documento naquele momento, enquanto eles copiavam, o que foi permitido. Conversei rapidamente com os educandos, pedindo se eles poderiam preencher, mas não deu pra explicar as pergunta, item por item, para não mudar o ritmo da aula. Só falei para me perguntarem, se tivessem alguma dúvida. Rosângela foi a primeira terminar de copiar as atividades começar a preencher o questionário e depois outros também fizeram isso.

Observei que Nicolás usava o smartphone para trocar mensagem. O educando sai rapidamente de sala, faz uma ligação e retorna à sala, em segundos. A seguir, acessa novamente uma rede social, mas continua copiando do quadro. Depois, ele também começa a preencher o questionário.

Daiana é que faz mais perguntas sobre o preenchimento do questionário, foi a que tirou mais dúvidas. Percebi que o item 6 do questionário tem gerado mais dúvidas, tanto nesta escola quanto na outra, em que eu já o apliquei. O que me levou a melhorar o item para as próximas aplicações do questionário. Eu o modifiquei depois, para que a pergunta fique mais clara. Os educandos iam preenchendo o questionário e me devolvendo, um a um, nessa ordem: Daiana, Juliano, Washington, Jorge, Nicolás, Rosângela, Estéfane, Iano e Caio.

A professora aguardou que eles terminassem o preenchimento do questionário para depois explicar o conteúdo. A aula estava acabando, mas faltavam Caio e Iano terminarem de preencher, eles já haviam iniciado. Então, antes que a aula acabasse, a professora ficou com um tempo menor para explicar o conteúdo, mas ela voltou para o quadro e conseguiu terminar de demonstrar aos educandos o que estava escrito lá. Ela explicou com muitos detalhes, Daiana participa bastante, fazendo perguntas, comentando e respondendo. A explicação da professora Heidi é esplêndida, há de se destacar! As aulas se encerraram às 21:35 horas, ultrapassando o horário habitual, para que a professora terminasse de explicar tudo.

Retornei à EMAMP dois dias depois, no horário de 18:30 às 21:10 horas, conforme eu havia combinado com o coordenador Naldo e os professores na última ida à escola. A intenção era realizar mais observações de campo, acompanhando a noite semanal de formação e de planejamento dos professores e professoras que, ocorre toda sexta-feira. É um dia de trabalho escolar, não letivo, já que o educandos não têm aulas nesse dia, como prevê o PPP de cada escola municipal de EJA da

RME-BH, em conformidade com a regulamentação do CME-BH¹⁵⁷. A sexta-feira foi o dia da semana adotada pelas escolas para terem esse dia escolar semanal, tendo em vista que, historicamente, era o dia de menor frequência dos educandos às aulas, devido aos seus compromissos fora da escola.

Quando eu cheguei à escola naquela noite, os professores me informaram que seria um encontro regional de formação, envolvendo todo o corpo docente das escolas de EJA de três regionais da Capital: Centro-Sul, Leste e Oeste. Esse encontro aconteceu no auditório Paulo Freire, da SMED da RME-BH, que fica no 8º andar do prédio em que se localiza a SMED. Como era próximo à escola, onde eu já me encontrava naquele momento, me dirigi ao local de formação.

Ao chegar ao local do evento, entrei no auditório Paulo Freire e encontrei alguns professores e professoras da EMAVP. Sentei-me próximo a duas delas: Shirlei e Grace. Falei a elas que eu a fui à escola e fiquei sabendo que elas estavam ali, por isso eu fui para lá também, pois que eu tinha intenção de aplicar um questionário para elas naquela noite, somente para as quatro professoras que trabalham com a turma 2, do 1º ano Ensino Médio, a que eu estou acompanhando na escola. Aproveitaria também para participar da formação. Então, algumas das professoras dessa turma receberam o questionário para me entregar depois, outras preferiram receber outro dia na escola, para não amassar na bolsa, pois não tinham guardar o documento em outro lugar. Eu combinei de voltar à escola na próxima segunda-feira, três dias depois.

Ao final da noite, a responsável pela formação dos professores passou um vídeo sobre Moçambique, em que aborda a cultura africana e as produções literárias: “*Nova África, um continente, um novo olhar*”, tem duração de 25 minutos e analisa a cultura literária africana, relacionando-a com a cultura brasileira. Vários professores intercalavam entre o uso de seus smartphones e o vídeo da formação. Não ficavam diretamente concentrados nem em um, nem em outro. Alguns poucos conversaram quase o tempo todo, sem se importarem com o vídeo que transcorra no projetor. Alguns poucos usavam mais tempo com os smartphones do que

¹⁵⁷ Na Regulamentação do CME-BH para a EJA das Escolas Municipais de Belo Horizonte, aprovada em 07/11/2002, no item 5.3, que trata do tempo diário, “*a escola poderá optar por um tempo coletivo, correspondente a pelo menos um dia por semana, para a formação, avaliação do trabalho, planejamento etc. dos trabalhadores em educação daquela escola envolvidos com a EJA, sem a presença dos alunos na escola*” (p. 17). Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=903243>>. Acessado em: 21 Out. 2016.

assistindo ao vídeo. Mas a maioria estava assistindo e ouvindo o vídeo que era projetado em um telão.

O auditório possui o projetor, um telão e duas caixas de som, que ficam na parede da frente, ao alto, com ótima potência e qualidade. A sala, que fica no 8º andar do prédio, é bem arejada com grandes janelas. Não houve a necessidade de ligar os três grandes ventiladores de coluna que havia na sala.

Ao final do encontro, foi entregue para cada um dos presentes uma ficha de avaliação da formação EJA, com o título “Avaliação formação EJA múltiplas idades 2016”, que foi elaborada pela SMED da PBH, Gerência de Coordenação da Política Pedagógica e de Formação (GCPF) e EJA. Na ficha, os espaços a serem preenchidos eram: responsável da formação, data, GERED (Gerência de Educação) e uma tabela para que fosse marcado um X, para avaliar o encontro. Nessa parte, as opções eram: bom, pode melhorar, ruim. Os quesitos avaliados eram: pauta do encontro, abordagem do tema, metodologia utilizada, aplicabilidade na prática docente, atendimento às expectativas, materialidade utilizada. Ao final, havia um espaço aberto para que fossem escritas sugestões para os próximos encontros. Essa é uma ficha padrão, que é entregue em todas as Regionais a RME-BH, quando acontecem os encontros de formação, em cerca de duas sextas-feiras por mês, para a EJA Múltiplas Idades. Já para a EJA Juvenil¹⁵⁸, as formações ocorrem às quintas-feiras, de uma a duas vezes por mês. Geralmente, as escolas têm um encontro de formação fora da escola em uma semana e, na outra semana, um tempo para planejamento dentro da escola. Existia um calendário anual de formação para todas as escolas de EJA da RME-BH.

Na segunda-feira seguinte retornei à EMAVP, de 18:40 às 21:40 horas, conforme havia combinado. Cheguei e fui direto para a sala dos professores e, logo a seguir, para a sala de aula. Tivemos a informação de que Professora Heidy, de Ciências da Natureza, não veio hoje e deixou algumas atividades para os educandos

¹⁵⁸ A Portaria SMED 317/2014, de 20 de novembro de 2014, publicada no Diário Oficial do Município (DOM) dois dias depois, dispõe sobre a organização para EJA e outras modalidades de educação na RME-BH, a partir do ano 2015. A oferta passou a ocorrer “em dois tipos de organização escolar, previstas na proposta pedagógica da escola:

I - EJA-Múltiplas Idades: atendimento em ciclo único de formação com duração máxima de 1920 horas, tendo como público estudantes maiores de 15 anos, alfabetizados ou não, que não concluíram o Ensino Fundamental.

II - EJA-Juvenil: atendimento com duração anual de 600 horas para estudantes alfabetizados da faixa etária dos 15 aos 18 anos, com defasagem idade/escolaridade de, pelo menos dois anos, que tenham, no mínimo, trajetória escolar correspondente ao 5º ano e que não concluíram o Ensino Fundamental.” Disponível em:

<<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1132777>>. Acessado em: 1 Nov. 2016.

fazerem, encaminhadas pelo coordenador Naldo. Na sala de aula havia duas educandas: Estéfane e Rosângela, mais o educando Juliano. Todos usavam seus smartphones. Logo depois chegou outro educando, o Alan. A atividade deixada para os educandos era para eles estudarem o capítulo 6 do livro. Três educandos pegaram os livros para estudarem, mas Juliano não pegou para ele. Ele olha para o caderno e depois usa o smartphone novamente, mas não usa o livro. Alan olha o sumário do livro e pergunta à Rosângela em que página começa o capítulo e ela responde para ele.

O educando Iano chega e se senta, sem fazer nada. Ele não sabia o que tinha que fazer, não perguntou e ninguém o orientou sobre isso. A seguir, a educanda Daiana chega, coloca seu smartphone na tomada para carregar a bateria, pergunta pela professora e o que eles teriam para fazer na aula daquele dia. Outros educandos lhe informam e ela procura a atividade para fazer. Daiana cumprimenta Iano e pergunta a ele se está dormindo, depois cumprimenta Alan, que não a ouve, pois ele está com fones nos ouvidos. Ela insiste e Alan a cumprimenta de volta. Com o passar do tempo, outros educandos vão chegando na sala de aula.

As educandas ficam na dúvida sobre qual seria a unidade do livro para estudarem: a 1, 2 ou 3¹⁵⁹. Só sabiam que era o capítulo 6. Rosângela estudava a unidade 1 (1º ano), Estéfane a 2 (2º ano) e Daiana achava que deveria ser a 3 (3º ano). Elas não conseguem chegar a uma conclusão. Os outros educandos não se manifestam. Alan permanecia com os fones nos ouvidos, continuava lendo o livro da unidade 1 e não ouviu nada sobre as dúvidas delas.

Daiana havia faltado na última aula, na quinta-feira da semana anterior, e perguntou à Estéfane o que eles tiveram na aula, e ela mostra para Daiana, que pega a folha da atividade emprestada para colocar em dia o conteúdo perdido.

Iano faz uma atividade diferente, Juliano escolhe outra, Rosângela e Alan estudam a unidade 1, Estéfane a unidade 2, Jorge e Washington que chegaram depois usam seus smartphones e não estudam o livro. O último abaixa a cabeça, depois a levanta e volta a usar o smartphone novamente. Iano olha a paisagem pela janela. Soa o sinal e termina o primeiro horário. Todos continuam fazendo o que estavam antes do sinal, até a chegada da professora para o segundo horário. Todos estavam em silêncio.

¹⁵⁹ Cada unidade se refere a uma série do ensino Médio.

Nesse instante, em que há a troca de professores das turmas da EMAVP, entre o primeiro e o segundo horários, momento em que eu aproveitei para procurar a professora Grace, de Linguagens, para lhe entregar o questionário, já na sexta-feira, durante a formação, ela me pediu para eu lhe entregasse hoje. Eu também faria isso com a professora Heidy, mas ela faltou hoje. Entreguei à Grace e marquei de pegar o questionário de volta com ela dois dias depois, na quarta-feira, pois eu iria para outra escola no dia seguinte para fazer trabalho de campo. A professora me informou que na quarta-feira haverá um jantar para os professores¹⁶⁰. Então, eu falei que retornaria na quinta-feira, mas ela me falou que teriam Assembleia Escolar nesse dia. Falei, então, que eu poderia pegar o questionário na semana após o recesso, se fosse o caso, já que na semana seguinte haveria o recesso escolar. Perguntei como que ela preferiria. Ela achou melhor eu buscar na semana após o recesso. E assim marcamos.

Voltei para a sala de aula e uma professora, que não é da turma, chamou o educando Washington para fazer uma atividade em outra sala. Ele foi. A seguir, a professora Catharina, de Ciências Sociais, chegou na sala para dar aula de Geografia. Ela traz consigo um mapa Político-Rodoviário do Brasil para trabalhar com os educandos sobre a Floresta Amazônica. Ela explica o conteúdo, mostra alguns locais no mapa e fala sobre o assunto.

Às 19:55 horas, depois de 15 minutos do início da segunda aula, chegam os educandos Nicolás e Bárbara¹⁶¹. Agora, além desses dois, também estão presentes os educandos Juliano, Estéfane, Iano, Alan, Jorge, Daiana, Rosângela e Washington. Total de 10 educandos.

O coordenador Naldo entra na sala para informar aos educandos sobre a Assembleia Escolar que ocorrerá na quinta-feira seguinte e na semana seguinte haveria recesso escolar, previsto em calendário. Alguns educandos se manifestaram contrários à semana de recesso, já que têm muitas faltas e precisam de frequência para serem aprovados¹⁶². Daiana e Alan são os que mais descontentes. Ele disse que faltou toda a semana anterior.

¹⁶⁰ Na semana seguinte seria o Dia do Professor e também seria semana de recesso na escola.

¹⁶¹ Nicolás e Bárbara são namorados, não se percebe isso em sala, mas eu desconfiava. Só vim a confirmar isso depois, durante as entrevistas.

¹⁶² De acordo com o PPP das escolas municipais de EJA da RME-BH, o ano letivo é de 160 dias. Cada educando precisa ter uma carga horária mínima, contada em horas, que varia de escola para escola, para a sua certificação. Não há reprovação por série, pois não há seriação na EJA.

A professora Catharina volta a falar sobre as florestas brasileiras e o Pantanal Matogrossense. Daiana participa muito, pergunta onde fica o Rio São Francisco no mapa, devido à novela *Velho Chico*, da Rede Globo de Televisão, que terminou na semana passada e cujo ator da novela, Domingos Montagner, morreu afogado dias atrás, fato que teve grande repercussão. A professora lhe mostra o Rio São Francisco no mapa, desde Minas Gerais até chegar à sua foz, no Oceano Atlântico. Ao perceber no mapa que o Rio São Francisco sai da região Sudeste para desaguar no mar da região Nordeste, Daiana pergunta à professora se o rio sobe. A professora respondeu que sim. Catharina volta a falar da Floresta Amazônica, sobre a seringueira e o látex. Todos prestam muita atenção, ninguém usa smartphone.

Em determinado momento da aula, a educanda Daiana fica nervosa e desacata a professora Catharina, de uma forma parecida como a atitude que também teve na semana passada com a professora Grace.

Mais uma vez a aula é interrompida, agora por outra pessoa¹⁶³, para combinarem sobre a excursão que farão à cidade de Tiradentes, na última semana daquele mês outubro de 2016, em um sábado que seria véspera do dia de votação no segundo turno das eleições municipais. Eles deveriam chegar à EMAVP às 6:30 horas para saírem às 7:00 horas. Retornariam à escola às 19:00 horas nesse dia. Ele ainda oferece aos educandos aulas de dança (zumba e de salão), que ocorrerão às quartas-feiras, no segundo ou no terceiro horário de aulas, começando a partir do dia 19 de outubro. Os educandos não se interessaram muito pelas aulas de dança. O segundo horário terminou sem que a professora concluísse a sua aula.

As atividades e campo, fora da escola, aconteciam de vez em quando. Na investigação de Pinho (2016), ela fala de três eventos, promovidos através da escola que ela acompanhou, no ano de 2015: Museu de Artes e Ofícios, com o turno da tarde; exposições no Shopping Boulevard, em um sábado letivo, envolvendo os três turnos; 9ª Feira de Agricultura Familiar de Minas Gerais, envolvendo o turno da tarde. Ao realizar pesquisa documental nos cadernos de registros das “Atas das reuniões de projetos” da EMAVP, nos anos de 2008 a 2010, no turno da tarde, Pinho (2016) observou a

forte presença de atividades externas vinculadas a diferentes tipos de projetos pedagógicos, como por exemplo: [...] visita à Bienal do Livro no

¹⁶³ Provavelmente ele é professor de Educação Física.

Expominas e Combio (Congresso Mineiro de Biodiversidade); visita ao Museu de História Natural Abílio Barreto; visita ao Aglomerado da Barragem Santa Lúcia; [...] visita ao Museu de Artes e Ofícios; visita ao Palácio das Artes [...]; visita à Feira de Agricultura Familiar, na Serraria Souza Pinto; visita à Casa Fiat de Cultura, exposição “Rodin, do ateliê ao Museu”; visita do turno da manhã à cidade Ouro Preto; [...] visita ao Aquário do Rio São Francisco, Fundação Zoobotânica de BH; visita ao Parque das Mangabeiras; visita ao Museu das Minas e Metal; visita ao Museu de História Natural da UFMG; visita ao Museu Inimá de Paula; visita ao Museu de Morfologia da UFMG. (PINHO, 2016, p. 108).

No final da aula, antes que a professora Catharina saísse, eu perguntei a ela se havia trazido o questionário que eu a entreguei na sexta-feira, durante a formação. Ela me respondeu que ainda não o preencheu, mas que o faria ainda naquela noite.

Antes de iniciar o terceiro horário, Jorge e Washington foram embora. Daiana também ia, mas desistiu quando o coordenador Paulão entrou em sala e trouxe consigo outro professor para substituir a professora Heidy que havia faltado e teria mais este horário com eles. O professor que ficou com eles é de Matemática e trabalha em outras turmas, mas não com a Turma 2. Os educandos deveriam concluir o resumo do capítulo 6 do livro, o mesmo que iniciaram no primeiro horário. Alan reclama que são dez páginas do livro para eles resumirem. O coordenador falou que não poderia dispensá-los da aula naquele momento, mas que talvez possa deixá-los saírem 15 minutos mais cedo, caso eles desejassem.

No transcorrer do terceiro horário, os educandos conversam alto e Nicolás reclama com eles, por sentir falta de silêncio para se concentrar e fazer o resumo do capítulo 6 do livro. Daiana reclama do Nicolás, pela atitude de chamar a atenção da turma e ele a pergunta se seria ele quem estaria errado, então. De forma irônica, Nicolás diz que se ele estiver errado irá para o corredor da escola fazer as atividades para deixá-los ficarem conversando em sala. Ocorre um estranhamento entre Alan e Nicolás. Iano pede a Alan para não ficarem assim. Depois disso, a sala fica em um imenso silêncio. Os educandos Nicolás, Bárbara, Daiana, Estéfane, Rosângela, Alan e Juliano continuam fazendo a leitura e o resumo do capítulo 6 do livro. Iano é o único que fica sem fazer nada.

O professor fica sentado à mesa, faz anotações, olha seu smartphone e faz a chamada. Estéfane usa fone no ouvido enquanto faz a atividade, que termina de fazer às 21:20 horas, guarda seu material e fala que vai embora. Daiana pergunta ao professor se podem ir embora e ele pede para aguardarem mais alguns minutos.

Eles atendem, inclusive a Estéfane que havia falado que ia embora há instantes. Ela permanece com os fones nos ouvidos até o final da aula e usa seu smartphone. Rosângela também guarda o seu material e usa seu smartphone. As duas estão acessando redes sociais pelos aparelhos. Os educandos continuam fazendo a atividade da aula até o seu final, às 21:30 horas. Aguardei que todos fossem embora e, depois, também fui. Já eram 21:40 horas.

Retornei à EMAVP após a semana de recesso, numa quarta-feira, de 18:30 às 21:40 horas, conforme eu havia combinado na última vez que eu havia ido à escola, para fazer mais observações de campo e tentar marcar as entrevistas com as professoras e os educandos. Assim que cheguei na escola, fui para a sala dos professores e fiquei lá por cerca de dez minutos. Conversei com a professora Catharina, ela me devolveu o questionário preenchido e marcamos uma entrevista para daí a três dias, às 17:15 horas, na escola. Ela chegaria mais cedo e eu também. Era uma noite em que os professores da escola investigada tinham formação em outro local, próximo dali, mas a professora passaria na escola antes para me conceder a entrevista.

As aulas nessa noite foram com a professora Shirlei, de Matemática, no primeiro horário, com a professora Catharina, de Ciências Sociais, no segundo horário, substituindo a professora Grace, de Linguagens, que estava de licença médica, e a professora Heidy, de Ciências da Natureza, no terceiro e último horário.

Na ida para a sala de aula, conversei com a professora Heidy e ela aceitou que marcássemos uma entrevista. Só faltava ele definir uma data. Encontrei-me com ela em frente à Sala de Informática, que ela pretendia usar, mas a porta estava trancada. Ela foi procurar alguém que pudesse abrir a fechadura para ela entrar e dar suas aulas lá nessa noite.

O coordenador Paulão vai à sala e avisa aos educandos que no último horário a aula deles será na Sala de Informática, como a professora Heidy. A aula dela era prevista para o segundo horário, mas a mudança se deu devido à falta da professora Grace, que estava de licença médica. Por essa razão haveria a troca de horários.

Durante a aula de Matemática, observo que Rosângela tem uma calculadora simples sobre a sua mesa, que faz as quatro operações (adição, subtração, multiplicação e divisão), tem memória, calcula porcentagem e raiz quadrada. O smartphone dela estava ao lado da calculadora. A professora passa de carteira em

carteira para verificar as atividades e tirar as dúvidas das educandas. Hortência também estava com seu smartphone sobre a sua carteira.

Os educandos Nicolas e Bárbara chegam juntos, às 19:15 horas, e comemoram por terem conseguido chegar a tempo da primeira aula. Logo a seguir, ele saiu para ir ao banheiro. Bárbara pergunta à professora Shirlei se ela vai à excursão na cidade de Tiradentes, duas semanas depois. Ela responde que não, pois irá trabalhar no dia seguinte, domingo de eleições, o dia inteiro. Se fosse à excursão, ficaria muito cansada para trabalhar na EMAVP no dia seguinte às eleições, já na segunda-feira, caso ela trabalhasse os dois dias inteiros do final de semana, emendando uma semana com outra, sem descanso¹⁶⁴.

Às 19:20 horas chegou o educando Ivaldo, que eu ainda não conhecia, pois é bem infrequente. Ele demonstra ser bom em Geometria e cálculos com área.

A professora distribuiu para os educandos que faltaram à aula anterior um pequeno laço rosa, preso a um alfinete para prender na roupa, em apoio à campanha *Outubro Rosa*¹⁶⁵. Eu também não estava em sala na aula anterior e ganhei um laço.

No final do horário da primeira aula, a professora corrigiu os exercícios. A aula se encerrou às 19:40 horas. Ivaldo se irrita com o pouco tempo da aula, já que chegou atrasado, só teve vinte minutos de aula e não conseguiu copiar tudo do quadro. Porém, a professora não apagou o quadro para que ele pudesse terminar de copiar. Ela saiu da sala para ir para dar aula em outra turma. No intervalo entre a primeira e a segunda aula, o educando Ivaldo saiu de sala e não copiou do quadro o que a professora havia deixado. Logo a seguir, a professora Catharina chegou para as aulas de Ciências Humanas. Um pouco depois, chegou o educando Caio. Ivaldo retornou à sala às 19:45 horas.

A professora Catharina orienta a aula, para que os educandos façam alguns exercícios de fixação. Diz que ela já terminou com o conteúdo previsto e que, no dia seguinte, usaria a sala de Informática, mas eles terão que responder a uma pesquisa e haveria mudança de horário. A seguir, ela cobrou uma atividade de quem havia faltado na aula, como Caio, Nicolas e Ivaldo. Essa atividade já havia sido corrigida e

¹⁶⁴ Essa também foi a razão que eu nem procurei saber se eu poderia ir à excursão para fazer observações, pois eu também trabalharia no domingo de eleições, o dia todo.

¹⁶⁵ *Outubro Rosa* é uma campanha em favor da saúde da mulher e pela prevenção ao câncer de mama. Faz um alerta à sociedade para a necessidade do autoexame e a realização de exames clínicos, que podem diagnosticar a doença, caso exista, ainda no seu início na fase inicial, quando tratamento pode se tornar mais mais eficaz.

recolhida dos demais. Ela sugeriu que eles se sentassem juntos para terminarem a atividade, pois ela já corrigiu com a turma. Os dois primeiros sentam-se com a educanda Bárbara e copia as repostas dela nas folhas deles, já que ela tinha a folha corrigida e devolvida pela professora. Ivaldo se recusa a se sentar junto com o grupo, fala que não quer copiar de outros e sim aprender. Ele pergunta à professora em que parte do conteúdo do livro ele encontraria a matéria referente às questões da folha de exercícios e a professora responde que é todo o capítulo cinco do livro. Ele pega o livro no armário, ela diz que só recebe as atividades corrigidas e insiste mais uma vez para ele se sentar junto ao grupo. Ele se irrita, guarda o livro no armário e devolve à professora a folha em branco. Então, a professora pede a ele que faça o exercício em outro momento, com calma, mas ele não quer mais. Ela sugere a ele que faça em casa e devolva depois. Ele aceita a folha de volta, mas pede licença e vai embora para casa.

Catharina pede ao educando Caio para ele guardar o celular e ele pergunta a ela qual, já que não está com nenhum celular sobre a mesa ou nas mãos. Depois, a professora fala à turma que eles sabem que agora não seria aula dela, que só está ali porque uma professora faltou e ela está a substituindo. Os educandos Caio e Nicolás terminam de completar a folha com respostas e as devolvem à professora.

A professora copia no quadro outros exercícios do livro, sobre a Floresta Amazônica. Depois indica as páginas em que eles deveriam ler para encontrarem as respostas. Logo a seguir ela corrige algumas atividades que os educandos iam fazendo e levando à sua mesa, caderno por caderno.

Rosângela e Hortência usam rapidamente os seus smartphones, por uma única vez. Todos ficam fazendo as atividades, por mais de trinta minutos, sem usar os smartphones. Esta segunda aula termina, às 21:40 horas. Porém, os educandos não concluem todas as atividades e não deu tempo para que a professora corrigisse tudo na aula. Ela disse que corrigiria na próxima aula.

No terceiro horário, que iniciou às 20:40 horas, fomos todos para a Sala de Informática, um andar acima. A aula foi com a professora Heidy, de Ciências da Natureza. A atividade foi a continuação da aula anterior que tiveram com a professora. Trata-se de uma pesquisa sobre a história da tabela periódica dos elementos químicos. Eles deveriam conhecer sobre como a tabela começou, como foi em diferentes períodos e como ela é hoje. Os computadores já estavam ligados

quando chegamos e a professora estava sozinha, já que a agente de informática, que é a pessoa responsável pela sala, só vai à EMAVP, no turno da noite, às segundas-feiras e sextas-feiras.

A professora Heidy perguntou aos educandos se eles sabem quanto está o resultado do jogo do time de futebol que ela torce. Caio dá o resultado, diz que está ganhando, mas que se mantiver o atual placar a decisão do jogo precisaria ser decidido nos pênaltis.

Os educandos começam a fazer a pesquisa pelo computador. Caio pergunta por que eles não podem acessar o Facebook no Laboratório de Informática, mas ninguém responde nada. A professora busca a transmissão do jogo pela internet, por rádio web, e escuta o jogo com volume baixo, para não tirar a atenção dos educandos. Nicolás pediu para ela aumentar o volume do som, mas ela fala que poderia atrapalhar a concentração da turma. O trabalho de pesquisa que eles faziam deveria ser escrito no caderno e seria avaliado pela professora em até 6 pontos.

Observei que na Sala de Informática há quatro mesas redondas, sendo que três delas está com quatro computadores em cada e uma com três computadores e um suporte, em posição mais alta, para se colocar um projetor de imagem ou impressora, mas está vazio esse espaço. Há uma pequena mesa retangular com uma impressora Laser Jet Pro 400¹⁶⁶. Outra mesa retangular maior, destinada à agente de informática ou à professora, com outro computador, um armário com equipamentos de comunicação e diversos modems, de onde se vê a saída de vários cabos de rede para os computadores, além de um ventilador de teto. Há um quadro de força com diversos disjuntores para a instalação elétrica da Sala de Informática. Os computadores são formados por uma CPU¹⁶⁷ e um monitor de vídeo, de LCD¹⁶⁸. Há um total de dezesseis equipamentos na sala. Em todos os monitores de vídeo há um papel com as informações de usuário e de senha para acessar o sistema pela intranet da PBH. O sistema operacional do computador é Libertas Debian GNU/Linux. Os navegadores da internet usados são o Chrome e o Firefox, em versões mais antigas. O editor de texto faz parte da suíte Libre Office, que também conta com planilha eletrônica, editor de apresentação e de desenho.

¹⁶⁶ Marca Hewlett Packard (HP).

¹⁶⁷ Marca Think Center, modelo M Series, com entrada para DVD, 2 portas USB, entrada para microfone e saída para fones, todos na parte frontal do equipamento.

¹⁶⁸ Marca Lenovo.

Todos lêem os textos que encontraram pela internet e copiam no caderno o que acham de mais importante para fazerem o trabalho. Às 21:30 horas as aulas foram se encerrando, a professora pede aos educandos que fechem o sistema operacional dos computadores que eles estavam usando e que desliguem o equipamento a seguir. Ao final, fomos embora. Saí da escola às 21:40 horas.

Dois dias após, retornei à EMAVP. Estive na escola no horário de 18:30 às 21:10 horas, para fazer mais observações de campo. Assim que cheguei, fui direto para a sala dos professores e fiquei conversando com alguns deles, até 18:40 horas, que é o horário do início das aulas. Confirmei com a professora Catharina a entrevista que eu faria com ela no dia seguinte, marcada para as 17:15 horas. Também combinei com a professora Heidy sobre a entrevista com ela, no último horário de aula daquela noite, caso fosse possível, ou no dia seguinte, após a entrevista com a professora Catharina. O coordenador Naldo informou às pessoas presentes na sala que alguns educandos terão uma palestra sobre o ENEM naquela noite e outros educandos irão à Sala de Informática para preencherem um formulário pelo Google Drive¹⁶⁹. Ele chamará em sala os educandos.

Às 18:50 horas fui para a sala de aula da Turma 2. Lá estavam as educandas Estéfane e Rosângela, sentadas na última fileira, lado a lado, como de praxe. Ambas usavam seus smartphones. A professora Catharina, de Ciências Sociais, também chegou nesse momento e falou que iria corrigir as atividades que passou no quadro na aula anterior. Ela perguntou às educandas se elas haviam terminado de fazer as atividades e elas responderam que não. A professora perguntou o porquê e Estéfane falou que não tem tempo de dia, pois trabalha, e na aula anterior não deu tempo de terminar a atividade. A professora olha o caderno delas e pede para elas concluírem as atividades naquele momento.

Estéfane estava com o seu smartphone guardado, enquanto Rosângela mantinha o dela sobre a sua carteira, porém sem usá-lo. Rosângela terminou de responder as atividades e usou rapidamente o aplicativo Whatsapp. Estéfane usou seu smartphone brevemente, mesmo sem ter terminado todas as atividades.

¹⁶⁹ O Google Drive é um produto da empresa Google, que permite ao usuário armazenar dados pela internet, como arquivos e fotos, e acessá-los em diferentes dispositivos eletrônicos, como smartphone, tablet ou computador. Ele permite a criação de documentos, formulários, planilhas e apresentações, que pode ser compartilhada e permite receber a colaboração de outras pessoas em tempo real por meio da internet. Qualquer alteração feita é salva automaticamente por meio do Google Drive. O site desse produto pode ser acessado em: <<https://www.google.com/intl/pt-BR/drive/>>.

A turma ainda estava muito vazia, mesmo às 19:30 horas, faltando dez minutos para terminar a primeira aula. A professora reclamou com as duas educandas que a sala estava muito vazia e disse que naquela noite também faltaram cinco professores. Rosângela perguntou à professora Catharina se ela aplicaria a avaliação na próxima segunda-feira se a turma continuasse vazia assim e ela respondeu que sim. Catharina falou que está pesquisando justamente os significados de várias palavras e termos desconhecidos pelos educandos que terão na prova e diz que ela teria que escrever no quadro isso no dia da prova. Ela leu para as educandas alguns trechos da prova para elas terem uma ideia. A professora reclamou muito desses termos contidos na prova. As educandas perguntam a ela quem elaborou a prova e a professora responde que foi ela mesma e justifica que a recebeu de um professor de Geografia, citando o nome dele, já que a formação dela é História, mas que dá aula de Ciências Humanas, que envolve os dois conteúdos.

Depois, a professora Catharina começou a correção das questões no quadro, mas não deu tempo de terminar, pois o sinal soou às 19:40 horas indicando o final da aula e ela saiu da sala logo a seguir.

A professora Shirlei, de Matemática, chegou logo a seguir e ficou surpreendida pela pouca presença de educandos em sala, já que só vieram Rosângela e Estéfane. Shirlei esperou Estéfane terminar de copiar do quadro a correção das atividades de Geografia. Enquanto isso, Rosângela usava o seu smartphone. Em seguida, a professora escreveu no quadro o conteúdo sobre medidas de comprimento e de superfície. Enquanto ela escrevia, explica ao mesmo tempo. As duas educandas prestavam bastante atenção.

Quando chegou o horário de 20:10 horas, o Naldo chamou as duas educandas para irem à Sala de Informática para preencherem um questionário pelo computador, acessando o Google Drive: "*Pesquisa do perfil dos alunos da EJA da regional Centro-Sul - RME-BH*"¹⁷⁰. Eu acompanhei as educandas até a porta da Sala de Informática, mas não fui até o computador ver as questões para não constrangê-las nas respostas. O questionário possuía 43 questões e levantava dados sobre o perfil social, cultural e econômico dos educandos da EJA dessa regional.

¹⁷⁰ Alguns dias depois o site estava indisponível, com a mensagem de que "*O formulário Pesquisa do perfil dos alunos da EJA da regional Centro-Sul - RME-BH não aceita mais respostas. Entre em contato com o proprietário do formulário se você achar que isso é um erro.*" Não foi possível acessá-lo depois. O endereço para acesso ao questionário preenchido pelas educandas estava disponível em: <<https://goo.gl/mqgW3W>>. Acessado em: 19 Nov. 2016.

A Sala de Informática estava cheia, havia vários educandos de diferentes turmas da escola. O questionário foi aplicado a todos os educandos que estiveram na escola no período em que o formulário esteve disponível pela internet. Além dos 15 computadores disponíveis na sala, também foram utilizados quatro computadores da Sala de Informática dos professores, que possui seis equipamentos.

Assim que Rosângela e Estéfane terminaram de preencher os questionários, voltaram para a sala de aula, eu as acompanhei, e as educandas puderam terminar as atividades de Matemática que estavam fazendo. Contudo, o tempo foi insuficiente para a correção. Então, a professora Shirlei se comprometeu a fazê-la na aula seguinte que a turma tiver com ela.

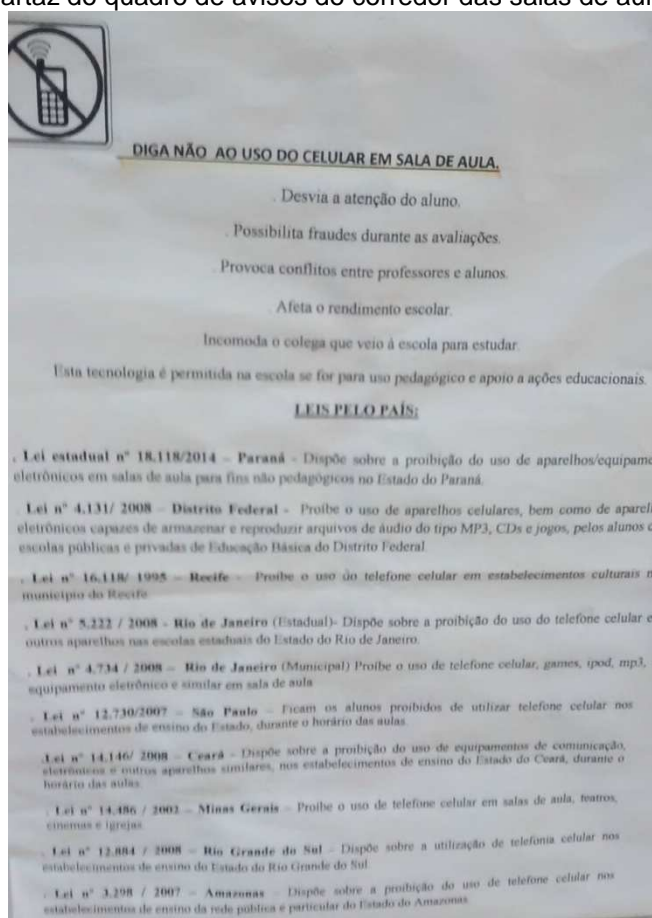
Ao final, quando ainda faltavam cinco minutos para encerrar o segundo horário, as duas educandas já haviam encerrado as atividades e usaram seus smartphones. A professora Shirlei também usou seu aparelho nesses minutos finais. Dentre as quatro pessoas na sala, percebi que eu era o único que não usava. Imediatamente, peguei meu smartphone e também comecei a usar, já nesses instantes finais, para não me colocar em destaque no ambiente, como se fosse o único que não usasse. Assim, todos nós quatro usávamos nossos smartphones. Assim que a professora encerrou o uso do seu aparelho eu também parei de usar o meu. As duas educandas continuaram a usar.

A segunda aula se encerrou às 20:40 horas. As duas educandas teriam mais uma aula com a professora Catharina, a mesma que tiveram no primeiro horário. Eu preferi ir embora, pois avalei que as observações já eram suficientes para aquela noite. Além disso, tentaria realizar uma entrevista com a professora Heidy ainda no terceiro horário que se iniciava. Infelizmente, mas não consegui realizar a entrevista naquela noite, pois ela saiu da sala em que dava aula e foi para outra sala, em que uma turma fazia uma confraternização de chá de bebê de uma educanda daquela turma. Esse evento havia começado no segundo horário. Assim, a professora Heidy não ficou disponível para a entrevista.

Enquanto eu aguardava, para saber se eu conseguiria a entrevista, realizei outras observações. Verifiquei que havia a existência de uma sala de coordenação no andar de baixo, onde ficam as salas de aula. No andar de cima, tem a biblioteca e as salas: dos professores, da direção, da secretaria, da mecanografia, duas de informática (uma dos educandos e outra dos professores). A cantina fica no subsolo.

No corredor das salas de aula, quase em frente à sala da coordenação, há um quadro de avisos com informações sobre vagas de emprego, cursos de formação, cardápio mensal da merenda escolar, leis que proíbem o uso de celular em sala de aula de vários estados brasileiros e um cartaz com um concurso de primeiro concurso de redação da escola, com três opções de tema: “*A importância da EJA para a formação cidadã*”, “*Álvaro Vieira Pinto, nosso patrono*” e “*Eu, estudante da EJA*”. O cartaz que alertava para que não se usasse o celular em sala de aula, trazia algumas frases: “**DIGA NÃO AO USO DO CELULAR EM SALA DE AULA**”; “Desvia a atenção do aluno”; “Possibilita fraudes durante as avaliações”; “Provoca conflitos entre professores e alunos”; “Afeta o rendimento escolar”; “Incomoda o colega que veio à aula para estudar”; “Esta tecnologia é permitida na escola se for para uso pedagógico e apoio a ações educacionais”; “**LEIS PELO PAÍS**” (cita 5 leis estaduais – Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará e Minas Gerais –, do Distrito Federal e das cidades do Rio de Janeiro do Recife).

Figura 45: Cartaz do quadro de avisos do corredor das salas de aula da EMAPV.



Fonte: Fotografia do autor.

Também observei, fora da sala de aula, que há sinal disponível de wifi público e gratuito da PBH, chamado "*BHDigital_Prefeitura*". O sinal chega bem ao smartphone, com dois pontos, em uma escala de zero a três. Contudo, não consegui conectar o smartphone à rede pública de wifi, já que dava erro durante a tentativa de conexão. Para verificar o problema, deixei para realizar nova tentativa em outra data. O acesso gratuito à internet pela rede pública, se funcionar bem, pode ser um grande incentivo ao uso dos smartphones pelos educandos e professores da escola, possibilitando o uso dos equipamentos com mais facilidade e igualdade. Imaginei que poderia ser um erro momentâneo. Infelizmente, verifiquei em outro dia e também durante as entrevistas que o problema é frequente.

Antes de ir embora naquela noite, também consegui marcar uma entrevista com a professora Shirlei, de Matemática. Ela se colocou disponível. Ficamos de tentar fazer a entrevista na noite seguinte, caso houvesse disponibilidade e tempo hábil por parte dela, pois seria sexta-feira, que não é um dia letivo e, portanto, não há a presença de educandos da escola. Se não fosse possível, outra opção seria na semana seguinte. Fui embora da escola às 21:10 horas.

Na noite seguinte retornei à EMAVP, para realizar mais observações de campo e tentar realizar algumas entrevistas. Para fazer a primeira delas, cheguei na escola às 17:30 horas, já com quinze minutos de atraso do horário marcado, para entrevistar a professora Catharina. O trânsito de veículos na cidade estava muito intenso congestionado para se chegar à escola. Quando percebi que não chegaria em tempo, enviei uma mensagem e SMS à professora, cinco minutos antes do horário marcado, informando que me atrasaria cerca de dez a vinte minutos devido ao trânsito, que ficou ruim nas imediações da EMAVP. Ela me respondeu, também por mensagem SMS, que já estava na escola me aguardando. Pra chegar neste horário mais cedo, precisei negociar na escola em que trabalho para chegar para trabalhar uma hora mais cedo e sair mais cedo no mesmo dia, antecipando esse horário na jornada diária daquela tarde.

Assim que entrei na escola, fui direto para a sala dos professores e encontrei a professora Catharina para que eu pudesse entrevistá-la. Fomos logo para a biblioteca, por ser um espaço mais vazio e sem muita interferência de outras pessoas da escola.

Finalmente iniciei a entrevista com a professora Catharina, por volta das 18:00 horas, na biblioteca da EMAVP¹⁷¹. No transcorrer da entrevista observei que alguns professores passaram pela escola e outros, não. Já que teriam uma noite de formação sobre a EJA na SMED, que fica próxima à escola. As outras professoras que eu pretendia entrevistar, ao menos mais uma delas, não puderam dar a entrevista naquela noite, pois a que fiz com a professora Catharina foi bem demorada, devido à conversa sobre os procedimentos e à necessidade de e anotar a sua fala, ao invés de gravá-la. Às 19:00 horas fui embora e não participei da noite de formação na SMED.

Na semana seguinte, fiz uma nova visita para a pesquisa empírica na EMAVP, em busca de possíveis entrevistas, observações de campo e pesquisa documental no PPP e RE na escola. Estive lá no horário de 18:30 às 21:45 horas. Assim que cheguei, fui para a sala dos professores, conversei com as professoras Shirlei e Catharina sobre a minha intenção de entrevistar os educandos Nícolas, Daiana e Caio, caso viessem às aulas naquela noite, pois haviam faltado na minha última ida à sala de aula na EMAVP, na semana anterior. Catharina tentou me demover de entrevistar Daiana e Caio, alegando que eles faltam muito e acha a educanda muito chata. Eu falei que escolhi esses educandos justamente pela infrequência e que eu havia observado que eles conseguiam acompanhar os conteúdos em sala quando vêm às aulas. Nícolas tem a frequência melhor que os outros dois, mas costuma faltar também.

Às 18:50 horas fui para a sala de aula, junto com a professora de Matemática Shirlei. No trajeto, conversei com os coordenadores Naldo e Paulão, quando falei para eles sobre o meu interesse em ler o PPP e o RE da escola. Eles me permitiram o acesso aos documentos e me informaram que eles estão disponíveis na biblioteca da escola, que eu poderia ir direto à servidora que trabalha lá, que ela me ajudaria. Fiquei de ir lá em outro momento, pois seguia para a sala de aula. Ao chegar lá, verifiquei que já estavam presentes a professora Shirlei e as educandas Rosângela, Hortência e Estéfane, além do educando Leandro. As três educandas estavam sentadas na última fileira e o educando na penúltima carteira, à frente da Hortência, que é a sua esposa. Logo depois, chegou o educando Juliano. Às 19:05 horas também chegaram Alan, que eu o havia visto na entrada da escola, quando, cheguei

¹⁷¹ Outros detalhes e a finalização sobre esse fato estão descritos na entrevista concedida pela professora Catharina.

35 minutos antes, e Mário, que eu ainda não conhecia. Portanto, quatro educandos e três educandas no momento.

A professora dava continuidade aos estudos de medidas de comprimento. Ela reescreveu os conteúdos no quadro, já que na aula anterior só estavam presentes Rosângela e Hortência. Depois disso, passou exercícios no quadro. Às 19:08 horas, chegou Ivaldo e se sentou na primeira fileira.

Todos prestavam atenção na explicação da professora, alguns copiam do quadro. Leandro usava o smartphone, abaixo da carteira, para acessar alguma rede social. O telefone celular de Ivaldo toca, ele pede permissão à professora e sai de sala para atender à ligação no corredor, fora de sala. Um minuto depois, ele volta à sala de aula. Leandro guarda o seu smartphone e copia os exercícios de Matemática do quadro. A professora faz a chamada silenciosamente, colocando a presença no diário. Todos copiam os exercícios do quadro.

Às 19:20 horas, chegam os educandos Giovani e Washington, totalizando dez em sala. Leandro usa a calculadora de seu smartphone para fazer as contas de multiplicação e divisão por números múltiplos de dez, para transformar unidades de medida de comprimento, com os múltiplos e os submúltiplos do metro. Alan pergunta à professora se precisa deixar as contas no caderno, ela responde que bastam as respostas, se ele tiver entendido o processo. A professora vai até a carteira de Leandro para ver se ele havia terminado ou tinha dúvidas, talvez porque ela tenha visto ele usar o smartphone. As atividades dele estavam corretas. Depois disso, ela volta à sua mesa e Leandro usou o seu smartphone para jogar futebol, com o aparelho sob a carteira, enquanto aguardava os outros educandos terminarem de resolver os exercícios e a professora corrigir no quadro.

A professora Shirlei pergunta à turma quem irá à excursão para o trabalho de campo na cidade de Tiradentes, alguns deles respondem que irão. Depois, ela pergunta diretamente ao Alan se ele irá e ele responde que não, pois teria que chegar muito cedo na escola em um sábado, pois o horário de chegada estava marcado para 06:30 horas da manhã. Ele disse que precisaria ir direto do trabalho, vindo direto da garagem e ficaria muito cansado, sem aproveitar a excursão¹⁷².

¹⁷² Essa justificativa dele, em relação ao trabalho, eu não sei se procedia, já que na entrevista ele falou de outra realidade sobre o trabalho. Mas seria muito longe de onde ele reside, para chegar no horário marcado. Contudo, ele não alegou a ao ida na excursão por essa razão.

Enquanto aguardava a correção dos exercícios, Rosângela acessa o Facebook pelo seu smartphone e também tem uma calculadora sobre a sua mesa. Leandro, joga futebol pelo seu equipamento. Alan, acessa o Whatsapp e o seu smartphone está ligado por um cabo a um carregador portátil de baterias, com a outra extremidade dentro da sua mochila.

A seguir, a professora Shirlei corrige os exercícios no quadro e todos acompanham. A seguir, acaba o horário da primeira aula e ela sai de sala.

Nesse momento de troca de professoras, entre o primeiro e o segundo horário, observo que cinco, dentre os dez educandos em sala, usam seus smartphones, alguns com fones de ouvido, outros acessam redes sociais. A professora do segundo horário, Grace, demora a chegar em sala. Alguns poucos educandos saem de sala e voltam logo. Os educandos Nicolás e Bárbara chegam na porta da sala de aula, às 19:45 horas, olham e veem que a professora ainda não chegou e voltam, sem nem terem entrado na sala. Chega a informação de que a professora estava de licença médica.

Para substituir a professora Grace, de linguagens, chegou um professor de Ciências Humanas, formado em História e Geografia, que não dá aulas naquela turma. Ele perguntou à turma o que estão trabalhando com a professora Catharina, de Ciências Humanas, eles respondem e ele trabalha dando continuidade e complementando esse conteúdo.

Às 19:55 horas entram em sala de aula os educandos Nicolás e Bárbara. A aula é expositiva e o professor explora o quadro com muitos desenhos ilustrativos e desenha bem.

O coordenador Naldo vai à sala de aula para chamar os educandos que ainda não responderam os questionários sobre o perfil dos educandos, para ser preenchido no Laboratório de Informática. Só ficam em sala quatro educandos, Ivaldo vai embora e os nove restantes vão preencher o questionário no andar de cima. Eu acompanhei os educandos ao Laboratório de Informática. Perguntei ao Nicolás se ele poderia me conceder a entrevista e ele concordou. Depois que ele terminou de preencher o questionário, fomos para o Laboratório de Matemática, que estava disponível para eu usar a sala e fazer a entrevista, que foi realizada, com duração de cerca de 25 minutos.

Após a entrevista, fui para a biblioteca da escola para fazer a pesquisa documental e conhecer o PPP e o RE da escola. Havia um PPP da escola de 2004 e outro de 2008, mais atualizado. Fiz a leitura do mais recente. Encerrei a pesquisa documental às 21:45 horas e fui embora.

Na noite seguinte retornei à EMAVP, entre 18:00 às 21:00 horas, para tentar realizar entrevistas e fazer observações de campo e pesquisa documental no PPP e no RE da escola. Assim que cheguei na escola, fui para a sala dos professores e sentei-me próximo às professoras Shirlei e Heidy. A professora Catharina saía para um evento com educandos da escola, em um local fora da escola, para conversarem sobre as avaliações do ENEM que estavam com datas próximas.

Às 18:45 horas, eu e a professora Shirlei, de Matemática, fomos para a sala de aula. Lá estavam as educandas Rosângela e Rejane. A professora corrigiu um exercício que havia ficado sem correção na aula do dia anterior e tirou as dúvidas das educandas. Rosângela usou rapidamente o seu smartphone e ficou prestando bastante atenção nas explicações da professora. O conteúdo era sobre a conversão de unidades de medida de comprimento, com o metro, seus múltiplos e submúltiplos. Depois, trabalharam com perímetro de polígonos.

Sobre a mesa de Rosângela¹⁷³, havia seu smartphone e uma calculadora, além de seu caderno. Porém, ela não usou os equipamentos para fazer as atividades. As duas educandas fizeram as atividades e a professora corrigiu e explicou os exercícios individualmente, na carteira de cada uma. Já eram 19:30 horas e somente as duas educandas haviam chegado à aula. Rosângela usou sua régua para desenhar os polígonos em seu caderno e Rejane, não. O tempo foi insuficiente para que as educandas resolvessem todos os exercícios que copiaram do quadro. A professora ficou de corrigir na aula seguinte, para que elas tivessem mais tempo para concluírem as atividades. No final da primeira aula, a professora usou rapidamente o seu smartphone. A aula termina às 19:40 horas.

O segundo horário de aula seria com a professora Grace, de Linguagens, que está de licença médica e não veio. O último horário foi com a professora Heidy, de Ciências da Natureza. Eu só fiz as observações no primeiro horário, pois a intenção maior seria aguardar a chegada dos educandos Daiana e Caio, para entrevistá-los,

¹⁷³ Essa seria uma educanda que eu havia pensado em entrevistar. Porém, ao responder o questionário que em entreguei aos educandos, ela respondeu que não gostaria de ser entrevistada. Então, preferi não insistir.

mas eles faltaram novamente. As observações em sala de aula já estavam ficando repetitivas, pois eu já tinha observado a rotina da turma com riqueza e havia outros procedimentos da pesquisa empírica a serem realizados. Assim, a partir do segundo horário de aula, fui para a biblioteca da escola para continuar com a pesquisa documental, a fim de continuar com a leitura e anotações sobre o PPP da escola e também iniciar a leitura do RE. Observei que, na biblioteca, havia dois computadores disponíveis para os usuários daquele ambiente. Fiquei na biblioteca até as 21:40 horas lendo e fazendo anotações sobre o PPP da escola. Depois, fui embora.

Na noite seguinte, retornei mais uma vez à EMAVP, entre 18:00 às 20:50 horas, para mais uma tentativa de realizar algumas entrevistas e para fazer mais observações de campo e pesquisa documental no RE da escola. Cheguei na escola e fui direto para a biblioteca fazer a pesquisa documental no RE da escola, que fica ao lado da sala dos professores, que logo depois já se encontrava vazia, pois todos os professores foram para as salas de aula, que ficam no andar de baixo. Deixei para ir à sala de aula no segundo horário, para ver se os educandos Caio e Daiana estariam lá naquela noite e se eles poderiam me conceder as entrevistas, já que estavam faltando muito às aulas.

A servidora da biblioteca me informou que a EMAVP tinha mais de um exemplar do seu RE e, por essa razão, eu poderia levar um deles emprestado para trazer outro dia, caso eu quisesse. Imediatamente eu aceitei o empréstimo. Mesmo assim, fiquei na biblioteca no primeiro horário de aula, para não interromper a aula já iniciada. Além disso, eu já havia avaliado que as observações que foram feitas em sala de aula já eram suficientes, pois já conhecia bem a rotina diária em sala de aula, com poucas variações que surgiam. O foco da pesquisa empírica naquele momento seria concretizar as entrevistas com educandos e professoras, além de fazer mais algumas pesquisas documentais.

Me encontrei com a professora Heidy, de Ciências da Natureza, e ela me informou que não estaria em sala de aula no segundo horário, já que ela teria esse horário como tempo de projeto e planejamento, sem regência. Ela aceitou me conceder a entrevista nesse momento. Então, fomos para a biblioteca para fazer a entrevista, pois era um local mais tranquilo e vazio. Eu realizei a entrevista com ela, entre 19:50 e 20:20 horas. Depois disso, fiquei mais um pouco na biblioteca e levei emprestada uma cópia do RE da EMAVP e saí às 20:50 horas.

Retornei à escola na noite seguinte, uma sexta-feira¹⁷⁴, no horário de 18:00 às 20:50 horas, para tentar realizar novas entrevistas, fazer possíveis observações de campo e continuar com a pesquisa documental no RE da EMAVP. Quando cheguei na escola, o coletivo de professores e a Coordenação Pedagógica estavam em reunião da sala dos professores. Preferi não entrar para não interromper. Algumas professoras me viram. Fui direto para a biblioteca aguardar o término da reunião e continuar com a pesquisa documental. Eu aguardava a professora Shirlei, de Matemática, que possivelmente me concederia uma entrevista, marcada para aquela noite. A reunião dos professores com a coordenação se encerrou às 18:30 horas.

Enquanto eu estava na biblioteca e aguardava o encerramento dessa reunião, a professora Catharina me pediu emprestado o celular para ela fazer uma ligação, pois a bateria do aparelho dela havia acabado. E a emprestei-lhe o equipamento e ela telefonou para alguém da casa dela. Depois que ela terminou a ligação, me perguntou se eu já tinha alguma resposta sobre a obrigatoriedade ou não da assinatura do TCLE e se a entrevista escrita – que não teve o áudio gravado por exigência dela – ia poder ser usada por mim na tese. Eu falei a ela que eu havia consultado por email o meu orientador, mas ele ainda não havia me enviado a resposta. Ela me falou que hoje ela não teria tempo para continuar a entrevista comigo, mas que era do interesse dela terminar. Eu falei que não tinha problemas e que poderia ser em outro dia.

Quando a reunião terminou, eu perguntei à professora Shirlei se ela poderia me conceder a entrevista naquela noite, ela respondeu que sim, mas só após ela elaborar uma prova que seria aplicada aos educandos na semana seguinte. Quando eu terminei a pesquisa documental do RE, resolvi investigar mais sobre o uso do wifi público e gratuito, cujo sinal é oferecido pela PBH, de nome “BHDigital_Prefeitura”¹⁷⁵. Por diversas vezes, o meu smartphone apresentava a

¹⁷⁴ As sextas-feiras não são dias letivos, pois não há a presença de educandos da escola, por se tratar de um dia escolar, destinado à formação e planejamento do trabalho pedagógico. A penas o corpo docente vai à escola nesse dia da semana.

¹⁷⁵ “A Prodabel, por meio do Programa BH Digital, tem contribuído para que as ações de inclusão digital no município possibilitem a inclusão dos cidadãos ainda excluídos digitalmente. Criado em 2005, o programa busca realizar parcerias, as quais têm colaborado na ampliação do número dos pontos de inclusão digital, que atendam diretamente a população. Com a promoção de cursos de qualificação profissional em Tecnologia da Informação (TI), a Empresa tem proporcionado aos jovens e adultos oportunidades que os habilitem em TI e encontrem novas oportunidades inclusão produtiva. Em 2005, a partir da criação da Diretoria de Inclusão Digital na Prodabel (DID-PB), todas as ações de inclusão digital do município passaram a ser integradas ao Programa BH Digital. O resultado é que, hoje, estão implantados 252 pontos de inclusão digital na cidade em bibliotecas públicas, centros

mensagem “*Falha de conexão*”. Também apareceram as mensagens: “*O site pode não ser confiável*”, em relação à segurança; “*Prosseguir para o site?*”, quando eu aceitava o acesso, que poderia não ser confiável; “*Falha no link*”, na tentativa de ativação do acesso, depois de eu aceitar prosseguir para o site. Depois de cinco minutos, com várias tentativas, carregou na tela do smartphone o site da PBH para cadastrar a senha de acesso, com a necessária aceitação do contrato de uso. Preenchi o cadastro, com uma demora de mais de dez minutos, e consegui o acesso. Porém, veio a mensagem “*Não feche essa janela ou perderá a conexão*”. Como eu usava um smartphone que era de um modelo um pouco mais antigo¹⁷⁶, não conseguir abrir mais de uma janela ao mesmo tempo, usava apenas uma por vez. Assim, tive que perder a conexão com a internet pública da PBH para que pudesse usar o equipamento. A conexão não deu certo.

Depois que terminei essa pesquisa com o sinal de wifi, continuei aguardando pela Shirlei, para fazer a entrevista. Enquanto isso, eu observava a movimentação dos professores: alguns em planejamento, outros elaborando atividades e avaliações, acessando a internet, lendo jornal e livros, um pequeno grupo se reunia, pois era a noite semanal de formação e planejamento dos professores.

Às 20:30 horas, a professora Shirlei interrompeu o uso do computador para me informar que ainda iria demorar e sugeriu que fizéssemos a entrevista em outro dia, ou apenas uma parte naquela noite e encerramento em outra data. Conversamos e resolvemos que seria melhor fazer a entrevista por inteiro em outra data, sem a preocupação com o tempo. Ela voltou para a sala de Informática, eu fiquei por mais alguns minutos na biblioteca da EMAVP e fui embora às 20:50 horas.

No início da semana seguinte, já na segunda-feira, retornei à escola, no horário de 18:40 às 19:50 horas. Mais uma vez fui em busca da realização de possíveis entrevistas e observações de campo na EMAVP. Quando cheguei, fui para a sala dos professores. Instantes depois, foi dado o sinal para o início das aulas. A professora Shirlei, de Matemática, me falou que enviou mensagem para o grupo de Whatsapp da turma que eu acompanhava para informar à educanda Daiana e ao

culturais, centros assistenciais, associações comunitárias, ONGs e entidades religiosas.”. Disponível em:

<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=prodabel&tax=9122&lang=pt_BR&pg=5583&taxp=0&>. Acessado em: 4 Dez. 2016.

¹⁷⁶ O meu smartphone apresentou defeito alguns dias antes e ele estava na assistência técnica. Com isso, eu usava um reserva.

Educando Caio que eu gostaria de entrevistá-los, já que eles não têm frequentado às aulas nas últimas semanas, mas eles não responderam à mensagem enviada. Dirigi-me à sala de aula para realizar mais observações e, principalmente, aguardar e ver se os educandos Daiana e Caio iriam à aula naquela noite. Eles costumavam chegar no primeiro horário, quando iam às aulas. Quando entrei na sala, a professora Heidy, de Ciências da Natureza, ainda não havia chegado ao local. Estavam lá as educandos Rosângela, Estéfane e o educando Mário¹⁷⁷. Ele me perguntou se eu iria substituir a professora, que ainda não tinha chegado. Eu respondi que não, pois estava ali como pesquisador e me apresentei a ele. Perguntei se ele poderia preencher um questionário que outros educandos já haviam preenchido e ele concordou e preencheu imediatamente. Ele informou do documento que não tem o hábito de usar as tecnologias digitais.

Eu falei aos educandos que hoje eu iria fazer mais observações, mas só no primeiro horário, para aguardar se os educandos Daiana e Caio iriam à EMAMP naquela noite. Nesse momento a professora Heidy entrava na sala e a professora Shirlei, que a acompanhava, passava no corredor e me chamou à parte. Ela comentou que, na semana passada, quando o educando Mário me viu pela primeira vez na sala de aula, fazendo observações e anotações, ele ficou muito incomodado e nervoso. Depois ele perguntou a ela se eu era algum perito do INSS, pois ele é aposentado¹⁷⁸. A professora explicou a ele, naquele dia, que eu não era fiscal e que eu fazia uma pesquisa na escola sobre EJA.

Logo depois, chegaram na sala os educandos Michael e Juliano, que se juntaram à Rosângela, à Estéfane e ao Mário. A professora Heidy explicou a eles o conteúdo. Todos copiaram os exercícios do quadro, exceto Giovani, que usava o smartphone.

No intervalo entre a primeira e a segunda aula, eu me encontrei com a professora Grace, de Linguagens, falei com ela do meu interesse em entrevistá-la e marcamos para dali a três dias, quando já estaríamos no início de dezembro de 2016. Os educandos Caio e Daiana foram à EMAMP mais uma vez. As observações em sala de aula já eram suficientes, fui embora às 19:50 horas.

¹⁷⁷ Eu o vi a primeira vez na semana anterior e, naquela noite, me encontrei com ele na entrada da escola.

¹⁷⁸ Provavelmente por invalidez, pois aparenta ser bem novo, com cerca de 40 anos de idade.

Passados três dias, retornei à EMAVP, no horário de 18:30 às 21:30 horas, para tentar fazer novas entrevistas e complementar as observações de campo. Quando me dirigia para a sala dos professores, parei antes numa antessala, em que ficam os computadores para uso dos professores, ao ver que a professora Catharina estava lá, usando um dos equipamentos. Eu precisava dar a ela a resposta sobre a obrigatoriedade ou não da assinatura dela no TCLE, a partir do momento em que ela me concedeu a entrevista, que foi escrita e não teve o áudio gravado, como era do desejo dela. Eu informei a ela que obtive as respostas do meu orientado e do COEP da UFMG a respeito¹⁷⁹. A resposta que obtive foi a de que eu só poderia utilizar a entrevista dela de ela assinasse o termo autorizando o uso¹⁸⁰. A professora ficou descontente com essa exigência de que ela tenha que assinar o TCLE e ficou de pensar o que fará. Alguns dias depois ela aceitou assinar o documento. Outra professora, que usava um computador ao lado, me perguntou sobre a pesquisa que eu faço e eu expliquei a ela.

Depois disso, fui para a sala do professores e conversei com alguns deles. Observei que alguns deles usavam seus smartphones para se comunicarem pelas redes sociais e outros assistiam vídeos, que também eram mostrados aos colegas para assistirem juntos.

Às 18:40 horas fomos para a sala de aula. O primeiro horário da turma que eu acompanhava era com a professora Grace, de Linguagens. Na sala, já aguardavam as educandas Rosângela e Estéfane. Os educandos Caio e Daiana, que eu gostaria de entrevistar, novamente não foram às aulas.

¹⁷⁹ Solicitei esclarecimento por email ao COEP, informando que uma das professoras entrevistadas, ao ler o TCLE, “não quis assinar e me perguntou se seria necessário que ela assinasse o TCLE mesmo a entrevista não sendo gravada. Ela não desistiu da entrevista e me pediu que eu pedisse esse esclarecimento ao COEP. Se recusa a assinar o documento e faz questão de falar sobre o tema e ser entrevistada. Sua opinião é relevante para a investigação. E agora, o que faço? o que respondo a ela?” (Pedido de esclarecimento, por email, em 31 Out. 2016).

¹⁸⁰ Em resposta à consulta, via email, o COEP me orientou, no dia seguinte, que “A resolução 466/12 preconiza em inciso IV d) : ‘...O TCLE ser elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela(s) pessoa(s) por ele delegada(s), devendo as páginas de assinaturas estar na mesma folha...’ A inferência da resolução é a seguinte: se o participante da pesquisa concorda em ser entrevistado, ele assinará voluntariamente o TCLE e o rubricará. No corpo do TCLE, o senhor detalhou que a entrevista será gravada e arquivada, a participante tem ciência desse dispositivo legal. No relato do senhor, a professora recusou assinar o TCLE e a gravação da entrevista. Em aspectos legais, se o senhor utilizar os dados dessa amostra e por ventura, houver quaisquer dúvidas sobre a pesquisa e for abordada essa amostra, o senhor não terá nenhum amparo legal para se resguardar incorrendo, conseqüentemente das sanções administrativas e penais do código civil vigente. Logo, recomendo não utilizar essa amostra, já que a voluntariedade dela está comprometida.” (Reposta por email, em 1 Nov. 2016).

Em outra sala, a professora Shirlei, de Matemática, estava sozinha. Nenhum educando daquela turma havia chegado para as aulas. Ela propôs que fizéssemos a entrevista ali, naquele momento, já que não havia educandos na sala de aula¹⁸¹. Eu aceitei fazer a entrevista e iniciamos imediatamente.

A entrevista foi a mais rápida de todas, durou cerca de 15 minutos. A professora operava com respostas curtas, sem alongar nas questões. Durante a entrevista, chegaram à sala três educandos, o que pode ter causando esse tempo curto de entrevista. Eu perguntei se ela queria que interrompêssemos a entrevista para continuar depois, mas a professora preferiu continuarmos. Ela perguntou aos educandos se eles queriam que ela passasse no quadro alguma atividade enquanto ela respondia às perguntas da entrevista, mas eles preferiram aguardar a entrevista terminar. De toda forma, todas as perguntas da entrevista semiestruturada foram feitas e respondidas.

Após a entrevista, voltei para a sala de aula da turma em que eu acompanhava na pesquisa empírica. Devido à baixa frequência naquela noite, as duas educandas resolveram ir embora para casa. A professora Grace estava sozinha e também aceitou fazermos a entrevista. Assim, iniciamos imediatamente. Durante a entrevista, após cerca de dez minutos do seu início, precisamos interromper por alguns segundos para que um educando de outra turma entregasse um trabalho à professora. Retornamos à entrevista por mais alguns minutos até terminar o horário da primeira aula. Precisamos interromper a entrevista, pois Grace precisava ir para outra turma no segundo horário. Lá, a sala estava cheia de educandos. Marcamos para darmos continuidade à entrevista em outro momento, que poderia ser na mesma noite, caso fosse possível, ou mesmo em outra data.

Como a turma que eu acompanho com as observações estava sem educandos, voltei a testar o sinal de wifi público e gratuito da PBH¹⁸², em diferentes locais na escola. No corredor das salas de aula, o sinal era fraco, 1 ponto em 4. Verifiquei que isso ocorria no andar de baixo e no de cima. Eu até consegui me conectar com o smartphone, porém não consegui navegar em nenhum site. Aparecia a mensagem “Falha de conexão”. Fiquei mais de vinte minutos tentando navegar em alguns sites com o uso do wifi, porém não obtive sucesso.

¹⁸¹ No dia anterior foi feriado e, como já era quinta-feira, o último dia de aula da semana, o ocorrido levou a uma baixa frequência na escola naquela noite.

¹⁸² BHDigital_Prefeitura.

A seguir, dirigi-me à biblioteca para aguardar o terceiro horário de aula e tentar dar continuidade à entrevista com a professora Grace. Na biblioteca havia dois professores. Um deles usava o computador daquela sala para acessar a internet, enquanto o outro lia jornal. Tentei uma nova conexão para testar o sinal de wifi público e gratuito da PBH¹⁸³, durante dez minutos, e não consegui. Aguardei mais alguns minutos, tentei novamente e finalmente consegui. Porém, a navegação estava muito lenta e isso dificultava muito a sua utilização, levando a desistir do uso dessa rede pública e gratuita de wifi¹⁸⁴.

Logo que começou o terceiro horário de aula, a professora Grace me informou que não poderia continuar a entrevista naquela noite, pois teria outra turma para dar aula e ficaria tarde quando ela terminasse. Ela preferiu que marcássemos a continuidade no dia seguinte¹⁸⁵. E assim ficamos combinados. Depois disso fui embora, às 21:30 horas.

No início da semana seguinte, retornei à EMAVP, para possíveis entrevistas e observações de campo, no horário de 18:30 às 21:40 horas. Ao chegar na escola, encontrei-me casualmente com a professora Grace na entrada da escola e fomos conversando até a sala dos professores. Ela falou que tentaria continuar a entrevista comigo naquela noite, no último horário, pois a iniciamos na semana anterior e não terminamos.

Fiquei na sala dos professores até soar o sinal que indicava o início das aulas, às 18:40 horas. Logo a seguir, fui para a sala de aula com a professora Heidy, de Ciências da Natureza. Lá estavam as educandas Rosângela e Estéfane, além dos educandos Giovani e Mário. Pouco depois de iniciada a aula, a professora Grace chamou a professora Heidy e perguntou a ela se ela concordaria em ir com a turma para a sala de vídeo, que fica no mesmo andar, para que os educandos assistissem ao filme “*O Auto da Compadecida*”, pois ele se relacionava com o tema que ela iria trabalhar com os educandos nas aulas de Linguagens. Em apenas uma aula não daria tempo de assistirem todo o filme. A professora concordou e fomos

¹⁸³ BHDigital_Prefeitura.

¹⁸⁴ Desta vez eu estava com meu smartphone, que era mais atualizado, pois já havia retornado da assistência técnica. Alguns dias antes eu tentei com um smartphone mais antigo e também não consegui.

¹⁸⁵ No dia seguinte teve uma chuva muito forte e me atrasei um pouco para chegar na escola. Telefonei do caminho para falar do atraso e me informaram que a professora não havia ido à escola naquele dia. Apesar de já estar perto da escola, nem cheguei a ir até lá. Deixei para o próximo dia letivo, na segunda-feira.

para o auditório. Contudo, o educando Mário foi embora, não quis participar da atividade.

Após essa atividade, continuei a fazer a entrevista com a professora Grace, iniciada na semana anterior. Ela me pediu se a entrevista poderia ser na entrada da escola, ao ar livre. Eu não me opus. A duração da continuidade da entrevista foi de cerca de vinte minutos. Ela aproveitou para fumar cigarro durante a entrevista, por estarmos ao ar livre, já que não se permite dentro da escola. Durante a entrevista fomos cumprimentados rapidamente pela diretora da escola, que havia saído e retornava à escola. Ao término da entrevista, às 21:40 horas, como já estávamos na porta da escola, eu fui embora.

Dois dias depois, retornei à EMAVP, mais uma vez para tentar fazer algumas entrevistas e complementar as observações de campo. Estive lá naquela noite no horário de 18:50 às 21:50 horas. Ao chegar na escola, eu fui direto para a sala de aula, pois as aulas já tinham iniciado. O primeiro horário foi com a professora Shirlei, de Matemática. Ela me falou que o educando Caio informou a ela pela rede social Whatsapp que ele iria às aulas naquela noite. Porém, ele não foi.

Na sala de aula estavam as educandas Rosângela, Estéfane e Hortência, além do educando Leandro. Depois chegaram vários outros: Iano, Juliano, Jorge, Washington, Alan e Giovani. Totalizaram dez educandos em sala naquela noite. Porém, nem Caio e nem Daiana, que eu gostaria de ter entrevistado, mais uma vez não foram às aulas. A escolha desses dois educandos havia se dado justamente pela infrequência deles à aulas e também pelo uso que fazem das tecnologias móveis, para se comunicarem sobre assuntos da escola. A rotina em sala de aula foi a mesma das aulas anteriores com os educandos presentes. Observei que o educando Leandro copiou os exercícios do quadro, sobre área de polígonos, mas dessa vez não os resolveu, pois ficou jogando em seu smartphone. Todos os demais copiaram as atividades do quadro e tentaram resolver. Quatro educandos usavam fones no ouvido, ligados aos seus smartphones. Ao final do primeiro horário da aula, a professora Shirlei me pediu para retificar uma resposta que ela deu durante a entrevista que fiz com ela, em relação ao equipamento que ela tem em sua casa. Ela considera que é melhor do que o que há na escola, porque ele é "*mais moderno*", ou seja, mais atualizado.

No intervalo, entre o primeiro e o segundo horário, quando a sala estava sem professores, conversei com os educandos e contei das várias tentativas de entrevistar os educandos Caio e Daiana, justamente porque são infrequentes, mas que eu não estava tendo sucesso. Falei com eles que eu gostaria, então, de entrevistar outros dois educandos, pois o meu tempo que tirei de férias à noite no trabalho estava terminando¹⁸⁶. Eles concordaram e sugeriram que as pessoas que poderiam contribuir com as informações seriam a educanda Estéfane, que é mais frequente, e o educando Alan, que é pouco frequente. Assim, realizei as entrevistas com os dois, um de cada vez, em uma sala ao lado, onde fica o Laboratório de Matemática da EMAVP. A entrevista com a educanda durou cerca de quinze minutos e com o educando, cerca de quarenta minutos.

A seguir, esperei acabarem as aulas e procurei a professora Catharina, perguntado o que ela resolveu em relação à assinatura do TCLE, pois seria minha última noite ali. Ela me perguntou se as outras professoras e os educandos assinaram o termo, eu disse que sim. Perguntou se eu anotei ou gravei as entrevistas com os demais, respondi que gravei com todos, só com ela que foi anotado. Então ela decidiu assinar o TCLE e autorizou o uso de sua entrevista. Ela falou que ainda quer terminar a entrevista. Eu até sugeri voltar dois dias depois, mas ela falou que preferia nas férias, fora da escola. Então ela anotou meu telefone e ficou de marcar depois, quando ela pudesse. Contudo, nunca telefonou. Preferi não insistir. Depois disso, fui à sala dos professores e agradei a todos os presentes. Logo depois, às 21:50 horas, fui embora, concluindo a pesquisa na EMAVP.

5.2 Entrevistas

A seguir serão apresentados trechos das entrevistas semiestruturadas, para que possam ser analisadas e se conheça melhor os sujeitos investigados. A opção foi por trazer trechos mais relevantes e, assim, evitar que o trabalho apresentado fique mais extenso. Assim, criamos possibilidades para a elucidação e a triangulação dos dados coletados por meio de questionários, observações e pesquisa documental. As entrevistas tiveram início em 18 de agosto de 2016 e se encerraram

¹⁸⁶ Eu precisei tirar alguns meses da licença de férias prêmio no meu trabalho na PBH para fazer as pesquisas de campo, já que não havia liberação para a formação dos servidores. Precisei fazer esse investimento para me dedicar à pesquisa empírica e também para cursar algumas disciplinas, quando coincidiam o horário das aulas com os meus horários dos turnos de trabalho, à tarde ou à noite.

em 9 de novembro daquele mesmo ano, em um total de 18 entrevistas, sendo 8 professoras e 5 educandas e 5 educandos.

As transcrições das entrevistas que vêm a seguir foram agrupadas por escola. Em cada escola, iniciamos com as falas das professoras e, a seguir, as falas de educandos e educandas. Algumas dessas falas serão trabalhadas dialogicamente, trazendo inferências a partir do estudo bibliográfico que foi feito para a elaboração da tese. Assim, procuramos mais uma vez criar condições para a triangulação dos dados, de forma a dar maior confiabilidade à investigação qualitativa. Na transcrição das falas procurei manter ao máximo a sua forma original pronunciada, inclusive com a linguagem coloquial quando assim usada. Retirei algumas pausas para facilitar a leitura.

Algumas perguntas tinham a intenção de deixar a conversa mais descontraída e possibilitar que conseguíssemos entrar nas questões mais relevantes. Portanto, foram selecionados alguns trechos dessas 18 entrevistas para a tese.

5.2.1 *Entrevista de Maria*

A professora Maria, do CEBMFS, foi a primeira pessoa que entrevistei. Foi a partir desta entrevista que pude perceber que o segundo questionário, com muito mais perguntas do que o primeiro, seria dispensável, já que a entrevista trazia muito mais dados do que aquele segundo questionário. Foi um bom aprendizado.

Ao iniciar a entrevista, perguntei à professora Maria há quanto tempo ela trabalhava no magistério, que me respondeu: “*Como professora, eu comecei como monitora no PROEFE1, em 2010. Aí eu não tinha formado, né, foi no meu último ano na faculdade. A partir de 2011 eu entrei pra prefeitura de Nova Lima. Em 2012 eu entrei aqui pro Colégio Emília Ferreiro.*”¹⁸⁷ Portanto, havia 6 anos. Perguntei à Maria se, além do CEBMFS e do PROEFE1, ela havia trabalhado na EJA em outro lugar, quando me respondeu:

“Eu trabalhei primeiro no PROEFE2, com [uma professora da FaE], a gente tinha uma bolsa... ela tinha uma pesquisa sobre leitura literária na Educação de Jovens e Adultos, então eu trabalhei com ela. A pesquisa de iniciação científica e no Clube de Leitura, que seria uma parte de extensão. Então, durante o ano de 2009 a gente fazia essa pesquisa e, duas vezes por

¹⁸⁷ O PROEFE1 é o Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 1º Segmento – do Centro Pedagógico – Escola de Educação Básica e Profissional – da Universidade Federal de Minas Gerais.

semana, a gente tinha encontros na biblioteca do Centro Pedagógico com estudantes da EJA do segundo segmento, que chegavam mais cedo. Então, a gente trabalhava com aqueles livros da coleção Literatura Para Todos, que o MEC distribuía, pra gente fazer a leitura, a gente discutia, entendeu? Fazia outras atividades... Então, desde 2009 que eu trabalho com público da EJA. E nesse tempo, eu parei só em 2011, que eu saí, terminei, e aí eu fiquei na Prefeitura de Nova Lima. Foi só um ano desses que eu não trabalhei.” (MARIA).

Maria falou sobre o porquê de ela trabalhar a EJA:

“Porque eu gosto. Me apaixonei pela EJA na... quando eu tava na Faculdade de Educação. E aí com essa pesquisa eu tive a primeira oportunidade de ter contato com os estudantes. E aí foi... decidi. A minha Formação Complementar é em Educação de Jovens e Adultos. A gente sempre tem umas turmas pequenininhas...” (MARIA).

Maria se formou em Pedagogia. Na outra escola em que trabalha, que é rede pública municipal de Nova Lima, uma cidade vizinha a Belo Horizonte, ela dá aulas para crianças.

A seguir, perguntei à Maria se ela recordava há quanto tempo que ela tinha contato com o computador, que falou a respeito:

“Olha só, eu comecei a utilizar o computador, eu não tinha em casa, quando eu comecei a fazer faculdade. Eu antes, 6 meses... Quando eu fiz vestibular, eu passei na PUC pra fazer Letras, uma bolsa lá, e passei na Pedagogia na FaE. Mas da FaE, como eu estudava de manhã, começava só no segundo semestre. Aí eu fiz o primeiro semestre na PUC, para conhecer o curso, e depois eu até continuei algumas etapas lá. E aí, quando eu passei no vestibular, eu utilizava o computador de lan house, porque não tinha na minha casa. E eu nem sabia... eu lembro que nos primeiros anos de... nos primeiros trabalhos na faculdade na PUC, a gente tinha que escrever o memorial, eu ficava desesperada, porque tinha que anexar o trabalho eu não sabia como fazer isso. Isso foi o que... eu entrei pra faculdade em 2006, então assim... na minha casa não tinha, eu utilizei... comecei a utilizar redes sociais, essas coisas, nessa época, né... ta tudo mais ou menos na mesma época. Então eu utilizava pouco o computador. Celular ninguém tinha, né. E, quando tinha, não tinha esses acessos. E então, foi nessa época. E eu lembro que foi muito difícil. Aí como eu estudava o dia inteiro eu vivia nos laboratórios, eu fazia... ficava no laboratório lá na UFMG, que tinha os laboratórios da FUMP lá e os laboratórios da PUC, também no laboratório de informática, sofrendo com aquele sistema deles que você fazia o trabalho, salvava, abria lá e desformatava tudo [risos]. É que não é... lá não é o ... [...] É o Linux.” (MARIA).

Em relação ao smartphone, perguntei à Maria há quanto tempo ela utilizava, que me respondeu: “É... deixa eu ver.. [pensando] Oh, eu não lembro... [pensando] É... acho que... em 2012 eu já usava. Então, desde 2011 [...] aproximadamente.

Perguntei à Maria que relação ela fazia entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a construção do conhecimento. Ela comentou:

“Ah, é uma coisa que facilita muito, faz muita falta. Hoje em dia, é difícil da gente imaginar, né, que a gente consiga é... é claro que existe conhecimento sem a tecnologia, mas é uma coisa que facilita muito, que ajuda bastante a gente, acesso.... né, conseguir, por exemplo, referências que a gente precisa... eu fico imaginando antigamente, como é que você fazia uma pesquisa de Mestrado, Doutorado [risos] não é difícil de você imaginar? [...] Porque, mesmo que você não tenha tudo. [...] E assim, a questão... fica muito restrita, porque você vai estar em uma biblioteca mas não vai ter acesso, muito difícil mesmo, você tem acesso ao que é produzido de conhecimento no Sul, né? Então eu fico imaginando que devia ser muito mais difícil [risos]. [...] ‘– Ah, eu esqueci o nome daquela referência.’ Aí, você vai... coloca o nome do autor e uma palavra-chave e você: ‘– Já achei!’” (MARIA).

Procurei saber com Maria qual seria o uso do computador que mais lhe desperta o interesse. Ela pensou um pouco e me perguntou se poderia ser algo em relação à sala de aula. Eu falei que sim. Então, ela relatou:

“Olha, eu gosto muito, aqui me permite fazer isso, de qualquer curiosidade que a gente tem, ah... nós estamos falando sobre algum animal específico, aí tem alguma atividade de o nome de um animal e os estudantes não conhecem, então, ah, tem uma divergência. Outro dia me falaram de um tatu que come carniça. [risos] Eu fiquei desesperada. [risos] ‘– Não, porque ele não pode comer não, professora’. Eles comentam muito, né, muitos têm a vida... vem do interior, então eles comentam muito sobre carne disso, carne daquilo, e eu, né, como belo-horizontina nunca experimentei nada dessas coisas, eu fico chocada. ‘– Ah, professora, mas tem um tatu que ele é quase do tamanho... ele faz os buracos que é do tamanho dessa porta’. Eu não lembro do nome. Aí, eu fiquei desesperada e fomos procurar. Então, lá eu tenho... a gente tem a chave da sala de cima, cada uma tinha a sua, agora ficou uma com a Tânia. Então, a gente abre o computador, joga o problema e já vai lá procurar, ver as imagens. Eu vi umas unhas enormes, ficava desesperada e eles riam da minha cara. [...] diz que esse não pode comer. Isso que eles estavam me explicando, esse tatu come mesmo, diz que vive em... perto de cemitério tem um monte. [...] É um tipo de tatu, não é um tatu normal, é um grandão. Depois a gente pergunta pra eles qual que é o nome. Eu fiquei chocada, falei: ‘– Gente, não é possível!’ ‘– Não, professora, mas esse a gente não pode matar pra comer, não’. [risos] Né... daí, eles me explicam, aí a gente vai ver as imagens. Então, é essa coisa... essa coisa fácil, assim, eu acho que é interessante. Então, quando surge uma palavra desconhecida, é... a gente tá fazendo atividade, tem o nome de um instrumento musical que pouca gente sabe qual é. ‘– Ah, mas como que é mesmo?’ Aí, surge um assunto, por exemplo, é... tava tendo um conflito de traficantes na Serra e passou uma reportagem explicando. ‘– Gente, vocês viram lá? não?’ Então: ‘– Vamos... então, depois, enquanto vocês vão fazendo atividade eu vou procurar aqui e aí a gente vê a matéria e aí vocês falam o que vocês acham’. Então, isso é que eu acho que é muito interessante, que enriquece muito, que é uma coisa, que por exemplo, eu não posso fazer com os meus estudantes em Nova Lima, porque eu não disponho dessa tecnologia. Se eu precisar, é... eu teria que agendar um horário, eu teria que buscar um equipamento e a aula vai embora [risos] e essas coisas todas. E aqui, a gente... [...] É um uso que eu gosto muito, porque fica fácil, né... de... de conversar com eles, da gente procurar essas coisas, de pesquisar mesmo. É uma coisa que eu gosto.” (MARIA).

Em relação ao smartphone, perguntei à Maria qual seria o uso ou utilidade que mais lhe desperta o interesse, que me respondeu:

“Ah, eu gosto dessa facilidade de acesso, da comunicação rápida, de conseguir saber com você: ‘– Olha já eu cheguei’. É... né, a gente... eu nem te falei aonde que eu tava, depois eu pensei: ‘– Eu entro pela portaria dos professores [...] ele não vai saber por onde que ele tem que ir’. Sabe, eu gosto de ser coisa rápida e utilizo muito e... eu acho que aproxima mesmo, que ajuda a gente... [...] Assim... minha mãe tem 60 anos, minha tia tem 65, elas estão agora no grupo da família, a gente se diverte horrores, as coisas que elas escrevem... aprendendo a usar, mandando aquelas mensagens cansativas todos os dias. [risos] Sabe, eu acho isso muito interessante, com uma aproximação, né, da família. Minha família, essa parte da minha família, mora em Itabirito. Então, a gente conversava? Conversava, por telefone, duas vezes por semana. Mais a minha mãe do que a gente. Agora, não. Agora, a interação é muito mais. [...] Muito mais rápido e é divertido e sai uns assuntos. Acho muito bacana isso. E tô gostando muito de ver, assim, a utilização que elas estão fazendo. Minha mãe tem pouca escolaridade, mas ela sempre leu muito, assim... ela se orgulha de falar que ela não escreve nenhuma palavra errada, mas morria de medo, viu? do uso do celular, né, morria de medo do smartphone. Aí, quando começou a usar, ela tinha um mais simples que eu tinha dado a ela. Ah, mas... ‘– Não, Maria, mas essa tela tá muito pequena eu demoro muito [risos] pra digitar olha aqui, a minha mão não...’ Então, aí eu tive que comprar um outro para satisfazer o desejo dela, agora ela está com telefone maior do que o meu. [risos] Sabe, e usa e adora e aprendeu as coisas, então eu acho muito legal, acho muito interessante isso. [...] E assim, e atingindo... e quando começou... quando era só os jovens que utilizavam, era uma coisa, agora você todo mundo, desde o meu sobrinho que tem 5 anos que pega o telefone da mãe dele pra mandar mensagem de áudio pra mim, pra falar qual que foi a carinha que ele recebeu na escola pelo comportamento, até a minha mãe, né. Olha, essa questão das gerações, né, dessa comunicação mais rápida. [...] Minha mãe nunca mexeu num computador. A gente até brincava: ‘– Ô mãe, você podia entrar pra uma aula de informática da terceira idade’. ‘– Eu tenho tempo pra isso não’. Que ela trabalha muito ainda. Como... se virou. E começou com Whatsapp e eu falei: ‘– Ah, não mãe, eu vou fazer um Facebook pra você’. ‘– Não, não, não quero saber disso não’. Outro dia, tava mandando mensagem que vai dormir mais tarde agora porque o Facebook não deixa, que ela se tem que ficar no Facebook até... Sabe, então acho muito interessante.” (MARIA).

Perguntei à Maria se, depois que ela começou a trabalhar na CEBMFS, se sentiu mais estimulada ou encorajada pra usar o computador e o smartphone para questões ligadas à escola, que respondeu: “*Com certeza, pela facilidade de acesso, né. Toda a sala que a gente vai, a gente consegue, a gente vai participar de uma palestra [...] Então, todas as salas daqui, que a gente precisar desse equipamento, a gente tem, sabe.*” Pedi à Maria que ela falasse um pouco sobre esse uso das tecnologias digitais em sua turma de alfabetização. Ela relatou o seguinte:

“Então, assim, a gente recebe algumas pessoas para darem palestras, né. Ah, sobre o meio ambiente, sobre... Outro dia foi... ano passado, a gente recebeu uma coordenadora da tarde pra falar sobre representante de turma, aí... assim, essa coisa visual, né. A gente pede muito pra essas pessoas

que vêm, pra não utilizarem muitas letras, pra não usarem as letras muito pequenas, né, pra não ser uma coisa de leitura rápida, por conta dos estudantes o que a gente atende. Mas a questão visual ajuda muito, eu acho. E isso que eu estou te falando da sala de aula, então é... a todo momento a gente pode fazer isso. Pode ser que num dia não apareça? Pode,. Mas a gente tem essa tranquilidade de saber, que no dia que precisar... Às vezes eles chegam: ‘– Professora, você viu o que aconteceu isso, isso e isso?’ ‘– Nossa, não vi. Na hora do intervalo a gente procura alguma coisa na internet’. Sabe, então eu acho que isso... e é o único contato pra eles também, né, que muitos deles ainda não têm computador em casa, não tem, não sabe mexer e tem medo. Eu acho que é uma coisa interessante.” (MARIA).

Muitos educandos da EJA passam a ter os primeiros contatos com os computadores na escola e descobrem a possibilidade de também poder usá-los. A insegurança começa a ser quebrada e o educando começa a vislumbrar que a escola pode lhe ensinar a ler, escrever e também a usar as tecnologias digitais. Por que não?

Na investigação de Coelho (2011), com educandos da EJA, ela relata várias situações em que eles começam a se aproximarem das tecnologias digitais a partir da escola:

A partir do momento que os alunos da EJA começam a se relacionar diretamente com essas tecnologias no cotidiano escolar, eles também começam a perder o medo de interagir e fazer uso dessas máquinas, potencializando assim a sua vontade e curiosidade em conhecer e se apropriar de todas as possibilidades e oportunidades imersas nesses recursos, como também seu processo de alfabetização. Resignificam seus saberes, a partir do momento que compreendem que o que sabem e o que precisam saber é muito mais do que apenas aprender a ler e escrever. Que é preciso desenvolver novas habilidades e competências para transitar das mais variadas formas possíveis pelos espaços sociais, de forma autônoma, sem ter que solicitar ajuda de terceiros. (COELHO, 2011, p. 114).

Perguntei à Maria se, a partir da inserção das tecnologias digitais em seu cotidiano, houve alguma ampliação dos seus espaços de trabalho, que comentou a respeito: *“Olha, no meu caso, não. Porque, desde que eu comecei a trabalhar, eu já.. né... já tô nesse... nesse ambiente que utiliza o computador, né.”* Maria se recorda da tecnologia que ela encontrou na escola, quando começou a trabalhar, 5 anos antes:

“Entrei em Nova Lima, gente era muito divertido, me apresentaram a... Mimeógrafo. Eu ficava desesperada, eu ficava pensando, gente mas que atraso de vida. O tempo que no computador eu faço dez matrizes, eu vou ficar aqui desenhando, fazendo... é pra fazer uma. Sabe, porque lá, nossa, quando a gente entrou, era difícil. Nós fomos do primeiro concurso, depois de quinze anos, sabe. Então, as coisas lá eram bem complicadas. E aí era o contrário, né, eu já exigia: não, a gente precisa... a gente brigava na escola, a gente precisa de mais cópia de xerox, ‘– Não é possível!” Uma das

idades mais ricas de Minas não pode contribuir com isso, ter que ficar com esse negócio mimeógrafo, que demora tanto pra ir fazer. Então, assim... mas aí eu vejo isso na... com as minhas colegas, que são mais antigas e que são ótimas professoras, mas que não tem habilidade nenhuma e que tem medo e que não gosta... Eu tenho professoras que trabalham comigo, que pagam para digitar alguma coisa, vão na lan house e pagam pra alguém digitar alguma coisa boba, entendeu? Tipo assim: lista com o nome de... aquelas tabulações que você tem que colocar assim: quantos acertos... Não estão acostumadas, vieram de outra época, né, tem essa questão geracional, tem a questão do medo. Então, aí eu tento explicar: ‘– Aí... não, senta aqui que eu vou te mostrar o quanto que é fácil, você não vai acreditar que...’ Mas, não, tem essa resistência. Então, pra elas, eu acho que é... tem um impacto maior essa questão da tecnologia na escola. Pra mim, não. Mas por outro lado, por exemplo, essa questão do ciberespaço, não tive também a possibilidade, não, sabe. Com o público que eu trabalhei, a gente nunca fez alguma coisa.” (MARIA).

Para vencer essas dificuldades de infraestrutura que havia na escola em que trabalhava, Maria decidiu investir em equipamentos por conta própria, comprando com o seu dinheiro e montando certa infraestrutura em sua casa para realizar as atividades que necessitava para o seu trabalho pedagógico na escola. Ela revela que chegava a ficar constrangida por essa situação, mas que, algum tempo depois, a situação na escola melhorou nesses 5 anos:

“Durante um tempo, assim... durante alguns meses, eu ainda tentei. Aí eu fazia, ficava lá horas fazendo, mas... já arrumei uns desenhinhos pra colocar, porque... enfim... ah, pra ver se ficava melhorzinho. Mas aí, por fim, eu tava pagando para tirar xerox para os meus alunos, porque eu não aguentava aquilo, sabe. Eu comprei uma impressora [risos] com toner, para eu poder... pegava a folha da escola e tirava, porque eu achava... ficava inconformada com aquilo, sabe. Demorou um pouco, mas mudou, graças a Deus. [risos] As coisas melhoraram lá. E aí eu peguei o ônibus uma vez com um moço, que ele tava falando: ‘– Nossa, na minha época era tudo tão difícil, é... não, vocês nem devem conhecer, a gente trabalhava com mimeógrafo’. [risos] A minha amiga abriu a boca pra falar alguma coisa, eu cutuquei ela: [risos] ‘– Se a gente falar com ele que, em pleno 2012, a gente tá usando mimeógrafo, ele vai pensar o que da gente? Vai pensar que a gente trabalha numa escola rural, não é possível’. Aí, não deixei ela falar que a gente usava mimeógrafo em 2012, não. [risos]” (MARIA).

Maria falou que não havia dúvidas de que houve a ampliação dos seus espaços de estudo e de aprendizagem com a inserção das tecnologias digitais.

Em relação aos educandos, perguntei à Maria se ela teria alguma opinião de por que alguns utilizarem as tecnologias digitais e por que alguns não as utilizam. Ela pontuou que:

“Acho que tem a ver com essa questão de acesso, essa questão geracional também, depende muito da faixa e atitude que tá, né. Hoje em dia, você pega assim os estudantes mais novos, todos eles têm acesso, né, sabem, tem facilidade, principalmente quando a gente pensa... é porque se eu pensar com os meus alunos da EJA [mais velhos], por exemplo, que a gente

vê aqui, que é outra realidade, né. [...] A grande maioria tem um celular, por exemplo. Mas é desses celulares mais simples, não tem internet, né. É... alguns têm computador em casa e, com a intervenção da família, fazem alguma coisa. É o caso da [educanda] Tábata, por exemplo, o marido dela, aqui da sala, tava me contando que, no feriado, ela só ficou jogando joguinho online lá, que ela descobriu. [risos] ‘– Não, mano, tô perdido, é só Tábata naquele computador, fazendo uso desses jogos’. Então, alguns ainda, quando tem internet de alguém, fazem o uso. Mas a grande maioria, não. E eu tô com uma turma mais velha, esse ano, né. Eu não tenho, assim, tantos alunos mais jovens. Pra falar a verdade, eu nem pensei qual que é o meu aluno... acho que preciso de mais alunos mais jovens, eu tô com uma turma bem... com a idade, né... [...] eu não tô... eu não tenho mais jovem... [risos] na minha sala, não. Não tenho mesmo não, olha que engraçado. Não tinha parado pra pensar. Meus alunos... ontem, eu descobri que uma aluna minha tinha 77 anos, eu fiquei desesperada, que eu imaginava assim.. quase 70... 77... [...] Né? Muito tempo. E aí, eu brigando com ela porque... brigando assim, né, no sentido... querendo que ela soubesse armar uma conta, [risos] ela tem essa dificuldade. Eu pensava: ‘– não, gente, ela é tão espertinha, ela dá conta, deixa eu ensinar ela a amar. Vamos lá, Dona Geralda’. Depois, eu parei pra pensar: ‘– Ô gente, que judiação, né. Se ela dá conta, vou ajudar ela de outra forma, vou pensar em outras estratégias’. Mas assim, então a minha turma dessa é mais velha. Então, assim, usam o celular... têm o celular, carregam um celular, mas utilizam: pra atender, às vezes pra ligar com o número. Então, assim, tem uma... Maria dos Anjos... ela tá com quase 70, então ela pega... quando eu peço: ‘– Ah, me dá o telefone de um filho seu’. Aí então, ela pega lá na carteirazinha dela um monte de papelzinho pequeno com os números. Então, ela dá conta de ligar pegando o número, ditando e ligando. Se for pra procurar na agenda, por exemplo, não dá. [...] Até a Tábata, que é mais esperta, outro dia me falou isso: ‘– Ah não, professora, eu consigo... eu ligo porque sei de cor’. Sabe, então o fato deles usarem pouco... Mas assim, eles têm esses celulares, utilizam nessa função de... muitos só atendem, outros ligam e atendem, outros compram um celular mais avançado e ficam na dependência de alguém ensiná-los, sabe. Então, por exemplo, outro dia um aluno chegou: ‘– Professora, cadastra esse chip pra mim’. Porque ele comprou um outro chip e aí precisava que eu ligasse e fizesse o cadastro do CPF dele, pra poder ativar o chip. Sabe... Mas, na minha sala, eu acho que, por conta... agora né, chegando a essa conclusão, que por conta da idade, deles serem pessoas mais velhas e de ser poucos adolescentes... adolescentes a gente até que não tem não... poucos jovens, é... o uso não é tão frequente assim.” (MARIA).

As pessoas que não são alfabetizadas ou que ainda estão em um processo inicial de alfabetização, conseguem utilizar alguns aplicativos nos smartphones através de áudio, como o Whatsapp, que é uma alternativa ao texto escrito. Por essa razão, perguntei à professora Maria se ela saberia informar se algum deles utilizava alguma tecnologia móvel para se conectar às redes sociais. Ela me falou que:

“Não, não. Nenhum deles. [...] Da minha sala, hoje em dia, não. Aí, o que eu tinha de... aí na outra sala já é o contrário, a gente já tem. Os meus, do ano passado, alguns que saíram, né, que usavam muito, que mandam mensagem até hoje, manda uma mensagem de voz pra mim: ‘– Ô, professora, eu sumi mas vou aparecer aí pra te ver’, né. Alguns que pararam de estudar, alguns que foram pra outra sala...” (MARIA).

Como as turmas de EJA do CEBMFS são do processo inicial de alfabetização, procurei saber com a professora Maria se os educandos com quem ela troca mensagens pelas redes sociais, enviam as suas mensagens mais de voz ou também escrevem os textos. Ela revelou que há:

“Medo, total medo de escrever, total. Então, eu... uma aluna minha que parou de estudar, eu ainda insistia, ela me mandava de voz, eu respondia a ela com como texto escrito, pra forçar ela, mas ela falava: ‘– Ah, não. Eu tô escrevendo muito errado’. E aí... ‘– Não, não tem jeito não. Outro dia, fui mandar uma mensagem pra minha patroa, escrevi uma coisa toda... era pra desejar feliz aniversário, escreveu uma palavra feia lá, que eu nem sei o que significa’. Oh, dó! Então, ela... aí eles ficam com medo, sabe. Mas lê. Aí, todos esses eu faço questão, eu não gosto de comunicar com eles por voz não, eu gosto de escrever. Eles me respondem por voz. Não sei se, assim, em alguns casos, pedem ajuda de alguém, né. Não sei. ‘– Ah, não tô entendendo, lê aqui, filho, pra mim’. Mas eu não faço questão de utilizar dessa maneira.” (MARIA).

Uma das educandas entrevistadas, Alice, que estuda na EFALO, já estudou no CEBMFS mas não foi das turmas em que MARIA foi professora, me revelou em sua entrevista que é amiga da professora Maria e que, até hoje, se comunica com ela por meio das redes sociais, especialmente pelo Facebook.

Sobre a infraestrutura de que Maria dispõe em casa, como espaço, equipamentos e conexão à internet para ela realizar as suas atividades docentes, preparação de aula, orientação aos estudantes etc. Perguntei se, do que ela precisa, tinha tem tudo em casa, que respondeu: “*Tenho, tenho tudo, tenho uma impressora super potente [risos] que faz dez mil cópias, é quase uma máquina de Xerox [risos].*” Perguntei se ainda era para não precisar usar o mimeógrafo, ela falou que era “*Pra não ficar na fila, né, dos outros professores, pra imprimir matriz, aí dá pra imprimir tudo lá.*” Quanto à infraestrutura que Maria possui em casa, perguntei se ela considerava melhor, pior ou sem diferença ao que tinha disponível na escola. Maria respondeu:

“Olha, não... na minha casa é do meu jeito, internet é mais rápida e a questão do acesso, né... na escola muitas vezes... aqui a gente só tem é... assim... eu poderia chegar e ir pra a Sala de Informática, mas não costumo fazer. É... então, aqui tem do computador... até que não é ruim, não. Mas, só da outra escola, por exemplo, é um computador para ser usado por trinta professores. Então, lá, a gente praticamente não usa, né. [...] É, da minha casa é melhor. [risos]” (MARIA).

Depois que terminei com as perguntas previstas no formulário que levei para a entrevista semiestruturada, perguntei à Maria se ela teria algo a complementar,

sobre algo que eu não havia perguntado ou que ela havia recordado. Maria trouxe outras contribuições à entrevista:

“Eu queria ter mais tempo pra... pra levar meus alunos pra... dispor... a gente tem uma... você vai conhecer. A gente tem aqui na escola um Laboratório de Informática que tem computadores bons, rápidos, sabe. É uma sala ótima, teria espaço pra todos eles sentarem num computador individual, mas o que eu já expliquei pra questão da coordenação, é que eles ficam muito ansiosos quando a gente vai pra lá. Então, eu não dou conta, é um cansaço, assim, físico e por quê? Porque eles ficam com raiva se você não atende na hora, porque é algo novo é algo que eles têm vontade, eles têm curiosidade e infelizmente o tempo daqui, que a gente tem, é muito curto. A gente tem três horas, tem alunos... três horas de aula, [...] de seis e meia até nove e meia. Muitos... a maioria não chega às seis e meia, a maioria não vai embora nove e meia. Então, ainda tem menos tempo, se a gente tirar o intervalo, fica menos tempo. Então, assim, eu não posso... eu gostaria muito, mas eu não posso, ainda... não consigo ainda ter, por exemplo, uma aula por semana no laboratório e, quando eu vou lá, eu preciso do auxílio de alguém. Agora com a Tânia aí, talvez assim... a gente... seja mais fácil, eu tenho até que experimentar por conta disso, porque eles ficam muito ansiosos, é uma coisa... é um trabalho que tem que ser feito, assim, muito individual, mostrar um por um, porque só eu explicar, eles não conseguem executar. Então, tem que passar pra fazer, sabe. Mas, assim, ficou muito bom, eles ficam muito felizes, então, por exemplo, eu coloco uma coisa pra digitar, aí a gente aproveita a impressora de lá, imprime, aí fica aquela coisa, aquele orgulho, né, olha eu que fiz. E, assim, coisas significativas... ‘– Ah, vamos digitar alguns nomes, digita aqui o seu nome completo, nome de seus filhos, dos seus netos’. Eles ficam impressionados de ver que não é a ordem do alfabeto: ‘– Mas como é que você consegue, professora, se não tá na ordem do alfabeto?’ Isso é uma coisa distante deles, né. E eles têm muita vontade, não sei se Tábata, na conversa com você vai falar, mas outro dia ela chegou aqui, semana passada ela chegou aqui encantada: ‘– Ah, não. Vou ter que comprar um fone de ouvido daquele pra mim, gostoso demais mexer no computador ouvindo música’. Que foi a atividade que eles utilizaram lá. Eu falei: ‘– Olha aí que bacana, né. Eu posso levá-los lá, ensiná-los a procurar a música que eles gostam’. Já tinha feito isso uma vez, no Youtube, tava mostrando pra eles o Youtube. Apresentei, e aí? ‘– O que que você quer ver?’ Aí um aluno, que agora foi pra outra turma: ‘– Coloca aí Galo campeão de não sei o quê [risos]’ aí foi ver isso. Outro queria ouvir Racionais, o outro queria Amado Batista, então a gente utilizou isso, né, eles colocaram os fones, lá no laboratório tem, eles foram vendo e cada um fez assim... nessas limitações de... de pouco... pouca gente para ajudar, sabe. E aí a gente conversou isso e propôs pra escola, sabe, de arrumar, assim, uma equipe de monitores, por exemplo, do Ensino Médio, ou do final do Fundamental 2 mesmo, pra vim fazer durante um tempo, não precisava ser a noite toda, né. [...] Não é? Pra ajudar. Aí, foi lançada a ideia, vamos ver se dá certo, assim, acho... acredito que pro próximo ano, [risos] estou achando para este difícil. Mas imagina que interessante que ia ser, né? [...] Acho que a interação vai ser boa, né. E esses adolescentes conhecem mais do que a gente, eles vão saber auxiliar direitinho, né, fazer uma seleção bacana de quem é que pode ser, eu acho que vai ... que vai dar certo.” (MARIA).

5.2.2 Entrevista de Tábata

Tábata, que estuda no CEBMFS e cuja professora é Maria, foi a primeira educanda a ser entrevistada. Mesmo ela estando no processo inicial da alfabetização e ainda não ter o seu smartphone, trouxe muitas contribuições à investigação. Especialmente para conhecer o sujeito da EJA nesse processo de construção do conhecimento. Foi muito interessante saber que foi justamente a possibilidade de ela ter o acesso às tecnologias digitais na escola que a incentivou e estudar no CEBMFS.

Como Tábata poderia ter dificuldades no preenchimento do questionário, durante a entrevista perguntei a ela algumas questões presentes no documento. Ela revelou que tinha 49 anos de idade e que estudou cerca de 2 anos, quando criança, antes de vir para a EJA. Tábata falou que, em sua adolescência: *“Eu tive o MOBREAL, né, que foi há muitos anos atrás, quando eu tinha quinze anos.”* Ela recorda desse período e disse: *“Depois acabou. Eu estudei no MOBREAL só pra aprender a escrever. A escrever, não, a ler. Então, portanto, eu tô aqui mais pra aprender a escrever porque lê, eu leio, tenho a leitura mais ou menos boa.”* Conversamos sobre esse processo de aquisição da leitura e escrita e Tábata falou que sabia:

“Mas escrever, eu não sabia escrever nada. Aprendi já muita coisa aqui já. E no MOBREAL eu fiquei um ano, que era só um ano mesmo de MOBREAL. E na escola, eu já estudei já né duas escolas, durante dois anos, um ano né uma, um ano na outra. Não tava aprendendo nada, aí eu fui pulando, que nem lagartixa, inté cair aqui, que aqui eu tô gostando muito.” (TÁBATA).

Tábata informou que começou a estudar no CEBMFS em fevereiro daquele ano e, portanto, há 5 meses. Ela avalia: *“Mas esse ano que eu tô aqui parece já tem um tempo que eu tô aqui, assim. Barbaridade! Eu já aprendi muita coisa.”*

Perguntei à Tábata se ela se recordava como era a escola que ela frequentou, antes do MOBREAL, quando ainda era criança. Ela se lembra e relata: *“Ah, frequentei, mas eu saí, porque a gente... minha mãe não tinha condição de comprar caderno, minha mãe morreu, eu tinha 8 anos, era muito nova. Então, eu tive que começar a trabalhar, então eu não tinha como eu estudar.”* Desde criança Tábata enfrentou muitas dificuldades e a escola foi uma das perdas que sofreu desde a infância, recorda:

“Eu cheguei a ir na escola, foi inté aqui no Augusto de Lima. Só que eu fiquei lá o que... um pouco, porque eu não aprendi nada, aliás eu num aprendi nem a assinar o meu nome, na época, né. Eu entrei com sete anos, minha mãe morreu, eu tinha oito, não aprendi nada. [...] Aí, eu tive que sair pra trabalhar, que eu não tinha como me sustentar. Era eu e meu irmão. Aí eu saí da escola. Aí, depois que eu fui pra São Paulo, que a minha patroa me colocou no MOBRAL, pra mim aprender a ler e escrever ao menos o meu nome, que eu não sabia nem escrever o meu nome. Aí eu fiquei um ano no MOBRAL, e na época era pagado o MOBRAL, minha patroa pagava. [...] Pagou pra mim estudar. Aí eu fiz o MOBRAL. Depois do MOBRAL eu fiz essas outras escolas, que nem eu falei, não aprendi nada. Aprendi... aliás, aprendi nada. Aliás, eu tô aprendendo muita coisa aqui, tô aprendendo a mexer com computador, tô aprendendo muita coisa aqui, sabe. Essa escola aqui é muito maravilhosa. Então, eu... agora eu me sinto realizada, sabe?” (TÁBATA).

Pedi que ela falasse sobre como era trabalhar desde os 8 anos de idade para o sustento da família. Ela ressalta que: *“Desde oito anos. E não vou aposentar tão cedo, porque não assinava minha carteira, né. Depois começou a assinar minha carteira bem depois.”* Perguntei se ela estava trabalhando e falou que sim.

Perguntei à Tábata se ela teria algum exemplo para citar sobre a importância do uso do computador para questões ligadas à escola. Ela conta sobre um fato ocorrido e se deslumbra com o uso das tecnologias digitais:

“Ó, pras coisa de escola eu acho importante porque ajuda a pessoa... inté ajudar a conhecer a letra, ajuda a pessoa a... em comunicação, né menino, inté pra comunicar é uma coisa muito boa, ajuda nas... na leitura, ajuda muito a pessoa no conhecimento, né, que tem muitas coisas que a gente não sabe que existe e existe, puxando no computador a gente vê que existe, é umas coisas assim que a gente fica boba. É que nem no dia das Olimpíadas, que a menina mandou a gente fazer um cartaz das Olimpíadas, né, no computador, aqui na escola, aí nós fizemos. Eu falei: ‘– Gente, mas tem como nós fazer isso?’ Ela disse: ‘– Tem.’ Tirar a imagem, fazer imagem ficar pequetinha, fazer mais... é impressionante aquilo ali, né? [...] É de Deus, menino, esse negócio. De Deus. [...] É. É ótimo.” (TÁBATA).

Conversamos a respeito do uso da Sala de Informática e Tábata falou que lá *“Tem uma professora pra ajudar e tudo.”* É uma aula por semana, que ocorrem sempre às segundas-feiras, iniciando uma hora antes das aulas começarem. Tábata justifica que é assim *“porque outro dia também tem nem jeito, né, porque atrapalha inté também aqui. Não atrapalha porque gente pega cinco e meia [...] às seis e meia.”* Tábata disse que essas aulas de Informática para todos os educandos que queiram e possam ir lá nesse dia e horário. Perguntei a ela se lá na CEBMFS eles permitem que os educandos usem o celular ou outras tecnologias, ela disse que: *“Permite. Trazer o celular, [...] não proíbe não.”* Quanto a outras tecnologias em sala de aula: *“Ainda não precisamos ainda não, mas acho que se precisar...”* Procurei

saber com Tábata se, entre os educandos, eles têm alguma forma que vocês se comunicam um com o outro, como é o caso Facebook que ela usa em casa. Ela falou: *“Eu tenho um... Na verdade, [...] eu não tenho nenhum dos meus amigos aqui no meu Facebook, não.”* Portanto, ela não participa das redes sociais com os demais educandos da escola. Ela disse que *“Só a professora e a Tânia e a outra professora. Porque os meus amigos ainda não me chamaram. Eu tenho que... Eles têm.. Vou intê que pegar com um deles. Eu tenho o telefone deles, mas não tenho eles no Facebook.”* Da CEBMFS, ela confirma que : *“É, só as professoras.”* Quanto ao uso do telefone para fazer ligações entre eles, perguntei a ela se eles têm o hábito de conversarem por esse meio, mas ela respondeu sobre o relacionamento entre eles:

“Costumam. Nós temos muita comunicação entre os alunos. Tem vez que a gente... a gente vai pra biblioteca juntos, lá junta todos, reúne todos e vão juntos. Então, a gente tem muito assim... comunicação. Na hora de lancha, a gente lancha junto. Eu acho que é muito, assim, companheirismo.” (TÁBATA).

Insisti com ela, dizendo que eu perguntava sobre a comunicação por telefone, se os educandos costumam ligar um para o outro e ela falou o seguinte:

“Ah, liga. Tem uns dois ou três aqui que a gente liga um pro outro. O Zé, a Dione... Que a gente tem o telefone deles, né, que as professoras deu o telefone dos alunos, pra gente comunicar quando a gente precisasse de alguma coisa, ou mesmo pra conversar à toa mesmo. Mas afinal de conta, telefone não tem coisa melhor não, né meu filho. Agora, que nem o celular, por exemplo, melhor ainda, ele nem gasta, né, manda tudo pelo... é... [...] aquele... o áudio, que a gente fala e a pessoa escuta sua voz lá, né? [...] Aquilo é bom demais. [...] Então, eu falo com o da minha menina e do meu menino. O meu não tem nada disso não, que ele é mais antigo. Mas o da minha menina... da minha menina eu mando... vira e mexe... Menino, é uma coisa impressionante, o celular né? Meu irmão mora em Foz do Iguaçu. Eu posso falar isso? [...] O meu irmão mora lá em Foz do Iguaçu. A gente fala comigo como se ele estivesse aqui, como se tivesse eu e você conversando. Eu fico... A gente manda áudio pra ele, ele responde. Teve um... No dia do meu aniversário, meus menino fez um trem que eu não sei como é que eles fizeram aquilo. Foi com celular. O meu irmão, de lá de Foz do Iguaçu mandou pra mim uma mensagem que eles pôs na televisão e meu irmão falando comigo. [...] Menino, eu achei muito interessante aquilo. Ué... Não sei se a menina dele tirou, não sei como é que foi não, só sei que foi a coisa assim, quando eu cheguei que eu vi na televisão, falei: ‘ – Meu... O que que o Antônio tá fazendo aqui?’ Eu pensei que ele tava ali naquele momento, sabe? Achei muito interessante. [...] E olha a distância, menino. Foz do Iguaçu não é aqui não.” (TÁBATA).

A partir dessa fala de Tábata, comentei com ela sobre o aplicativo Skype¹⁸⁸ e perguntei se ela o conhecia. Mais uma vez ela demonstra certa idolatria ao uso das tecnologias digitais:

“Ah, a minha menina... não... a minha menina tem... Ela tem o Skype no celular dela. [...] A pastora da igreja dela tava lá em São Paulo, ela,, eu conversando com a pastora e a pastora me vendo. Menino, ela andava... ela tava vendo a gente o tempo todo, andando. Não... É muito interessante, não é? Não, é muito chique, nossa mãe! É uma coisa de outro mundo isso.” (TÁBATA).

Tábata já havia comentado que começou usar o computador no início do ano, depois que foi estudar no CEBMFS, há cerca de 6 meses. Pedi que ela falasse como era antes, já que ela tinha computador em casa e não usava. Ela falou que: “*É, é esse ano. [...] Já tinha esse trem que eu tava te falando, notebook. Que é computador, porque lá tem internet.*” Perguntei há quanto tempo que em sua casa tinha o notebook e se ela não tinha interesse em usá-lo. Ela comentou o seguinte:

“Ah menino, mais de uns dois anos. Eu nunca interessei, menino, mexer naquilo. Eu via meus menino mexendo e: ‘– Gente, Marluce, o que é que você tá fazendo?’ ‘– Ô mãe, esse aqui é o Face.’ Minha... ‘– A senhora tá pegando minha privacidade. [risos] Aí, eu saía pra lá. ‘– Marluce, mas eu não posso mexer não?’ Eu tentava mexer. Em vez de eu mexer num trem que podia, eu acabava apagando... ‘– Ah, não vou mexer com isso não’. Aí, eu deixei pra lá. Agora, esse ano, meu filho, a hora que eu chego da escola, Marluce: ‘– lii, meu Deus, já vi tudo. Toma mamãe.’ [risos]” (TÁBATA).

Perdi à Tábata que ela falasse um pouco sobre como era no trabalho dela e há quanto tempo ela já tinha o contato com o computador lá. Ela falou que: “*Tem um ano que eu tô lá.*” Então, perguntei como era no emprego anterior e Tábata me falou: “*Não, no outro serviço, a minha patroa era mais chata, ela não deixa eu mexer no computador, não.*” Perguntei se lá havia algum computador e ela falou que sim, “*Mas ela nunca deixou eu mexer não.*” Pedi que ela tentasse se lembrar há quanto tempo que ela já tinha o contato com o computador, mas não mexia nele, que disse: “*Ah, muitos anos. Misericórdia! Aqueles computador que parecia um trambolho desse tamanho. Já vi computador de tudo quanto é tipo de... de espécie, mas nunca mexi. [...] Mais de dez anos. Tem muito tempo que existe computador.*” Perguntei se a escola havia lhe incentivado a iniciar esse uso e Tábata que o próprio “*celular tem*

¹⁸⁸ O aplicativo Skype pertence à Microsoft e “*aproxima pessoas e grupos, não importa a distância. Os recursos de SMS, voz e vídeo do Skype permitem que você compartilhe experiências [...] Pagando um pequeno valor, você pode acessar ainda mais recursos, de diferentes maneiras, e conectar-se a mais pessoas. Por exemplo, pode ligar para telefones ou enviar SMS*”. Disponível em: <<https://www.skype.com/pt-br/about/>>. Acessado em: 31 Ago. 2017.

séculos que tem e tem um ano pra cá que eu tô usando celular.” Portanto, ela iniciou o uso do celular alguns meses antes de estudar no CEBMFS. Tábata recorda desse início do uso do celular:

“Antes de vir pra cá, porque os meus menino ficava assim: ‘– Mãe, a senhora sai, a gente fica preocupado, não tem como comunicar com a senhora, a senhora vai ficar com esse celular, mãe, já que a senhora não quer um novo, nós vamos dar esse aqui pra senhora, só pra gente ligar’. Então, portanto, eu não sabia nem mexer no celular, que vergonha. [...] Agora eu tô aprendendo, que agora já sei ligar a cobrar, eu já sei fazer ligação, já sei caçar alguma coisa no celular. Eu não sabia nada.” (TÁBATA).

Perguntei à Tábata se, além de ligações telefônicas, ela também tinha o hábito de enviar mensagens pelo telefone, que respondeu: “*Nunca... O meu não manda não. O meu é daquele mais antigo, sabe?*” Falei da possibilidade de envio de mensagens SMS e Tábata disse que: “*Não, mas o meu não manda não. Ele já foi do meu menino. Meu menino diz que ele não manda nada desse trem, não.*” Quanto à agenda do celular, perguntei se ela conseguia usar, que me respondeu: “*Isso eu consigo. Agora, né. Porque antes, eu não sabia nada, menino, impressionante. [...] O celular do meu menino aquele que faz assim, [desliza o dedo] que abre, né. Eu não sabia nem como abrir ele, oh que vergonha.*” Falei que isso era normal, que eu também tive dificuldade a primeira vez que usei um smartphone. Tábata ficou mais a vontade e narrou que:

“A minha netinha sabe, meu filho. A minha netinha tem sete anos. Se você ver a minha netinha... a minha nora ganhou um celular, que o meu menino deu pra ela, um novo que saiu aí, a minha nora não tava sabendo mexer nele não. A minha netinha já sabe tirar foto com ele, a minha netinha já passou mensagem. Eu falei: ‘– Deus, o que que é isso? Marluce, minha filha, esses menino tá mais adiantado que a gente, já nasceu com o computador na cabeça.’” (TÁBATA).

Coelho (2011) aborda a relação entre as pessoas não alfabetizadas ou em processo inicial de alfabetização e as tecnologias digitais. Ela nos apresenta algumas reflexões:

Convencionalmente, tem-se a ideia de que é preciso saber ler e escrever para utilizar o computador, não só para acessar a internet, mas outros diversos aplicativos disponíveis na máquina. No entanto, o comportamento não só de crianças como também de adultos, diante dos computadores, tem suscitado a discussão acerca do nível de usabilidade dessas tecnologias por pessoas que ainda não estão completamente alfabetizadas ou, estão em processo de alfabetização. É necessário estar convencionalmente alfabetizado para usar o computador? Os sujeitos colaboradores da pesquisa revelam a preocupação em aprender a ler e escrever para poder

utilizar o computador, ao mesmo tempo em que confidenciam a sua surpresa em ver crianças que assim como eles, ainda não dominam a língua escrita, contudo utilizam os computadores com certa “facilidade” (COELHO, 2011, p. 91),

Tábata falou que, depois que começou a usar o celular com mais frequência, aprendeu a usar o aparelho que era apenas usado como telefone celular para tirar fotografias também. Perguntei como ela usa o equipamento também para essa finalidade, que me falou:

“Pra te ser sincera, não tô usando agora porque eu vou... ele está sem cartão de memória. Eu só tô... só uso ele mesmo pra atender os meus menino e pra ligar. Só que eu vou por... Que na verdade, eu quero comprar outro. Agora eu quero comprar outro, por que... Quero joguinho, né. [risos] Se eu precisar de alguma coisa da escola, fazer... [...] Se eu tenho que fazer alguma conta e tá muito difícil, eu vou ali.” (TÁBATA).

Em relação às dificuldades que surgem, para usar algum equipamento, perguntei à Tábata que estratégias ela usa para vencer essas dificuldades. Ela disse: *“Ah, se eu tiver muita... eu tento. [...] Mas se eu tiver muita dificuldade, aí eu peço alguém.”* Perguntei a ela se ela faz a primeira tentativa sozinha, sem pedir ajuda e Tábata falou que: *“Primeiro eu tento. Primeiro a gente tem que tentar, né? Se a gente vê que não deu certo ou que vai estragar ou que vai fazer alguma coisa muito errada, que a gente não tá entendendo muito, procura uma ajuda, né?”*. Comentei com ela sobre o jogo que ela gosta de acessar do computador de sua casa e perguntei se ela sabe entrar na internet e procurar o jogo que ela quer e ela balança a sua cabeça afirmativamente e comenta:

“Já consigo entrar, caçar meu joguinho, mas só que tem uns que eu quero e não consigo ainda não. Minha menina falou que é fim de semana, né, que eu posso. Dia de semana ela não pode. [...] ‘– Mãe, pode deixar, quando a senhora estiver aqui, eu vou ajudar à senhora’. Aí, nós vão entrar no joguinho. No meu serviço, eu só faço um, porque eu tenho que cuidar da dona, né. Então, eu só faço um joguinho. [...] sem baixar programa. E tem vez também que eu ponho na música, né, que eu gosto de ouvir uma musiquinha, é bom né menino? Aí eu ponho uma musiquinha: Zeca Pagodinho, ponho uns trens... [risos] É chique, é bom demais. [...] Eu amo! Nossa mãe!” (TÁBATA).

Coelho (2011) aborda situações similares com os sujeitos de sua pesquisa, que são educandos no processo inicial da alfabetização mas que entendem, mesmo que parcialmente, o funcionamento das tecnologias digitais, suas potencialidades e possibilidades. A pesquisadora traz o relato de um dos educandos que fizeram parte da sua investigação:

“– Eu quero aprender muitas coisas ainda que eu sei que não passa pela minha cabeça mais eu sei que tem” (João Paulo, 20 anos). Além disso, a forma e o ritmo com que cada um se apropria e se percebe nesse processo é bastante salutar: “– Computador não é uma coisa rápida. Se fosse uma coisa rápida que fosse passando ali né, ai dificultaria. O computador dá toda paciência do mundo ali para nós, a gente só pode clicar quando a gente lê tudo, ai a gente vai descendo para ler mais e mais. A dificuldade é a gente mesmo que cria, fica nervoso. A gente tem que parar, raciocina” (João Paulo, 20 anos). Ou seja, o processo de funcionamento do computador, aliado à condição de letrado, poderá possibilitar que esse aluno se aproprie da tecnologia em um ritmo próprio, na medida em que ele vai conhecendo a dinâmica dos aplicativos, assim como as possibilidades da internet. (COELHO, 2011, p. 93).

Perguntei à Tábata se, ao utilizar algum equipamento e tiver muita dificuldade, chega a desistir de usá-lo. Ela me respondeu:

“Ah não, eu tento insistir, tento insistir. Se eu vejo que não dá certo, se tem o manual, eu leio, se não... se eu não tenho o manual, eu procuro alguém que entende, melhor do que eu, pra me ajudar. Mas eu tenho. Que primeiro eu tento, né. Porque se a gente não tentar, né? A gente... Tudo na vida da gente, a gente tem que tentar, né verdade? [...] Que, se a gente... Que nem, procê vê, eu venho trabalhar morta de cansada, venho estudar. Se eu pensar no meu cansaço, eu vou vim estudar? Não vou. Por que eu vou tá tão cansada, que eu não vou aguentar vim. Mas eu penso no meu futuro. É claro que eu tenho cinquenta anos, mas ainda tenho futurinho, não tenho? [risos] [...] Eu quero aprender, antes de morrer, eu quero aprender a escrever uma carta quilométrica. O meu sonho.... e.... e fazer conta. Tô fazendo conta muito bem. Nó, eu tô ótima. Então, eu quero mesmo aprender tudo. Tudo que eu não sei, eu quero fazer. Quero que uma hora eu pego o computador ali, eu puxo no Face sozinha, que tem vez que pra puxar no Face, minha menina me ajuda, que eu não consigo não. Eu ainda não tô conseguindo, que foi esse ano que eu comecei a mexer, né. Então, afinal de contas, não é assim também, né? Mas eu quero aprender, eu mesma, na hora que eu chegar lá, eu mesma puxar, eu mesma saber o que é que eu tenho que fazer, sabe? Se Deus quiser, inté o fim do ano eu já aprendi.” (TÁBATA).

Pedi à Tábata que me contasse sobre esse sonho que ela acabara de falar, que seria aprender como fazer a escrita de uma carta quilométrica. Perguntei se seria uma carta escrita à mão e que tamanho seria esse. Ela falou que: “*Não, eu quero escrever é no computador.*” Então, pedi que ela contasse como ela pensava em escrever essa carta no computador. Ela sorriu e complementou:

“Eu quero escrever é no computador, pra mim mandar... Porque afinal de contas, quando eu aprender, menino, a mexer no computador, a primeira coisa é mandar uma mensagem. Não vou mandar pra pessoa, não. Vou mandar, assim, pra quem quiser ler. Que a minha vontade é essa. Eu tô... eu... o meu sonho mesmo é aprender a escrever, e escrever do jeito que eu leio, que eu tô lendo, que eu não sabia ajuntar as palavras, agora graças a Deus eu tô sabendo bem. Mas quando aprender mesmo no computador, quero aprender mesmo, aí eu vou... [...] Ah, é a primeira coisa que eu vou fazer, meu filho. Que no ano que vem agora, em dezembro, se Deus quiser, eu vou ver se eu compro um computador. Aí, meu filho, a Marluce tá assim:

‘– É, mãe, nossa mãe, vai ter briga, né mãe?’ Falei: ‘– Não, vocês ficam com o notebook , eu vou por o computador dentro do meu quarto.’ [risos] Se Deus quiser. Porque tudo na vida da gente tem que ser devagar, não é verdade?’ (TÁBATA).

Perguntei à Tábata se foi depois que ela passou a estudar no CEBMFS é que ela sentiu mais estimulada e encorajada para usar o computador. Ela disse: “*Mais. Inté pra mexer no computador, é verdade.*” Completei a pergunta: se ela considerava que passou a usar melhor o computador depois que começou a usá-lo para atividades voltadas para a escola e se aumentou os seus lugares de aprendizagem. Ela falou que:

“Aumentou bastante, aumentou mais a minha vontade de estudar, aumentou mais a minha vontade de conhecer mais coisa, né, que o computador pode pra trazer muita coisa pra gente, não é verdade? Eu tenho mais curiosidade de... Agora eu quero aprender mesmo, que no começo não queria muito não, viu? Pra falar assim: ‘– Meu Deus, mexer no computador, gente? Não vou aprender isso agora.’ Meu filho, depois que eu escrevi um texto... a professora falou: ‘– Meu Deus, eu criei um monstro.’ Porque tô amando. Não, eu vou ter um, se Deus quiser. Que eu tô amando. Mas eu diretora tá inté pensando em dar pra gente mais dias sabe, assim sem ser só na segunda. Por... mas só na segunda, você acredita que já tá ajudando muito? Nossa mãe. Já ajuda bastante, viu.” (TÁBATA).

Perguntei à Tábata se ela teria alguma opinião de por que alguns educandos utilizam as tecnologias digitais e por que outros não as utilizam. Ela avalia que:

“Não usa porque não tem, né, condições de comprar. Né? [risos] Os meus filhos mesmo, tadinhos, os mais velhos, quem usou mais essa tecnologia foi meu filho mais novo, o de 18. Que os de 26 anos não usaram. Porque que eles não usaram? Não tinha condições de comprar. E o mais novo é que usou... é que tá usando mais essa tecnologia agora é o mais novo. Que os de antes era doido pra usar, tadinho. Mas tinha que ir pra... Como é mesmo o nome daquele lugar que a gente vai pra mexer no computador? Lan house. Ah... Meus menino tinha que ir na lan house, tadinho. Pagava a hora, quando acabar aquela hora o computador desligava, aí tinha que pagar mais hora, entendeu? O meu mais novo, não. O meu mais novo já tem desde quando ele precisou de começar, ele já tinha até... Agora, os outros que não usa, meu filho, é porque não tem mesmo condições. Porque todos gostariam de ter essas condições. Eu tenho certeza disso. Quem que não quer um negócio desse? Uma tecnologia maravilhosa dessa? Não existe não. Principalmente o jovem de hoje em dia, que tão muito inteligente, né menino, eles tão numa capacidade incrível, esses menino de hoje em dia...” (TÁBATA).

Como eu já sabia que as professoras do CEBMFS usam computadores, perguntei à Tábata se ela recorda de ter estudado em algum outro lugar em que os professores não usavam computador. Ela recorda:

“Eu já estudei na... pela... a ASSPROM¹⁸⁹. Eu estudei pela ASSPROM um ano. Meu menino trabalhava lá, né, o mais novo, aí nós teve um EJA lá, mas não aprendi nada lá. ASSPROM é maravilhoso? É. Os estudo era maravilhoso, mas... eu não aprendi nada. E eles ia me dá aula de computador... de computação. Só que, como eu não sabia escrever, eles não me deram. Eu não podia entrar no curso.” (TÁBATA).

Perguntei à Tábata, como foi essa experiência dela na ASSPROM, pedi que ela contasse se ela tinha vontade de usar o computador e por que não podia, mesmo se ela manifestasse a sua vontade. Ela revelou o seguinte:

“Ah, na... Não, menino, na hora que passava aquele negócio, eu: ‘– Professora, como é que a senhora consegue tirar isso daí e por lá?’ Ela: ‘– Tábata...’ Teve um dia que ela me mostrou, sabe? Ela falou: ‘– Vem cá, Tábata, deixa eu te mostrar. Aqui ó, isso aqui cê apaga aquelas letras tudo, isso aqui cê faz isso, esse... esse... essa tecla aqui você aperta pra fazer o quadrado do jeito que cê quiser. Cês acha que eu sei fazer reta do jeito que eu faço aqui, Tábata? É o computador.’ [risos] Eu falei: ‘– Gente, isso... ‘ Menino, eu fico boba, é uma coisa muito impressionante. Eu tive vontade, mas só que lá, a gente... era só a professora.” (TÁBATA).

Conversando com Tábata, eu a questionei se, quando ela estudava lá, ela não tinha vontade de fazer o curso, quando me disse que tinha. Então perguntei à Tábata se não tinha jeito dela fazer algum curso de Informática lá e ela me respondeu:

“Eu tinha vontade, cheguei inté dar o meu nome, só que, como eu não sabia escrever, eu só sabia ler... Que eu acho assim, que eles deviam ter pensado no meu ler, que eu sei ler, então... Mas só que eles falou: ‘– Não pode entrar não, Tábata, você tem que saber ler ao menos... você tem que saber escrever ao menos...’ E pra ser sincera, menino, não sabia escrever, nem fazer coisa assim, ó: ‘– Fulano ligou pra Cicrano.’ Eu não sabia não sabia isso, não. Agora, graças a Deus, eu já sei.” (TÁBATA).

Perguntei à Tábata se, com isso ela ficou sentida ou chateada, já que não conseguia fazer o curso. Ela disse: “Fiquei, né. Fiquei e não fiquei. Falei: ‘– Ah, um dia eu vou conseguir. Mesmo se eu não fazer o curso aqui.’” Perguntei se ela havia se conformado com essa situação, que me falou: “*Conformei. Eu falei: ‘– Ah, um dia eu faço.’* *Aí, vai a minha... Passa no rádio, falando que a escola tava dando EJA. E sempre deu, menino. Só que eu tentei uma vez estudar aqui e não consegui.*”

¹⁸⁹ “A Associação Profissionalizante do Menor de Belo Horizonte (Assprom) é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, beneficente de assistência social que, desde 1975, profissionaliza e orienta ADOLESCENTES E JOVENS de FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL, por meio dos programas socioassistenciais – ADOLESCENTE TRABALHADOR E DE APRENDIZAGEM. Seus programas têm como objetivo a inclusão social e o exercício da cidadania plena. A Associação atende, permanentemente, mais de 3400 adolescentes e jovens, na capital e interior de Minas, em parceria com órgãos públicos e empresas privadas.” Disponível em: <<http://www.assprom.com.br/quem-somos/>>. Acessado em 20 Set. 2017.

Perguntei se ela morava ali perto do CEBMFS, escola da qual ela voltava a falar, do momento do seu ingresso. Tábata falou que morava em uma vila bem próxima dali. Então pedi que ela me contasse como foi o ingresso dela no CEBMFS, que revelou o seguinte:

“Consegui. Aí, eu falei: ‘– Gente, um dia eu ainda vou estudar nessa escola.’ Aí, passou na Rádio Favela anunciando essa escola. Falei: ‘– Gente do céu, Marluce Puxa aí... aí no computador, Marluce, sobre esse negócio dessa escola.’ Aí, Marluce puxou no computador e me mostrou a escola, mostrou os aluno, mostrou falando as coisas que tem: Informática. Marluce: ‘– Mãe, minha fia, tem aula de Informática!’ Eu falei: ‘– Marluce, e eu doida com... Será que é de graça?’ Aí, a minha patroa ligou pra cá conversou, com a moça: “Não, é tudo graça. Tudo que tá aí na... no EJA: violão, Informática, é tudo de graça.’ Aí ela falou: ‘– Ah, por que...’ Aí, deu o meu nome. A moça marcou pro outro dia. Eu falei: ‘– Eu não acredito que eu cheguei aqui!’ e falei: ‘– É mesmo. Oh!’ Tábata: ‘– Segunda-feira, então, você já começa na Informática.’ Menino, mas eu vim doida. Eu vim assim... Claro que pra estudar também, mas eu vim doida pra ver como é que mexe aqui no computador.” (TÁBATA).

Essa foi uma das maiores revelações de Tábata durante a entrevista, do ponto de vista do uso das tecnologias digitais na EJA. Foi justamente as aulas de Informática e a possibilidade do uso do computador na escola que atraiu Tábata para estudar no CEBMFS. A partir daí, ela se sentiu estimulada, ganhou autoconfiança, passou a usar o computador que já possuía em casa, melhorou em sua leitura e escrita, criou o desejo de ter o seu próprio computador e smartphone. Foram grandes as mudanças a partir do ingresso de Tábata no CEBMFS, sendo que a possibilidade de uso do computador um fator propulsor para essas mudanças, que impactaram em sua vida naquele ano. Perguntei à Tábata se o que mais lhe atraiu para o CEBMFS, à primeira vista, foi a Informática e ela respondeu: “*Foi a informática! Primeiro foi a informática. Foi informática, que eu não sabia como é que era o ensino aqui. Eu imaginei... O ensino aqui é divino. Misericórdia! Tem nem muito o que falar.*” Perguntei a ela se ela havia ido para aquele colégio por causa do uso do computador e depois gostou de lá e permaneceu e ela confirmou:

“Eu vim pelo... Pra aprender o negócio do computador, que eu ia ter que pagar, né menino? Aqui eu não tô pagando, é de graça, né. E é bom demais, eu ia ter que pagar, não tenho condições, por isso que eu não entrei. Eu falei assim: ‘– Se eu pagar, é lógico que eles não vão olhar esse negócio de eu não saber escrever, não.’ E aí, eu falei... A Marluce falou: ‘– Mãe, é bom que a senhora já vai entrar na escola, vai aprender a escrever. [...] Mas se Deus quiser, eu mesmo saindo daqui, eu vou entrar numa aula de computação, pra mim entrar mais... O meu menino tá fazendo o curso, né, de... de montar, desmontar, esse negócio sabe? Do Exército. [...] Não tô te brincando, é verdade.” (TÁBATA).

Pedi à Tábata que me contasse mais um pouco sobre essa ajuda que o computador traz no processo de alfabetização, especialmente a escrita. Comentei com ela que ao escrever à mão, é exigido um exercício mecânico para fazer a letra, além do intelectual, para formar as palavras. Já no computador, é preciso localizar a letra no teclado e juntar com outras para formar a palavra, sem requerer da pessoa aquele processo mecânico de desenhar a letra. Perguntei à Tábata como ela achava mais fácil para aprender a escrever: digitando no computador ou escrevendo no caderno. Ela fala que o computador ajuda, mas não se esquece da necessidade de aprender a escrever à mão, um processo ajudando o outro:

“Ah, eu acho que na escrita, no computador ajuda muito. Porque pra te ser sincera, ajuda a você ter atenção. Eu vou te falar, se você fizer uma letra no computador... Aliás, os dois ajuda do mesmo jeito. Na escrita, a pessoa vai saber mexer com a mão. Quando você tiver de assinar uma coisa, cê vai tá mexendo com a mão.” (TÁBATA).

Perguntei à Tábata se, ao escrever uma palavra que ela não conhece ou que ainda não sabe como escrevê-la, como ela acha mais fácil escrever: digitando no computador ou escrevendo à mão. Ela disse: *“Eu vou preferir lá. [aponta para um computador que tem na sala em que estamos].”* Pedi que ela falasse o porquê dessa escolha e ela falou: *“Porque lá tem as letras que eu conheço e na minha cabeça eu não vou ter aquela letra. Lá eu vou ver que tem. Se falta o R, eu vou... vou ver que tem um R lá; se falta o A, eu vou ver que tem o... Aí, lá vai ser mais fácil.”* Perguntei à Tábata se ela achava que para se copiar m palavra, no computador seria mais fácil que escrever à mão e ela considera: *“Muito mais fácil.”* E se ela não puder olhar em lugar nenhum como se escreve a palavra, formando mentalmente a palavra na cabeça para depois escrevê-la, ela diz: *“Eu prefiro no computador.[...] Depois que eu entrei aqui na escola é que eu fui ver isso. Eu acho que no computador, pra mim, seria melhor. Tenho mais facilidade.”* Perguntei por que ela acha mais fácil no computador e ela citou como exemplo: *“Que eu não escrevi um texto? Eu, esse texto que eu escrevi, eu não ia saber... Que foi sobre as Olimpíadas, eu não ia saber escrever aquele texto sozinha.”* Perguntei Tábata se a escrita desse texto fosse à mão, direto no papel, ela também não conseguiria, ela falou: *“Nem se me... Nem em sonho. E eu escrevi no computador. Coisa que a gente não conhece, né. Isso aí ajuda a gente demais, moço.”*

Perguntei à Tábata se ela também fazia contato outros colegas da sala, para saber o que perdeu na aula ou o que teve na escola. Ela disse:

“Não, daqui não, mas eu tenho minhas amigas lá da ASSPROM, né. Que era minha amiga e de lá da escola da ASSPROM. Eu continuo tendo contato com elas, eu falo muito com elas é pelo... o... pelo áudio. Aquele trem que você aperta o negocinho. [...] Eu converso e fica até mais barato, né? Do que ficar ligando de telefone, né? Aí, a minha menina tem é a TIM, ela tem a da TIM, da Oi.. [...] É a Vivo. Por que a minha menina, o celular dela é de três... três chips. Aí a minha menina liga pra ela. Não, manda esse áudio pra ela. Eu mando áudio, eu mando mensagem pra ela, pelo... pelo meu Face, né? Aí, eu mexo no... no... notebook. Aí eu mando pra ela. Quando eu chego lá, o dia de sábado, mais é fim de semana, né, que eu tô em casa.” (TÁBATA).

As perguntas que estavam previstas para a entrevista se encerraram e eu perguntei à Tábata se ela havia se lembrado de algo que eu não havia perguntado ou que ela não teve tempo de falar. Ela complementou a entrevista exaltando mais uma vez as tecnologias e fazendo uma previsão para o futuro, com a seguinte fala:

“Não, fala... fala a verdade, a tecnologia tá mudando... Daqui a uns dias, o computador vai andar atrás da gente, pra gente mexer nele. A gente vai tá andando e ele vai tá indo atrás e trabalhando. Que só falta ele criar perna, né menino? Esse trem... Misericórdia! Isso voa. É maravilhoso! É a melhor coisa que já se inventou foi essa tecnologia, que está cada vez melhor. E é só isso.” (TÁBATA).

5.2.3 Entrevista de Ana

Durante a entrevista com a professora Ana, do CPRNF, ela falou que é professora de Língua Portuguesa e exerce a profissão há 20 anos. Quando perguntei há quanto tempo ela trabalhava na EJA, ela respondeu: “*Na EJA, eu já trabalhei no PRONATEC¹⁹⁰, mas na EJA é o primeiro ano.*” Diante da resposta da professora Ana, eu a indaguei se o PRONATEC era considerado EJA¹⁹¹ e ela disse:

¹⁹⁰ “O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) foi criado pelo Governo Federal, em 2011, por meio da Lei 12.513/2011, com o objetivo de expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica no país. O Pronatec busca ampliar as oportunidades educacionais e de formação profissional qualificada aos jovens, trabalhadores e beneficiários de programas de transferência de renda. Além das iniciativas voltadas ao fortalecimento das redes de educação profissional e tecnológica existentes no país, o Pronatec criou a Bolsa-Formação, por meio da qual são ofertados cursos técnicos e cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional, utilizando as estruturas já existentes nas redes de educação profissional e tecnológica. A iniciativa oferta cursos técnicos para estudantes matriculados no ensino médio (cursos técnicos concomitantes), para quem concluiu o ensino médio (cursos técnicos subsequentes, por meio do Sisutec), para estudantes da educação de jovens e adultos e, ainda, cursos de qualificação profissional.” Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pronatec>>. Acessado em: 27 Fev. 2017.

¹⁹¹ “O Pronatec EJA é uma modalidade da Bolsa-Formação do Pronatec, para atendimento de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trata-se de uma estratégia para ampliar a atratividade da educação para jovens e adultos que não tiveram oportunidade de concluir os estudos na idade própria. Os cursos da EJA passarão a ser organizados de maneira a contemplar os conhecimentos advindos do mundo do trabalho e das experiências de vida dos estudantes, por meio

“Não. Ele... ele também tinha um perfil semelhante, mas ele era estudo técnico. Então, ele tinha... as aulas não eram tão regulares assim. Você tinha módulos de Português, módulos de Matemática, então era um pouquinho diferente. Mas o perfil do aluno era muito semelhante.” (ANA).

Dessa forma, Ana ratificou que começou a trabalhar na EJA mesmo, “*foi este ano.*” Perguntei à Ana por que ela estava trabalhando na EJA e ela falou que, por trabalhar com Língua Portuguesa, estava “*à procura de... de novos caminhos, né? Eu trabalhava no SESI¹⁹², acabou que o PRONATEC, e aí como... eu já trabalho em outra escola também, mas aí eu precisava de... de outras possibilidades e acabei vindo trabalhar no EJA.*”

Ana falou que ela já tem contato com o computador há cerca de 10 a 12 anos, que foi “*quando surgiu o grande boom mesmo de... do uso do computador doméstico.*” Ela usa o computador “*mais ou menos dessa época também.*” Quanto ao smartphone, Ana disse que começou a usar “*não, tem pouco tempo. Tem uns... um ano e meio, dois anos. [...] Eu tinha celular, mas não esse perfil.*” Não era um smartphone.

Sobre o uso do sinal de wifi do CPRNF, perguntei se lá nem os professores podiam usar e Ana respondeu assim: “*[sinal de negativa com a cabeça] Entendeu? Tem esses computadores que eu posso usar [mostra os da Sala dos Professores], mas o meu celular aqui não tem wifi. Só se eu usar o 3G, né?*” No CPRNF, a o uso do wifi só está disponível para os computadores que são da própria escola. A seguir, Ana ressalta que:

“Então, assim, cê vê que é... é uma limitação, né? É... em vez de permitir que a gente traga o computador pra sala de aula como um... uma ferramenta pra gente usar em benefício dos meninos, por que a gente sabe que o conhecimento deles, grande parte ou de parte disso, e infelizmente é um conhecimento muito fragmentado, por que eles não têm condição ainda de costurar, né, tecer com esse conhecimento formal, com algum... alguma coisa concreta, muito... muitos poucos têm esse.. essa... muito poucos têm essa condição, é... a gente não tem esse acesso na escola.” (ANA).

A falta de condições financeiras, para a aquisição de um equipamento ou mesmo para o acesso à internet, foi citada por vários sujeitos entrevistados. Essa dificuldade é mais recorrente entre as pessoas de menor aquisitivo. O acesso à

de reconhecimento de saberes, na perspectiva de garantir o direito à educação ao longo da vida. A previsão é de que, em 2016, o Pronatec EJA seja ofertado pelas entidades do Sistema S, pelos Institutos Federais e pelas redes estaduais e municipais de EPT. As vagas serão definidas a partir da pactuação entre os parceiros do Pronatec. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pronatec/pronatec-eja>>. Acessado em: 27 Fev. 2017.

¹⁹² SESI é a sigla para Serviço Social da Indústria.

internet aumenta na medida em que se aumenta o poder aquisitivo da população brasileira. Mesmo assim, o percentual de uso vem aumentando, ano a ano, entre as pessoas com 10 anos ou mais de idade, de 2013 a 2015, com exceção para alguns poucos estratos de renda mensal familiar *per capita*:

Tabela 11: Percentual de pessoas, de 10 anos ou mais de idade, que utilizaram a internet, por classes de rendimento mensal domiciliar per capita - Brasil - 2013-2015.

Percentual de pessoas, de 10 anos ou mais de idade, que utilizaram a internet, por classes de rendimento mensal domiciliar per capita - Brasil - 2013-2015.								
Ano	Sem rendimento a 1/4 do salário mínimo	Mais de 1/4 a 1/2 salário mínimo	Mais de 1/2 a 1 mínimo	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Mais de 2 a 3 salários mínimos	Mais de 3 a 5 salários mínimos	Mais de 5 a 10 salários mínimos	Mais de 10 salários mínimos
2013	23,9	33,8	43,0	55,6	68,4	78,4	84,5	89,9
2014	28,8	40,3	47,9	59,5	71,6	80,8	88,1	91,5
2015	32,7	45,0	54,7	57,9	70,9	81,9	88,6	92,1

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2016, p. 52).

Conversamos sobre os usos das tecnologias digitais e Ana revelou: “*Sou mestranda e eu faço Power Point, faço essas coisas que eu tenho que fazer. Não sou muito boa no Excel, mas é uma opção por não... não optar ainda por trabalhar com ele. Mas os outros recursos, eu tenho facilidade.*”

Pelas falas dos entrevistados, o programa mais citado por terem dificuldades é a planilha eletrônica Excel. Mesmo quando conseguem utilizar o programa, se revelam limitados na utilização e possibilidades que o programa oferece.

Perguntei à Ana qual era o uso do computador que mais lhe interessava e ela respondeu o seguinte:

“Eu não sou... eu não tenho grandes hábitos de ficar navegando na internet, não é o meu perfil. É, rede social, mais o menos, não... já fui mais, hoje em dia não tenho muito. Eu sou muito ligada a... à culinária, à gastronomia, então eu gosto muito de mexer essa parte. Então, quando eu tenho tempo eu já tô, tô sempre... fuçando na internet, navegando na internet, mas só na área do gastro... gastronômica, não gosto de jogos, essas coisas eu não gosto. Eu a... computador é quase um instrumento mais de trabalho. Diversão mesmo, não é uma... uma coisa que me atrai em computador não, sabe? [...] Eu sou revisora também, então eu recebo, né, eu já te falei, que eu recebo trabalhos pela internet. Se eu estou sem internet, significa que... que momentaneamente eu estou desligada de trabalho. [...] Então, assim, pra mim é... é sempre muito preocupante. Até que o telefone, não. É mais diversão. Mas o meu net book, o meu desktop, [...] Aí cê, mas acaba que você vai salvando lá, fazendo o seu livro, seu... seus documentos lá de culinária. Então, cê acaba tendo outro... se faltar a internet, você ainda tem como recorrer. Mas em termos de trabalho, se faltar internet hoje em dia, eu tô de pé e mão quebrada.” (ANA).

Quanto ao smartphone, perguntei à Ana o que mais lhe desperta o interesse em seu uso e ela respondeu:

“Ah, a comunicação. Eu não.. eu não sou de usar é... fotografia, não gosto. E... eu recebo email, mas no smartphone [...] ele é muito potente. Eu não consigo abrir alguns... alguns... é anexos aqui, então eu só vejo que ele chegou e... Então, é mais pra comunicação mesmo. Whatsapp pra comunicação [...] basicamente, é. Mas, basicamente, ela se restringe a certos horários do dia, porque quando eu tô na sala de aula, você não pode usar.” (ANA).

Perguntei à Ana se ela teria alguma opinião a respeito de porque alguns estudantes utilizam mais e alguns menos ou nem utilizam as tecnologias digitais. Ana avalia que:

“Eu acho que é questão, talvez uma questão que pode ser familiar, né, porque eu acho que a família... [...] o meu filho, ele tem celular desde os cinco anos, porque eu sou separada, eu não queria falar no celular do pai dele através dele, né, com ele no celular do pai. Então, eu acabei dando um celular pra ele, né. Então, ele tem um acesso à tecnologia amplo. Apesar dele não ter Facebook, a gente ainda mantém ele um pouco reservado em relação a algumas redes sociais. Whatsapp ele tem, né. [...] Então, eu acho que isso é muito familiar, né. E também a situação financeira, né. A gente sabe que, hoje em dia, é muito fácil de ter um smartphone, mas requer uma certa conjuntura... [...] A conjuntura familiar pra ter condição de fazer isso. [...] Manter um 3G, manter uma boa internet, uma situação... Então, existe isso sim, né? Eu vejo os meus alunos aqui usando, mas a grande maioria deles trabalha, mas eu vejo... eu tenho aluno na outra escola que eu mando fazer pesquisa na internet e ele fala: ‘– Eu não tenho acesso à internet.’ E não é uma escola de classe baixa. Mas, às vezes, o pai limita, né. Acho... então, eu acho que é uma questão muito mais familiar do que do próprio aluno. Porque eu acho que se o aluno fosse optar, ele ia optar por ter.” (ANA).

Algumas das pessoas entrevistadas apontaram que a rede social Facebook coloca as pessoas em exposição social muito grande e, por isso, optam por não usá-la. Como muitas das postagens no Facebook podem ser vistas por inúmeras pessoas, dentro ou fora do seu relacionamento social, algumas das pessoas que participaram das entrevistas disseram que até usam outras redes sociais, que são mais diretas como quem a pessoa se relaciona, mas não gostam dessa exposição do Facebook e, por essa razão, preferem não usar o Facebook.

Se o mundo humano é um mundo de comunicação, o sujeito não pensa isolado ao se comunicar com outros sujeitos, já que não está isolado no mundo. Ele pensa sobre o objeto que mediatiza a comunicação por meio de signos linguísticos. Dessa forma, o conteúdo da comunicação não deve ser pensado como se fosse o envio de uma mensagem de um sujeito a outro, sem esperar que haja um significado

ou uma dialogicidade nesse contato. Para que a comunicação ocorra de fato, não se pode esperar um fim apenas no objeto que existe para estabelecer o diálogo. É necessário que haja uma reciprocidade entre sujeitos não passivos que pensam e se comunicam dialogicamente (FREIRE, 1983).

Pelo que pude ouvir dos sujeitos entrevistados a preferência pela comunicação pelo aplicativo Whatsapp se concretiza através da possibilidade de se saber com que o sujeito dialoga, ao enviar uma mensagem ou receber alguma resposta ou outra mensagem. De toda forma, o uso do aplicativo não garante que a mensagem enviada não seja retransmitida pelo destinatário a outros sujeitos ou outros aplicativos.

Entre os professores, Ana diz que tem o hábito de trocar material de trabalho:

“Ah, hoje mesmo eu troquei, eu mandei um material pra professora daqui de Português, porque ela pediu e eu mandei. Não é um hábito tão grande assim, a gente acaba... nós, professores, temos muito pouco tempo de reunião nas escolas, então a gente... nossas figurinhas são trocadas muito na hora do recreio. Isso faz com que a gente não tenha o contato com o professor, necessário pra gente poder trocar informação. Mas, vez ou outra, cê acaba conseguindo fazer alguma coisa junto. [...] Ou então um amigo que pede alguma coisa, você né... é... como eu sou muito ligada a tudo: ‘– Ah, você tem um material sobre isso?’ Aí eu mando.” (ANA).

Procurei saber com Ana se ela também recebe materiais de outros professores, ela falou que é a *“mesma coisa, muito raro também.”* Perguntei à Ana se ela oferece aos estudantes algum tipo de orientação virtual, pela internet. Ela respondeu que: *“Não tem assim recurso nas escolas. [...] Algumas escolas já têm, mas a é... mas ainda não são todas.”* Perguntei à Ana se as suas atividades profissionais dependem do uso das tecnologias digitais e ela respondeu: *“Totalmente, é. Hoje em dia...”* Pedi à Ana que falasse um pouco mais a respeito desse uso e ela falou o seguinte:

“Eu não mudo o meu email há anos, eu não mudo o meu... o meu telefone, posso mudar de operadora, mas eu... justamente porque eu tenho que manter meu contato ali, pro resto... eu... eu considero que isso é minha imagem também. Então, a partir da hora que eu tenho um contato, então é pra sempre. Então, o meu email é quase uma extensão, né. Eu não durmo sem olhar meu email, eu não... eu preciso realmente de tá conectada por que eu sei que, né... Ontem, dez e meia da noite, Edna mandou: ‘– Prova de segunda chamada até quarta-feira.’ Se eu não tô antenada, é uma situação que passa despercebida. Hoje, o dia inteiro, eu não tive como acessar a internet porque eu trabalhei na escola dois horários, na outra escola, e venho pra cá à noite, só vou acessar a internet à noite. Então, se eu não estou ligada, essas coisas se perdem muito rapidamente.” (ANA).

Ana tem experiência em criar blog. Ao conversarmos sobre isso, ela disse: *“Tenho. É de... de textos meus. Eu sou... eu gosto de escrever. Eu tenho uma página da... da... no Facebook, pra poder... pra ter minhas revisões. Eu também dou aula de redação pro... pra alunos do ENEM [...] umas coisinhas assim.”* Das redes sociais, Ana disse que não usa o Instagram, pois não gosta de foto, mas que usa o Facebook e o Whatsapp, além do email que usa bastante. Ana se considera *“uma publicitária que não gosta de foto. Eu gosto de ver foto dos outros, mas eu não gosto de tirar foto, não me interessa por... Não sou uma pessoa ligada nisso.”* Sobre a infraestrutura que Ana possui em sua casa, para a realização de suas atividades, ela considera que é melhor do que a que ela tem disponível na escola e fala um pouco sobre isso:

“Eu tenho dificuldade de enxergar também a tela desse tamanho [mostra o monitor do computador na sala dos professores], eu tenho todos os recursos, eu tenho um lugar só pra isso na minha casa, né. Aqui, acaba você compartilhando com outras pessoas, pessoa falando. Então, você vê... Ali eu sei que ninguém tá mexendo, que não vai ter o vírus de outro... de outro... outro pen drive, onde não vai ter nada. Então... É o meu pessoal.” (ANA).

Sobre as atividades que Ana desenvolve com o uso das tecnologias digitais, relacionadas à escola, ela diz que realiza mais em casa, *“porque no... aqui nós três computador, lá a gente tem dois. Pra... o número de professores. [...] Não tem jeito.”*

Depois que terminaram as perguntas previstas para a entrevista, perguntei à Ana se teria algo que eu não perguntei e que ela se lembrou, relacionada a essa questão das tecnologias digitais. Ana complementou com o seguinte:

“Eu acho é que a... que a escola ainda dá muito pouco valor a esse... a esse instrumento que é um grande instrumento que a gente tem nas mãos. Outro dia, eu estava nas minhas aulas de redação, a gente estava discutindo os novos modelos de educação com os alunos. Não sei se você já viu esse vídeo, chama... chama ‘Quando sinto que já sei’, acho que cheguei até a te contar. [...] Ele é bem interessante, que ele justamente, os novos modelos de educação que trabalha justamente com essa ideia de... de criar mais possibilidades, de permitir aos alunos maior liberdade de... de aprendizagem, né. E eu acho que o aluno é... ele começava o vídeo justamente falando que a... ele chegou na escola e a diretora falou ‘– A criança é uma página em banco e a gente escreve nela’ e aí ele falou que deu vontade de sair correndo. Então, assim, realmente hoje em dia, antes já não era assim, a experiência que você tem aí fora da escola já é educação desde que você nasceu. Mas, principalmente hoje, que... que os alunos às vezes chegam sabendo muito mais que você, né, de vários assuntos e que você tem que conduzir esse conhecimento deles, porque eles também não sabem o que sabem, né. Porque a gente podia fazer isso de uma forma muito mais é... eficaz, eficiente mesmo, né, que podia trazer isso de uma forma, infelizmente ainda não existe esse acesso dentro de todas as

escolas. Eu sei que tem escola que trabalha com tablet, que já tem uma outra abertura, é... eu vi outro... a gente tava, eu e meu filho, tava pesquisando outro dia, agente viu uma escola que os alunos podem levar celular, com 3G, mas aí chega lá, eles têm uma bolsinha que eles trancam e aí quando a professora falou: ‘– Agora todos podem abrir.’ Ela... ela destrava a bolsinha de todo mundo ao mesmo tempo. E aí, eles podem mexer e depois ela trava de novo. É uma forma de não permitir. Porque o aluno não tem noção, talvez se o aluno fosse educado desde cedo pra isso, né, eles tivessem noção do uso, né, de como usar isso dentro da sala de aula e não ficasse o tempo inteiro tentando burlar o professor quando você permite que ele use. Entrando em rede social, entrando em não sei o quê e tudo mais. Mas como ele não... não tem essa permissão, ele ainda é... se vislumbra muito quando ele pode usar e aí ele acaba não... não favorecendo ainda ao... à aprendizagem. Mas eu acho que é um recurso que tem que ser usado pela escola. Eu acho que é um recurso riquíssimo, né? Que seria muito mais fácil Tô fazendo uma coisa: ‘– Ó, olha aí pra gente isso, pesquisa aí agora e faz assim.’ Eu acho que seria... só acrescentaria.” (ANA).

Perguntei à Ana se, entre os professores do CPRNF, eles tinham algum grupo de Whatsapp. Ela falou que possuíam um grupo, mas que:

“Olha, eu odeio grupo. Vou ser sincera. A gente tem um grupo aqui, mas eu acho que as pessoas também, é... é também uma questão cultural. Eu acho que um grupo profissional, ele tem que ser um grupo profissional. Um grupo de Mestrado tem que ser um grupo de Mestrado. Então, ali, você vai postar coisas que interessa a todo mundo. Não tem bom dia, não tem mensagenzinha de autoajuda aqui. Não é... não é o meu perfil. Então, mas então, eu... eu deixo todos os meus grupos silenciados, menos o grupo da minha família, por que é um grupo que a gente é mais... todo mundo pensa mais ou menos igual eu, né. Então, assim, dá pra gente poder fazer... ficar mais ou menos restrito a isso. Mas é... eu sou obrigada de participar. [...] É, no outro colégio eu não participo não. É porque o pessoal lá, na época da política começou de fazer umas coisas que eu não gostei, eu falei assim: ‘– Vocês me dão desculpa, mas eu estou saindo.’ Então, ainda estou afastada. Mas não faz muita... engraçado que não faz falta. A gente fica com medo de sair, fala: ‘– Vai fazer falta, vai fazer falta.’ E não faz. Por que a comunicação do grupo, ela não se restringe ao grupo. Então, alguém falou alguma coisa ali, mas manda um email, a coordenadora vai, acaba fazendo outras situações pra te atingir também.[...] É. Mas eu tenho medo de sair e depois, sabe? Aí a gente fica mantendo.” (ANA).

Pedi à Ana que ela contasse como é o grupo dos professores o CPRNF, se é um grupo mais informal, profissional ou das duas formas. Ana conta que: “*Tem gente que é mais consciente, mas tem alguns que postam é... versículo de Bíblia, sabe? Te obrigando a... a participar.*” Perguntei se ele não bem específico só de questões de trabalho e Ana fala que “*Deveria ser, mas não é. Acho que é o grande erro ainda, né? As redes sociais, elas têm essa.. essa... esse defeito, que as pessoas não sabem muito o uso delas.*”

5.2.4 Entrevista de Cibele

Durante a entrevista com Mariana, ela revelou que estuda na EJA há um ano e meio e que voltou a estudar porque que fazer faculdade. Ela diz que tem contato com o computador há cerca de 10 anos e quanto ao seu uso, Cibele diz: *“Eu uso muito pouco, né. Agora com o smartphone, eu uso mais o smartphone.”* O computador, Cibele disse que usa há cerca de 5 anos. Sobre o uso do smartphone, Cibele disse: *“Acho que desde quando saiu. [...] Três, quatro anos. Né?”* Perguntei a ela qual a relação que ela fazia entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a construção do seu conhecimento, que me respondeu: *“Facilita, né. Muito. Pesquisa, por exemplo. Às vezes você tá até dentro da sala de aula, o professor fala qualquer coisa, já corre lá na internet e já procura saber. [...] É muito mais prático pra gente hoje em dia do que antigamente, né.”* Indaguei Cibele se na EJA do CPRNF era permitido o uso do smartphone quando precisava, ela disse que: *“Não, não pode. A gente usa escondido. [risos].”* Perguntei se ela usava o aparelho porque ficava curiosa e ela falou: *“É. [risos] Não pode.”* Perguntei se, fora da escola, aonde é permitido, ela tinha o hábito de usar e Cibele respondeu: *“É. Onde pode, eu uso praticamente o tempo todo. Rede social, né, pesquisar qualquer outra coisa. Às vezes cê tá num ponto de ônibus, cê quer saber o ônibus que vai aonde cê quer ir, é só entrar na internet, é muito mais fácil.”* Cibele também avalia que o uso das tecnologias digitais pode contribuir na sua vida familiar, profissional, educacional e social. Pedi que ela falasse como seria essa contribuição e Ana falou que é porque avalia que: *“Facilita o contato mais com a família, mesmo estando longe. E às vezes pode atrapalhar, né? [...] Tipo cê deixar de conviver, conviver carnalmente e ficar só no... no digital. [...] Só à distância, esquecer do abraço, verdade né?”*

Sobre o uso ou utilidade do computador que mais desperta o interesse em Cibele, ela disse que: *“Lá eu também faço pesquisa, eu... procuro... eu faço trabalho aqui na escola, então tem que imprimir muita coisa, esse tipo de coisa só que eu faço no computador. [...] só impressão. É, só isso.”* Quanto ao smartphone, perguntei à Cibele o que mais lhe desperta o interesse e ela respondeu: *“Tudo. [risos].”* Pedi a ela que desse algum exemplo e ela falou: *“Rede social, é... os aplicativos, que hoje em dia tem vários, né? Procê um monte de coisa, ver filmes, série, então eu procuro essas coisas.”*

Cibele já usava o computador e o smartphone antes de estudar no CPRNF, mesmo assim avalia que se sentiu mais estimulada e encorajada pra usar o esses equipamentos depois que passou a estudar nessa escola. Ela cita como exemplo: *“Inclusive alguns exercícios que a gente faz do... do livro aqui, que pede pra ser pesquisado em... na internet. Aí eu vou lá e pesquiso na internet.”* Cibele não acessa nenhuma plataforma ou o site do CPRNF para questões ligadas à escola, nem mesmo notas, já que os educandos não possuem esse acesso: *“Não, EJA não”*. De toda forma, Cibele conhece esse sistema de outra escola: *“Aqui não. Mas, por exemplo, na escola do meu filho, pra eu saber qualquer coisa a respeito dele eu tenho que acessar. [...] Lá eu tenho acesso. Lá eu uso tranquila.”*

No site da escola, há um acesso para a *“Área do aluno”*, em que é possível acessar: comunicados, segunda via de boletos, Google Classroom, Moderna Compartilha, boletim online, calendário, ambiente virtual de aprendizagem, responsável financeiro, para casa, circulares, datas de provas, gabaritos e secretaria. Com login e senha é possível acessar alguns serviços no site da escola, separando perfil para *“Aluno”*, *“Professor”* ou *“Secretaria”*. Pelas informações dadas pelos sujeitos entrevistados, os educandos da EJA não acessam esse sistema.

Perguntei à Cibele como ela utiliza a internet e ela disse que: *“Eu uso no wifi e no plano. [risos] [...] Quando eu tô em casa, eu uso no wifi. Quando eu tô fora, eu uso no plano.”* O CPRNF não oferece acesso à internet, exceto pelo próprio computador da escola, como conta Cibele: *“Não tem rede aberta. [...] Quando a gente estudava nessa sala aqui do lado, tinha da banca revista. [risos] [...] Aí todo mundo conseguia pegava o wifi da banca. [...] É aberta.”*

Cibele contou que faz uso das redes sociais: *“Uso email, Whatsapp, Instagram, não gosto de Facebook.”* Perguntei por que Cibele não gosta do Facebook e prefere as outras redes sociais. Ela revela que: *“Ah, eu acho que é muita exposição.”* Assim, ela considera que seleciona com quem vai se comunicar e para quem vai enviar suas informações: *“Você escolhe pra quem.”* Cibele avalia que o Facebook : *“É aberto.”*

Perguntei à Cibele se haveriam atividades escolares que depende do uso das tecnologias digitais e ela respondeu: *“Sim, algumas.”* Ao mesmo tempo, ela avalia que nenhuma das atividades só pode ser realizada apenas com essas tecnologias, pois há alternativas na sua realização para quem não tem o acesso a elas. Cibele

avalia que ela consegue ter um bom desempenho das suas atividades escolares sem precisar usar as tecnologias e consegue acompanhar os conteúdos escolares: “*Consigo. Sim, sem precisar delas.*” Portanto, as tecnologias digitais no CPRNF podem contribuir na aprendizagem dos educandos mas não são imprescindíveis, elas são opcionais. Perguntei à Cibele se ela tinha experiência de criar ou dar manutenção de blog ou grupos de discussão em redes sociais e ela revela que: “*Então, nós temos um grupo na sala, né, que a gente troca matérias, dúvidas.*” Sobre como que funciona esse grupo e quem o criou, Cibele diz: “*Eu. [risos].*” Procurei saber com Cibele se a criação foi por iniciativa dela ou por necessidade apontada pelo grupo, ela falou o seguinte:

“Eu tive a iniciativa, que eu era representante de turma, aí às vezes alguma pessoa faltava, eu já mandava o recado que tinha sido passado na aula e aí, por exemplo, quando vai ter prova, aí eu passo toda a matéria no grupo, faço áudio pras pessoas que trabalham manualmente ficar ouvindo pra estudar, porque tá trabalhando, né? Aí eu faço áudio da matéria, mando foto. Por exemplo, aluna faltou ontem, eu mandei foto da matéria pra ela ontem à noite mesmo. Então, é muito prático. [...] Foi criado há um ano e seis meses. Desde quando eu entrei. [...] A turma é praticamente a mesma. Aí, quando a gente muda de turma, a gente exclui quem ficou pra trás e inclui os que estão com a gente. [...] tem umas que faltam mais que as outras. E, aí, no final... quem tá no grupo, tem.. praticamente toda a matéria, né? Por que se não... se falta, a matéria tá lá no grupo pra estudar.” (CIBELE).

Sobre quem que alimenta esse grupo com informações, perguntei à Cibele se era apenas ela quem fazia isso, e ela disse que não e que todos fazem isso: “*Quem veio na aula, se eu faltou, a outra pessoa manda foto. Se a outra pessoa falta, a outra manda foto. [...] Avisa: ‘– Gente, hoje eu vou faltar, avisa os professores e tal.’*” Perguntei se esse grupo de Whatsapp se formado somente por educandos e Cibele disse que não: “*Tem professores também*”, mas que eles não enviam atividades para o grupo. De acordo com Cibele: “*Só avisam. Por exemplo: ‘–Dia tal não falem por que vai ter atividade valendo ponto.’ Aí a gente já sabe. [...] mais a nível de aviso.*” Perguntei se são todos os professores que estão no grupo, Cibele responde que: “*Não, só alguns.*” Quanto aos educandos que estão ou não no grupo, Cibele considera que: “*Todos. Acho que todos.*” A respeito da utilização desse grupo pelos educandos: “*Todos usam. Mesmo se for só pra ler as mensagens.*” Sobre o grupo, perguntei se seus membros utilizam mais sobre as coisas de escola ou também fazem uso para alguma forma de socialização e Cibele diz que usam para outros fins também, como: “*Conversa. É, a gente... nós conversamos coisas do cotidiano*

também. [...] Só não pode falar palavrão, nem coisas assim... por que tem os professores. Nem postar coisa que não pode, entendeu? Tem as regras.”

Pedi à Cibele que ela falasse um pouco mais sobre o funcionamento do grupo de Whatsapp que a turma tem e ela falou que a comunicação entre os educandos se dá “pelo áudio, é. Escrito, foto, tudo.” Assim, vão se ajudando mutuamente a tirar dúvidas dos colegas. Quanto à participação dos professores no grupo, Cibele contou sobre uma atividade em que os educandos tiveram a orientação de dois professores:

“Por exemplo, é... nesse trabalho a... os professores... foram dois professores escalados pra cada turma, então a gente tinha que dar as opiniões e aí, a opinião foi dada toda via Whatsapp, por exemplo. Que a gente não tinha tempo de encontrar a professora, que ela não tava aqui todos os dias, entendeu? Então, sugestões e mandava vídeo do que a gente ia fazer, se ela gostava, esse tipo de coisa.” (CIBELE).

Sobre a infraestrutura tecnológica que a escola disponibiliza aos educandos, Cibele informou que: *“Tem a sala de multimídia, Laboratório nós não fomos ainda.”* Perguntei se esses espaços são abertos para o que os educandos precisam, como para realizar uma pesquisa ou para fazer um trabalho, Cibele disse que há disponibilidade na quarta-feira para a EJA: *“É, liberado pro EJA, até nove e meia da noite.”* Não há a necessidade de os educandos estarem acompanhados de algum professor. Cibele acrescenta que: *“Pode sair da sala e ir lá. E a biblioteca também, que tem tecnologia, é... pode ser, pode vir todos os dias quem quiser, até cinco e meia da tarde. É. E na quarta, até nove e meia da noite.”* Isso vale para a Biblioteca e para a Sala de Informática. Os educandos podem usar esses espaços para fazerem pesquisas, trabalhos escolares e impressão em papel. Contudo, quando vão no horário de aula, perdem a aula da quarta-feira, que é sempre a mesma, pois o horário semanal é fixo.

5.2.5 Entrevista de Leonardo

Leonardo informou durante a entrevista que ele estuda na EJA há 18 meses. Quando perguntei ao Leonardo por que estava estudando da EJA, ele respondeu o seguinte:

“Estou recuperando o tempo que eu perdi, através... quando eu vim do interior pra Belo Horizonte e não tive tanta oportunidade no interior, porque lá eu tive que trabalhar muito cedo e... até mesmo pra poder ajudar meus pais. E quando eu vim embora pra Belo Horizonte, quando eu migrei pra cá,

continuei trabalhando, trabalhando. O trabalho, de alguma certa forma, todo trabalho dá algum fruto. Tive frutos disso e agora eu estou buscando o tempo que eu perdi pra eu poder ingressar mesmo numa faculdade. [...] no interior, o emprego que era oferecido por... pro jovem, continua igual aqui, são... são esses empregos, ah vender um picolé, vender um biscoito. São empregos, assim, que não são tão rentáveis. [...] Era na cidade mesmo. Porque Divinópolis [...] já era uma cidade desenvolvida. E ela... e... e eu vim pra cá com esse intuito. Vim pra cá, um irmão meu mora aqui em Belo Horizonte, me trouxe pra cá, comecei a trabalhar com ele com... em loteria. Em loteria que era Caixa Econômica. Comecei a trabalhar com ele em casa lotérica, depois eu fui pra um laboratório de petróleo, [...] fica até na... na região da Pampulha. Trabalhei lá nove anos e hoje eu estou na área de tecnologia. Já tem dois anos que eu estou nessa empresa, trabalhando com tecnologia, com sistema, com programação, com manutenção de impressoras e desenvolvendo softwares pra essas impressoras novas que... que vêm ganhando campo, que é muito a 3D. Ela só ainda não conseguiu ganhar um grande campo em questão de custo. Mas provavelmente, pro ano que vem, a redução já pode ser mais... é... mais barata pro consumidor final. Principalmente pro uso doméstico.” (LEONARDO).

Perguntei ao Leonardo há quanto tempo ele tem contato com o computador, mesmo que seja sem utilizá-lo, e ele disse:

“Eu tenho contato com computador, desde os.. desde 92 pra 93, que foi a média mesmo de quando ele chegou. Por trabalhar em loteria, sempre já teve um sistema eletrônico. Então, eu já tive o contato nessa média de 92, principalmente com a chegada mais da internet, que foi em 1994, que eu comecei a ter um contato melhor com o computador. Comecei a fazer alguns cursos, que eram... não curso o... que é o profissionalizante, que tem curso técnico hoje, ensino de Informática, não era isso. Era um certo... conceitos assim, pra você poder começar... poder mexer com Word, você começar a ter o contato mesmo, porque era... era muito difícil ainda o acesso ao computador. Então, a partir de 93... 92 a 94 eu já tinha um certo contato já com essa parte tecnológica, até mesmo por causa da loteria. [...] Já foi em Belo Horizonte. Totalmente em Belo Horizonte. Eu vim pra... pra BH, eu vim em 2000... 99 pra 2000, definitivamente, definitivamente. Em Divinópolis, eu fiquei até uns noventa e poucos, vim pra cá, comecei a mexer, voltei por causa de saudade de mãe, né, de família em si. Aí eu fiquei lá e cá, lá e cá, e eu optei por ficar aqui mesmo na Capital. [...] Já comecei a ter o contato, muita dificuldade, porque era uma coisa muito nova, né. Então eu comecei a mexer, aprendendo com um ou com outro, cata letra, né.” (LEONARDO).

Perguntei ao Leonardo se, hoje em dia, ele tem o hábito de acessar a internet e ele falou que usa: “*Todos os dias, várias horas por dia. [risos]*”. Ele também usa smartphone há 7 anos. Conversamos sobre o uso das tecnologias digitais no cotidiano e a construção do conhecimento. Pedi ao Leonardo que falasse um pouco sobre isso e ele revela que:

“Muitas vezes, igual por exemplo, na minha área, especificamente hoje, onde eu estou trabalhando, é essencial. Porque a tecnologia hoje, ela muda constantemente, o tempo todo ela tem variação. É um programa, é um sistema, é uma placa, então muda muita coisa. E pra mim poder ter o conhecimento da mudança, eu tenho que ter a informação. Muitas vezes a

informação é sempre pela... pelo computador, pela internet, que hoje é muito rápido, né. Jogou, tá lá e pronto, acabou. Então, a busca... que a gente sempre busca, é isso. Agora, em questão do conhecimento mesmo, sempre através da informática. É o que tá ali. É pesquisa em cima daquilo, tenta buscar informações de diversas... são várias... como é que eu posso te dizer? São... são várias informações que você tem que filtrar muita coisa, porque né... sempre você tem que fazer um filtro, porque nem sempre o que tá lá vai te atender.” (LEONARDO).

Perguntei ao Leonardo se o uso das tecnologias digitais pode contribuir de alguma forma na sua vida familiar, profissional, educacional ou social. Ele respondeu que:

“Para poder desenvolver no... no contexto família, na minha opinião, não. [...] Porque eu acho que a tecnologia, ela acaba é atrapalhando até mesmo o contato físico, verbal, dum pai, dum mãe, pra até mesmo pra poder educar um filho. Hoje em dia, o que a gente mais acostuma ver é isso: O pai na sala, vendo um jogo; a mãe e os filhos jantando, com o telefone ao lado e aquele negócio, o tempo todo. Então, você acaba perdendo aquele valor de família, entendeu? Assim, é uma coisa que eu dou muito valor. Você sentar numa mesa, junto com seus pais, com seus filhos. Eu não tenho filho ainda, eu sou casado, mas eu não tenho filho. É essa forma docê pegar e aquele contato, família. Agora, a tecnologia vai... pode ajudar né... em questão de família, na minha opinião? Não. Porque eu acho que família é isso, é presença e tudo mais. Agora, ligar pra... assim, pra você poder saber onde que o filho tá, isso pra mim não é melhorar, isso pra mim já é um... é outra palavra que eu não estou conseguindo dizer, sabe. [risos] É tipo um rastreio: ‘– E aí, beleza?’ É só uma satisfação de é...: ‘– Ah, meu filho tá ali.’ Isso é uma tranquilidade de paz mental, vamos se dizer assim. Que o pai quer saber onde que o filho tá ou aonde a filha tá ou a esposa tá, é tudo muito rápido. ‘– Ah, eu tô aqui no shopping.’ ‘– Ah, eu tô chegando do serviço, pega isso pra mim e já deixa pronto.’ Mas só isso. Agora, contato mesmo, família, de sentar. De relação familiar, não.” (LEONARDO).

Quanto ao uso das tecnologias digitais para a realização de atividades para a escola, perguntei ao Leonardo se ele tem alguma dificuldade e ele falou:

“Não. Eu acho assim, muito fácil. Por que... super tranquilo, por que hoje mesmo tem muito colégio, igual por exemplo, aqui mesmo tem a disponibilidade de... de uma sala lá embaixo que se o aluno ter o... se quiser ter um interesse. O próprio aluno do EJA, se ele quiser ir na área na... no... supor na Sala de Informática e quiser usar, parece que o colégio ele permite que use, tem todo esse negócio. Mas é... eu por exemplo, pelo tempo que eu tô aqui, eu não vejo tanto interesse de muitos alunos e, além mesmo, com programas internos do colégio que faça o jovem procurar esse computador. Não só o jovem, como o adulto e até mesmo... assim, adulto, os mais velhos que tão aí, porque tem aluno de 57, 60 anos dentro de uma sala de aula, que muitas vezes não tem esse contato. Então, na minha opinião, tá.. tem parte... pra ser usado, tá bem disponibilizado aí, mas não tem um incentivo, realmente não tem aquele incentivo que o colégio pode pegar e falar assim: ‘– Hoje vamos ter aula de Informática.’ Era uma coisa que poderia ter, por que tem muita gente que não tem acesso.” (LEONARDO).

Perguntei ao Leonardo se ele tem dificuldade com o uso de programas de computador e ele respondeu:

“Alguns. Por exemplo o Excel, pra mim é uma barreira muito grande, mas eu sempre tento, sempre tento. Eu, por exemplo, trabalho muito com planilha. Então, querendo ou não, minhas planilhas já é... já é montado por gente lá que fica mais fácil. Mas quando tem hora que eu dou uma perdida, tento consertar alguma coisa... mas muitas coisas acaba que tem que ter gente pra poder fazer pra mim. Até mesmo por não ter o curso específico de Excel. É pra mim um dos mais difíceis que existe. [...] Eu uso pouco também. Quando preciso, vou atrás.” (LEONARDO).

Procurei saber com Leonardo o que mais lhe desperta o interesse no uso do computador mesmo e ele revela como realiza as suas pesquisas:

“Olha, hoje em dia, o computador pra mim serve em tudo, pra tudo. Se eu quero esporte, lá tá o esporte, se eu entro... tudo. Eu pesquiso tudo, tudo que naquele dia eu preciso de resposta. Em aspás, entendeu? Assim, tudo que eu preciso, tenho a curiosidade, eu tento entrar ali, faço a minha pesquisa, algumas coisas eu fico satisfeito, outras, não. Porque se eu tenho que filtrar muita coisa, porque também tem muita coisa, muito blá-blá-blá que... também não é. Então, você tem que procurar sempre em fontes mais respeitadas pra você ter um resultado melhor. [...] É mais pra buscar informação. Eu uso, igual por exemplo, além do meu trabalho, porque lá temos todos um programa que é todo específico pro trabalho, e a gente tem que fazer busca, por causa de tecnologia que tá saindo, até mesmo como a gente faz compra de peças e tudo mais, a gente acaba fazendo pesquisa. Entendeu? Eu uso por informação, pesquisa de compra...” (LEONARDO).

A seguir, Leonardo conta o que mais lhe desperta o interesse no uso do smartphone: *“É mais é rede social. É o tempo todo rede social.”* Ele discorre sobre a utilização do smartphone pelas pessoas em geral:

“O smartphone hoje é... é a relação que você tem com a outra pessoa, né. Hoje, temos aplicativo Whatsapp, temos o Facebook. Tudo, assim, esses aplicativos que vieram, numa certa forma, pra poder ajudar e, muitas vezes, pra também pra poder atrapalhar, porque o Whatsapp hoje é um vício. Eu acho que todo mundo tem Whatsapp, todo mundo praticamente comunica pelo Whatsapp. É muito difícil você vê aqueles que não têm o Whatsapp. Quando não tem, são pessoas bem conservadoras mesmo que não quer abrir mão daquilo e quer viver naquilo.” (LEONARDO).

Perguntei ao Leonardo se, depois que começou a estudar no CPRNF, se ele se sentiu mais estimulado ou encorajado para utilizar o computador ou o smartphone para questões ligadas à escola. Leonardo avalia que não fez diferença, nem mesmo com outras tecnologias. Ele ainda ressalta que:

“Eu me senti... quando eu comecei a estudar aqui, eu me senti encorajado, a autoestima melhora, pra questões de você retornar os seus estudos, você tá vendo que você tá muito próximo de entrar pra uma faculdade, que era um projeto seu, quando era pra você ter... tá entrado com 18 anos, mas por

outros motivos que a vida deu e você teve que abrir mão disso e hoje você está buscando isso é... o colégio me trouxe isso. Levantou minha autoestima, não pra poder mexer com computador, porque isso eu sempre tive. A minha autoestima subiu pra mim poder encara uma faculdade ou alguma outra coisa mais pra frente.” (LEONARDO).

A respeito da proibição, por parte do CPRNF, de os educandos usarem as tecnologias digitais em sala de aula, Leonardo considera que:

“Não tem o estímulo, que foi igual eu falei antes, acho que foi até no início. Eu falei antes que o colégio poderia olhar a possibilidade de incentivar, porque tem muitos alunos dentro de uma sala de aula que não tem contato nenhum com o computador. Tem pessoas que, se você colocar ele pra escrever um texto pequeno: ‘– Eu adoro estudar no Colégio Paulo...’ vai demorar cinco minutos pra poder digitar. Se você colocar ponto, vírgula, exclamação e interrogação, eles vão custar localizar as teclas pra poder atualizar. Então, assim, eu acho que o colégio, a... a própria EJA mesmo poderia colocar à dispon... sabe, ter um momento... de uma aula de incentivo assim, pra poder fazer esse contato.” (LEONARDO).

Procurei saber com Leonardo se ele tem alguma opinião do porquê de alguns estudantes utilizarem mais as tecnologias digitais e outros menos ou, nem mesmo, não utilizarem. Leonardo avalia que tem relação com o interesse e a questão financeira:

“Olha, eu... na minha opinião, aqueles que usam mais computador é porque realmente os pais tiveram condição de tê-los e tiveram condição na época. Vamos colocar... um bom tempo, não hoje, antes, era uma internet discada, era aquela coisa toda, hoje já é tudo fibra ótica, né? Tudo muito rápido. Níveis social. O... o... aquele que tem o nível social melhor, vai ter acesso à informação mais rápida do que o classe baixa. Que o caso... pobre mesmo, né. Sabe, eu acho que... que o... essa é a vantagem. Classe média... classe média tem acesso mais rápido. [...] Seria muitas vezes por falta de recurso, talvez dos pais mesmos. [...] a questão econômica e muitas vezes até interesse. Na minha opinião. Porque tudo é um interesse. Se você quer aprender a mexer no computador, não basta seu pai só ter dinheiro, você tem que querer saber.” (LEONARDO).

A seguir, conversamos a respeito do porquê de alguns professores usarem mais as tecnologias digitais, alguns menos ou não usarem. Perguntei ao Leonardo sobre como ele avalia essas diferenças e ele comentou o seguinte:

“Olha, aqui na EJA, eu... pelos contatos com os professores, alguns trabalhos foram solicitados e, desses trabalhos, pouquíssimo é... eles pediram que imprimisse alguma coisa, que copiasse. Eles queriam muita coisa é... tradicional. Na escrita, aquela pesquisa no livro, que você vai na biblioteca, você pega o livro na biblioteca e sai pegando partes. Não aquela coisa, você joga no computador e já sai toda mastigada ali, que já tem até vários trabalhos já feitos é... disponíveis ali. Eles não queriam isso. Assim, são poucos professores aqui que aceitam. [...] Igual, por exemplo, eu até concordo e foi como eu disse: Eu prefiro ainda é... por essa pesquisa. Pelo jovem querer tudo muito rápido, tudo ele é rápido hoje, ele acaba não tendo o conteúdo que realmente é bom. Porque eu acho que, quando você pega

tudo mastigado, tudo muito fácil, você não aprende nada. Eu acho você pega fácil, ele... Control C, Control V, acabou. Control C, Control V, acabou. Ele pode pesquisar tudo, Control C, Control V, resolveu o problema dele. Ele joga no Word, né? Equilibra ali, acabou. Tá pronto. Ele não teve aquele trabalho dele pesquisar, dele poder ler onde... onde ele vai armazenar mesmo a informação, o aprendizado.” (LEONARDO).

Pedi ao Leonardo que ele contasse um pouco como ele faz uso das tecnologias digitais em sua socialização e ele relatou o seguinte:

“Ó, eu faço... Até mesmo tenho grupos pelo Whatsapp, tenho grupos aí pra tudo. Pra festinha, pra futebol, pra... grupos de vizinhos, de... de rede de segurança de vizinhos. Então, assim, tem grupo pra tudo. Tem pra venda, né, um cartucho: ‘Ah, eu preciso disso. Tem um de rastreador, câmera em casa, tudo você vai olhando pelo smartphone, em tempo real, você vai vendo o que está acontecendo. Então, hoje em dia, assim, hoje eu tenho muitos relacionamentos, tudo pelo Whatsapp. Uso bastante. [...] Uso muito o email, uso muito o Facebook, é... São os que eu mais uso. [...] Whatsapp que é... é o tempo todo, né. Toda hora você tá comunicando.” (LEONARDO).

Leonardo detalha como ele faz para complementar os seus estudos através da internet:

“Youtube. Tem lá o... é Matemática... é Grings [...] É ele que eu entro, assim, o professor... o professor Grings. Aí explica tudo lá, bem bacana. Assim, muito fácil de... de... assim de você entender que muitas vezes na sala de aula. Muitas vezes você tá na sala, você tá cansado, aí vai chegando nove... imagina sexta-feira, você com três aulas de Matemática, tudo nos últimos horários. A primeira de Filosofia, aí já fala, fala. Aí, chega no segundo, Matemática e depois do intervalo, Matemática. No último, Matemática. Numa sexta-feira, você que sai cedo, trabalha, como milhões e milhões de brasileiros, pra você ficar ouvindo isso, assim. Você já vai... sério parece que não vai acompanhando mais, entendeu? Você vai desanimando. Aí, você usa o sábado, que está mais descansado, joga lá... [...] Eu faço uma revisão [...] com mais frequência na minha casa.”¹⁹³ (LEONARDO).

Leonardo revela tem experiência pra criar apresentações de slides. Perguntei a ele o que tem o hábito de fazer com essas apresentações e ele falou o seguinte:

“Olha, eu até crio e o mais engraçado é que todos que eu já criei foi em festa de família. Você acredita? Aí já morreu um tio meu, pouco tempo, pouco tempo faleceu um tio meu, aí eles queriam fazer uma homenagem, ia editar algumas partes que ele estava falando num discurso dele, ficou até legal. A gente... aí eu fui editando algumas coisas, aí fiz a apresentação. Aí a... agora recente, pouco tempo, tem dez meses que meu pai faleceu, lá no Norte, aí a gente... tivemos assim é... vários, várias fotos, vídeos, vários documentários dele mesmo, a gente juntou, fiz o slide... um slide, porque teve uma... é foi aniversário dele sete de agosto, ele já tava falecido, aí meus irmãos naquele negócio que é um... que ainda bate, né, a... aquela saudade, fiz, fiz um DVD pra cada um, entreguei, todos gostaram. Então, assim, o meu contato de fazer mesmo, é sempre festa de família. [risos]

¹⁹³ <https://www.youtube.com/user/OmatematicoGrings>

Assim, nada de... [...] Mais pessoal, nada de profissional, assim pra mim poder: ‘– Ah, vou fazer aqui no colégio, vou fazer pra... pra alguém...’ Não! Sempre é mais familiar mesmo.” (LEONARDO).

Sobre o acesso às questões da escola, como notas ou material sobre a aula, Leonardo informou que não acessa as notas, mas que há grupo de Whatsapp formado por educandos e professores. Ele detalhou um pouco sobre isso:

“Igual aqui, não tem é... assim, não sei se pro pessoal de Ensino Fundamental médio normal, né, sem ser a EJA... Eles têm isso, mas a EJA não tem esse sistema que... possa facilitar não. A própria pessoa ter o acesso à sua nota, onde errou e tal. [...] Só direto com o professor. Ou com o coordenador ou diretora aí, que eles informam. [...] Quando, igual por exemplo, hoje tem algumas professoras aqui que elas é... fazem grupos de Whatsapp e ela acaba enviando em PDF muita coisa, tem um [...] professor que se joga uma matéria ali, aí o aluno repassa pra um outro que talvez não tá no grupo, é assim. [...] Tem grupos de aluno com professor. [...] É um grupo só. É a sala toda. [...] [Os professores] Uns sim, outros não. Porque nem todos gostam, porque talvez o aluno fica perturbando o professor ali, mandando coisas desnecessárias, o professor é aquele... O xerife dele, ele não pode dar muito [risos] ele não pode dar muita ideia a certas piadinhas que acontece. [...] Por exemplo, tem grupos aqui dentro na sala mesmo que trocam informação o tempo todo. A gente mesmo, tem hora que... é uma dúvida que um cria com outro, né? tem uma dúvida: ‘– Pô, eu não... eu não entendi isso daqui de Matemática, quem sabe?’ Aí, aí manda o que que tá querendo. ‘– Ah, eu sei.’ Aí: ‘– Como que você chegou nisso?’ É pergunta e resposta constante. [...] Muitas vezes é... é o áudio, é porque você vai falando pausadamente com facilidade pra poder entender e muitas vezes é escrito. A... por uma pessoa acaba escrevendo, tira uma foto... [...] Eu acho que o grupo ele funciona bem na... pondo a dificuldade mesmo. [...] Bem especificado, a dúvida que você tem você vai jogar no grupo e quem sabe vai...” (LEONARDO).

Leonardo também disse que não costuma usar esse grupo: “*Não, é porque durante o dia chega mil e tantas mensagens, acaba até me incomodando. O telefone não para. Aí acaba que fica aquela coisa desnecessária até fora mesmo.*” Perguntei se são apenas questões da escola ou assuntos diversos e Leonardo falou que há de tudo:

“Muita mensagem, é o tempo todo. Cada hora uma besteira, uma zoação. [...] É geral. [...] Por isso que muitos professores não... [...] Não dá conta de acompanhar. Porque tem coisas que o professor não sabe, é coisa que é conversada entre alunos, uma brincadeira, uma zoação. O pessoal do fundão, do meio, da frente, Enfim... [...] Aparece de tudo.” (LEONARDO).

Dessa forma, se algum educando quiser ajuda para alguma uma questão de estudo e postar no grupo de Whatsapp, precisará ter a sorte de alguém ver e poder lhe ajuda. Leonardo disse ainda da necessidade de: “*Ver, ler mesmo e ajudar, entendeu?*” Perguntei se ele tem tempo de ver todas as mensagens e se também

costuma ajudar alguém no grupo de Whatsapp da turma e ele revelou que não está mais no grupo, saiu dele. Ele fala a esse respeito:

“Eu, eu quando eu estava no grupo, eu até ajudei alguns. Hoje, como eu não faço mais parte do grupo, muitas vezes dentro da sala mesmo tira dúvida: ‘– O Leonardo, você sabe isso?’ ‘– Não, sei.’ Aí, sento, tento explicar da maneira como eu, como eu cheguei naquele resultado. [...] Hoje, eu não faço mais parte dele por causa do excesso mesmo de mensagens desnecessárias. [...] tem hora... grupo você sabe como que é, né? Aí vai virando tudo.” (LEONARDO).

Perguntei ao Leonardo se eles não pensaram em fazer outro grupo só para as questões de estudo e ele respondeu o seguinte: “*Mas o que que acontece, é... já pensou, mas a gente sabe que... no fundo, no fundo, vai virar a mesma brincadeira, excesso de mensagem mesmo.*” Indaguei a ele se não há nada que seja postado no grupo e que dependa dele saber, como por exemplo algo que algum professor publique no grupo e que ele precisaria saber. Leonardo avalia que:

“Não. Igual, por exemplo, em hora que... Não, sim. Mas como eu sempre participo das aulas, sempre tô aqui, então pra mim, se o professor der uma coisa e eu faltar, isso... alguém vai me passar. Eu tenho certos colegas também que é igual eu, que vem na aula, que participam, ele vai ter a matéria, eu chego e copio numa hora do intervalo, pra não poder atrapalhar o conteúdo. [...] Tem um grupo do... do povo da minha sala mesmo, que eu não faço parte, eles tiram até foto. Aí, tem professor que deixa. Isso já foi é... isso já foi combinado no início. Quer dizer, aí terminou, a matéria já terminou, aí teve gente que faltou, eles tiram a foto do quadro e envia a foto, por que quem faltou, por ali consegue colocar a matéria em dia, entendeu? [...] Tem uns que faltam até mesmo por causa do trabalho, que sempre tem essas dificuldades.” (LEONARDO).

De acordo com Leonardo, esses educandos que faltam às aulas com mais frequência, utilizam muito esse recurso do grupo de Whatsapp. Perguntei ao Leonardo se ele oferece a outros educandos alguma orientação a distância ou na sala de aula e ele diz que: “*Só na sala mesmo.*”

A seguir, perguntei se o uso das tecnologias digitais o aproximou ou o afastou da escola. Leonardo não responde sobre a escola e fala sobre a relação familiar com o uso das tecnologias digitais:

“A tecnologia me aproximou de muitas coisas e também me afastou de muitas coisas. Foi o que eu disse antes, a tecnologia, principalmente no lado família, igual eu tava falando, a tecnologia, ela te aproxima de pessoas que não tão próximas de você, igual o meu caso, tem família minha que vive no Pará, no Maranhão, no Goiás e no Distrito Federal. Então, minha família tá próxima, pelo... pela tecnologia. Mas aqui mesmo é... pessoalmente, em questão de irmão de tudo, acaba que você perde muito, por que talvez um oi que você dava: ‘– Oi, bom dia! Tudo bem com você?’ Aí, ele que tá aqui na Pampulha, que trabalha aqui na Pampulha, você trabalha aqui no

Floresta, você já fez sua parte. Você vai perdendo. Aí chega o final de semana, que você tem tempo pra ir lá, você vai e tira uma foto de onde você tá, alguma coisa assim [risos] e você já vai perdendo esse contato, que antes você iria ou ele vinha. Aí, você vai perdendo esse contato, então.” (LEONARDO).

Falei com Leonardo se ele achava, então que as tecnologias digitais podem aproximar quem está longe e afastar quem está perto e ele respondeu: “*Quem tá perto, é verdade. [risos] Eu acho que é o que mais acontece hoje.*”

As perguntas que estavam previstas para a entrevista terminaram e eu perguntei ao Leonardo se ele lembrou de mais alguma questão que eu não perguntei, se ele pensou algo e não falou ou não deu tempo de falar e que esteja relacionado aos usos das tecnologias digitais na aprendizagem ou na escola. Leonardo complementou com a seguinte fala:

“Eu acho que... igual, então por exemplo, pra EJA eu acho que o próprio colégio tinha que rever essa parte de... principalmente priorizar aquelas pessoas que não têm acesso ao computador. Igual por exemplo, não é o meu caso que eu trabalho com isso, tenho em casa e tal. Mas tem... tem muita gente dentro da sala que não tem acesso a isso. Mal vai saber digitar, entendeu? Vai saber digitar, usar ponto, usar vírgula, colocar... Enfim, então eu acho que a EJA, ela poderia melhorar nisso e ter um conteúdo específico para o ensino da EJA na internet. Porque você vai pesquisar, não tem nada pra EJA, é... não tem nada. O... quando você procura, você acha lá, assim, provas de outro estado, de outro estado, mas com conteúdo que talvez não é o que você está usando. Então, enfim, você perdeu. Entendeu? Não tem. Eu acho que esse ponto que poderia melhorar mesmo na EJA. Igual, por exemplo, hoje a EJA vem facilitando a vida de muita gente, principalmente os jovens e adultos que... por causa de trabalho, etcétera, não tem tempo de... não cumpriu, né, o tempo normal assim de escola e tal, e hoje está aí correndo atrás de se adequar mesmo, de... de colocar em ordem, fazer o Ensino Fundamental, fazer o Ensino Médio e até mesmo sonhar com uma faculdade na frente. Eu acho que é isso que a EJA poderia rever, eu acho que ela poderia melhorar o conteúdo dela, com a informação na internet pra poder dar chance pra quem não tem direito e o colégio que tem a... a ferramenta aqui, que é o computador e tal, disponibilizar algum tempo maior ou dois dias a mais. Enfim, e apoiar as pessoas que não tem. Por que muitas vezes se forma aqui, sai daqui e na hora que vai... ‘– Ah, tá com Ensino Médio?’ ‘– Tô.’ ‘– Então, vou arrumar um emprego procê.’ ‘– Beleza, você vai ficar aqui pra você dar entrada.’ E hoje você, pô, você vai dar uma entrada hoje na empresa, qualquer coisa que você vai fazer hoje na empresa, por onde que entra? É uma leitor... é um leitor de código de barras você faz, ‘plump’. O caixa mesmo de supermercados, você vai trabalhar num caixa de supermercados, o que que você vai fazer? O tempo todo com computador. Você vai digitando, apaga. A pessoa não tem o acesso. Muito difícil. A EJA é um dos pontos pra mim que peca. Como a gente tá aqui, é uma coisa que eu observo muito, sabe? Não tem. Muito pouco. Ah, se você quer, você vai lá na... na biblioteca que vai ter uma funcionária lá, que ela vai poder te orientar em algumas coisas. Mas é um dia e muitas vezes é uma hora, cara, que você tem por dia. [...] No horário da aula. E aí? Aí se você não sobe, você perde, você ganha falta, fica uma confusão. E muitas vezes, você sai daqui, chega o final de semana que talvez você tem pra ficar com a família, pra você poder descansar, com as obrigações de casa e tudo, você não vai caçar uma lan house, você não vai procurar isso. Pra

quem não tem contato, não faz diferença, não é verdade? Então, precisa disso.” (LEONARDO).

5.2.6 Entrevista de Ada

A entrevista com a professora Ada nos revelou que ela é professora há 3 anos e, segundo ela, exatamente “os três anos que eu estou aqui no EFALO, os três anos de formada. [risos].” Foi nessa escola que Ada começou a trabalhar na EJA. Ela revela que: “Foi assim que eu terminei a licenciatura, minha primeira graduação, aí eu pedi a continuidade de estudos e entrei aqui pro EFALO.” Sobre a primeira graduação que Ada concluiu: “Fiz em História também, só que é em Licenciatura, né. Aí eu pedi o Bacharelado, pra fazer a continuidade e aí eu descobri o EFALO e tô aqui até hoje. [...] Estou terminando o bacharelado.” Indaguei a ela por que ela trabalha na EJA, que me foi assim respondido:

“Primeiro, porque me encantou a possibilidade de, ainda dentro da faculdade, poder começar mesmo a trabalhar como professora. Apesar de já estar formando, eu ainda não tinha experiência em sala de aula. Eu tinha ficado fazendo pesquisa durante os quatro anos da graduação e só. Depois, pelo público, sabe, os alunos. A questão, realmente, em você poder dar uma aula que você vai levar em conta aquilo que os alunos já sabem, e aí que você vai construindo isso com eles em sala, me encantou e ainda me encanta durante esses três anos. [risos]” (ADA).

Sobre os seus primeiros contatos com o computador, Ada conta que: “como eu sou do interior, demorou para chegar o computador lá [...] viu? [risos]. Eu estava... quer ver? Com 15 anos. Então... quantos anos que eu estou agora? Estou com 25. Há dez anos.” Ela falou que nesse período que chegou a internet na sua cidade do interior e que: “Meu primeiro computador foi no meu aniversário de 15 anos, que minha mãe me deu. E eu tenho ele lá guardadinho. Não uso mais, mas ele ainda está lá.” Mesmo antes dela possuir esse computador, já tinha contato com esse tipo de equipamento: “Eu fiz um curso de informática, é verdade. Eu fiz isso no colégio. Então foi antes, foi antes. Foi um pouquinho antes,[...] mas agora, ter meu primeiro computador foi com 15 anos [...] Eu já tinha feito curso de informática na escola mesmo.”

Já o smartphone, Ada possuía o seu há um ano. Segundo ela, “É, porque eu não gosto muito de tecnologia não, sabe?”. Eu perguntei a ela como ela fazia o uso das tecnologias digitais em seu trabalho e ela relatou assim:

“Primeiro, sem internet não dá mais, né, para a gente preparar aula, não dá mais, porque a gente não tem mais aquele negócio da biblioteca, de você ficar indo e fazendo pesquisa. Então a internet te facilita essas questões. Te facilita acesso a esse material pra preparação de aula mesmo. Isso você ganha tempo, porque até você ir na biblioteca procurar o livro, agora você vai na internet e você faz isso mais fácil. Então eu ganho tempo para preparar a minha aula. Em sala de aula, eu uso mais projetor mesmo, então eu não uso tanto internet mesmo, eu uso mais os recursos mesmo. Projetor, o que mais? Computador sim, eu já levei eles pro Laboratório de Informática, pra que eles fizessem essa pesquisa lá, mas não esse ano. Fiz pesquisa lá o ano passado. [...] Para facilitar o meu dia a dia mesmo. Preparação de aula e na hora de dar aula mesmo para os alunos.” (ADA).

Pedi a ela que contasse como foi esse trabalho no Laboratório de Informática com os educandos. Ada falou que foi uma atividade de sua aula de História:

“Estava trabalhando com os meninos a modernidade e... que mais? Isso. A modernidade e a preservação da história no espaço urbano. Aí eu pedi que eles elencassem uma coisa que tem na cidade que é considerada para eles moderna e alguma coisa que lembre a história da cidade. Só que aí eu precisava que eles me trouxessem imagens, e nós fomos buscar essas imagens lá no laboratório. Aí eu coloquei, eu dividi os alunos em duplas, aí eu tava com o estagiário e pedi os estagiários que me dessem um suporte, porque eles, né, têm alunos que não sabiam usar e tal. Aí eu consegui dessa forma que eles fossem fazendo as pesquisas. Eu ensinei eles, né: “– Vamos lá no Google. Vamos buscar um provedor. Agora vamos digitar um termo lá para a gente fazer a pesquisa. O que vocês estão procurando?”. Aí ensinei a digitar, fazer isso. Depois, copiar as imagens, cortar a fonte, colar no Word, e aí eles salvaram, porque lá no laboratório não tem impressora. Aí eles salvaram, cada um criou a sua pasta, depois eu fui lá, salvei tudo no pen drive e levei pra imprimir. E aí eu entreguei para eles depois. Mas esse ano não pretendo fazer essa atividade, quero fazer outra depois, depois que a gente for para Petrópolis, aí eu tô pensando em outra atividade que eles também façam essa pesquisa.” (ADA).

Perguntei à Ada como é esse uso esporádico do Laboratório de Informática e se é só quando algum professor planeja alguma atividade com os educandos. Ela fala que: “*Sim, quando algum professor... Porque até o ano passado tinha um curso de Informática na sexta-feira. Aí o aluno que tivesse algum interesse, ele se matriculava nesse curso e vinha fazer. Só que esse ano não foi oferecido. Aí não tem mais, né.*”

Sobre como Ada usa as tecnologias digitais na construção do seu conhecimento, ela diz: “*Aí eu vou fazer pesquisa na internet. [risos].*” Perguntei a ela se o uso das tecnologias digitais pode contribuir na sua vida familiar, profissional, educacional e social, ela responde que:

“Sim. Não só pode, como contribui, né. Contribui. Eu apanho um pouquinho, mas... porque facilita muito as coisas. Igual ao Whatsapp mesmo, se resolve muita coisa por Whatsapp. Uma coisa que demoraria tempo para você ligar, para você conseguir resolver... então você ganha um pouquinho

de tempo, então se você ganha tempo, você vai resolver mais coisas.” (ADA).

Em relação ao uso de programas de computador, Ada nos conta que: *“Só uso os básicos. Só programa básico mesmo. Apesar de ter feito um curso há bastante tempo, como eu não utilizei, então não lembro mesmo.”* Contudo, ela não tem dificuldades em baixar ou instalar aplicativos e programas no computador: *“Isso eu faço rápido. É a mesma coisa com os programas. Eu sento, leio um tutorial, rapidinho já sei fazer, vou ali e faço na hora. Mas depois já vou esquecer de novo. Eu tenho que ir lá ler de novo, que aí eu já faço.”* A professora revela que também não sente dificuldades com a configuração de equipamentos, como computador, smartphone, internet, impressora etc. Perguntei sobre ela ter ou não dificuldades com projetor de imagens, que a vi utilizando com a ajuda do professor Moacir, que me respondeu dessa forma:

“Até que não,. Não, mas configurar ele ali, a hora que eu esqueço ali é o comando. Me falou, beleza. Naquele momento ali, Ah... me explicou: ‘– Ah, cê tem que fazer isso e isso’. Vou lá e faço. O problema é que eu não vou guardar aquilo, pra fazer depois. Depois, tem que me explicar de novo que eu vou lá e faço de novo.” (ADA).

Em relação ao uso ou utilidade do computador que mais desperta interesse em Ada, ela falou que seria a pesquisa na internet. Em relação ao smartphone, a professora ri e conta que é para:

“Ler o email. Gente, eu não consigo. Eu vejo o meu email, assim, é de 5 em 5 segundos. [risos]. [...] Mais o email. Agora que eu estou começando a acostumar com o Whatsapp. Agora. Aí já está facilitando, porque eu já troquei o Whatsapp pelo email. Mas eu ainda continuo indo lá olhar as coisas no email.” (ADA).

Ada começou a usar smartphone no final do ano anterior. Antes disso, ela possuía um aparelho de telefone celular, sem acesso à internet:

“Que até então, meu telefone não tinha internet, não tinha nada. Aquele telefone comum mesmo que não fazia nada. E assim mesmo deixava ele guardado em casa no guarda-roupa. Oh, a minha mãe ficava louca, não conseguia falar comigo, ninguém. Aí era só email mesmo. O único jeito de falar comigo era por email.” (ADA).

Depois que a professora Ada foi trabalhar na EFALO é que surgiu o interesse em ter um smartphone para se comunicar com outras pessoas. Quando lhe perguntei se, por ela estar aqui naquela escola, de alguma forma houve influência nesse início e uso do smartphone:

“Sim, é exatamente por isso. Porque por mais que eu ficasse lá no email, sabe, vendo toda a hora, tem hora que você perde alguma coisa. Aí na internet é bem mais fácil, até o contato com os alunos mesmo. Porque o Whatsapp você não paga, né, a ligação. Agora se eu fosse ligar para um aluno para saber o que está acontecendo, que sou eu que faço isso na equipe, eu já... ou eu teria que vir para cá para ligar aqui da secretaria ou gastar os meus créditos. Agora com o Whatsapp criei o grupo da turma e já passo uma informação rapidinho, ou eu, que se eu preciso conversar com um deles, já mando mensagem: ‘Preciso conversar com você hoje’. Aí a gente já marca um horário e chamo para conversar. [...] Foi aí que eu vi a praticidade do negócio. [...] Mas aí é aquela questão, né, você tem que ter bem em mente que é um meio informal. Você vai chamar para conversar, mas aí na hora da conversa, é registrar bonitinho no caderno, que a gente tem caderno de conversas. Então, a gente... você... entrou em contato ali pra passar um recado, um aviso. Mas não pode ser nada oficial. Por mais que, né, você pode depois ir lá e recuperar, mas a gente não considera tão oficial uma mensagem que eu recebo pelo Whatsapp. [...] E por ser assim, né, é um ambiente institucional. Então eu só uso o Whatsapp para mandar um recado: ‘– Ah, é.. uma aula hoje vai ser desse e desse jeito’. Mandei. Só que eu preciso entregar o bilhetinho depois.” (ADA).

Perguntei à Ada se, antes dessa necessidade de uso do smartphone para questões ligadas à EFALO, ela não tinha interesse ou curiosidade em relação a essa tecnologia móvel, que me responde: *“Não, porque eu já tinha na minha mente o seguinte: que eu ia ficar viciada no negócio e não fazer minhas coisas. Aí eu falei: ‘– Não, melhor não, deixa do jeito que tá, até o máximo que eu conseguir segurar.’”* Contudo, depois que Ada começou a trabalhar naquela escola, ela disse que se sentiu muito estimulada e encorajada para usar o computador e o smartphone para questões ligadas à escola, *“O smartphone principalmente, porque o computador eu já fazia, mas o smartphone...”*. Em relação a melhorar o uso dessas tecnologias digitais, para questões ligadas à escola, Ada considera que *“O smartphone sim, agora o computador continuou para as mesmas coisas. [...] Só o smartphone, que eu não usava e comecei a utilizar.”* Em relação a outras tecnologias, além do computador e do smartphone, Ada não considera que passou a usá-las melhor: *“Continuo igual.”*

Ada considera que a inserção das tecnologias digitais levou a uma ampliação dos seus espaços de estudo e aprendizagem. Em relação às idas à biblioteca, por exemplo:

“Não é nem que acabou, porque eu ainda gosto daquele ambiente. Mas como eu tô com menos tempo, por exemplo, eu vinha final de semana ficar aqui na biblioteca. Agora final de semana eu posso ficar em casa fazendo isso, né? Então, não é que eu deixei de ir... que eu deixei de vir à biblioteca. Eu só reduzi isso. [...] É porque eu sempre gostei do ambiente. Por exemplo, final de semana eu passava aqui estudando, sábado e domingo

aqui na biblioteca. Agora eu não venho mais, porque final de semana é o meu tempo para preparar as coisas daqui do colégio, então o que eu vou fazer? Num livro da biblioteca... não vou achar muitos livros didáticos. Eu acho isso aqui no núcleo. Então ou eu vou escanear, e aí eu vou salvar no pen drive e vou para casa, e lá em casa eu vou fazer isso. Eu não preciso sair, me deslocar da minha casa para vir aqui para a universidade fazer isso. Aí eu posso... já escaneei, já está lá, tenho acesso e faço em casa. Nesse sentido.” (ADA).

Perguntei à professora Ada se então, com o uso das tecnologias, foram criados novos espaços para você desenvolver os seus trabalhos, além da escola, e se esse uso lhe aproximou ou afastou da escola. Ele me respondeu: “*Me aproximou. No meu caso, levou a escola para a minha casa. [risos]. Então aproximou.*” Quis saber dela se isso a aproxima ou a afasta dos estudantes e ela fala que: “*Aproxima muito! [risos].*”

Em relação ao uso e o não uso das tecnologias digitais pelos educandos da EJA, perguntei à professora Ada se ela tinha alguma opinião a respeito, que me respondeu:

“Primeiro, é a questão da faixa etária. No caso da EJA, é a faixa etária. Se demora um pouquinho para você ter costume. Aí, depois que você vai aprendendo. Aos poucos você vai... né, já virou algo da sua rotina, você começa a utilizar. Aí eles vão. São de outro tempo, então ele demora um pouquinho para ter aquele costume, pra aprender. Depois, vai. É a mesma coisa comigo, por que eu não usava smartphone? A resistência de ficar viciada na internet. Aí ficava: ‘– Ah, não! Não quero não! Vou lá só no email mesmo, tá bom.’ Aí, a partir do momento que eu vi como é que era e que isso não ia acontecer não, comecei a utilizar. É um negócio de resistência por causa do tempo mesmo.” (ADA).

Perguntei à Ada como ela utiliza bibliotecas ou outras bases de informação na internet, que me detalhou uma situação que ela recordou naquele momento:

“Depende do que eu estou procurando. Eu não tenho restrição não: ‘– Ah, estou precisando... vamos ver aqui. Estou precisando preparar uma aula ou tô com uma matéria na faculdade’. Vou pesquisar o que estiver disponível. Por exemplo, na minha pesquisa mesmo da graduação eu trabalhei com México Colonial. Então, era o processo de conquista do México no século XVI. Então, você vai ficar lá vasculhando a internet. Aí, eu achei a biblioteca da faculdade da UNAM, do México. A Faculdade Nacional do México? Acho que é Nacional mesmo. Tem uma base virtual com vários arquivos disponíveis, a biblioteca tá toda lá. Tem a Biblioteca Ayacucho também. Então, isso vai depender do que eu quero. Aí eu vou buscar, né, um jeito para ter acesso a essa documentação.”¹⁹⁴ (ADA).

¹⁹⁴ A Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) foi fundada em 21 de setembro de 1551 sob o nome de Real y Pontificia Universidad de México. Disponível em: <<https://www.unam.mx/acerca-de-la-unam>>. A Biblioteca Ayacucho fica em Caracas, na Venezuela. Disponível em: <<http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/index.php?id=4>>. Acessado em: 14 Set. 2017.

O registro das avaliações dos educandos da EFALO é feito em fichas, que ficam disponíveis no Google Drive aos docentes, coordenação e secretaria. Esse acesso é feito pela internet, como Ada nos detalha:

“que é que a gente tem? A questão é a seguinte: é porque a nossa avaliação não é uma avaliação por nota. Nós fazemos uma avaliação qualitativa. Então a gente avalia muito o comportamento do aluno, o desempenho. É atribuído conceitos e não notas. Aqui, a gente faz uma avaliação. Aí, nós temos lá: conceitos; aí tem uma base atitudinal, bonitinha; e o desempenho dele em cada área. Mas o que nós vamos fazer? É um texto. Aí isso fica no Google Drive. Aí você vai lá no Drive, tem as fichas avaliativas dos alunos de todos os anos, você pode ir lá e consultar e ler. Aí você também vai fazer isso no Drive quando for lá no período certo. A secretaria te chama pra... compartilha, aí você vai editar e inserir. [...] São fichas. No Drive. [...] você tem que ir requisitar lá na secretaria que ela fecha, fechou, acabou. [...] Nós preenchemos. [...] Cada professor... preenche cada equipe, igual nós somos a equipe Concluintes. Daqui a pouco, finalzinho de novembro, ela vai abrir o Drive pra gente. Aí nós temos que inserir lá: a avaliação da equipe geral; a do aluno na equipe; e depois em cada disciplina. Aí, nós professores, fazemos tudo isso. Toda a edição bonitinha, toda a formatação. Ela manda o modelo. Nós formatamos, e aí a Roberta corrige, vê se tem alguma coisa, se está tudo ok, e autoriza o fechamento. Depois que é fechado o sistema, esse material é impresso e vai ser entregue pros alunos no período certo. Aí isso é feito duas vezes no ano. Final de cada semestre. Antes eu não sei como que era, porque quando eu cheguei... foi isso mesmo, foi a primeira vez que eles criaram o Drive. Não sei como é que era antes. Que isso foi há três anos, então eu não sei como é que era isso antes, como era o processo de fazer as fichas antes.” (ADA).

Ada utiliza mais o telefone e o aplicativo Whatsapp para se comunicar com os educandos: *“Porque eu não tenho email dos alunos. O que eu tenho? Telefone, Whatsapp e, alguns, eu tenho o Facebook. Mas eu nem... sabe, até o acesso deles é restrito a isso. Eu não mando material nenhum para eles por internet.”* Perguntei a ela como seria esse uso do aplicativo Whatsapp, que me respondeu: *“Nem no Whatsapp eu não mando material. Eu uso mesmo para dar um aviso, um recado, ver como é que estão as coisas. E só. Ou chamar para conversar. Enviar, não.”*

Para professores e educandos, há um grupo de Whatsapp para cada turma, em que participam alguns deles, já que a participação é opcional. Entre os professores, o uso das tecnologias digitais para troca de informações e material de trabalho é frequente. Eles participam de um grupo de email e outro grupo de Whatsapp entre eles.:

“Usamos muito, porque a gente dá muita aula interdisciplinar. Então a gente fica trocando emails, trocando material, mandando um para o outro, fica lendo o que o outro está fazendo de aula para a gente bolar as nossas aulas. E como a gente tem, por mais que nós tenhamos lá a reunião de sexta-feira, não dá tempo para fazer isso. A gente acaba fazendo pela

internet e pelo grupo que a gente tem no Whatsapp. [...] Nós temos um grupo da equipe [...]. De email pra email, e um grupo no Whatsapp.” (ADA).

Ada relata uma orientação que ela deu a uma educanda pela internet:

“Teve uma aluna, que foi um feriado, e aí... foi até a professora de Geografia, passou um trabalho... Só que eles estavam com dúvida, não sabiam fazer o trabalho. Aí ela foi e me pediu ajuda no final de semana, mandou email e no Whatsapp. Eu lá tentando, tirava foto, mandava para ela: ‘– Não, é isso aqui.’ Ensinando ela a fazer legenda. Aí eu: ‘– Não!’ Aí a gente foi fazendo pelo Whatsapp, trocando áudio e lá mandando as fotos. E ela fazia pesquisa: ‘– É essa página aqui?’ E tirava foto do computador. Já aconteceu sim. Mas aí ela me chamou no privado e pediu ajuda. Aí eu fui ajudando. Aí depois eu cheguei mais cedo para dar uma monitoria, para ver se ela tinha feito e ela fez certinho. [...] Foi esse ano. Foi no primeiro semestre. Eles estava fazendo uma atividade de blocos econômicos. Aí, a Amália passou um mapa, que eles tinham que identificar lá os blocos econômicos. Só que ela passou um mapa para os meninos lá, tava o mapa, e eles tinham que fazer a pesquisa e tentar fazer. Só que eles não sabiam ainda o que era legenda, como que fazia legenda. Aí eu fui tentar explicar para ela quais eram os elementos de um mapa, tanto é que acho que você acompanhou aquela aula que eu dei. Eu dei uma aula mapeando as ruas do centro de Belo Horizonte, que eles tinham que fazer um mapa. [...] porque eles não sabiam fazer legenda. [...] Então o que adianta [...] Na minha cabeça, o que ia adiantar? Tá, eu estou dando o mapa para eles, mas eles ainda não sabem os elementos, não sabem o que é legenda. Então não adianta mandar eles colorir, porque eles iam simplesmente... igual o que eles estavam fazendo. Estavam procurando um mapa na internet: ‘– Aqui está verdinho, parece que aqui é verdinho’. Então, vou te ensinar: ‘– O que é um país, primeiro?’ Para depois você entender o que é um bloco econômico. Agora, ‘– Quais são os elementos que compõem, que fazem parte de um mapa?’ Pra aí, depois, cê ir lá e conseguir fazer. Aí nós fomos fazendo isso pelo Whatsapp. [...] Era uma folha, uma folha assim. [...] uma folha de ofício. Aí, eu fui ajudar no Whats, né? Só que eu acho que eu antecipei o trabalho da Amália, depois ela teve que dar a aula. Eu já tinha dado. [risos]
Aí, aquela dificuldade e já conseguiram resolver. [risos] [...] mas foi bom. Foi assim, foi uma monitoria que eu dei para a aluna e depois, né, ela deve ter dado prosseguimento da atividade lá em sala. Mas foi legal. Foi divertido.” (ADA).

Perguntei à Ada se, também entre os professores, ela tinha o hábito de oferecer algum tipo de orientação virtual, que me respondeu:

“Se precisar de ajuda. [...] Mais nesse sentido assim, se chamar: ‘– Ah, não tô conseguindo fazer isso’. Aí, a gente vai conversando para resolver. Até Skype mesmo, já usei Skype. Já fizemos uma vez a reunião por Skype. Mas já tem o quê? No primeiro ano. Isso foi em dois mil e... há dois anos. Dois anos atrás. [...] era só porque a coordenadora estava viajando. Aí a gente tinha que resolver as coisas de formatura, aí nós fizemos por Skype.” (ADA).

De acordo com a professora Ada, as suas atividades profissionais dependem muito do uso das tecnologias digitais:

“Sem o computador eu não sou ninguém. Eu passei por essa experiência ano passado, o meu computador queimou no finalzinho de novembro. Tinha

caderno de turma dos alunos para fechar, porque a gente tem um caderno e esse caderno, ele é um documento no Word, onde nós colocamos todo o nosso planejamento, de cada aula que nós fazemos tem que tá lá, o relatório do que foi feito, bonitinho, né, nossas reflexões sobre a aula dada. Tem também a avaliação que nós fizemos do aluno, a avaliação da turma e um caderno à parte com todos os anexos que nós distribuimos. Tem que estar tudo lá. Aí tinha caderno para atualizar, a avaliação, a ficha avaliativa... e eu sem computador em casa. Porque o computador queimou. Meu TCC no computador, eu: ‘– Gente, eu não acredito.’” (ADA).

Perguntei se ela conseguiu recuperar os dados que estavam no computador e ela falou que: “*Sim! Ainda bem. [risos] Se não dava muito errado. Mas eu comprei outro computador. Não dá, não.*” O que demonstra o uso constante das tecnologias digitais em suas atividades docentes e discentes. Para as suas atividades na EFALO, por exemplo, ela usa o computador para acessar a ficha dos educandos pelo Google Drive e também para os seus registros no editor de texto. Em relação aos demais professores, ela relata:

“Tem muitos monitores das outras equipes que usam o da salinha, da nossa sala de professores. Que a gente acaba que, na faculdade, a gente tem os que não têm um notebook. Ou vai usar, né, aquela Sala de Informática que tem em cada prédio, mas nem sempre ela está aberta. Agora, como a gente está passando por essa greve agora, esse ano mesmo acho que ela abriu umas duas vezes. Isso é o lá da FAFICH. Então, eu não sei como é que está nos outros prédios. Então, o que a gente tem para quem está fora de casa o dia todo? A gente sai de casa de manhã para ter aula, vai dar aula à noite, fica aqui no Campus o dia todo. Eu uso a internet da salinha. Então, o computador lá na salinha para fazer tudo. Aí, nós temos dois computadores para todos os monitores, os 28 bolsistas.” (ADA).

Dentre as redes sociais, Ada falou que usa mais os aplicativos do Facebook e do Whatsapp, além do email, “*mas Instagram não uso muito. Só baixei, mas nem mexo muito.*”

5.2.7 Entrevista de Amália

Na entrevista realizada com Amália, ela falou que ainda tem pouca experiência como professora. Já havia trabalhado com aulas particulares e iniciou em sala de aula naquele ano, nas turmas de EJA da EFALO:

“Como professora, eu vou colocar menos de um ano, né. Por que eu comecei mesmo esse ano. Eu dou aula particular, né, em cursinhos de aula particular da cidade ou pra outros meninos de Ensino Fundamental e Médio, geralmente de escola particular, e aqui na EJA, que eu comecei este ano. Não, mentira, desculpe. É... consertando: há... há três anos atrás, eu dei aula de Inglês na... na Escola Integrada da Prefeitura, naquelas oficinas da

Escola Integrada da Prefeitura. Aí fiquei, aí depois fui pra iniciação científica aqui, parei de dar aula e voltei esse ano.” (AMÁLIA).

Pergunte à Amália por que estava trabalhando na EJA e ela me respondeu que ficou sabendo da escola e do projeto de EJA através de colegas da universidade que cursam outras graduações. Então, Amália disse que viu:

“Como uma oportunidade muito boa de formação, de inserção real, assim né, numa escola e eu imaginei que seria muito é... enriquecedor trabalhar com pessoas com mais experiência, com mais vivência e sabedoria do que eu, né. Imaginei que essa troca seria interessante.” (AMÁLIA).

Amália ainda faz sua graduação em Geografia e diz: *“Eu faço licenciatura com convicção. Quero ser professora [risos] até então. [...] Minha mãe é professora aposentada. Foi professora do Estado e da Prefeitura, professora de Química, formada aqui. Aposentou tem alguns anos.”*

Há cerca de 15 anos que Amália tem contato com o computador. Ela recorda de quando era criança: *“Eu acho que assim que ele chegou eu já liguei e, paciência, o joguinho da cobrinha, essas coisas. O contato inicial foi isso.”* O smartphone ela possuía há 5 anos, que coincidiu com a sua entrada na universidade.

Atualmente, Amália faz uso das tecnologias digitais *“na maior parte do tempo, eu uso celular para duas funções: que é comunicação com rede social, principalmente Whatsapp e pesquisas rápidas, [...] temperatura, significado de palavras.”* Ela informa que, geralmente, faz o uso das tecnologias digitais em busca:

“de adquirir informações, eu uso muito e uso para estudar, mas é uma coisa engraçada porque eu já comentei com colegas meus que quando eu entrei na graduação, ainda não tinha... não era muito comum Whatsapp, por exemplo. Poucas pessoas tinham smartphone, nem todo mundo tinha, e ainda não tinha o Whatsapp, não era usado aqui. E aí isso já era... isso aí já faz uma diferença muito grande, que a gente ainda se comunicava por mensagem de texto ou email, há pouquíssimo tempo atrás. Mas isso já é uma diferença que eu tenho com o pessoal da minha sala. E hoje em dia eu sei que as pessoas que estão no ensino médio, ou na faculdade, todo mundo tem o grupo da sala. E eu sou da geração que foi... das últimas que não teve.” (AMÁLIA).

Em relação ao uso das tecnologias digitais na sua vida familiar, profissional, educacional e social, Amália considera que pode trazer contribuições e também conflitos:

“mas não só ajudar, né, não só ajuda, existem conflitos causados por essas tecnologias. Acho que quase toda família tem um grupo de Whatsapp e esse grupo não gera só benefícios, né? Eles geram conflitos políticos, religiosos, as pessoas discutem coisas, acho que não só na minha família, e... mas ele ajuda sim à integração. Acho que é... integração é sempre... é

sempre um ponto é... positivo, assim. Comunicação. [...] O ponto negativo é que é... são é... claro que todas as pessoas têm diferenças de opinião, só que a tecnologia é... o fato de ser a rede social, ela possibilita que as pessoas entrem em contato direto com a divergência.” (AMÁLIA).

Perguntei à Amália como eles usavam as tecnologias digitais para as questões ligadas à escola e ela falou que *“tem um email do curso, que... tem uma secretaria aqui, então esse email do curso, ele... ele gira para o alunos, para os coordenadores. Aí ele é a nossa plataforma... aí ele é a nossa única plataforma institucional, né, de conversa.”* Eu pedi a ela que detalhasse como funciona esse processo, se seria um grupo de email em que se envia uma mensagem pra o grupo e vai para todos os componentes desse grupo, já que a comunicação se dá por email. Então, ela exemplificou:

“Eu tenho um grupo da Concluintes que é o grupo da minha equipe. Aí tem um grupo do Google Grupos lá, que é o email que a gente manda, que todo mundo recebe, aí a gente até constrói documentos no Google Drive, essas coisas. Mas como isso aqui é um Projeto, né, ele não tem esse caráter tão institucional assim, ele não... acho que ele não tem essas plataformas.” (AMÁLIA).

Os membros desse grupo, que são os remetentes e destinatários das mensagens que circulam no grupo são os professores e a coordenação de cada coletivo. Amália complementa que: *“Com os educandos a gente tem grupo de Whatsapp.”*

Perguntei à Amália qual seria o uso ou utilidade do computador que mais lhe despertava o interesse, que respondeu:

“Eu não gosto de usar o computador. Eu só uso computador quando eu preciso escrever textos no Word ou fazer trabalhos mais elaborados, fazer Power Point. S para trabalhar, eu uso o computador. O computador não me desperta interesse pra nada. [...] É só para trabalhar mesmo. Porque o smartphone me gera comunicação e entretenimento, e o computador ficou só pra trabalho.” (AMÁLIA).

A seguir, a partir da sua preferência declarada, perguntei à Amália qual era o uso do smartphone que lhe desperta mais interesse e ela falou: *“É... junto, entretenimento com comunicação, com rede social.”*

Com relação ao trabalho docente, mesmo ela tendo pouco mais de 7 meses de experiência de regência em sala de aula, perguntei se o uso das tecnologias digitais propiciou a criação de outros espaços para ela trabalhar. Ela considera que:

“É, sim, mudou muito. A gente brinca que aqui eu... a minha quantidade de horas aulas aqui são quatro horas aula semanais que eu dou, só que o

tempo que a gente passa no computador pra... só para ler, responder email e saber das coisas institucionais que tem aqui, porque nós somos bolsistas de um programa, né, então deve um monte de obrigações formais. Então, só o tempo que a gente leva para fazer isso é muito tempo, é muito tempo... pra planejar.” (AMÁLIA).

Amália avalia que o tempo de trabalho fora da escola é “*Muito maior. [...] E que eu acho muito chato, eu ficaria em sala de aula muito tempo.*” Com isso, o tempo dela que seria livre, como os finais de semana, acaba sendo ocupado pelo uso das tecnologias digitais, o que ela considera ser “*muito chato isso.*”

Em relação ao porquê de alguns educandos utilizam as tecnologias digitais e outros não, a professora Amália fala a esse respeito:

“Acho que... um, primeiro tá relacionado à idade de alguns estudantes, que o único estudante nosso aqui que não usa, e possivelmente é o mais velho, só que também tá ligado a crenças de tradicionalismo, assim, algumas pessoas que têm crenças tradicionais bem arraigadas não gostam de aderir a novos modelos, assim, e vêem o celular, o smartphone, como um novo modelo e não... novas formas de se conectar e preferem não utilizar. [...] Uma resistência ao novo, acho que um pouco de medo, né, da... de se deparar com uma coisa muito difícil e resistência ao novo, é.” (AMÁLIA).

Já em relação aos professores, de por que alguns utilizam as tecnologias digitais e por que alguns não utilizam, Amália fala: “*Eu acho que aqui todos utilizam, porque todos são novos. Todos têm a faixa... na faixa de 20 a 25 anos. Todos os professores aqui.*” O que mostra que a professora Amália relaciona o uso frequente das tecnologias digitais à faixa etária do sujeito. De acordo com esse raciocínio de Amália, a frequência e a facilidade de uso dessas tecnologias são inversamente proporcionais à idade dos sujeitos da EJA.

Perguntei à professora Amália se ela tem o hábito de enviar materiais de aula e estudo aos educandos pela internet, pois ela havia dito que, às vezes, utiliza Whatsapp para comunicar com outras pessoas. Ela nos revela que:

“Não. Eu acho que sou até... eu sempre tento rever isso, assim, mentalmente, para ver se o caminho que eu estou seguindo é legal, mas eu não... tenho... eu tento me comunicar é... da melhor quantidade possível com os alunos por rede social informal, assim. Eu deixo para manter as relações na sala e... mas eu tenho alunos, por exemplo, no Facebook mas eu não costumo conversar com eles não. Mas trato de preservar. [...] Então, eu não mando não, igual aquele dia você viu eu dando a dica do cinema, eu dou na sala, mas o que passou da sala... eu... ou eu falo, por exemplo, o lugar pra eles pesquisarem alguma coisa que eu quero que eles pesquisem, mas eu não continuo essa comunicação depois da sala não.” (AMÁLIA).

Já em relação aos professores, ocorrem trocas de materiais pedagógicos e de estudo, como nos revela Amália:

“Por email a gente troca, por exemplo, a gente tem que construir algumas coisas, por exemplo, pra Semana do Conhecimento, aí a gente troca uns artigos, umas... ou, por exemplo, o próprio banner que a gente tem que construir na Semana do Conhecimento, a gente faz essas trocas aí por email. Ou quando algum professor vai fazer aula multidisciplinar, quando vai juntar dois professores, eu acho que acontece por email, às vezes por Whatsapp, mas coisas pequenas, assim.” (AMÁLIA).

A utilização do aplicativo Whatsapp ocorre com mais frequência para informação rápida, enquanto para questões ligadas a “*Formação e planejamento, é email*”, conforme Amália. Com isso, eles precisam acessar diariamente os seus emails.

Perguntei à professora Amália como funcionava essa troca entre professores e educandos no grupo de Whatsapp de cada turma, para saber se os educandos também enviam contribuições aos assuntos trabalhados em sala de aula. Ela contou um pouco sobre esse processo:

“É, algumas vezes sim. Algumas vezes no grupo do Whatsapp eles mandam algum vídeo que eles acham que tem a ver com a matéria, se eles acham alguma coisa assim. Mas é raro, porque desde que a gente criou o grupo, é... foi bem conversado isso, de que o grupo seria só para dar pequenos avisos, que assuntos de sala de aula era na sala de aula. Tanto que alguns professores quiseram... não quiseram ficar no grupo e alguns alunos não quiseram entrar no grupo, então não é todo mundo. [...] Não são todos. É. Igual, por exemplo, falta um professor, falta um ou dois alunos. Aí, então, dessa forma a gente é... foi um consenso geral de que não é a nossa plataforma oficial de comunicação. Então, não deve ter nada ali, ali só pode ser alguma coisa extra. [...] que seja imprescindível.” (AMÁLIA).

Pedi à Amália que ela falasse se há diferenciação entre os grupos de Whatsapp que eles possuem e ela relatou que: “*Tem, a gente tem, aqui a gente tem três grupos, né: um grupo que é só dos professores com a coordenadora; e outros dois grupos, né, da Concluintes, né, um de cada sala com quase todos os professores e quase todos os alunos.*” Perguntei se ela saberia informar se os educandos também têm outro grupo que funcionasse somente entre eles e Amália respondeu: “*Eu acho que não têm. Não. Os alunos aqui não muito amigos fora daqui.*”

Quanto aos professores, perguntei à Amália se ela oferecia a eles algum tipo de orientação virtual e ela falou que:

“Não, eu sou uma das pessoas menos participativas. É... eu acho que... os professores daqui tem uma característica muito forte de participação nos...apesar de eu usar as redes sociais, de eu estar envolvida, eu acho que estou mais envolvida com coisas fora da universidade, então eu acabo não me dedicando muito. Então, eu não sei... eu não sou a pessoa que... a

Ada, por exemplo, faz muito mais isso do que eu. Eu sou a professora que menos faz, a que menos gera conteúdo, informação e propostas.” (AMÁLIA).

Perguntei à Amália se ela costuma receber algum tipo de orientação dos demais professores por meio das tecnologias digitais. Ela responde:

“Recebo. [risos] Nesse caso, eu sou receptória. Eu gosto... acho... que eu tenho uma forma muito próxima de lidar com os alunos, mas eu acho que eu... pera aí... é meu primeiro ano, né, é muito pouco experiência, mas eu ainda tento manter uma certa... um certo afastamento para manter minha vida pessoal e... até onde dá, né, e a vida da na escola.” (AMÁLIA).

Perguntei à Amália se ela tinha experiência em criar ou dar manutenção em blog ou criar grupos de discussão com uso da internet, ela disse que os principais usos dela são nas redes sociais, com Facebook, Instagram, Whatsapp, email. Amália falou o seguinte:

“Eu uso muito redes sociais pra fotografia. Eu trabalho com fotografia, [...] Porque tem algumas horas que eu sou muito ligada à tecnologia, mas eu ainda acho que... igual, por exemplo, existe essa crítica de alunos que não usam porque são ligados a tradicionalismo, algumas coisas eu ainda acho que tô conectada a isso, alguns tradicionalismos na forma de produção de aula, essas coisas. Mas, fora daqui, eu uso muito rede social, não crio... não tenho blog, mas tenho outra rede social, tenho Instagram, que tem uma movimentação, um fluxo muito grande. [...] Tem um fluxo grande de visitação, de curtidas. Eu viajo muito e aí eu coloco muitas fotos e comentários, coisas de lugares que eu viajo. Eu não escrevo, né, em blogs, mas eu viajo muito e aí eu uso fotografia como forma de divulgação de coisas que eu faço.” (AMÁLIA).

Quando chegamos ao final das perguntas previstas, que constavam no questionário previamente preparado para as entrevistas semiestruturadas, perguntei à Amália se ela havia se recordado de algo, relacionado aos temas que conversamos naquela entrevista e que eu não tivesse perguntado, mas que ela avaliava ser importante. Nesse momento mais livre da entrevista, Amália nos revela:

“É, eu acho que é isso que eu estava falando, que eu tenho mesmo esse questionamento que, às vezes, eu uso muito a tecnologia, sou muito ligada a movimentos é... sociais. Não sei se esses movimentos eu posso chamar de movimentos sociais, mas movimentos aí da cidade que são muito contemporâneos, muito ligados à inovação, a empreendedorismo e aqui... e eu queria [...] trazer mais isso pra cá, mas acaba que o meu comportamento não é muito... eu não utilizo muito a rede social, eu não sei usar muito o computador, eu não sou uma pessoa muito ligada. Por exemplo, eu passo tempos... se eu tiver ocupada eu passo tempos sem olhar o celular, eu não sou... não tenho tanta necessidade assim. Eu prezo muito comunicação... é... pessoal, é. Acho que eu prezo muito o momento da comunicação pessoal ainda, apesar de valorizar e reconhecer o uso das tecnologias, eu ainda prezo mais, bem mais assim.” (AMÁLIA).

5.2.8 Entrevista de Tomás

Durante a entrevista, Tomás revelou que estava completando o seu segundo ano estudando na EJA. Ele foi estudar na EFALO a partir de uma informação que obteve através da televisão e que lá, foi “*muito bem aceito, foi numa forma muito simples*”.

Tomás contou que já havia concluído o Ensino Médio há muitos anos, mas que sentiu vontade de voltar a estudar e procurou a EJA para se atualizar os seus conhecimentos. Ele retrata uma realidade dura, vivida por muitos educandos da EJA, mas que não desistem dos seus sonhos. Ao retomar os estudos, Tomás realiza uma das formas de se praticar a educação ao longo da vida:

“eu pretendo fazer o curso universitário, que na época eu não tinha essa oportunidade. Eu sou o filho mais velho de onze filhos. Meu pai teve onze filhos. Então, eu fiquei por conta de trabalhar pra ajudar dentro de casa. Então, agora que eu estou aposentado, me surgiu a oportunidade de fazer a faculdade. Porém, eu precisava retornar pra ter um embasamento nas matérias, porque houve um intervalo, um hiato muito grande nessa... é... entre o que eu estudei e o que eu poderia fazer agora. [...] de início, eu tava querendo fazer engenharia aeroespacial, porque é meu ramo, que eu trabalhei na aviação durante quarenta anos. Então, é um ramo que eu conheço, que eu domino. Eu tenho o inglês também. Então seria interessante. Mas no transcorrer do curso, é... os professores viram que eu tenho uma grande capacidade com a Matemática. E eles falaram assim: ‘– Você vai exercer a função de engenheiro?’ Eu falei ‘– Não’. ‘– Então porque você não faz a Matemática e ajuda a quem precisa?’ Então, essa ideia me alertou. Mas ao mesmo tempo eu gosto muito de pinturas também. Eu tenho umas telas em casa. Mas gostaria de aprimorar. Então, pode ser que eu faça Belas Artes também.” (TOMÁS).

Inicialmente, Tomás foi selecionado para ser entrevistado por ser o único da sala que não possuía um smartphone ou outra tecnologia móvel. Ao mesmo tempo, em uma das aulas observadas, a professora Ada, ao trabalhar com os educandos sobre uma charge que ela encontrou no site Casa Rui Barbosa, falou que o “*Tomás gosta de internet*”. Esses fatos me despertaram o interesse em conhecer mais sobre esse educando e entrevistá-lo. Ao perguntá-lo sobre como foi o seu contato com o computador, Tomás me contou e atribui à sua idade a dificuldade de adaptação ao uso desse equipamento:

“eu tive contato... porque quando eu saí da aviação, tava iniciando a computação. Eles estavam ainda se adaptando ao sistema. Mas eu cheguei a pegar alguns anos da aviação, vamos dizer uns quatro anos, eu iniciei por minha conta. Apesar de que, eu fiz o curso, né... de... de computação, mas é uma coisa que, pra gente, é espantar, né, um pouco a... a coisa de manusear, de você trabalhar com computação. E depois, em casa, com

mais tranquilidade, que eu fui desenvolvendo, fazendo um trabalho lento, né, que pela idade o seu raciocínio de adaptar à computação é... demora um pouco, né, a aceitar. Mas... tá indo favorável. [...] Eu saí da aviação em 2005. Foi por volta de 2001... 2000, 2001 [...] Eu fiz um curso, curso completo.” (TOMÁS).

Conversei com Tomás sobre o comentário da professora Ada, de que ele gostava de internet, ele respondeu: *“Porque eu gosto muito de...eu sou muito curioso [...] Então, é.. tudo que... que me traz uma dúvida, que eu quero saber, eu quero conhecer, eu acesso a internet”*. Nesse momento, eu perguntei se ele tinha smartphone, pois eu queria entender sobre a razão dele gostar de internet e não usufruir das facilidades que a tecnologia móvel proporciona. Tomás me respondeu que não gostava de usar o smartphone e explicou as suas razões:

“Na verdade eu comprei um celular justamente pra isso, porque o pessoal falou assim: ‘ – Ó, Tomás, você precisa, pra a gente conectar. Às vezes, precisa passar uma informação, uma mensagem, alguma coisa assim.’ Eu comprei o celular, mas eu não tinha aonde enfiar no bolso. Me incomoda. Cê quer sentar o celular tá no bolso. Aqui, o... a camisa escorrega. E tá um tijolão lá. [...] Aí o que que eu fiz? Eu falei com a mulher: ‘ – Você quer um celular? Toma esse celular, que eu vou voltar pro meu tijolinho’. O meu é um desses... daquele mais simples possível. [...] Eu só ligo e recebo ligação. Está lá no carro.” (TOMÁS).

Tomás revela que também não envia mensagens SMS, mas que recebe muita propaganda por essa via.

Em relação às restrições do uso do smartphone, devido ao seu tamanho grande ao ser comparado com um aparelho simples de telefone celular, Tomás fala do seu receio em desconfigurar o equipamento:

“E a gente cria um certo receio com o manuseio, porque pra quem não sabe você vai fuçando e você acaba desconfigurando a coisa. A minha esposa ela tem essa mania, ela não quer saber, ela vai fuçando o celular, daqui a pouco está tudo fora do... tá tudo errado e tal. Então, ela... tem que chamar alguém para fazer a configuração de novo. E pra mim evitar essa dor de cabeça eu ... prefiro não mexer. Só em último caso.” (TOMÁS).

Por outro lado, Tomás apresenta certa dicotomia em relação a esse medo de explorar o que não conhece bem. Em outro momento, um pouco mais adiante na entrevista, ele nos revela outro ponto de vista. Trago esse ponto da entrevista para aqui, a fim de refletirmos sobre esse receio ao uso do smartphone que ele alegou anteriormente. Eu perguntei ao Tomás se tinha dificuldades na utilização de tecnologias, de forma geral, ele me respondeu:

“Não, não. Eu... uma coisa que eu acho muito importante comigo é... eu não tenho medo de errar. A única forma de você aprender é errando. Então é...

se eu acessar alguma coisa e não conseguir, eu vou usar todos os meus meios, conhecimentos até esgotar a minha energia. Até que alguém me socorra. Me auxilia na... na pesquisa ou outra coisa assim.” (TOMÁS).

Conversamos a respeito da relação que o educando faz entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a construção do seu conhecimento. Tomás contou que:

“até então, quando eu não havia essa tecnologia, eu aprendi a fazer de tudo. Adquirir experiências com tudo. É do tempo antigo e tal. Então é... é lógico que a tecnologia ela vem pra somar. Você precisa porque o mundo gira e cada dia que passa está mais rápido. Então, o meio de... esse meio de comunicação é essencial, né, você encurta o seu tempo e o seu espaço, mas ao mesmo tempo você se torna escravo do sistema e é isso que eu não quero.” (TOMÁS).

Tomás fala sobre outros descontentamentos a respeito das tecnologias móveis e o comportamento das pessoas quando utilizam esses equipamentos. Ele revela duas situações que o incomodam:

“Quando eu pego um ônibus ao invés de ficar conectado ao celular, ficar o tempo todo, até o momento de você descer do ônibus, eu prefiro ver o que tá ocorrendo ao meu redor. Entendeu? Eu sou muito...eu gosto muito de perceber, de olhar, de verificar. Então eu trago essa informação e pra onde eu vou, eu vou com essa informação. [...] Não sou contra, mas também não sou a favor. [em relação ao relacionamento familiar] Chegaram na casa da avó, a avó cumprimentou a todos, aí tal, não sei o quê, sentaram e todo mundo ficou conectado no celular e a avó parada olhando.[...] Sem entender o que estava acontecendo, mas é... a diferença, a disparidade de... da época, né. [...] Quer dizer, se torna um pouco um antissocial. O celular tira o socialismo¹⁹⁵ [sic] da pessoa.” (TOMÁS).

Por outro lado, Tomás gosta de usar o computador em sua casa. Ele relata como costuma utilizar o equipamento:

“O computador, sim. O computador eu uso pra tudo. Uso pra tudo. Pra pesquisa e tal. Apesar que eu sou contra, porque é muito fácil você copiar. E você não tá aprendendo nada. Entendeu? Então ela serve como leitura. Então, eu... eu acesso a internet, vejo, leio, sintetizo e depois eu vou fazer o meu... desligo o computador. Aí, eu vou fazer o meu questionamento, com... usar as minhas palavras. [...] Então, é... pro estudo, sim. É... muitas informações que você necessita durante a aula e que você não tem a possibilidade de acesso, você complementa com o sistema, o computador, né. Então você acessa e você complementa o... o seu trabalho.” (TOMÁS).

Tomás contou um pouco mais sobre a sua vida, o seu trabalho e a sua formação ao longo desse processo. Ele fala que fez um curso profissionalizante, com duração de 3 anos, trabalhou na área técnica por muitos anos, até se aposentar em 2005, quando ele tinha cerca de 52 anos de idade. Tomás se lembra de quando trabalhava:

¹⁹⁵ O mais provável é que quisesse dizer “a socialização”, ao invés de “o socialismo”.

“Na área de manutenção de aeronaves. Apesar que... eu fiz curso pra piloto. Eu... mas é... como eu disse, o curso é muito caro e eu não podia continuar. Não tinha condições de continuar. Eu tava sacrificando a minha família, meus pais, né, tirando o dinheiro que era essencial pra... inclusive até pra estudos do... dos mais novos. Então, eu decidi terminar e continuar com a profissão de técnico de manutenção. [...] Na própria companhia tinha uma escola técnica e no qual meu pai foi um dos professores. Ele foi professor de desenho técnico. [O curso era de] Mecânica de aeronaves. Sendo que não é só na área técnica de aviação não. Inclusive todas as matérias que serviam como... como conclusão de segundo grau. [...] na época foi em São Paulo. Eu estava em São Paulo também.” (TOMÁS).

Pela entrevista, pude perceber que Tomás teve uma boa formação, inclusive na área técnica. Essa formação e experiência se opõem ao seu receio em explorar novas tecnologias, como ele relatou em relação ao smartphone. Perguntei a ele, quando tem algum tipo de dificuldade para utilizar a tecnologias, quais são os mecanismos ou estratégias que utiliza para resolver as dificuldades. Ele responde: *“É como eu disse, eu uso todos os meios de conhecimentos pra... pra acessar. Só em último caso que eu não consigo, aí eu peço uma ajuda a alguém que... alguma pessoa que possa me orientar”*. Perguntei a ele se tem dificuldade pra utilizar as tecnologias pra realizar as atividades de escola, que fala:

“Não, Não, porque é... a tecnologia ela é muito simples pra você acessar. Por exemplo, eu quero saber avião: ‘– O que é um avião?’ Então, eu escrevo lá ‘o que é um avião’. Me aparece, entendeu? Então, é... há uma certa facilidade na... no conhecimento, né, eles... é fácil o acesso ao conhecimento.” (TOMÁS).

Tomás aponta que suas maiores dificuldades no uso do computador são:

“formatar [o disco rígido]. [...] Fazer toda a programação. É vírus e não sei o que pá pá pá... Isso, eu chamo o técnico pra fazer isso pra mim. Isso aí eu não... eu não mexo porque é... se não tenho conhecimento, você pode até dificultar, pode piorar a situação. Então é eu só acesso para os meus conhecimentos mesmo e informações.” (TOMÁS).

Como o Tomás gosta de usar o computador, perguntei a ele qual seria o uso ou a utilidade desse equipamento que mais lhes despertava o interesse. O educando responde e especifica uma situação bem concreta:

“É justamente a pesquisa. Eu acesso muito o Google. Acesso muito o Google Maps. Eu gosto de viajar, conheço a Europa, conheço os Estados Unidos, conheço é... e tudo. Então eu vou... é... um exemplo que eu posso te dar é o seguinte: Lá em casa tem uma tela que não tem o autor. Mas a tela é impressionante pra mim. É uma vista de um prédio que tem uns cones, típico da Europa, no teto. São cones de... de neve, né, como se fosse uma cabine, uma espécie de uma cabine. E não tem o autor. E não dá o local. Então, eu passei madrugadas na internet pegando cada país, cada

cidade, cada rua, e viajando em cada rua, olhando os prédios pra poder é... até achar a paisagem e eu achei. Encontrei. Na Bélgica.” (TOMÁS).

Como Tomás trabalhava na área de aviação e falou da pesquisa com o Google Maps ¹⁹⁶, perguntei a ele se viajou pelo computador ou também pessoalmente. O educando respondeu: *“Pessoalmente também. É... eu conheço, na América do Sul, eu conheço é... Paraguai, Argentina, Uruguai. E na... Estados Unidos e Europa.”* Indaguei se ele voltava aos locais usando o Google Maps e ele disse: *“Sim, sim. Eu vejo a diferença. Ah, eu fui em tal época, aí eu faço uma comparação com o Google para saber se tá atualizado.”*

Voltei a falar sobre o uso do smartphone, já que ele usava o computador bem o computador depois que passou a estudar naquela escola e lá sugeriram a ele que usasse esse equipamento, mas ele tentou e desistiu. Tomás disse: *“Tentei, aí falei: ‘– Não, não.’ Ela [a esposa,] até me passou o celular dela, né, que é um pouco menor, mas me incomoda. Eu não vou ficar carregando isso no bolso não.”*

Perguntei ao Tomás se, depois que começou a estudar na EFALO, ele se sentiu mais estimulado ou encorajado pra usar o computador. A resposta foi:

“Sim. É uma coisa muito importante aqui na escola que me devolveu, eu não sei se é bem se devolveu... que tava incutido na minha vida e me despertou, é essa coisa de... até da entrevista [que fazia comigo], coisa eu não fazia antes. Eu era totalmente tímido, introvertido. É... na sala de aula eu nunca entendia nada do que que falavam. Vivía num... eu era assim... minha cabeça, ela tava longe. Muito fechado. E aqui me deu essa abertura, essa chance de... de mostrar. Entendeu? Eu acho que eu devo muito à escola, com essa... o feedback com os professores, né. Essa coisa de conversar e dar o direito de conversar também. De... de... né, de dar uma resposta. Isso foi muito importante, eu me libertei muito, é... do estresse, da depressão. Isso foi pra mim, foi crucial.” (TOMÁS).

Comentei com ele que eu observei que ele tinha uma participação muito boa nas aulas. Ele disse: *“Eu me espanto com isso. Às vezes eu me espanto, eu chego em casa e falo assim: ‘– Pô, eu falei isso, eu conversei isso e tal.’”* Perguntei ao Tomás se ele acha que mudou algo, depois que passou a usar o computador para questões ligadas a escola, se foram criados outros espaços de aprendizagem. Ele respondeu assim:

“É, eu tive uma curiosidade muito grande. Eu era assíduo na Biblioteca. Eu fuçava muito os livros. Eu chegava um pouco mais cedo e ia direto para a Biblioteca e... e fuçava. Então, mas como a... é um pouco desatualizados, os livros, são um pouco desatualizados, então eu fazia anotação daquilo

¹⁹⁶ O Google Maps é um serviço de mapas, localização, deslocamentos (a pé, de carro ou de transporte coletivo), que é oferecido pela empresa Google.

que eu via no livro, ia pro computador e tirava a dúvida, né, a diferença. [...] abriu um leque pra mim. E isso foi muito importante, porque quebrou uma regra, um tabu, de... de... por exemplo, eu era muito restrito no acesso ao computador. Eu só via uma coisa, eu só acessava uma coisa. A partir da escola, abriu um leque. A minha curiosidade aguçou, em ver várias coisas, né, independente até da... da matéria da escola. E isso, isso pra mim foi fundamental.” (TOMÁS).

Perguntei se ele lembrava como era antes dessa mudança e Tomás recordou:

“Eu... eu tinha o vício de jogar aquele é... Spider. Como é que chama é... esse negócio de cartas? [...] É, paciência. Então, eu tinha um vício, porque era a única coisa que eu tinha certeza que eu podia chegar... Dominava bem o negócio. Então, as outras coisas foram me abafando esse Spider. Eu já acesso, quando eu quero escutar uma música, é uma música diferente ou uma coisa diferente, eu sei como acessar, entendeu? Então, pra mim não tem muita barreira no acesso à informação não.” (TOMÁS).

Sobre a EFALO, Tomás disse que tem *“uma afetividade muito grande com a escola. Uma referência e tal, tanto é que eu sou bem assíduo”*. Ele falou que *“a tecnologia é um complemento do meu estudo.”*

A respeito do uso das tecnologias digitais para se comunicar com outras pessoas, através do computador, Tomás revela que só usa o email para receber mensagens:

“Eu leio os meus emails [...], mas eu não respondo nada. [...] Quem faz tudo isso é a minha esposa. Mesmo porque a maior parte das mensagens ela que recebe e ela me repassa. [...] no mesmo computador. [...] ela tem o dela e eu tenho o meu. Porque é... como eu não passo mensagem pra ninguém, ninguém envia pra mim. Então, eu recebo via ela. Às vezes, uma pessoa manda, uma agência de carro, uma informação sobre como tá a revisão e tal. Então, eu tenho o meu email e eles mandam pra mim e mandam pra ela também. Quer dizer, a coisa fica recíproca.” (TOMÁS).

Depois de mais algumas conversas, Tomás se lembrou que usa a rede social Skype pelo computador: *“Às vezes a gente acessa o Skype, né, pra conversar. Eu converso com a minha filha nos Estados Unidos.”*

A respeito de como usa as tecnologias digitais para contribuir em sua aprendizagem na escola, Tomás ressalta que as utiliza apenas um complemento: *“Eu vou dar uma resposta, né, de uma pergunta que é feita, só que a resposta não tá a contento. Então, eu vou procurar a... pesquisar, né, pra dar uma... uma resposta mais condizente, mas com as minhas palavras.”*

Em determinado momento da entrevista, Tomás dá um depoimento sobre a relação que ele estabelece com as tecnologias digitais, suas dificuldades e receios.

Ele avalia que, por ser de uma geração mais velha, tem maior dificuldade em se adaptar às tecnologias atuais:

“Eu não tenho vergonha de dizer. Porque eu sou uma pessoa de 66 anos e um jovem, quando ele abre os olhos, já nasce, já... já... a primeira coisa que ele vê é um celular na frente dele. E não foi o meu caso. Então, é natural, né, é até natural que demore mais para aceitar esse tipo de comunicação, esse meio, né. É... não é coisa do outro mundo, não é... Então, mas... as pessoas têm que entender que eu tenho a... as minhas dificuldades, né, e... de aceitação, até com esse tipo de coisa, né. Eu não me sinto com vergonha em dizer isso, né, mas é o que é.” (TOMÁS).

Tomás sempre teve muito contato com diferentes tecnologias ao longo de sua vida, especialmente durante sua trajetória profissional. Porém, depois que se aposentou, ele se distanciou das tecnologias e passou a ter um certo estranhamento em relação às tecnologias que foram surgindo. Só depois que retornou à escola de EJA é que passou a ter mais confiança em explorar o computador. Tomás está no processo de redescoberta das tecnologias digitais, encontrando novas maneiras de lidar com ela, mas o medo de danificar ou desconfigurar algo ainda é um empecilho para ele.

5.2.9 Entrevista de Alice

Ao ser entrevistada, Alice contou que estuda na EJA há 5 anos e, dentre estes, 2 são na EFALO. Antes de ir para aquela escola ela estudou no CEBMFS, uma das escolas investigadas. Ele falou que é amiga da professora Maria, que trabalha lá: *“Ela não foi minha professora, mas ficou minha amiga. Minha professora não trabalha lá mais. Mas foi muito bom.”*

Perguntei à Alice qual a razão de ela estar estudando na EJA, ela respondeu: *“É... assim, não tive... não estudei quando criança, então o que me restou, mas foi bom, foi estudar na EJA. Mas a verdade é porque não estudei quando criança.”* Alice fala da época em que era adolescente e deixou a escola e, depois, do seu retorno à EJA: *“Eu sofri um trauma mesmo e aí não quis voltar na escola. E aí fui voltar só depois de um tratamento com um psicólogo e tudo mais.”* Alice contou que, nesse intervalo em que esteve fora da escola, a sua formação foi: *“Sozinha. [...] Assistindo Telecurso¹⁹⁷, essas coisas.”* Alice disse que a pessoa que ajudou na sua

¹⁹⁷ Telecurso 2000, da Fundação Roberto Marinho.

alfabetização era uma criança, filha de sua patroa, e “*hoje ela é formada em Letras.*” Ela revela com foi o seu processo de alfabetização:

“Nossa! Era assim, tipo, perguntando algumas coisas como quem não quer nada pra... pra patroa e... mas também... mas não tinha coragem de falar que eu não sabia ler, né? E aí eu fui assistindo os Telecursos de madrugada. E aí... assim, depois, aí eu aprendi a escrever e ler mesmo com uma filha de uma patroa minha. Assim, escondido. Eu falei com ela que era segredo, para ela não contar para ninguém que eu tinha vergonha. E foi assim.” (ALICE).

A seguir, conversamos sobre os primeiros contatos que Alice teve com o computador:

“Foi desde que eu comecei a fazer terapia, porque era uma coisa que eu também tinha muito medo. Assim, devido aos meus traumas de infância, eu tinha medo de me aproximar das pessoas, de, por exemplo, ter Facebook, eu achava que era uma exposição muito grande. Na verdade é, né? Hoje eu sei que é. Mas eu tinha muito medo das coisas. Então, foi também a partir do tratamento com o psicólogo que eu comecei [...] foi na minha casa mesmo. [...] [Antes,] meu filho já usava, assim, não rede social, mas já usava para estudar e tal, mas eu não queria ter [...] [também] tinha no meu serviço... tipo... né, o Paulo [,filho de Alice,] tinha acesso na escola, no meu serviço... às vezes ele ia para o meu serviço, aí a neta dele, do meu patrão, deixava ela brincar no computador dela, né, que era pessoal. E assim. Mas na minha casa ainda não tinha. Na minha casa... eu tenho computador na minha casa há uns dez anos.” (ALICE).

Foi só depois que iniciou o tratamento psicológico que Alice começou a usar o computador e as redes sociais: “*Mais ou menos o tempo da terapia, assim, que... na terapia eu abri minha cabeça, assim, para muita coisa: Pra estudar e pra redes sociais, pra me socializar mesmo com as pessoas.*” Atualmente, sobre o seu acesso à internet, ela diz: “*Ah, normalmente para fazer alguma pesquisa, né? Eu não entendo muito, mas gosto de ler sobre política. [risos] Não entendo muito, mas gosto. E redes sociais. Normalmente é isso.*” Perguntei à Alice sobre a relação que ela faz entre as tecnologias digitais, o cotidiano e a construção do conhecimento, quando me respondeu:

“Hoje em dia é fundamental, né? Porque É... até para conversar com um professor, com um colega, a gente só usa o Whatsapp, né? Se o Whatsapp sai do ar, é o Messenger. [risos]. [...] A gente quer pesquisar alguma coisa... igual no meu trabalho que não tem computador, se a internet funcionar eu uso o meu celular. Senão eu vou na lan house mais próxima.” (ALICE).

Como Alice contou que tinha dificuldades em se relacionar com outras pessoas e melhorou após iniciar o acompanhamento psicológico, perguntei a ela como ocorria essa aproximação por meio das tecnologias digitais. Ela falou que fazia

um contato pela rede social e aí depois, pessoalmente. Isso facilitava novos contatos para se relacionar com outras pessoas. Alice informou que faz uso de diversas redes sociais, como Facebook, Instagram, Whatsapp e o email

Quando perguntei a ela sobre como usa as tecnologias digitais para se comunicar com outras pessoas, hoje em dia, ela fala a respeito: *“Eu me comunico com todo mundo. [risos] Eu tenho... eu tenho amigas que moram em São Paulo, aí eu me comunico com elas. É... é com todo mundo, assim.”* Perguntei sobre um grupo de Whatsapp de que educandos professores participam, ela destaca que todos os professores participam. Contudo, a professora Amália falou em sua entrevista que não participa. Também quis saber da Alice se os educandos tinham algum outro grupo só deles e ela revela: *“Já tivemos, mas... foi até eu que fiz o grupo, mas aí entrou muito... muita... tipo... eles usaram muito o Whatsapp para falar sobre religião e eu sou meio marrenta para essas coisas, sabe? Aí eu acabei com o grupo. [risos].”* E sobre o grupo formado por professores e educandos, perguntei se seria apenas para postar as coisas que são específicas da escola, ela relata que os professores pedem que seja apenas para essa finalidade, *“mas tem uns colegas que insistem em provocar os outros com... com alguma coisa de política, de religião. Até que de religião não estão fazendo muito, mas de política tem uns que dão umas alfinetadas de vez em quando.”*

Conversamos um pouco mais sobre o uso desse grupo de Whatsapp da escola. Perguntei à Alice se os educandos recebem dos professores atividades nesse grupo de Whatsapp e também se eles recebem algo ou por email. Ela responde que o grupo de Whatsapp funciona mais para lembrar de uma coisa, que é mais para recados e lembretes sobre atividades que terão. Já o email:

“Não. Normalmente eles usam o Whatsapp... porque normalmente a gente recebe em papel. E aí eles usam muito o Whatsapp para lembrar a gente, assim: ‘– Olha, tem isso’, porque todo mundo trabalha fora, tem uma vida meio corrida, tem colega que viaja e tal, então os professores, eles criaram esse grupo até, no princípio, foi para ajudar a gente mesmo, porque às vezes a gente esquece de fazer uma coisa, aí eles lembram. Mas normalmente é pessoalmente. [...] Eles, às vezes, mandam um link pra gente acessar alguma coisa, alguma coisa que a gente está estudando... aí normalmente a gente clica lá e vai.” (ALICE).

No uso entre os educandos, Alice falou que eles trocam essas informações e se ajudam para tirar alguma dúvida que surge. Quando algum dos educandos falta às aulas, eles também costumam passar informação sobre o que ocorreu durante a

aula: “*Tira foto do quadro, do caderno e manda.*” Alice mesma já precisou da ajuda de alguém para enviar informações para ela: “*Eu faltei ou alguma coisa assim... tipo, a gente troca. [...] ‘–Nossa! Você fez? Eu não fiz. Me ajuda, socorro!’ [risos]*”

Quando Alice usa a internet é da rede telefônica que ela paga pelo uso. Mesmo assim, o sinal é muito fraco próximo às salas de aula e quase nulo dentro das salas, como pude perceber durante as observações de campo. Eu falei com Alice que eu havia observado que quase ninguém usava a internet em sala de aula e ela comentou que “*é exatamente por isso. Não funciona.*”

O sinal de wifi é permitido aos educandos e professores da universidade, o que inclui professores e professoras da EFALO, que estudam na universidade. Contudo, os educandos da EJA da EFALO não têm acesso a essa rede de wifi. Conversei sobre isso com duas professoras que coordenam a EJA na EFALO, no ano seguinte, em um seminário sobre EJA na universidade. Elas falaram que não sabiam que os educandos da EFALO não possuíam esse acesso e que iriam verificar essa possibilidade de uso.

Depois que Alice começou a estudar na EFALO, ela percebe que se sentiu ainda mais estimulada e encorajada para usar o computador e o smartphone para questões ligadas à escola. Sobre qual seria a influência da escola:

“Foi assim, né, o primeiro empurrão foi do meu psicólogo: ‘Eu quero que você tenha acesso às redes sociais’. Aí, através delas, através do computador, eu comecei a ter acesso a outras coisas e ler sobre outras coisas. Aí... aí foi. [...] É influência dos professores, né? Pesquisa, tal. [...] Às vezes, o professor fala uma coisa, aí você fica curioso, aí você chega em casa e vai pesquisar. Normalmente, é isso.” (ALICE).

Em relação ao uso ou utilidade do computador, pergunte à Alice o que mais desperta lhe interesse e ela me disse: “*Ah, é muito raro, sabe. Mas normalmente ver algum programa que eu perdi, algum filme. Ou, às vezes, pra ver algum... pesquisar alguma coisa que eu vejo que eu vou enxergar melhor no computador.*” Já o smartphone, fala: “*Ah, eu só fico nas redes sociais.*” Perguntei se o uso das tecnologias digitais permitiu a ela que fossem criados novos espaços de aprendizagem, que respondeu:

“Com certeza, com certeza. Hoje em dia... até eu falo isso com meu patrão, ele tem 91 anos: ‘– Senhor Sávio, hoje em dia o senhor entra no ônibus da universidade, tá todo mundo no telefone. Ninguém conversa mais, né, tá todo mundo... se não tiver estudando, tá na rede social, tá lendo um livro. Mas todo mundo com o olho na tela’”. (ALICE).

Essa observação de Alice, sobre o comportamento das pessoas dentro dos ônibus, coincide com o que o educando Tomás também falou em sua entrevista sobre as pessoas ficarem interagindo com alguma outra coisa por meio das tecnologias móveis dentro do transporte coletivo.

Alice conta que tem o hábito de usar as tecnologias digitais pras as suas atividades ligadas à escola e, com mais frequência, no smartphone. Em relação à aprendizagem ligada ao que ela estuda na escola, perguntei se ela procura algum site específico para tentar aprender algo, já que ela já usou há mais tempo a televisão para estudar pelo Telecurso 2000, ela disse que não. Logo em seguida, ela se recordou de um fato recente:

“Eu até... esses dias eu até falei com meu professor de Matemática, que a gente estava aprendendo uma matéria e eu falei: ‘– Eu vou assistir algumas aulas no Youtube para ver se funciona’. Só que eu achei, assim, é.. Matemática é uma matéria muito difícil e que eu tenho muita dificuldade. Então, eu achei muito... a aula muito rápida, assim, sabe? A explicação muito rápida. Aí eu não consegui pegar. Então, é... em algumas outras matérias eu já até assisti algumas aulas pelo Youtube, mas eu acho melhor a aula, assim, né, na sala de aula. [...] Mas eu não consegui aprender lá pelo Youtube a matéria do professor não. [risos]” (ALICE).

Sobre o uso das tecnologias digitais na escola, Alice cita uma situação em que isso ocorre: *“Aqui a gente fica mais... tipo, quando tem, por exemplo, hoje mesmo a gente vai ver um filme que é... tá dentro da nossa matéria. Então, a gente tem... é mais focado, né?”* Comparando esse uso com o de sua casa, inclusive para complementar o que viu na escola, Alice fala que: *“Em casa a gente vai para outras coisas, mas normalmente é a mesma coisa. Tipo, o que o professor der aqui, se você quiser rever em casa tem jeito.”*

5.2.10 Entrevista de Nanci

Em sua entrevista, Nanci falou que há 3 anos estuda a EJA uma das razões dela ter procurado essa modalidade de ensino foi: *“Ah, para mim foi um jeito de eu sair de casa, porque eu ficava muito parada, aprender alguma coisa, que eu já tinha esquecido há muitos anos. Estou gostando.”*

Nanci passou a usar o computador há pouco tempo, se comparado com o período em que ela em contato com o equipamento, que:

“já tem uns 15 anos. Desde quando começou. Os meninos lá em casa tinham, mas que eu comecei a usar mesmo tem uns 5 a 6 anos. [...] Tinha, mas eu não importava, não usava. Depois que a minha neta cresceu que ela [a filha]: ‘– Não, mãe, a senhora vai aprender’ Aí, que eu fui aprender. [...] meus meninos que usavam.[...] eu não tinha vontade não. Eu achava

que eu não conseguiria aprender a mexer, entendeu? Medo de não saber e acabar estragando. Aí eu não mexi. Aí depois eu comprei para mim. Comprei um, aí estava parado, aí eu queria um pequeno, fui lá e comprei aquele net book, aí agora comprei esse outro. Falei: ‘– Agora eu posso mexer. Se estragar, é meu’. [...] Eu tinha comprado, aquele grandão de quando começou, né? Aquele que tinha o CPU muito grande ou aquele... era tudo exagerado. Só que eu não mexia, que eu tinha medo de mexer e estragar. Até que eu tomei coragem, falei: ‘– Não, agora é meu. Se estragar, é meu’.” (NANCI).

O medo do uso era da própria Nanci e não que outras pessoas incutiam nela, pois seus filhos “*Estimulavam, todo mundo falava, só que eu tinha medo, né? Medo de mexer e estragar. Aí depois que eu comecei, eu gostei.*” Em sala de aula eu havia observado que ela usa um equipamento grande para ser um smartphone, mas que ela usa para fazer ligações telefônicas e para acessar a internet. Nessa entrevista ela revelou que se trata de um tablet, que ela usa também como telefone. Nanci é mais uma educanda a falar sobre o uso das tecnologias móveis no transporte coletivo:

“É um tablet. Esse aí eu gostei por uma simples coisa, hoje mesmo eu estava comentando isso: você entra dentro de um ônibus, está todo mundo contando a vida todinha pelo telefone. Já você tendo um tablet só para você escrever as mensagens, você manda as mensagens para quem for e ninguém está escutando a sua vida, o que você está escrevendo. Você já parou para pensar isso? Tem muita gente que parece que acha bonito ficar contando a vida todinha dentro do ônibus. Hoje os meus colegas estavam falando isso: ‘– Gente, a coisa mais ruim que tem, você chega dentro do ônibus e tem uma pessoa contando a vida toda na viagem, né, quando viaja, contando a vida todinha no telefone’.” (NANCI).

Perguntei à Nanci como ela costuma utilizar seu tablet e ela contou: “*Serve de telefone e pra mim... no Face, que adoro mexer com o Face, passar mensagem para os meus menino. [...] no telefone tanto você usa como telefone só, como com vídeo de chamada, né? Aí para mim foi uma beleza.*”

Quanto à qualidade do acesso à internet, Nanci confirma o que outras pessoas também disseram a respeito: “*Aqui não pega muito bem não. Ali fora ainda pega mais ou menos.*” Ela disse tem um plano de telefonia móvel da empresa Tim, com acesso à internet. Perguntei se ela teria acesso ao sistema de wifi da escola e ela fala que: “*Você tem uma senha e a senha não dá, né? Só para eles, né, não dá para a gente. Lá em casa tem mais, tem duas linhas. Quando uma está lenta, eu pego a outra.*” Em sua casa ela usa o wifi próprio de duas companhias telefônicas: “*Nas duas linhas têm. Tem uma da Vivo e outra da Oi. Aí não fica sem.*” Portanto, Nanci utiliza três diferentes companhias telefônicas para acessar a internet, apenas

o wifi da escola é que ela não tem o acesso. Perguntei a ela sobre o uso e essas possibilidades de conexão com a internet que ela tem e ela relatou:

“Meus meninos falam assim: ‘– Mãe, se a senhora ficar sem internet, a senhora fica doida’, [risos]. Teve um dia que estragou a fonte do meu computador, aí eu fiquei louca. Enquanto eu não arrumei essa fonte, eu não sosseguei. Falei: ‘– Meu Deus! Misericórdia!’ Sabe, quando assim... você entrou, você está sabendo, qualquer coisa que acontece com os meninos, eu estou escrevendo, né? Um conta para o outro, né? E tem aquele negócio... o grupo da família, então, o que que acontece? Você fica sabendo de tudo. Agora, se eu ficar sem, como é que eu vou saber?” (NANCI).

O grupo a que Nanci se refere é do aplicativo Whatsapp. Perguntei a ela se tinha smartphone, além do tablet, quando falou que *“tinha um pequenininho, só que eu deixei cair, a bateria dele caiu e eu não vi, perdi a bateria do celular. Peguei de galope lá no chão, botei dentro do carro, pronto, sumiu. A bateria, agora, tem que comprar a bateria dele.”* Como ela descobriu que seu tablet também funciona para ligações telefônicas, preferiu não comprar outro smartphone. Sobre o tablet: *“Ah, ele tem uns três anos. Acho que tem uns três anos já, porque na época em fui em Fortaleza, há três anos eu fui em Fortaleza.”* Ela já usava seu tablet antes de perder a bateria de seu smartphone, há 4 meses. Antes de perder esta bateria, ela falou que já havia perdido outro smartphone, que não se lembra há quanto tempo. Como o tablet é grande, fica mais difícil perder o equipamento.

Perguntei à Nanci que relação ela faz entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a construção do conhecimento. Ela relata:

“Eu fico olhando, por exemplo, eu estou com uma causa na justiça, então eu vou lá e entro e vejo o que está acontecendo. Aí quando tem alguma coisa, vamos dizer assim, uma pergunta, eu vou lá no Google. Pra mim descobrir também a língua desse pessoal que não é daqui, né? O... o... como é que fala? [...] De outro país estrangeiro, que tem aquelas línguas doidas, né? Esqueci até o nome... [...] Árabe. E tem aquele do... aí eu vou lá e bato isso aí, o que é que tá escrito. [...] É curiosidade, né? Vale à pena, sabia? É uma coisa boa, isso aí [tradutor] foi uma coisa boa que eles inventaram. [...] Você não fica curioso.” (NANCI).

Nanci acha que o uso das tecnologias digitais pode contribuir na sua vida familiar, pois consegue ter notícias da família, *“porque você vai só ligar? É mais difícil, né, só ligar. E já no jeito que eles colocaram, você vai no Zap, você pode conversar com gente até de fora, né? E, gente lá dos Estados Unidos, com um segundo você está conversando com eles.”* Comentei com ela que outro dia eu havia observado que ela contou em sala de aula que tem amigos no Facebook que

moram fora do país e perguntei como é essa amizade pelas redes sociais e ela revelou sobre alguns que são de:

“fora do país. Tem prima minha lá, tem um rapaz, eu não tenho nada a ver com ele não, mas hoje mesmo ele me ligou e falou, falou, eu não entendi nada, eu morri de rir, eu só ria. [...] Ele é do Egito. [...] É que aquele pessoal de lá... é uma carência, parece que eles têm... você entendeu? O primeiro dia que ele conversou comigo, ele estava assim, como é que é? ‘– Brasil, estou falando com o Brasil, estou falando com o Brasil!’ Hoje foi a mesma coisa. Aí eu morria de rir, parece que é igual à gente, né? A gente fica curioso de saber o que que... como que é lá, né? Ainda mais com aquelas guerras que está lá, aquela brigaiada, né? Mas não fala nada também a respeito das guerras não, eu fico curiosa mais é para mim saber o que que está acontecendo. Que é na cidade que Jesus nasceu, né? Então você fica lembrando daquele relatório de antigamente, quando Jesus nasceu, a guerra continua a mesma coisa. Disputa, porque desde quando Jesus estava na Terra, era disputa por terra, né? Continua a mesma coisa. Aí eu fico curiosa, porque eu sou doida para ir lá, falei: ‘– Um dia eu vou naquela terra ainda’.” (NANCI).

Indaguei à Nanci como foi que ela conheceu essa pessoa da rede social Facebook e que mora fora do país. Ela contou que:

“Foi ele que chamou, entendeu? Ele chama muita gente. Então, tem uma prima minha que tava com ele, conversando com ele, aí, então, ele pegou e... vendo, é uma pessoa, é igual a gente mesmo, você vê uma pessoa no Face: ‘– Ah, eu conheço essa pessoa’, eu não conheço, mas a curiosidade estava chamando, né. A mesma coisa foi ele. [...] tem mais uns quatro de lá comigo, só que eu não converso também não. Eu só deixo eles lá, escrevo umas passagens da Bíblia, falei assim: ‘– De repente, é até um jeito de eu estar passando a Bíblia para eles, né?’. Porque eles lá não acreditam, mas quem sabe? Um dia volta, né? [...] Cabeça muda, né? As cabeças doidas danada, que aquele pessoal lá tem, né? Aí eu só escrevo uns negócios de Bíblia para eles lá e eles gostam. Muitos até curte.” (NANCI).

Sobre o uso ou utilidade do computador que mais desperta interesse em Nanci, ela dia que: *“Infelizmente é o Face! [...] Facebook. Onde eu fico olhando lá aqueles... aquelas mensagens que caem, né? Aí eu as passo horas, né, olhando.”*

E no caso seria o smartphone, que no caso é o tablet que ela usa, o que mais desperta o interesse, Nanci dia que também são as redes sociais:

“Eu olho mais é isso mesmo, que aí eu olho, vamos supor, olho a mensagem, que nem... fico olhando se os meninos mandaram mensagem, porque a essa hora está todo mundo na rua, né? É aquela preocupação, aí eu sempre estou olhando, se mandou alguma coisa. [...] É, são as redes.” (NANCI).

Nanci avalia que, depois que começou a estudar na EFALO, se sentiu estimulada e encorajada para usar o computador, o smartphone e o tablet, para questões ligadas à escola. Ela se lembra que: *“quando passa alguma pergunta, você*

vai lá e dá uma olhada, né? No Google. [...] Aí você fica com a cabeça mais aberta.” Ao mesmo tempo, avalia que usa como antes, não passou a usar melhor. Sobre outras tecnologias, também acha que não mudou nada: “*Só mexo com isso mesmo, né? Só isso mesmo.*” O tablet, por exemplo, ela aprendeu foi por conta própria e não para usar na escola:

“É porque primeiro eu tinha comprado, lá na hora, o meu computador. Eu achei que eu tinha estragado, né? Aí eu já entrei em pânico, falei: ‘– É, meu Deus do céu, agora acabou’. Aí, eu fui... sabe quando é em um segundo? Eu fui lá no mercado lá perto de casa e já comprei ele e já trouxe ele. Foi assim na hora. Fui lá, comprei e trouxe. Mas não estragou não, tá lá bom do mesmo jeito. Aí eu falei: ‘– Ah, agora eu tenho um, mas é grande, né?’ Aí tem um bom para poder viajar, porque ali você tem uma vantagem: se você vai conversar com os meninos, você sabe que você está gastando a mais. E quando eu viajar, eu gastava muito, porque eu ligava sem parar, ligava de manhã, ligava meio dia, ligava de tarde. Arregaçava, né? Aí quando deu o dia de eu viajar, falei assim: ‘– Eu vou com esse trem desse tamanho? Vou nada, vou comprar um outro’. Eu fui lá em Venda Nova e comprei o outro. Aí eu comprei esse. Mais leve, para eu poder carregar, né? Para quando eu chegar, já estar fácil para eu conversar com os meninos. Aí deu certinho. [...] Economizava [com as ligações telefônicas]. Na hora parecia que estava caro, mas depois, no ano eu viajei bastante, para mim foi uma beleza, entendeu? Aí agora é um quebra galho, sô. [...] [A viagem foi] Com a turma da igreja, as meninas gostam de andar, né? Esse ano que eu não andei com elas, porque o ano passado quase que eu tomei bomba por causa de andar. [risos] Aí eu falei: ‘– Não, esse ano...’. Esses dias mesmo, eu ganhei duas passagens, que elas ganharam lá e me botaram no pacote delas lá, para mim viajar. Eu falei: ‘– Não conta comigo, que eu estou estudando agora. Agora não tem jeito não’. Nem de graça, [risos]. Não, sô, ano passado quase que eu tomei bomba, nossa mãe. [...] É, tem que escolher, senão dá zebra, não posso chorar mais. Ano passado eu chorei e consegui ficar. Aí, depois eu não ia conseguir.” (NANCI).

Nanci não faz parte do grupo de Whatsapp da sala, mas ela se comunica pelo aplicativo Whatsapp com outras colegas da turma: “*Na verdade, eu nem entrei nesse grupo. [...] Eu dei o número para ela e ela não me adicionou, só que eu tenho a Noêmia [...] e a Geralda*”. Elas se comunicam para passarem recados sobre eventual falta às aulas. Para acompanharem as atividades perdidas em sala de aula, Nanci faz da seguinte forma: “*Matérias dos professores, eles fazem nas folhas, então na hora que falhou, ele já tem a matéria. E é o tal negócio, o ano passado, o menino não tinha nem isso. Se perdeu, perdeu mesmo [...]. Agora, esse ano, não.*” Os próprios professores guardam o material e entregam individualmente a cada educando na aula seguinte: “*Aí na hora que a gente chega, eles dão a matéria, aí você já lê e você já volta, lá no passado e tudo para frente. Aí ficou bem mais fácil.*” Para os acontecimentos cotidianos, Nanci, Noêmia e Geralda trocam mensagens individuais pelo aplicativo Whatsapp ou em conversas pelo telefone celular:

“Tenho as duas, então as duas, tudo o que acontece, elas me contam. Sexta-feira mesmo, teve uma festinha, né? Eu falei que ia vir e não vim. Elas estavam me cobrando hoje: ‘– Cadê o suco de uva que você ia trazer?’ [risos]. Aí eu vou trazê-lo essa semana, ainda trago ainda. Estava muito calor, sô, tinha jeito de vim cá sexta-feira não. Deus me livre. Eu fiquei pensando: ‘– Meu Deus, eu vou lá com esse calorão? Vou não’. [...] É... Whatsapp. A Geralda tem, aquela outra, a Noêmia tem o Face, só que ela quase não entra. Então ela conversa comigo mais, ou ela me liga, muitas vezes ela me liga também, ou é no Zap, que a gente conversa. Aí tudo o que tem de diferente, ela passa.” (NANCI).

Perguntei à Nanci se ela tinha alguma opinião do porquê de alguns estudantes utilizarem as tecnologias digitais e outros não, ela disse não saber. Fiz a mesma pergunta em relação aos professores, ela me respondeu: *“Aqui mesmo tem, né? Tem uma, tem duas que não entrou, a de Educação Física e a [...] de Geografia. As duas não entraram. [...] Não entrou na turma não. Eu acho que não está na turma não.”* A educanda Nanci disse não ter contato com essas duas professoras pelas redes sociais: *“Com elas, não tenho não. Agora, os outros, eu tenho até no Face. Eu tenho eles. [...] Tudo legal, muito legal eles.”* Perguntei se Nanci saberia o motivo de essas duas professoras não fazerem parte do grupo, ela falou: *“Ah, um falou que não gosta de entrar não. Não gosta de misturar, né? A Amália falava: ‘– Eu não gosto de misturar’. Aí, ela não entrou não. Eu sei que ela não entrou não. Se ela entrou, foi depois, porque no dia, ela falou.”* Essa informação confirma o que a professora falou em sua entrevista. Sobre as razões da professora de Educação Física, Nanci disse que:

“Não, a outra eu não sei, a outra nunca nem comentou, eu nunca nem vi ela com telefone. Engraçado, a gente nem vê ela no telefone. Os outros sempre vê com telefone, ela a gente não vê, a de Educação Física você não vê com telefone não. Porque tem gente que não é muito chegado também não, né? Eu acho que é isso também.” (NANCI).

Dentre as redes sociais, Nanci só utiliza o Facebook e o Whatsapp. Ela não usa o a Instagram ou outro aplicativo de mensagens. Com o email ela teve dificuldades: *“É o email que eu não aprendi [...] já me ensinaram, mas não entrou na minha cabeça de jeito nenhum. Não uso.”*

5.2.11 Entrevista de Alberto

No início da entrevista, perguntei ao Alberto por que ele estava estudando na EJA e ele falou que sentiu essa necessidade *“porque o mercado está bastante*

exigente e então a cada dia que passava eu percebia que eu estava ficando assim cada vez mais para trás. Eu queria [...] acompanhar o desenvolvimento, por exemplo, em termos de conhecimento.” Devido à EFALO funcionar dentro de uma universidade, Alberto achava distante estar ali enquanto um educando da EJA:

“até que eu nem sabia que poderia estar estudando aqui. Foi por meio até de um amigo meu, que ele me falou, eu custei a acreditar... aí foi e meu sonho era sempre estudar aqui. Aí um dia eu liguei e foi confirmada essa possibilidade. Eu vim, fiz a prova e estou gostando. E não pretendo sair tão cedo.[...]” (ALBERTO).

A respeito da utilização do computador para acessar a internet, Alberto falou:

“Normalmente, eu uso muito para as pesquisas de escola, uso no meu trabalho também, né, que eu sou massoterapeuta, uso quando estava bastante ativo na fotografia, que eu também sou fotógrafo. Usava bastante para fazer trabalhos, né, para estudar. Estudava a tecnologia da fotografia e hoje eu tenho usado mais é para a escola mesmo. E para meu outro trabalho, trabalho pessoal. [...] eu sou fotógrafo. Estou parado, né, estou parado por que devido a eu voltar a estudar eu não estou exercendo mais a função.” (ALBERTO).

Em que relação ao uso das tecnologias digitais, o cotidiano e a construção do conhecimento, Alberto fala da importância para ele, que possui deficiência visual:

“Olha, para mim tem sido importante, porque a tecnologia, principalmente no mundo do cego, tem resolvido uma boa parte do nosso problema. Porque a gente está... querendo ou não, a gente está acompanhando a tecnologia, mesmo no mundo... vamos dizer assim... obscuro, a gente acompanha a tecnologia, porque, ela, querendo ou não, vem fazendo parte da vida da gente. Até mesmo para, hoje em dia, para você poder pegar um coletivo, ela está envolvida. Então, essa relação que a gente tem com a tecnologia, isso tem assim... nos ajudado demais e a gente espera sim ter. E tem campo para a melhora, né. Que avance sobre mais coisas e que a gente possa estar usando no nosso dia a dia.” (ALBERTO).

Quando Alberto tocou na questão de sua deficiência visual, perguntei a ele se ele tinha essa dificuldade desde criança, ele me respondeu que *“Até meus 10 anos de idade, enxerguei 100% normal. Em meados dos 10 anos que começou a dar o problema.”* Perguntei se ele estudava na época, ele disse que sim e que parou de estudar *“por causa da visão. Parei quando eu estava com os meus 13 anos por aí. 13, 14 anos.”* Sobre esse período de sua vida, em outro momento da entrevista que ele disse que desde *“criança eu fui interessado em eletrônica e também já depois de adolescente e na minha fase de jovem também eu mexia com eletrônica.”*

Sobre a escola, indaguei se ele só havia voltado a estudar agora, na EFALO, Alberto me disse: *“Tive 2 anos no CESEC e agora, depois que eu entrei aqui, vai*

fazer agora 3 anos, né, no final do ano.” Eu quis saber como eram os estudos no CESEC em que ele estudava e por que ele saiu de lá. Então, ele falou:

“Para mim, como eu tenho, minha intenção de voltar a estudar era tanta que eu não tive dificuldade. Quando eu decidi voltar a estudar, eu ouvi que eu tinha que encarar qualquer barreira. Porque tinha, eu tive com colegas meus que são deficientes visuais e estavam formando em Direito e fazendo... sempre estudando. Então, assim, poxa, se eles estão estudando, por que eu não posso estudar? Então, quando eu frequentei o CESEC, realmente, lá você só tem que... você marca presença e a professora fica ali na sala, quer dizer, tem algumas matérias que o professor explica diretamente do quadro, mas tem as matérias que... também tem as salas... por exemplo, a área que a gente ficava fazendo era Português, e ela tinha sempre que estar ali sentada, não fala nada. Ela só te responde o que você perguntar. Então, com o meu esforço eu ia três vezes na semana, então eu lia, estudava em casa, estudava na escola o que eu lia... porque eu estava com aquela sede de estudar. Então eu lia mesmo, fazia a prova, no entanto, as minhas provas... todas as duas provas que eu fiz lá eu tirei nota boa.” (ALBERTO).

Depois dessa experiência, Alberto veio estudar na EFALO e gostou da escola. Pela conversa que tivemos, pude perceber que ele está bem adaptado e contente. Depois disso, voltamos a falar sobre o uso das tecnologias digitais e se elas ajudam Alberto em sua vida familiar, profissional, educacional e social. Ele fala que:

“com o uso hoje, por exemplo, do computador e também do smartphone, como eu sou massoterapeuta e trabalho em uma feira, isso tem me ajudado bastante. O fato de que eu estou sempre acompanhando, atualizando com a massoterapia. E o fato também de eu ter esse contato com outras pessoas, estar sempre tipo fazendo um cadastro daquelas pessoas no próprio celular para a gente estar sempre mantendo contato.” (ALBERTO).

Em relação ao computador, Alberto diz que o uso da internet é o que mais lhe desperta o interesse. Quanto ao smartphone, se interessa mais *“na parte da internet e na parte da comunicação por mensagem [...] nas redes sociais.”*

Alberto avalia que, depois que começou a estudar na EFALO, se sentiu mais estimulado e encorajado para usar o computador, o smartphone para as questões ligadas à escola. Relata que:

“inclusive hoje eu consigo ler mais textos na internet, nos trabalhos que eu vou fazer ou mesmo a pesquisa, né, que eu vou fazer. Tenho mais persistência para ler. [...] Eu gosto tanto do texto que eles pedem na escola, como também o... às vezes, eu gosto de pesquisar as coisas. [...] muitas vezes, por exemplo, texto de reportagem, texto relacionado ao meu trabalho, texto de pesquisa, principalmente as matérias da escola, que eu gosto muito de todas as matérias, principalmente Geografia [...]” (ALBERTO).

Em relação aos usos das tecnologias digitais, Alberto relata que: passou a usar melhor os terminais bancários de caixa eletrônico, depois que passou a usar

com mais frequência para questões ligadas à escola; se aproximou mais da escola; em sua socialização, ele utiliza o Facebook, Whatsapp e o email; em sua aprendizagem pessoal, utiliza com frequência um site que tem um curso sobre massoterapia, em que aprende novas manobras para aplicar em seu trabalho.

A respeito dos usos das tecnologias digitais na EFALO, Alberto relata: “*Até hoje, nós fizemos alguma coisa assim na biblioteca. Na sala de computador, mas são coisinhas... Foram pesquisas e foi cadastro e mais foi pesquisa mesmo*”. Isso ocorreu na Sala de Informática da escola, que usam esporadicamente: “*Esse ano até acho que fomos uma vez só ou duas [vezes].*” Quanto ao uso da internet e das redes sociais, Alberto confirmou que existe um grupo formado no aplicativo Whatsapp com educandos e educandas da turma, além de alguns professores. Perguntei a ele se os professores costumam enviar alguma coisa para os educandos nesse grupo de Whatsapp, ele me respondeu: “*Não... só manda informação. [...] matéria, não.*” Então, eu perguntei se quando ele tem alguma dificuldade ou alguma dúvida, se costuma usar essas redes sociais, esse grupo de Whatsapp para pedir ajuda ou tirar dúvida com algum colega ou com algum professor, ele disse que já usou para esse fim: “*Colega. Acho que professor também já, porque eu faço um outro curso aqui aos sábados e aí pedi informação para a professora.*”

Quando eu havia encerrado com as perguntas da entrevista semiestruturada e deixei livre, caso Alberto quisesse complementar com algo que não foi abordado, ele falou sobre a sua condição de deficiente visual e o uso das tecnologias:

“Bem, a acessibilidade, né. Que as pessoas ficam, às vezes, até meio impressionadas com como que a gente chega aqui, né. Como que eu chego aqui, por exemplo. E não há dificuldade nenhuma. Apesar de que hoje existem bengalas eletrônicas, coisa assim que está longe pra... pra além do meu alcance. E também uma outra tecnologia, não sei por que não foi para frente, mas estava em teste, é um aparelho que a gente fica com ele no ponto do ônibus. Ali já... quando o ônibus está vindo, o motorista já fica sabendo que tem um deficiente visual ali. [...] Começou a fazer teste até lá com o pessoal no São Rafael, mas depois não... [...] O Move entrou, né.”¹⁹⁸ (ALBERTO).

Por enquanto, como Alberto não consegue enxergar a chegada do ônibus, sempre pede a alguém para ajudá-lo.

¹⁹⁸ O Instituto São Rafael é uma escola pública estadual, localizada em Belo Horizonte, que atende aos deficientes visuais. Ela é a “*Primeira escola exclusiva para cegos em Minas Gerais, criada em 2 de setembro de 1926, o Instituto São Rafael é referência no estado*”. Disponível em: <<https://www.educacao.mg.gov.br/leis/story/8255-instituto-sao-rafael-chega-aos-90-anos-renovado-com-politicas-pedagogicas-inclusivas-destinadas-a-deficientes-visuais>>. Acessado em: 29 Ago. 2017.

Ao conversarmos sobre a deficiência visual que Alberto possui e da dificuldade que ele tem para poder enxergar, perguntei como as tecnologias o têm ajudado e há algum aplicativo do smartphone que o auxilia nessa dificuldade que tem para enxergar melhor. Alberto relata:

“Tem uma coisa que ajuda bastante que é o zoom, né. Para o meu caso, por exemplo. Que tem uns aparelhos, infelizmente, são poucos aparelhos, são poucos modelos de aparelho, smartphone, normalmente vai ser de smartphone para cima para... Windows Phone não, é o... iPod, né? [...] São esses aparelhos que tem alguns modelos que aceita aplicativo com leitor de tela. Então... até que, pra mim, não faz tanta falta, mas conheço muito deficiente visual que não... que poderia ter e não está ao alcance dele. [...] Para mim até que a ampliação ajuda bastante.” (ALBERTO).

5.2.12 Entrevista de Shirlei

A entrevista com a professora Shirlei ocorreu em uma das salas de aula do EMAVP, de acordo com a disponibilidade apresentada pela professora. Não havia educandos no início da entrevista, mas depois de alguns minutos alguns deles chegaram. Os educandos eram de outra turma, diferente daquela em que em fiz as observações de campo.

Em sua entrevista, Shirlei disse que é professora há 26 anos e trabalha com professora da EJA há 16 anos. Ela falou por que trabalha na EJA: “*Quando eu comecei, ela era pela proximidade da minha residência, né, e eu acabei gostando, né, eu gostei muito de trabalhar com a EJA, muito de trabalhar com adulto e aí eu ia sempre continuando.*” Ela informou que desde 1998 tem contato e usa o computador. Já o smartphone, ela disse que usa há cerca de 4 anos.

Perguntei à Shirlei qual era o uso ou utilidade do computador que mais lhe desperta o interesse e ela respondeu: “*Ah, pesquisa.*” Em relação ao smartphone, disse que: “*Também. Eu uso muito pra pesquisa.*”

Shirlei já utilizava o computador antes de trabalhar na EMAVP, mas o smartphone foi depois que ela foi para lá, pois seu uso é mais recente. Perguntei à Shirlei se, depois que ela começou a trabalhar na EMAVP, se sentiu mais estimulada e encorajada a usar o computador e o smartphone para as questões ligadas à escola e ela respondeu que: “*Sim, a escola oferece muito é... muito recurso. [...] Tem cursos, os professo... os colegas cobram, os colegas passam. Tem incentivo sim.*” Shirlei avalia que passou a usar melhor o computador e o smartphone, depois que

passou a usar pra questões ligadas à escola: “Ah, acredito que sim. Quanto mais a gente usa, mas aprende, né?” Pedi à Shirlei que ela contasse como usa as tecnologias digitais na busca de aprendizagem, que falou: “É, eu gosto mais do Google, é... e eu uso muito outro que chama... ‘Só Matemática’. É um site. E pra... pra específico da EJA, tem o ENCCEJA¹⁹⁹, que a gente usa muito também, né. Todos os professores da escola usam.” Perguntei sobre a utilidade do site do ENCCEJA para o seu trabalho e Shirlei falou que: “Tem tudo lá, né. Tem a programação, tem os conteúdos, tem o que a gente vai trabalhar, aqui é tudo em cima disso.”

Ao investigar sobre a trajetória formativa dos educadores de EJA da EMAVP, Pedroso (2015) também citou o uso de material didático ligado ao ENCCEJA:

Sobre o material didático, a escola optou, desde 2012, por utilizar um único material norteador para o processo educativo. Essa opção se deu no intuito de homogeneizar o trabalho educativo desenvolvido nas diferentes turmas/turnos, já que, anteriormente, cada um dos professores elaborava seu próprio material). O escolhido foi o disponibilizado para estudo na página do ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. Trata-se de um material didático-pedagógico contendo os fundamentos do exame, com oito volumes voltados para os estudantes (quatro relativos ao Ensino Fundamental e quatro relativos ao Ensino Médio) [...]. Ressalte-se que na EMJED, esse material é disponibilizado para os alunos, nos três turnos, em forma de apostilas, que são trabalhadas em quatro módulos ao longo do ano letivo. (PEDROSO, 2015, p. 75).

Procurei saber com Shirlei se ela teria alguma opinião sobre o porquê de alguns educandos utilizarem as tecnologias digitais e outros, não. Ela acha que isso ocorre: “É por causa do acesso. [...] Acesso à internet... e também tem outra questão... é... a dificuldade deles, eles... algumas pessoas acho que tem medo, né, de usar as tecnologias.” Em relação aos professores, de alguns utilizarem as tecnologias digitais e outros não, Shirlei diz que: “Não tenho opinião.”

Perguntei à Shirlei se ela tem o hábito de enviar materiais de aula, de estudo ou alguma orientação virtual para os educandos e ela disse que não. Em relação aos professores, perguntei se eles costumam trocar material de aula e de estudo entre eles e ela fala que: “A gente fazia, mas em muito tempo que não faz.” Pedi a ela que contasse como eles faziam antes, quando faziam essa troca, e Shirlei

¹⁹⁹ O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) “constitui-se em um exame para aferição de competências, habilidades e saberes adquiridos no processo escolar ou nos processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, entre outros”. Disponível em: <<http://encceja.inep.gov.br/>>. Acessado em: 31 Dez. 2016.

recorda que: *“Era por email. A gente tem um grupo de estudos, né. Que eu fiquei ali... este ano... desde o ano passado... eu fiquei... só eu acima de vinte anos [de experiência]. Então, não tem pra quem mandar. [...] Mais Matemática.”*

Shirlei é uma das professoras que faz parte do grupo de Whatsapp criado pelos educandos de EJA da turma. Pedi a ela que falasse um pouco sobre o funcionamento desse grupo virtual e ela relatou o seguinte: *“Às vezes eles perguntam é... no grupo, se vai ter aula, [...] Ou então [...] usam pra perguntar o que que o professor deu. Aí, eles tiraram uma foto e mandam naquele grupo. Então, aquela matéria que foi dada naquele dia.”* Perguntei se são os próprios educandos que alimentam esse grupo com esse conteúdo e Shirlei disse que sim. Esse grupo de Whatsapp é utilizado com frequência para informes e calendário de atividades.

Perguntei à Shirlei se também há algum grupo virtual entre os professores da EJA da EMAMP e ela falou que há esse grupo: *“De Whatsapp. Aí, é a mesma coisa: Pra informes é... e quando tem alguma atividade específica, quando tem algum projeto, aí forma-se um novo grupo pra aquele projeto, pra gente é... distribuir as tarefas.”*

Nas redes sociais, Shirlei faz uso do Whatsapp, Facebook, Instagram e disse que usa o email com frequência. Após encerrar com as perguntas previstas para a entrevista, perguntei à professora Shirlei se havia mais alguma coisa que ela gostaria de falar mas que eu não tenha perguntado ou que o tempo foi pequeno e ela respondeu: *“Não. Está bem completo.”*

5.2.13 Entrevista de Catharina

A entrevista com a professora Catharina foi diferente das outras 17 realizadas durante a pesquisa empírica, pois ela não aceitou que eu conduzisse conforme havia planejado. Contudo, ela trouxe muitas contribuições à tese e me exigiu certa habilidade para ouvir e registrar o que Catharina havia para falar. Sua duração foi de 90 minutos, tempo bem maior do que as outras 17 entrevistas, que tiveram duração de até 56 minutos. O início da entrevista foi demorado, pois a professora Catharina não queria assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e também não queria que a entrevista fosse gravada.

Catharina insistiu que gostaria de ser entrevistada, pois tinha muito que falar sobre o uso das TIC na EJA. Contudo ela queria garantir o seu anonimato sem assinar o TCLE e sem gravar o áudio, para que a sua voz não fosse reconhecida. Ela me perguntou o que eu iria perguntá-la na entrevista e eu mostrei a ela o papel com as questões, ela leu silenciosamente todas as perguntas. Depois, eu expliquei a ela da necessidade e da obrigatoriedade do documento. Falei que o áudio era opcional e eu poderia anotar as respostas, mas que do TCLE não poderíamos abrir mão. Ela alegou que ela fez Mestrado pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e que não tinha isso, que não teria o áudio da voz dela e que achava que não precisaria assinar o TCLE. Ela pediu para eu consultar o meu orientador e o COEP sobre essa necessidade, já que havia os telefones deles no próprio documento. Liguei para ambos e não consegui contato, além mesmo pelo horário de quase 18:00 horas de sexta-feira. Por fim, combinamos de eu realizar a entrevista com ela, sem áudio, anotando a fala, para uma consulta posterior sobre a obrigatoriedade da assinatura do TCLE. Caso fosse obrigatório, a entrevista somente seria usada se ela assinasse o termo ou seria descartada se ela mantivesse o desejo de não assinar, já que ela insistia que queria que eu fizesse a entrevista com ela naquele dia.

Alguns dias após a entrevista fiz essa consulta ao meu orientador sobre a obrigatoriedade do TCLE, que ratificou sobre a necessidade da assinatura do formulário, tanto para resguardar tanto a entrevistada quanto o entrevistador. Após nossa conversa, resolvemos fazer também essa consulta ao COEP, para que tivéssemos um melhor esclarecimento para fornecer as devidas informações à entrevistada e a nós mesmos. Assim foi feito. Durante algumas vezes que retornei à escola, a professora me perguntou se eu já tinha resposta. Expliquei a ela que meu orientador estava em viagem, no primeiro momento. Depois retornei a ela sobre o posicionamento dele, mas que também fizemos uma consulta ao COEP. Ela insistia que gostaria de terminar a entrevista e que a investigação considerasse o que ela pensava e já havia falado em seu depoimento, no momento da entrevista. O COEP nos respondeu falando da necessidade de se assinar o TCLE, autorizando usar os dados da entrevista²⁰⁰.

²⁰⁰ O COEP nos respondeu com a seguinte informação: A resolução 466/12 preconiza em inciso IV d): ‘...O TCLE ser elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele delegada (s), devendo as páginas de assinaturas estar na mesma folha...’ A inferência da resolução é a seguinte: se o participante da

Informei à professora Catharina sobre a resposta do COEP, condicionando o uso da entrevista à assinatura do TCLE. Ele me perguntou se outras pessoas tinham assinado e eu falei que todas as pessoas entrevistadas assinaram os termos, sem questionamentos. Depois, ela quis saber se eu gravei o áudio das entrevistas de outras pessoas e eu respondi o mesmo. Então, ela aceitou assinar o TCLE, em 09 de novembro de 2011. Reafirmou que pretende terminar a entrevista e que deseja que a fala dela na entrevista seja considerada. Eu disse que seria de grande contribuição a fala dela e que eu também gostaria de terminar a entrevista, me colocando à disposição naquela mesma data ou nos próximos dois dias. Ela preferiu deixar para terminar mais no final do ano ou em janeiro de 2017, quando ela estará como tempo mais disponível. Deixei com ela o meu contato para podermos marcar o novo encontro. Contudo, ela nunca mais me procurou. Este ano tentei novo contato com ela para saber sobre sua autodefinição de cor, por meio de mensagens de SMS, mas ela não deu retorno.

Voltando ao começo a entrevista, por volta das 18:00 horas, na biblioteca da EMAVP. No momento inicial, a professora Catharina não permitiu que eu fizesse as perguntas da entrevista semiestruturada e começou fazendo um relato do que ela pensava a respeito do tema. Foram mais de trinta minutos com ela falando livremente, sem abrir espaço para eu fazer as perguntas. Deixei correr a fala da entrevistada e anotei em mais de oito páginas do caderno de anotações de campo. Só depois é que iniciamos com as perguntas da entrevista semiestruturada. Contudo, ela segurou as folhas e não deixava eu perguntar, ela é quem lia e escolhia quais as perguntas que queria responder. Anotei mais de três folhas, mas não houve tempo de terminar todas as perguntas, pois ela tinha um compromisso naquele horário. Ficamos de terminar outro dia, após a consulta da obrigatoriedade ou não para que ela assinasse o TCLE para a entrevista não gravada. Contudo, isso não ocorreu.

pesquisa concorda em ser entrevistado, ele assinará voluntariamente o TCLE e o rubricará. No corpo do TCLE, o senhor detalhou que a entrevista será gravada e arquivada, a participante tem ciência desse dispositivo legal. No relato do senhor, a professora recusou assinar o TCLE e a gravação da entrevista. Em aspectos legais, se o senhor utilizar os dados dessa amostra e por ventura, houver quaisquer dúvidas sobre a pesquisa e for abordada essa amostra, o senhor não terá nenhum amparo legal para se resguardar incorrendo, conseqüentemente das sanções administrativas e penais do código civil vigente. Logo, recomendo não utilizar essa amostra, já que a voluntariedade dela está comprometida. (Dados do Autor).

Durante o livre relato da professora Catharina, anotei o que o tempo possibilitou, pois ela era muito rápida para falar e eu não queria cortar sua linha de pensamento. Portanto, não se trata de uma transcrição de fala. O que apresento é um registro daquilo que foi possível escrever a partir da fala da entrevistada:

“O uso do smartphone tem prejudicado o rendimento dos alunos, não querem estudar, isso tem viciado os alunos. Os fones de ouvido tiram a concentração. Quando o professor chama a atenção, interrompe mas volta a usar rapidamente ou respondem desrespeitosamente ao professor. Não percebem que não absorvem nada da aula. Só querem ficar em redes sociais e músicas, estão viciados e não percebem. Não têm bom rendimento escolar e não conseguem vencer as dificuldades. Com relação aos professores, há duas posturas. Alguns chamam a atenção dos alunos, como é o meu caso. Mas alguns estudantes a gente nem pode chamar a atenção, pois podem até agredir ao professor. Nesse caso, é melhor deixar de lado. Eles [os educandos] não percebem que estão viciados. Não adianta nem chamar o coordenador de turno, pois eles falam que não conseguem viver sem o celular, voltam para a sala e continua igual. Isso atrapalha isso atrapalha muito o ensino. Existe lei proibindo o uso na escola, mas como controlar isso? Acho que nenhum aluno deveria nem entrar em sala com o celular. Se fosse algo programado, planejado antes, aí poderia ser uma coisa proveitosa aos estudantes e aos professores. Mas como a coisa é hoje, não dá. Tem alunos que até atendem o telefone em sala, mesmo combinado com eles que deveriam atender no corredor, fora de sala, mas têm alguns que atendem em sala de aula. Desse jeito, da forma como funciona, não tem como o celular contribuir com a aprendizagem. Daqui a alguns anos, não vai ser possível ter aulas, todos vão ficar olhando para o celular. Um aluno me falou que a aula vai precisar ser pelo celular. É igual uma cena do programa Zorra Total, da Globo, em que Jesus volta à Terra e todos estão com a atenção voltada para seus smartphones. Em outro episódio, várias pessoas estavam em um elevador estavam indo para uma festa em um apartamento e, depois que chegaram na festa, todos conversavam pelo smartphone, sem se relacionarem na festa, concentrados no equipamento eletrônico. São sátiras de como o mundo está hoje. Quanto mais se comunicam, mais distantes ficam. Por isso que eu não tenho smartphone. Tenho antipatia das redes sociais que ocupam os usuários o tempo todo. É por conta disso. Eu não quero para não ficar assim. Muitos deboçam de mim por isso. Só tenho celular e fica em sala desligado! Alguns professores usam em sala, no final da aula, quando acaba o conteúdo. Essa postura do professor usar o smartphone em sala de aula estimula aos alunos a fazerem o mesmo. Eu cobro dos alunos porque não uso, aí eu posso cobrar. Hoje, ninguém pode ser retrógrado, não conhecer as novas tecnologias da informação e comunicação, mas tem que ter regras. Pelo que ouvi falar, em escola particular o aluno não pode. Por que na pública pode? Isso torna as redes privada e pública diferentes. Quando um professor da rede privada usa até tablet, alguém controla isso? Na pública, até celular pode. Tem professor que não liga para o uso. Se tiver só um tendo aula e os demais alunos só nas TIC, não se importa. Isso já deu muitas discussões na escola. Mas não resolve. Tinha um professor antigo que se aborrecia muito com isso, mas desistiu quando estava se aposentando. Tinha uma professora que trabalhava aqui e era muito tecnológica, usava tablet para ver notícias, mas até ela ficava surpresa com as atitudes dos alunos, como um que interrompeu a aula porque estava sem o carregador do celular e entrou em pânico. Teve um ataque de pânico mesmo! Na turma que eu acompanho, os alunos são muito tranquilos, eles criaram um grupo, até tiram fotos da matéria e mandam para os colegas, mas isso não ajuda, pois quem recebe não vê as mensagens. Não

conseguem acompanhar. Nem as folhas que eu entrego. Eles não estudam fora da escola. A sexta-feira era para isso, mas os alunos falam que não é para isso, é para irem para a night. Para estudar, precisa ter clareza do que quer, é investimento, as a maioria não valoriza e só quer a certificação, porque o mercado exige. Alguns não querem nem ficar na sala de aula. Quando um colega tira uma foto e envia pelo Whatsapp, só demonstra que ele tem bom relacionamento. Quando vêm à aula, falam que nem abriram a mensagem. Da mesma forma, quando se manda um anexo no email, não se abre o email, não adianta nada. Não faz diferença se é no papel ou na internet, se não tem interesse em aprender. Eu marquei uma prova valendo dez pontos e aposto que muitos não virão, mesmo os que faltaram e foram informados pelo Whatsapp. A informação não fará diferença nenhuma. Tem outra turma, muito séria, que tem alguns alunos que chegam tarde e fotografam o quadro, mas não passam a matéria a limpo, acaba acumulando e nem o smartphone olham mais. A culpa não é das tecnologias, é do uso. Uma pessoa não consegue ficar concentrada em várias coisas ao mesmo tempo. Em resumo, acho que atrapalha mais do que ajuda. Muitos professores deixam pra lá. Daqui a cinco anos, sabe-se lá qual tecnologia será. Aí, será impossível dar aulas. As pessoas só vão querer ficar nas redes sociais da época.” (CATHARINA).

Após esses depoimentos, a professora Catharina pegou as folhas com as perguntas da entrevista semiestruturada e ela mesma lia as perguntas rapidamente e respondia. Não deixou que eu perguntasse, não sei se seria porque ela via que eu anotava o que ela falava. Então vamos a essa segunda parte da entrevista, com Catharina lendo, escolhendo as perguntas e as respondendo:

“Qual o meu nome?

Em não quero responder essa por que não quero que meu nome apareça.

Há quanto tempo eu sou professora?

Sou professora desde os 19 anos de idade, comecei na rede privada. Hoje tenho 52 anos, já tenho 33 anos como professora. Não me aposentei porque tirei licença para o mestrado. Comecei na rede pública em outubro de 1988, há 28 anos.

Há quanto tempo trabalho na EJA?

Trabalho na EJA há 8 anos. Antes era no Ensino Médio e depois no Ensino Fundamental, no regular, 7º, 8º e 9º anos.

[Não leu a pergunta ‘Por que você está trabalhando na EJA?’]

Há quanto tempo tenho contato com computador?

Eu tinha 16 anos, mas não me interessava.

Há quanto tempo eu uso computador?

Há 20 anos. Apreendi quando o computador começou a se popularizar, para usar nas escolas. Eu tinha 32 anos e precisava substituir a máquina de escrever. Foi por necessidade profissional.

Eu uso smartphone?

Não. Só dos outros, como celular, por necessidade, quando a bateria do meu acaba.

Que relação eu faço entre as tecnologias digitais, o meu cotidiano e a construção do meu conhecimento?

Para quem é professor hoje, não tem como não usar para pesquisar o que se está trabalhando. Acesso a internet, digito rápido. Como professora, agilizou o serviço. Na máquina de escrever era muito difícil, até para corrigir.

[Não leu a pergunta ‘Que relação você faz entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a construção do conhecimento dos seus estudantes?’]

Se eu acho que o uso das tecnologias digitais pode contribuir na minha vida familiar, profissional, educacional e social?

Familiar e social, não. Profissional e educacional é indispensável. Socialmente até atrapalha o contato direto com o outro.

Se eu tenho dificuldade para utilizar as tecnologias para realização de atividades para a escola?

Não. Dificuldades, só quando há algo novo. Aí, eu pergunto à agente de informática da escola ou outro professor.

Se eu tenho dificuldades com o manuseio de programas de computador?

Quando há novidade.

Se eu tenho dificuldades em baixar e instalar ou usar aplicativos no computador ou smartphone?

Usar no computador, não. Eu não uso smartphone. Mas não baixo programa no computador.

Se eu tenho dificuldades na configuração dos equipamentos (computador, smartphone, internet, impressora etc.)?

Às vezes. Com uma impressora diferente ou desconfigurada.

Se eu tenho dificuldades no acesso a plataformas digitais (por exemplo, programas específicos de alguma escola para lançar notas, planejamento, arquivos etc. pela internet)?

Plataforma? Não. Nunca.

Quando eu tenho dificuldades no uso das tecnologias digitais, se eu tenho o hábito de pesquisar e ler manuais e tutoriais que possam me auxiliar?

Não tenho o hábito, acho muito chato.

Quando eu tenho dificuldades no uso das tecnologias digitais, se tenho o hábito de pedir ajuda para outras pessoas?

Sim. Sempre.

A quem peço ajuda?

Aos colegas de trabalho e à agente de informática.

Quando tenho dificuldades no uso das tecnologias digitais, se eu chego a desistir da atividade que precisa do uso das tecnologias?

Não.

Qual o uso ou utilidade do computador que mais me desperta o interesse?

Escrever.

Qual o uso ou utilidade do smartphone que mais me desperta o interesse?

Nenhum.

Se eu utilizava o computador antes de trabalhar na sua atual escola?

Sim.

Se eu utilizava o smartphone antes de trabalhar na sua atual escola?

Não.

Se depois que comecei a trabalhar na atual escola, eu me senti mais estimulada ou encorajada a usar o computador ou smartphone para questões ligadas à escola?

Não modificou em nada.

Você acha que passou a usar melhor o computador ou smartphone depois que passou a usá-lo para questões relacionadas à escola?

Sim. Aqui a gente usa uma plataforma aberta, que é o Linux. Mas fora daqui é Windows.

Se eu passei a usar melhor outras tecnologias, além do computador e smartphone, depois que passou a usá-los em questões ligadas à escola?

Não. Só na época do mestrado, que eu precisava usar vários programas. Mas na escola, não.

Se eu faço uso das TIC em busca da aprendizagem?

Sim. Há muitas informações na Internet, Google e Youtube principalmente.

Com a inserção das tecnologias digitais houve uma ampliação dos meus espaços de estudos e aprendizagens?

Não. Eu não carrego tecnologia móvel.

Com o uso das tecnologias digitais na escola se eu acho que foram criados novos espaços para desenvolver o seu trabalho, como em casa ou no trabalho ou outro espaço, com o uso das tecnologias e a internet?

Não.

Se isso me aproximou ou afastou da escola?

Me aproximou da escola.
 Se isso me aproximou ou afastou dos estudantes?
 Não interferiu em nada.
 Se eu tenho alguma opinião do por que que alguns estudantes utilizam as tecnologias digitais e o porquê que alguns não as utilizam?
 Em geral, não utilizam para estudar nesta escola. Só a minoria utiliza. Os alunos que não utilizam é porque acham que não ajuda.” (CATHARINA).

A disponibilidade da professora terminou, pois ela precisava se deslocar para outro local, onde estaria se iniciando um momento de formação para todos os professores da regional em que se localiza a escola. A entrevista se encerrou com a promessa não efetivada de continuarmos em outra data, já que ainda falavam algumas perguntas a serem respondidas.

5.2.14 Entrevista de Heidy

Na entrevista com a professora Heidy, ela falou que é professora há 37 anos e que trabalha na EJA há 11 anos. Perguntei a ela por que estava trabalhando na EJA, que respondeu: *“Porque eu me identifico com os alunos da EJA, com o perfil dos alunos e com a faixa etária dos alunos.”*

Quando perguntei à Heidy há quanto tempo que ela tinha contato com o computador, mesmo sem usar, ela respondeu que: *“Há bastante tempo. Não sei estimar exatamente quanto.”* Sobre há quanto tempo que ela usa o computador, Heidy disse que: *“Há muito tempo, mais ou menos quinze, dez anos mesmo. Porque em outras escolas onde eu trabalhei, inclusive na escola particular, a gente montava as provas, fazia pesquisas de questões, sempre usando o computador.”* A seguir, eu perguntei para Heidy se ela usava smartphone e ela respondeu que: *“Não, eu não uso. Os meus meninos usam, mas eu não. Ainda não comprei o meu não.”*²⁰¹ Indaguei se ela não teve interesse em ter um e ela falou: *“Eu tenho interesse, eu não tive foi dinheiro. [risos].”*

Perguntei à Heidy que relação ela fazia entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a sua construção do seu conhecimento. Ela respondeu: *“Que hoje, ela... ela me serve muito, né, porque qualquer tipo de dúvida, qualquer esclarecimento, qualquer tipo de pesquisa e mesmo pra você se inteirar das novidades, a gente precisa usar essa ferramenta, né. Faz muita falta.”* Em relação à construção do

²⁰¹ Na verdade, a professora entrevistada possui e usa smartphone. Provavelmente ela se confundiu ou não entendeu o que seria um smartphone, o aparelho celular com acesso à internet que ela tem. Talvez tenha imaginado algum modelo mais caro, como o iphone, da Apple.

conhecimento dos educandos e o uso das tecnologias digitais, Heidy avalia o seguinte:

“Olha, eu observo que eles usam mais essa tecnologia pra se comunicar uns com os outros. Eles não têm muito esse é... essa prática, né? Pra facilitar a vida deles na escola. Uma questão, acho que até cultural mesmo. Que a gente percebe a diferença do aluno da escola pública pro aluno da escola particular. O da escola particular interage com mais facilidade, né, e ele tem acesso também a... a aparelhos mais modernos, tem todo esse suporte em casa, coisa que nem sempre o aluno da escola pública tem. Mas ele, aos poucos, vai... vai adquirindo essa... essa cultura. Ele começa a entender que aquilo facilita a vida dele na escola e, de vagarinho, eles vão utilizando. Eu acho que hoje, já... já utiliza razoavelmente.” (HEIDY).

Comentei com Heidy que eu havia observado em suas aulas que ela estimulava o acesso às tecnologias digitais, inclusive falando aos educandos que, aqueles que quisessem pesquisar na internet sobre a atividade que estavam estudando, poderiam. Ela falou: *“Porque se ele tem... se ele tem um smartphone, que atenda isso, né, forneça pra ele essa... a internet que eles possam pesquisar, acho que não tem o que...”* Lembrei a ela de outro dia, em que ela também estimulava os educandos a usarem o computador na Sala de Informática. Heidy comentou o seguinte: *“Porque tem professor que briga com aluno por causa do celular e hoje, acho que não é por aí. [...] Aproveita que ele tem o celular e faz ele usar de outra forma. [...] De vez em quando eu uso aqui [Heidy aponta a Sala de Informática].”*²⁰²

Sobre o uso ou utilidade do computador que mais desperta o interesse em Heidy é de se *“inteirar das notícias, gosto de pesquisa na minha área, né, é... basicamente é isso. [...] Mais atualidade e pesquisa.”*

Perguntei à Heidy se acha que passou a usar melhor o computador depois que passou a usá-lo para questões ligadas à escola. Ela respondeu que: *“Sim. Ó, eu como professora sempre trabalhei três horários, no mínimo dois horários, então tudo que eu fazia no computador e que eu faço até hoje é muito mais voltado pra escola do que pra qualquer outra coisa.”* Sobre outras tecnologias, perguntei se ela também passou a usá-las melhor depois que passou a usar as tecnologias digitais para questões ligadas à escola e Heidy respondeu: *“Com certeza.”* Perguntei a Ela se recordava de algum fato a esse respeito e Heidy relatou o seguinte:

²⁰² A entrevista ocorreu na Biblioteca, que fica ao lado da Sala de Informática usada com os educandos.

“Ah, eu uso muito o Whatsapp com grupos, pra gente discutir questões ligadas à escola, quando a gente quer tirar alguma dúvida com algum colega ou o que ele já providenciou ou não. Então, é uma novidade, né? É, o GPS, o Google Maps, que a gente usa muito, né. Aplicativo pra saber se tem blitz. Whatsapp. [risos] Pra chamar o Uber.” (HEIDY).

Foi neste momento que eu percebi que seu equipamento de tecnologia móvel era um smartphone e não um simples celular, pois o acesso ao Whatsapp e esses outros aplicativos necessita que seja um smartphone. Nas respostas seguintes isso foi confirmado. No início da entrevista Heidi havia falado que não possuía porque ainda não havia tido dinheiro para comprar um. Então, eu perguntei a Heidi se tinha o hábito de usar o smartphone também. Expliquei a ela que smartphone seria o celular que acessa a internet. Ela confirmou que usa.

Heidy avalia que o uso das tecnologias digitais lhe aproximou do educandos: “Ah, aproximou. Com certeza.” Perguntei à Heidi se teria alguma opinião do porquê de alguns estudantes utilizarem e alguns não utilizarem as tecnologias digitais, que falou o seguinte:

“Olha, é... acho... acho uma resistência dos alunos mais velhos, que nunca tiveram acesso. Mas depois que eles descobrem que é um facilitador e que eles vêm os outros fazendo, eles têm esse desejo. Então, eles acabam incorporando isso também, no dia a dia deles. Muitas vezes é falta de recurso financeiro mesmo, pra comprar um bom aparelho, pra ter um bom computador em casa, né. Mas são casos bem... Raros, né? Que a maioria tem. Tem celular até melhor que o da gente. Não é?” (HEIDY).

Em relação ao professores, também perguntei à Heidi se ela teria alguma opinião do porquê de alguns utilizarem as tecnologias digitais e outros, não. Ela responde que:

“Ah, acho que é uma questão cultural mesmo. Mas... mas... que acham que já fizeram tudo que tinham direito de fazer, que resolvem bem as coisas sem usar. Mas eu não conheço aqui dentro nenhum professor que não saiba acessar o computador e fazer pesquisa no computador, montar sua prova, né? Pode até não fazer coisas assim... mais avançado, mas esse é o mínimo, dão conta de fazer.” (HEIDY).

Procurei saber com ela se envia materiais de aula e estudos para os educandos pela internet, Heidi disse que: “Não. Ainda não fiz isso, em função do fato deles, nem todos, terem o aparelho em casa, né? Se bem que eles podiam consultar no trabalho também, mas acho que não é compatível, né?” Comentei com ela que pode ser que nem todos teriam esse acesso no trabalho e Heidi concorda: “É. Tem esse problema também, né? Teria que ser no intervalo, fora do horário de trabalho, né, pra não misturar as coisas.” Perguntei a ela se tem o hábito de enviar

materiais de aula e estudos pra outros professores, que respondeu: “*Ah, sim. A gente troca informações o tempo todo.*” Pedi à Heidy que falasse um pouco de como esse processo de troca pela internet acontece, se seria em determinado projeto específico ou se acontece ao longo do ano, que disse: “*Ao, longo do ano, quando a gente trabalha com turmas afins, aí um fala: ‘– Ah, olha, eu achei isso, vou compartilhar, o que que você acha? Vamos usar ou não? Vamos melhorar.’*” Quanto aos educandos, Heidy falou que não oferece nenhum tipo de orientação virtual, pela internet. Os educandos também não pedem a ela. Perguntei se ela sabe se outros professores têm esse hábito e ela falou: “*Não sei. Não tenho notícia.*”

Em relação a grupos de discussão pela internet, como de Whatsapp ou de Facebook, perguntei à Heidy se ela já criou algum, que respondeu: “*Não. De Whatsapp, sim. Mas, de internet, não.*” Perguntei se ela faz o uso das tecnologias digitais na sua socialização e ela respondeu: “*Acho que todo mundo faz atualmente, né? [risos]*” Procurei saber com Heidy de quais redes sociais ela participa e ela disse que não tem o Instagram e que:

“Eu usava Facebook, mas como os alunos descobriram o meu Facebook, aí tinha mil e algumas coisas de alunos ali, pra não ficar chato de ficar bloqueando, né, eu saí do Facebook. [...] Eu não tinha paz. Era o tempo inteiro, né. Aí... mas hoje eu não tenho o Facebook mais. Eu tenho o Whatsapp, mas eu dou prioridade pros meus colegas de trabalho e da mesma área de trabalho também. [...] Email, uso. Com frequência.” (HEIDY).

As perguntas previstas para a entrevista chegaram ao fim e perguntei à Heidy se teria algo a acrescentar sobre o que conversamos e que não foi falado. Ela falou o seguinte:

“O uso da tecnologia hoje na escola é imprescindível, não é? Não se consegue falar em educação mais, sem o uso da tecnologia, né. E a gente tá num mundo globalizado, a gente... a gente consegue interagir com o mundo inteiro, né? E o estudante, se ele se apropriar disso, aí ele... é muita vantagem.” (HEIDY).

A seguir, conversamos sobre o grupo de Whatsapp que a turma que acompanhei possui. Heidy falou que: “*Isso é um facilitador pra vida deles.*” Ela informou que não participa desse grupo. Perguntei se há um grupo de Whatsapp dos professores e Heidy confirma que: “*Temos. O grupo aqui, de professores.*” Pedi a ela que falasse como é o uso desse grupo, que informou ser: “*Com tudo. Que a gente precisa. Recados, as informações interessantes, as notícias mais recentes, a gente*

sempre compartilha.” A seguir, Heidy segue falando sobre o uso das tecnologias digitais pelos professores:

“Eu acho que a grande... o grande diferencial, é... pra nós, professores, é... o incentivo que a gente tem na escola particular, que eu trabalhei 25 anos no [nome da escola privada] e lá a gente tinha polo, dois laboratórios imensos de informática e eu aprendi basicamente a utilizar o computador lá, né. E lá era obrigatório a gente fazer pesquisa com os meninos, fazer as provas, ilustrar as provas e fazer banco de dados, até a gente participou de uma pesquisa da Federal mesmo, pra fazer aqueles... aqueles descritores, cada uma na sua área. Então, isso... isso me despertou muito e me favoreceu muita na escola pública, que eu já cheguei aqui com um embasamento melhor. [...] Já trouxe na bagagem. E a gente vai usando, na medida do possível, né. O importante é usar, né? [...] Eu aposentei, já faz dez nos, na rede particular. Aí, eu fico... estou na... na rede pública. Faltando uma ano pra... aposentar. [...] Tá na hora, né, meu filho. [risos]” (HEIDY).

5.2.15 Entrevista de Grace

A entrevista com a professora Grace ocorreu em dois dias, de acordo com a disponibilidade dela. A primeira parte foi em uma das salas de aula da EMAMP, sem a presença de educandos. A segunda parte da entrevista ocorreu na entrada da escola, do lado de fora do prédio, 4 dias depois é professora há 25 anos e que trabalha na EJA há cerca de 9 anos. Perguntei à Grace por que ela trabalhava na EJA, que respondeu o seguinte:

“Eu comecei como acompanhante. Eu acompanhava as turmas... né... é da EJA da Regional Centro-Sul. Eu acompanhava grupos de professores, fazíamos formações de professores, acompanhávamos os alunos, fazíamos é... realização... mediação de conflitos dos alunos. E aí... porque pra mim é diferencial, tá? O contato com o jovem trabalhador... é de muita... é... sabedoria, de muito conhecimento, são pessoas, sabe.” (GRACE).

Grace diz que usa smartphone: *“Desde que surgiu. [...] Seis anos, né?”* Perguntei a ela que relação fazia entre o uso das tecnologias digitais, o seu cotidiano e a construção do seu conhecimento, que respondeu: *“Bem, eu uso pra formação, é... eu uso pra interagir com outros povos, em várias partes do planeta, pra formação, é interação de pessoas, enriquecimento pessoal, curiosidades e coisas assim, redes sociais também.”* A seguir, perguntei à Grace que relação fazia entre o uso das tecnologias digitais e a construção do conhecimento dos educandos, que respondeu o seguinte:

“Bem, dos estudantes, eles aprendem a pesquisar, a interagir com a tecnologia do mundo, né, do mundo virtual, e propicia também é... a

inclusão no meio digital e torna o conhecimento mais próximo dos alunos e, ele tendo conhecimentos de como acessar, ele pode se autoconfirmar em qualquer ambiente tecnológico.” (GRACE).

Os usos ou utilidades do computador que mais despertam o interesse em Grace são: “*As redes sociais.*” Quando usa o smartphone, Grace diz que prefere: “*Também as redes sociais e pesquisa. [...] Eu interajo muito com pessoas de outros países. Intercâmbio também, né, de pessoas.*” Perguntei a ela se, depois que começou a trabalhar na EMAVP, se sentiu mais estimulada ou encorajada pra usar computador e smartphone para as questões ligadas à escola. Grace respondeu que:

“Em relação a computador, sim, né. Porque aqui tem um... o agente de informática muito atuante, os alunos já estão acostumados com o ambiente digital, então isso auxilia muito. [...] Dentro da escola, o ambiente digital é muito propício ao interesse dos alunos. Já faz parte da rotina da escola o uso. Os agentes de informática, né, do noturno, são excelentes, estão sempre disponíveis para os alunos, para nós, professores, com uma gentileza muito bacana. Isso contribui muito. Gera confiança, né. [...] Eu sempre usei bem, dentro do meu interesse.” (GRACE).

Soou a campainha da escola, dando o sinal que o primeiro horário de aula havia se acabado. Nesse instante, perguntei Grace se foram criados novos espaços para ela desenvolver o seu trabalho com o uso das tecnologias digitais e da internet. Ela respondeu: “Com certeza. Houve, não, há! A cada momento que você... é... procura e busca, você tem mais sede de buscar. Aí, você amplia.” Perguntei à Grace se isso lhe aproximou ou afastou da escola e ela disse que:

“Aproxima. Porque uma vez que você abre seu horizonte, você abre um leque de opções para você trabalhar. Lembrando que essas opções aqui são hoje, mas que daqui a cinco minutos ou vinte e quatro horas serão outras. E a forma de interação com outros países, com outros colegas de outros locais, te ajudam também a ampliar, né, os horizontes todos.” (GRACE).

Precisamos interromper a entrevista nesse ponto, pois a professora Grace precisava trocar de sala, já que havia se encerrado o horário de aula em que ela estava disponível. A outra sala estava com uma turma cheia de educandos e não foi possível continuar a entrevista naquele momento. Então, marcamos para darmos continuidade à entrevista em outro momento, que veio a se concretizar 4 dias depois. Ela pediu se a entrevista poderia ser na entrada da escola, ao ar livre. Eu não me opus. Ela aproveitou para fumar cigarro durante a entrevista, por estarmos ao ar livre, já que não se permite dentro da escola.

Retomando a entrevista, perguntei à professora Grace se ela teria alguma opinião do porquê de alguns educandos utilizarem as tecnologias digitais e outros não as utilizarem. Ela falou o seguinte:

“A maioria usa as tecnologias digitais. Porque faz parte da vida deles, é uma questão de identidade, é uma questão da tribo, é uma questão do avanço tecnológico a nível e mundo. E alguns, né, eu não vou dizer que muitos, alguns não usam. [...] Acho que alguns não usam até porque não têm internet, por questão às vezes de dificuldade de não saber dominar a tecnologia, né, aí é essa questão, na EJA relaciona com a idade, relaciona com o serviço. [...] Eu também tenho um colega professor, que não é daqui, que também não tem celular e vive bem com isso. Falou que não, que é contra, que é coisa particular dele. [...] Eu acredito que o percentual que usa seja maior do que os que não usam. [...] Levando em conta que são alunos de EJA, tá? [...] Ah, um aparte, alguns não usam, não vou citar nomes que isso priva, que não usam até por questão de segurança...” (GRACE).

Grace disse que: *“A escola em um blog, mas eu não utilizo não. [...] Mas a plataforma da escola, não. Não utilizo não.”* Em relação à comunicação virtual entre a professora e os educandos, Grace disse que: *“Envio e recebo. Envio, recebo, os ensino a pesquisar, os ensino a usar plataforma do ENEM e acesso correção de prova, incluindo o celular também [através de] Whatsapp ou email. [...] Geralmente eu envio email mais.”* Perguntei se entre os professores, eles também costumam também trocar material e Grace falou: *“Olha, a gente... sem ser virtualmente, a gente troca algumas poucas coisas da noite.”* Insisti sobre a troca virtualmente, pela internet, e Grace disse que: *“Com os da escola, não. Eu tenho o hábito de fazer troca ou de uma forma mais... com os professores de Viçosa.”* Em relação aos educandos, a oferta de algum tipo de orientação virtual, Grace relatou que:

“No início da primeira etapa, é... quando eles vão para a Sala de Informática, eu... a monitora aqui da escola é excelente, ensino a criar email, a usar, né. Depois a gente trabalhou.. no livro deles tem um texto sobre internet, as ferramentas. [...] Aqui a gente faz várias... vários tipos de exposições, no Circuito, Banco do Brasil Casa Fiat, Museu da Vale, exposições da Yara Tupynambá... Então, o que é que a gente faz antes da exposição, eu levo eles pra Informática, eles pesquisam sobre o autor, sobre a exposição, eles têm conhecimento prévio para facilitar. Então, a Cordisburgo foi um sucesso, que a gente fez a visita virtual, conheceram, se interessaram por Guimarães Rosa, chegaram lá sabendo tudo.”^{203, 204, 205, 206, 207} (GRACE).

²⁰³ Disponível em: <<http://circuitoculturalliberdade.com.br/plus/>>. Acessado em: 5 Abr. 2017.

²⁰⁴ Disponível em: <<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/belo-horizonte>>. Acessado em: 5 Abr. 2017.

²⁰⁵ Disponível em: <<http://www.memorialvale.com.br/>>. Acessado em: 5 Abr. 2017.

²⁰⁶ Disponível em:

<<http://circuitoculturalliberdade.com.br/plus/modulos/listas/index.php?tac=agendaver&id=2412&layout=programacao>>. Acessado em: 5 Abr. 2017.

Em relação ao uso das tecnologias digitais para realizar as atividades da escola, Grace diz que não é obrigatório e que: *“Consigno realizar as atividades sem as tecnologias, mas eu prefiro usar as tecnologias.”* Grace destaca que: *“Interage muito por rede social, Facebook, [...] Instagram, Whatsapp, [...] Email.”* Ela tem experiência em criar apresentações de slide e que:

“Assim... tenho vontade de aprender. Já criei, certo, mas aqui na escola, não. [...] Não, não é por falta de material, é por causa de tempo mesmo. A gente tem só três aulas com cada turma e o universo de conhecimento é tão amplo, que não dá pra você fazer é... tudo que você gostaria.” (GRACE).

Pedi a Grace que ela contasse um pouco de como as ocorrem as trocas de informações e atividades com educandos por meio dos meios digitais e ela relatou:

“Eles fotografam, às vezes eles fotografam a aula, material né, e mandam pelo Whatsapp, é... a nível de avisos, a nível de chamada de alunos pra assistir aula, [...] eles fazem um produto de conhecimento com a Informática. Por exemplo, eu trabalhei com eles na segunda etapa variações linguísticas, que é um tema que tem no livro deles. Aí a gente foi pra Informática, eu dividi em dupla, deixei quem quis fazer em dupla e quem quis fazer individual. Aí, eles pesquisaram o que que é uma variação linguística. Só pesquisaram, não escreveram nada. Aí, em outra aula, eles foram, aí cada um registrou como quis, quem quis imprimiu, e me entregou. Faço isso em todas as etapas.” (GRACE).

5.2.16 Entrevista de Nicolás

Em sua entrevista, Nicolás falou que aquele era o primeiro ano em que estudava na EJA e por que decidiu isso: *“E eu parei por 10, né. É... devido à profissão, essas coisas. E agora eu olhei uma faculdade e vi também para mim ingressar no ramo onde eu trabalho e tudo, pra mim melhorar, aí eu decidi, resolvi fazer isso aqui é... e terminar os estudos.”*

Segundo Nicolás, o seu contato com o computador, mesmo sem usar, acontece “desde criança. Desde os cinco”. Hoje ele tem 30 anos de idade. Quanto ao tempo de uso do computador, ele disse que: *“Quando eu era criança, eu usava pra jogos, né, brincar, essas coisas. É... acho que desde uns 10 anos.”* Sobre o acesso à internet, Nicolás revela que: *“No começo, eu lembro que era criança ainda, no começo, era ainda via telefone, né, que era ainda muito lenta.”* Sobre o

²⁰⁷ A cidade de Cordisburgo fica se localiza a 121 Km de Belo Horizonte e integra a microrregião de Sete Lagoas, fazendo divisa com os municípios de Curvelo, Paraopeba, Araçaí, Jequitibá, Santana de Pirapama. Cordisburgo se destaca por possuir a Gruta de Maquiné e por ser a terra em que nasceu o escritor Guimarães Rosa.

smartphone, Nicolas falou que: *“Eu uso dois, né. Que eu trabalho com... no aparelho, né, então...Eu uso bastante. [...] desde quando lançou. Eu sempre tive. Sempre que sai celular, eu pego um dos melhores. [...] Smartphone mesmo, desde quando lançou eu tenho.”* A tecnologia móvel, ele conta que tem: *“Acesso à internet e tudo, é há uns 5 anos.”* Perguntei ao Nicolas que relação fazia entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a sua construção do conhecimento e ele respondeu que:

“Hoje, pra mim é muito importante. Às vezes, uma palavra que eu vejo... que eu fico um pouco é... sem saber se eu estou falando certo, ou se eu estou escrevendo certo ou errado, eu já vou no Google ali, já procuro e... se tem alguma coisa, alguma notícia, né que saiu, ou que alguém comentou e eu não pude ver, eu vou na internet, né, e busco essa notícia. E também eu uso a internet hoje... hoje, a minha fonte de renda hoje está na internet. Então, é... o tempo inteiro, né, pois eu uso o tempo todo, tanto pra trabalho quanto pra conhecimento.” (NÍCOLAS).

Quando perguntei ao Nicolas se o uso das tecnologias digitais pode ria contribuir na sua vida familiar, profissional, educacional e social ele respondeu:

“É, eu acho quando tem limite, né. Tem gente, hoje... hoje a gente vê o pessoal sentado, às vezes num barzinho, todo mundo com o telefone na mão. Então eu acho que isso aí já passa do limite, porque é... as pessoas se reúnem e, no final, não estão reunidas, né. Mas acaba que, pra mim, eu vejo que a importância é muito grande. Hoje eu falo com pessoas que ... que são da minha família ou amigos bem próximos, que moram fora do país, eu tenho contato direto com minha mãe, com meu pai, com minha irmã. Então, é... pra mim é uma coisa que ajudou muito. Desde que tenha limites, né, porque a tecnologia, e ajuda e também atrapalha.” (NÍCOLAS).

Nicolas disse não ter dificuldade na utilização de tecnologias, nem mesmo para a realização de suas atividades da escola. Em relação ao uso de programas de computador, ele conta que:

“Os programas básicos mesmo, todos eu praticamente eu sei é... eu sei fazer funcionar. E os que eu não sei, eu fuço. Hoje mesmo, eu aprendi a mexer em mais um. Então, eu estou sempre fuçando, o que eu não sei, eu vou lá, mexo até da certo. Nem que eu tenha que ir no Youtube e ver alguém mexendo pra aprender um pouquinho.” (NÍCOLAS).

Outro recurso adotado por Nicolas é o acesso à internet para pesquisar e descobrir algo que precisa aprender, por meio do:

“Youtube, ele faz tudo, né. Se você quiser fazer uma receita na cozinha, alguma coisa que você ta com dúvida de alguma coisa, ou então às vezes até faz assim: ‘– O smartphone, eu quero que ele funciona de tal forma, eu quero que ele vibra, eu quero que ele não vibra e você não consegue mexer...’ Aí o Youtube te ensina. Então, sempre você tem aquela opção ali pra... pra ta aprendendo, né.” (NÍCOLAS).

Procurei saber com Nícolas qual é o uso do computador que mais lhe desperta o interesse e ele conta que:

“O computador, ele pra mim, hoje, seria somente para trabalho. É... hoje mesmo eu tenho o smartphone, que eu uso pra trabalhar, e o computador eu também tenho acesso a fazer outras coisas. Um email, ou às vezes pra você digitar um email ou alguma coisa assim que é um pouco maior, que é um pouco mais... é... tem que ter um pouco mais de... de tempo ali e ver. Pra mim, né, ver grande o que eu tô escrevendo, pra não ter erro, então eu prefiro no computador. Mas assim, em muitos eu uso o smartphone, mas o computador ele me dá e... acho que mais organização, eu me sinto mais organizado, mas seguro ali de ta fazendo o que eu estou fazendo no computador. Já o smartphone, a gente faz, só que, por ser pequeno, às vezes né, é ele... e a gente não vê... não vê tudo, às vezes passa alguma falha ou outra. Então, o computador pra mim, ele funciona essa parte.” (NÍCOLAS).

Quanto ao uso do smartphone, Nícolas fala do que mais lhe desperta o interesse:

“Hoje, o Whatsapp, né, que é o maior é... que a gente mais tem aí usado pra ta conversando, né, com outras pessoas, igual eu falei com você que... em relação a tá conversando com pessoas de outros países que a gente conhece, que é muito fácil, muito prático, esse negócio, muito rápido. E agora, é... desde janeiro que eu uso também pra trabalho, uma coisa que eu nem acreditava tanto, né, eu via na televisão falando: ‘– Ah, eu uso a tecnologia é... redes sociais e ganho dinheiro.’ Eu nem acreditava tanto. E hoje, eu uso as redes sociais, redes sociais mesmo, de Facebook e Instagram, e a minha maior fonte de renda é ali. O meu comércio é ali, entendeu? [...] Eu trabalho nas redes socais com venda de produtos que eu fabrico, entendeu? Então, é... na verdade, nem Facebook eu tenho, só Instagram. E aonde, pra atingir... de janeiro até agora, eu tenho 19.000 pessoas já.” (NÍCOLAS).

Perguntei ao Nícolas se o uso das tecnologias digitais relacionado às questões da escola o aproximou ou o afastou da escola. Ele avalia que o aproximou. A seguir, pedi a sua opinião sobre o porquê de alguns educandos utilizarem as tecnologias digitais e outros, não. Nícolas comentou o seguinte:

“Hoje, aqui na escola, os que utilizam a internet, que eu vejo, que tem o smartphone, são pessoas que têm um pouquinho mais de condições. E os que hoje não usam, aqui, é... os que não têm mesmo condições de ter hoje o smartphone, porque eu vejo algumas pessoas que eu conheço, amigos de sala, que não usam porque não têm. Porque se tivessem, usariam ou até teriam interesse em usar, entendeu?” (NÍCOLAS).

Em relação aos professores, também pedi a opinião de Nícolas sobre o porquê de alguns utilizarem as tecnologias digitais e outros, não. Ele ressalta que:

“Professores, alguns hoje, eles até têm um pouco de... eu vejo, né, tem até um pouco de receio, um pouco de medo de mexer, é... até mesmo por não ter um smartphone, por não ter um acesso tão grande igual hoje o mundo

tem, né, tá moderno demais, todo tem um smartphone, todo mundo mexe, todo mundo tem, entendeu? Redes sociais, as pessoas mais velhas... e alguns professores ainda não atingiram isso, alguns professores, até pra vídeo têm dificuldade de...de ir num... de ir na biblioteca, acessar a internet ou passar alguma coisa e até pede ajuda pra gente mesmo que mexe na internet, entendeu? Mas é... não vejo problemas. Sempre, né, que teve alguma coisa, eles foram e perguntaram também e aprenderam também com a gente, o que a gente pode também passar, e tentaram ensinar o que eles queriam realmente na aula deles.” (NÍCOLAS).

Perguntei ao Nicolás se conhece a existência de algum site que facilite o uso de computadores que interaja com a EJA e ele informou que não. De toda forma, para a sua aprendizagem em geral, ele acessa pela internet o “*Youtube [...] sempre que eu tenho alguma coisa, o Youtube e o Google, né.*” Pedi ao Nicolás que falasse um pouco sobre essa utilização, que falou o seguinte: “*O Google, sempre que eu... às vezes, uma palavra que a gente esquece, assim... ‘– Será que ta certa?’ Aí, a gente vai no Google, bate e, na hora, já responde. Então, eu acho. Os que eu mais uso mesmo, são esses. [...] As duas fontes.*”

Nicolás contou que tem o hábito de usar as tecnologias para as suas atividades relacionadas à escola e casa e na escola, mas não há atividade escolar que dependa das tecnologias digitais. Perguntei se ele tem um bom desempenho das suas atividades escolares sem a necessidade do uso das tecnologias digitais, que respondeu:

“Tenho, tenho. Na verdade, até algumas vezes eles abrem é... exceção de olhar alguma coisa na internet. Às vezes, a gente... às vezes, os alunos, né, e eu também, a gente abre pra ser um pouco mais rápido, né. Naquele tempo curto de aula. Mas tudo que pede pra procurar ali na internet, se abrir o livro e procurar, tem o livro também. [...] [Na escola] é proibido, é... porque alguns alunos escutam música, né. Quando não é relacionado à aula. Mas, às vezes, tirar uma dúvida da aula ou abrir fotos, é... relacionado à aula também, pra tirar algumas dúvidas, que esqueceu algumas coisas, é permitido sim. Só quando não tem a ver com a aula. Por exemplo: aluno escutando música e outras coisas, mexendo em redes sociais, né, o horário inteiro, eles não permitem. [...] Sempre fala que não pode, né. Aí, quando passa alguma matéria e fala assim: ‘– Ah, vamos procurar alguma foto na internet?’ Aí eles pedem tipo uns dois, três alunos, os alunos abrem e repassam pra sala. Mas imediatamente eles pedem para não continuar mexendo no celular.” (NÍCOLAS).

Pedi ao Nicolás que contasse como ele faz para pesquisar na internet e aprender a usar o programa no computador. Nicolás diz que faz suas buscas: “*No Youtube. Youtube e Google. Vou jogando lá e vou fuçando. Se dá errado, a gente começa de novo.*” Perguntei ao Nicolás se utiliza bibliotecas virtuais ou alguma base de informação pela internet desse tipo, ele respondeu que: “*Não. Já usei há um*

tempo atrás, mas nem digo que eu usei não, que eu nem fui.... nem fui a fundo, com vontade, eu... [...] pra conhecer, mas quando eu conheci, já não...

Perguntei ao Nicolas se ele recebe pela internet dos professores ou de outros educandos alguma matéria para estudo, relativa às aulas aula. Ele respondeu:

“Nós, alunos, temos um grupo, né, aonde... agora tá um pouco parado. Igual eu te falei, algumas pessoas desanimaram. Mas até um tempo pra trás, sempre que eles faltavam, os alunos, você ia lá no grupo, que tinha lá o... o pessoal bate foto do quadro e envia no grupo, né. Se fosse alguma pra copiar, eu copiava, se fosse perguntas com respostas também, fazia em casa, passava tudo direitinho. Então, eu usava essa rede [...] Porque muita gente desanimou, né. Então acabou que o pessoal tava colocando e ninguém tava nem interessando muito. Mas, semana passada mesmo, um aluno colocou um trabalho que tava... colocou lá pra todo mundo ver, pra todo mundo fazer em casa e trazer pronto, porque tinha limite pra tá entregando.” (NÍCOLAS).

Perguntei ao Nicolas quem geralmente alimenta esse grupo com informações, se é sempre uma mesma pessoa ou é um grupo de pessoas. Ele disse que: “*É variado. Com todos os alunos, né, e sempre um manda, o outro manda.*” Nicolas disse que também tem o hábito de fazer postagens nesse grupo. Perguntei se as postagens ocorrem quando alguém pede ou as pessoas já postam oferecendo as informações e Nicolas disse que:

“Antes, no começo, quando estava muito mais animado, sempre colocavam. Todos os dias colocavam, porque faltavam um ou outro. Agora, mais no final, só quando pede mesmo, o pessoal: ‘– Ah, o que teve na aula hoje?’ Aí, a gente vai lá e posta o que teve. [...] [Foto] do caderno ou do quadro, na hora mesmo na sala.” (NÍCOLAS).

Procurei saber com Nicolas se os educandos, entre eles, oferecem ou recebem alguma orientação a distância, pela internet, quando vocês estão com alguma dúvida, como alguma matéria que não entendeu direito, se fazem essa troca de informação. Nicolas revela que: “*Sim, sempre. Na verdade, trabalhos, né, que é um pouco mais puxado, assim, tem um ou outro perguntando, tirando alguma dúvida, então a gente usa bastante.*” O grupo de Whatsapp é formado por educandos e professoras da turma: “*Tem, alguns professores que quiseram, né, participar do grupo.*” Pedi ao Nicolas que falasse um pouco sobre a participação das professoras no grupo e se elas chegam a dar alguma orientação ou alguém pede alguma orientação pela internet. Ele fala que: “*Não. Eles são mais... neutros, né. Só respondem pouco. Um bom dia, um boa tarde. Algum assunto que não é relacionado à escola, à aula que teve. Em relação a isso, eles deixam por nossa conta mesmo.*”

Perguntei ao Nicolás se ele sabe se algum educando já pediu orientação ou alguma coisa nesse grupo a alguma professora e ele respondeu que:

“Já pedimos orientação em... mas não em matéria, assim, vai ter uma visita num museu, que horas que vai sair, que horas que vai chegar, qual que é o ponto. Aí, algum professor... sempre algum professor ta lá pra orientar, entendeu? Mas em relação à matéria, essas coisas, sempre os professores não teve... [...] Só alunos mesmo.” (NÍCOLAS).

Perguntei ao Nicolás se há algum outro grupo que seja só de educandos, além desse grupo que tem professoras e educandos, e ele falou que: “*Não. É só esse grupo.*”

Sobe a infraestrutura que Nicolás dispõe em casa para realizar as atividades, como espaço, equipamentos e conexão à internet, já que ele trabalha com isso, perguntei se considera a infraestrutura de casa melhor, pior ou é igual à que tem disponível na EMAVP. Nicolás avalia que:

“Lá é bem melhor. Tem notebook, computador, tablet, dois smartphone e... computador não pode ter muita coisa na escola, porque né... o mundo, do jeito que tá hoje aí, ninguém respeita ninguém, o pessoal roubando... Mas o computador meu, cê clicou, apareceu. Aqui, você clica, tem que esperar, fala... [...] Não só por causa da velocidade da internet, mas pelo... pelo computador, né, que não suporta... questão rápida.” (NÍCOLAS).

Conversamos sobre o uso do computador na EMAVP, comentei com Nicolás que eu havia observado os educandos utilizando os computadores no Laboratório Informática para preencher o formulário sobre o perfil dos educandos da EJA. Falei que também observei quando eles fizeram uma pesquisa sobre a tabela periódica. A seguir, perguntei ao Nicolás se, geralmente, as atividades que os educandos fazem no Laboratório de Informática, são ofertadas por algumas professoras ou os educandos também desenvolvem alguma coisa naquele ambiente. Ele falou que:

“Já teve. Na verdade, sempre... na maioria das vezes... sempre, não. Na maioria das vezes, sempre coloca atividades já programadas, vídeo... Mas já tivemos atividades lá que a gente mesmo elaborou lá dentro, junto com o professor:— Ah, vamos fazer isso ou aquilo, aquilo...’ e a gente foi montando, dando ideia, junto com o professor, até sair é... um trabalho, né, da turma.” (NÍCOLAS).

Perguntei ao Nicolás se os educandos têm algum dia livre para usar o Laboratório de Informática ou se eles só utilizam a sala no dia que têm aula com as professoras. Ele respondeu o seguinte:

“Eu acho que tem acesso. Eu não nunca pedi acesso, não. Mas eu acho que tem, porque eu já vi aluno... já.. é.. usufruindo dos computadores e

quando a gente chega, eles pedem para retirar, porque tem aula. Então, eu acho que tem acesso sim. Eu que nunca procurei saber.” (NÍCOLAS).

As perguntas que eu havia preparado para a entrevista se encerraram. Então, perguntei ao Nícolas se havia mais alguma questão, ligada ao uso das tecnologias digitais e à aprendizagem, que ele se lembrava ou que eu perguntei. Ele falou que não havia mais nada a respeito.

5.2.17 Entrevista de Estéfane

Iniciei a entrevista com a educanda Estéfane, da EMAMP, perguntando a ela há quanto tempo que estuda na EJA, que respondeu: *“Ah, já tem bastante tempo. [...] Tem dois anos no Padre Guilherme e aqui... tem... dois anos.”* Perguntei por que ela estava estudando na EJA, disse: *“Ah, eu voltei a estudar pra... tentar arrumar um serviço que eu ganhe mais.”*

Sobre o uso das tecnologias digitais, Estéfane disse que: *“Eu mexo mais é no tablet ou no celular. Não tenho dificuldade nenhuma.”* Perguntei a ela se, além das tecnologias móveis, também tinha o hábito de usar computadores, que respondeu: *“É porque eu não tenho o computador. Geralmente eu uso o da minha irmã. Lá na casa da minha irmã. [...] A gente mora no mesmo prédio.”* Quando há necessidade do uso do computador, Estéfane vai até a casa de sua irmã: *“Geralmente nos finais de semana. Eu trabalho e estudo, né. Aí, eu venho direto pra cá, pra aula, pra escola.”*

De acordo com dados do IBGE (2016), o percentual de domicílios com o uso da internet, somente por meio de microcomputador é bem menor do que somente por meio de telefone móvel celular ou tablet, em 2015, com valores relativos no Brasil de 7,0% e 29,5%, respectivamente. Em Minas Gerais, a opção exclusiva do microcomputador é de 8,5%, enquanto a tecnologia móvel do telefone móvel ou tablet é de 28,4% dos domicílios mineiros. Isso demonstra grande uma preferência pelo uso da tecnologia móvel. Sem contar que, dentre os microcomputadores, temos os notebooks que também podem utilizar a tecnologia móvel. Os dados apontam que esse fato é um tendência em todo o Brasil:

Repetindo o movimento observado no Brasil em 2014, houve redução de 10,4 pontos percentuais, em 2015, na proporção de domicílios que tinham como único equipamento para acesso à Internet o computador [...]. Em

2014, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro ainda apresentaram proporções de domicílios onde o acesso feito exclusivamente por microcomputador eram superiores às referentes ao acesso era feito exclusivamente pelo telefone móvel celular ou tablet. Em 2015, nenhuma Unidade da Federação apresentou proporção de domicílios onde o acesso feito exclusivamente por microcomputador fosse superior à de domicílios onde o acesso feito exclusivamente pelo telefone móvel celular ou tablet. No Piauí, Amazonas, Roraima, Acre, Amapá, Sergipe e Maranhão, mais da metade dos domicílios tiveram acesso à Internet exclusivamente pelo telefone móvel celular ou tablet, alcançando 66,1% no Pará. O Amapá apresentou o menor percentual de acesso exclusivo por meio de microcomputador (0,7%), enquanto o Distrito Federal teve a menor proporção de acesso exclusivo por telefone móvel celular ou tablet (15,0%). (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016, p. 44).

Perguntei à Estéfane se também tem o hábito de usar o computador na EMAVP, que respondeu: *“Aqui? Às vezes, sim.”* Procurei saber se esse uso na escola ocorre mais quando tem alguma atividade na aula ou se Estéfane vai lá e pede para usar os computadores. Ela disse que utiliza: *“Mais quando tem alguma atividade”* e que não tem o hábito de usar por vontade ou necessidade própria. Perguntei se ela costuma usar ir à biblioteca da escola, onde há 2 computadores disponíveis. Estéfane respondeu: *“Eu gosto de ir na biblioteca, às vezes. Eu parei, sabe. Porque eu já vi todos os livros que tinha lá. Aí então...”* Insisti sobre os computadores que ficam na biblioteca e ela disse: *“Eu mexo poucas vezes. Mas... é porque ali é muito assim... a gente gosta de mexer em tudo, mas... em redes sociais e tudo... e aqui é mais, né... aqui não entra.”* A seguir, ela complementou dizendo que: *“É mais pra pesquisa. Ou então... aí, às vezes... já tem um tempinho que eu não vou.”* Ela informou que já chegou a usar os computadores da biblioteca da EMAVP por iniciativa própria: *“A última vez que eu fui, eu estava procurando uma pesquisa por conta própria, tava procurando livros, aí estava procurando livro. [...] Eu estava procurando é... uns livros interessantes. que eu gosto de ler.”*

Procurei saber com Estéfane qual o uso ou utilidade do computador que mais lhe desperta o interesse. Ela falou o seguinte: *“O que mais me desperta? Em pesquisar alguma coisa? [...] Ah, eu gosto de... de... procurar músicas, baixar músicas.”* Já em relação ao smartphone: *“Bom... eu olho muito no Google, né. Tudo que a gente vai procurar no Google e... entro muito também no... não muito, mas entro, no Face.”*

Perguntei à Estéfane se ela teria alguma opinião sobre o porquê de alguns educandos utilizarem as tecnologias digitais e outros, não. Ela respondeu o seguinte: *“Ah, tem alguns que falam que não gostam, que não têm nem celular. E*

outros já... *Pra ser sincera, gostam, todo mundo gosta, né. Não sei como é que alguém não gostaria.*” Fiz a mesma pergunta em relação aos professores, mas Estéfane disse não saber as razões.

Estéfane disse que faz uso das tecnologias digitais em sua socialização. Ela disse ter o hábito de usar o Facebook e o email. Perguntei se também usa o Instagram e ela respondeu: *“Não. Eu baixe, mas quase não uso não.”* Perguntei se ela utiliza o Whatsapp e falou que: *“Também. É o que eu mais uso. É mais rápido e mais prático, né?”* Procurei saber com a educanda sobre o grupo de Whatsapp da turma, que relatou o seguinte: *“A gente troca informações, passa algum recado dos professores. Igual, vai ter prova, né, tá faltando gente, comunica, comunica quando tá passando algum trabalho, comunica igual o dia que não tem aula, a gente é... a gente comunica.”* Perguntei se eles costumam repassar conteúdos trabalhados em sala de aula, fazendo a troca de informações entre eles, que respondeu: *“A gente costuma trocar também é... tem uns que tiram foto e posta.”*

Durante as observações, verifiquei que a educanda Estéfane é muito frequente às aulas, o que foi confirmado por ela. Perguntei a ela se também tem o hábito de alimentar essa rede formada pelo grupo de Whatsapp da turma, com fotos do que é trabalhado nas aulas, por exemplo. Estéfane respondeu: *“Não, eu nunca... se eu tirei foto foi uma vez, não sou muito de tirar foto não.”* Perguntei se a sua participação no grupo seria mais acompanhando curso das informações ou se também coloca informações no grupo. Ela respondeu que também posta informações no grupo e, quando falta às aulas, pede ajuda a alguém do grupo.

Perguntei à Estéfane se ela recebe dos professores materiais de aula e ela disse que: *“Passa também. [...] É só a gente precisar e pedir. [...] Mas no nosso grupo, só tem dois. [...] Só duas professoras.”* Pedi que ela falasse sobre essa troca entre os educandos no grupo de Whatsapp, se ela oferece aos demais educandos algum tipo de orientação a distância, para alguém que possa ter perdido alguma coisa ou que está com alguma dúvida, se eles perguntam, se ela oferece essas informações pra eles. Estéfane falou: *“No grupo? A gente tenta, né. Um ajudar o outro e tal.”* Perguntei se os educandos têm outro grupo no Facebook ou outra rede social e Estéfane respondeu que não e que é: *“Só no Whatsapp.”* Procurei saber com Estéfane se, a partir do uso das tecnologias digitais para questões relacionadas

à escola, surgiram outros ambientes para estudo, além da escola e ela disse que sim, como em casa.

As perguntas previstas para a entrevista se encerraram e perguntei à Estéfane se teria mais alguma coisa que se lembrou, relacionada às tecnologias digitais e à aprendizagem, que eu não tenha perguntado e ela disse que não havia mais nada. Assim, encerramos a entrevista, que teve a menor duração entre as 18 entrevistas.

5.2.18 Entrevista de Alan

O educando Alan, da EMAVP, não havia preenchido o questionário com as informações iniciais, pois havia faltado no dia em que apliquei o questionário e também não foi às aulas seguintes. Então, durante a entrevista, além das perguntas prevista para esse evento, foram acrescentadas outras que eram do questionário e que fizeram parte da entrevista.

Durante a nossa conversa, Alan revelou que tinha 26 anos de idade e que começou a estudar na EJA recentemente: *“Ah, eu comecei esse ano, né. Em fevereiro, mais ou menos. [...] Na EJA, é. Já tentei estudar na escola normal, depois que eu parei, mas não dá certo. Eu trabalho... não dá certo.”* Antes de estudar na EJA, Alan conta que: *“Eu estudei até o primeiro ano, né. Mas eu fiquei parado uns quatro anos.”* Ele não havia interrompido os estudos, desde o Ensino Fundamental até o 1º ano do Ensino Médio: *“Vim direto.”* Perguntei se a razão dele ter interrompido os estudos foi o trabalho e Alan respondeu que: *“Não, eu sempre trabalhei, eu trabalho desde os 15. Fichado, eu trabalho desde 15, aí é... aí começou a ficar pesado, aí também... eu nunca fui fã de escola, aí eu falei: ‘– Ah...’ [...] Parei um tempo.”* (ALAN).

Alan informou que está trabalhando e que tem computador em casa. Perguntei se o equipamento que ele possuía em casa era melhor, pior ou igual o que tem na escola. Ele respondeu que o que tinha era *“Muito melhor. Sem dúvida.”* Perguntei se considerava melhor em termos de capacidade, velocidade ou o que. Alan disse que era: *“Em todos os aspectos.”* Disse que utiliza o computador com frequência, diariamente, e mais em sua casa. Contudo, esse uso: *“Se somar tudo, entre trabalho e casa, deve dar aí umas três horas por dia.”* Perguntei ao Alan se

tinha algum smartphone e ele disse que sim e que usava várias vezes ao dia, pois: *“Trabalho na rua e aí, pra mim é muito útil mesmo.”* Perguntei a ele sobre o uso computador, com mais frequência para fazer o que, de forma geral. Alan relatou o seguinte: *“Eu leio muita notícia, rede social, às vezes quando o professor passa alguma matéria, aqui alguma coisa que a gente não entende direito, a gente dá uma pesquisada do Google e entende melhor. [...] Complementa.”* (ALAN).

Em relação ao uso do smartphone, perguntei como ele usa e com mais frequência para que. Ala respondeu: *“Ah, é mais pra rede social, é deslocamento, entendeu? Algum endereço ou então alguma coisa que a gente estiver precisando na hora, ali, no celular é mais fácil, que a gente tiver, né. Uma peça, alguma coisa.”* Perguntei ao Alan se ele trabalha no trânsito, na rua, e ele respondeu: *“Trabalho no trânsito, eu sou motorista. Aí, qualquer coisa precisando, o celular já resolve também. Em banco, transação bancária, tô recebendo um dinheiro, pagar alguma coisa, é muito mais fácil.”*

Perguntei ao Alan por que estava estudando na EJA e ele respondeu:

“Ó, eu nunca fui fã de escola, cê sabe. Mas é... eu entrei no meu trabalho, comecei a trabalhar nesse ano, não no ano passado, aí meu patrão também me deu muita força pra mim estudar, voltar a estudar. Aí, depois eu pensei melhor: ‘– ah eu não vou ser motorista pro resto da minha vida, eu quero fazer... eu quero ser alguém na vida, né.’ Aí eu voltei a estudar. É próximo do meu serviço. Aí eu trabalho durante o dia e depois venho pra escola.” (ALAN).

Alan disse não ter dificuldades na utilização de tecnologias, de forma geral e para as atividades de escola. No uso de programas de computador, também falou se tem dificuldades: *“Não. Só preciso ter o primeiro contato, se eu nunca tiver mexido. Mas eu tendo o primeiro contato, eu acabo descobrindo tudo, né, e resolve.”* Sobre baixar e instalar programa ou aplicativos no computador, Alan disse não ter obstáculos: *“Desde pequeno eu sempre... eu pego, eu sempre tive acesso à internet, eu sempre fui... sempre fui muito curioso. Então, aí eu sempre aprendi tudo muito rápido.”* Quando conversamos sobre configuração de internet e de equipamentos, como o computador, o smartphone ou a impressora, perguntei ao Alan se ele tinha dificuldades com isso, que falou o seguinte: *“Quer formatar o computador?”* Perguntei se também sabia formatar e ele respondeu:

“Tranquilo e calmo. Manutenção, eu monto, brinco, peça queimou eu tenho meio de verificar que peça queimou, porque eu fiz uma parte... eu fiz um tempo de curso de eletrônica, que me ajudou muito nessa parte também. Eu

consigo descobrir, pego um voltímetro e vou medindo, eu consigo achar rapidinho assim.” (ALAN).

Perguntei ao Alan se esse curso de eletrônica ele fez depois que interrompeu os estudos na escola e ele falou o seguinte:

“Foi depois que eu parei. Foi no intervalo que eu parei, que aí eu entrei numa empresa de... eu trabalhava numa... numa fábrica de tecidos. Aí, dessa fábrica de tecidos eu fui trabalhar numa... é... que mexe com equipamento topográfico. E lá, tem assistência técnica, né. Aí, lá em entrei como... ajudar, assistente, né. Só que aí, como eu já era da oficina, né, que eles mexiam com equipamento topográfico, é... laser scanner, essas estação total, faz medida de... no sei o que. Aí eu me interessei muito com a parte de eletrônica, aí ele falou: ‘– Faz o curso.’ Aí eu fiz o curso, aí... só que também eu... não fui pra frente, que eu... eu era muito complicado. Mas o básico, assim, o bem básico, eu aprendi muito pouco. Lá também, com equipamento, o uso direto com eles lá, eu aprendi muita coisa. [...] Aí, de lá eu saí.” (ALAN).

Quando perguntei ao Alan se, quando tem dificuldades com uso das tecnologias, tem o hábito de pesquisar, ler manual, tutorial, para lhe ajudar a alguma coisa, ele falou que: *“Recorro à própria internet. [...] Mas é o modo mais fácil.”* Perguntei se sua recorria a vídeo ou texto e ele respondeu que preferia: *“Vídeo. Vídeo é mais fácil.”* Quando perguntado se também tem o hábito de pedir ajuda para outras pessoas, quando tem dificuldade, Alan disse: *“Ó, raras vezes. Algumas das vezes eu pergunto também.”* Perguntei se, geralmente, tem alguém em especial a quem ele pergunta e Alan relatou o seguinte:

“Ah, tem alguns amigos meus, igual desse antigo serviço mesmo, o pessoal era bem cobra mesmo, né, aí eu tenho amizade com eles até hoje. Às vezes, quando eu preciso de alguma coisa, assim que é mais puxado, que eu não entendo, aí eu entro em contato no Whatsapp, no Facebook ou alguma coisa e pergunto: ‘– O fulano, você sabe isso assim e tal.’ Aí ele: ‘– Ah, não, eu vou ver aqui e te falo.’ Aí, rapidinho a gente encontra o que precisa.” (ALAN).

Quando tem dificuldade no uso das tecnologias digitais, Alan não desiste da atividade requer a tecnologia desejada:

“Não. Só se for alguma coisa muito banal, que eu não vá precisar daquilo mesmo, que eu tava fazendo só por... só pra mim saber, só pra mim entender como funciona, se eu não for precisar, né. Mas, se eu for precisar e eu achar aquilo muito interessante, eu vou até o fim, aí eu vou começar a procurar aquilo de algum ponto pra gente saber.” (ALAN).

Segundo Alan, o uso ou utilidade do computador que mais te desperta o interesse é para: *“Aprendizado. Pra aprender, com o computador. Tudo, até o que*

não deve.” Pedi a ela que falasse um pouco sobre esse processo de usar o computador pra aprender e Alan relatou o seguinte:

“Ah... vamos supor assim: ‘– Eu quero aprender como é que se fabrica essa marca de cadeira aqui, que a gente está sentado.’ Aí, eu vou na marca, eu olho a marca ou então, vamos supor assim: ‘– Se eu quiser comprar alguma cadeira dessa aqui, aí não tem ela em Belo Horizonte.’ Aí, eu vou e olho a marca aqui, né, aí eu jogo a marca no... no Google. Aí, ele vai me falar e eu vou puxando, da marca eu puxo pra fábrica, de lá eu já consigo ver os materiais que eles utilizam, o tipo de parafuso que eles utiliza, aí eu falo: ‘– Ah, tá, então se eu comprar esse parafuso aqui, comprar esse tipo de plástico, eu consigo fazer uma cadeira dessa.’ Mais ou menos por aí.” (ALAN).

Em relação ao smartphone, perguntei ao Alan qual seria o uso ou a utilidade que mais lhe desperta o interesse. Alan respondeu:

“Praticidade. Primeiro lugar, praticidade. Que hoje em dia, pra mim o smartphone é um... é um computador. Dá pra fazer tudo que um computador faz, um celular faz hoje. Então, é a praticidade de você poder carregar um computador no bolso e resolver qualquer problema onde você tiver. [...] Mobilidade e praticidade. [...] [Usa] bastante pra deslocamento. Às vezes eu tô num lugar e eles falam: ‘– Procura isso aí pra mim no Centro.’ Aí... compras, aí: ‘– Onde é que eu vou achar isso?’ Aí você vai lá no Google, pesquisa rapidinho. ‘– Ah, é em tal rua assim, assim, tem ele.’ Aí, cê vai lá e compra.” (ALAN).

Perguntei ao Alan se, depois que começou a estudar na EMAVP, se sentiu mais estimulado ou encorajado para usar o computador e o smartphone em questões ligadas à escola. Ele respondeu:

“Com certeza. Às vezes tem muita... a gente tem aula de Informática, a aula que é lá na Informática, né. A professora quer explicar alguma coisa pra gente pesquisar na internet, aí ou ela dá um exercício, aí a gente consegue fazer ali. Faz o rascunho, faz a anotação lá e manda no meu email, por exemplo, eu mando no meu email, chego em casa, eu abro o meu email novamente e vejo lá o que que eu preciso, ou às vezes eu começo a fazer um exercício aqui e acabo de terminar ele em casa, aí... é muito bom.” (ALAN).

Alan revelou que estuda na EMAVP porque é perto do seu trabalho: “*Isso. Arrumei escola perto do serviço.*” Perguntei a ele se, com o uso das tecnologias digitais para questões da escola, foram criados novos espaços de aprendizagem com o uso das tecnologias digitais. O educando responde que:

“Muitas. Por quê? Entra praticamente o mesmo... a mesma coisa que eu já tinha te falado. Por quê? Às vezes eu preciso fazer alguma coisa, o professor me fala: ‘– Ó, Alan, pra próxima aula você faz isso.’ Bom, como eu trabalho, aí às vezes eu não tenho tempo, porque eu moro lá em Neves, daqui na minha casa dá quase uma hora de moto, andando muito rápido. Aí, pra mim chegar em casa e ainda pegar, fazer exercício, aí que

hora que eu vou dormir? Pra levantar no outro dia e chegar aqui no Gutierrez 8 horas. Aí, às vezes eu começo em casa, eu durmo um pouco mais cedo ou começo aqui na escola, termino no serviço ou termino em casa e assim... o final de semana também é muito mais proveitoso tendo a tecnologia, hoje, igual tá, né?” (ALAN).

Perguntei ao Alan se teria alguma opinião do porquê de alguns educandos utilizarem as tecnologias digitais e alguns não as utilizarem. Ele comentou:

“Olha, eu acho que é um pouco mais é... por falta de conhecimento. Falta de conhecimento por quê? É um mundo totalmente mais fácil, mais interessante, sabe? Antigamente, eu lembro que na minha época de uns 15 anos, pra um professor explicar uma aula de Química ou Ciências, ia desenhar lá o... uma célula mitocôndria lá no quadro lá, é... desenhava com aquele giz lá, de qualquer jeito, você nunca ia imaginar como que era aquilo não. Hoje, não. Hoje, o professor durante uma aula, ela pode ligar um projetor e te mostrar lá a célula, como é que ela movimenta, quais partes dela, dependendo do tipo de... de projeção que o professor tiver, ele consegue aumentar mais trezentos por cento, aquilo estimula muito o aluno. Aí, eu acho que quem não usa, é porque não entende e não conhece. Porque quem conhece e entende, é lógico que vai querer usar. Porque é muito mais fácil do que compreender uma coisa, você tá vendo, você entende muito melhor como aquilo funciona e através da tecnologia, hoje.” (ALAN).

Em relação aos professores, também pedi a opinião do Alan sobre o porquê que alguns utilizarem as tecnologias e alguns não as utilizarem. Ele avalia que:

“Também falta de conhecimento. Até por parte dos professores. Que a tecnologia... eu acho que... pra é... pra pessoa ter um bom conhecimento, entender, ter uma certa facilidade pra dominar aquilo, ele tem que ter um certo tempo que ele já mexe com aquilo, sabe? De, tipo assim, desde mais novo, vamos dizer assim, né. Aí, geralmente o professor, ele aprendeu, mas... à base do pó de giz ali. Ele conhecia muita coisa que hoje, né, vamos dizer assim, às vezes o professor já passou é... Quanto tempo o professor dá aula ali? Antigamente, o professor ele sabia o que ele tinha que fazer de giz, hoje não. Ele sabe que pode projetar alguma no quadro, entendeu? Aí, aquilo pra ele se torna o que? Diante do... eu acho assim, na minha opinião, diante do aluno, aquilo pra ele se torna um desafio, porque ele sabe pouco, como é que eu vou fazer isso? Aí, o professor tem que entrar num curso de Informática, pra ele aprender. Aí, é onde que isso... não vou dizer má vontade, mas dificuldade como professor. Porque eu acho assim, a tecnologia é muito boa, mas pra ela entrar na cabeça é... aliás, qualquer um, eu acho assim, qualquer conhecimento que ele entrar na sua cabeça, depois de mais velho, é mais difícil, porque desde pequeno é muito mais fácil. Eu tenho um sobrinho, ele tá com... 5 anos é... o menino, ele mexe no tablet, assim, como se não fosse nada. E por quê? Eu acho, assim, ele tem as peças assim desde pequenininho, ele você põe um celular na mão dele para ele brincar, hoje ele... qualquer jogo... [...] ‘– Baixa esse jogo pra mim?’ Ele baixa o jogo, assim, com uma facilidade, assim, tremenda. Pra mim, fácil. Mas o que me impressiona é pelo tamanho que ele tem, sabe? E a facilidade dele, assim, de... entender aquilo, assim, qualquer jogo ele pega e joga, às vezes até algum joguinho que eu tô jogando, assim, e eu: ‘– Nó [...] passa essa fase pra mim.’ E ele passa, por que eu acho... aí é que tá, ele desde pequeno, ele tendo acesso àquilo, ele vai crescer mentalmente e fisicamente sempre tendo... dominando a tecnologia, entendeu? Qualquer coisa pra ele, nada vai ser

desafio, é uma parte que pra mim eu entendi desse jeito. Porque desde pequeno... desde vamos ver... desde os meus 10 anos, tudo sempre que envolve tecnologia, sempre me interessou. Mas como eu tive acesso desde pequeno e como eu não tinha é... vamos dizer assim, eu não tinha uma condição financeira muito boa, quando eu era pequeno, se meu computador desse problema, em não tinha... vou virar pra minha mãe: ‘– O mãe, manda arrumar pra mim.’ Porque minha mãe não tinha uma condição boa, eu tinha que me virar, aí que eu fui aprendendo, desmontava, aí eu ia procurar saber: ‘– Como é que funciona isso aqui, fulano? Parou de funcionar.’ ‘– Ah, tem que trocar essa peça aqui.’ Aí, eu fui dominando aquilo. Era assim, pra formatar um computador eu tinha que pagar setenta ou oitenta Reais pro cara formatar um computador pra mim, sendo que é só você copiar um CD e você mesmo formata aquilo assim, a pessoa numa hora o computador... ele faz o processo sozinho. Aí aquilo... aí, quando você vê que você fez, você fala: ‘– Poxa! Uma coisa tão simples e o cara cobra um absurdo desse, pra fazer uma coisa tão simples.’ Eu acho que é interessante essa tecnologia, você dominar ela. E você, quanto mais cedo, eu acho, você tiver acesso à tecnologia, é muito melhor de você dominar ela. [...] Tanto que os... tem uns professores mais novos hoje, que eles entendem muito bem, a aula é muito mais produtiva, por quê? O professor domina mais uma internet, ele sabe entrar no Google e pesquisar lá uma coisa que ele quer passar pra turma, entendeu? Assim, às vezes ele tem um tema lá no livro que ele tem que seguir e lá no livro está daquela forma, vamos dizer assim, um pouco meio antiga. Mas ele sabe que se ele fosse pesquisar no Google ali, ele vai achar um... uma maneira mais intuitiva, mais interessante, mais fácil de entender do que aquela ali. Aí ele vai lá e pesquisa, faz a formatação, uma folha, imprime e entrega pro aluno, né. O aluno anima. Por quê? Porque é muito mais fácil de entender com a tecnologia, mais evoluído, um tipo de desenho ou alguma coisa assim, do que o giz. Entendeu?”(ALAN).

Dentre as redes sociais que Alan utiliza, a primeira citada foi o Facebook. Perguntei pelo Instagram e Alan disse: *“Ah, não. Muito pouco. Tenho, mas não uso.”* Em relação a outras redes sociais, disse: *“Whatsapp. Uso muito o Whatsapp. [...] Email também. Muito.”* Perguntei ao Alan se ele conhecia a existência de algum site que facilitasse o uso de computadores para aprender alguma coisa ligada à EJA, pela internet. Ele disse que: *“Não. Deve ter, eu nunca procurei saber não.”* Perguntei se tem experiência no uso de algum site ou programa ou ambiente virtual de aprendizagem, independente de estar relacionado com a escola, em que ele utilizasse aprender algo, usando o computador. Alan falou o seguinte:

“Bom, sempre eu... antes eu é... sempre tive o acesso assim, se eu preciso de um tema, vai naquele tema, que tem uns sites que é próprio pra estudo, né? tem é... o Wikipédia. O Wikipédia é bom porque ele é completo demais, só que o Wikipédia é muito extenso, porque ele procura muito a fundo, coisa que você nem necessitava saber: ‘– A cor da cueca que o cara nasceu, procê vê’. Ele põe lá: ‘– A cor dela era vermelha.’ Não tem precisão de eu saber que cor que era a cueca do cara não. Aí, também é muito construtivo. Wikipédia, tem é... Infoescola, tem Escoladegente’ tem muito site, sabe? Um outro que me chamou muito a atenção, achei bem intuitiva, agora que eu fiz há pouco tempo, foi o... o site do ENEM, agora do MEC, que saiu do INEP, né, eu... que eu fiz o... eu fiz o cadastro, fiz o simulado, até pra me preparar pro ENEM, achei muito

interessante, foi um site, assim que me surpreendeu, porque é uma coisa do governo, né? Você sabe que governo não... não liga muito pra educação. Então, eu... na minha opinião, eu achei que ficou uma coisa, assim, bem intuitiva, bem prática, pra pessoa... mesmo que a pessoa tiver um pouco de conhecimento de informática ou tecnologia, ele vai conseguir se dar bem, tirando o simulado.”^{208,209} (ALAN).

Alan havia feito a prova do ENEM recentemente. Pergunte a ele como acha que se saiu na avaliação. Ele respondeu: *“Ah, sai de lá com a cabeça explodindo, cara. Muito difícil. Muita coisa eu sabia, mas tinha coisa lá que eu nunca vi na minha vida. Mas deixa pra lá.”* Sobre o que usou para estudar pela internet, perguntei a ele se havia baixado algum aplicativo do ENEM no seu smartphone e Alan respondeu:

“Não, não vem no smartphone porque às vezes saía alguma coisa... quando o simulado foi 4 ou 5, sei lá... 6, aí quando liberavam o simulado eles mandavam no aplicativo falando que você já podia fazer outro simulado, mas era mais chance você fazer no computador, né. Aí você podia ficar sentado, tranqüilão, no computador, aí... porque tem um horário , tempo. [...] Me ajudou bastante. Porque muitas dúvidas que eu tinha, às vezes eu via uma questão, marcava aquela questão, depois que eu terminava o simulado, eu ia pesquisar sobre aquilo, que era uma postura pra tirar... falar... e eu ia pesquisar sobre aquilo, pra mim ver se... o que que eu ia entender daquilo, o que que era aquilo pra mim, porque eu não sabia, entendeu?” (ALAN).

Quando perguntei ao Alan se há alguma atividade da escola que dependa do uso das tecnologias digitais ou se ele conseguia fazer todas as atividades sem essas tecnologias, o educando respondeu:

“Algumas têm. [...] É, algumas coisas tipo... umas coisas, às vezes algumas coisas é... já vi quando era mais novo, mas não lembro muito bem, aí o professor explica ali, eu... aquilo vem vagamente na minha cabeça, aí chega em casa, vou lá no computador e dou uma olhada [...] É mais é pra complementar, porque a gente... o começo... a base é que é aqui, né. A base mesmo, pra gente começar tudo é aqui na escola. Aí a escola passa, às vezes, não dá tempo, a professora explica lá, a gente entende mais ou menos, mas sempre fica aquela duvidazinha. Em casa, chego, tomo banho e relaxo, se senta lá na frente do computador e vai olhar e ver o que que a professora tava falando. Aí, aquilo você vai lendo e vai lembrando tudo e volta. [...] É mais é leitura, às vezes você vê um vídeo pra entender melhor alguma coisa assim, entendeu?” (ALAN).

Perguntei a ele se, quando falta às aulas, recebe dos professores ou de outros estudantes material sobre a aula que perdeu. Alan conta o seguinte:

“Olha, aqui na nossa sala, o pessoal, vamos dizer assim, como trabalha e muitos tá desistindo... mas no comecinho do ano, quando eu entrei, tava bem bacana. A gente montou um grupo de Whatsapp, aí quando o pessoal faltava, às vezes era uma coisa interessante, uns tirava foto do quadro e

²⁰⁸ <http://www.infoescola.com>

²⁰⁹ <http://www.escoladegente.org.br>

jogava no grupo. Aí, todo mundo conseguia copiar, na próxima aula, tava praticamente todo mundo junto de novo, mas é... aí o pessoal foi desistindo, foi desanimando, foi parando, aí a gente sempre... mas ainda acontece, né: ‘– Gente, tal dia assim, assim, assim, vai ter um exercício avaliativo da professora.’ Os próprios professores pede pra fazer isso, falar com os demais alunos, pra falar: ‘– O gente, avisa o pessoal pra vim na aula, que tal dia assim, assim vou dar um exercício avaliativo.’ [...] É mais um lembrete assim.” (ALAN).

Perguntei se os professores também participam desse grupo de Whatsapp e Alan disse que: “*Alguns dos professores, sim.*” Sobre as pessoas que geralmente alimentam esse grupo com informações, Alan falou que: “*Varia. Não tem sempre aquele assim fixo não. Tem a cada hora... às vezes tem um que vem, mal ou certinho, aí depois ele falta uma semana, depois ele vem de novo e vai.*” Alan contou revelou que também tem o hábito de alimentar esse grupo com informações:

“Tenho. Sempre eu tenho, porque às vezes os professores me pedem: ‘– O Alan, avisa lá que tal dia eu vou dar exercício.’ Ou, às vezes, eu não venho, aí: ‘– Gente, o que teve na aula ontem?’ Sempre tem aquele que veio e fala: ‘– Oh, teve isso e isso.’ Aí, às vezes, chega assim e pega o caderno emprestado, copia o que quer. [...] Peço ajuda também. Com certeza. [...] Tira foto e a gente copia, né. Porque geralmente é um exercício que a pessoa deu e na próxima aula ele vai dar visto. [...] Aí a gente já tem que trazer pronto. Ou então você copia aqui na sala aqui, que os professores não são ruim, sabe? Eles falam: ‘– Ó, nós entende que todo mundo trabalha, todo mundo tá cansado.’ Aguentar um dia todo de trabalho e depois cê sair daqui... sair do serviço e vim aguentar aqui três horas de escola, é fogo. Depois de um dia de serviço, é fogo. Aí, os professores entendem, eles conversam: ‘– Não, beleza, a próxima aula você me entrega, tal, vamos seguir a aula aqui pra você não ficar perdido, mas você já sabe fazer isso aqui, na próxima aula você me dá isso.’ Aí cê tem que dar um jeito, você copia no serviço, copia no ônibus.” (ALAN).

Perguntei ao Alan se, pelo que se conhece, caso não existisse esse grupo, se ele já teria desistido da escola novamente. Alan respondeu: “*Ah... não vou dizer diretamente o grupo não, acho mais a turma em si mesmo. Que a gente tem o contato melhor. Assim... aqueles que vêm mais na escola.*” Então, perguntei se ele achava que, com o contato pessoalmente ao invés do virtual, fazia mais efeito para que não desistisse de frequentar a escola. Alan respondeu o seguinte:

“É o contato pessoal. Até que no... o no grupo ajuda pra caramba, ajuda muito mesmo, também. Mas eu acho que assim, igual a gente conversa: ‘– O gente, nó...’ Porque muito igual, a gente tinha muito problema aqui com alguns professores, que aí alguns alunos não dava certo com os professores. Que sempre tem aqueles alunos que vem pra bagunçar, eles... o cara não vem pra estudar, aí eu não entendo, o cara ficar o dia inteiro à toa, sem trabalho, não sei, depois vim pra cá, ainda de noite, e ficar até 10 horas da noite aqui pra bagunçar. Aí, foi... foi se autoeliminando, igual meu patrão sempre falava comigo: ‘– Alan, preocupa não.’ Que às vezes eu reclamando: ‘– Nó, que cara bagunceiro, que cara

mal encarado.’ Aí, ele sempre falava: ‘– Alan, não preocupa não, que com o tempo, o tempo vai selecionando quem tá lá pra estudar e quem tá lá pra bagunçar.’ Aí, realmente foi acontecendo isso, gente. Aí, a gente foi vendo que o problema não era com os professores, era com os alunos, que muitos alunos entendiam: ‘– Professor e tal, que alunos sem noção.’ Aí, foi indo e foi desenvolvendo. Aí, a gente começa a perceber: ‘– Nó, gente, como que aquela pessoa dá aula bem, heim.’ ‘– Nó o professor estimula a gente, dá a maior força.’ ‘– O, professor, eu não consegui fazer isso aqui em casa não.’ O professor: ‘– Não, não tem problema, na próxima aula você me entrega, mas me entrega.’ Entendeu? Eu acho... ‘– Não, na próxima semana você me entrega, faz no final de semana, entendeu?’ Ajuda muito. Ou às vezes, você pergunta o professor até pelo Whatsapp, já teve caso de eu perguntar o professor aqui: ‘– Eu não entendi aquele negócio lá não e tal.’ Aí, ela: ‘– Ó, pera aí que eu tô...’ Às vezes a pessoa tá no ônibus ou ela tá fazendo alguma coisa: ‘– Pera aí que eu vou te explicar.’ Aí a professora explica ou manda uma foto, manda um... um lugar que você pode pesquisar, um site pra você pesquisar ou um link, qualquer coisa que você precisar aí, pra você entender. [...] Já tive já. Já tive. [...] Ajudo. Porque às vezes, quando eu venho que aí alguém pergunta, por exemplo: ‘– O que é que teve na aula?’ Falo: ‘– Ó, o professor fulano de tal deu isso, isso e isso.’ Às vezes eu tiro foto, mando. Na hora mesmo, vai apagar: ‘– Não professora, pera aí, não apaga não, deixa eu tirar uma foto aqui pra mandar pros meninos do grupo.’ A gente manda, quando eles dá uma folha à gente: ‘– Essa folha aqui é pra fazer tal dia, vai valer tantos pontos.’ Quase... muitas das vezes também tem trabalho de campo, aqui que é fora, aqui na região nossa de Belo Horizonte, é a gente sai, a gente: ‘– O pessoal, hoje não tem aula na escola, nós estamos em tal lugar assim, assim, vai valer ponto.’ Aí, né, invés do pessoal... o pessoal vim pra cá, vai pra lá. Vai direto pra lá, entendeu? [...] Às vezes um entende uma coisa, o outro entende de outra, aí sempre pergunta o professor, o professor que entende certo e fala com a gente aí.” (ALAN).

Quando terminamos com as perguntas previstas para a entrevista, indaguei Alan se teria mais alguma coisa que eu não perguntei e que ele se lembrou ou que quisesse falar e não teve a oportunidade. O educando complementou e enriqueceu a entrevista com muitas outras opiniões a respeito:

“Ah, eu acho que ainda o... vamos dizer assim, a escola, o... o sistema, o governo ainda carece muito de tecnologia. Tem muita coisa atrasada, muita coisa ruim, que o governo poderia melhorar, que ajudaria muita gente e o governo não investe, sabe? Não investe assim, em infraestrutura. É por ser, tudo que é governamental, meu amigo, vou cê sincero procê, não funciona. [...] Porque é o governo que mantém a escola. Tipo assim, igual vou te dar um exemplo aqui: às vezes o professor tá explicando a matéria lá e o próprio professor fala com a gente: ‘– O gente, dá uma pesquisada no celular aí pra gente ver como é que é que funciona ou como é que é isso aqui.’ Igual ontem, a professora de Português tava dando um negócio sobre uma música, ela: ‘– Gente, vê aí quem consegue escutar, pra gente escutar a música aqui.’ Aí o que é que acontece? Se a gente não tiver um 3G, não tem como. Por quê? Tem o wifi, tem o BH_Digital da Prefeitura, mas te falou que funciona? [...] É uma merda, sô! Você conectava, não carrega não. Se carregar, aí a professora que tá explicando a aula, vai acabar, ter o sinal e não terminou de carregar ainda não. [...] Aí, o que é que acontece? Aí é o que falha, porque o governo não dá atenção pra aquilo. Porque é uma coisa é... é público, então... é público, então ele vai preocupar com o que? Na casa dele tem lá

uma NET de 30 Giga lá, numa boa lá, pra usar a hora que ele quiser, wifi, roteador de 300 lá, de boa. Mas aí? Mas aí, o que é que acontece? Às vezes, assim, aí entra tipo uma corrupção. Por quê? O governo paga por aquele serviço, ele paga pra fazer bem feito. Mas quem presta o serviço, não faz bem feito. Igual, você vai, vamos supor, vou te dar um exemplo, na Praça da Liberdade: na Praça da Liberdade tem também esse sistema, todas as praças de Belo Horizonte tem esse sistema de BH_Digital, da Prefeitura. Você vai na praça... Cê vê na Praça da Liberdade, cada ponto de roteador ali, cada ponto de roteador deve ter ficado no básico, por baixo assim, cinco, seis mil Reais um ponto de roteador na Praça da Liberdade. Mas funciona? Não funciona! A Prefeitura paga. Com certeza ela pagou os cinco, seis mil pra alguém fazer, fazer e colocar o ponto de wifi lá. Mas quem colocou, colocou de qualquer jeito. Aí, falta assim, a Prefeitura é... criar uma coisa assim pra investir, olhar se tá funcionando, se tá conectando. Tudo bem que hoje também tem muitos jovens que não usa. Igual você chega lá agora, tá todo mundo caçando Pokémon. Vê se tem alguém lá pesquisando alguma coisa de escola, alguma coisa assim. Mas não também assim, porque o pessoal caça Pokémon, mas por exemplo, ajuda culturalmente, igual muitos dos lugares na... na Praça da Liberdade tem aquele negócio de QR Code, que você lê o código de barra do celular e aquilo te direciona você pra uma página, você consegue visitar muita coisa na internet sobre aquele monumento que você tá vendo ali. Muita tecnologia, lá tem, sabe? Aí, se você não tiver... privar do seu bolso um 3G e tal, você não vai conseguir acessar, entendeu? Aí se você não tiver pago, se você depender do governo, da Prefeitura, meu amigo... Muitas das vezes, as pessoas: '– Gente, vão passar na Informática.' Chega lá, até o computador conseguir conectar ou ele ligar, tem que ligar, a aula já acabou. [...] Imagina aí no caso a professora... igual aqui, essa sala aqui, é tipo um laboratório, né, tem um projetor, imagina, tem um projetor, sistema de som, tem cabo aqui e ali, imagina em uma televisão. Aí, você tá tendo uma aula aqui, aí o professor, que tem o domínio da internet: '– Gente, eu vou olhar, vou mostrar vocês aqui e tal é... uma célula mitocôndria, não sei o que, escambau a quatro.' Um projeto com aquilo ali assim, quem não vai entender? Quem não vai animar com a aula do professor daquele jeito ali? Tanto assim, que a gente já teve algumas aulas assim, que a gente, tudo que a professora falava: '– Gente, pesquisa aí.' O dia que o 3G também tá bom, tem dia também que tá uma merda, assim que não carrega nem a pau. '– Gente, pesquisa aí.' Que a gente foi pesquisando, foi entendendo. Pelo celular, eu... muitas das vezes também eu já disponibilizei é fazer o celular virar um roteador, aí a sala inteira conecta. Só que, como conecta todo mundo também, aí vira uma merda. Mas às vezes, 3, 4, 5 conectado na mesma coisa, ajuda muito, porque aí todo mundo fica entretido com a aula, aí todo mundo anima, anima chegar em casa, ligar um computador, quando a pessoa tem um computador em casa, anima chegar em casa ir já no computador, senta lá e perder mais uma hora de sono ali, mas dormir com um conhecimento melhor, entendeu? [...] Às vezes, nem todos na sala têm acesso ou às vezes tem, mas não tem o conhecimento ou não em assim um... vamos dizer assim, uma intuição, uma animação pra procurar. Você num... Se você tá aqui e tal, tá acolá... Eu vou abrir o computador pra ver aquilo? Só que ele viu a célula lá no quadro lá, desenhada de giz, toda torta, ou de canetão. Mas se ele tivesse visto assim uma projeção aqui, em 3D, de 700 Mega pra cima, o cara ia ficar doído. Entendeu? [...] É um atrativo a mais. Imagina se todo mundo, cada um tem um computador dentro da sala de aula? Aí vai também da educação do aluno, pro aluno querer estudar. Porque não adianta nada o professor ficar lá explicando uma coisa e o cara ficar aqui olhando o Facebook. Entendeu? É cada um tem que querer aquilo e correr atrás daquilo. Mas ia ser uma coisa assim, que realmente o aluno [...] ia aprender com uma facilidade muito maior e mais rápido. Entendeu?" (ALAN).

Capítulo 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, procuramos conhecer como professores e educandos da EJA se apropriam das tecnologias móveis e as utilizam em seu cotidiano, tanto em situações de comunicação e socialização, quanto em atividades de pesquisa e aprendizagem, escolares ou outras de seu interesse ou necessidade.

A sala de aula é um universo para pesquisas. Com os usos das tecnologias móveis, esse universo é ainda maior, tendo em vista que as tecnologias digitais conseguem ampliar o ambiente de aprendizagem. A diversidade cultural dos professores e dos educandos, que são os sujeitos que frequentam esse espaço físico da sala de aula, nos mostra que há uma infinidade de possibilidades de investigação e reflexão. As diferenças culturais não ocorrem apenas entre o professor e o educando, elas estão presentes também entre o grupo de professores e professoras e entre o grupo de educandos e educandas. Cada um carrega consigo a sua cultura e isso traz grande riqueza em uma sala de aula, com os seus diversos sujeitos, cada um construindo a sua identidade e, ao mesmo tempo, formando a identidade do grupo. Com um smartphone em mãos, essa diversidade cultural tem a possibilidade de se ampliar ainda mais.

Para elaborar esta tese, tive como hipótese que os usos dessas tecnologias podem contribuir na formação dos educandos da EJA, tanto os frequentes às aulas quanto aqueles que não conseguem estar tão presentes à escola, devido aos seus ritmos de vida e trabalho. Para isso, procurei conhecer um pouco mais sobre os usos das tecnologias móveis por professores e educandos da EJA, a partir da escola, para procurar compreender como eles se apropriam dessas tecnologias e as utilizam em seu cotidiano em situações de pesquisa, aprendizagem, comunicação e socialização.

Inicialmente, a pesquisa seria sobre o uso complementar das TIC, enquanto recurso didático, na EJA. Contudo, investigação em campo proporcionou algumas mudanças na ideia inicial. Com isso, optamos por investigar sobre “Os usos das tecnologias móveis nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos”. Uma das razões dessa mudança por não localizar experiências concretas em escolas de EJA que usassem as tecnologias digitais de forma sistematizada, enquanto recurso

didático suplementar, de forma a sustentar uma investigação que procurasse entender sobre esse uso. Os usos assistemáticos das tecnologias digitais móveis no campo investigado foram as principais razões à mudança na investigação. Ao me deparar os dados do trabalho empírico, ficaram nítidos que os usos das tecnologias móveis estavam presentes nas salas de aula na EJA e se configuravam como a questão central que levou a este estudo de caso.

As tecnologias analógicas são utilizadas na educação há décadas. Uma delas é o rádio, que foi pensado para também ser usado na educação de adultos, já na década de 1920. Sua utilização para esse fim foi, com mais frequência, por volta da década de 1950. O rádio foi grande propulsor para o uso de tecnologias aplicadas à EJA. No final da década de 1950 e início da década de 1960, os projetores de imagens também eram considerados como avançadas tecnologias empregadas na educação de adulto. Paulo Freire foi um dos propagadores desse uso.

Com a chegada das tecnologias digitais, as mudanças tecnológicas se aceleraram frequentemente. No século XXI, a capacidade de criação dos seres humanos com essas tecnologias tem sido cada vez maior e mais veloz. As pesquisas e as comunicações entre as pessoas têm se beneficiado muito por esses avanços.

Com a chegada das tecnologias móveis, as possibilidades de deslocamento e comunicação têm contribuído para que a comunicação de massa deixe de ser a única forma de levar as informações até as pessoas. A comunicação pós-massiva tem contribuído para uma nova forma de organização de grupos e comunidades, sem a necessidade de pertencerem ao lugar ou região geográfica em que se encontram. O remetente de determinada informação pode surgir de diferentes pontos do planeta. O compartilhamento de informações pode acontecer com muito mais frequência.

A formação de diversas redes sociais levou as pessoas a pensarem em outras formas de se conectarem e desconectarem, o que pode favorecer para que os vínculos entre as pessoas se fortaleçam em determinado momento ou se desfaçam facilmente em outro. As formas como as pessoas se relacionam são, cada vez mais, variadas.

Após a realização da pesquisa de campo, é possível trazer algumas análises e complementações sobre os dados empíricos, considerando-se a pesquisa

documental, as observações de campo e as entrevistas. Isso, sem deixar de levar em conta o que foi trabalhado nos demais capítulos da tese, como a análise dos questionários e a fundamentação teórica sobre as tecnologias em nossa sociedade e os sujeitos da EJA. As análises aqui apresentadas, estarão mais focadas nas observações de campo e nas entrevistas. Nas considerações finais da tese será apresentado o resultado do estudo de caso.

Foi nas escolas públicas que houve mais liberdade o trabalho de campo para realizar as investigações, mesmo sendo bem recebido nas escolas do setor privado. Isso pode ser percebido pelo tempo de imersão nas duas escolas públicas, que foi muito maior do que nas outras duas. As entrevistas com os educandos também foram mais fáceis de serem marcadas e realizadas.

No CEBMFS, uma das razões do pouco tempo de imersão foi por só haver duas turmas, que estavam em processo inicial e intermediário da alfabetização, o que não favorecia um uso mais autônomo das tecnologias digitais pelos educandos. A professora Maria não continuou trabalhando na escola no ano seguinte à investigação de campo. Durante uma única aula de Informática, que acompanhei com alguns poucos educandos para realizar as observações, percebi que as atividades sobre o folclore que acessavam pela internet seriam mais apropriadas a um público infantojuvenil.

No CRRNF, é provável que a pesquisa poderia revelar mais detalhes sobre o uso das tecnologias móveis, caso houvesse mais tempo para imersão em campo. Contudo, eu estava iniciando ao mesmo tempo o trabalho em campo em duas escolas públicas, que apontavam para um trabalho mais duradouro e com mais liberdade de investigação. Isso influenciou no curto tempo para a pesquisa empírica nessa escola. No ano seguinte, a coordenadora da EJA, com a qual eu fiz o contato inicial, precisou ficar alguns meses de licença médica, levando a um afastamento temporário da escola.

Tanto na EFALO quanto na EMAMP, o tempo de imersão em campo foi bem maior e suficiente para uma pesquisa qualitativa, o que possibilitou realizar o estudo de caso sobre os usos das tecnologias móveis nas salas de aula da EJA.

Na EJA da EFALO, pude perceber que os professores e os educandos tinha a liberdade de usar as tecnologias móveis em sala de aula, quando precisavam. Contudo, poucos usavam. Uma das razões do pouco ou nenhum uso dessas

tecnologias é a falta do sinal de internet nas salas de aula. Muitos dos educandos faziam esse uso para ajudar em sua aprendizagem, fora da escola e geralmente em casa, seja no computador, tablet ou smartphone. Algumas professoras indicavam sites para que os educandos pudessem aprofundar em alguns temas trabalhados em sala de aula. Os professores tinham como opção o sinal de wifi, mesmo que fraco, ou os computadores ligados à internet por cabo, tanto na EFALO quanto na universidade. Outros professores optavam por usar também em casa.

Dentre as quatro escolas investigadas, o maior tempo de imersão em campo se deu na EMAVP. Além de poder observar por um bom tempo as rotinas da sala de aula e dos professores, em diferentes locais, em consegui entrevistar todas as quatro professoras que trabalhavam na turma que acompanhei em sala de aula. Não consegui entrevistar dois educandos que me despertaram o interesse investigativo, devido às faltas constantes deles às aulas. Contudo, consegui um bom trabalho com os outros três educandos entrevistados.

O fácil acesso ao blog, ao PPP e ao RE da EMAVP possibilitou uma farta pesquisa documental e o conhecimento da história daquela escola. O uso frequente do Laboratório de Informática permitiu um maior diálogo sobre o uso das tecnologias digitais pelas professoras e pelos educandos da EJA. Outras pesquisas, já realizadas sobre a EMAVP por outros autores, também ajudou a conhecer e analisar melhor a escola.

Havia a proibição do uso do celular ou smartphone em sala de aula da EMAVP, mas existia muita abertura para a sua utilização. Isso ajudou muito no estudo de caso. No corredor das salas de aula havia um cartaz no quadro de avisos citando várias legislações que proibiam o uso do celular na sala de aula, mas isso não impossibilitava o uso do smartphone naquele ambiente. O acesso ao sinal de wifi público e gratuito da PBH, o "*BHDigital_Prefeitura*", poderia ser um facilitador se funcionasse eficientemente, mas não era o que acontecia de fato, já que não se conseguia conectar os aparelhos de tecnologia móvel à rede pública de wifi, mesmo quando o sinal chegava forte ao smartphone, pois apresentava erro durante as tentativas de conexão.

A entrevista com a professora Maria, do CEBMFS, foi a primeira dentre as 18 realizadas. Foi uma entrevista longa que ajudou a orientar as que vieram depois dela. A professora foi muito espontânea em suas respostas. O seu trabalho anterior

como professora na outra escola investigada, a EFALO, foi um propulsor em sua escolha em trabalhar na EJA. Maria falou da importância da formação do professor da EJA, da necessidade da formação para o uso das tecnologias digitais e que não basta ter a tecnologia instalada, é preciso que se criem condições para o seu uso de fato. Ela participa de um grupo de Whatsapp da escola, com professores e coordenação.

A educanda Tábata, do CEBMFS, mostrou em sua entrevista a importância da inclusão digital para os educandos da EJA, inclusive aqueles que estão no seu processo inicial de alfabetização. Tábata parou de estudar ainda criança, antes de concluir a sua alfabetização, após a morte da mãe, quando começou a trabalhar. Ela tem contato com diversas tecnologias digitais, através dos filhos e do seu trabalho, mas não as utilizava. Foi justamente o computador e as aulas de Informática no CEBMFS os grandes atrativos para Tábata voltar a estudar na EJA e frequentar a escola em que sonhou um dia se matricular. O desejo de Tábata e o uso das tecnologias digitais se mostram diretamente ligados à sua evolução no seu processo de alfabetização.

Em sua entrevista, a professora Ana, do CPRNF, falou que está há muito pouco tempo na EJA, mesmo já tendo trabalhado por 20 anos como professora. Como surgiu para ela essa oportunidade, ela pode iniciar uma trajetória nessa modalidade de ensino. Mesmo trabalhando antes com o PRONATEC, Ana não considerava como uma experiência em EJA. A professora vê várias possibilidades de se trabalhar com as tecnologias digitais em sala de aula, mas também aponta as dificuldades vividas nas escolas do setor privado, que impedem esse uso. Ana apresenta algumas resistências no uso de algumas redes sociais, mas utiliza várias delas. Participa do grupo de Whatsapp com a coordenação e professores da escola.

A entrevista com a educanda Cibele, do CPRNF, revela a necessidade dela estudar na EJA para acessar o curso superior e fazer uma graduação. Ela também apresenta algumas resistências no uso de algumas redes sociais, especialmente o Facebook, mas usa a internet com frequência pelo seu smartphone, que é o equipamento de sua preferência. O retorno à escola lhe ajudou a usar algumas tecnologias, como o projetor de slides, depois que aprendeu com um professor como ligar o equipamento. Ana foi quem criou um grupo de Whatsapp de sua turma.

Em sua entrevista, Leonardo, que também é educando do CPRNF, de uma turma diferente de CIBELE, falou algumas coisas em comum a ela, como: voltou para estudar na EJA em busca de acessar um curso superior e fazer uma graduação; Apresenta algumas resistências no uso de algumas redes sociais, por achar que pode afastar aquelas pessoas que vivem mais próximas. O educando tem contato e trabalha há anos com as tecnologias digitais. Ele sugere que as escolas de EJA promovam um maior acesso às tecnologias para favorecerem a inclusão digital.

Na entrevista com a professora Ada, da EFALO, foi possível sabermos que os seus 3 anos de experiência no magistério foram sempre com a EJA da EFALO. Ada vem de uma cidade do interior de Minas Gerais e ainda carrega um pouco do sotaque. Quando veio para a Capital passou a ter um contato mais frequente com as tecnologias digitais. O computador, ela usava há mais tempo, já o uso do smartphone é mais recente. Sempre usou muito o email, especialmente para o trabalho na EFALO, mas passou a usar agora com mais frequência as redes sociais, especialmente o Whatsapp. Ela faz parte do grupo de Whatsapp, juntamente com alguns dos educandos, nas duas turmas em que dá aula. Ela usa o grupo mais para dar informes, mas já orientou a distância uma educanda em um trabalho que fazia para outra professora da turma. Participa de outro grupo de Whatsapp, formado pelos professores e coordenação da EFALO. Utiliza as tecnologias digitais com mais frequência para fazer pesquisas e acessar as redes sociais.

A entrevista com a professora Amália, da EFALO, revelou que ela ainda tem pouca experiência como professora em sala de aula, está há menos de 1 ano. Esse mesmo tempo ela tem na EJA. Amália usa as tecnologias digitais e as redes sociais com frequência, mas não faz parte do grupo dos educandos, justificando que gosta de se preservar na relação com eles e de manter esse contato apenas na escola. Ela participa do grupo de Whatsapp formado pelos professores e a coordenação da EFALO. A professora disse que não gosta de usar o computador, exceto em situações que necessitam do equipamento, como a utilização de um editor de texto. Ela prefere usar o smartphone. Amália gosta de viajar e fotografar. Ela usa seu blog e sua conta no Instagram com frequência para publicar as fotos que tira.

Em sua entrevista, o educando Tomás, da EFALO, falou que era o segundo ano em que estudava na EJA, no Ensino Fundamental, mas que ele já havia concluído o Ensino Médio, décadas atrás. Voltou a estudar para se preparar para

tentar ingressar no Curso Superior e fazer a Graduação. Inicialmente ele foi selecionado por não usar as tecnologias digitais, mas a entrevista revelou que ele usava bastante o computador em casa para fazer pesquisas na internet, mas tinha aversão ao smartphone. Ele já teve um e não se adaptou. Tomás é a pessoa mais velha, dentre as 18 entrevistadas.

Durante a entrevista com a educanda Alice, da EFALO, ela revelou que deixou de estudar quando criança, antes mesmo de se alfabetizar. Trabalhava como empregada doméstica e foi a filha de uma de suas patroas que a ensinou a ler e escrever. Depois, continuou estudando pela televisão, através do Telecurso 2000. Alice já estuda na EJA há 5 anos, sendo 2 na EFALO e outros 3 no CEBMFS. Ela pretende fazer o curso superior. Foi só depois de adulta que Alice começou a usar o computador e as redes sociais, durante o tratamento psicológico que ela ainda faz, pois tinha muita dificuldade em se relacionar com as pessoas. Hoje, ela participa de várias redes sociais, usa computador e smartphone. Ela faz parte do grupo de Whatsapp da turma, com educandos e professores. Ela revelou que chegou até a criar outro grupo, só de educandos, mas que as mensagens a incomodava e, então, Alice cancelou esse outro grupo.

Na entrevista com a educanda Nanci, da EFALO, ela falou que estuda na EJA há 3 anos e voltou a estudar para sair um pouco de casa e aprender um pouco mais. Ela já tinha o contato com o computador há cerca de 15 anos, mas começou a usar tem uns 5 anos, pois tinha medo de danificar o equipamento. Na escola, ela usa um tablet como se fosse um smartphone, que tem um chip que permite a ela fazer ligações telefônicas de celular, enviar mensagens SMS e usar a internet, inclusive com aplicativos de redes sociais. Ela ainda não sabe usar o email, mas tem vontade de aprender. Dentre as redes sociais, Nanci usa o Whatsapp e o Facebook com frequência. Utiliza esta última para se comunicar com pessoas do Brasil e de fora do país. Nanci não faz parte do grupo de Whatsapp da sala. Contudo, se comunica pelo Whatsapp e pelo Facebook com outras educandas da turma. Segundo ela, deu o seu número para ser adicionada no grupo, mas isso não ocorreu. Ela falou que duas professoras também não fazem parte desse grupo de Whatsapp da turma: uma delas é a Nanci, que nunca a viu usando, nem o celular; a outra que falou que não gosta de misturar e, por isso, ficou fora do grupo.

Em sua entrevista, o educando Alberto, da EFALO, falou que está estudando na EJA por se sentir pressionado por um mercado exigente e que o levou a buscar um aprimoramento para o seu trabalho. Ele usa diversas tecnologias há muitos anos. Parou de estudar por volta dos 13 a 14 anos de idade, há 40 anos atrás, devido a uma deficiência visual com grande redução da visão. Depois que retornou aos estudos, ficou 2 anos no CESEC e há 3 na EFALO. No ano seguinte permaneceu nesta mesma escola, pelo quarto ano. Quando jovem, fez um curso de manutenção em computadores. Interessa-se pelas redes sociais com o uso do smartphone. Utiliza com frequência o Facebook, o Whatsapp e o email. Ela acessa um site sobre massoterapia, em que busca se inovar em seu trabalho de massoterapeuta.

Na entrevista com a professora Shirlei, da EMAVP, ela falou que já é professora há 26 anos, sendo 16 na EJA. Iniciou na EJA devido à proximidade entre a escola e a sua casa. Depois, acabou gostando desse trabalho. Tem contato com computador há 18 anos e com o smartphone há 4. Faz parte do grupo de Whatsapp da turma, junto com os educandos e a professora Grace. Também participa de outro grupo, formado pelos professores e pela coordenação. Ambos são usados mais para informes. Considera difícil usar as tecnologias digitais em suas aulas de Matemática, pois nem todos os educandos têm acesso a essas tecnologias.

A entrevista com a professora Catharina, da EMAVP, foi a mais difícil e diferente de todas as outras. Ela demorou dias para aceitar a assinar o TCLE e não permitiu que a entrevista fosse gravada. Também não aceitou que não fosse ela quem selecionasse e lesse as perguntas a serem respondidas na entrevista. Isso, depois de ela dar o seu depoimento sobre o que achava a respeito do uso das tecnologias digitais na escola. Sua fala foi registrada apenas por escrito, sem a gravação do áudio. A entrevista chegou ao final sem que se esgotassem todas as perguntas previstas para o evento e Catharina ficou de telefonar para marcar a continuidade da entrevista, o que não veio a acontecer. Ela não quis marcar logo a seguir do último encontro na escola. A professora foi selecionada por ser uma pessoa que, assim como o educando Tomás, não gosta de usar smartphone, mas usa computador. Além disso, desde o primeiro dia que me apresentei aos professores da escola, Catharina falou e repetiu em outras oportunidades que gostaria de ser entrevistada, pois tinha muito a falar sobre o uso das tecnologias

digitais da educação. Inclusive, ela escreveu isso em seu questionário, que não quis colocar o seu nome – foi a única pessoa que optou com não se identificar no questionário. Ao longo da entrevista, fez severas críticas ao uso das tecnologias móveis nas escolas.

Em sua entrevista, a professora Heidy, da EMAVP, falou que já é professora há 37 anos, sendo 11 na EJA. Disse que se identifica com o perfil dos educandos da EJA. Heidy tem e usa o computador e o smartphone. Das redes sociais, usa o Whatsapp e cancelou a sua conta no Facebook, pois alega que não teve sossego quando os educandos descobriram o seu perfil, já que exigiam dela constantes contatos pela internet e não queria bloquear o acesso de nenhum deles. Ela acessa com frequência o email e faz parte do grupo de Whatsapp dos professores e da coordenação da escola, mas não participa do grupo formado pelos educandos.

A professora Grace, da EMAVP, em sua entrevista, falou que é professora há 25 anos, sendo 9 na EJA. Disse trabalhar na EJA por gostar do contato com o jovem trabalhador que frequenta a EJA. Ela usa as tecnologias digitais com frequência, tanto o computador quanto o smartphone, seja em sua formação quanto na interação com outras pessoas, de dentro e de fora do Brasil. Gosta de usar as redes sociais frequentemente: Facebook, Instagram, Whatsapp e email. Como hobby, usa a internet para aprimorar a sua aprendizagem na culinária. Participa do grupo de Whatsapp da turma, com os educandos e a professora Shirlei. Também participa do outro grupo, formado pelos professores e pela coordenação. Ela disse que costuma utilizar o grupo de Whatsapp para se comunicar com os educandos.

Na entrevista com o educando Nicolás, da EMAVP, ele disse que falou que era o seu primeiro ano estudando na EJA. Retomou os estudos pelo desejo de fazer um curso superior. Disse que usa computador há cerca de 20 nos, desde que tinha 10 anos de idade. Possui 2 aparelhos de smartphone, pois utiliza o equipamento para trabalho e gosta de comprar os melhores modelos. O computador, ele prefere usar só para trabalhar ou para digitar um texto grande. Gosta de acessar as redes sociais e usa o smartphone com frequência para se comunicar pelo aplicativo Whatsapp. Disse não ter Facebook, mas que usa o Instagram como a sua maior fonte de renda, no comércio eletrônico, em que vende os produtos que ele mesmo fabrica. Ele faz parte do grupo de Whatsapp dos educandos da turma e 2 professoras, que ele utiliza quando necessário.

Ao entrevistar a educanda Estéfane, da EMAVP, ela disse que estuda na EJA há 4 anos, sendo 2 em outra escola e, outros 2, na EMAVP. Ela falou que voltou a estudar para tentar encontrar um trabalho em que possa receber um salário melhor. Estéfane revelou que tem contato com computador há muitos anos, mas não possui um ainda. Quando precisa usar, costuma ir à casa de sua irmã, que tem um equipamento e reside no mesmo prédio que ela. A Estéfane prefere as tecnologias móveis e utiliza o smartphone e o tablet com frequência. Acessa as redes sociais por meio do Facebook, email e Whatsapp, sendo este o que ela mais utiliza. Ela baixou o Instagram em seu smartphone, mas raramente usa. Ela participa do grupo de Whatsapp da turma, com outros educandos e as 2 professoras. Ela não gosta de postar fotos no grupo.

Na entrevista de Alan, ele disse que estava há 4 anos sem estudar e que começou a estudar na EJA naquele ano. Nunca gostou muito de escola, trabalha desde os 15 anos e alega que foi isso que o levou a abandonar os estudos. Usa o computador há mais de 15 anos, desde quando tinha cerca 11 anos de idade. Usa o smartphone com frequência em seu trabalho de motorista, para se deslocar pela cidade e para se comunicar com outras pessoas. Sabe formatar e dar manutenção em computadores. Aprendeu por necessidade, já que sua família não podia arcar com a manutenção do equipamento. Ele aproveitou e fez um curso, quando era adolescente e havia parado de estudar na escola de Educação Básica. Alan utiliza as tecnologias digitais para aprimorar e complementar a sua formação escolar. Ele participa com frequência no grupo de Whatsapp da turma, formado por educandos e as 2 professoras. Ele aponta severas críticas ao poder público, por não oferecer uma internet pública de qualidade.

Percebe-se que os usos das tecnologias digitais feitos pelos sujeitos da EJA ocorrem com frequência e pela maioria deles. Ao observar o cotidiano escolar, procuramos dar um maior enfoque aos usos das tecnologias móveis para a construção do conhecimento daqueles sujeitos que frequentam o espaço da sala de aula. A intenção foi procurar compreender como os usos dessas tecnologias podem contribuir na aprendizagem dos professores e dos educandos e se elas conseguem aproximar esses sujeitos e reduzir a distância entre alguns educandos e a escola, ajudando-os a interagir com o cotidiano escolar.

Alguns dos educandos mais jovens apontaram a questão geracional como um dificultador aos velhos no uso das tecnologias digitais. Contudo, isso não pode ser confirmado. Algumas pessoas mais novas também apresentavam dificuldades no uso dessas tecnologias. O desinteresse é mais frequente entre os sujeitos que não possuem muita habilidade com as tecnologias digitais.

A tese confirma parcialmente a hipótese inicial, de que os usos das tecnologias digitais poderiam ajudar na formação dos educandos da EJA, tanto os frequentes às aulas quanto aqueles que não conseguem estar tão presentes à escola, devido aos seus ritmos de vida e de trabalho. A investigação de campo apontou que as tecnologias móveis são utilizadas como recursos individuais de aprendizagens por uma parcela dos sujeitos que estão nas escolas de EJA, mas isso não ocorre de forma sistematizada, com a orientação dos professores. É uma iniciativa individual de cada um, quando consegue adquirir um equipamento que tem acesso à tecnologia móvel e consegue manter esse acesso ativo. Essas tecnologias conseguem aproximar os educandos da escola, mantendo o vínculo por um tempo, chegando a evitar a evasão de alguns educandos, através do contato virtual e frequente por meio das tecnologias digitais. Contudo, não são todos que têm esse contato mediado pelas tecnologias digitais.

É certo que as tecnologias digitais chegaram à escola e estão na EJA, tanto nas mãos dos educandos quanto nas dos professores. As pesquisas de campo mostraram que as tecnologias móveis são usadas em diversos momentos e em diferentes situações por muitos desses sujeitos que estão na EJA.

É possível afirmar que é grande a presença das tecnologias móveis na EJA das escolas investigadas, especialmente o smartphone, cujo tamanho facilita a mobilidade portando essa tecnologia. O uso do tablet foi observado somente com apenas uma das educandas. Contudo, a utilização do smartphone em sala de aula geralmente acontece de forma velada, com algumas exceções.

Com base nos momentos em que foi possível verificar os usos das tecnologias móveis na escola, é possível afirmar que esses usos ainda não podem ser considerados como usos pedagógicos em sala de aula, principalmente a tecnologia móvel.

É importante procurar estratégias para despertar o uso crítico das tecnologias digitais na EJA e problematizar sobre seu uso. Algumas ações podem ser tomadas

nesse sentido, de maneira a favorecer a livre expressão e a participação democrática pela internet: enfrentar o discurso de ódio e a intolerância; repelir a prática do bullying (ciberbullying); combater expressões de ofensas e ataques à aparência física, à raça, à etnia e ao gênero de cada um; ter atenção em relação ao compartilhamento de informações, de imagens e de vídeos; evitar a exposição de hábitos, que muitas vezes podem ocorrer através da exposição de imagens e vídeos nas redes sociais; ter atenção com a segurança de dados pessoais e a própria privacidade, inclusive nas redes sociais; ter atenção ao contato com pessoas desconhecidas; recusar e denunciar a pedofilia; bloquear e denunciar o uso impróprio das redes sociais; bloquear lixo eletrônico e spam; usar mais de uma fonte para comparar a veracidade das informações; rechaçar a prática de copiar e colar textos sem citações e sem nenhuma interação com eles; ter cuidado com o que compartilha; dentre outras ações.

As entrevistas mostraram que os sujeitos consideram ser imprescindível que se tenha uma formação destinada aos professores para que estes possam trabalhar pedagogicamente com as tecnologias digitais com os educandos da EJA, de forma mais frequente e sistemática.

Para que as pessoas se comuniquem umas com as outras, muitos dos entrevistados acreditam que os usos das tecnologias digitais podem ajudar nisso, principalmente quando a distância geográfica não permite um contato mais frequente. Ao mesmo tempo, alguns deles demonstraram certa preocupação com o distanciamento em relação àqueles que estão mais próximos geograficamente.

Outra constatação na investigação de campo foi a preferência pelas tecnologias digitais móveis, pela facilidade do seu uso em diferentes lugares, mesmo durante os deslocamentos. Isso facilita a comunicação, a pesquisa, o registro e a publicização das atividades do cotidiano, a localização no espaço, a socialização etc. Contudo é preciso estar atento ao frequente uso: ao mesmo tempo em que mantém a pessoa conectada ao mundo, pode deixá-la desconectada com aquilo que está ocorrendo ao seu redor, devido ao foco no equipamento e à diminuição da percepção da visão periférica. Muitas vezes, os olhos vidrados na tela do smartphone não deixam que o sujeito se conecte com a realidade do mundo que está bem à sua frente.

Para se chegar ao pleno uso das tecnologias digitais na EJA – e na educação como um todo–, ainda há um longo caminho a se percorrer. Destarte, podemos pensar em alguns dos passos iniciais: melhorar a formação dos professores da EJA para atuarem pedagogicamente com as tecnologias digitais, de maneira que os educandos possam se apropriar delas, sejam mais do que meros consumidores de informações e consigam construir conhecimentos de forma sistematizada e sejam produtores de conhecimentos e de culturas com o uso das tecnologias digitais; definir como deve ser o trabalho pedagógico nas escolas em situações de aprendizagem com o uso das tecnologias móveis pelos educandos da EJA; fazer com que essas tecnologias possibilitem novas formas organização que possibilitem a construção de novos conhecimentos; criar condições para que as tecnologias digitais sejam mais um elo entre a escola e os educandos; pensar e compartilhar experiências didáticas com o uso das tecnologias móveis que aproximem os educandos da escola e vice-versa; definir algumas especificidades para a formação dos professores que propiciem os usos das tecnologias digitais na EJA; ter equipamentos atualizados, funcionando e com acesso à internet de boa qualidade e velocidade adequada.

O tempo de quatro anos dedicado ao Doutorado foi importante para que se pudesse fazer um maior investimento na escrita, que ocorreu por todo esse período, além da revisão da literatura e da pesquisa de campo. Ao longo desse processo surgiram muitas reflexões, que exigiram novas leituras e escritas. Muitos temas emergiram antes e durante os momentos dedicados à escrita desta investigação. Contudo, não foi possível esgotá-los, pelas suas complexidades. Outra razão foi a impossibilidade de uma maior dedicação de minha parte, já que trabalhei como professor em uma escola pública municipal da RME-BH, no Ensino Fundamental, com adolescentes e na EJA, em dois turnos, com uma jornada de semanal de 45:00 horas, na maior parte desses quatro anos. Em alguns meses pude dedicar minhas férias para dar foco ao que a investigação exigia.

De toda forma, não havia a pretensão de esgotar os temas abordados, principalmente quando lidamos com as tecnologias digitais, que se modificam frequentemente. Muitas delas, que hoje são consideradas de última geração, em poucos anos já serão consideradas ultrapassadas pela nova tecnologia que virá a seguir. Essa volatilidade acontece tanto em relação aos equipamentos quanto aos

seus programas e aplicativos que são disponibilizados no próprio ciberespaço, na maioria das vezes.

Muitas questões permanecem com carência de estudos futuros, necessitando que se debrucem e se aprofundem sobre elas, como a necessidade de se definir melhor quem são atuais os educandos da EJA de hoje: o jovem, o adulto e o idoso. Também permanece a necessidade de se localizar e investigar experiências na EJA que utilizem as tecnologias móveis, de forma didática e sistematizada.

A mobilidade no uso das tecnologias digitais pode facilitar o processo de construção do conhecimento, mas percebemos que ainda falta promover o seu uso em sala de aula. Pelas observações e entrevistas, verificamos que as redes sociais formadas pelo aplicativo Whatsapp são as preferidas. Isso já nos leva a pensar como serão as redes sociais na próxima década, que se iniciará em pouco mais de três anos? Como será a relação da EJA com a escola e com o mundo virtual na próxima década?

Espero que este trabalho possa trazer reflexões e contribuições sobre os usos das tecnologias digitais na educação, especialmente na EJA. Ainda temos um longo caminho a se trilhar – que não sabemos aonde se vai chegar –, mas é certo que também não estamos no começo. Hoje, fazemos parte do processo, imersos em uma realidade quase fluida, que muda velozmente e exige de nós muita atenção, investigação e, assim, permaneçamos na realidade do mundo em que habitamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Lúcia Silva. **Sujeitos não-alfabetizados**: sujeitos de direitos, necessidades e desejos. In: SOARES, Leôncio (org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 39-63.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, p. 637-651, Set./Dez. 2006.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith, GEWANDSZAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCHER. v.35, n.6, Aug.-Sep. 2006. p. 33-40.

ANFARA, Vincent, BROWN, Kathleen, MANGIONE, Terri. **Qualitative analysis on stage**: making the research process more public. *Educational Researcher*, p. 28-38, Oct. 2002.

ARROYO, Miguel G. **Pedagogias em movimento**: o que temos a aprender com os movimentos sociais? In: *Currículo sem fronteiras*, v. 3, n. 1, p. 28-49, Jan.-Jun. 2003.

ARROYO, Miguel. **Balço da EJA**: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares?. *REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos*. v. 1. n. 0. 108 p. Belo Horizonte: ago. 2007. Disponível em: <http://mariaellytcc.pbworks.com/f/REVEJ@_0_MiguelArroyo.pdf>. Acessado em: 16 Mar. 2017.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Traduzido por Maria Lúcia Pereira. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nahar, 2010.

BARRETO, Ângela Maria; PARADELLA, Maria Dulce; ASSIS, Sônia. **Bibliotecas públicas e telecentros**: ambientes democráticos e alternativos para a inclusão social. *Ci. Inf.* v. 37. n. 1. Brasília: jan./abr. 2008, p. 27-36. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/download/1219/1397>>. Acessado em: 5 Abr. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre as fragilidades dos laços humanos. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007b.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BEM BLOGADO. 2017. Disponível em: <<http://bemblogado.com.br/site/wp-content/uploads/2017/08/smartphone.jpg>>. Acessado em: 31 Ago. 2017.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Traduzido por Carmen C. Varriale *et al.* 1. ed. vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOGDAN, Robert e BILKEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora**. In: BOURDIEU, P. Escritos de educação. Petrópolis, Vozes, cap. II, 2003, p.39-64.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Algumas ideias para pensar uma educação centrada na pessoa e destinada a se estender por toda a sua vida. In: NACIF, Paulo Gabriel Soledade; QUEIROZ, Arlindo Cavalcanti de; GOMES, Lêda Maria; ROCHA, Rosimeire Gomes (Org.). Coletânea de textos CONFINTEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2016, p. 162-175. Disponível em: <http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/coletanea_textos.pdf>. Acessado em: 23 Mar. 2017.

BRASIL. **Discurso do Presidente Juscelino Kubitschek na Instalação do II Congresso Nacional de Educação de Adultos**. Rio de Janeiro: Biblioteca da Presidência da República, 1958. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/jk/discursos-1/1958/48.pdf/at_download/file>. Acessado em: 27 Mar. 2015.

BRASIL. **Lei nº 9998, de 17 de agosto de 2000**: institui o Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/legislacao/leis/472-lei-9998>>. Acessado em: 21 Fev. 2016.

BRASIL. Resolução nº 4, de agosto de 2017. Dispõe sobre a divulgação das estimativas da População para Estados e Municípios com data de referência em 1º de julho de 2017. **Diário Oficial da União**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Brasília, DF, 30 Ago. 2017, nº 167. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=58&data=30/08/2017>>. Acessado em: 20 Out. 2017.

BRASILEIRO, Sheilla A. **Juventude.com.br**: a inclusão/exclusão digital de jovens alunos do ensino noturno. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível

em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-85CNTG/1000000453.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 27 Mar. 2017.

BRITO, Bianca Maria Santana de; DI PIERRO, Maria Clara.

Tecnologias de Comunicação e Informação na Educação (escolar e não escolar) de Jovens e Adultos: uma revisão bibliográfica. In: I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos, 2010, Anais... João Pessoa. Disponível em: <<http://www.catedraunescoeja.com.br/GT12/COM/COM024.pdf>>. Acessado em 15 Out. 2017.

BRUNO, Fernanda Glória. **Rastros digitais e vigilância nas redes.** In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), 69. Belo Horizonte: SPBC, 2017. Disponível em: <<https://obcoppe.wordpress.com/2017/08/03/rastros-digitais-passos-por-uma-paisagem-desconhecida/>>. Acessado em: 23 Out. 2017.

BULGAVOC, Sergio. **Estudos comparativo e de caso de organizações de estratégias.** v. 5. n. 11. O&S, Janeiro/Abril, 1998, p. 53-76.

CACIAN, Allan; MOURA, Gabriel Herkenhoff Coelho; MALINI, Fabio. **A tecnopolítica das multidões inteligentes:** uma análise do #25S no Twitter. Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2013. Disponível em: <<http://www.labic.net/wp-content/uploads/Tecnopolitica-das-multid%C3%B5es-inteligentes.pdf>>. Acessado em: 13 Jul. 2014.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 2015. Disponível em: <http://www.camara.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/apartes_N12_40.jpg>. Acessado em: 6 Set. 2017.

CAMPOS, Rogério Cunha. **QUE CIDADÃOS, PARA QUAL CIDADANIA?** as interpelações dos movimentos sociais. Belo Horizonte: Educação em Revista. v. 28, n. 04, p. 357-376, dez. 2012.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Tecnologia educacional:** concepções e desafios. Cadernos de Pesquisa. n. 28. p. 61-66. Fundação Getúlio Vargas, 1979. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1696/1682>>. Acessado em: 16 Mai. 2016.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** Currículo sem Fronteiras. v. 11, n. 2, p. 240-255. Jul.-Dez. 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>>. Acessado em: 15 Mai. 2016.

CAPRA, Fritjof. **A ciência de Leonardo da Vinci:** um mergulho profundo na mente do gênio da Renascença. Traduzido por Bruno Costa. São Paulo: Cultrix, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede:** do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo (Org.). A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Acção Política. Belém: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.

CASTELLS, Manuel. In: **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CLARKE, Arthur C. **Perfil do Futuro**. Traduzido por Álvaro Borges Vieira Pinto. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

COELHO, Livia Andrade. **As relações dos alunos da EJA com as tecnologias digitais**: implicações e possibilidades na vida de cada um. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras**. Barbosa, Alexandre F. (Org.). São Paulo, 2014. Disponível em: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Educacao_2014_livro_eletronico.pdf>. Acessado em: 5 Abr. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer CEB nº 11/2000. Câmara de Educação Básica. Brasília: 10 Mai. 2000.

COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. **Letramento Digital**. In: SOUZA, João Valdir Alves de; GUERRA, Rosangela (Org.). Dicionário Crítico da Educação. Belo Horizonte: Dimensão, 2014. p. 179-182.

DA SILVA, Analise de Jesus da. **Relações entre formadores, professores e adolescentes**: de objetos no labirinto a sujeitos da educação. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DA SILVA, Analise de Jesus. **Jovens estudantes pobres**: significados atribuídos às práticas pedagógicas denominadas inovadoras por seus professores. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DEMO, Pedro. **Instrucionismo e nova mídia**. In: SILVA, Marcos (org.). Educação online. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 77-90.

DIAS, Daniele dos Santos Ferreira; IRELAND, Timothy Denis. **Tecnologia como prática de liberdade**. In: NACIF, Paulo Gabriel Soledade; QUEIROZ, Arlindo Cavalcanti de; GOMES, Lêda Maria; ROCHA, Rosimeire Gomes (Org.). Coletânea de textos CONFITEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2016, p. 123-126. Disponível em: <http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/coletanea_textos.pdf>. Acessado em: 23 Mar. 2017.

DURKHEIM, Émile. **Éducation et Sociologie**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1922.

EITERER, Carmem Lúcia. **Tecnologias Digitais na Educação**. In: SOUZA, João Valdir Alves de; GUERRA, Rosângela (Org.). Dicionário Crítico da Educação. Belo Horizonte: Dimensão, 2014. p. 252-255.

FÁVERO, Osmar; GUERRA, Marcos. **Paulo Freire: primeiros tempos**. In: GUERRA, Marcos; CUNHA, Célio da (Org.). Sobre as 40 horas de Angicos, 50 anos depois. Em Aberto, Brasília, v. 26, n. 90, p. 47-62, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2417/2374>>. Acessado em: 11 Ago. 2016.

FÁVERO, Osmar; MOTTA, Elisa (Org.). **Educação Popular e educação de jovens e adultos** [recurso eletrônico]. 1. ed. Petrópolis: De Petrus *et al*; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

FERRARO, Alceu Ravanello . **Por que a pedagogia do oprimido de Paulo Freire incomodava?** In: GUERRA, Marcos; CUNHA, Célio da (Org.). Sobre as 40 horas de Angicos, 50 anos depois. Em Aberto, Brasília, v. 26, n. 90, p. 75-94, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2417/2374>>. Acessado em: 11 Ago. 2016.

FERREIRA, Aline Gonçalves. **#CurrículoEmConexãoComAcibercultura: a sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-AQQJXT/aline_g._ferreira___disserta___o_2017.pdf?sequence=1>. Acessado em: 16 Out. 2017.

FIGUEIREDO, Aurélio. História da caricatura brasileira. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 Jan. 2012. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/12197-historia-da-caricatura-brasileira#foto-220064>>. Acessado em: 24 Jun. 2017.

FLICK, Uwe. **Desenho de uma pesquisa qualitativa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Coleção Pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. Coleção Métodos de Pesquisa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Traduzido por Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Traduzido por Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. FREIRE, Ana Maria de Araujo (Org.). 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular e Educação ao Longo da Vida**. In: NACIF, Paulo Gabriel Soledade; QUEIROZ, Arlindo Cavalcanti de; GOMES, Lêda Maria; ROCHA, Rosimeire Gomes (Org.). Coletânea de textos CONFINTEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2016, p. 50-69. Disponível em: <http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/coletanea_textos.pdf>. Acessado em: 23 Mar. 2017.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil**. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERRAZ, Telma (Org.). A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 27-58.

GEOCITIES. **Sala de Física**. (20??). Disponível em: <<http://www.geocities.ws/saladefisica9/biografias/davinci60.jpg>>. Acessado em: 13 Out. 2017.

GLADWELL, Malcolm. **A revolução não será tuitada**. Observatório da Imprensa. Ano 18, n. 809, edição 620, 2010. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-revolucao-nao-sera-tuitada>>. Acessado em 30 Jul. 2014.

GOMES, Lêda Maria; OGLINARI, Monalisa. **Educação ao Longo da Vida: um breve diálogo**. In: NACIF, Paulo Gabriel Soledade; QUEIROZ, Arlindo Cavalcanti de; GOMES, Lêda Maria; ROCHA, Rosimeire Gomes (Org.). Coletânea de textos CONFINTEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2016, p. 351-357. Disponível em: <http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/coletanea_textos.pdf>. Acessado em: 23 Mar. 2017.

GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga. **Tecnologias da Informação e de Comunicação na Educação de Jovens e Adultos**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga; OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. **Do quadro às telas: tecnologias de informação e de comunicação na educação de jovens e**

adultos. In: I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos, 2010, Anais... João Pessoa. Disponível em: <<http://www.catedraunescoeja.com.br/GT12/COM/COM007.pdf>>. Acessado em 14 Out. 2017.

GRALE III. **Terceiro relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos.** Título original: *Third Global Report on Adult Learning and Education*. Brasília: UNESCO, 2016. 156 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002470/247056por.pdf>>. Acessado em: 12 Out. 2017.

GUERRA, Marcos. **Sobre as 40 horas de Angicos.** GUERRA, Marcos. In: GUERRA, Marcos; CUNHA, Célio da (Org.). Sobre as 40 horas de Angicos, 50 anos depois. Em Aberto, Brasília, v. 26, n. 90, p. 21-46, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2417/2374>>. Acessado em: 11 Ago. 2016.

HADDAD, Sérgio (org.). **Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998).** Brasília: MEC/Inep.Comped. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.uems.br/propp/conteudopos/ceja/Educ_Jovens_Adultos_Est_Conhecimento.pdf>. Acessado em: 10 Jul. 2014.

HISTÓRIA DIGITAL. 2015. Disponível em: <<http://img.historiadigital.org/2015/11/Invencoes-Da-Vinci-Ornitoptero.jpg>>. Acessado em: 13 Out. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios:** acesso à internet e posse de telefone móvel celular para acesso pessoal 2011. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf>. Acessado em: 28 Jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica. n. 34. Rio de Janeiro: 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil em síntese.** (2015?). Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>>. Acessado em: 20 Out. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal:** 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 87 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>>. Acessado em: 19 Out. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua:** segundo trimestre de 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 34p. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2017_2tri.pdf>. Acessado em: 19 Out. 2017.

IRELAND, Timothy Denis e SPEZIA, Carlos Humberto (Org.) **Educação de adultos em retrospectiva: 60 anos de CONFINTEA**. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Brasília: 2014. 276 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002305/230540por.pdf>>. Acessado em: 1 Set. 2017.

KUNZ, Sidelmar Alves da Silva; SANTOS, Alexandre André dos Santos. **Abordagens sobre a cidade: revisão teórica**. XIV Encuentro Internacional Humboldt. Santiago Del Estero (Argentina): 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LARANJO, Jacqueline C. **Informatização da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte: uma análise do seu impacto sobre o trabalho docente**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. Coleção comunicação. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2008.

LIMA, Ediany Aparecida Pereira. **Sou analfabeta, mas não sou pacata: estratégias construídas por mulheres negras pouco escolarizadas para viverem em uma sociedade estruturada pela escrita**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-ACEHBA/disserta__o_ediany_lima__sou_analfabeta_mas_n_o_sou_pacata.pdf?sequence=1>. Acessado em: 16 Out. 2017.

LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. **Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1159-1180, Set./Dez. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22616.pdf> >. Acessado em: 11 Jul. 2014.

MAHJONG. **Jogos**. (2014?). Disponível em: <<http://mahjong.eco.br/wp-content/uploads/2014/12/Jogo-Mahjong-Shanghai7-300x219.png>>. Acessado em: 15 Ago. 2017.

MARTINS, Fábio. **O rádio dos meninos**. In: PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra Pereira (Org.). Do MEB à WEB: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 131-142.

MARTUCCELLI, Danilo. **Gramáticas del individuo**. 1. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 2007.

MATHISON, Sandra. **Why Triangulate?**. In: Educational Researcher, Mar. 1988. p. 13-17.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes Alfabetização Solidária**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/alfabetizacao-solidaria/>>. Acessado em: 19 de mar. 2017.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento: O que são? Como se relacionam? Como “alfabetizar letrando”?**. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERRAZ, Telma (Org.). A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 59-76.

MOREIRA, Orlandil de Lima; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas. **Vem prá rua: os protestos de junho**. In: SOUSA, Cidoval Morais de; SOUZA, Arão de Azevêdo. Jornadas de junho: repercussões e leituras. Campina Grande: Eduepb, 2013, p.13-21.

MOURA, Adelina Maria Carreiro. **Apropriação do Telemóvel como Ferramenta de Mediação em Mobile Learning: estudos de casos em contexto educativo**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Educação, Tecnologias Educativas). Universidade do Minho, Braga, 2010. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13183/1/Tese%20Integral.pdf>>. Acessado em: 15 Out. 2017.

MOURA, Maria Aparecida. **Interações sociais e comunidades virtuais: transformações na sociabilidade?**. Informática Pública, vol. 7. (1). P. 85-97, 2007.

MOURA, Maria Aparecida. **Folksonomias, redes sociais e a formação para o tagging literacy: desafios para a organização da informação em ambientes colaborativos virtuais**. Informação & Informação, Londrina, v.14, n. esp, p. 25-45, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/2196/3217>>. Acessado em: 13 Jul. 2014.

NACIF, Paulo Gabriel Soledade; QUEIROZ, Arlindo Cavalcanti de; GOMES, Lêda Maria; ROCHA, Rosimeire Gomes (Org.). Coletânea de textos CONFITEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/coletanea_textos.pdf>. Acessado em: 23 Mar. 2017.

NÁPOLES, Neusa Nogueira. **O uso das tecnologias de informação e comunicação na educação de jovens e adultos: visão de alunos e professores de**

uma escola municipal de Belo Horizonte. 2008. Dissertação (Mestrado) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

NICÁCIO, Camila Silva. **Violência na televisão: a juventude colonizada.** Outro olhar, ano V, n. 6, p. 20. Belo Horizonte: Nov. 2007

NÓVOA, António. **Para uma análise das instituições escolares.** In: NÓVOA, A. Organizações escolares em análise. Lisboa: D. Quixote, 1992.

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (NEJA). Fórum de EJA. s/d. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/nej/>>. Acessado em: 14 Mar. 2017.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. **Do mito da tecnologia ao paradigma tecnológico: a mediação tecnológica nas práticas didático-pedagógicas.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, nº 18, p. 101-107, set/out/nov/dez., 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n18/n18a09>>. Acessado em: 14 Out. 2017.

PAIS, Luiz Carlos. **Educação escolar e as tecnologias da informática.** 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W.; MCKENZIE, Roderick D. **The City.** London: The University of Chicago Press, 1984.

PEDROSO, Ana Paula Ferreira. **Trajetórias formativas de educadores da EJA: fios e desafios.** 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PEIXOTO FILHO, José. **O Rádio e a Educação: a experiência do MEB e as contribuições para a Educação popular.** In: PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra Pereira (Org.). **Do MEB à WEB: o rádio na educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 19-40.

PEREIRA, Julio Cezar Matos. **A Educação de Jovens e Adultos em uma perspectiva da construção do conhecimento.** Projeto final. Curso de Aperfeiçoamento da Prática Pedagógica (CAPP). Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. 360 h. 15p. 1996.

PEREIRA, Julio Cezar Matos. **A música, o currículo e a construção do conhecimento.** Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Psicopedagogia). Universidade Veiga de Almeida. Belo Horizonte, 2006.

PEREIRA, Julio Cezar Matos. **O uso da informática como propulsor na formação de jovens na Educação de Jovens e Adultos.** Projeto de Ação Educativa (Pós-Graduação em Educação Básica) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PEREIRA, Julio Cezar Matos. **Os impactos na vida dos educandos da educação de jovens e adultos a partir do acesso à informática na escola.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade

Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-8MSNM6/os_impactos_na_vida_dos_educandos_da_educacao_de_jovens_e_adultos_a_partir_do_acesso_a_informatica_na_es.pdf?sequence=1>. Acessado em: 16 Out. 2017.

PEREIRA, Julio Cezar Matos. **O acesso à informática na escola: os impactos na vida dos educandos da Educação de Jovens e Adultos**. Berlin: Schaltungsdienst Lange o.H.G., Novas Edições Acadêmicas, 2014.

PEREIRA, Julio Cezar Matos; BASTOS, Ludimila Corrêa; FERREIRA, Luiz Olavo Fonseca. **Escolarização**. In: SOARES, Leôncio (org.). Educação de Jovens e Adultos: o que as pesquisas revelam. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 149-181

PINHO, Clarice Wilken de. **Educação e cultura popular nas propostas escolares de EJA – Educação de Jovens e Adultos: um estudo em duas escolas de Belo Horizonte**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a educação de adultos**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PONTUAL, Pedro. **Educação ao Longo da Vida na perspectiva da Educação Popular e da participação social**. In: NACIF, Paulo Gabriel Soledade; QUEIROZ, Arlindo Cavalcanti de; GOMES, Lêda Maria; ROCHA, Rosimeire Gomes (Org.). Coletânea de textos CONFINTEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2016, p. 70-75. Disponível em:
<http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/coletanea_textos.pdf>. Acessado em: 23 Mar. 2017.

PORTAL DOS FÓRUMS DE EJA. **Sistema Paulo Freire**. [20??]. Acessado em:
<<http://forumeja.org.br/book/export/html/1412>>. Disponível em: Acessado em: 11 Out. 2017.

PRETTO, Nelson De Luca. **Escritos sobre educação, comunicação e cultura**. Campinas: Papirus, 2008.

PRETTO, Nelson De Luca *et al.* **Soluções em software livre para rádio web**. In: PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra Pereira (Org.). Do MEB à WEB: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 151-173.

PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra Pereira (Org.). **Do MEB à WEB: o rádio na educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PRETTO, Nelson De Luca; BONLA, Maria Helena Silveira; SARDEIRO, Carla. **Rádio WEB na Educação: possibilidades e desafio**. In: PRETTO, Nelson De Luca;

TOSTA, Sandra Pereira (Org.). **Do MEB à WEB: o rádio na educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 59-79.

REVISTA ILLUSTRADA. **O CARRO** do Estado conduzido pelos conservadores. Rio de Janeiro: [s.n], ano 10, n. 406, 1885. Disponível em: <http://www.memoriaescravidao.rb.gov.br/revista_illustrada.php?pg=2>. Acessado em: 24 Jun. 2017.

SACKS, Oliver. **Um antropólogo em Marte**: sete histórias paradoxais. Traduzido por Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SACKS, Oliver. **Gratidão**. Traduzido por Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, CES, 2009. p. 23-71.

SANTOS, Flávia Andréa dos. **O professor e as tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos**: perspectivas, possibilidades e desafios. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) - Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

SANTOS, Milton. **O Território e o Saber Local**: algumas categorias de análise. Cadernos IPPUR. Ano XIII. n. 2. Rio de Janeiro, 1999, p. 15-26. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ippur/issue/download/277/86#page=13>>. Acessado em: 11 Abr. 2017.

SAVIANI, Demerval. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. In: FERRETTI, Celso João *et al.* **Novas tecnologias, trabalho e educação: um trabalho multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 151-168.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**: as consequências sociais da segunda revolução industrial. Traduzido por Carlos Eduardo Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes. 4. ed. 7. reimp. São Paulo: Editora da Universidade Paulista: Brasiliense, 1998.

SCHULMAN, Jorge F. **Formação com/entre os pares para o uso de tecnologias digitais na educação**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVA, Alexandro; GALVÃO, Ana Maria O. *et al.* **Desafios da alfabetização de jovens e adultos**: o Programa Brasil Alfabetizado em foco. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERRAZ, Telma (Org.). **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 11-26.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Rádio como política pública**: uma experiência paradigmática em educomunicação. In: PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra

Pereira (Org.). *Do MEB à WEB: o rádio na educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 115-129.

SOARES, Leôncio. **A formação do educador de jovens e adultos**. In: SOARES, Leôncio (org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 121-141.

SOARES, Leôncio. **O educador de jovens e adultos em formação**. ANPED. GT18. 29ª reunião: 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT18-2030--Int.pdf>>. Acessado em: 8 Dez. 2014.

SOARES, Leôncio; VENÂNCIO, Ana Rosa. **Tensões, contradições e avanços: a educação de jovens e adultos em uma escola municipal de Belo Horizonte**. *Educar*, n. 29. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p. 141-156.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. *Educação e Sociedade*. vol. 23, n. 81, 2002. p. 143-160. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002008100008&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acessado em: 10 Jul. 2014.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Andréia Luciane Sol. **“É tudo no dedão!”: constrangimentos vividos por adultos em processo de alfabetização**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SPEZIA, Carlos Humberto. **Inclusão digital e novas mídias: fins, meios e objetivos**. In: NACIF, Paulo Gabriel Soledade; QUEIROZ, Arlindo Cavalcanti de; GOMES, Lêda Maria; ROCHA, Rosimeire Gomes (Org.). *Coletânea de textos CONFINTEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2016, p. 271-275. Disponível em: <http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/coletanea_textos.pdf>. Acessado em: 23 Mar. 2017.

TEIXEIRA, Priscilla de Fátima Silva e Lima. **Abrindo gaiolas: estudo de uma experiência invisibilizada na EJA**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-ARKGMC/abrindo_gaiolas__estudo_de_uma_experi_ncia_invisibilizada_da_eja.pdf?sequence=1>. Acessado em: 16 Out. 2017.

TELECOMUNICAÇÕES DE MINAS GERAIS (TELEMIG). **Relatório da Administração 1995**. Belo Horizonte: 1985. 16p.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PIAUÍ. Belo Horizonte: Google, [20??]. Disponível em: <<http://apps.tre-pi.jus.br/novo/espaco-memoria/catalogo/imagens/maquina-telex1a.jpg>>. Acessado em: 24 Out. 2017.

UNESCO. **Recomendação sobre Aprendizagem e Educação de Adultos**. Título original *Recommendation on Adult Learning and Education, 2015*. 38ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO. BRASIL: UNESCO, 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002451/245179por.pdf>>. Acessado em: 12 Out. 2017.

VASCONCELOS, Celso. **Metodologia dialética em sala de aula**. Revista de Educação. AEC. Metodologia e Interdisciplinaridade. ano 21. n. 83, Abr.-Jun. 1992. p. 28-53.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Traduzido por Waltensir Dutra. 5. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1982.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Naturais: parte 1**. Traduzido por Augustin Wemet. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

XAVIER, Cristiane Fernanda. **Sociologia de um Educador – Paschoal Lemme e a educação de adultos**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e método**. 2. ed. 1. reimp. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ZITKOSKI, José Jaime. **Ser mais**. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 369-371.

Bibliografia

- ASSIS, Regina de. **O uso crítico, criativo e compartilhado das linguagens digitais.** In: Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. 2015, p. 77-82. Disponível em: <http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf>. Acessado em: 5 Abr. 2017.
- BARK, Jaspre. **Diário das invenções: Leonardo da Vinci.** Ilustrado por David Lawrence. Traduzido por Alexandre Coquette. 2a. impr. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
- BOSSLER, Ana Paula. **Divulgação científica na Rádio Favela FM: percursos discursivos e a ciência na ausência da imagem.** In: PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra Pereira (Org.). Do MEB à WEB: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 143-150.
- CUNHA, Zuleica de O. Guimarães. **Diferenças culturais e cotidiano escolar.** Centro de Teologia e Ciências Humanas. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2007. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/Pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/edu/edu_zuleica_de_oguimaraes_cunha.pdf>. Acessado em: 12 Mai. 2016.
- DADDAD, Sérgio (Org.). **Novos caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras.** São Paulo: Global, 2007.
- GADOTTI, Moacir (Org.). **MOVA-Brasil 10 anos: Movimento de Alfabetização e Jovens e Adultos.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2013. Disponível em: <http://memorial.movabrasil.org.br:8080/xmlui/bitstream/handle/1234/234/FMB_PU_04_005.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acessado em: 4 Abr. 2017.
- GONÇAVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas.** Educação e Pesquisa. v.29. n.1. p.109-123. São Paulo: 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em: 16 Mar. 2017.
- LUZ, Iza Rodrigues da; GONÇAVES, Luiz Alberto Oliveira (Org.). **Sociabilidade e ações coletivas: processos educativos em contextos escolares e não escolares.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A política educacional brasileira: entre a eficiência e a inclusão democrática.** Educação e Filosofia Uberlândia, v. 28, n. especial, p. 225-243, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/24611/15301>>. Acessado em: 12 Mai. 2016.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. **Didática**. In: SOUZA, João Valdir Alves de; GUERRA, Rosangela (Org.). Dicionário Crítico da Educação. Belo Horizonte: Dimensão, 2014. p. 66-67.

PONTE, João Pedro da. **Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores**: Que desafio?. Revista Iberoamericana de Educación. n. 24. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura: 2000, p. 63-90. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3993/1/00-Ponte%28TIC-rie24a03%29.PDF>>. Acessado em: 4 Abr. 2017.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró_reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaborações de trabalhos científicos**: projeto de pesquisa, teses dissertações, monografias, relatórios entre outros trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT). 2. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20160217102425.pdf>. Acessado em: 23 Out. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

STECANELA, Nilda; AGLIARDI, Delcio Antônio; LORENSATTI, Edi Jussara Candido (Org.). **Ler e escrever o mundo**: a EJA no contexto da educação contemporânea. Caxias do Sul: Educs, 2014.

VELOSO, Maria Luz Barbeito. **Publiradio.net**: desenho, desenvolvimento e avaliação de materiais didáticos *on-line* para a formação em comunicação. In: PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra Pereira (Org.). Do MEB à WEB: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 197-204.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de tese de doutorado intitulada inicialmente como “O uso complementar das Tecnologias da Informação e Comunicação, enquanto recurso didático, na Educação de Jovens e Adultos”, de Julio Cezar Matos Pereira, sob orientação do Prof. Dr. Leôncio José Gomes Soares. Este estudo tem como objetivo central investigar o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) por educadores e educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir da escola, para entender como eles se apropriam dessas tecnologias e as utilizam em seu cotidiano em situações de pesquisa, de aprendizagem, de comunicação e de socialização.

Com este trabalho queremos conhecer experiências escolares que utilizam as TIC, dentro e fora do ambiente escolar, investigando se o uso dessas tecnologias pode ou não ajudar na formação dos educandos que não conseguem estar tão presentes à escola, devido aos seus ritmos de vida e trabalho. Ao final, pretendemos saber se as TIC podem ou não ser utilizadas como recursos didáticos suplementares na EJA.

Para este estudo gostaríamos de entrevistá-lo(a) para sabermos mais sobre o processo educacional e o uso das TIC de cada um(a). As entrevistas serão realizadas em locais e horários de acordo com a sua disponibilidade, sendo gravadas e posteriormente transcritas. Em alguns momentos da pesquisa poderão ocorrer registros através de filme, fotografia, áudio e recursos produzidos pelos estudantes pesquisados e gravados nos computadores. Você, entrevistado(a), terá acesso à transcrição do áudio, para conferência das informações, antes que esta seja analisada. Em qualquer momento da pesquisa você poderá obter esclarecimentos sobre a mesma. O seu nome não será divulgado em hipótese alguma. Somente serão pesquisados os estudantes maiores de 18 (dezoito) anos de idade.

Os procedimentos de pesquisa que serão adotados e podem afetar direta ou indiretamente os seus participantes são: observação, questionários, entrevistas, filmagem, fotografia, áudio e análise das produções escolares por meio das TIC. Portanto, há riscos mínimos aos participantes, como sentir algum tipo de constrangimento por alguma situação adversa. Caso isso ocorra, serão feitos procedimentos de minimização do problema, resolvendo-o e eliminando aquilo que traz incômodo ou desconforto, assim como há a garantia de liberdade de participação, recusa ou desistência em colaborar com o projeto em qualquer etapa deste, sem prejuízos acadêmicos ou nas relações interpessoais na escola e sem identificação dos que recusarem ou retirarem o seu consentimento.

A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, sem remuneração, não haverá custos ou ressarcimento aos participantes e há a possibilidade de desistência de participação a qualquer momento, sem gerar constrangimentos ou problemas. A pesquisa poderá ser interrompida ou suspensa caso o pesquisado queira ou a escola retire o Termo de Anuência (autorização de pesquisa). Todos os gastos com a realização da pesquisa serão arcados unicamente pelo pesquisador. Asseguramos a confidencialidade dos dados obtidos, assim como uma postura ética em suas análises. Os dados ficarão guardados por cinco anos, em caixas, com o pesquisador orientando (Julio Cezar Matos Pereira), em sua residência.

Eu, _____,
estou de acordo em participar da pesquisa “O uso suplementar das Tecnologias da
Informação e Comunicação, enquanto recurso didático, na Educação de Jovens e
Adultos”.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

Contatos dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa:

Pesquisador responsável:

Prof. Dr. Leôncio José Gomes Soares: _____

(Assinatura)

(031)xxxx-xxxx/ (031)nnnn-nnnn - e-mail: llllllll@oul.com.br

Pesquisador Orientando:

Julio Cezar Matos Pereira: _____

(Assinatura)

(031)yyyy-yyyy / (031)zzzz-zzzz - e-mail: juliocmatos@ig.com.br

Endereço contatado no caso de dúvidas éticas do Comitê de Ética em Pesquisa
(COEP):

Universidade Federal de Minas Gerais - Av. Antonio Carlos, 6627- Unidade
Administrativa II- 2º andar- sala 2005 – Campus Pampulha – Belo Horizonte – MG -
CEP: 31270-901; Telefone/ fax: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
 Faculdade de Educação (FaE)
 Programa de Pós-Graduação em Educação: Inclusão e Conhecimento Social

PERFIL DOS EDUCANDOS MAIORES DE IDADE DA EJA

QUESTIONÁRIO

O objetivo deste questionário é o de ajudar na investigação sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) por educadores e educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir da escola, para entender como eles se apropriam dessas tecnologias e as utilizam em seu cotidiano em situações de pesquisa, de aprendizagem, de comunicação e de socialização.

Em relação ao uso das tecnologias digitais no cotidiano, tanto no contexto educacional quanto pessoal, assinale em cada afirmação o grau que melhor representa a sua realidade.

*A opção **NR = Não Resposta (não quero ou não tenho como responder esta questão)**.

1) Nome: _____ NR
 (será mantido o sigilo)

2) Escola: _____ NR

3) Turma: _____ NR

4) Sexo: 3.a) Feminino 3.b) Masculino 3.c) NR

5) Qual a sua idade?

5.a) menos de 18 anos
 (Menores não participarão da pesquisa)

5.b) entre 18 e 24anos

5.c) entre 25 e 31 anos

5.d) entre 32 e 37 anos

5.e) entre 38 e 44 anos

5.f) entre 45 e 50 anos

5.g) mais de 50 anos

5.h) NR

6) Se você estudava quando era criança ou adolescente, antes de vir estudar na EJA, por quantos anos você estudou ao todo (fora da EJA)?

7) Há quanto tempo você estuda na EJA?

8) Atualmente você:

8.a) está trabalhando

8.b) já trabalhou, mas está desempregado

8.c) nunca trabalhou, mas está procurando trabalho

8.d) nunca trabalhou, nem procura trabalho e apenas estuda

8.e) NR

8.e) está aposentado e não trabalha.

9) Você tem algum computador em casa?

9.a) não

9.b) sim

9.c) NR

Se tiver em casa, você usa?

9.b.i) não 9.b.ii) sim

10) Você tem algum smartphone (telefone celular com acesso à internet)?

10.a) não

10.b) sim, tenho.

10.c) NR

Se tiver, você usa?

10.b.i) não 10.b.ii) sim

11) Há algum computador onde você trabalha?

11.a) não

11.b) sim

11.c) NR

Se tiver, você usa?

11.b.i) não 11.b.ii) sim

12) Quais os locais onde você usa o computador com frequência?

(pode marcar mais de uma resposta)

12.a) em casa 12.b) no trabalho 12.c) na escola 12.d) na lan house

12.e) em casa de parente ou amigo 12.f) em outro lugar: _____

12.g) NR

13) Com que frequência você usa o computador?

13.a) diariamente, mais de 4 horas

13.b) diariamente, entre 1 e 4 horas

13.c) diariamente, menos de 1 hora por dia

13.d) 2 a 6 vezes por semana

13.e) 1 vez por semana

13.f) fico mais de 1 semana sem usar

13.g) Não uso

13.h) NR

14) Com que frequência você usa o smartphone (celular com acesso à internet)?

14.a) diariamente, mais de 4 horas

14.b) diariamente, entre 1 e 4 horas

14.c) diariamente, menos de 1 hora por dia

14.d) 2 a 6 vezes por semana

14.e) 1 vez por semana

14.f) fico mais de 1 semana sem usar

14.g) Não uso

14.h) NR

15 – Você acessa computador com mais frequência para:

15.a) jogar 15.b) estudar 15.c) trabalhar 15.d) se informar

15.e) se comunicar com outras pessoas

15.f) outros usos: _____

15.g) NR

16 – Você acessa o smartphone (celular com acesso à internet) com mais frequência para:

16.a) jogar 16.b) estudar 16.c) trabalhar 16.d) se informar

16.e) se comunicar com outras pessoas através do telefone e da rede de telefonia móvel.

16.e) se comunicar com outras pessoas através de mensagens telefônicas de SMS.

16.e) se comunicar com outras pessoas através de mensagens por redes sociais.

16.f) outros usos: _____.

16.g) NR

17) Você usa o computador ou algum dispositivo móvel com acesso à internet, como o smartphone (celular com acesso à internet) ou tablet, para questões relacionadas à sua escola?

17.a) Não uso

17.b) Uso, mas raramente

17.c) Uso, com frequência

17.d) NR

18) Você poderia participar de uma entrevista para esta pesquisa? O seu nome não será revelado e o que disser será passado para a forma de texto para sua aprovação antes da utilização das informações na pesquisa.

18.a) não 18.b) sim 18.c) talvez 18.d) NR

19) Tem algo que não foi perguntado e que você gostaria de escrever a respeito?

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
 Faculdade de Educação (FaE)
 Programa de Pós-Graduação em Educação: Inclusão e Conhecimento Social

PERFIL DOS PROFESSORES DA EJA

QUESTIONÁRIO 1

O objetivo deste questionário é o de ajudar na investigação sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) por educadores e educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir da escola, para entender como eles se apropriam dessas tecnologias e as utilizam em seu cotidiano em situações de pesquisa, de aprendizagem, de comunicação e de socialização.

Em relação ao uso das tecnologias digitais no cotidiano, tanto no contexto educacional quanto pessoal, assinale em cada afirmação o grau que melhor representa a sua realidade.

*A opção **NR = Não Resposta (não quero ou não tenho como responder esta questão).**

1) Nome: _____ NR
 (será mantido o sigilo)

2) Escola: _____ NR

3) Sexo: 3.a) Feminino 3.b) Masculino 3.c) NR

4) Qual a sua idade?

- | | |
|--|--|
| 4.b) <input type="checkbox"/> menos de 20 anos | 4.b) <input type="checkbox"/> entre 20 e 24anos |
| 4.a) <input type="checkbox"/> entre 25 e 31 anos | 4.b) <input type="checkbox"/> entre 32 e 37 anos |
| 4.c) <input type="checkbox"/> entre 38 e 44 anos | 4.d) <input type="checkbox"/> entre 45 e 50 anos |
| 4.e) <input type="checkbox"/> mais de 50 anos | 4.f) <input type="checkbox"/> NR |

5) Há quanto tempo trabalha como professor(a)?

6) Há quanto tempo você é professor(a) na EJA?

7) Você tem algum computador em casa?

7.a) não

7.b) sim

7.c) NR

Se tiver em casa, você usa?

7.b.i) não 7.b.ii) sim

8) Você tem algum smartphone (telefone celular com acesso à internet)?8.a) não8.b) sim, tenho.8.c) NR**Se tiver, você usa?**8.b.i) não 8.b.ii) sim**9) Quais os locais onde você usa o computador com frequência?**

(pode marcar mais de uma resposta)

10.a) em casa 10.c) na escola10.f) em outro lugar: _____10.g) NR**10) Com que frequência você usa o computador?**10.a) diariamente, mais de 4 horas10.b) diariamente, entre 1 e 4 horas10.c) diariamente, menos de 1 hora por dia10.d) 2 a 6 vezes por semana10.e) 1 vez por semana10.f) fico mais de 1 semana sem usar10.g) Não uso10.h) NR**11) Com que frequência você usa o smartphone (celular com acesso à internet)?**11.a) diariamente, mais de 4 horas11.b) diariamente, entre 1 e 4 horas11.c) diariamente, menos de 1 hora por dia11.d) 2 a 6 vezes por semana11.e) 1 vez por semana11.f) fico mais de 1 semana sem usar11.g) Não uso11.h) NR**12 – Você acessa computador com mais frequência para:**12.a) jogar12.b) estudar12.c) trabalhar12.d) se informar12.e) se comunicar com outras pessoas12.f) outros usos: _____12.g) NR**13 – Você acessa o smartphone (celular com acesso à internet com mais frequência para:**13.a) jogar13.b) estudar13.c) trabalhar13.d) se informar13.e) se comunicar com outras pessoas através do telefone e da rede de telefonia móvel13.e) se comunicar com outras pessoas através de mensagens telefônicas de SMS

13.f) se comunicar com outras pessoas através de mensagens por redes sociais

13.g) outros usos: _____ . 13.h) NR

14) Você usa o computador ou algum dispositivo móvel com acesso à internet, como o smartphone (celular com acesso à internet) ou tablet, para questões relacionadas à sua escola?

14.a) Não uso

14.b) Uso, mas raramente

14.c) Uso, com frequência

14.d) NR

15. Você poderia participar de uma entrevista para esta pesquisa? O seu nome não será revelado e o que disser será passado para a forma de texto para sua aprovação antes da utilização das informações na pesquisa.

15.a) não 15.b) sim 15.c) talvez 15.d) NR

16) Tem algo que não foi perguntado e que você gostaria de escrever a respeito?

Entrevista semiestruturada.

Duração de cada encontro: entre 30 e 50 minutos (a cada encontro).

Entrevistados: Estudantes.

Principais perguntas:

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Há quanto tempo você estuda na EJA?
- 3) Por que você está estudando na EJA?
- 4) Há quanto tempo você tem contato com computador, mesmo sem usá-lo?
- 5) Há quanto tempo você usa computador?
- 6) Você acessa Internet?
- 6.a)** Se tem acesso, como é?
- 6.b)** Se não tem, quais as razões da falta desse acesso?
- 7) Você usa smartphone?
- 7.a)** Se usa smartphone, há quanto tempo já usa?
- 8) Que relação você faz entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a construção do seu conhecimento?
- 9) Você acha que o uso das tecnologias digitais pode contribuir na sua vida familiar, profissional, educacional e social?
- 9.a)** Por que?
- 10) Você tem dificuldade na utilização das tecnologias?
- 10.a)** Se tiver, quais são os mecanismos ou estratégias você utiliza para resolver essas dificuldades?
- 11) Você tem dificuldade para utilizar as tecnologias para realização de atividades para a escola?
- 11.a)** Se tiver dificuldades, elas são em relação a que?
- 12) Você tem dificuldades com o manuseio de programas de computador?
- 12.a)** Se tiver dificuldades, elas são em relação a que?
- 13) Você tem dificuldades em baixar e instalar ou usar aplicativos no computador ou smartphone?
- 13.a)** Se tiver dificuldades, elas são em relação a que?
- 14) Você tem dificuldades na configuração dos equipamentos (computador, smartphone, internet, impressora etc.)?
- 14.a)** Se tiver dificuldades, elas são em relação a que?
- 15) Quando você tem dificuldades no uso das tecnologias digitais, você tem o hábito de pesquisar e ler manuais e tutoriais que possam lhe auxiliar?
- 16) Quando você tem dificuldades no uso das tecnologias digitais, você tem o hábito de pedir ajuda para outras pessoas?
- 16.a)** Se tiver, a quem geralmente você pede?
- 17) Quando você tem dificuldades no uso das tecnologias digitais, você chega a desistir da atividade que precisa do uso das tecnologias?
- 18) Qual o uso ou utilidade do computador que mais lhe desperta o interesse?
- 19) Qual o uso ou utilidade do smartphone que mais lhe desperta o interesse?
- 20) Você utilizava o computador antes de estudar na sua atual escola?
- 21) Você utilizava o smartphone antes de estudar na sua atual escola?
- 22) Depois que começou a estudar em sua atual escola, você se sentiu mais estimulado(a) ou encorajado(a) a usar o computador ou smartphone para questões ligadas à escola?

- 23) Você acha que passou a usar melhor o computador ou smartphone depois que passou a usá-lo para questões relacionadas à escola?
- 23.a)** Se passou a usar melhor, em que?
- 23.b)** Você se lembra de algum fato em especial?
- 24) Você acha que passou a usar melhor outras tecnologias, além do computador e smartphone, depois que passou a usá-los em questões ligadas à escola?
- 24.a)** Se passou a usar melhor, qual outra tecnologia?
- 24.b)** você se lembra de algum fato em especial?
- 25) Com o uso das tecnologias digitais na escola você acha foram criados novos espaços de aprendizagem, como em casa ou no trabalho ou outro espaço, com o uso das tecnologias e a internet?
- 26) O uso das tecnologias digitais na escola lhe aproximou ou afastou da escola?
- 27) Você tem alguma opinião do porquê que alguns estudantes utilizam as tecnologias digitais e o porquê que alguns não as utilizam?
- 28) Você tem alguma opinião do porquê que alguns professores utilizam as tecnologias digitais e do porquê que alguns não as utilizam?
- 29) Você faz uso das TIC na sua socialização?
- 29.a)** Por que?
- 29.b)** Se fizer, como é esse uso?
- 30) Você faz uso das redes sociais, como Facebook, Instagram, WhatsApp, correio eletrônico (e-mail) ou outras formas de trocas de mensagens eletrônicas?
- 31) Você conhece a existência de algum site que facilite o uso das computadores na EJA?
- 32) Você faz uso das TIC em busca da aprendizagem?
- 32.a)** Por que?
- 32.b)** Se fizer, como é essa busca?
- 33) Você tem experiência no uso de algum site, programa ou ambiente virtual de aprendizagem?
- 33.a)** Se tem, qual?
- 34) Você tem o hábito de usar as tecnologias para as suas atividades relacionadas à escola?
- 34.a)** Se usa, em que local você faz com mais frequência?
- 35) Alguma de suas atividades escolares depende do uso de tecnologias digitais?
- 36) Existe alguma atividade escolar que só pode ser realizada com as tecnologias digitais?
- 37) Você tem um bom desempenho das suas atividades escolares sem necessidade de uso das tecnologias digitais?
- 38) O uso das tecnologias digitais é opcional ou obrigatório para você realizar as suas atividades escolares?
- 39) Você tem experiência em criar apresentações, como Power Point, Impress ou Prezi?
- 39.a)** O que sabe sobre isso?
- 40) Você utiliza bibliotecas virtuais ou alguma outra base de informações pela internet?
- 40.a)** O que sabe sobre isso?
- 41) Você acessa as suas notas e conceitos pela internet ou de alguma forma digitalizada?
- 42) Você recebe dos professores ou outros estudantes materiais sobre a aula ou para estudos?
- 42.a)** Se recebe, como isso acontece?

- 43) Entre os estudantes, você recebe ou oferece a outros estudantes algum tipo de orientação a distância, pela internet?
- 44) Você recebe ou oferece aos professores algum tipo de orientação a distância, pela internet?
- 45) Em relação à infraestrutura, você dispõe em casa de espaço e de equipamentos com conexão à internet para realizar suas atividades escolares?
- 45.a)** Se possuir essa infraestrutura tecnológica em sua casa, ela é melhor, pior ou se parece com a que você tem à disposição na escola?
- 46) Com o uso das tecnologias na escola, surgiram novos espaços de estudos além da escola?
- 47) O uso das tecnologias na escola lhe aproximou ou lhe afastou da escola? Por que?
- 48) Tem algo mais a falar sobre esse assunto que eu não tenha perguntado?
- 49) Se for necessário, você poderia participar em outra data de uma nova entrevista, para complementar esta naquilo que precisar ser melhor aprofundado ou que ainda não foi abordado?

Duração: entre 30 e 50 minutos (a cada encontro).

Entrevistados: Professores(as).

Principais perguntas:

- 1) Qual o seu nome?
- 2) Há quanto tempo você é professor(a)?
- 3) Há quanto tempo você trabalha na EJA?
- 4) Por que você está trabalhando na EJA?
- 5) Há quanto tempo você tem contato com computador, mesmo sem usá-lo?
- 6) Há quanto tempo você usa computador?
- 7) Você usa smartphone?
- 7.a)** Se usa smartphone, há quanto tempo já usa?
- 8) Que relação você faz entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a construção do seu conhecimento?
- 9) Que relação você faz entre as tecnologias digitais, o seu cotidiano e a construção do conhecimento dos seus estudantes?
- 10) Você acha que o uso das tecnologias digitais pode contribuir na sua vida familiar, profissional, educacional e social?
- 10.a)** Por que?
- 11) Você tem dificuldade para utilizar as tecnologias para realização de atividades para a escola?
- 11.a)** Se tiver dificuldades, elas são em relação a que?
- 12) Você tem dificuldades com o manuseio de programas de computador?
- 12.a)** Se tiver dificuldades, elas são em relação a que?
- 13) Você tem dificuldades em baixar e instalar ou usar aplicativos no computador ou smartphone?
- 13.a)** Se tiver dificuldades, elas são em relação a que?
- 14) Você tem dificuldades na configuração dos equipamentos (computador, smartphone, internet, impressora etc.)?
- 14.a)** Se tiver dificuldades, elas são em relação a que?
- 15) Você tem dificuldades no acesso a plataformas digitais (por exemplo, programas específicos de alguma escola para lançar notas, planejamento, arquivos etc. pela internet)?
- 15.a)** Se tiver dificuldades, elas são em relação a que?
- 16) Quando você tem dificuldades no uso das tecnologias digitais, você tem o hábito de pesquisar e ler manuais e tutoriais que possam lhe auxiliar?
- 17) Quando você tem dificuldades no uso das tecnologias digitais, você tem o hábito de pedir ajuda para outras pessoas?
- 17.a)** Se tiver, quem?
- 18) Quando você tem dificuldades no uso das tecnologias digitais, você chega a desistir da atividade que precisa do uso das tecnologias?
- 19) Qual o uso ou utilidade do computador que mais lhe desperta o interesse?
- 20) Qual o uso ou utilidade do smartphone que mais lhe desperta o interesse?
- 21) Você utilizava o computador antes de trabalhar na sua atual escola?
- 22) Você utilizava o smartphone antes de trabalhar na sua atual escola?
- 23) Depois que começou a trabalhar em sua atual escola, você se sentiu mais estimulado(a) ou encorajado(a) a usar o computador ou smartphone para questões ligadas à escola?

- 24) Você acha que passou a usar melhor o computador ou smartphone depois que passou a usá-lo para questões relacionadas à escola?
- 24.a)** Se passou a usar melhor, em que?
- 24.b)** Você se lembra de algum fato em especial?
- 25) Você acha que passou a usar melhor outras tecnologias, além do computador e smartphone, depois que passou a usá-los em questões ligadas à escola?
- 25.a)** Se passou a usar melhor, em que?
- 25.b)** Você se lembra de algum fato em especial?
- 26) Você faz uso das TIC em busca da aprendizagem?
- 26.a)** Por que?
- 26.b)** Se fizer, como é essa busca?
- 27) Com a inserção das tecnologias digitais houve uma ampliação dos seus espaços de estudos e aprendizagens?
- 28) Com o uso das tecnologias digitais na escola você acha foram criados novos espaços para desenvolver o seu trabalho, como em casa ou no trabalho ou outro espaço, com o uso das tecnologias e a internet?
- 28.a)** Isso lhe aproximou ou lhe afastou da escola?
- 28.b)** Isso lhe aproximou ou lhe afastou dos estudantes?
- 29) Você tem alguma opinião do porquê que alguns estudantes utilizam as tecnologias digitais e o porquê que alguns não as utilizam?
- 30) Você tem alguma opinião do porquê que alguns professores utilizam as tecnologias digitais e o porquê que alguns não as utilizam?
- 31) Você utiliza bibliotecas virtuais ou alguma outra base de informações pela internet?
- 31.a)** O que sabe sobre isso?
- 32) Você conhece a existência de plataformas digitais (como o MOODLE²¹⁰) ou interfaces que facilitam o uso das computadores na EJA?
- 33) Você tem experiência no uso de algum ambiente virtual de aprendizagem, como o “Moodle” ou alguma outra plataforma digital?
- 33.a)** O que sabe sobre isso?
- 34) Você acessa as notas e conceitos dos educandos pela internet ou de alguma forma digitalizada?
- 35) Você utiliza programas de informática específicos de aprendizagem ligados às atividades da escola?
- 36) Você envia materiais de aula e estudos aos estudantes?
- 37) Você envia materiais de aula e estudos a outros professores?
- 38) Você recebe dos professores ou dos estudantes materiais sobre a escola?
Se recebe, como acontece?
- 39) Você oferece aos estudantes algum tipo de orientação virtual, pela internet?
- 40) Você recebe dos estudantes algum tipo de orientação virtual, pela internet?
- 41) Você oferece a outros professores algum tipo de orientação virtual, pela internet?
- 42) Você recebe de outros professores algum tipo de orientação virtual, pela internet?
- 43) As suas atividades profissionais dependem do uso das tecnologias digitais?
- 44) Existem atividades pedagógicas que só podem ser realizadas com as tecnologias digitais?
- 45) Você tem um bom desempenho das suas atividades profissionais sem o uso das tecnologias digitais?

²¹⁰ Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment.

- 46) O uso das tecnologias digitais é opcional ou obrigatório para você realizar as suas atividades profissionais?
- 47) Você tem experiência em criar ou dar manutenção em blog ou de criar grupos de discussão com o uso da internet?
- 47.1)** O que você sabe ou pode falar sobre isso?
- 48) Você faz uso das TIC na sua socialização?
- 48.a)** Por que?
- 48.b)** Se fizer, como é esse uso?
- 49) Você faz uso das redes sociais, como Facebook, Instagram, WhatsApp, correio eletrônico (e-mail) ou outras formas de trocas de mensagens eletrônicas?
- 50) Você tem experiência em criar apresentações, tipo Power Point, Impress ou Prezi?
- 50.1)** O que você sabe ou pode falar sobre isso?
- 51) Em relação à infraestrutura, você dispõe em casa de espaço e de equipamentos com conexão à internet para realizar suas atividades docentes, como a preparação das aulas ou as orientações aos estudantes?
- 52) Se possuir essa infraestrutura tecnológica em sua casa, ela é melhor, pior ou não tem diferença daquela que você tem à disposição na escola?
- 53) Em relação às suas atividades relacionadas à escola, com o uso das tecnologias digitais, você as realiza mais em casa, na escola, ou nos dois locais?
- 54) Em relação à infraestrutura, você dispõe em casa de espaço e de equipamentos com conexão à internet para realizar suas atividades escolares?
- 54.a)** Se possuir essa infraestrutura tecnológica em sua casa, ela é melhor, pior ou se parece com a que você tem à disposição na escola?
- 55) Tem algo mais a falar sobre esse assunto que eu não tenha perguntado?
- 56) Se for necessário, você poderia participar em outra data de uma nova entrevista, para complementar esta naquilo que precisar ser melhor aprofundado ou que ainda não foi abordado?